Luisa Bérard

Nas Montanhas do Marrocos

Da Inglaterra vitoriana às míticas areias do Saara,
um romance sobre amor e liberdade.

Nas Montanhas do Marrocos

Luisa Bérard

Nas Montanhas do Marrocos

Da Inglaterra vitoriana às míticas areias do Saara, um romance sobre amor e liberdade.

Recife | 2017

À minha adorada irmã Teresa Cristina, companheira de todas as horas; capaz de despertar sonhos adormecidos, transformando-os numa pulsante e desejada realidade.

PRÓLOGO

Marrocos, cidade imperial de Fez, 1829.

Se o príncipe Taufik el-Mansour Saadi pudesse antecipar sua vida futura e confrontá-la em retrospectiva, indiscutivelmente aqueles poucos dias poderiam ser comparados a uma pedra aleatoriamente arremessada num lago, espraiando seus reflexos indefinidamente sobre a vida de todos que cruzassem seu promissor caminho. Era uma espécie de divisor invisível de uma existência, onde se podia visualizar uma linha demarcatória claramente estabelecida entre o antes e o depois, cujos efeitos seriam sentidos por décadas.

Indiferente aos desdobramentos e suas repercussões vindouras, a mente infatigável do príncipe Taufik apenas vibrava naquele fugaz e intangível instante com a perspectiva de se aproximar da poderosa e tradicional família de Kamal ben Allah. Em diversas situações, tentara estreitar suas relações políticas e sociais, sem alcançar o êxito esperado. Desta vez, jogaria todas as suas fichas. E, para concretizar seu objetivo, não economizara esforços, a ponto de viajar de Marrakech alguns dias antes para aguardar em Fez o início das festividades pelo nascimento do primeiro filho da segunda esposa de Kamal. Era uma feliz coincidência do destino sua esposa Sahar conhecê-la desde a infância e ter sido convidada para presenciar o parto.

Como no Marrocos os festejos em comemoração ao nascimento de uma criança duravam sete dias, teria muitas chances de encontrá-lo. Isto porque somente após esse tempo supõe-se que a mulher restaurou as forças do parto. A casa ficava cheia de conhecidos. Era uma grande celebração à vida e excelente cenário para rever amigos e estabelecer novos contatos. Segundo a experiência de Taufik, nos momentos felizes as pessoas eram habitualmente mais receptivas às novidades e as energias fluíam naturalmente, driblando posturas reticentes e reservadas, como as que até então tivera de enfrentar.

Ao receber o recado de Sahar de que nascera uma menina, Taufik ficou momentaneamente apreensivo. No mundo islâmico, os pais tinham uma predileção natural por filhos do sexo masculino. Ficavam mais alegres com esse fato. Somente no trajeto para a residência de Kamal, concluira que o nascimento de Amira foi um evento maravilhosamente conveniente aos seus planos. Tudo conspirava a seu favor, refletiu Taufik interiormente satisfeito, enquanto a sua montaria galgava o terreno desértico da estrada a passos largos.

O glamouroso palacete ficava fora da medina de Fez. Seus lindos e bem aparados jardins exalavam um aprazível aroma floral. Um admirável lago embelezava a propriedade. No interior do palácio, requintados revestimentos de estuque e soberbos mosaicos geométricos cobriam as paredes. Os *zellij*, como eram designados estes entrelaçados trabalhos em cerâmica esmaltada colorida, pareciam imagens congeladas de um caleidoscópio. Lamparinas de cobre com artísticos rendilhados e detalhes em vidro incolor derramavam feixes difusos de luz no ambiente. As janelas e as portas assemelhavam-se a painéis de madeira esculpidos em suaves e delicados relevos. Dinheiro e riqueza transpareciam em cada minúcia da decoração, reverberando a supremacia dos que ali viviam.

Um servo abriu a porta, anunciando em sequência a sua presença. Em questão de segundos, o anfitrião aproximou-se sorridente, com passadas firmes e confiantes, características de quem domina os mínimos detalhes de sua vida, trajando uma túnica branca de elaborado bordado, com frisos dourados.

— *Salamaleicom* — cumprimentou Taufik.

— *Ualeicom salaam* — retribuiu Kamal efusivo. — Seja bem-vindo! Por favor, acompanhe-me. Embora não viva em Fez, estou seguro que há diversos conhecidos seus entre os convidados. Sua influente rede de contatos é um feito notório e igualmente invejado — falou com relaxamento, conquanto tal façanha incomum o deixasse levemente desconfortável. Entretanto, a harmonia daquele instante fez Kamal colocar de lado a sua usual cautela. Na realidade, por ser um homem excessivamente religioso e arraigado aos preceitos e costumes do Islã, a postura ocidentalizada do príncipe Taufik inconscientemente o incomodava.

— Nada é comparável ao seu prestígio e influência — redarguiu com falsa modéstia. — É uma inenarrável honra partilhar desta ocasião inesquecível e especial da vida de um homem. Faço sinceros votos de ventura e de saúde para sua filha — felicitou com simpatia o príncipe Taufik. — Decididamente, os filhos são a continuidade da nossa existência.

Ao esquadrinhar as pessoas presentes, Taufik sentiu-se à vontade. Efetivamente, conhecia a maioria, o que lhe permitiu circular como se estivesse em sua própria festa. Seu aguçado senso de oportunidade dizia para externar o quanto era bem relacionado e adulado. Aquilo obviamente impressionaria seu anfitrião, aproximando-o. Como premeditado, Kamal integrou-se ao seu grupo, trocando ideias e impressões como se fossem amigos de longas datas.

Discutiam com entusiasmo sobre os percalços e benefícios da era industrial, quando a recém-nascida foi apresentada ao pai. Kamal era o orgulho personificado. Como sua primeira esposa tivera cinco filhos homens, Amira foi afetuosamente recebida pela família justamente pelo fato de ser menina. Um brinde sugerido pelo príncipe Taufik fez ecoar aplausos e vivas no recinto.

— Certamente, será uma mulher de estonteante beleza — profetizou Taufik, ao contemplar o rosto incrivelmente delineado para um bebê com poucas horas de nascido.

— Disso eu não tenho a menor dúvida! A família da minha segunda esposa tem mulheres deslumbrantes — confidenciou Kamal, enquanto apreciava embevecido as feições do bebê em seus braços.

— Sortudo será o homem que a desposar... Seguramente, haverá muitos pretendentes interessados em ocupar o posto de marido! — expôs Taufik com inegável espirituosidade. — Vou avisar aos meus filhos para se apressarem! Se eles demorarem demais perderão a grande chance de suas vidas.

— Uma aliança entre nossas famílias seria gloriosa. Reuniria o que há de melhor no Marrocos — externou Kamal com sinceridade.

— Então, por que não a firmamos?! — sugeriu Taufik simplesmente maravilhado com a hipótese de serem parentes. Aquilo indiscutivelmente seria o melhor dos mundos.

— *Inshallah*! Será o casamento mais comentado de todos os tempos! Provavelmente, nada rivalizará a sua grandiosidade.

— Será inesquecível. Pode apostar! — garantiu Taufik, envolvente, com a calculada intenção de agarrar a maior oportunidade da sua vida.

Aproveitando o calor das emoções, Taufik ergueu o copo de cristal com chá de menta, porque na casa de Kamal não se serviam bebidas alcoólicas em respeito ao Alcorão, verbalizando em alto e

bom som:

— Ao casamento de nossos filhos! E ao início de uma duradoura e profícua amizade!

Uma salva de palmas reverberou pelo luxuoso recinto, seguida de incontáveis congratulações. Controlando a muito custo o frenesi interior, Taufik manteve-se num contentamento comedido. Somente quando estava sentado na confortável e espaçosa liteira com sua esposa, deixou sua vibração extravasar.

— Ganhei! — externou exultante para Sahar.

Com os olhos verdes brilhantes de orgulho ante a maestria de sua estratégia, murmurou:

— Deu tudo certo. De hoje em diante, o céu será o único limite!

— Sempre tive convicção disso — asseverou Sahar com admiração, tocando-lhe as mãos, num inequívoco sinal de irrestrito apoio. A sua adoração por Taufik nublava por completo seus conceitos morais, fazendo-a assentir sem pestanejar a todos os planos de seu amado marido.

— Agora... ninguém mais ouse se opor às minhas pretensões dentro do governo... — confabulou, imerso em ambiciosos devaneios, antevendo com um sarcástico sorriso nos lábios a drástica e impiedosa derrocada que infligiria a cada um de seus adversários. Enfim, valeram a pena seu esforço e dedicação.

Efetivamente, nada mais seria igual depois daquele dia. O poder já significativo do príncipe Taufik assumiu proporções lendárias, quebrando de forma acintosa todos os padrões até então vigentes.

PRIMEIRA PARTE

UM OLHAR SOMENTE MEU

CAPÍTULO 1

Inglaterra, condado de Derbyshire, 1847.

A luminosidade do dia clareava o ambiente. Os tons azulados dos estofados das duas poltronas, próximas às altas janelas de esquadrias brancas do quarto, agora tinham uma cor vibrante. Os lençóis rendados e as colchas da aconchegante cama de dossel dourada, inclusive os matizes coloridos das flores, diligentemente organizadas num vaso de opalina sobre a cômoda encostada na parede, também estavam bem perceptíveis, em face do adiantado da hora. Não restava dúvida: eu estava terrivelmente atrasada!

Por mais que eu me empenhasse em ser pontual, o tempo sempre conspirava contra mim quando eu tinha algum compromisso marcado. Havia combinado com tia Margareth, sexta duquesa de Melbourne, de encontrá-la em seu escritório às nove horas da manhã. Para meu desespero, o relógio sobre a mesinha de cabeceira indicava oito horas e eu ainda lutava para colocar sozinha a roupa de montaria.

Resolvi prender meus longos e fartos cabelos negros, ligeiramente ondulados nas pontas, com uma simples fita de veludo preta no alto da cabeça. Hoje não daria tempo de Marianne prepará-los adequadamente. Sei que mamãe ficaria furiosa se me visse dessa forma desleixada, mas eu havia prometido a tia Margareth não me atrasar para o nosso encontro.

Desci os dois lances de escadas que separavam os quartos da ala social de Greenfield House, tomando cuidado para fazer o mínimo de barulho. Qualquer encontro despretensioso com Lydia Hartington, minha mãe e quinta condessa de Northwick, seria um desastre. O interrogatório estaria entremeado com veladas desconfianças sobre as minhas reiteradas visitas à tia Margareth, as quais entendia não ter utilidade prática para uma jovem de dezoito anos.

Para mamãe, o importante era me preocupar com os vestidos e as festas que frequentaríamos em Londres, no início da temporada de verão, além, é óbvio, de ampliar e refinar a arte da sedução para conquistar um marido com vasta fortuna e bem posicionado nas altas rodas londrinas. Preferencialmente, o escolhido deveria ser atraente e possuir um vistoso título de nobreza. Segundo mamãe, as conversas com tia Margareth não serviriam para nada disso, sendo um esforço infrutífero, pois a administração e condução dos negócios da família cabiam aos homens. Portanto, qualquer outro tipo de atividade ou interesse que fugisse ao convencional deveria ser repelido. Para alegria de mamãe, as minhas três irmãs seguiram à risca suas ideias, sendo a minha resistência motivo para longas e calorosas discussões sobre o universo feminino e seu papel na vida da sociedade moderna. O desgaste provocado por esse tipo de diálogo era enorme, resultando em frustração para ambas, porque nenhuma das duas aceitava ceder um milímetro nas suas convicções.

Esgueirando-me atentamente pelos corredores, alcancei os jardins, mal acreditando na sorte de atravessar os cômodos da casa sem ser interceptada por ninguém. Virei à direita, contornando a extensa cerca viva de buxus e amor-perfeito, onde os estábulos ficavam localizados. Fui à procura de Raio Dourado, um belo alazão ruano, com pelagem creme clara, que corria velozmente pelos

aprazíveis campos do condado de Derbyshire. Ao pisar nos estábulos, escutei a voz grave e arrastada do velho Jonathan Smith, o chefe dos cavalariços, há anos incumbido de cuidar do plantel de Greenfield House. Seu rosto enrugado pelo sol e sorriso amistoso transmitiam simplicidade e satisfação. Quando me viu aproximar, interrompeu a animada e risonha conversa com o comerciante Tyler Montgomery, que trazia na bagagem as provisões encomendadas por Kenneth Dodgson, o intendente da residência, e as mais recentes notícias de Londres.

— Bom dia, lady Katherine! Por acaso, pretende cavalgar em Raio Dourado? — indagou Smith, erguendo a sobrancelha com incredulidade.

E emendou sem me dar chance de responder:

— Preciso alertá-la de que não é uma boa ideia. Hoje, ele amanheceu com um humor dos infernos! Imagine que, logo cedo, mordeu o coitado do Ted Leviston, quando o pobre infeliz foi limpar sua baia! — narrou com indisfarçada implicância na voz, gesticulando dramaticamente.

— Smith, deixe de repreender Raio Dourado. Não é segredo para ninguém que esse animal não simpatiza com o Ted. Mesmo assim, você insiste nessa situação absurda, colocando-os sempre um defronte ao outro — retruquei com calma.

Para tranquilizá-lo e colocar um ponto final no assunto, prossegui:

— Não se exaspere. Pode selar Raio Dourado. Nenhum mal advirá por isso; pode ficar sossegado.

— Se esta é a vontade de milady... — declarou carrancudo. — Depois não diga que eu não avisei. Esse animal é imprevisível! — disse, afastando-se em direção ao cercado onde estava Raio Dourado.

Preocupada com a hora, expliquei educadamente:

— Estou muito atrasada... — falei, seguindo-lhe os passos como uma sombra. — Necessito estar em Fairmont em trinta minutos!

— Por mais rápido que seja Raio Dourado, não há a mínima chance de milady percorrer o trajeto até Fairmont nesse diminuto espaço de tempo — retrucou franzindo o cenho.

— Assim eu fico mais aflita do que já estou! — reclamei impaciente, caminhando para um pequeno banco de madeira, onde aguardaria a finalização do trabalho de selar a montaria.

— Lorde Northwick não ficará nada satisfeito em saber que passeia por estes campos em cavalgadas arriscadas. Quanta pressa! Mais parece que o mundo vai se acabar hoje! — resmungou um irritadiço Jonathan Smith, enquanto prendia os arreios e ajustava os estribos. Minutos depois o chefe dos cavalariços retornava puxando Raio Dourado resignadamente pelas rédeas.

O porte altivo e o vigor daquele animal impressionavam. George Hartington, meu pai e quinto conde de Northwick, não tivera alternativa senão comprá-lo quando o descobri numa exposição de animais em Edimburgo, onde ficamos parte do mês de agosto e setembro do ano passado com toda a família, em razão do início da temporada de caça na Escócia. Se há uma coisa que papai não resiste é aos pedidos lacrimosos de suas filhas e esposa. De qualquer modo, não tenho o menor resquício de remorso por ter insistido no negócio, pois Raio Dourado foi uma formidável aquisição, e dará potros de excelente qualidade brevemente. O tempo mostrará o quanto foi um promissor negócio para a nossa família.

Escolhi pegar uma íngreme subida de onde podia avistar ao longe as campinas e pastagens verdejantes de Greenfield House, circundadas por um denso bosque de sicômoros e rododendros. O chilrear dos pássaros e o cheiro da terra recém-despertada brotavam em todas as direções, sendo

naturalmente absorvidos pelos sentidos. Esta bucólica paisagem era capaz de restaurar minha paz de espírito. Contemplar a terra onde por séculos viveram meus ancestrais tinha o extraordinário dom de renovar minhas forças. A sensação interior é que, independentemente dos acontecimentos, ali sempre poderia voltar, refugiando-me das intempéries da vida.

Acelerei a passada de Raio Dourado. Quem sabe assim eu não atenuaria meu atraso, imprimindo maior agilidade na cavalgada. Enfim, depois de atravessar colinas e estradas empoeiradas e transpor um pequeno riacho que servia de divisa entre as propriedades dos Cavendish e as terras do ducado de Melbourne, adentrei pelos trabalhados e grandiosos portões de ferro fundido de Fairmont.

O imponente palacete de Fairmont era uma obra de arte barroca. Mesmo frequentando-o usualmente, a perfeição e a majestade do lugar sempre me encantavam. A construção de tons bege era significativamente maior do que Greenfield House, com suntuosos salões de baile e de música, diversas salas de estar e de visitas ricamente decoradas, dois espaçosos ambientes para refeições, uma biblioteca esplêndida, uma linda capela, um sóbrio escritório, vinte e cinco quartos, sem mencionar a área de serviço, com duas copas, cozinha principal, salas de empregados, salas de estar privativas do intendente, da governanta e da cozinheira, despensa e uma infinidade de outros cômodos indispensáveis ao seu adequado funcionamento. Afora isso, tinha um pavilhão para os aposentos da criadagem e moradias para os empregados com família, estábulos, cocheiras, área para reparos, fazenda leiteira, hortas, pomares, cervejaria e um agradável chalé de verão, onde tia Margareth preferia permanecer naquela estação do ano, em vez de ir para Londres, como muitos faziam.

Os famosos jardins serviam de modelo para arquitetos iniciantes. Na frente da fachada sul, um vasto tapete de grama retangular, com uma fonte esculpida no centro, seguido de um longo espelho d’água do mesmo formato, proporcionava ampla perspectiva do espaço. Mais adiante, cascatas em degraus faziam a água deslizar romanticamente. Estufas envidraçadas e canteiros cheios de plantas coloridas embelezavam seu exterior. O jardineiro-chefe, Jacob Battle, era conhecido por cultivar as mais belas papoulas, margaridas e botões de ouro, vencendo diversos concursos na região.

Quem abriu a porta de carvalho com tachas de ferro foi o zeloso e indefectível Frederick Howes, o mordomo que há anos comandava com férrea disciplina as atividades diárias do castelo, inclusive cuidava da contabilidade, da compra de mantimentos, além de ser responsável pela adega e pelo cofre da prataria. Sua fidelidade remontava à época do sexto duque de Melbourne, David Kensington, marido de tia Margareth que falecera antes mesmo de eu nascer. Avancei pelo comprido corredor da direita até atingir a pesada porta do escritório. Pelo horário, tia Margareth certamente estaria concentrada no exame minucioso de contas e documentos administrativos de suas propriedades.

Mamãe e tia Margareth, inobstante fossem fisicamente parecidas, com pele acetinada, cabelos e olhos castanhos, dotados de grande vivacidade, corpo bem proporcionado e estatura mediana, não podiam ter temperamentos mais diferentes. Enquanto mamãe adorava festas e bailes, comparecer a lugares concorridos e saraus, com roupas e joias caríssimas, tia Margareth se dedicava de corpo e alma aos negócios e patrimônio herdados de seu falecido marido.

Mesmo sendo extremamente bonita na juventude, tia Margareth recusou-se a casar novamente. Segundo afirma, nada a impedia de se relacionar com outros homens, porém, a liberdade alcançada

pela viuvez não tinha preço. Tampouco existiria amor capaz de fazê-la abdicar de sua vida privilegiada, com total liberdade. Como não poderia deixar de ser, mamãe não perdia uma chance de criticar tia Margareth por tal opção. Fato constantemente exteriorizado, pois mamãe não entendia o porquê de sua irmã desperdiçar sua vida com atividades monótonas que deveriam ser desempenhadas exclusivamente por um homem.

Depois de tanta correria, abri ofegante a porta do escritório. Olhei no relógio estrategicamente pendurado sobre a lareira estar atrasada quarenta minutos. Lentamente, tia Margareth levantou os olhos do documento e lançou um olhar compreensivo.

— Olá, minha querida! Lamentavelmente, seus esforços em chegar pontualmente às nove horas, mais uma vez, não lograram êxito — observou com calma.

E prosseguiu com um sorriso:

— Não faz mal... O importante mesmo é que você veio — comentou meneando a cabeça de modo a indicar não se importar com o atraso.

— Desculpas, tia Margareth! — pronunciei claramente embaraçada. — Como a senhora é testemunha, venho me empenhando em cumprir horários. No entanto, minha noção de tempo não flui na mesma velocidade do relógio! — procurei me explicar sem muito sucesso.

— Não se preocupe com isso agora. Deixe essa bobagem de lado e vamos nos deter no que interessa — falou com praticidade. — Por sinal, comecei a analisar os relatórios sobre os resultados da propriedade que fica na margem norte da entrada de Derby. Sir Richard Button enviou-os ontem para mim. — Em seguida, subitamente perguntou:

— Viu sua mãe hoje?

— Não — respondi sem entender a pergunta.

— Ainda bem! Porque se Lydia tivesse visto suas roupas e o estado de seus cabelos, ficaria muito aborrecida com a cena. Numa coisa sou forçada a concordar: não é admissível você deixar seus cabelos soltos deste jeito. Na sua idade, isso não é mais permitido.

— Eu os amarrei antes de sair... — comecei explicando, na defensiva. Entretanto, ao passar as mãos acima da cabeça, notei que a fita de veludo preta tinha caído, deixando-os desordenados. — Provavelmente, na cavalgada a fita se desprendeu — conjecturei em voz alta. — Para ultimar a questão, por enquanto, vou prendê-los num coque.

— Katherine, você não é mais criança para andar com os cabelos despenteados — repreendeu-me com firmeza tia Margareth. — Seus olhos azul-esverdeados já chamam por si só bastante atenção.

— Estou seriamente suspeitando que lady Northwick, por meio de algum artifício sobrenatural, inadvertidamente hoje entrou neste escritório. Que relevância tem um cabelo solto? Até parece coisa de outro mundo! Pelo que me consta, todas as mulheres têm cabelos e parte significativa dos homens também. Portanto, não há nada de anormal em ter cabelos!

— Sei que estou falando igualzinha a sua mãe — contemporizou tia Margareth. — Na verdade, falo para o seu próprio bem. Com esse comentário, só quero evitar transtornos futuros. De qualquer forma, vamos pôr esta discussão de lado e voltar ao trabalho, porque temos muito que fazer nesta manhã — disse, encerrando o assunto e voltando a mente para as pilhas de papéis a nossa volta. Somente paramos quando Howes anunciou o almoço.

Como de costume, a Sra. Courtney Shaw, cozinheira de Fairmont, preparou iguarias de dar água na boca. Primeiro, detivemos-nos no linguado ao molho de anchovas acompanhado de salada verde, seguido de filés de coelhos com suflê de queijo roquefort, finalizando com merengue de morango,

capaz de tentar o mais frugal dos monges. Estávamos debatendo os relatórios enviados por sir Richard quando tia Margareth, inesperadamente, indagou sobre a minha apresentação à sociedade em Londres.

— Está preparada para os inúmeros bailes e festas a que irá quando começar a temporada em Londres?

— Honestamente, não.

E continuei com realismo:

— Também não venho mais arruinando meu sono com isso. Parei de lutar contra o inevitável. Estava sendo uma tremenda perda de tempo, pois nada demoveria mamãe da ideia. Por isso, achei prudente me esforçar nas aulas de piano, dança, sem falar nas aulas de etiqueta. Mas, o que me causa profundo aborrecimento são as lições da Srta. Clarissa Collins sobre os títulos de nobreza e a história das proeminentes famílias e herdeiros... naturalmente!

— Minha querida, não fique incomodada por essas coisas. Quem sabe você não encontrará algum pretendente que a encante dentre esses odiosos herdeiros mencionados pela Srta. Collins. E aí valerão as energias despendidas.

— Eu não apostaria nisso — respondi com ceticismo, ajeitando-me repetidas vezes na cadeira em busca de uma posição mais confortável.

— Seguindo o caminho natural das coisas, algum dia certamente você casará. E frequentar recepções, saraus e concertos são uma forma eficiente para se conhecer pessoas interessantes — ponderou tia Margareth na esperança de me convencer das vantagens da viagem.

— A senhora estaria correta em suas observações se considerarmos a hipótese de uma jovem realmente interessada em se casar. A premissa básica do seu raciocínio é justamente essa. Contudo, tal circunstância não se verifica comigo — argumentei com lógica. — Vamos ser realistas: qual é o homem que se casaria com uma mulher que aprecia economia e relatórios administrativos? — questionei sem anteparos. — Não é segredo para ninguém que o sonho de, pelo menos, noventa e nove por cento dos homens, usando números conservadores, é estar ao lado de uma mulher versada em bordado, música e assuntos triviais, a ponto de uma criança de seis anos ser perfeitamente capaz de participar, com desenvoltura, da conversa.

— Não seja excessivamente rígida. Os homens podem ser muito mais interessantes do que supõe... — contrapôs-se com seriedade tia Margareth. — Como também podem admirar outras aptidões nas mulheres fora aquelas convencionalmente admitidas em sociedade como adequadas.

— Bem... A senhora é mais experiente do que eu e deve saber do que está falando. Vou lhe conceder o benefício da dúvida, deixando a questão em aberto — aceitei momentaneamente, exteriorizando minhas incertezas sobre o assunto. — É melhor eu me apressar, a Srta. Collins irá a Greenfield House hoje à tarde, para mais uma de suas maçantes aulas!

Depositei um beijo de despedida em tia Margareth e me dirigi até o requintado saguão de mármore da entrada. Desci a grande escadaria situada à frente da mansão. Montei com destreza em Raio Dourado e voltei pela mesma trilha percorrida horas atrás. Todavia, a sorte do início do dia não se repetiu na chegada. Foi somente colocar os pés no hall de Greenfield House para mamãe se materializar. Nem tive oportunidade de abrir a boca para cumprimentá-la.

— Onde a senhorita esteve trajada desse jeito? — perguntou mamãe em tom inquisidor, andando em círculos a minha volta. — Procurei você por toda parte nesta manhã. Não poderia ao menos ter deixado um bilhete, em vez de sumir como fumaça ao vento?! — disse, profundamente zangada.

— Desculpe-me, mamãe. Porém, hoje é quarta-feira! E até onde me recordo, havíamos combinado que todas as segundas, quartas e sextas-feiras pela manhã eu estaria em Fairmont com tia Margareth. Em todo caso, perdoe-me se a fiz procurar desnecessariamente por mim — expliquei com voz neutra.

— Não seja impertinente, Katherine! — censurou aborrecida.

— Lembrá-la do nosso acordo não tem mal algum. Somente denota que eu não tive a menor intenção de perturbá-la — justifiquei, na expectativa de contornar a situação.

— No entanto, você ainda não esclareceu... Que trajes horríveis são estes?! — franziu a testa e apontou acusatoriamente para as minhas adoradas e igualmente surradas roupas de montaria.

— Por favor, não vamos discutir sobre isso novamente — falei com tranquilidade. — Eu estava cavalgando sozinha pelos campos. Ninguém me viu. Sem se falar na falta de sentido prático que é estar toda enfeitada os trezentos e sessenta e cinco dias do ano!

— Chega de desculpas esfarrapadas ou não responderei por mim! — verbalizou mamãe raivosa. — Suba agora mesmo para o seu quarto e se apronte como manda o figurino. Os baldes com água quente para o seu banho já foram despejados na banheira. Daqui a pouco, a Srta. Collins estará aqui para as suas aulas — ordenou peremptória. Sem me dar chance de replicar, encaminhou-se ao jardim como se nada tivesse acontecido, abandonando-me sozinha com minhas frustrações pela injustiça da situação.

Suspirando desanimada, subi as escadas devagar, reunindo forças para suportar as três enfadonhas horas de aula com a Srta. Collins.

Ninguém merecia um castigo como este! — pensei inconformada.

Uma das questões que insistentemente povoavam a minha mente naquelas intermináveis e maçantes horas ao lado da Srta. Collins era entender o porquê de o tempo ser ironicamente cruel. Quando queria que passasse rápido, arrastava-se inexplicavelmente. Em compensação, se queria prolongá-lo, corria numa pressa assustadora! — refleti chateada ao escutar a Srta. Collins discorrer sem tréguas sobre títulos nobiliárquicos. Bocejei disfarçadamente cinco vezes no exíguo espaço de quinze minutos, forçando-me a dar beliscões nas pernas para me manter acordada até o final da aula.

Cumpridas as obrigações, fui à biblioteca pegar um livro para me entreter. Desta vez, optei por Orgulho e preconceito, de Jane Austen. Ao dedilhar as primeiras páginas minha atenção foi rapidamente fisgada. Infelizmente, não pude avançar na leitura como gostaria porque Melissa, minha irmã mais velha e marquesa de Lavenham, acompanhada de seus cinco filhos, vieram passar uma semana em Greenfield House.

De todos os meus quatro irmãos, Melissa era com quem eu tinha menos afinidade. Suas conversas eram entediantes e fúteis. Muito diferente do que acontecia com os outros, principalmente com meu irmão Philip. Embora fosse homem e passasse longos períodos afastado por conta dos estudos, existia entre nós uma indisfarçável afinidade. Nas suas férias da Cambridge University sempre ficávamos infindáveis horas botando a conversa em dia. Philip era uma pessoa especial que futuramente herdaria o título, tornando-se o sexto conde de Northwick. Sem dúvida, saberia conduzir os negócios da família no momento apropriado.

Precisando encarar a realidade da próxima semana, respirei fundo e fui ao inevitável encontro na sala de estar. Melissa estava aparentemente bem, com seus cabelos loiro-acobreados presos num

coque sofisticado que realçava os olhos amendoados e suas bochechas salientes. Mesmo me controlando para não fazer comentários, não pude deixar de perceber como se vestia. Pareceu-me excessiva, numa profusão de laços e fitas. Em nome da paz familiar, nem cogitei fazer alusão à sua aparência, para não romper o precário clima de harmonia que se instalava quando ficávamos juntas.

Na verdade, o casamento de Melissa foi um profundo alívio para mim, porque implicávamos e discutíamos o tempo inteiro. Para uma criança de oito anos, Melissa era a irmã mais detestável da face da Terra. Vê-la partir com seu marido foi uma das melhores sensações da infância. Agora, depois de todos esses anos, evoluímos para uma relação relativamente civilizada, em que pese a sua visão de mundo continuar me dando calafrios, sem se falar no seu irritante e desagradável marido. Numa avaliação imparcial, Rudolph Steyning, marquês de Lavenham, para os padrões atuais poderia ser classificado como um homem bem-apessoado. Mas, bastavam cinco minutos ao seu lado para a sua empáfia e arrogância esconderem seus atributos físicos. Era insuportável estar no mesmo ambiente. Ao menos, Melissa veio sozinha com os filhos para Greenfield House!

Conversamos por mais ou menos meia hora. Ou melhor, mamãe conversou com Melissa por esse período e eu, obviamente, para evitar qualquer contratempo, acompanhei com olhar de fingido interesse os tópicos abordados. Finalmente, o gongo que marca o horário para trocarmos de roupa para o jantar tocou e nos retiramos para nossos quartos. Naquela noite, teríamos a presença do Dr. Stephen White. Como era hábito, o jantar iniciaria pontualmente às vinte horas. Papai e mamãe sempre se sentavam no centro da mesa. Um defronte ao outro. A direita de papai seria ocupada por Melissa, por possuir naquela noite o título mais importante entre os comensais presentes; e os pratos seriam servidos ao estilo russo, de modo que o serviço principiaria a partir de Melissa e seguiria em sentido horário, alternando homens e mulheres.

Durante a refeição, por estar sentada à esquerda de papai, migrei minha atenção para o convidado à minha frente, deixando meus pais às voltas com Melissa.

— É verdade que o senhor pretende montar um hospital na região? — perguntei, com o intuito de aferir as informações que circulavam ultimamente no povoado, enquanto colocava no prato uma generosa porção de salmão com molho de mel e mostarda, servido pelo lacaio em uma travessa de prata.

— Não será um hospital, lady Katherine. O que venho pensando é abrir um ambulatório para tratar as enfermidades mais comuns. O longo trajeto até Londres dificulta sobremaneira o acesso de serviços básicos de saúde para a população local — explicou Dr. White antes de saborear o purê de tomates.

— Indiscutivelmente, mesmo sendo um ambulatório, será um feito maravilhoso para o nosso condado. Tal iniciativa facilitará a vida de muitos que não dispõem de meios de percorrer uma distância tão longa, como é o caminho daqui a Londres. E esse estado de coisas necessita ser urgentemente alterado! — declarei com admiração.

E indaguei, em seguida:

— Já conseguiu reunir recursos suficientes para a construção das futuras instalações do ambulatório?

Nesse ínterim, Dodgson, com sua costumeira eficiência, despejava da entalhada garrafa de cristal um translúcido e refrescante vinho branco, nas taças elegantemente dispostas sobre a mesa.

— Ainda estou trabalhando nessas questões, mas lorde Northwick se comprometeu a nos ajudar, viabilizando a verba necessária para a compra do terreno — falou diplomaticamente.

— É uma grande honra poder contribuir com o empreendimento — interveio papai, confirmando os compromissos assumidos, entre uma garfada e outra.

— Ótimo! Fico muito contente em saber desses progressos. Se o Dr. White quiser, posso falar com a duquesa de Melbourne sobre o tema e indagá-la sobre a possibilidade de contribuir na compra de alguns equipamentos — disse solícita, colocando-me à disposição.

— Não me importaria em absoluto. Na realidade, vamos precisar de todos os esforços possíveis para concretizar esse projeto.

— Suponho ser necessário contratar enfermeiras... Quais requisitos serão exigidos no processo de seleção? — inquiri casualmente, embora estivesse cheia de segundas intenções. Depois, tomei um demorado gole de água da linda taça de cristal esculpida com guirlandas, para melhor avaliar a repercussão das minhas palavras.

Nem bem terminei de formular a frase e todos na mesa dirigiram um olhar atravessado para mim. Papai, que sabiamente anteviu as minhas reais pretensões, sem interromper o gesto de verter no prato um pouco de couve-flor gratinada, apressou-se em dizer:

— Unicamente profissionais com comprovada experiência poderão ser contratadas. Em Londres, há enfermeiras bem qualificadas para o trabalho no ambulatório.

— Disso eu não tenho a menor dúvida! — falei como se nada tivesse acontecido. — Londres é efetivamente uma cidade bem grande, será fácil alguém se interessar em se mudar para o campo, onde a vida é mais pacata — aquiesci graciosamente, voltando-me novamente para o Dr. White, com a cristalina taça de vinho suspensa no ar.

— Por acaso, o senhor dispõe de levantamentos sobre o custo total da obra e quanto será preciso gastar por mês na manutenção do ambulatório? — questionei com cuidado para não atingir as susceptibilidades do Dr. White.

Em sequência, justifiquei-me:

— Acredito que haverá mais chances de pôr em prática o projeto se esses dados estiverem disponíveis... Quem sabe, isso não ajudará a conquistar a simpatia de potenciais doadores?

— Não havia raciocinado sob este prisma, entretanto, concordo que milady está coberta de razão! — externou Dr. White educadamente, repousando os adornados talheres de prata no prato de porcelana com frisos dourados.

Os lacaios retiravam os pratos vazios, substituindo-os por limpos, para dar início ao segundo prato daquela noite.

— Katherine... Essas questões não são assuntos adequados para um jantar — interpôs-se mamãe com um inconfundível olhar de censura, em virtude da minha insistência numa temática vinculada a dinheiro. — Dr. White, perdoe-nos por essa inconveniente observação.

— Lady Northwick, não há do que se desculpar! As colocações de lady Katherine são oportunas. Repassando mentalmente os últimos encontros com prováveis colaboradores, se eu dispusesse desses números, talvez pudesse tê-los convencido da viabilidade do projeto com maior rapidez — garantiu Dr. White, ao se servir das apetitosas caudas de lagostins, artisticamente arrumadas na bandeja reluzente que circulava nas mãos enluvadas e treinadas do lacaio.

— Realmente, Lydia... — começou papai com o objetivo de amenizar o constrangimento instaurado à mesa após o comentário de mamãe —, Katherine tem motivos consistentes ao enfatizar a necessidade dos levantamentos, porque através deles será possível saber o custo do ambulatório e o quanto será preciso para financiá-lo.

E afirmou papai com o deliberado propósito de desviar o foco da conversa:

— Estas batatas recheadas estão estupendas! Dodgson, por favor, repasse meus cumprimentos à Sra. Marshall pelo excelente jantar.

— De mais a mais, George — objetou mamãe, implacável —, isso não retira o caráter impróprio dessa espécie de interrogatório dirigido ao Dr. White.

No universo estratificado e imutável de mamãe, assuntos de índole financeira eram considerados uma inaceitável indiscrição, beirando o vulgar. Nem entre familiares se admitiam tais diálogos!

Pressionada pelo desdobrar dos fatos, pedi escusas ao Dr. White, mantendo-me em silêncio a partir de então. Esperei heroicamente o término da refeição com um polido sorriso no rosto, até que, respeitando as normas da boa educação, pedi licença para me retirar. O dia tinha sido enfadonho por demais! Somente desejava o meu quarto, onde poderia me dedicar sem ser interrompida à leitura de Orgulho e preconceito. O cansaço embaçou a visão, impedindo-me de sequer concluir duas páginas do livro.

Na manhã seguinte, devidamente trajada e com meu livro debaixo do braço, fui ao terraço que dava para o jardim lateral da casa, onde usualmente era servido o desjejum. Custou-me acreditar quando não encontrei viv'alma no recinto, exceto o empertigado Dodgson próximo ao aparador, onde as comidas estavam dispostas. Servi-me de ovos mexidos, mingau de aveia, torradas com geleia de uvas e um pouco de chá com leite. Aproveitei o inesperado isolamento para dar sequência à leitura. Contudo, não demorou dez minutos para ouvir às minhas costas um desafinado "bom dia!". Era Melissa entrando no terraço.

— Espero não estar atrapalhando... — justificou-se Melissa ao sentar à mesa, na cadeira em frente à minha.

— De forma nenhuma. Eu apenas estava me entretendo com um livro, por não ter ninguém para me fazer companhia — verbalizei com cortesia, ao mesmo tempo em que me conformava em fechá-lo.

— Você continua a mesma! — atacou de supetão, ao entornar o bule com café na sua xícara de porcelana floral com premeditada indiferença.

— Como?! Não entendi a sua observação — indaguei, aturdida com o comentário sem sentido, segurando a torrada no ar, a meio caminho da boca.

— Ora... ora... Não se faça de desentendida! — admoestou com voz sarcástica. — Ontem a senhorita somente sossegou depois que aborreceu nossos pais no jantar com aquelas inadequadas perguntas ao Dr. White.

— Eu não estou acreditando no que acabei de escutar a esta hora da manhã! — exclamei boquiaberta. — Implicar só pode ser um de seus passatempos prediletos, na falta de coisas relevantes para se ocupar. Decididamente, é muito difícil viver ao seu lado.

— Olhe só... Agora quer se colocar na cômoda posição de vítima! — ironizou Melissa. — Faz toda a confusão e supõe que nada ocorreu. E pior, pensa que eu estou provocando desentendimentos.

— Melissa... não adianta... — retruquei respirando com desânimo, enquanto jogava o guardanapo na mesa e levantava resignada. — Sempre vemos tudo sob ângulos opostos e as restrições que você tem a minha pessoa tendem a aumentar. Assim, para não estragarmos estes dias com discussões inúteis, pois infelizmente seremos obrigadas a partilhar o mesmo teto, proponho mantermos a distância.

Com o dedo em riste sob seu rosto, adverti séria:

— Aviso-lhe que não deixarei passar nenhuma das suas perspicazes e originais observações sem a devida resposta!

— É muita petulância de sua parte querer me ameaçar! — vociferou indignada às minhas costas.

Na porta, voltei-me para Melissa e conclui impiedosamente, com a mão na maçaneta:

— Ahh... Antes que eu inadvertidamente me esqueça... O que seria imperdoável... Aconselho-a comprar um espelho com urgência. Você não tem a menor ideia do quanto são ridículas as suas roupas espalhafatosas, cujo estilo o passar dos anos apenas fez piorar...

Ao dizer estas últimas palavras, saí rapidamente para não lhe dar tempo de responder, ou, na eventual hipótese de ela ser suficientemente ágil em rebater, para não ouvir a sua indignada resposta. Eu tinha plena consciência do quanto havia extrapolado.

Para evitar novos confrontos, refugiei-me no lago que ficava numa parte reservada da propriedade, onde podia descansar com privacidade. Após passar pelos corredores e descer a escadaria situada na lateral externa da sala de estar, segui uma estreita trilha de pedras escuras que cortava os jardins, e pouco a pouco penetrei no frondoso bosque de faia e teixo que circundava Greenfield House. Andei cerca de vinte minutos até divisar o ensolarado lago transparente com seixos e pequenos arbustos. A plêiade vicejante de entretons de papoulas e cardos, o voo sinuoso e febril das borboletas, o piado de tordos e andorinhas e o perfume amadeirado da vegetação davam um toque especial ao ambiente.

Sentei-me debaixo de uma das árvores. Ainda li algumas páginas do livro antes de o pensamento divagar para assuntos nada animadores. O fato era que daqui a um mês iríamos viajar para Londres e as coisas prometiam ficar complicadas. Sob hipótese alguma queria um marido. Mas esta opinião parecia não ser compartilhada por mais ninguém. Se até tia Margareth entendia que eu deveria me casar, imagine mamãe, que não pensava em outra coisa desde o dia em que eu nasci! Pelo menos — raciocinei, fazendo um enorme esforço para me consolar —, papai havia jurado não me impor nenhum marido. Somente com o meu consentimento aceitaria alguma proposta de casamento. Todavia, o que eu não podia idealizar naquela época, nem mesmo em minhas mais tresloucadas e delirantes fantasias, era a abrupta guinada que atingiria como um relâmpago a minha vida, alterando radicalmente o previsível curso do meu destino.

O sol espraiava vívidos reflexos dourados na campestre paisagem matinal. O céu azul praticamente não tinha nuvens. Fiquei feliz por ter dormido cedo. Isso me permitiu levantar milagrosamente no horário, dando tempo para fazer a toalete sem afobação. Tanto que às nove horas da manhã eu atravessava contente a porta do escritório de Fairmont. O olhar espantado de tia Margareth foi uma experiência impagável.

— A julgar pelo horário, apostaria que não dormiu bem esta noite — especulou tia Margareth sorrindo. — Havia espinhos no seu colchão, Katherine?! — provocou em tom de brincadeira.

— Bom dia, tia Margareth! — falei radiante. — Lamento informar que a senhora está redondamente enganada. Esta noite dormi literalmente como um anjo!

— Soube que Melissa está com vocês... Está tudo transcorrendo em paz em Greenfield House?

— Não estamos propriamente num mar de rosas, mas conseguimos um meio termo bastante eficaz — disse de forma evasiva, na tentativa de desviar o tema da conversa.

— Posso saber qual foi este satisfatório meio termo? — indagou tia Margareth, desconfiada com o teor da minha resposta.

— Ficarmos o mais longe possível uma da outra — revelei enquanto me sentava a sua frente e mexia distraidamente em alguns papéis debaixo das pastas de trabalho.

— Como vocês são difíceis... Não precisavam chegar a tal extremo! — balançou a cabeça com desgosto. — Reconheço as dificuldades de Melissa, mas afinal de contas vocês são irmãs. Precisa desse clima de beligerância sempre que ficam juntas?! — perguntou tia Margareth com enfado.

— Desta vez não importunei ninguém. Inclusive, no jantar de boas-vindas a Greenfield House, fiquei praticamente calada — expliquei na defensiva. — Para evitar problemas, voltei minhas atenções para o Dr. White, que pretende montar um ambulatório na região. Empolgada com o assunto, não atentei estar na frente de todos e fiz algumas perguntas que soaram impróprias para mamãe. Diante de tal constrangimento, não tive opção senão me desculpar e me retirar para o quarto, assim que foi possível. Não satisfeita, Melissa arrumou um subterfúgio para me fustigar no outro dia. Sinceramente, perdi a paciência e mandei ficar longe de mim, pois eu não seria mais tolerante com suas provocações — verbalizei ao me levantar da cadeira para ir em direção à prateleira de livros, na vã esperança de escapar do olhar perscrutador de tia Margareth.

— Somente isso... Katherine?

— Teve mais uma coisinha... — afirmei desconcertada, enquanto lia a lombada dos volumes perfeitamente dispostos na estante, parando o olhar na obra de Mary Wollstonecraft, intitulada A vindication of the rights of woman.

— Que coisinha? — pressionou tia Margareth. — A senhorita poderia ser mais específica?

— Eu sei que passei dos limites... — admiti, virando-me para encará-la, ligeiramente envergonhada. Então prossegui: — As palavras acabaram saindo sem eu sentir... Em resumo, eu disse que a forma dela se vestir era terrível.

Após uma pausa para me recordar das exatas palavras, continuei:

— Ironizei sua aparência e a sensível piora no decorrer do tempo... Não me recordo com precisão dos termos empregados. Mas suponho ter sido algo mais ou menos assim...

— Meu Deus, Katherine! — exclamou tia Margareth horrorizada. — Precisava ser indelicada e grosseira?! Eu sei que Melissa faz comentários tolos e fora de contexto, mas ironizar suas roupas foi muito deselegante de sua parte. Encontrou-a depois desse inoportuno incidente?

— Não. Dei um jeito de evitar qualquer contato. O fato é que não faltei com a verdade quando critiquei sua forma de vestir. A senhora realmente precisa conferir com seus próprios olhos... — externei, na tentativa de abrandar o julgamento de tia Margareth a meu respeito. — Está definitivamente pavorosa! — reiterei com convicção.

— Você pode pensar como acabou de descrever, entretanto, não tem o direito de ofendê-la — disse tia Margareth duramente.

— Lembrar-me-ei disso... — concordei meneando a cabeça num tom conciliador. — Vou procurar medir minhas palavras no futuro.

— Acho bom!

Mudando propositalmente de assunto, pedi, enquanto retirava da prateleira o volume que chamara minha atenção:

— Posso pegar este livro para ler?

— Excelente escolha. Vale a pena refletir sobre as opiniões de Mary Wollstonecraft acerca da

condição das mulheres na nossa sociedade. Para mim, essa escritora poderia ser intitulada a precursora do movimento feminista que estamos presenciando na atualidade. Mas, agora, temos que voltar nossas mentes para temáticas mais imperiosas. Nos últimos relatórios enviados por sir Richard Button, constatei ter despesas divergentes...

Ao verificar com minúcia as colunas e registros contábeis dos relatórios de sir Richard, tia Margareth soltou um suspiro cansado. Os gastos estavam consideravelmente maiores do que o inicialmente programado!

— Outra coisa... — começou tia Margareth recostando-se na cadeira — terei de me ausentar nas próximas duas semanas para poder acompanhar as obras da barragem que mandei construir em Wolfcastle. Depois desse relatório, preciso ser muito cuidadosa para não ter nenhuma outra surpresa financeira.

Eu ainda estava concentrada nas informações do relatório quando assimilei as palavras de tia Margareth de que se ausentaria por duas semanas. A apreensão apossou-se de mim, fazendo-me levantar a cabeça, com expressão pensativa. Não queria ficar afastada do dia a dia que compartilhavam.

— Não acha duas semanas muito tempo? — perguntei com o intuito de demovê-la da ideia da viagem.

— Duas semanas passam rápido. Não tenho dúvidas de que sua mãe ficará profundamente feliz com essa notícia. Assim, você poderá se dedicar com afinco às aulas da sua preceptora. Em compensação, Lydia não poderá me culpar de eu estar desviando sua atenção.

E emendou sem alterar o timbre de voz:

— Talvez eu precise ficar mais do que as duas semanas agendadas. Somente saberei o tempo necessário quando averiguar pessoalmente o local.

Ante a lógica do argumento não me restava escolha senão anuir com o itinerário de tia Margareth. Sua presença seria vital para a condução dos trabalhos da represa em Wolfcastle. Com esse pensamento a embaralhar minha memória, subitamente atinei não haver delineado o projeto do ambulatório.

— Eu quase ia esquecendo... Prometi ao Dr. White abordá-la sobre a possibilidade de fazer uma doação para arcar com as obras e a manutenção do novo ambulatório.

— Bem... interesse eu tenho, minha querida! Mas antes gostaria de mais detalhes sobre o projeto para avaliar sua viabilidade.

— Eu desconfiei que a senhora pensaria dessa maneira... — falei, lembrando-me do malfadado jantar. E continuei: — Verei se nestas próximas duas semanas eu reúno esses dados para repassá-los quando de seu regresso.

— Ficará para o almoço?

— Não. Madame Windale virá especialmente de Londres com os vestidos encomendados, para fazermos as aguardadas provas. Será um tumulto considerável lá em casa — descrevi sem esboçar empolgação. — Por isso, vou me despedindo, para não causar nenhum tipo de contratempo adicional.

Dei um beijo em tia Margareth, peguei as luvas sobre o aparador do escritório, juntamente com o novo livro, e caminhei apressadamente para os estábulos à procura de Raio Dourado. Depois de montá-lo, tomei a trilha mais curta em direção a Greenfield House. Definitivamente, fugir não seria a solução mais inteligente. Na verdade, isso nunca resolvia nada! Mais cedo ou mais tarde seria compelida a encarar Melissa e mamãe.

Enquanto cavalgava pelos esplendorosos campos do condado de Derbyshire me abstraí da realidade. A única coisa que vinha a minha cabeça era a indescritível sensação de liberdade experimentada ao cavalgar. Sentir o vento refrescante de encontro ao rosto e a força do animal em galgar os espaços a toda velocidade suplantavam a fugacidade singela das palavras. Só quem vivenciou experiência parecida poderia compreender esse sentimento. Fiquei tão absorta no passeio que nem notei estar correndo muito além do recomendado. O pior foi somente perceber isso já próxima aos estábulos de Greenfield House. Reduzi drasticamente o sincopado galope de Raio Dourado, contudo tal medida não foi capaz de evitar as recriminações e protestos de um rabugento Jonathan Smith, ao frear a montaria.

— Espero que ninguém tenha visto a irresponsabilidade de milady na forma de conduzir este animal irascível — repreendeu ao me avistar.

— Olá, Smith! Vejo não estar em seus melhores dias! Raio Dourado e eu estávamos apenas nos divertindo... — cumprimentei com elegância, sem me importar com suas reclamações infundadas.

— Milady está querendo voar?! Lembre-se que apenas seres com asas têm esta habilidade, sendo inútil, senão temerário, tentar desvirtuar os desígnios da natureza — insistiu abespinhado com tamanha imprudência.

Desmontei num salto e caminhei em direção à varanda onde seria colocado o almoço. Na primavera, essas refeições eram normalmente realizadas ao ar livre, exceto nos dias frios e chuvosos. Hoje, como o céu estava de um azul límpido e sem nuvens, deduzi acertadamente estarem todos por lá, inclusive os filhos de Melissa. Ainda não os havia encontrado.

— Chegou bem na hora! — cumprimentou papai com um acolhedor sorriso de boas-vindas.

— Se não fosse por Raio Dourado seria impossível fazer o trajeto de Fairmont até Greenfield House no tempo que fiz — revelei com entusiasmo. — O senhor precisa ver pessoalmente como Raio Dourado está se saindo bem...

— Boa tarde, mamãe! Tia Margareth pediu para transmitir o recado de que se ausentará de Fairmont durante as próximas duas semanas.

— Enfim, os céus ouviram minhas preces! — exclamou teatralmente mamãe, com as mãos levantadas para o firmamento. — Pelo menos você poderá se dedicar inteiramente às aulas da Srta. Collins sem dar desculpas esfarrapadas para ir a Fairmont, fugindo de suas obrigações.

Diante de tal comentário não pude deixar de rir discretamente. Tia Margareth agora também poderia ganhar dinheiro antevendo o futuro! Acertou com precisão a reação de mamãe acerca de sua ausência. Puxei uma poltrona e sentei ao lado de papai e defronte a mamãe.

Ciente da grande probabilidade de encontrar a família reunida no almoço, pela manhã optei por vestir a minha melhor roupa de montaria. Escolhi o conjunto de saias com culotes e jaqueta acinzentada com blusa e lenço brancos que davam um ar sóbrio e refinado. Para completar a elaborada toalete, prendi meus cabelos num coque, acrescentando um delicado chapéu de feltro com fita, ambos na cor preta, para proteger minha pele dos inclementes raios solares. E a julgar pela criteriosa inspeção, meus esforços surtiram o efeito esperado, pois ao me encostar à poltrona, mamãe elogiou:

— Gostei muito da sua vestimenta, Katherine.

— Obrigada, mamãe... Recordei-me das aulas da Srta. Collins antes de escolhê-la — disse com o

manifesto propósito de angariar alguma simpatia, depois de tantos mal-entendidos nos últimos dias.

— Então, está apreendendo satisfatoriamente as lições — afirmou em tom de aprovação.

E continuou, com voz informativa:

— Amanhã receberemos convidados para o final de semana. Como faz mais de dois anos que Melissa não vinha a Greenfield House, chamei alguns vizinhos. Será uma boa oportunidade de atualizarmos as conversas — detalhou mamãe afagando as mãos de Melissa com afeto.

— Foi uma decisão formidável, mamãe! Acredito que os Cavendish e os Sutherland tenham sido convidados...

— Todos foram convidados. Não nos esquecemos de ninguém. Será uma reunião restrita às pessoas mais chegadas de nosso convívio social. E eles obviamente estão incluídos.

Irrompendo pomposo, o sisudo mordomo Dodgson, envergando seu imaculado uniforme, comunicou que o almoço estava servido. Dirigimo-nos à mesa situada no lado oposto da varanda, onde minutos atrás conversávamos. A refeição ao ar livre era uma experiência única. Dava uma leveza ao ambiente, incomum em salas formais, de modo que os assuntos fluíam com naturalidade. Esqueci completamente o que tinha sucedido nos dias anteriores e apreciei com sinceridade aquele relaxante momento. No final, fui ao meu quarto me aprontar para a interminável sessão de provas desta tarde com madame Windale.

Vozes acaloradas elevavam-se nas adjacências da sala de costuras. Ao abrir a porta, encontrei mamãe, Melissa, madame Windale e suas auxiliares, e também Meredith, minha irmã querida! A diferença entre Melissa e Meredith era de quase dois anos. Como era bom encontrá-la depois de tanto tempo longe uma da outra! Sem me conter de saudade, dei-lhe um abraço bem apertado.

— Mas que surpresa maravilhosa é essa, mamãe?! Por que não me comunicou da vinda de Meredith para Greenfield House?! — perguntei, virando o rosto para fitá-la.

— Ora... sequer a vimos direito nesses dias... E na hora do almoço, não me ocorreu avisá-la da sua chegada — repreendeu mamãe nas entrelinhas minhas constantes ausências.

— Não há problema algum... — adiantou-se Meredith com um feliz sorriso estampado em seu semblante, pegando minhas mãos entre as suas. — De mais a mais, o importante é estarmos juntas!

— Sem sombra de dúvidas! — confirmei toda contente. — E Charles veio com você?

— Sim, veio. Está numa entretida conversa com papai na biblioteca, atualizando os assuntos de meses! — E continuou: — O único senão da viagem foi deixarmos o pequeno Edward em Londres. Se somente vamos ficar durante o final de semana, seria uma viagem muito cansativa para uma criança. E como o trabalho na embaixada exige muito de Charles, dando-nos pouco tempo juntos, decidimos aproveitar esse período sozinhos.

— A vida de diplomata não deve ser nada fácil... — disse, em apoio a sua decisão de virem sós. — Porém, deve ser extremamente interessante viajar para países exóticos, como vocês fazem...

— Bem, meninas... — disse mamãe interrompendo a conversa e nos trazendo de volta à insípida realidade da sala de costura. — Será que madame Windale pode mostrar as encantadoras roupas confeccionadas?

— Claro! — concordou Meredith prontamente, ao que assenti com a cabeça.

As horas passaram depressa. Provei dezenas de vestidos, blusas, saias, luvas, acessórios dos mais variados, tais como: sapatos, chapéus, bolsas e sombrinhas. A profusão de adereços era

assombrosa. Fiquei me perguntando se algum dia precisaria novamente comprar roupas novas; aquilo tudo daria para a vida inteira!

Graças aos espirituosos comentários e observações de Meredith as conversas transcorreram descontraídas, sobressaindo no ambiente um clima de harmonia e diversão.

Apesar do sossegado desfecho do dia, os sonhos desta noite foram tumultuados. Como acontecia desde a infância, estava num mar revolto, sendo desesperadamente tragada por forças poderosas, desaparecendo na escuridão. Inesperadamente, surgia um homem vigoroso e de abundante cabeleira branca com uma afiada espada sarracena direcionada sobre a minha nuca, pronto para me decapitar sem piedade. Seus gélidos olhos verdes, como translúcidas pedras de jade, encaravam-me com indisfarçável hostilidade. Impotência e sofrimento envolviam minhas emoções, numa angústia sem fim.

Sentando-me abruptamente na cama, acordei assustada. Gotas de suor brotavam nas têmporas. Tantas vezes tivera esse mesmo pesadelo que não lhe dava mais tanta importância, sequer conjecturava sobre o seu significado. Se é que tinha algum! Respirando profundamente, aguardei o coração retornar ao ritmo normal. A percepção da realidade acalmou-me. Sonolenta, abandonei-me outra vez nos braços de Morfeu.

No início da tarde, os convidados começaram a chegar para o final de semana. A maioria ficou descansando nos seus respectivos aposentos. Como não tinha escolhido o vestido que usaria naquela noite, resolvi me antecipar, no intuito de evitar atrasos. Depois de provar quase metade do meu guarda-roupa, continuava indecisa. O pior foi constatar que todos deveriam estar prontos. Até Meredith, que nunca foi um primor de pontualidade, estava arrumada na minha frente! E o resultado era deslumbrante. Seus cabelos pretos estavam presos num penteado no alto da cabeça, enfeitado por presilhas prateadas. O vestido verde-escuro, de corte clássico, realçava os expressivos olhos verdes. Sem falar na pele leitosa e no sorriso contagiante, sua marca mais característica. Também usava um conjunto de brincos e colar de brilhantes com esmeralda, sendo plenamente justificável a visível adoração de Charles Leatham, seu marido.

— Katherine, eu não acredito que você ainda está deste jeito! Tem noção de que horas são?! — indagou Meredith fechando a porta atrás de si e me fitando com espanto.

— Eu sei do meu atraso... Já revirei meu armário pelo avesso e não cheguei a nenhuma conclusão — expliquei apontando para minhas roupas sobre a cama.

Sem paciência com tanta indecisão, Meredith falou com entonação que não admitia contestação:

— Pegue qualquer vestido, senão você apenas ficará pronta para o café da manhã! Sugiro o vestido azul-lavanda com apliques de cristais que está aí em cima. Certamente lhe cairá muito bem. Coloque o conjunto de pérolas que papai lhe deu de presente em seus quinze anos, e pronto! Espero encontrá-la no salão em quinze minutos. Caso contrário, eu virei arrastá-la do jeito que estiver vestida. Compreendido? — ordenou Meredith, deixando-me sozinha no quarto.

Dadas as circunstâncias, minha camareira Marianne empenhou-se em ultimar a toalete o mais rápido possível, quase me deixando sem respirar de tanto ajustar o maldito espartilho! A escolha de Meredith mostrou-se acertada. Satisfeita com o resultado, desci as escadas até o local do baile.

O salão fervilhava de convidados, o que de certa forma atenuou o meu atraso. Dificilmente alguém notaria a minha ausência naquela multidão. O mármore branco do piso praticamente sumira.

Em seu lugar, vestidos e trajes festivos coloriam o ambiente. Centenas de lâmpadas a óleo e velas derramavam sua luminosidade amarelada, cintilando os cristais dos extraordinários lustres e refletindo as imagens nos grandes espelhos, estrategicamente pendurados nas paredes forradas de seda bege. As fantásticas pinturas do teto, molduradas com rebuscados frisos dourados, renasciam no esplendor da intensa luz. A orquestra mantinha o espaço de danças lotado. Totalmente abertas, as enormes janelas de esquadrias brancas permitiam entrar uma tênue brisa primaveril. Uma eufórica animação podia ser percebida à medida que circulava entre os presentes. Após cumprimentar diversos conhecidos, localizei Susan Sutherland e segui em sua direção.

— Que bom reencontrá-la, Susan! — disse efusivamente, tocando-lhe afetuosamente as mãos.

— Também é uma alegria revê-la, Katherine!

— Fiquei na maior expectativa de encontrá-la quando soube deste final de semana.

— Há meses não nos vemos... E esse distanciamento é culpa sua! É uma dificuldade para se afastar de lady Melbourne! Nunca vi uma sobrinha tão devotada... — alfinetou Susan chateada.

— Não seja ciumenta! O problema é que diante da iminente viagem a Londres, fui forçada a me dedicar a outras atividades. Você sabe que mamãe está a todo instante me vigiando e cobrando a minha presença nas aulas da Srta. Collins, dificultando sobremaneira qualquer visita a Tree Oaks.

— Tudo bem. Você sempre tem uma resposta convincente para me dar — respondeu Susan conformada, com um sorriso insinuando-se no rosto. — Eu não sei por que insisto em convencê-la a ter uma vida social mais dinâmica!

— Fico grata em saber o quanto eu sou persuasiva — externei com expressão estudadamente angelical. Neste instante, Henry Sutherland, irmão de Susan, aproximou-se de nós.

— Boa noite, lady Katherine! — saudou Henry, gentil, inclinando-se às minhas mãos para beijá-las, numa atitude cavalheiresca. — A cada reencontro, surpreendo-me com o seu inesgotável encanto.

— Você continua o mesmo... — observei lisonjeada.

Desviando o foco da conversa, indaguei:

— Como está a faculdade de medicina? Pensei que ainda estivesse em Cambridge.

— Vim passar alguns dias do recesso em Tree Oaks, mas retornarei na próxima semana — detalhou Henry com charme.

— Pena a sua estada entre nós ser tão curta. Afinal, faz mais de um ano que não o via.

— Então, vamos aproveitar esta noite juntos! Gostaria de dançar?

— Será uma honra — aceitei o convite sorrindo.

Pousando suavemente minha mão em seu braço, Henry conduziu-me para o espaço de danças, onde ecoava a cadência de uma valsa vienense. Há meses não me divertia como naquela noite. Henry era um homem atraente que agia com desenvoltura e possuía traços marcantes. E o tempo parecia contribuir, enfatizando seus predicados, pois os longos cabelos ruivos, os profundos olhos cinza, associados a sua significativa estatura, formavam um conjunto formidável. Não era de estranhar os furtivos e invejosos olhares que as dissimuladas irmãs Samantha e Jennifer Thompson lançavam em minha direção.

Também percebi ser inevitável afastar o encantamento que sentia, principalmente porque seus braços rodeavam o meu corpo e transmitiam uma aprazível sensação de bem-estar. Por isso, decidi desfrutar daquele contato sem me preocupar em categorizar os sentimentos. Depois de duas músicas, paramos de dançar para tomar refresco.

Ao passar próxima à mesa onde as bebidas eram servidas, divisei Vanessa Cavendish e Susan,

ambas sentadas num dos pequenos sofás dourados que circundavam o salão. Solicitei a Henry para irmos ao encontro delas, sendo prontamente atendida. Após cumprimentar Vanessa, Henry pediu licença e se afastou, para falar com alguns conhecidos.

— Pela dificuldade em localizá-la na festa conjecturei ter ocorrido algum contratempo, impossibilitando-a de comparecer nesta noite a Greenfield House — externei afetuosamente para Vanessa. — Faz muito tempo que não nos encontramos...

— Todavia, quem desapareceu foi você — reclamou Vanessa sem meandros.

— Eu já falei o mesmo para ela — reiterou Susan.

— Parece que eu ando negligenciando minhas amizades — concluí politicamente.

— Realmente, você agora compreendeu o ponto central da questão — sintetizou Susan.

— Mil desculpas — respondi com sinceridade. — O fato é que vocês não têm ciência dos transtornos que venho enfrentando para ser apresentada à sociedade. São aulas de piano, de título de nobreza, de dança, de boas maneiras e mais uma infinidade de outras inutilidades! Estou muito atarefada tentando assimilar tudo isso... Os intervalos que sobram não são suficientes para sair de Greenfield House e conseguir visitá-las!

— Katherine, não exagere tanto! — disse Vanessa com ponderação. Sabemos que tais questões sempre foram mais complicadas para você, mas não é nada tão ruim como acabou de descrever.

— Detesto discordar da sua opinião — afirmei desanimada. — O pior é que mamãe está com o firme propósito de arranjar um marido para mim nesta temporada... É uma pressão insuportável! Vocês conhecem o temperamento de lady Northwick e sabem como seu humor pode tomar rumos imprevisíveis ao ser contrariada.

— Nesse ponto, eu sou forçada a concordar — solidarizou-se Susan, sem ocultar uma pontada de pena no seu tom de voz. — Conhecendo-a há tantos anos, posso deduzir os seus atuais percalços — falou com cuidado para não soar deselegante.

— E creiam que não está sendo fácil... — respondi com desalento.

No intuito de direcionar a conversa para outros tópicos, indaguei para Vanessa:

— Tem visto John Harvey ultimamente?

— Praticamente toda semana nos visita em Riverstone. No entanto, ainda não formalizamos nada... — lamentou-se Vanessa. — Não sei como reverter esse cenário.

— Não fique assim... Eu tenho absoluta convicção do amor de John Harvey por você! — toquei-lhe as mãos com carinho na tentativa de confortá-la. — Basta observar a forma apaixonada com que a trata. Talvez esteja inseguro em consolidar um compromisso definitivo... — ponderei na esperança de apaziguar seus temores e justificar essa inexplicável conduta reticente.

Anunciado o jantar, dirigimo-nos para o salão onde os convidados aguardavam confortavelmente sentados, em mesas circulares, as comidas que seriam servidas, as quais foram antecipadamente divulgadas num menu escrito em francês. Exuberantes arranjos com múltiplas rosas brancas intercaladas com hortênsias azuis e verdes enfeitavam o lindo recinto. A prataria, louças e cristais artisticamente posicionados sobre as mesas despertavam a admiração de todos os presentes. Os lugares eram marcados. No meu lado direito, sentou-se Joseph Thompson, um senhor que beirava uns sessenta anos, dotado de um inigualável senso de humor. Tal fato contribuía sobremaneira para enfatizar a antipatia de suas filhas Samantha e Jennifer. E, no meu lado esquerdo, acomodou-se Henry Sutherland.

Joseph Thompson, com sua voz de barítono, conduzia a conversa, ao discorrer animadamente

sobre a sua última temporada em Londres, fazendo divertidos e espirituosos comentários sobre as idiossincrasias da alta sociedade inglesa. Entretanto, Henry foi quem monopolizou a minha atenção. Os assuntos foram diversificados, despertando as reminiscências da época em que fazíamos peripécias escondido das nossas babás, sem se falar em questões mais recentes, como a decisão de cursar a universidade de medicina há quatro anos. Foi uma refeição deliciosa.

— Lady Katherine... Amanhã, contaremos com a sua participação na caça à raposa? — indagou Henry com charme, embora antevisse a resposta.

— Seguramente. Não perderia este momento por nada! Em minha opinião, será o evento mais interessante do final de semana. No ensejo, poderei apresentá-lo a Raio Dourado. Verá como é esplêndido!

— Confio na sua avaliação. Milady sempre provou ter um talento especial para descobrir animais promissores.

Concluído o jantar os homens permaneceram para fumar e tomar um conhaque, enquanto as mulheres se retiraram para bebericar licor e saborear alguns biscoitos na sala de visitas. Não demorei muito por lá, porque já era bem tarde e na manhã seguinte queria estar desperta cedo e com muita energia para a caçada.

O sol raiou majestosamente no horizonte, afastando as disformes sombras noturnas, tingindo a aurora de tonalidades púrpura e alaranjada. Com a disposição típica de quem passou uma restauradora noite de sono, levantei da cama e pus uma roupa de caça preta, confeccionada em sarja, composta de uma longa e cinturada jaqueta com fenda nas costas, saias e culotes para proteger as pernas, colete, botas de montaria e luvas de couro, uma sofisticada cartola com delicado véu igualmente negro, blusa branca de mangas e um lenço de idêntica cor na altura do pescoço, para a aguardada caça à raposa, que era normalmente uma acirrada e emocionante competição. O chá matinal trazido numa pequena bandeja de prata por Marianne ao me despertar permitiria enfrentar saciada as primeiras horas do dia. Nessas ocasiões, não se utilizavam armas de fogo.

Seguindo minhas orientações, Marianne avisou Jonathan Smith do meu propósito de montar Raio Dourado. Ao descer as escadas, observei a casa em frenética e incessante atividade. A senhora Rosie Percy, atual governanta de Greenfield House, parecia estar inteiramente absorvida com os preparativos. As arrumadeiras, lacaios, camareiras e valetes seguiam afobados pelos corredores. E pelo que testemunhei, ao dar uma espiada pelas janelas que se descortinavam para o pátio em frente ao jardim, as montarias já esperavam seus condutores. O torneio prometia ser concorrido, pois tinha mais de dezoito cavalos preparados pelos cavalariços!

O chefe dos guarda-caças, Mitchell Brown, encontrava-se a postos, indicando que a raposa a ser perseguida estava no local propício, aguardando o sinal para ser solta. Em Greenfield House, as caçadas eram muito valorizadas. Papai era um exímio atirador e entusiasta deste tipo de entretenimento, em suas mais distintas modalidades, sobretudo quando tratava de caçar aves e animais silvestres. Por isso, há cercados na propriedade com criação de faisões e coelhos que garantem anualmente uma significativa quantidade e variedade de animais nos bosques. Na primavera, eles são soltos para se desenvolverem pelos platôs e campos até a abertura oficial da temporada de caça, conferindo prestígio para a região.

A importância das caçadas é tamanha em Greenfield House que todos os eventos são atentamente

registrados pela governanta no livro de caça, de acordo com as informações transmitidas pelo chefe dos guarda-caças. Tudo é devidamente anotado; desde o tempo gasto na atividade, os tipos abatidos e os respectivos pesos. O que demanda um verdadeiro ajuntamento de homens para desempenhar as funções de guarda-caça, subguardas e batedores.

Sob a diligente supervisão de Mitchell Brown, alguns cavaleiros já esperavam dar a hora agendada para o início do torneio. Uma vez montada em Raio Dourado, localizei Henry Sutherland. Decididamente, ele fazia uma figura bastante distinta e elegante, com botas de cano alto pretas, calça bege-clara que realçava suas fortes e musculosas pernas, jaqueta escarlate de caimento perfeito com botões dourados e apliques pretos no punho e gola, camisa branca e colete marrom, arrematado por lenço branco no pescoço, cartola e luvas pretas. Uma visão tentadora, forçadamente admiti para mim mesma.

Assim que me avistou, Henry mudou a direção da montaria e veio ao meu encontro. Interpretei ser aquela atitude um bom sinal. Ao se aproximar com o garanhão castanho, captei seu penetrante olhar.

— Bom dia, lady Katherine! Pelo visto, o ar matinal tem o dom de intensificar a cor dos seus magníficos olhos.

— Bom dia! Obrigada pelas suas gentis palavras. Provavelmente, a minha fisionomia transparece o meu entusiasmo com o torneio.

— Alguma de suas irmãs juntar-se-á à caçada? — questionou Henry olhando para a porta principal da mansão, como se estivesse à espera de outras pessoas.

— Infelizmente, não — disse polidamente. — Melissa não simpatiza com cavalos. Para ser precisa, ela tem verdadeiro pavor de subir em tão doces e meigas criaturas — narrei, acariciando afavelmente o pescoço de Raio Dourado. — Quanto à Meredith, embora aprecie cavalgar, prefere permanecer distante de caçadas por achá-las excessivamente arriscadas, escolhendo ficar em segurança com os demais convidados.

— Vejo que o espírito aventureiro de lorde Northwick ficou restrito a você!

— É o que tudo indica... É óbvio que mamãe não aceitou radiante a minha participação no evento. Queria que Smith me acompanhasse. Entretanto, como Susan também estará conosco, ficou numa situação complicada para me proibir ou impor a presença do chefe dos cavalariços, principalmente diante do irrestrito apoio de papai ao meu desejo de integrar o grupo.

— Por falar em Susan, lá está ela! — informou Henry, acenando para que pudesse nos identificar entre os demais competidores.

— Confesso estar começando a ficar aflita com a sua demora.

O pátio da entrada estava repleto de cavaleiros. Os feixes de luz do alvorecer sobre a fachada neoclássica de pedra marfim de Greenfield House conferiam um efeito cintilante, semelhante ao verificado nas pérolas. Os cães já latiam por todos os lados. Tinha pelo menos uns quarenta nos rodeando em sua cacofonia de sons e movimento, barulho atenuado pelo repousante murmurejar da fonte que representava de forma grandiosa as figuras mitológicas de Apolo e Daphne. Os lacaios, em seus uniformes engomados e impecáveis, zelavam pelo bem-estar dos cavaleiros, servindo vários tipos de bebidas e comidas, enquanto Dodgson acompanhava com atenção o desenrolar da cena. Com a mão pousada numa das quatro colunas do frontispício, Susan perscrutava com divertimento a animação dos participantes. Ao nos localizar, desceu as escadas, aproximando-se de nós.

— Bom dia, Susan! — falamos em uníssono.

— Bom dia! A caçada promete ser sensacional, não acham?! Vejam que sol lindo está fazendo...

— Se demorasse mais ia enviar uma mensagem aos seus aposentos para saber se tinha acontecido algo com você — externei com preocupação.

— Não precisava tanto... Ainda faltam cinco minutos para o horário marcado e nem todos os inscritos devem estar por aqui. Pelo menos é o que deduzo destas montarias vazias espalhadas a nossa volta.

— A despeito disso, logo não tardará a começar.

Ao som do apito, saímos em desabalada carreira. Raio Dourado, fazendo jus ao seu nome, parecia levitar sobre os campos de Greenfield House, mal tocando o solo entre suas leves passadas. Quando me dei conta, estávamos bem à frente, com mais cinco cavalheiros, os demais participantes vinham atrás. Prossegui no mesmo ritmo, absorvida pelo idílico momento. Por isso, não notei o quanto havíamos nos afastado do restante do grupo. Sem premeditar, vi que Henry e eu adentrávamos numa estreita estrada de terra batida. Cansados do esforço, diminuímos a passada, dando trégua para os animais. Minutos depois, avistamos o rio Nave com suas águas transparentes.

— Suponho que nos perdemos dos demais — constatei em voz alta. Em seguida, esquadrinhei os lados para me certificar de minhas palavras.

— Não há com o que se preocupar. Daqui a pouco localizaremos o grupo outra vez. Que tal apearmos para darmos algum descanso às montarias? — propôs Henry com voz tranquilizadora.

— Talvez seja uma boa sugestão. Ainda teremos todo o caminho de volta pela frente.

Desci do cavalo e puxei Raio Dourado até a sombra refrescante da vegetação elevada e amarrei suas rédeas no tronco de uma árvore. Em seguida, fui até a margem para aplacar a minha sede. Sentei numa pedra e, com as mãos em concha, levei o líquido cristalino aos lábios. Ao levantar, observei que Henry estava próximo demais. Seu olhar penetrante me envolveu e suas mãos tocaram meu rosto carinhosamente. Fiquei paralisada. Lentamente seus lábios foram em busca dos meus, que não ofereceram nenhuma resistência. O contato foi gentil e suave. Pouco a pouco, senti uma pressão mais intensa sobre os lábios, forçando-me a entreabri-los. Sua língua invadiu minha boca, provando e provocando o seu sabor, diminuindo gradativamente a intensidade. Quando nos distanciamos ligeiramente, pude fitá-lo diretamente nos olhos. Surpreendi-me ao ver paixão e calor nos intensos olhos cinzentos de Henry.

— Foi inevitável, Katherine... Você está simplesmente irresistível, principalmente depois desta cavalgada desenfreada.

— Não é necessário se justificar, pois nada do que fiz foi forçado. Apenas estou um pouco confusa... Sugiro voltarmos o quanto antes ao torneio, senão despertaremos comentários indesejados sobre o nosso sumiço.

— Você tem toda razão — concordou Henry de imediato.

Pegamos as rédeas dos animais e montamos novamente. Passados alguns minutos vimos quatro integrantes da competição. Os meus pensamentos estavam em total desordem. O pior seria encarar Henry das próximas vezes que o encontrasse — conjecturei constrangida. Afirmar que não gostei de ser beijada por um homem atraente como Henry seria uma deslavada mentira. Contudo, esperava sentir algo mais intenso e forte... capaz de fazer meu coração palpitar descoordenado. Quem sabe os beijos subsequentes trouxessem essa emoção.

Ainda cavalgamos por mais uma hora. Finalmente, reunimo-nos aos demais participantes. O vencedor foi Joseph Thompson. Sua atuação tinha sido dotada de grande habilidade ao encurralar a raposa nos arredores do lago Gretna. Feito que lhe rendeu veementes elogios dos participantes do

torneio. O clima de camaradagem era contagiante. Todos queriam narrar algum episódio singular da caçada. No regresso, embora não tenhamos combinado, Henry e eu guardamos uma prudente distância um do outro. As lembranças do ocorrido às margens do rio Nave ainda eram demasiado vívidas. Um pouco de isolamento ajudaria a recolocar nossos sentimentos nos devidos lugares.

Risos e descontraídas conversas reverberavam através dos jardins de Greenfield House. Diversos toldos brancos, mesas e cadeiras foram armados no gramado, com a intenção de acomodar confortavelmente os convidados. Os lacaios não paravam de circular com travessas repletas de deliciosos canapés, e comidas variadas estavam dispostas sobre uma grande mesa na tenda principal. Vinhos e refrescos passavam em abundância nas bandejas de prata. Como pano de fundo, um conjunto musical dava um toque especial para o almoço daquela ensolarada tarde. Uma brisa refrescante amenizava a temperatura mais elevada do que a usual, deixando o ambiente agradável.

Vanessa Cavendish estava conversando com Samantha e Jennifer Thompson numa das tendas. Por isso, segui em outra direção, pois não tinha a menor disposição de suportar os comentários maldosos das irmãs Thompson. A sua vez, Susan Sutherland parecia entretida num divertido debate com Melissa e Meredith. Aparentemente, todos os hóspedes foram enredados pela atmosfera festiva.

Andando aleatoriamente pela casa, acabei entrando na biblioteca. Não estava propensa a partilhar de toda aquela animação. Enquanto procurava nas estantes abarrotadas de livros um que pudesse prender a minha atenção, a porta foi aberta dando passagem a ninguém menos que Henry Sutherland. Meu coração deu um salto ao escutar sua voz.

— Pelo que posso constatar, não estamos muito empolgados com o almoço no jardim... — observou, à medida que diminuía o espaço entre nós.

— É verdade. Tentei ficar por lá... Porém, senti não comungar de toda essa movimentação.

— Estive refletindo sobre os últimos acontecimentos desta manhã... — começou Henry com voz tensa, encarando-me com sinceridade. — Talvez não tenha sido a conduta adequada para um cavalheiro, todavia, devo reconhecer que sempre tive uma atração por você.

— É tudo tão inesperado... Não sei o que pensar... Sempre o encarei como um amigo leal e sincero. Considero-o bonito, elegante e atraente. Ocorre que não acho acertado assumir um compromisso, porque você retornará a Cambridge e ficaremos meses ou até mesmo anos afastados um do outro.

— Efetivamente, a separação não seria nada fácil de ser contornada. Eu ainda terei um ano em Cambridge, fora os estágios nos hospitais de Londres — concordou Henry com relutância. — Peço-lhe apenas, em nome desta amizade, para você não fechar o seu coração para a possibilidade de ficarmos juntos um dia...

— Você é uma pessoa especial para mim. Entretanto, não podemos antever o futuro, nem fazermos promessas desse tipo. Você sabe disso! — disse com suavidade e firmeza.

— Às vezes, eu me espanto com sua forma extremamente lógica de expor seus pontos de vista. Talvez esse seja um dos traços de personalidade que mais admiro em você. Detesto admitir, no entanto, sou compelido a reconhecer a verdade das suas palavras. Mesmo assim, confesso que você é uma mulher inesquecível.

Neste instante, senti as mãos de Henry ao redor da minha cintura, puxando-me ao encontro de seu corpo. Suas mãos subiram até meu pescoço e seu olhar foi direto para minha boca. Percebi que seria

inevitavelmente beijada, e, tal qual a primeira vez, não esbocei resistência. Sua boca tomou a minha com desejo, fazendo-me abraçá-lo para poder me sustentar dignamente em pé, dado o turbilhão de sentimentos vivenciados. Esqueci por completo onde estávamos e os riscos de sermos descobertos por qualquer pessoa que, inadvertidamente, entrasse na biblioteca. A única coisa que interessava era estar em seus braços fortes, perdida em emoções desconhecidas.

— É melhor pararmos, Katherine — verbalizou Henry rouco, ainda me mantendo envolta em seus braços. — Quem sabe o destino não permitirá nossos caminhos se reencontrarem...

— Tudo é possível... — respondi enigmática, ao me desvencilhar de seus braços e caminhar para a porta da biblioteca.

Regressei para a festa depois de dar uma cuidadosa conferida na minha aparência no espelho do corredor. Não queria que ninguém suspeitasse do ocorrido na biblioteca. O almoço já tinha sido servido. Para minha felicidade, podia conversar com Vanessa Cavendish, agora sentada na mesa localizada no canto esquerdo do jardim. Aproximei-me e tomei assento numa cadeira ao seu lado.

— Olá! Felizmente você sobreviveu às Srtas. Thompson. Admiro a sua habilidade de enfrentá-las sem se alterar.

E prossegui num gracejo despretensioso:

— Preciso tomar lições de convivência social com você, em vez de desperdiçar tardes inteiras com as lições da monótona Srta. Collins. Como pode testemunhar, as aulas não andam servindo para muita coisa!

— Elas não são do jeito que você as descreve... — abrandou Vanessa politicamente.

Realmente são bem mais perigosas! — ponderei com meus botões.

— Está vendo como tenho total razão?! Você é a pessoa ideal para eu me espelhar quando se trata de contornar situações sociais embaraçosas.

— Você por acaso viu Henry Sutherland depois da cavalgada? Não o vi hoje.

— Não o encontrei depois disso — informei evasiva.

— Tive a forte impressão de que ele está mais encantado por você do que das outras vezes.

— Não seja boba — falei, na tentativa de despistar Vanessa. — Henry Sutherland e eu apenas somos velhos amigos e não há nada de diferente nisso. As pessoas é que ficam inventando coisas onde não existem, para satisfazer a necessidade de novidades. Sempre seremos bons amigos!

— Você pode não ter percebido os olhares e modos cavalheirescos, mas a maioria dos convidados provavelmente notou... A propósito, soube que vocês se perderam do restante do grupo hoje pela manhã.

— E então... A sorte foi que não deu muito tempo e reencontramos os outros cavalheiros — fiz-me de desentendida.

Mudando propositalmente de assunto, indaguei sorridente:

— Você irá a Londres nesta temporada de verão? Acabou de passar pela minha cabeça que não terei ninguém para me salvar, caso eu me meta em situações difíceis. E dado o meu histórico, isso é o mais provável de acontecer!

— Independentemente disso, você se sairia muito bem sem mim — profetizou Vanessa divertida, encorajando-me.

Sem querer polemizar, a conversa enveredou para outros temas, como os diversos passeios e excursões imperdíveis de se fazer em Londres. Esta nova perspectiva da viagem me animou consideravelmente, reconsiderando a minha opinião original. Se eu iria de qualquer forma,

aproveitaria para explorar a cidade nos mínimos detalhes.

CAPÍTULO 2

Das janelas da carruagem avistavam-se vilarejos e imensos vazios, cobertos pela vegetação exuberante, com variadas gradações de verde. As rodas chacoalhavam indiferentes contra a dura, poeirenta e pedregosa estrada. Fiquei contemplando por horas a harmônica paisagem, permitindo-me dimensionar o quanto foram atribuladas essas últimas semanas. Tive aulas com a Srta. Collins quase todos os dias. Como se não bastasse, passei sucessivas manhãs como uma estátua, por conta dos detalhes finais nos vestidos de madame Windale. Sendo justa, posso dizer que o único momento descontraído foi a minha visita à Susan Sutherland em Tree Oaks, embora seu irmão já tivesse voltado para Cambridge.

Inobstante a contradição do sentimento, sinto uma onda de alívio apossar-se de mim por finalmente estar a caminho de Londres. A expectativa da viagem estava me consumindo dia após dia. A capacidade do ser humano de criar realidades idealizadas acaba gerando situações piores do que as realidades concretas da vida. Era exatamente isso que estava sucedendo comigo. De tanto pensar sobre as implicações da viagem a Londres, acabei fantasiando uma série de contextos desvinculados do mundo real. De qualquer forma, dentro de mais um dia estaremos em Londres e a realidade se sobreporá à imaginação.

O coche abandonou a rota principal e enveredou num atalho que levava a uma escondida via marginal. Ao longe se enxergava um prédio antigo, mas muito bem preservado por seus zelosos proprietários. Deduzi ser a rústica construção a hospedaria, na qual passaríamos a noite. Eu estava profundamente aliviada com a perspectiva de esticar as pernas e de poder comer uma refeição quente e decente. Desde o início da viagem poucas foram as paradas.

Ao descer os degraus da carruagem estranhei colocar os pés em solo firme. De tanto sacolejar o dia inteiro em seu interior, sentir-me novamente grudada ao chão passava a ser uma sensação esquisita. Ao entrar na estalagem, fui envolvida pelo burburinho de vozes e pelo aroma típico de comida recém-preparada. A deficiente iluminação do lugar dificultava a visão, sobretudo em virtude da fumaça que emanava da cozinha e se infiltrava pelo salão. Em que pese a parca luminosidade, percebi os olhares de interesse dos demais hóspedes voltados ao nosso grupo. Ao intuir a nossa presença, o dono da estalagem saiu rapidamente de trás do balcão e dirigiu-se com um grande sorriso de satisfação em seu rosto para cumprimentar meu pai, enxugando as mãos em seu avental visivelmente gasto. Embora o assoalho da hospedaria precisasse de polimento e trato, as mesas espalhadas no andar de baixo do estabelecimento tinham toalhas limpas e utensílios relativamente bem conservados.

A Sra. Bancroft, mulher do dono da hospedaria, conduziu-nos até os fundos do salão onde havia uma estreita escada de madeira que dava em um corredor dominado pela penumbra. Os nossos quartos ficavam no final e, tal qual imaginava, embora fossem de mobiliário simples, exalavam um agradável perfume de que foram limpos minutos antes de pormos os pés em seu interior. A refeição

foi servida no quarto. Papai e mamãe não acharam próprio para uma jovem dama ficar num ambiente cheio de pessoas estranhas, pois a maioria dos hóspedes eram viajantes estrangeiros, com costumes muito diversos dos nossos. Coube a Marianne me fazer companhia à noite. Meus pais foram instalados em outro quarto, grudado ao meu.

Seguimos viagem nos primeiros raios da manhã. Paulatinamente, a paisagem rural foi cedendo lugar ao barulho e à confusão da cidade, com suas ruas apinhadas de gente e seus prédios suntuosos e elegantes. A transformação no humor de mamãe, à medida que nos aproximávamos de Londres, foi visível. A excitação e a presciência de estar no final da viagem deram-lhe uma energia e uma vivacidade não externadas durante o trajeto. Quase não acreditei quando o coche estacionou diante dos portões de nossa residência na Grosvernor Square, no aristocrático distrito de Mayfair. Fazia tantos anos que não vinha a Londres que eu nem recordava como era a sua arquitetura, porque eu sempre arrumava uma desculpa esfarrapada para ficar em Greenfield House.

A procissão de arcas, malas, baús e valises parecia não ter fim. O exagero das bagagens era tamanho que foram necessárias três carruagens para transportar tudo! Ao entrarmos em casa, Robert Stanley, barão de Brentwood, e Cristine já estavam a nossa espera na sala de visitas. Pelo menos, eu colocaria os assuntos em dia com minha irmã. Não nos víamos desde o seu casamento, no final do ano passado. Em minha opinião, Cristine era a mais bonita da família, com cabelos castanho-claros, feições finamente talhadas, olhos verdes e sorriso angelical. Levando em consideração a aparência atual, não restava dúvida: sua beleza se superava a cada reencontro.

Apesar da extensa viagem, mamãe mandou preparar um delicioso jantar, em que debatemos animados os episódios e recentes acontecimentos. De acordo com Cristine, esta temporada seria bastante concorrida. Várias famílias estariam trazendo suas filhas para serem apresentadas à sociedade. A nuance de preocupação na voz de Cristine quase me fez rir, mas mantive a compostura, evitando novas polêmicas. Imagine se eu iria me abalar com isso! Para alguém que não desejava se casar, quanto mais concorrentes... melhor! De toda forma, essa notícia me tranquilizou sobremaneira, pois a probabilidade de arranjar um casamento indesejado reduziu-se drasticamente.

No primeiro dia em Londres, a programação seria inaugurada em grande estilo. Iríamos assistir à *Semiramide*, de Gioacchino Rossini, no Covent Garden. Meus olhos flamejaram de excitação, quando mamãe falou a novidade no café da manhã. Diante da cansativa viagem da véspera, preferi passar o dia descansando, para aguentar com disposição a ópera marcada para aquela noite. Por ser a minha primeira aparição, Marianne preparou um aromático banho de banheira defronte à lareira e escolheu um dos mais esplendorosos vestidos de gala confeccionados por madame Windale. O penteado também foi executado com maestria. Depois dos inúmeros preparativos necessários para concluir uma toalete feminina, desci para aguardar mamãe e papai na sala de estar.

Nas ruas uma verdadeira multidão andava em todas as direções. A cidade não dormia à noite, fervilhando de diversão, restaurantes e atividades noturnas. Carruagens, carroças, charretes, cavalos e pedestres disputavam cada reentrância e espaço vazio. Os postes, com suas lamparinas a óleo, derramavam um reflexo amarelado sobre as calçadas. Um frenesi sobrelevava-se invisível no ar, tornando-o caloroso e vibrante, quase perceptível ao suave toque das mãos. O intenso movimento

atingia os passantes, arrastando-os na contagiante alegria dos encontros e reencontros sociais, depois de meses afastados em suas casas de campo. Londres era o centro do mundo para aquelas pessoas. Tudo o que havia de mais importante acontecia nos seus salões e alinhados ambientes festivos.

Atravessamos os rebuscados portões do teatro pontualmente às vinte horas. Meredith, Charles, Cristine e Robert nos aguardavam ansiosos no saguão. Pelo contínuo fluxo de pessoas se entrevia que o espetáculo estava com a lotação esgotada.

— Que bom que chegaram... Estava tensa com a demora de vocês — disse Cristine com seu rigor britânico.

— Nós estamos na hora! Não sei por que tanta antecedência — falou mamãe com serenidade. — Vamos tomar nossos lugares no camarote, antes que comece o espetáculo.

— Acho uma excelente ideia — reiterou Meredith.

Conquanto tenha resistido em participar da temporada, não podia negar o meu sincero e real interesse na programação. Afinal, não é sempre que se assistia à montagem de uma ópera de Gioacchino Rossini sobre a legendária rainha Semíramis. Para os historiadores, ela e o rei Ninus, seu esposo, fundaram o Império Assírio. Consciente da sua beleza artística e intelectual, acompanhei atentamente os mínimos detalhes do que ocorria no palco.

No intervalo da ópera, contemplei a extraordinária decoração do teatro e seus camarotes revestidos de veludo vermelho, paredes com delicadas figuras florais esculpidas em dourado, enorme escadaria de mármore e colunas majestosas. Gigantescos lustres de cristal, com sua luz faiscante, embelezavam o recinto. Homens e mulheres vestiam-se com esmero, com a deliberada intenção de rivalizar a opulência que os rodeava. O incessante cintilar de tecidos finos e bordados, leques de renda francesa e madrepérola, binóculos de ouro cravejados com pedras preciosas, além de consideráveis joias, eram ofuscantes. Nunca havia testemunhado semelhante exuberância!

Mamãe parecia contente e satisfeita com o meu comportamento. Como não podia deixar de ser, no percurso até o salão fui apresentada a várias damas da alta sociedade londrina, que se mostraram simpáticas e atenciosas ao nos chamar para diversos eventos. A tirar pelo número de convites, compreendi que as vinte e quatro horas de um dia não seriam suficientes para as incontáveis festas, atividades recreativas e esportivas, inclusive partidas de críquete de Eton College e Harrow School e a famosa Henley Royal Regatta.

O meu desempenho desta noite terminou por tranquilizar mamãe, atenuando as cobranças e sua cerrada vigilância. Por conseguinte, seria possível conhecer Londres da forma como sempre sonhei! Como a apresentação oficial à Corte, quando se formalizava a abertura oficial da temporada e o tradicional baile oferecido na mansão do duque de Wessex, estava marcada apenas para a próxima semana, eu teria tempo para perambular livremente por toda a cidade, sem precisar de subterfúgios para escapar dessa agenda coalhada de obrigações sociais, fazendo valer aqueles inicialmente indesejados dias em Londres.

Comecei minha excursão pelo Palácio de Buckingham. Como não era apropriado andar desacompanhada pelas caóticas ruas de Londres, fui com Marianne. Coube ao arquiteto John Nash, a pedido do rei Jorge IV, transformar a Buckingham House em palácio. De acordo com os relatos, seus

serviços foram cancelados em 1831 por terem superado o orçamento das obras, de modo que a rainha Vitória foi a primeira monarca a residir em suas dependências após a sua coroação em 1837. Como não era permitido visitar seu interior, exceto quando a rainha convidava para cerimônias oficiais, andei pela calçada para apreciar sua fachada.

De lá, seguimos para a Abadia de Westminster, que é a igreja mais antiga de Londres e onde são sepultados os monarcas britânicos desde o século XI, além de realizadas as cerimônias de coroação e casamentos reais. Graças à simbologia dessas celebrações não foi destruída por Henrique VIII quando do rompimento com a Igreja Católica. Seus traços góticos de influência francesa e grandiosidade marcante destacam-se a distância. Fiquei encantada com o lugar. Os portais ricamente trabalhados da entrada e seus vitrais coloridos filtram a luz exterior, transmitindo aos que estão no seu interior a sensação de estar em outra dimensão. Talvez num plano intermediário entre o céu e a Terra. Senti-me envolvida por essa atmosfera etérea e celestial e passei a vagar distraidamente pela nave central, laterais, transeptos e claustros.

A Capela de Henrique VII também é um lugar incrível. Todavia, a Casa Paroquial é um capítulo à parte diante da Sala Octogonal, com pisos de azulejos do século XIII e paredes revestidas por vitrais, onde estão registradas várias cenas da centenária história da abadia. Contemplando absorta as obras, os tetos e os monumentos, praticamente atropelei uma das visitantes ao entrar no santuário, construído por Henrique III.

— Perdão! — disse para a jovem de olhar igualmente assustado. — Eu estava observando o teto... Perdi a noção do que estava ao redor — comentei envergonhada. Espero não tê-la machucado com a minha indesculpável falta de percepção espacial.

— Não se preocupe... Não foi nada. Num lugar como este é fácil se distrair. Quem sabe este esbarrão não tenha sido obra de Deus! — gracejou com simpatia a jovem a minha frente. — Chamo-me Lauren Windermere e estou em Londres para participar da temporada de verão. E você, quem é? — indagou sem rodeios.

— Sou Katherine Hartington e vim a Londres a passeio. Somos do condado de Derbyshire e aproveitei esta oportunidade para conhecer a cidade. E você, é de onde? — quis saber curiosa, sentindo uma inexplicável identificação com Lauren.

— Vivemos na Cornualha e viajamos com frequência para Londres. Ultimamente, o passatempo predileto de mamãe vem sendo reformar e decorar nossa casa em Helston... — explicou Lauren sem conseguir disfarçar a entonação crítica. Em seguida, estreitou o olhar e sentenciou com uma ponta de sorriso na sua voz melódica: — Se meu senso de observação não estiver enganando, você deve ser uma daquelas turistas admiradoras de artes!

— Mil desculpas — reiterei desconcertada. — Realmente me distraí!

— Eu somente estava brincando com você — apressou-se em dizer Lauren. — Faz tempo que começou a sua visita aos pontos turísticos da cidade?

— Hoje é o meu primeiro dia de excursão. Portanto, falta um mundo de coisas a ser desbravado!

— Londres é uma cidade encantadora... — falou Lauren sonhadora. Molly sempre vem comigo quando decido fazer meus passeios turísticos. Como não posso sair desacompanhada e não conheço ninguém que se interesse por tais tipos de programa, não me resta alternativa — externou Lauren conformada. E acrescentou enfática: — Meu único irmão seria a última pessoa na face da Terra que eu convidaria para servir de companhia!

— Compreendo... Também não me resta ninguém a partilhar deste tipo de interesse comigo.

Andamos um tempo considerável lado a lado, apreciando caladas a igreja. Depois conversamos entretidas variados assuntos na calçada da Abadia de Westminster. O cocheiro de Lauren a aguardava pacientemente. Despedimo-nos entre risos com a sensação de nos conhecermos de longas datas. Marcamos de nos encontrar no British Museum no dia seguinte. Contudo, a notícia dada por mamãe durante o jantar sobre a recepção oferecida pela marquesa matriarca de Huntley inviabilizaria tais planos.

É impossível estar em dois lugares ao mesmo tempo!

Prontamente questionei:

— É preciso que eu compareça a esta reunião amanhã? — perguntei na esperança de me desvencilhar do compromisso. — Como eu não tinha ciência do convite, combinei de visitar o British Museum — expus em justificativa.

— Isso não é razão plausível para você deixar de comparecer ao chá da marquesa. É perfeitamente possível transferir sua programação para outro dia.

— Mas eu marquei com a Srta. Lauren Windermere de conhecê-lo justamente amanhã...

— Por sinal, quem é a Srta. Lauren Windermere? Nunca ouvi você se referir a esse nome antes — interrogou em tom surpreso.

— Na verdade, eu a conheci hoje à tarde, quando estava visitando a Abadia de Westminster. Ela é filha do barão de Lancaster.

— Você é fantástica! Marca com uma desconhecida para visitar um museu e faz desse compromisso a coisa mais importante do mundo. Faça-me o favor de desmarcá-lo imediatamente. E eu não quero saber de desculpas vazias. Fui suficientemente clara, Katherine?

— Sim, mamãe — respondi, pressentindo que as coisas não seriam nada fáceis nesta temporada.

Compelida pelas circunstâncias, escrevi um bilhete para Lauren remarcando nossa visita para dali a dois dias. Nada como ser prevenida, pensei com uma pontada de alívio. Se eu não tivesse anotado seu endereço para o caso de algum imprevisto, ficaria numa situação embaraçosa por não comparecer ao encontro. Tudo isso por conta de um maldito chá! — conjecturei chateada. Para meu desânimo, até podia vislumbrar o tipo de reunião que seria oferecida pela marquesa matriarca de Huntley...

Meus prognósticos do chá da marquesa matriarca de Huntley não podiam ter sido mais acertados. Antecipando a superficialidade do evento, pedi para Marianne me arrumar com requinte. Tinha certeza de que seria analisada nos mínimos detalhes. Consciente disso, escolhi um sofisticado vestido de tafetá de seda rosa-claro, de mangas curtas, bordado com pérolas e cetim, acompanhado de sapatos e bolsa da mesma cor. Trancei meus cabelos na frente como se fosse uma tiara e prendi a parte de trás numa trança enfeitada com singelos apliques de pérolas e brilhantes. O resultado ficou condizente com a ocasião e deu ensejo a reiterados comentários de aprovação por parte de mamãe.

Embora Elizabeth Bedford, marquesa matriarca de Huntley, fosse uma simpática mulher de meia idade de aparência afável, sua filha lady Nicole Bedford era o extremo oposto. Tudo nela soava artificial e estudado. Percebi ao primeiro olhar ser prudente tomar o máximo cuidado. Qualquer passo em falso naquela festa seria motivo para comentários maldosos e a coisa que eu menos queria

era causar qualquer tipo de constrangimento aos meus familiares. Ante o contexto, fiquei a evitá-la a festa inteira.

Após o recital, segui para a mesa onde estavam servindo diversos doces, bebidas e comidas das mais variadas. Enquanto saboreava a fatia de bolo de ameixa com glacê açucarado, minha mente vagueou através das janelas de onde se descortinavam encantadores jardins na parte lateral da casa. No centro, havia uma esplêndida fonte com a mitológica figura da deusa Afrodite esculpida na pedra. Num gesto totalmente impensado, saí para tomar um pouco de ar fresco, já que o salão estava quente e abafado.

Caminhei em direção à fonte e margeei um labirinto de pequenos arbustos até me deparar com um aprazível caramanchão cercado de trepadeiras e dois agradáveis bancos de ferro. Fiquei sentada meditando sobre os episódios daqueles dias, quando escutei um barulho às minhas costas. Sobressaltada, virei abruptamente na direção do estranho ruído e me dei conta da presença de um homem desconhecido a poucos passos de distância.

— Que flor incrivelmente bela é esta no jardim?! Se eu soubesse da sua linda existência antes, teria vindo encontrá-la há mais tempo... — declarou o intruso com um enigmático sorriso nos lábios.

— Desculpe, mas é melhor eu voltar ao salão — falei, assustada com a interrupção, levantando-me para regressar pelo mesmo atalho pedregoso que havia inicialmente percorrido.

Colocando o corpo como obstáculo à minha passagem, o estranho questionou:

— Por que tanta pressa? — disse com calma. — Minha única intenção é conversar alguns instantes... — E apresentou-se com gestos cavalheirescos:

— Sou Etham Bedford, sétimo marquês de Huntley. E milady como se chama?

Evitando qualquer tipo de rebuliço, respondi com cordialidade:

— Sou Katherine Hartington, filha do quinto conde de Northwick.

Sem esperar semelhante reação, Etham Huntley aproximou-se de mim com habilidade e rapidez dignas de nota e envolveu minhas mãos entre as suas, para beijá-las com excessiva intimidade.

— Estou extasiado com tanta formosura no meu jardim. Acredito que ele nunca foi tão convidativo como neste momento.

— Eu realmente preciso voltar para a festa — externei resoluta.

Ao pronunciar tais palavras, soltei minhas mãos das suas e andei apressadamente pelo amplo jardim até a entrada principal. Parei algumas vezes durante o trajeto para respirar pausadamente. Entrar agitada no salão não seria uma atitude sensata, principalmente se alguém tivesse sentido a minha falta.

Foi só colocar os pés na entrada principal para mamãe me segurar pela mão, obrigando-me a segui-la entre os convidados, pois tinha uma pessoa a quem queria me apresentar. Julgando ser uma de suas muitas amigas, obedeci resignada. Só não esperava encontrar a esbelta figura do marquês de Huntley. Mal havia me recuperado do encontro no jardim e tive que enfrentar mais uma vez Etham Huntley, com seus cabelos loiros displicentemente jogados para trás e seus penetrantes olhos castanhos. Por pouco não fiquei paralisada de susto. O meu instinto de sobrevivência evitou uma catástrofe. Qualquer descuido seria percebido pelos presentes que nos observavam com indisfarçada curiosidade.

— Marquês de Huntley... — interpelou mamãe sorridente — gostaria de apresentar minha filha, lady Katherine Hartington.

— É um prazer conhecê-la... Nenhuma flor rivaliza com sua beleza — cumprimentou em tom

respeitoso.

Seguindo os rígidos padrões vigentes da etiqueta, lorde Huntley fez uma mesura. Em que pese o gesticular solene, percebi a ironia escamoteada nas entrelinhas. Comparar-me a uma flor era uma direta alusão ao encontro no jardim.

— Estou absolutamente encantada, milorde — retribuí com cortesia, embora estivesse com vontade de arremessá-lo no rio Tâmisa.

— Posso acompanhá-la à sala de música? De lá se tem uma vista deslumbrante dos canteiros laterais — expôs com um sorriso devastador.

Sem alternativa, aceitei ser conduzida pelo dono da casa. Quando ficamos distantes de ouvidos e olhos indiscretos, afastei minhas mãos de seus braços e percebi o divertimento dançando em seus olhos castanhos.

— Posso entender o motivo da graça? — indaguei séria, olhando-o com altivez.

— Para que tanta seriedade?! Katherine... leveza e senso de humor tornam a vida mais agradável e prazerosa. Não precisa levar tudo a ferro e fogo — aconselhou sem a menor cerimônia.

— Percebo que milorde esquece com frequência as formalidades... Primeiro, a sua abordagem nada convencional no jardim. Achando pouco, faz implícita referência a tal fato quando somos formalmente apresentados. E como se não bastasse, refere-se a mim pelo nome de batismo embora não passe de um estranho! É demais, não acha?! — repreendi, estreitando os olhos.

— Então... quer dizer que não possa chamá-la de *Katherine* quando estivermos a sós?! É isso que está lhe aborrecendo? — perguntou incrédulo.

— O meu incômodo decorre da sua desmedida ousadia — encarei o charmoso marquês de Huntley com explícito desagrado. — A questão é: como milorde pode, num exíguo espaço de tempo, ser tão impertinente?! — especulei ríspida. Mas ao invés de ficar ofendido, o marquês desatou a rir, deixando-me mais furiosa do que antes.

— Tudo bem... Se para garantir a paz, eu terei de chamá-la de *lady Katherine*, pode estar certa de que não hesitarei em atendê-la — cedeu cordato, com a deliberada intenção de abrandar minha irritação.

E prosseguiu com confiança:

— Se para agradá-la também não devo trazer à baila o episódio do jardim, vou acatar a sua vontade. Porém, diante de tantas concessões, eu a advirto: esta situação não ficará para sempre desse jeito. Pretendo estreitar nossas relações a ponto de afastar essas ridículas regras de etiqueta. Por enquanto, vamos deixar as coisas como considera adequadas.

Tomada de perplexidade pelas autoritárias palavras, não reagi à altura. Beijando minhas mãos, lorde Huntley afastou-se sem olhar para trás.

Ao aportar no British Museum, Lauren Windermere me esperava na entrada. Ante a sua extensão, preferimos nos deter nas salas voltadas às artes egípcia, africana e asiática. Criado em 1753 para abrigar o admirável acervo do médico Hans Sloane, atualmente possui objetos de diferentes partes do mundo. Talvez fosse esse fato que tanta admiração causava nas pessoas. Era uma forma indireta de conhecer terras distantes, privilégio restrito a integrantes de missões especiais do governo ou a

aventureiros.

Andamos calmamente pelas salas, apreciando suas valiosas peças. Um mundo perdido pela força implacável do tempo revelava-se a cada passo. Eram registros eloquentes de civilizações antigas e de sua diversidade cultural, com relíquias e artefatos incríveis, como era o caso das múmias egípcias.

Almoçamos no restaurante do museu. Descobri várias afinidades com Lauren. Seu sonho de cursar enfermagem foi o que mais despertou minha atenção.

— Estou sem saber o que dizer. Você realmente pretende trabalhar em um hospital?! Seus pais estão cientes dos seus projetos? — inquiri apreensiva, rememorando as palavras da escritora Mary Wollstonecraft sobre a necessidade das mulheres de serem economicamente independentes.

— No momento, estou guardando segredo. Na hora certa, contarei. Sei que enfrentarei dificuldades para realizar esse sonho. Mesmo assim, desde a minha visita anterior a Londres estou pesquisando discretamente sobre cursos que admitam mulheres — confidenciou Lauren.

— Numa coisa eu concordo: ter uma profissão é muito importante, pois nos liberta da obrigação de casar por pressão familiar.

— Se temos uma profissão, poderemos encontrar alguém que nos faça feliz por compartilhar ideias e desejos comuns. Ao pagarmos nossas contas, a decisão de casar passa a ser integralmente nossa e não de nossos pais — expôs Lauren com forte realismo, refletindo sua total sintonia com as reivindicações feministas que vinham ganhando vulto dia após dia.

Praticamente, fomos as últimas a sair do museu. A conversa sobre ter renda própria martelava incessantemente na minha cabeça. Precisava refletir sobre isso, ponderei filosoficamente no caminho de volta para casa.

Ao colocar os pés no hall de entrada fui atingida pelo perfume de rosas vermelhas arrumadas em vasos de cristal, postos meticulosamente sobre os aparadores. Ao escutar o som da minha voz, mamãe veio apressadamente ao meu encontro, discorrendo sobre as inúmeras virtudes do marquês de Huntley e como fora gentil em enviar aquelas magníficas flores para mim. Mamãe falava sem parar da alegria de papai com uma possível união entre as famílias Bedford e Hartington...

Sem opção, escrevi um cartão de agradecimento com um educado convite para nos visitar. Resisti bastante em redigir a parte final da missiva. No entanto, acabei me conformando. Se tinha que conhecer Etham Huntley, então nada poderia fazer, senão conhecê-lo. Isso não arrancaria o pedaço de ninguém — conjecturei com praticidade. Daí a evoluir para um compromisso mais sério, como noivado ou até mesmo casamento, significava uma diferença expressiva!

Uma súbita inspiração apossou-se de mim. Se eu conquistasse a atenção de diversos pretendentes, possivelmente deixaria mamãe confusa em decidir qual seria o melhor partido para sua encantadora filha. Assim, no final da temporada de verão, eu voltaria livre, leve e solta para Greenfield House.

Quanto mais pensava nessa estratégia, mais tentadora e atrativa se tornava a visita de lorde Huntley. Portanto, nada de afugentar pretendentes! A solução para o meu problema exigia o inverso — concluí racionalmente. Por isso, eu deveria manter possíveis interessados sempre em torno de mim e no maior número possível, alimentado suas esperanças, sem decidir por nenhum deles.

Depois de incontáveis noites mal dormidas ante o espectro de um casamento indesejado, abri um amplo sorriso ao fechar a carta endereçada para o atrevido marquês de Huntley. Pelo menos, todos aqueles dias de doutrinação com a Srta. Collins teriam finalmente alguma utilidade.

Contrariando as minhas pessimistas expectativas, o encontro com lorde Huntley correu às mil maravilhas. Recebi-o no terraço com uma bucólica vista para o jardim, por julgar o lugar mais adequado, dadas as circunstâncias do nosso primeiro encontro. A ironia não lhe passou despercebida. Ao cruzar a porta de entrada, dirigiu-se com expressão visivelmente divertida:

— Pelo que posso constatar — apontou para o jardim —, em vez de cumprimentá-la como *lady Katherine*, seria mais apropriado tratá-la apenas por *Katherine*. Pressinto que as flores lhe fizeram um enorme bem!

— O seu senso de oportunidade é fascinante — disse-lhe, erguendo-me da poltrona para lhe dar as boas-vindas. — Reitero meus agradecimentos por tê-las enviado. Ao retornar do British Museum pensei estar delirando. O saguão daqui de casa era uma estufa diante da profusão de flores! Por favor, sente-se — pedi, indicando o sofá defronte.

— Em todo caso, o efeito foi muito positivo. Quer dizer que milady frequenta museus... — constatou com naturalidade.

— Aprecio muito visitá-los — afirmei entusiasmada. — E Londres, em particular, tem excelentes opções — complementei em seguida.

— É verdade. Conhece a Royal Academy?

— Ainda, não. Pretendo ir em breve.

— Será uma honra acompanhá-la — prontificou-se lorde Huntley solícito. — No momento, está montada uma concorrida exposição de verão com pinturas e esculturas de artistas renomados. Há dias penso em passar por lá. No roteiro, poderíamos inserir uma visita à Burlington House. Ela foi construída no início do século XVIII, sendo um interessante exemplar da arquitetura da época. Que tal marcarmos para amanhã?

— Efetivamente, é uma ideia tentadora... — anui com sinceridade. — Contudo, amanhã ficará complicado, porque me comprometi a ir à Catedral de St. Paul e à Torre de Londres. No entanto, daqui a dois dias seria possível... Essa data estaria boa para você?

— Nenhuma objeção ao nosso passeio à Royal Academy nessa data — respondeu o marquês de Huntley com descontração.

— Inclusive, ocorreu-me que seria imperdoável da minha parte não o apresentar à Srta. Lauren Windermere. Ela compartilha com idêntico deleite o nosso gosto artístico. Você se incomodaria se eu a convidasse para irmos todos juntos?

Quanto mais gente nesse passeio melhor! — confabulei com astúcia.

— Absolutamente... É um prazer estar ao seu lado independente de quem mais esteja por perto — garantiu em tom enigmático.

E concluiu:

— Portanto, tudo combinado! Passarei às dez horas para pegá-las.

— Ótimo! Não se preocupe que eu me encarregarei de avisar a Srta. Lauren Windermere sobre a nossa programação.

Com a desenvoltura de um homem acostumado a cortejar, lorde Huntley segurou minhas mãos entre as suas e beijou-as cavalheirescamente em despedida.

Acertei com Lauren de pegá-la em sua residência. Era mais prático irmos juntas do que esperarmos sozinhas defronte da Catedral de St. Paul, com o risco de nos desencontrarmos. Ao subir na carruagem, contei-lhe da visita de lorde Huntley e da excursão agendada para o dia seguinte.

— Quer mesmo a minha presença?! — indagou Lauren na dúvida. — Se você for com Marianne, em vez de me levar a tiracolo, terá mais chances de conhecer o marquês de Huntley.

— É justamente isso que eu quero evitar — respondi determinada. — Não pretendo arranjar compromisso com ninguém. Nisso igualmente se inclui o aristocrático marquês.

— Então, você não sente nenhuma atração por ele? Honestamente, eu estou me esforçando para acreditar em suas palavras — manifestou Lauren sem rodeios a sua descrença.

— Lamento desapontá-la... Mas é a pura verdade! Somente aceitei o convite por conta da nossa conversa no British Museum sobre a necessidade de renda própria como pré-requisito à liberdade. Concluí que a melhor estratégia é ter o maior número possível de pretendentes. Mamãe ficará deslumbrada com a situação a ponto de não saber decidir qual dos meus futuros admiradores será o melhor partido. Nesse panorama, o tempo correrá a meu favor, até eu conseguir uma solução para a minha falta de recursos.

— Meu Deus, Katherine! Seu raciocínio é mesmo terrível.

— Se você conhecesse lady Northwick, não diria isso. Esteja certa que esta é a única forma inteligente de enfrentar esse dilema. Enquanto mamãe pensar que eu estou seguindo seus conselhos, terei paz. Caso contrário, somente conseguirei transformar minha vida num inferno, instigando-a cada vez mais a procurar um noivo, para me casar com a maior brevidade possível.

— Seja como for, é preciso convir que o marquês de Huntley é um homem excepcionalmente bonito. Não é segredo para ninguém o fato de ele ter partido o coração de inúmeras damas... — reiterou Lauren ainda desconfiada das minhas verdadeiras intenções.

— Sem dúvida, lorde Huntley é atraente. Mas daí vislumbrar um interesse maior, vai uma distância considerável — falei com calma para Lauren.

— Pode ser que você não tenha agora nenhum interesse — concedeu Lauren. — Por outro lado, o futuro é uma incógnita. Vai que ele contorne a sua resistência e no final você esteja perdidamente apaixonada como as demais.

— A probabilidade de isso ocorrer é igual à do inferno ficar gelado! — afiancei despreocupadamente para Lauren.

Ao acabar de falar, o coche parou na Ludgate Hill. Em segundos, estávamos na calçada da Catedral de St. Paul. Fiquei embevecida com o pórtico oeste da catedral, com seus dois andares de colunas coríntias entremeadas por um frontispício triangular, onde está gravada em alto-relevo a conversão de São Paulo. Sem citar as duas elevadas torres laterais da fachada e a suntuosa cúpula no centro, que transmitem ao conjunto da obra uma concepção monumental. Magnificência que se reproduz internamente. Tudo é superlativo e artisticamente irretocável.

Pelos relatos históricos, depois do Grande Incêndio de Londres de 1666, a catedral medieval ficou em ruínas, sendo totalmente reconstruída por Christopher Wren. Porém, as obras apenas finalizaram em 1710. Sua arquitetura barroca realmente causa grande impacto visual nos visitantes, tanto que Lauren e eu não paramos de contemplá-la boquiabertas, em especial o domo principal, tido por muitos como um dos mais verticais do mundo.

Subimos até a Galeria dos Sussurros, onde brincamos de sussurrar contra a parede, para ver se era mesmo verídica a crença de que se escutavam as palavras do outro lado, oriunda da acústica incomum do lugar, proporcionada pelo altíssimo domo. Imersas na euforia contagiosa do riso, quase não tivemos forças para galgar o último trecho até a Galeria Dourada, de onde se descortina uma espetacular vista de Londres.

— Por pouco eu não desisti... — verbalizou Lauren ofegante.

— Também estou cansada depois de tantos degraus. Mas teria sido uma grande pena se não tivéssemos vindo. A visão é fabulosa! — exclamei com admiração. — Nunca estive tão perto do céu como agora!

— É formidável a habilidade que algumas pessoas têm de tornar o impossível uma realidade — concordou Lauren maravilhada.

Depois de vasculharmos toda a cripta e reentrâncias da catedral, saímos e contornamos sua lateral externa até alcançarmos a parte sul da igreja, que é nitidamente inspirada pelo pórtico de Santa Maria della Pace, em Roma.

Caminhávamos devagar pelas ruas. Nosso objetivo era explorar a Torre de Londres, com suas muralhas e construções impregnadas por séculos de história. E devido à distância a percorrer, não adiantava ter pressa. Nem bem tínhamos andado dez minutos quando nos deparamos com o irmão de Lauren, que seguia na mesma direção. Ao nos avistar, parou bruscamente a carruagem e interpelou Lauren com visível irritação.

— Posso saber o porquê de você estar neste lado da cidade? Mamãe sabe disso? Ou você saiu de casa sem avisar? Vou conversar com papai sobre o comportamento que vem tendo ultimamente... — ameaçou estreitando os olhos.

— Olá, Thomas! — cumprimentou Lauren sem deixar transparecer nenhuma reação em seu rosto. — Antes de responder ao seu interrogatório, não posso olvidar as regras básicas de etiqueta. Por isso, primeiramente gostaria de lhe apresentar minha nova amiga, lady Katherine Hartington.

— É uma satisfação conhecê-la — asseverou o honorável Thomas Windermere, mal disfarçando a contrariedade na sua voz com o comentário de Lauren.

Partindo para o ataque, Thomas Windermere indagou:

— Para onde vocês pensam que vão?

— Thomas, nós não pensamos... Na verdade, a frase correta é para onde nós vamos! — rebateu Lauren com tom de desafio. — De todo modo, apenas para você ficar informado, estamos seguindo em direção à Torre de Londres.

— E vocês vão a pé? — perguntou incrédulo. — Quanta imprudência! Entrem no coche. Vou levá-las à fortaleza. Nem adianta protestar porque será inútil — determinou o irmão de Lauren com autoridade, aflorando de imediato minha total antipatia.

— Tudo bem. Vamos aceitar seu convite. A travessia efetivamente é longa e perderíamos muito tempo caminhando — dizendo isso Lauren entrou no coche. Sem opção, segui seus passos.

A atmosfera no interior da carruagem ficou tensa. Evidentemente, Lauren e o irmão não se entendiam bem. Achei prudente ficar em silêncio no trajeto para não desencadear nenhum constrangimento adicional. Tarefa difícil de cumprir, ante os desagradáveis, insistentes e cobiçosos olhares lançados pelo honorável Thomas Windermere. Fingi a muito custo não notar o seu interesse. A minha vontade era de estrangular aquele pescoço empertigado. Foi um alívio pôr os pés para fora do coche e sair do seu campo de observação. Eu estava no limite da paciência, mesmo assim me

mantive quieta até vê-lo partir. Quando fiquei a sós com Lauren, extravasei meus sentimentos.

— Desculpe-me, Lauren, pelo que vou falar, mas o seu irmão não foi nada educado conosco...

— Não precisa se explicar, Katherine. Eu observei como Thomas foi inconveniente. Quem indiscutivelmente deve desculpas sou eu! Quando é que eu imaginaria encontrá-lo no meio da rua?! E ainda por cima, protagonizaria aquela cena ridícula.

— Você não tem culpa alguma do ocorrido. Apenas quis registrar o fato. Sendo seu irmão, inevitavelmente nos encontraremos outras vezes, e não tolerarei esse tipo de comportamento novamente — disse com cuidado para não a ofender.

— Eu adorarei ver você colocá-lo no seu devido lugar... Assistirei de camarote ao espetáculo e aplaudirei com entusiasmo — garantiu Lauren entre risos.

— Então, perfeito! Porque eu também ficarei muito contente em lhe dar uma boa lição, acaso se atreva a reiterar essa conduta descortês conosco em outra ocasião.

Ao despertar, a sensação foi de que o mundo desmoronara sobre a minha cabeça. Ela não parava de latejar por conta da noite mal dormida. Quem manda se empolgar no jantar com as incríveis e inspiradoras narrativas do Sr. Benjamim Lutyens e sua esposa Alicia? Ficar perdida na história de lugares e povos exóticos, em vez de dormir, certamente tem seu preço! Somente levantei porque combinara com Etham Huntley de irmos à Royal Academy. Se não fosse isso, passaria o dia inteiro estirada na cama.

Ao descer para o café da manhã fui surpreendida por um bilhete de Lauren desculpando-se por não poder nos acompanhar ao museu. Segundo sua mensagem, torcera o pé na noite anterior. Não tendo escolha, Marianne foi se aprontar. Estava fora de cogitação sair sozinha com Etham Huntley, sob pena de promover um escândalo às vésperas do início da temporada. Acontecimento totalmente inoportuno naquele momento.

Nem bem deu dez horas da manhã quando uma carruagem parou no pátio. Mamãe, toda esfuziante, recebeu o marquês de Huntley e se despediu posteriormente de nós, acenando com indisfarçável felicidade. No caminho, nos detivemos em conversas amenas sobre o tempo e a expectativa da apresentação à Corte, marcada para amanhã. Foi somente pôr os pés para fora do coche e nos afastarmos dos ouvidos de Marianne para ele abandonar o ar formal e assumir uma postura mais íntima.

— Eu tenho o forte pressentimento de que a noite passada não foi uma experiência muito gratificante para você... Será que eu estou equivocado a esse respeito? — especulou Etham Huntley com o cenho franzido.

— Mil desculpas, pelo meu péssimo humor. Fui acometida de uma infeliz insônia e dormi menos do que deveria.

Em seguida, detalhei o ocorrido no jantar em tom de justificativa:

— Em compensação, a Sra. Alicia Lutyens e seu esposo mostraram-se ótimas companhias. Como o Sr. Benjamin Lutyens é um renomado diplomata do governo britânico que já trabalhou em diversos lugares, inclusive nas Índias e no Egito, o repertório da noite foi simplesmente fascinante! Até aprendi sobre o templo de Abu Simbel, erguido pelo Grande Faraó Ramsés II no território dos

núbios para expressar seu poder, com várias estátuas colossais do próprio faraó, e o templo em homenagem à Grande Esposa Real Nefertari, ambos situados às margens do rio Nilo e cercado por extensas áreas desérticas. Por isso, eu acabei perdendo a hora, além de ter tido enorme dificuldade em conciliar o sono.

— Não se preocupe. Apenas toquei nesse assunto porque senti algo diferente... muito embora não tenha nada de errado com sua aparência. A cada dia que passa você está mais bela.

— Milorde não tem jeito... Basta uma oportunidade e começam os galanteios! — censurei divertida com a situação.

— É justamente isso que eu pretendo fazer o dia inteiro. Ao menos, estou conseguindo êxito neste ponto. E sua amiga? Não veio conosco por quê? — questionou Etham Huntley numa diplomática mudança de tema.

— Hoje recebi um bilhete de que torceu o pé...

— Como é mesmo o nome dela?

— Srta. Lauren Windermere.

— Estranho... — começou Etham pensativo — todavia esse nome me soa familiar. Salvo engano, eu conheci um cavalheiro chamado Windermere no ano passado. Era o herdeiro do barão de Lancaster. Perdoe a minha indiscrição, mas foi impraticável travar cinco minutos de conversa cordial.

— Coincidências à parte, a sua descrição adapta-se à perfeição ao perfil do presunçoso irmão da Srta. Lauren Windermere: o honorável Thomas Windermere!

— Exatamente isso. O nome do sujeito era Thomas e fazia parte da família Windermere. Só espero que sua amiga não tenha nenhuma semelhança de personalidade com o irmão. Senão agradecerei a Deus por ter torcido o pé e não estar aqui conosco! — expôs Etham enviesando o olhar.

— É óbvio que não há qualquer identidade entre eles — afirmei com lealdade. — Caso contrário, a Srta. Windermere jamais seria minha amiga.

— É verdade... — anuiu amistosamente, apaziguando meus ânimos. Em seguida, passamos a andar pelas salas da Royal Academy.

Decidimos almoçar num pequeno restaurante com vista para um espaçoso e bem cuidado jardim. A conversa, como sempre, fluía animadamente, tanto que decidi estender a visita até findarmos o restante do acervo do museu. Distraídos, não registramos a ausência de Marianne. Apenas quando estávamos para pegar a carruagem de volta para casa, percebi tê-la perdido.

— Isso não é adequado! — expressei para Etham meus temores. — Se voltarmos juntos, corro sério risco de dar ensejo a comentários nada favoráveis a nosso respeito — ponderei preocupada.

— Ficar sozinha no museu a esta hora igualmente não a ajudará em nada. Daqui a cinco minutos eles fecharão as portas e não dará tempo de avisar ao cocheiro da sua família antes disso. Não temos escolha. É melhor você estar comigo em segurança do que sozinha aguardando alguém da sua família vir lhe pegar no meio da rua.

— O seu raciocínio está correto, mas não podemos esquecer como as pessoas só veem o lado ruim das coisas...

— De qualquer modo, garanto não fazer nada que possa lhe causar qualquer tipo de constrangimento.

Mesmo relutante, subi no coche. O nervosismo aumentava a cada palmo de chão percorrido.

Quando chegamos, agradeci a amável companhia e atravessei os portões de casa tremendo de medo por saber que enfrentaria uma série de repreensões, por ter voltado desacompanhada com um homem que não era da família.

Ao transpor o primeiro degrau da escadaria, mamãe apareceu na minha frente e mandou segui-la até o escritório de papai. Pelo timbre de voz, a conversa não prometia ser nada alvissareira. Fechando a porta, mamãe me fitou com indisfarçável aborrecimento.

— Sou toda ouvidos, à espera de uma explicação minimamente razoável para ter retornado sozinha do seu passeio com o marquês de Huntley — disse sem meias palavras e andando de um lado para o outro.

— Como a senhora deve ter notado, Marianne perdeu-se de nós, e eu não tive alternativa senão voltar para casa na carruagem com Etham. Ou era isso, ou ficava sozinha no meio da rua... O museu estava para fechar quando sentimos a falta de Marianne — narrei apreensiva.

— Virgem Santa! — exclamou mamãe nitidamente chocada. — Agora você se refere ao marquês de Huntley pelo primeiro nome! Nem a formalidade mínima preservou. Era só o que me faltava! Às vezes, eu me pergunto se você é tão inconsequente quanto parecer ser — repreendeu mamãe, controlando-se para não gritar comigo.

— Em todo caso, não aconteceu nada demais — verbalizei com o intuito de acalmá-la. — Prometo tomar mais cuidado da próxima vez.

— Para você nada tem consequência... Acha mesmo que as pessoas enxergarão esses fatos como você os vê ou descreve?! Pois eu lhe digo que não! É assim como as coisas funcionam. Principalmente agora, quando muitas mães estão disputando os melhores partidos para suas filhas e excluir concorrentes é a meta de muitas.

Depois de ouvir em silêncio um sermão sobre a conduta adequada para uma dama, a necessidade de manter a reputação impecável para conseguir um casamento promissor e as nefastas consequências, caso não se observem tais parâmetros sociais, fui finalmente liberada. Com assuntos mais palpitantes para me distrair, minha mente passou a divagar sobre a iminente abertura oficial da temporada e o baile na mansão do duque de Wessex, agendado para depois de amanhã. No fundo, rezava para voltar a Greenfield House descompromissada, sem nenhum pretendente a obstaculizar meus planos.

CAPÍTULO 3

Um cortejo das mais lindas carruagens de toda a Inglaterra seguia pela Mall em direção ao Palácio de Buckingham. Cavaleiros da guarda real em trajes cerimoniais acompanhavam em corcéis negros o séquito. Os homens em seus uniformes militares de gala e as mulheres vestindo suas mais lindas e caras roupas, cobertas de joias magníficas, aguardavam com pompa e circunstância o momento em que suas filhas ou protegidas seriam oficialmente apresentadas à rainha Vitória e ao príncipe Albert. Ao olhar em volta, intui que o nervosismo permeava o ambiente. Todas as famílias viam nessa cerimônia uma esperançosa chance de suas filhas contraírem prósperos casamentos. Até mesmo eu, que não almejava nenhum casamento, fui contaminada por essa onda de excitação. Uma energia vibrante alastrava-se imperceptivelmente pelo ar. Era unânime o desejo de fazer uma entrada socialmente perfeita.

Ao alcançarmos a grande escadaria em forma de "U", papai subiu por um lado e eu segui mamãe para o outro. Integrantes do cerimonial, guardas e lacaios, trajados com libré vermelha e dourada e perucas empoadas, zelavam pela ordem e segurança do evento. Os nossos nomes foram repassados à pessoa do protocolo. Numa antessala, aguardávamos o seu anúncio. Inúmeras jovens ocupavam ansiosamente o recinto, sonhando por um fim naquela gélida tensão. As regras para a apresentação exigiam que a debutante fosse de moral ilibada; recomendada por uma dama que já tivesse sido apresentada à Corte e tinha que pertencer a uma família abastada ou nobre. É desnecessário dizer que as filhas de membros das mais altas rodas aristocráticas eram automaticamente incluídas na lista de convidados.

Nesse tipo de solenidade havia uma rígida etiqueta a ser seguida. Inclusive, a roupa das debutantes observava regras peculiares. A cor do vestido devia ser obrigatoriamente branca, com cauda, sendo usualmente decotado nos ombros, razão pela qual se usavam luvas compridas. Também tinha um buquê de flores e um enfeite na cabeça, adornado com um extenso véu. A criatividade não era bem recebida em tais ocasiões. Em outras palavras, poderia ser descrito como um vestido de noiva à procura de um noivo!

Alinhada em par com mamãe, identifiquei Susan Sutherland com Sophie Lowestoft, condessa matriarca de Aldeburgh, sua madrinha de batismo, no final da fila. Agora seria a próxima...

Proclamou o arauto do palácio:

"A condessa de Northwick apresenta lady Katherine Hartington."

Ao liberarem a passagem, entrei na sala do trono e fiz reverência à rainha Vitória e depois ao príncipe Albert. Mamãe ficou alguns passos atrás de mim, acompanhando a apresentação.

— Repetidamente ouço entusiasmados elogios aos campos de caça de Greenfield House. Felicito lorde Northwick por conservar a tradição de um dos mais apreciados esportes da Inglaterra — parabenizou a rainha.

— Transmitirei as gentis palavras de Vossa Majestade.

— Lorde Northwick foi perfeito na condução da caçada da última temporada — congratulou o príncipe Albert.

— A avaliação de Vossa Alteza enobrece lorde Northwick.

Dirigindo a atenção para mamãe, completou sua Alteza Real:

— Lady Northwick, a hospitalidade e a esplêndida recepção ficarão sempre gravadas em minhas saudosas recordações.

— A presença de Vossa Alteza honrou a nossa família e a memória dos antepassados de lorde Northwick. Será sempre uma grata satisfação recebê-lo em Greenfield House.

Fazendo uma breve mesura de despedida, saímos elegantemente do salão. Papai, que assistia à audiência, veio ao nosso encontro.

— Um sucesso! Simplesmente, maravilhosas! — verbalizou em total estado de graça.

— Missão cumprida! — suspirou mamãe, feliz com a minha atuação. — Tudo transcorreu dentro dos conformes.

— Vamos para a sala de jantar. Estão servindo uma ceia tentadora — convidou papai. — Muitos conhecidos já perguntaram por vocês.

Os aposentos de Estado estavam cheios de nobres e ricas famílias da Grã-Bretanha. Circulei com meus pais pelas diversas salas do palácio, sendo diligentemente cumprimentada e apresentada. Finalmente, localizei Susan no meio daquele fluxo contínuo de pessoas.

— Imaginei que nos encontraríamos aqui — disse com alegria ao me aproximar da longa mesa repleta de comidas deliciosas.

— Estava pensando se você não gostaria de assistir à montagem de *Otelo*, de William Shakespeare, no Theatre Royal Haymarket — falou Susan com simpatia.

— Programação adorável... Para quando será? — indaguei enquanto colocava uma fatia de torta de cereja num prato de porcelana de Sèvres.

— Daqui a dois dias.

— Será um passeio formidável! Não perderia por nada.

No caminho de volta, dimensionei o quanto estava exausta. Meus olhos teimavam em fechar, embora mamãe com espirituoso humor não parasse de narrar os mais hilários e inusitados episódios da festa. Também pudera, não baixei a guarda um minuto sequer! E com um suspiro conformado compreendi que aquela noite era o início de uma interminável série...

O baile do duque de Wessex era um acontecimento de proporções majestosas. As luzes flamejantes e intensas dos lampiões cintilavam a distância, iluminando a escuridão da noite e indicando aos passantes o esplendor reinante no interior da mansão. Construída em estilo jacobita, sua fachada era composta por três pavimentos, essencialmente em tons telha, com ornamentos em bege e branco. Inclusive, as molduras de suas janelas envidraçadas adotavam idêntico padrão de cores, conferindo um efeito sofisticado e exclusivo. Na parte central da glamourosa edificação, erguia-se uma imponente torre, com um belo relógio incrustado no campanário, situado na sua parte mais alta. Nas laterais da torre, sobressaíam no pavimento térreo nove arcos, os quais são sobrepostos no andar acima por janelas ricamente decoradas, sobre as quais há um elaborado

telhado. Além da construção central, cada uma de suas extremidades avançava sobre o terreno, formando uma nova ala do prédio constituída unicamente por janelas e quatro torres menores em cada uma de suas quinas, garantindo a proporção e a simetria entre a parte central e suas laterais.

No amplo jardim à frente da casa, a grama estava cuidadosamente aparada, sendo pontuada por pequenas árvores ao longo da estrada de pedras que permitia o acesso à magnífica e resplandecente residência. Diversos coches aguardavam enfileirados, uns após os outros, a chance de estacionar defronte à entrada principal, garantindo aos seus nobres ocupantes entrar na festa.

Meredith e Charles foram conosco ao baile. Quando descemos da carruagem e entramos no luxuoso hall, fiquei fascinada com a riqueza dos trajes dos convidados que circulavam de um lado para o outro com explícito orgulho e entusiasmo. As mulheres estavam muito bem vestidas, com joias reluzentes e penteados elaborados, sinais inequívocos da relevância do evento. O ambiente ao meu redor emanava ostentação e requinte. Subimos lentamente a acarpetada escadaria de tonalidade púrpura. Esculturas clássicas e pinturas do interior da Inglaterra, adornadas com madeira dourada ricamente entalhada, decoravam o ambiente. Do teto pendiam enormes lustres de cristal.

Ao alcançarmos o salão, recebemos os amáveis cumprimentos dos anfitriões, Jordan Wessex e sua esposa Rebecca, integrantes da gloriosa família Gainsborough. Depois, meus pais se afastaram para saudar vários conhecidos, enquanto permaneci com Meredith e Charles observando a chegada dos demais convidados e saboreando as iguarias da gastronomia francesa, raramente vista em território inglês, servidas em belas travessas de prata, por lacaios vestidos com libré marrom e dourada.

Após analisar minhas roupas de alto a baixo, Meredith comentou:

— Esse seu vestido de seda verde-água com os ombros à mostra lhe caiu maravilhosamente bem. Foi criação de madame Windale? Também não me recordo deste conjunto de brilhantes com pérolas.

— Ahh... Estas joias são muito lindas, não são? — disse tocando com delicadeza os brincos, colar e bracelete. — De fato, você não os tinha visto antes. Tia Margareth me deu quando completei dezoito anos. Por isso, escolhi esta cor de vestido com madame Windale para realçar a beleza das peças. Eu sabia que a fita marfim da cintura combinaria à perfeição com a tonalidade das pérolas.

— Efetivamente, tia Margareth lhe quer muito bem... Não sei o que será dela quando você casar e partir de Greenfield House. Sinceramente, sentirá a sua ausência muito mais do que mamãe um dia possa vir a sentir. Você parece filha dela! Até o temperamento de vocês é igual, com mesmas excentricidades e gostos. Pelo que mamãe contou aborrecida, você anda estudando administração de propriedades rurais...

— Que conversa mais sem sentido para um baile — falei desviando propositalmente do assunto. — Não perca seu tempo com isso, pois não espero me casar nem tão cedo. Daí não ter nenhuma importância ficar conjecturando sobre o longínquo e hipotético dia em que deixarei Greenfield House.

— E você acredita que não encantará nenhum jovem cavalheiro esta noite?! Bela como está, haverá uma procissão de sorridentes pretendentes, ávidos para levá-la amanhã mesmo ao altar!

— Que exagero! — respondi descrente. — Se eu soubesse que poderia causar um impacto arrebatador nos homens, como o que acabara de descrever, teria pedido para Marianne fazer um penteado simples; ou quem sabe, usaria as joias presenteadas por tia Margareth em outra ocasião.

— Pois pode congratular Marianne pelo resultado. Até gostaria que ela ensinasse seus segredos a Maccoll, porque desejo penteados do mesmo nível dos seus nos próximos eventos.

— Isso tudo só pode ser uma deliberada tentativa de me convencer a arrumar um pretendente esta noite. Tantos elogios sem propósito não podem ter outro objetivo — concluí ligeiramente impaciente.

Em seguida, verbalizei contente:

— Olhe lá... — apontei para a entrada. — A Srta. Lauren Windermere acabou de chegar.

— Onde?! Não estou vendo... — externou Meredith vagando o olhar pelo salão.

— É a jovem dama de vestido rosa-chá que está na lateral direita da porta de entrada. Não sei se comentei antes, mas a conheci na semana passada e passeamos juntas em algumas oportunidades.

Dirigindo o olhar em nossa direção, Lauren acenou discretamente e veio abrindo espaço entre os presentes até nos alcançar, vez que a esta altura o salão estava lotado de convidados.

— O nome não me é estranho. É provável que mamãe tenha falado alguma coisa a respeito dela... — observou pensativamente Meredith.

— Olá, Lauren! — cumprimentei quando se aproximou.

— Que bom revê-la, Katherine! — retribuiu Lauren.

— Antes de qualquer coisa, gostaria de lhe apresentar minha irmã, lady Meredith, casada com o diplomata Charles Leatham.

— É um prazer conhecê-la — disse Lauren, enquanto tocava de leve as mãos de Meredith. — Katherine sempre demonstra imenso afeto ao se referir ao nome de milady.

— O prazer é todo meu, Srta. Windermere. Fico feliz de Katherine estar fazendo novas amizades aqui em Londres. Quem sabe isso não a motivará a retornar com mais frequência, para passarmos mais tempo juntas.

— Como se isso adiantasse alguma coisa. Você viaja a maior parte do ano. Praticamente não fica em Londres! — externei com realismo.

Virando-me para Lauren, comentei:

— Fiquei preocupada com o seu bilhete... Foi uma pena não poder ir conosco à Royal Academy.

— Lamento profundamente, Katherine. Tive alguns contratempos ontem pela manhã... De qualquer forma, espero que tenham apreciado a visita.

— Foi muito boa. Nós nos divertimos enormemente... No entanto, senti sua falta. Não tenho dúvidas que apreciaria tanto quanto nós as preciosas obras do museu.

Enquanto isso, Meredith e Charles começaram uma descontraída e envolvente conversa com o embaixador inglês na Itália, sir William Harmond, sobre a primorosa arquitetura de Roma e seus subterrâneos. Pelas explicações dadas, é como se a cidade tivesse sido construída em vários níveis ao longo dos séculos. A quantidade de ruínas e prédios da Roma Imperial que serviram de fundação para as construções modernas é inacreditável. A entonação vibrante das vozes atraiu a minha atenção e a de Lauren. Quando dei por mim, estava no centro do salão valsando alegremente com sir William ao som dos instrumentos musicais. Embora ele fosse um solteiro convicto, beirando seus quarenta e cinco anos, era um homem alinhado e cortês, dotado de uma distinção incomum.

— Posso dizer que estou lisonjeado de ser o primeiro cavalheiro a dançar com milady esta noite — exteriorizou sir William com gestos comedidos.

— A recíproca é verdadeira, embaixador. Não é sempre que se tem o privilégio de conhecer alguém da sua envergadura.

— Milady é que me inspira com seu encanto... — disse o embaixador com fidalguia. — Pelo visto, é uma grande apreciadora de história. Na sua idade, isso é uma qualidade bem rara de se ver.

— É verdade... Desde cedo fiquei encantada pela cultura de outros povos e pelos fatos que

moldaram suas vidas. Na minha ótica, o mais fascinante de se poder ver e analisar acontecimentos passados, além de aprender com seus erros e acertos, é poder constatar as mais diversas formas de viver. Portanto, a minha forma de viver, ou a forma de viver de um indiano depende do conjunto ideológico em que estamos inseridos e nos foi transmitido no decorrer dos anos. Não acho factível valorá-las nas simplórias categorias de *certo* ou *errado*.

— Se todos pensassem como milady, não haveria tanta intolerância no mundo — afirmou com convicção sir William.

— Quem sou eu para questioná-lo — respondi com modéstia. — De todo modo, é um alívio saber que não o desagradei com este assunto.

— Certamente. É muito mais cômodo as pessoas criticarem os que agem de forma diferente da conduta socialmente tida como adequada, do que procurar entender as razões de um determinado grupo de erigir outras regras, para nortear o comportamento de seus membros em sociedade. Como também é bem mais prático elevar à condição de dogma a visão de mundo absorvida na infância. É preciso coragem para ir além do convencional.

— Agradeço a compreensão e sinceridade de suas observações — sorri com admiração, ante a franqueza daquelas palavras.

— Diante da nossa conversa, milady não pode sair deste baile sem ser apresentada ao convidado de honra de lorde Wessex, o príncipe marroquino Fahid Ahmed el-Mansour Saadi. Acredito que apreciará o folclore e as tradições do seu exótico país.

Parando de dançar, sir William prosseguiu:

— Está na hora de retornarmos para junto de seus familiares, muito embora eu pudesse passar a noite ao lado de milady sem ficar entediado!

Nem demos dois passos para fora da pista de dança e me deparei com lorde Huntley em companhia do introvertido John Harvey. Cumprimentei-os com um sorriso cordial, anotando mentalmente o fato para contar a Vanessa Cavendish. Tinha certeza de que ela adoraria saber notícias dele. Contrariando o protocolo, Etham nos interceptou no caminho e, pedindo licença a sir William, solicitou dançar a próxima música comigo. Sem esperar resposta, pegou minhas mãos e me conduziu de volta ao salão. Quando me vi a sós com Etham no local de danças, questionei a forma apressada e nada elegante com que me afastou de sir William.

— Por que não aguardou sir William Harmond me deixar junto de Meredith e Charles antes de me convidar para dançar? Seria mais civilizado de sua parte... — repreendi chateada, enquanto girávamos pelo salão.

— Não posso discordar de seu raciocínio, exceto se quisesse dançar com o honorável Thomas Windermere. Se essa fosse a sua intenção, eu deixaria os fatos tomarem o curso que acabou de sugerir.

— Como assim?! — indaguei surpreendida.

— Enquanto você valsava com sir William, o adorável irmão de sua amiga, o Sr. Windermere, não desgrudava os olhos de você. Nem se afastava de sua família. O sujeito é realmente descarado! Deveria levar um murro naquela cara afetada pela forma petulante e nada cavalheiresca com que a observava — externou Etham com indignação.

— Se foi isso, sua intervenção foi absolutamente providencial! Não me imagino dançando com alguém detestável e pedante como ele. Nem mesmo uma única música.

— Então, estou perdoado pela minha tremenda falta de cortesia? — quis saber Etham com charme

devastador.

— Não só perdoado, como lhe devo um solene e sincero pedido de desculpas por tê-lo julgado erroneamente — falei, com um sedutor sorriso nos lábios.

— Você não tinha como notar, pois dançava entretida, por demais, com sir William... — justificou Etham, com evidente desagrado no seu timbre de voz.

— Estou enganada ou entrevi um lampejo de ciúme de sir William Harmond?! — perguntei-lhe divertida, controlando a muito custo a irresistível vontade de rir, dado o absurdo da situação.

— Até parece que eu teria ciúme de uma simples dança, sobretudo com uma pessoa com idade para ser seu pai! Não seja convencida! Obviamente, não enxergo sir William como um concorrente em potencial, embora você esteja ainda mais maravilhosa do que o usual esta noite.

— Você é realmente impressionante! Ao mesmo tempo em que me intitula de convencida, faz elogios que deixariam qualquer dama convencida — constatei racionalmente.

— Talvez seja uma forma inteligente de contornar o assunto e focar a nossa conversa em outra direção — confidenciou Etham com sabedoria.

— Eu não apostaria um guinéu em sentido contrário... — concordei fitando seus olhos calorosamente, enquanto rodopiávamos pelo salão no festivo compasso da valsa.

Ao término da música, fomos à mesa de refrescos onde bebemos uma deliciosa limonada. Durante o passeio, constatei como Etham Huntley era respeitado e admirado. A cada passo, tinha alguém disposto a cumprimentá-lo com um sorriso franco no rosto e um aperto de mão cordial. Fui apresentada a vários nobres, como Anthony Lowestoft, conde de Aldeburgh, e James Howard, conde de Doncaster. Mas entrevi que James Doncaster era diferente da maioria. Amigo de infância de Etham, os dois nutriam uma autêntica amizade e tinham muitas afinidades em comum. A conversa girou em torno de cavalos. Descobri ser lorde Doncaster um profundo admirador e possuidor de um dos haras mais soberbos e cobiçados de toda a Inglaterra.

Passado um tempo, achei prudente voltar para junto de Meredith e Charles para evitar comentários depois do baile, sobre um eventual romance entre o marquês de Huntley e a filha do conde de Northwick. Só foi Etham virar as costas, para surgir uma avalanche de convites para dançar. Desta vez, tive o cuidado de evitar Thomas Windermere. Não tinha a menor pretensão de dançar com ele nesta noite, nem em nenhuma outra.

Somente quando cheguei em casa lembrei que não fui apresentada ao príncipe marroquino. Seguramente, desperdicei uma ótima oportunidade de ter contato com outras culturas, como bem realçou sir William Harmond. Mas o que a minha juventude e falta de experiência impediam-me de compreender, ao lamentar o ocorrido, era que nesta vida as pessoas só aparecem no lugar certo e na hora certa.

Pelo incessante movimento no portão de entrada do Theatre Royal Haymarket a apresentação desta noite estava bastante concorrida. A carruagem estacionou em frente ao teatro por volta das dezenove horas e trinta minutos. Um grande número de pessoas se aglomerava pelo saguão à espera do início da peça. Susan Sutherland estava empolgada com a sua primeira participação num evento de grande repercussão social em Londres. Nem bem demos dois passos para pegarmos o corredor de

acesso à fileira das cadeiras e nos deparamos com James Howard, conde de Doncaster.

— Que coincidência encontrá-la aqui! — disse o conde de Doncaster, num cumprimento cordial.

— Efetivamente... O que me faz concluir o excelente gosto artístico de milorde. A propósito, gostaria de lhe apresentar a Srta. Susan Sutherland.

— Estou absolutamente encantado em conhecê-la — externou James Doncaster de forma cavalheiresca, beijando as mãos de Susan demoradamente.

— A recíproca é verdadeira, milorde — falou Susan, desconcertada com a atenção nada convencional do conde ao ser apresentado.

— Tem alguém as esperando para o espetáculo? Se não atrapalhar a programação de milady e da Srta. Sutherland, será uma honra tê-las em meu camarote — convidou o conde com cortesia.

— Não será nenhum incômodo? — perguntei-lhe preocupada com possíveis comentários, diante de tão inesperado convite.

— Pelo contrário. Que graça tem assistir a uma peça de teatro e não poder comentá-la com alguém?!

Sem alternativa, seguimos ao camarote reservado para o conde de Doncaster. Sentamos lado a lado. Agradeci mentalmente a sorte que Susan e eu tivemos de sermos convidadas para acompanhá-lo, pois dali se tinha uma visão privilegiada do espetáculo. Ao me debruçar na balaustrada, notei que as nossas cadeiras não eram bem localizadas e a posição do camarote era infinitamente melhor.

Quando as cortinas do palco subiram, fiquei tão absorta na trama e no desenrolar das cenas que não percebi os insistentes olhares trocados entre Susan e lorde Doncaster. No intervalo, pedi licença aos meus acompanhantes e fui verificar a programação das próximas semanas.

No meio da escadaria de acesso ao saguão do teatro, encontrei o conde de Aldeburgh.

— Boa noite, lady Katherine — saudou com carisma o conde. — Esta montagem de *Otelo* está estupenda! Nunca presenciei nada igual — asseverou com entusiasmo.

— Boa noite, lorde Aldeburgh! É uma satisfação revê-lo — respondi surpresa por encontrá-lo casualmente no teatro. Em seguida, falei com simpatia: — Concordo irrestritamente com milorde... As interpretações e os figurinos estão impecáveis!

— Se milady não se importar, posso acompanhá-la até o saguão e posteriormente conduzi-la ao seu assento.

— Obrigada por tamanha deferência — sorri agradecida. — Eu estava descendo para conferir a programação desta temporada. Gosto de comprar as entradas com alguma antecedência. Isso garante lugares mais interessantes.

— E onde milady está assistindo à peça?

— Estou com a Srta. Susan Sutherland no camarote do conde de Doncaster.

— Que notícia esplêndida! Eu estava justamente indo ao encontro de Doncaster quando me deparei com milady.

Depois de conferir os cartazes e anúncios dos próximos eventos e de cumprimentarmos alguns conhecidos, voltei ao camarote acompanhada do conde de Aldeburgh. Susan, assim que me viu, estampou no rosto aquele ar de interrogação que lhe era familiar. Por sua vez, o conde de Doncaster aparentou genuína alegria em ver lorde Aldeburgh, não transparecendo qualquer surpresa em sua fisionomia ao entrarmos juntos. Quando a peça se ultimou, despedimo-nos gentilmente de Anthony Aldeburgh e de James Doncaster.

Todavia, somente no trajeto de casa foi que realmente compreendi os desdobramentos daquela

noite.

— Ahh... Katherine... — suspirou Susan sonhadoramente. — Eu nem tenho palavras para descrever lorde Doncaster... Praticamente, não consegui me deter na apresentação tendo a presença dele ao meu lado.

— Concordo que o conde de Doncaster é atraente... — ponderei com cuidado. — Inclusive, foi extremamente educado e atencioso conosco esta noite. Porém, a peça estava muito mais instigante do que seus atributos físicos.

— Não seja desmancha-prazeres! — rebateu Susan sem se alterar. — Não me lembro de nenhum homem que chegasse aos pés de lorde Doncaster.

— Você nem o conhece — enfatizei para chamar Susan de volta à realidade. — Algumas horas num teatro não são suficientes para alguém precisar o caráter de uma pessoa.

— Mas ele é amigo de infância de lorde Huntley. Portanto, tem boa reputação! — argumentou Susan teimosamente.

— Eu sei que são amigos. O detalhe básico abstraído por você é que lorde Huntley é homem! Logo, está à margem do campo de conquistas de lorde Doncaster. Certamente, o marquês de Huntley não sairá com o coração partido por conta de sua amizade com lorde Doncaster; sem mencionar a sua manifesta fama de conquistador — frisei intencionalmente este ponto. Toda Londres sabia dos inúmeros escândalos amorosos do conde.

— Tente confiar mais nas pessoas... — replicou Susan inconformada.

— Tudo bem — respondi na tentativa de acalmar os ânimos. — Não vou insistir nesse assunto, porque vejo que não chegaremos a parte alguma.

— E o conde de Aldeburgh? Não me diga que não viu o interesse dele por você! — pressionou Susan com incredulidade.

— Pelos céus! — exclamei atônita. — Como pode concluir uma tolice dessas?! Ele somente foi um perfeito cavalheiro comigo — reiterei com firmeza. — Percebo que hoje você só consegue ver romance a sua volta.

— Se você quer se enganar... Contudo, o conde de Aldeburgh é um homem muito bonito, com ofuscantes olhos azuis. Verdadeiramente, custa-me acreditar você não ter identificado seus atributos físicos.

— A verdade é que Anthony Aldeburgh não me causou nenhuma emoção. De fato, é um homem elegante, com feições marcantes. Para ser justa, é mais másculo do que bonito. Mas, é apenas isso — expus com tranquilidade.

— Estou começando a suspeitar que o seu coração é mesmo de pedra! — declarou Susan com preocupação.

E prosseguiu sem ocultar sua perplexidade:

— Decididamente, eu não a entendo. Falta de pretendentes não é, haja vista o interesse de lorde Huntley e agora de lorde Aldeburgh. Enquanto outras damas ficariam lisonjeadas com a atenção conquistada, você faz de tudo para negar a realidade, iludindo-se com a ideia de que a deferência dispensada nada mais é do que fruto de uma simples cortesia social. Sem se falar em Henry, que desde criança é apaixonado por você!

— O resumo é que vemos os mesmos fatos sob prismas diferentes — comentei na tentativa de encerrar aquela conversa. — De qualquer forma, tenha cautela com o conde de Doncaster.

— Lembrar-me-ei de seus conselhos. Em contrapartida, espero que reflita sobre a forma nada

justificável com que encara seus pretendentes — disse Susan com carinho, tocando de leve minhas mãos em sinal de apoio.

Quando Susan concluiu a frase, a carruagem parou defronte a sua residência. Despedimos-nos fraternalmente como se nada tivesse ocorrido. Essa era uma das dádivas da verdadeira amizade.

Despertei com um luminoso sorriso e uma irresistível vontade de cavalgar. Vesti minha nova roupa de montaria e prendi meus cabelos numa fita verde-escura, bordada com a inicial do meu nome que combinava com o traje escolhido. Como era bem cedo, dispensei a ajuda de Marianne e fiz uma toalete apressada, para aproveitar a bruma matinal. O complexo seria driblar Joe Mills, pois ele sempre insistia em me acompanhar nos meus passeios a cavalo quando estávamos em Londres. Seria impossível dar vazão à energia aprisionada com o diligente cavalariço a monitorar meus passos. Selei o animal tomando cuidado para não fazer barulho, atravessei os portões e segui pelas ruas de Londres até o Hyde Park.

Querendo dar rédeas soltas ao garboso animal, procurei os cantos mais afastados e tranquilos do parque, liberando a euforia represada dentro de mim. Depois de cavalgar sozinha por um tempo considerável, parei a montaria perto de uma fonte. Desci e joguei um bocado d'água para refrescar o meu rosto afogueado. Foi quando percebi meus cabelos soltos. Ainda tentei localizar a fita, mas o esforço foi em vão. Amarrei de improviso os cabelos e retomei o passeio.

Com a incômoda sensação de estar sendo observada, decidi voltar pelo caminho mais movimentado. Um fugaz arrependimento por ter despistado Joe Mills ganhou vulto. Foi com inexplicável alívio no peito que identifiquei ao longe Etham Huntley. Imediatamente guiei a montaria em sua direção. Porém, ao me aproximar o suficiente captei a sua contrariedade. Sem alcançar o porquê daquela expressão sombria, deduzi que apenas algo significativo seria capaz de abalar a sua costumeira placidez.

— Bom dia, Etham! — cumprimentei sorridente, com o premeditado intuito de dissipar aquele patente mau humor. — Que maravilha encontrá-lo por aqui depois destes últimos dias sem nos vermos!

— Se eu não testemunhasse com meus próprios olhos, duvidaria do relato de terceiros — declarou Etham irritado, sobressaindo ainda mais o seu semblante taciturno. — Como pode ser irresponsável a esse ponto?! — questionou Etham sem meias palavras. — Primeiro, está cavalgando desacompanhada e, não sendo o bastante, ainda põe a própria vida em risco ao conduzir a montaria com imprudência!

— Então... esta cara fechada numa radiante manhã é porque eu me exercitei um pouco, após vários dias sendo compelida a comparecer a eventos sociais realizados em lugares fechados e distantes do revigorante ar do campo — constatei ao me recompor do susto da repreensão.

E continuei confiante:

— Não precisa dramatizar... desde criança monto a cavalo. Qual é o problema em galopar? — indaguei com feição angelical, no deliberado propósito de contornar sua reprimenda.

— O problema não é galopar. O problema é pretender voar! Desse jeito você vai acabar quebrando a perna ou até mesmo causando um acidente fatal. O conde de Northwick tem ciência do

que você anda fazendo?!

— Se vai ficar com esse deplorável estado de espírito, será melhor conversamos em outro momento. Não vou estragar o meu dia discutindo com você. Nunca tive qualquer intercorrência sobre o lombo de um cavalo. Logo, não será agora que teria alguma.

Meneando a cabeça, Etham contemporizou:

— Tudo bem... não está mais aqui quem falou... Se deseja continuar se arriscando, somente me resta rezar para seu anjo da guarda socorrê-la em caso de necessidade.

Em seguida, emendou sorridente:

— Pelo visto, não posso mais deixá-la sozinha. Soube que há vários admiradores cercando-a na minha ausência! O pior é que a minha viagem desta semana a May River não dá mais para ser desmarcada.

— Vai se ausentar de Londres? — inquiri com pesar.

— Não precisa se desesperar, minha querida Katherine — provocou Etham com indisfarçável entonação de riso —, pretendo voltar a Londres o mais breve possível para ficar ao seu lado!

— Como você é presunçoso! — falei dando-lhe de ombros. — Depois desta calorosa recepção de hoje, algumas semanas sem nos encontrarmos até será uma perspectiva interessante — externei com implicância.

— Você está sendo revanchista — repreendeu Etham. — Inclusive, não tocaremos mais neste assunto, pois qualquer pessoa minimamente razoável daria razão às minhas colocações. Por isso, é aconselhável voltarmos à questão da viagem...

E prosseguiu:

— Como eu dizia, não dará mais para adiar a viagem desta semana para May River, porque estou tendo problemas com o meu atual administrador.

— Poderia ser mais específico? Quem sabe eu não possa ajudá-lo de algum modo?

— Certamente, soluções administrativas de uma propriedade rural não fazem parte do seu rol de atributos femininos, nem muito menos são alvo de seu requintado universo de interesses — disse Etham com o escopo de afastar aquele entediante tópico da conversa.

— Pois eu deveria deixá-lo se virar sozinho! — respondi contrafeita. — Mas, sopesando a realidade de que a maioria das mulheres não faz sequer as contas da modista decentemente, ignorarei o seu comentário.

— Desculpe se a ofendi — adiantou-se Etham, confuso com o rumo da conversa. — No entanto, julguei estar brincando.

— Vamos esclarecer por partes para evitarmos outras confusões e erros de interpretação... — expliquei com didática paciência. — Primeiro, eu não só aprecio questões administrativas de propriedades rurais, como eu faço isso a maior parte do tempo, quando não estou em Londres. Objetivamente, eu auxilio tia Margareth na direção e supervisão dos negócios do ducado de Melbourne. Sendo assim, estou habilitada para tratar de igual para igual sobre o tema.

— Isso é inusitado... Principalmente, para uma mulher linda como você! — confessou Etham sincero.

— Pelo menos nos entendemos quanto a este primeiro aspecto. Segundo, dando continuidade às minhas observações, eu gostaria de esclarecer que o fato de ser bonita não diminui em nada a minha capacidade de raciocinar. Todas as mulheres são plenamente capazes de tomar conta de si mesmas, mas muitas se acomodam aos rígidos parâmetros sociais, sem lutar pelas suas reais aspirações.

— Vejo que você é uma caixinha de surpresas...
Concordando com Etham, assenti diante de suas palavras.
— Efetivamente, não é frequente uma mulher, ainda mais quando ela pertence à nobreza, se interessar por tais assuntos. Como esta minha preferência pode despertar preconceitos de toda ordem se vier a público, optei por guardar segredo.
— Bem... Nesse caso, peço perdão pela minha falta de tato... Jamais pretendi insultar a sua inteligência — disse Etham com visível constrangimento.
— Eu sei disso. Não é por outro motivo que lhe revelei a verdade — verbalizei com inabalável confiança.
— Você tem toda razão em se manter calada. Pouquíssimas pessoas compreenderiam esse seu jeito de ser... Respondendo a sua indagação inicial, o rio que atravessa May River vem subindo consideravelmente nos últimos anos, alagando extensas áreas férteis e suas plantações. Contactei alguns engenheiros, mas nenhum deles me deu uma solução satisfatória para debelar o problema.
— Por coincidência, Wolfcastle está com o mesmo problema. Como é uma questão específica, acho importante consultar diretamente tia Margareth.
— Em sua opinião, qual a melhor forma de contactar a duquesa de Melbourne?
— Como estou há semanas em Londres, não sei lhe precisar onde ela se encontra atualmente. Vou me informar e comunicarei como deverá fazer para agendar um encontro.
Ao retornar com o sol a pino, Joe Mills correu desesperadamente ao meu encontro, gesticulando sem parar com as mãos acima da cabeça calva, ameaçando contar para o conde de Northwick a minha escapulida. Ouvi calada a pavorosa e horripilante narrativa dos perigos que rondam as ruas de Londres. Associado a isso, a inquietante impressão de ter sido seguida no parque acabou me induzindo a relutantemente prometer não mais cavalgar sozinha no parque. Nessa conjuntura, era preferível um ruim acordo à alternativa de um castigo de papai.
Apaziguados os ânimos, subi as escadas de dois em dois degraus. O único compromisso do dia era a recepção de Victoria Wastell, viscondessa de Portsmouth. Sempre que podia mamãe discorria com empolgação sobre esse evento, enquanto eu era atingida por profundo desânimo.
Fiquei lendo até que Marianne me entregou um bilhete. Era uma mensagem de tia Margareth informando a sua chegada a Londres. Morrendo de saudades, nem pensei duas vezes e comecei a me ajeitar para ir ao seu encontro. Mal podia esperar a hora de contar todas as novidades dessas semanas!

CAPÍTULO 4

A grandiosa residência da duquesa de Melbourne era magnífica e impressionava os passantes, fossem eles quem fosse: nobres, comerciantes ou pessoas do povo; todos se encantavam com as linhas clássicas e cor sóbria da sua fachada marfim. O pórtico de entrada localizava-se no primeiro andar e era ladeado por altivas colunas com capitéis coríntios, janelas quadradas marrons e uma enorme cúpula hexagonal envidraçada no centro da mansão, que permitia filtrar a claridade externa. Suas escadarias laterais harmonicamente construídas num traçado geométrico, rodeadas por balaustradas entrecortadas por colunas pequenas, eram pontuadas por vasos estrategicamente colocados em cada uma de suas quinas.

A mansão era um autêntico exemplar da arquitetura renascentista que floresceu no início do século XVI na Itália. O amplo jardim da entrada, com plantas exóticas e flores multicoloridas dispostas em canteiros cuidadosamente tratados, realçava a perfeição do lugar. Difícil era desgrudar os olhos diante de tamanha harmonia e equilíbrio nos elementos arquitetônicos daquele palacete, visivelmente inspirado nas obras do famoso arquiteto italiano Andrea Palladio. O quarto duque de Melbourne, Alexander Kensington, avô do falecido marido de tia Margareth, era um homem de invejável elegância estética. Devia-se a ele a sua edificação na tradicional Berkeley Square, no distrito de Mayfair.

Ao galgar o último degrau da escadaria, Howes me aguardava na porta principal com um tranquilo sorriso no rosto. Segui-o até a sala de estar, onde tia Margareth estava confortavelmente encostada na poltrona próxima da enorme janela lateral. Uma reconfortante luminosidade inundava o ambiente. A mobília da sala era exuberante e opulenta, todavia os tons róseos davam-lhe um ar íntimo e feminino. Em suas mãos repousava um de seus romances prediletos. Abracei-a com carinho, tentando recompensar a distância daquelas semanas.

— Minha querida... Eu me alegro em reencontrá-la! Pelo que meus olhos podem atestar, está sobrevivendo maravilhosamente bem a sua estada em Londres! — gracejou tia Margareth, apertando afetuosamente minhas mãos. Em seguida, guiando-me gentilmente para o lado, afastou-se um pouco para que eu pudesse sentar na lateral da poltrona, onde estava reclinada.

— O meu espírito aguerrido não me permite abater com facilidade! — respondi com expressão divertida. — É claro que anda meio abalado depois da sucessão ininterrupta de vestidos, sapatos, chapéus, jantares, bailes... Ao menos, consigo raciocinar decentemente mesmo diante da enxurrada das duas últimas semanas de conversas alienantes.

— É bom saber que continuo tendo ao meu lado a minha mais fiel, dedicada e competente administradora. Apavorava-me a ideia de vê-la sucumbir ao fascínio da vida social.

— Na verdade, são as atividades culturais que mantêm vivo o meu interesse por Londres, impedindo-me de cair no mais profundo tédio. Não vejo a hora de retornar para as minhas atividades cotidianas.

— E como estão as coisas do coração? Algum cavalheiro despertou-lhe alguma emoção especial? — questionou tia Margareth curiosa.

— Eu não sei o porquê disto, mas todos insistem nesse ponto... Até mesmo a senhora acha que eu tenho de arranjar um marido para ser feliz! Vou repetir pela enésima vez: não pretendo me casar. Farei de tudo para retardar ao máximo esse desfecho. Não quero ninguém controlando os meus passos vinte e quatro horas. Diversamente da maioria das mulheres, eu necessito de liberdade para ser feliz, e a forma mais fácil de perdê-la será me casando. Por isso, só de pensar na possibilidade de contrair matrimônio sinto terríveis pontadas de dor de cabeça — expus com calma, mas sem perder a objetividade.

— Talvez um dia você seja capaz de compreender o real sentido do amor... — externou tia Margareth sem ocultar sua preocupação. — Vou procurar o meu livro de Luís Vaz de Camões. Se a memória não me falha, está na biblioteca de Fairmont. Suas poesias serão um excelente referencial para você dimensionar as contradições do amor. As coisas não são lineares...

— Pode ser que tenha razão. Entretanto, enquanto eu não encontro este homem especial, é prudente evitar os homens errados. Na maior parte das vezes, as consequências são extremamente danosas para as mulheres.

Mudando de assunto, questionei:

— Como anda a represa de Wolfcastle?

— Depois de bastante desperdício de dinheiro, finalmente contratei engenheiros habilitados para a tarefa. Daqui a mais um ano os trabalhos estarão concluídos, findando-se os alagamentos das plantações na estação das chuvas.

— Excelente notícia! Etham ficará contente em saber que conseguiu uma equipe qualificada. Talvez essa informação ajude-o a solucionar os dilemas que o andam aflingindo em May River.

— Etham?! — perguntou tia Margareth com a sobrancelha arqueada, diante da minha flagrante ausência de formalidade ao citá-lo.

— Ohh... Desculpas! Eu me esqueci de citá-lo corretamente... Etham é o marquês de Huntley. Conheci no chá anualmente patrocinado por sua mãe, Elizabeth Bedford, a condessa matriarca de Huntley, na minha primeira semana em Londres. Desde então tornamo-nos amigos.

— Somente amigos?! — indagou tia Margareth desconfiada.

— Virgem Santa! — exclamei sobressaltada. — Eu não posso crer que a senhora está insinuando existirem outras intenções!

— E por que não?! O pobre coitado é doente? Ou monstruosamente feio e incapaz de atrair os olhares sedutores das mulheres? Ou quem sabe é um sujeito grosseiro e pedante que fala bobagens a cada dois minutos? — rebateu tia Margareth séria.

— Não é nada disso... Lorde Huntley, além de ser um homem bem apessoado, ser socialmente agradável e rico, é perfeitamente saudável.

— Se ele é tudo que acabou de dizer, qual é o motivo para todo este espanto quando lhe perguntei se havia algo mais que uma simples amizade? — questionou tia Margareth com raciocínio implacável.

— Ahh... A senhora é mesmo terrível! — declarei encurralada ante as palavras que acabara de ouvir.

— Eu apenas estou mostrando o quanto você é radical quando a questão envolve seus sentimentos. Pare de categorizar as pessoas com extrema rigidez. Se lorde Huntley é como

descreveu, qual é a causa de todo esse alarme quando cogitei um romance? É tão difícil mudar suas convicções preconcebidas acerca dos homens? — insistiu tia Margareth.

— Nós somos amigos. Isso é justificativa bastante para inviabilizar qualquer atitude romântica entre nós dois.

— E desde quando existe amizade desprendida entre um homem e uma mulher? — pressionou tia Margareth com determinação.

— Hoje a senhora está se superando. Então, em sua opinião, não é possível um homem e uma mulher serem amigos?! — indaguei com dificuldade de introjetar o conteúdo daquelas palavras.

Sem esperar resposta, emendei:

— Pelo amor de Deus, tia Margareth! Se eu sou radical, como falou há pouco, o mesmo posso dizer da senhora nesse ponto. Para mim, a verdadeira amizade independe de sexo, raça ou religião. Um homem e uma mulher podem perfeitamente ser amigos, sem que o relacionamento descambe para um enlace romântico.

— Na sua idade eu pensava de maneira muito semelhante... Depois de todos esses anos, percebi não ser possível por questões intrínsecas à natureza humana, tanto do homem quanto da mulher.

Duas leves batidas na porta interromperam a conversa. Era a Sra. Edith Moore, competente governanta da casa, que, inobstante fosse solteira, era cortesmente chamada de senhora. Uma vistosa bandeja recheada com deliciosas guloseimas para o chá da tarde estava entre suas mãos. Com presteza, colocou o lanche na mesinha ao lado da poltrona. Após tantas polêmicas, migramos para assuntos amenos. Fiz uma breve retrospectiva das minhas semanas em Londres.

Quando me despedi de tia Margareth, constatei assustada já haver escurecido. Não daria mais tempo para comparecer ao jantar da viscondessa de Portsmouth! Não queria nem pensar no que estaria por vir quando encontrasse com mamãe... Podia antever as reclamações e repreensões que recairiam sobre mim. O estrago estava feito! Nada poderia minorar a situação, concluí nervosa. Aparecer de repente no jantar, nem pensar! Com certeza mamãe articulou uma desculpa aceitável para contornar a minha ausência. Só me restava aguardar a tempestade do dia seguinte. Contudo, a minha imaginação não pôde prever que eu não esperaria tanto tempo assim para reencontrá-la.

A névoa do sono sobrepujava completamente meus sentidos. No distante mundo povoado por sonhos e seres imaginários, ouvi um abrupto abrir de porta e uma voz claramente familiar, chamando-me insistentemente de volta à superfície da consciência.

— Katherine... A sua indelicadeza ultrapassou todos os limites! O que eu fiz para você retribuir com semelhante descortesia?! — ralhou mamãe ao escancarar impetuosamente a porta no meio da madrugada e irromper sem a menor cerimônia quarto adentro, com o calculado propósito de me acordar.

— Como? O que está acontecendo? Que barulho é esse?! — balbuciei sentando-me bruscamente na cama com expressão atordoada. Demorei alguns segundos para assimilar que mamãe decidiu encerrar as pendências ao retornar para casa, em vez de aguardar amanhecer.

— Pode acordar agora mesmo, porque eu não saio deste quarto sem resolver as nossas diferenças, por nada neste mundo! — vociferou mamãe, pouco se importando com a minha confusão

por ter sido arrancada do sono.

Andando irritada de um lado para outro, mamãe prosseguiu com evidente retaliação:

— Se você pensa que ficará incólume desta vez, está redondamente enganada. Por sua culpa, exclusivamente sua, eu inventei que você não pôde comparecer ao jantar porque uma súbita febre a acometeu no início desta tarde. Portanto, três dias proibida de sair! E não me faça perder tempo com desculpas esfarrapadas — adiantou-se mamãe quando eu abri a boca para me justificar.

E continuou com os olhos dardejando de raiva:

— Não permitirei ser desacreditada por ninguém, muito menos por você, principalmente depois de ter engendrado uma odiosa mentira como esta para mascarar a sua falta de educação. Espero ter sido entendida!

— Sim, mamãe — respondi em tom obediente, consciente de que não havia nada a ser feito neste caso, senão seguir as ordens explicitadas.

Depois de revirar na cama por várias horas sem conciliar o sono, diante do susto pela forma como fui acordada, acabei adormecendo quando os primeiros raios de sol espraiaram no horizonte. Quando voltei a olhar o relógio na mesa de cabeceira, os ponteiros impávidos marcavam dez horas da manhã! Malgrado a repreensão pelo não comparecimento à recepção da viscondessa de Portsmouth — fato que honestamente não me causava nenhum arrependimento —, agora eu também levaria uma reprimenda pela hora em que saía da cama!

Tentando amenizar o atraso, troquei ligeiro de roupa e desci para o café da manhã. Enquanto me esforçava para engolir um pouco de comida, em face dos eventos da noite anterior que roubaram meu apetite, a porta da sala de jantar foi aberta por Meredith.

— Bom dia, Katherine! Tomando café da manhã a esta hora?! Nem acreditei quando Dodgson informou que estaria aqui, pois acabara de descer do quarto não fazia nem dez minutos.

— É algo difícil de ocorrer, entretanto esta noite não foi nada fácil... Acabei dormindo pessimamente e perdi a hora.

Concordando, Meredith aconselhou:

— Suas olheiras efetivamente denunciam uma noite mal dormida. Quando for sair mais tarde, não se esqueça de caprichar no pó.

— Pelo menos quanto a isso não haverá problema algum. Mamãe me proibiu de pôr os pés fora de casa nestes próximos três dias. Logo, não será nenhum inconveniente conviver com as olheiras durante esse período.

— Pelos céus, Katherine! O que sucedeu de tão grave para mamãe deixá-la restrita aos limites desta casa por todo esse tempo?! Isso decididamente não combina com seus planos de vê-la noiva ainda no final desta temporada.

— Toda essa confusão é porque ontem eu perdi a hora da recepção de Victoria Wastell, viscondessa de Portsmouth. Esse foi o problema! Como não pude acompanhá-la ao jantar, mamãe inventou que uma febre impediu a minha presença. Se eu sair de casa, os convidados saberão que a desculpa não refletia a realidade. Por isso, ficarei confinada em casa para garantir veracidade às suas palavras.

— O que aconteceu para você perder a hora? — indagou Meredith. — Você sabe como mamãe é pontual quando se trata de festas. E qualquer pessoa que a conheça minimamente anteveria o quanto a aborreceria essa situação.

Suspirei com enfado antes de prosseguir.

— Na verdade, não aconteceu nada de extraordinário... Como tinha semanas sem ver tia Margareth e eu recebi sua carta informando que acabara de chegar a Londres, fui visitá-la e acabei perdendo a hora.

— Às vezes, você se excede, não é mesmo, Katherine?! — censurou Meredith. — Se tia Margareth estará em Londres nestes dias, custava ter voltado mais cedo para conciliar o jantar? Em outra oportunidade, você continuaria a conversa.

— Concordo... Mas não foi proposital. O que está feito, está feito! Não tem como voltar no tempo para consertar.

Direcionando o assunto para tópicos mais seguros, perguntei:

— E o que a traz aqui hoje? Alguma novidade para nos contar?

— Charles e eu vamos viajar para a Espanha na próxima semana — revelou Meredith contente.

— Que notícia maravilhosa! A Espanha tem tantas coisas lindas... — comentei sonhadora. — Aproveite para explorar sua diversidade cultural. Tem igrejas católicas belíssimas e cidades mouras deslumbrantes.

— Sem dúvida, será uma ótima chance para viver essa experiência, especialmente porque Charles não ficará preso ao trabalho em tempo integral. Apenas na primeira semana terá compromissos diplomáticos em Madri, depois teremos os dias livres para aproveitá-los como nos aprouver.

— Que bom... A viagem será ainda mais promissora!

— Porventura você viu mamãe? — inquiriu Meredith, enquanto eu mordia um pedaço de biscoito. — Vou pedir para ela cuidar de Edward na nossa ausência. Optamos em não o levar para fazermos uma segunda lua de mel.

— Não me faça engasgar! — disse ao recuperar o fôlego. — É melhor nem falar de mamãe para que ela não se materialize por aqui. Após a conversa de ontem à noite, necessito de uma trégua. Não quero correr o risco de causar outros constrangimentos. No contexto atual, a distância é a estratégia de defesa mais inteligente.

— Até parece que vocês estão em guerra! — assustou-se Meredith com a minha ênfase.

Tentando contornar o clima beligerante, Meredith pontuou com objetividade:

— A questão é que vocês têm uma natureza forte e intempestiva. E quando esse tipo de personalidade convive sob o mesmo teto, invariavelmente os conflitos surgem. Tenho suspeitas de que a palavra *moderação* foi riscada do dicionário das duas — criticou Meredith.

— Eu já cansei de buscar explicações. Simplesmente, as coisas são assim... e pronto! — retruquei conformada.

— Espero que um dia estabeleçam um convívio mais harmonioso para a felicidade de todos.

— Quem sabe futuramente não evoluímos para um relacionamento mais civilizado — conjecturei sem nenhuma convicção.

— Como isso só depende de vocês, vou procurar mamãe para saber com quem Edward ficará durante a minha estada na Espanha.

Sem se demorar mais, Meredith levantou-se da mesa, depositou um beijo na minha cabeça e desapareceu da sala, para providenciar os detalhes da sua iminente viagem.

Passados os três dias de confinamento forçado, encontrei Lauren Windermere no Kew Gardens. Marianne separou um dos meus vestidos mais bonitos de passeio, em tons de pérola e amarelo, pregueado no corpete. Queria reaparecer em grande estilo. E pelo número de olhares enviesados ao percorrer a trilha demarcada até a magnífica estufa, o meu intento de chamar atenção foi alcançado. Avistei Lauren e nos saudamos efusivamente como se há anos não nos víssemos.

— Senti imensamente a sua falta... Como é difícil achar uma pessoa com a mesma sintonia de pensamento — declarou Lauren contente.

— De certa forma, os dias de reclusão só não foram piores porque localizei um fantástico livro sobre arte pré-colombiana — expliquei sorrindo.

— Deve ter sido uma leitura instigante pelo que eu posso inferir da sua voz radiosa. E lorde Huntley como vai? Não o encontro faz dias... Você tem notícias dele?

— De acordo com a nossa última conversa no Hyde Park, suponho que esteja em May River envolto em demandas de índole administrativa. Não tardará a retornar a Londres.

— Eu apostaria mil libras que lorde Huntley está apaixonado por você! — externou Lauren com gravidade.

— Por favor, esqueça esse assunto. Não basta eu ter que aturar as indiretas de tia Margareth e as infindáveis perguntas de mamãe sobre lorde Huntley, agora você também pretende se juntar ao coro! — prontamente rechacei a ideia, sem disfarçar o meu incômodo com aquele tipo de comentário.

— Se você não quer enfrentar a verdade... não está mais aqui quem falou — retrocedeu Lauren, descontraidamente.

— Que tal darmos uma pausa para um chá? — sugeri, com o propósito de apaziguar a situação.

— Você leu meus pensamentos — concordou Lauren de imediato.

Andamos calmamente até o charmoso restaurante que tinha visão privilegiada dos canteiros floridos. Optamos por uma mesa na arejada varanda. Quando estávamos confortavelmente instaladas bebericando um delicioso chá preto e entretidas na conversa sobre a incrível diversidade da flora local, com suas delicadas e coloridas flores, divisei Thomas Windermere caminhando em nossa direção.

— Você está vendo o mesmo que eu? — indaguei para Lauren. — Ou levei muito sol na cabeça durante esta manhã e estou começando a ter delírios?! — perguntei, sentindo imediata antipatia por aquele encontro nada casual.

— Não entendo como ele descobriu minha programação, mas quem vem em nossa direção é realmente meu irmão — confirmou Lauren incrédula.

Ao terminar de completar a frase, Thomas Windermere colocou-se diante de nós. Sem perder tempo foi logo se adiantando para o meu lado.

— Que coincidência vê-las por aqui — tentou disfarçar o irmão de Lauren, ao pegar minhas mãos para beijá-las. — Que escolha acertada foi vir ao Kew Gardens ventilar as ideias. Os compromissos do dia a dia muitas vezes nos impedem de contemplar um lugar aprazível como este. Sobretudo quando há visitantes ilustres em seus jardins.

— É muita gentileza, Sr. Windermere — verbalizei polidamente, sem nenhum entusiasmo, libertando minhas mãos agilmente das dele.

— Vocês já souberam dos comentários que andam circulando desde ontem nos principais salões londrinos?

— Não tenho a menor noção disso a que o senhor está se referindo — disse educadamente, sem externar qualquer curiosidade.

— Segundo dizem, o conde de Doncaster concluiu um expressivo negócio... Se não fosse por mim, jamais teria conhecido o comerciante francês! A exclusividade dos melhores vinhos da região de Bordeaux é um feito admirável — declarou Thomas Windermere, com o propósito de auferir para si os bônus de uma negociação na qual induvidosamente não teve participação relevante.

Em seguida prosseguiu com pedantismo:

— Sendo lorde Doncaster uma pessoa bem relacionada, em breve serei retribuído na mesma moeda... — alardeou aos quatro ventos.

E emendou a conversa sem dar chance de fazermos qualquer tipo de aparte:

— Situações como essa somente evidenciam o meu tino comercial. É dispensável dizer que a condição financeira da família Windermere melhorou substancialmente, coincidindo com minha gestão à frente dos negócios. Por essa razão, como é de conhecimento geral, meu pai estipulou um fabuloso dote para Lauren. Afinal, é ponto de honra assegurar-lhe uma vultosa quantia para cobrir suas despesas futuras após o seu casamento. Tanto é assim que as mais ilustres famílias inglesas estão encantadas em tê-la no seu convívio social.

Que comentário mais descabido e inconveniente! — pensei horrorizada. Virando-me para fitar Lauren, constatei nas suas feições ruborizadas de raiva a mesma perplexidade com as impropriedades de seu irmão.

Não contente com o festival de disparates, Thomas Windermere arrematou:

— Obviamente, minha afortunada futura esposa será recoberta de vestidos de modistas renomadas e joias exclusivas dos ourives mais famosos da Inglaterra. Como o assunto é esposas, soube por fonte fidedigna que o visconde de Haworth está em busca de uma noiva endinheirada para remediar a sua desordem financeira. Praticamente, perdeu toda sua fortuna.

Encarando Lauren, divagou em voz alta:

— Quem sabe você não seria uma boa opção? Seu significativo dote causaria forte efeito psicológico na escolha de lorde Haworth...

— Thomas... Por favor, não precisa enveredar por essas minúcias... — interveio Lauren com o escopo de pôr fim àquele monólogo ridículo.

— Que crime há em falar a verdade?! Tais assuntos não são segredo para ninguém — externou com arrogância, sem disfarçar a empáfia.

— Certamente, você não está se apercebendo de que a abordagem de questões dessa natureza não convém ser tratada fora dos restritos limites de quatro paredes — repreendeu Lauren com impaciência cortante. — Normalmente as pessoas não gostam de conversar sobre esse tema e, nas raras ocasiões em que o fazem, preferem preservar intacta sua privacidade.

— Lauren... não precisa se incomodar com a minha presença. O Sr. Windermere tem toda a liberdade de externar sua opinião e pontos de vista... — asseverei na esperança de evitar uma iminente discussão entre irmãos que não tardaria a se instalar se eu permanecesse em silêncio, vendo o curso da conversa se deteriorar a cada palavra pronunciada.

— Ou eu entendi errado... ou você insinuou ser a minha conversa imprópria aos seus ouvidos?! — atacou o honorável Thomas Windermere com ar de superioridade, pronto a retaliações acaso Lauren não recuasse.

— Não é nada disso — retrucou Lauren, na tentativa de contornar os ânimos. — Somente quis

alertá-lo para o desinteresse de lady Katherine pelas finanças de terceiros e pelas histórias que se propagam ao vento acerca da vida íntima das pessoas. Essas intrigas são excessivamente cansativas! — disse Lauren com enfado.

— Desculpe-me se a aborreci, milady — falou Thomas Windermere sem esboçar sinal de arrependimento. — A empolgação com o negócio firmado por lorde Doncaster, diante da minha decisiva contribuição para o seu desfecho favorável, fez-me esquecer da falta de habilidade das mulheres com o universo das finanças.

— De fato, algumas mulheres não apreciam assuntos que girem em torno de questões financeiras *tão íntimas*... — verbalizei com ênfase a parte final da frase.

— Peço que desconsidere a minha falta de tato. Efetivamente, as mulheres têm grande dificuldade de entender números e de fazer contas matemáticas... O que dirá compreender os meandros de negociações complexas! — averbou Thomas Windermere com expressão complacente, distorcendo o real sentido das minhas palavras e desperdiçando uma ótima oportunidade de ficar calado. Por pouco, o bule de chá não voou na sua cabeça!

Consciente de o meu autocontrole estar por um triz, pedi licença e fui ao toalete. Mais alguns segundos, eu esganaria aquele sujeito execrável com as próprias mãos.

A sucessão de comentários desastrosos foi de arrepiar. Fica difícil saber qual foi o mais infeliz. A descortesia e insensibilidade com os sentimentos da própria irmã eram desprezíveis. Qualquer mortal que conhecesse o visconde de Haworth minimamente saberia do infortúnio de tal enlace matrimonial. Além de mulherengo e perdulário, pois esbanjou irresponsavelmente toda a sua herança em jogatina, não haveria a menor chance de Lauren ser feliz ao seu lado. Coitada de Lauren ser obrigada a conviver com um irmão como aquele. Isso era um castigo!

Após cinco minutos remoendo e lamentando o fatídico encontro, consegui a muito custo restabelecer o controle das minhas emoções e colocar no rosto um estático sorriso que atendia perfeitamente bem às convenções sociais. Ao regressar à mesa onde os irmãos Windermere me esperavam, pressenti um clima nada promissor. Sem dúvida, discutiram. Era hora de acabar com aquela situação constrangedora.

— Perdoem-me a demora... Todavia, não estou me sentindo muito disposta. Suponho ter tomado muito sol nesta manhã. Preciso descansar um pouco. Obrigada pela companhia — expliquei, cumprimentando-os com um leve balançar de cabeça. Em seguida, caminhei até a saída do parque sem olhar para trás.

Rapidamente restabelecido do susto da minha inesperada partida, o honorável Thomas Windermere veio ao meu encalço e me encontrou parada na calçada à espera de Ryan Taylor, o chefe dos cocheiros de Greenfield House.

— Minha carruagem está perto daqui. Eu mesmo faço questão de levar milady para casa, garantindo-lhe sua total segurança.

— Não será necessário — falei de imediato, querendo me livrar o quanto antes da sua inoportuna e desagradável presença. — Tenho um coche à minha disposição e não quero causar incômodo. Agradeço a gentileza de querer me acompanhar.

— Eu insisto que é melhor vir conosco, ainda mais quando não está se sentindo perfeitamente bem — redarguiu Thomas Windermere.

Desejando pôr um ponto final naquele imbróglio, cedi à pressão e mandei Taylor nos seguir. Ninguém pronunciou uma única palavra no trajeto, excetuando Thomas Windermere que se

encarregou de falar ininterruptamente por nós.

Se para deixar o Kew Gardens arquitetei a desculpa de que estava cansada e indisposta, ao atravessar os portões da minha residência tal estado de espírito transmudou-se em pura realidade. Sentia-me como se um regimento da cavalaria inglesa houvesse me pisoteado, ante o esforço para me manter cortês, como apregoam as rígidas regras de etiqueta. A Srta. Collins não caberia em si de orgulho se tivesse testemunhado a minha desenvoltura e traquejo social!

A gloriosa e cintilante manhã era um convite para atividades ao ar livre. Captando meus pensamentos, tia Margareth enviou uma mensagem para passearmos no Royal Opera Arcade. Proposta estendida a Cristine e mamãe. De pronto, respondi concordando com o programa, embora a sua atipicidade tenha me surpreendido. Não era todo dia que andávamos pelas movimentadas ruas e lojas de Londres. Infelizmente, mamãe foi forçada a declinar do passeio, porque tinha outros compromissos agendados.

As horas passadas no Royal Opera Arcade foram divertidíssimas. Entramos e saímos de uma infinidade de lojas e gastamos um valor expressivo sem qualquer peso na consciência. Provamos e compramos de tudo um pouco. Não queria nem imaginar a reação de papai quando recebesse as cobranças das lojas. Como isso somente aconteceria dali a alguns dias, afastei esse assunto da cabeça e usufruí o momento com genuína alegria.

Ainda ríamos animadamente quando colocamos os pés em casa. Cristine e tia Margareth me acompanharam, pois não queríamos nos desgrudar uma da outra. Diversas sacolas e pacotes dos mais variados tamanhos vinham ao nosso encalço, numa balbúrdia pitoresca. Mas assim que olhei para mamãe, com um eufórico e enigmático sorriso no rosto, meu sexto sentido disparou um ensurdecedor sinal de alerta.

— Ainda bem que chegaram! Eu estava morrendo de ansiedade... — revelou mamãe radiante. — Quase mandei Marianne ir procurá-las nas lojas para lhes contar a novidade do dia...

— Meu Deus, Lydia! Para que tanta afobação?! Por melhor que seja a notícia dá para sabermos com calma e tranquilidade, bebericando uma xícara de chá — ponderou tia Margareth.

Dirigindo-se a minha pessoa, mamãe prosseguiu:

— Antes de qualquer esclarecimento, seu pai está aguardando-a na biblioteca.

— Por que não termina logo com esse suspense, mamãe? — falei na tentativa de apaziguar minhas descompassadas emoções, as quais sem motivo aparente estavam em polvorosa.

— Não... Primeiro converse com seu pai... Em seguida, eu prometo lhe pôr a par das boas novas — externou peremptória.

— Justo agora papai quer falar comigo! — reclamei inconformada. A minha curiosidade, misturada com certa dose de apreensão, estava no limite.

— Não insista — reiterou mamãe. — A ordem das coisas é: primeiro, a conversa com seu pai; depois, eu comunico a novidade. Por isso, quanto mais você demorar, mas tempo levará para saber o que está acontecendo.

Resignada com o desencadear dos fatos fui até a biblioteca. Papai estava confortavelmente sentado atrás da escrivaninha de carvalho, fumando vagarosamente um aromático cachimbo. Ao

entrar, seu olhar distraído vagueou sobre mim de forma estranha. Poucas vezes o vi com semblante tão carregado e contemplativo. Quando pressentiu a minha presença, gesticulou para que eu me aproximasse e sentasse na poltrona a sua frente.

— Estava esperando você chegar — antecipou-se papai em dizer. — Preciso ouvir sua opinião sobre os últimos acontecimentos...

— Espero serem notícias alvissareiras — disse com cautela.

— Quanto a esse juízo de valor, prefiro que você mesma faça a sua avaliação — explicitou papai, ligeiramente perturbado.

— Então, preciso saber do que se trata, pois mamãe não antecipou nem uma única palavra sobre o assunto.

— Eu proibi terminantemente sua mãe de adiantar a razão da nossa conversa. Para não trazer nenhum tipo de problema incontornável no futuro — explicou papai com autoridade.

Respirando profundamente, continuou:

— Não sei bem como colocar a questão, mas hoje recebi um pedido formal para conceder sua mão em casamento. Como sei que esta é uma decisão muito delicada, com ampla repercussão na sua vida, preciso compartilhá-la com você — expôs papai com cuidado na escolha das palavras.

— Casamento?! Quem poderia estar me pedindo em casamento? Não encorajei ninguém nesse sentido... — indaguei completamente desnorteada com aquela revelação, tentando vasculhar na mente algum fato que pudesse ter levado alguém a vir a minha casa fazer um pedido dessa gravidade.

— Não tenho noção do que sucedeu em seus encontros, entretanto, o honorável Thomas Windermere, herdeiro do título e da fortuna do próspero barão de Lancaster, mostrou-se absolutamente apaixonado por você, deixando transparecer certa pressa em celebrar o matrimônio.

E prosseguiu papai:

— Confesso que todo este ímpeto em desejar se casar me deixou sobressaltado...

Franzi o cenho e senti o rubor tingir minhas faces.

— O quê?! Eu somente posso estar delirando! Thomas Windermere teve a audácia de vir aqui para pedir a minha mão em casamento?! — vociferei indignada, levantando-me da poltrona e andando de um lado para o outro na biblioteca.

— Minha filha... pense com calma. Ele é um rapaz bem-apessoado, detentor de posses e futuramente herdará o título de sua família. Seguramente, será capaz de lhe dar uma vida promissora. Ademais, parece estar imensamente enamorado de você — argumentou papai sem entender minha resistência.

Fitando papai com determinação, declarei:

— Prefiro ir para o convento a me casar com aquele sujeito ridículo e convencido, sem nenhum discernimento das coisas. Eu não suporto conversar com ele nem dez minutos, numa festa, o que dirá viver uma vida inteira ao seu lado!

— Segundo sua mãe, seria uma união perfeita... — retrucou papai.

— Não preciso dizer que *qualquer* união seria perfeita para mamãe! — comentei com sarcasmo. — O noivo é o de somenos importância.

— E a sua amizade com a irmã do Sr. Windermere? — questionou papai na vã tentativa de amainar minhas veementes objeções. — Quem sabe esta não seria uma boa razão para se aproximarem? Às vezes, a primeira impressão de uma pessoa não é a mais acertada. É imprescindível tempo e paciência para conhecê-lo melhor.

— Com todo o respeito, não há a menor chance de este casamento se concretizar. É mais fácil eu matá-lo e viver numa prisão até o fim dos meus dias do que me casar com o Sr. Windermere. Espero ter me feito entender.

Ultrajada e ofendida com a petulância de Thomas Windermere de propor casamento sem me consultar, concluí:

— Pode repassar ao Sr. Windermere a minha recusa à proposta de casamento. Nunca encorajei nenhuma atitude dele que pudesse ser interpretada como interesse da minha parte. Nem mesmo amizade eu quero. Refletindo com vagar... Não o poupe da verdade, talvez seja uma forma eficiente de me deixar definitivamente em paz!

— Minha filha, você poderá se arrepender — ponderou papai sem encobrir seu receio.

— Não se atormente, porque nunca estive tão lúcida na minha vida como agora. Estou segura da minha decisão.

— Se é assim... Não terá casamento. Amanhã mesmo enviarei uma carta com a sua resposta. Como eu havia lhe prometido antes de vir a Londres, você apenas se casará com quem for do seu agrado. Se mudar de ideia, pode me procurar que remediaremos a situação.

— Obrigada, papai! — agradeci, beijando-lhe o rosto com carinho. — Jamais esquecerei esse seu gesto de compreensão.

Acertadas as medidas necessárias para desfazer aquela confusão, saí da biblioteca e segui à sala de visitas onde mamãe, Cristine e tia Margareth continuavam reunidas. Ao abrir a porta, mamãe levantou-se para me abraçar e, adiantando-se em minha direção, disse sem me deixar contextualizar os fatos:

— Meus parabéns, Katherine! Estou exultante pela oficialização do seu noivado. Por que não me contou antes?! Finalmente, vamos superar nossas divergências...

— Desculpe... Não queria decepcioná-la. Mas há um tremendo mal entendido, pois não haverá noivado. Que dirá casamento! Muito menos com uma pessoa como o Sr. Windermere.

Mamãe não se conteve e contraiu involuntariamente a mandíbula.

— Você somente pode estar brincando! Eu não posso conceber que você desperdiçará um casamento como esse... Um rapaz de família tradicional e abastada, capaz de lhe oferecer um futuro digno e promissor não se encontra na esquina, Katherine! Além de ser o herdeiro do título de barão de Lancaster! — protestou mamãe, elevando consideravelmente o seu agudo timbre de voz, tal a sua revolta com a minha resposta.

— Não alimente falsas esperanças. É mais provável as labaredas do inferno congelarem do que eu me casar com o honorável Thomas Windermere. Não adianta tentar me convencer do contrário. Eu tenho absoluta convicção da minha resposta.

— Definitivamente, falta-lhe experiência de vida... — disse mamãe inteiramente exasperada com a minha decisão. — Como é que você pode ter uma oportunidade como essa e fazer pouco caso dela?!

Inconformada, continuou:

— Muitas moças dariam a vida para poder estar em seu lugar e você desdenha da sorte. O pior é se sentir ofendida com o pedido de casamento que lhe foi cavalheirescamente formalizado. Francamente, é demais!

— Discordo. O pior não é nada disso. É escutá-la defender ser o Sr. Windermere um extraordinário partido! Até onde eu sei, vocês nunca trocaram mais de cinco palavras. Como pode

enquadrar a minha decisão como um erro irreparável?! Basta ser um pretendente rico e nobre. E isso será o bastante para um casamento feliz?!

Antes de se retirar da sala, mamãe arrematou:

— Pelo menos sua irmã Cristine e sua tia Margareth estão vendo o esforço que estou fazendo para lhe abrir os olhos e fazê-la tomar a decisão mais sensata. Entretanto, nada do que eu fizer ou disser vai demovê-la... Eu só espero não a ver arrependida por ter recusado a proposta do Sr. Windermere.

— O tempo é o senhor de todas as verdades. Ele se encarregará de mostrar quem tem razão — respondi inabalável.

Uma sucessão de dias tensos ganhou forma após a minha recusa a Thomas Windermere. Mamãe continuamente recordava o ocorrido, enfatizando ser o assunto predileto a circular nos salões de Londres.

Tentando amenizar o falatório, fiquei em casa a semana seguinte. Certamente, algum fato inesperado sobreviria em breve e o frustrado pedido de casamento cairia no esquecimento. Por prudência, evitei Lauren nesse período, para que não aparecesse nenhum contratempo, capaz de ser interpretado como um sinal de retratação e colocasse a perder o esforço despendido para encerrar tais comentários. Estratégia que se mostrou acertada, pois o anúncio do noivado do duque de Stourhead, Dylan Somerleyton, com a obscura e ignorada Natalie Thornbury, filha legitimada pelo controverso e endinheirado industrial do setor têxtil de Manchester, Alfred Thornbury, passou a ocupar as atenções de todos os desocupados de Londres.

Nesse novo panorama, foi possível retomar as atividades normais. Ainda estava no vestíbulo colocando as luvas quando avistei, através da fresta da porta, o coche de Etham estacionar defronte à escadaria do pátio de entrada. Instintivamente, abri um contagiante sorriso de boas-vindas, tocando suas mãos com intimidade.

— Que recepção mais calorosa! — disse Etham entre risos. Pensando bem, será uma ótima ideia viajar mais vezes para poder ter este tipo de acolhida com mais frequência.

— Somente estou feliz com o retorno de um grande amigo. Afinal, foram aproximadamente quinze dias sem nos vermos — falei displicentemente, sem dar muita importância ao ocorrido.

— Pelo que estou percebendo — externou Etham ao olhar para meus trajes —, tivesse eu me atrasado dois minutos, não a encontraria mais em casa e teria dado viagem perdida!

— Realmente, eu estava a caminho do Hyde Park...

— Então poderemos ir juntos. Estou com a tarde inteira livre. O que acha da proposta?

— Maravilhosa!

— Vou lhe mostrar outra perspectiva do parque... — garantiu com confiança e desenvoltura.

Objetivando melhor avistar a bucólica paisagem de verão ao redor das margens do lago Serpentine, pegamos um barco. De pronto, constatei que Etham estava a par dos recentes acontecimentos de Londres. Sem subterfúgios, abordou o episódio do pedido de casamento, enquanto remava vagarosamente:

— Quase não acreditei quando disseram que o honorável Thomas Windermere pediu-a em casamento. Se minha memória não falha, em nenhuma festa da qual estivemos juntos você externou a

menor atitude de aproximação. Muito pelo contrário!

— Felizmente existe você para testemunhar — apontei aliviada para Etham. — Você não tem noção das dificuldades que enfrentei nestes últimos dias por conta dessa maldita proposta.

— De qualquer forma, parece que as coisas estão serenando. Não se atormente mais com isso. Honestamente, você não terá a menor dificuldade em achar novos pretendentes.

E prosseguiu:

— Qual é o homem que não sucumbiria aos seus encantos? Bonita, inteligente, divertida, rica e de linhagem nobre. É credencial demais, não acha?

— Estou ficando sem graça... — revelei desconcertada.

— Ora... ora... A intrépida lady Katherine fica sem saber o que fazer com meros elogios.

— Não sei explicar a origem de tal comportamento.

— Finalmente existe alguma coisa que a deixa sem ação! — declarou Etham aos risos e com expressão triunfante. — Mas, como sou um cavalheiro leal e, levando-se em consideração a nossa amizade, juro não revelar a ninguém seu segredo — prometeu em tom de brincadeira.

— Não o perdoarei se cometer uma deslealdade dessa magnitude! — avisei divertida.

— Embora a tentação seja grande, tentarei me controlar.

E continuou com seriedade estudada:

— Para isso, tenho algumas exigências a fazer como, por exemplo: dançar comigo pelo menos quatro vezes nos próximos bailes; cavalgar no Hyde Park três vezes por semana; conseguir reuniões com a duquesa de Melbourne sempre que for necessário; repassar os livros de administração lidos nos últimos dois anos... — falou seguido de gestos melodramáticos.

— Isso é uma inaceitável exploração! E eu me iludindo que você era meu amigo! Está se saindo um chantagista de marca maior — disse-lhe à beira de um ataque de riso.

— Tudo depende do prisma como você enxerga a nossa relação... — observou Etham enigmático. — Porém, para sermos justos, o seu temperamento não é lá essas maravilhas; o que pode dificultar um pouco as coisas. Em todo caso, homens inteligentes saberão lidar com esse percalço, pois suas qualidades superam em muito seus defeitos.

— Não sei em que planeta eu estava quando aceitei sua amizade! O que dirá desperdiçar minha bela tarde com você. Estou seriamente suspeitando gostar de sofrer, dadas as atuais circunstâncias.

— Não se penitencie tanto... Se não fosse o meu imbatível poder de persuasão, você teria me rechaçado rapidamente, tal como fez com os demais integrantes da ala masculina que conheceu em Londres.

— Você está decididamente impossível! É melhor voltarmos, antes que eu o jogue no lago. A cada segundo, mais tentadora me parece esta ideia.

— Você fica irresistível quando está furiosa... — afirmou Etham com aspecto pensativo, o que atiçou ainda mais a minha raiva. — Talvez seja correto qualificar o seu temperamento como a maior das suas virtudes — especulou brincalhão.

— Lorde Huntley, não me faça cumprir minhas ameaças!

— Tudo bem. Não precisa ficar injuriada. Prometo não importuná-la com minhas observações o resto do dia — respondeu inabalável.

E efetivamente, Etham mostrou-se um amigo dedicado e tranquilo a tarde inteira, sendo a autêntica tradução do homem perfeito.

De volta à normalidade, marquei com Lauren na July & July. Loja recém-aberta e especializada em exóticos chás orientais e especiarias raras. A pequena casa, com fachada coberta de hera e pontuada por esquadrias brancas, transmitia um reconfortante ar de aconchego. Embora estivesse muito cheia de clientes, pegamos uma mesa bem localizada na varanda do primeiro andar. As jardineiras laterais eram cultivadas com papoulas e variadas espécies de amor-perfeito, as quais conferiam um clima descontraído ao recinto, enquanto a parte externa era protegida do sol por um toldo branco de listras verdes.

A visão da região circunvizinha também era um atrativo à parte, pois permitia divisar os prédios da rua e o movimento incessante dos pedestres. Instaladas confortavelmente na mesa de toalha impecavelmente branca com um delicado arranjo de margaridas multicoloridas, Lauren começou dizendo:

— Meditei nos últimos dias sobre a possibilidade de fazermos um curso de enfermagem no St. Mary Hospital. Na realidade, eu não só meditei — confidenciou Lauren entre constrangida e conspiratória —, como também tomei medidas práticas nesse sentido. Por um acaso, começará uma turma na próxima semana, no horário da tarde. O que você acha de nos matricularmos?

— Lauren... Estou sem palavras... É inquestionável o meu interesse no curso, mas como assistiremos a essas aulas sem despertar suspeitas?! Você tem exata dimensão do que mamãe faria se descobrisse tudo?! — verbalizei meus temores sem pudor.

— Eu sei dos riscos e possíveis problemas, porque comigo não seria nada diferente. Podemos inventar algumas desculpas... — sugeriu Lauren com postura destemida.

— Concordo. Se abstrairmos o prisma das convenções sociais, não há justificativa racional para não entrarmos no curso — externei com a intenção de suplantar meus receios.

Em seguida indaguei:

— Quanto tempo durariam as aulas?

— Duas semanas — respondeu Lauren. — Período suficiente para introduções básicas de primeiros socorros. É óbvio que para aprofundar nossos conhecimentos precisaríamos de quase um ano de estudo. Como não dispomos desse tempo, é melhor esse curso do que nada — argumentou com praticidade.

Com o coração povoado de confiança, conjecturou:

— Quem sabe no próximo verão não possamos continuar as aulas e cursar um estágio mais avançado?

— É um prazo possível de ser acomodado... — aquiesci pensativa. — Se usássemos como desculpa um estudo comparativo das igrejas de Londres? — propus com premeditação.

— À primeira vista, soaria verossímil e aceitável. Dificilmente, lady Northwick e mamãe suspeitariam das nossas escusas intenções, pois estariam em sintonia com as coisas que rotineiramente fazemos juntas. Afora não ter um lugar fixo para sermos encontradas. Uma hora poderíamos estar em uma igreja, no minuto seguinte em outra... — elucubrou Lauren em voz alta. — É um pretexto bem razoável — concluiu satisfeita.

— Então, combinado! Na segunda-feira, no início da tarde, estarei impreterivelmente no St. Mary Hospital. Sabe de uma coisa, Lauren? Foi ótimo conhecê-la! Sem medo de ser injusta, foi a melhor e mais imprevisível surpresa desta viagem a Londres — declarei, pegando afetuosamente em suas

mãos.

— A recíproca é inteiramente verdadeira! — retribuiu Lauren com um largo sorriso no rosto.

E pegando as xícaras de chá fumegante, brindamos à mais ousada de nossas intempestivas decisões.

CAPÍTULO 5

Depois de semanas de programação contínua de festas, recepções e intensas atividades sociais em Londres, os dias subsequentes prometiam ser mais produtivos, diante da perspectiva do início do curso de enfermagem. O medo de ser descoberta quase me fez desistir. Porém, ao refletir objetivamente sobre o assunto, não detectei qualquer obstáculo legítimo, suscetível de tolher a minha pretensão de aprender técnicas que ajudarão a atenuar o sofrimento das pessoas.

Apegada nesse pensamento, tive coragem de sair de casa rumo ao St. Mary Hospital. Cheguei com antecedência de quinze minutos em relação à hora marcada, na esperança de apaziguar o meu agitado estado de espírito.

No espaçoso corredor imaculadamente branco do hospital, avistei Lauren dialogando com duas enfermeiras. A avaliar pelos cabelos grisalhos que escapavam da touca e pelas rugas estampadas em suas faces, elas tinham idade de ser nossas avós. Ao me aproximar daquele grupo, Lauren me cumprimentou e afastou-se para o lado, para conversarmos com discrição.

— Eu estava temerosa de que tivesse desistido... Fico satisfeita em vê-la por aqui — confidenciou Lauren com o propósito de me incentivar.

— O pior é que suas suposições não estavam de todo erradas. Por pouco, não desisti de tudo. Sinceramente, sou uma medrosa! — disse angustiada.

— Acalme-se. Dará tudo certo... Você vai ver — encorajou Lauren. — Que crime há em estudar técnicas de enfermagem? Imagine se algum parente seu se machucar, como será útil este curso de primeiros socorros. Sem se falar nas famílias que residem nos arredores de sua propriedade rural... Em caso de acidente, antes de tentarem localizar o médico mais próximo, invariavelmente a dezenas de milhas, você poderá lhes prestar auxílio.

— Você deveria fazer um curso de direito, em lugar deste curso de enfermagem! Dessa forma, usaria com mais frequência seu poder de persuasão — constatei num sorriso pálido.

— É verdade... quando eu quero posso ser assaz convincente, mas, neste caso, não existe razão para nos acovardarmos, pois não tem nada de que possamos nos envergonhar.

— Tenho ciência disso. Não fosse essa certeza, eu não estaria aqui. O meu coração fica apertado só de imaginar o tamanho da confusão que recairá sobre mim, na desafortunada hipótese de mamãe descobrir tudo.

Nem bem terminei a frase, as duas enfermeiras que conversavam com Lauren nos chamaram para entrar na sala onde seriam ministradas as aulas teóricas. No seu interior, havia vinte cadeiras cuidadosamente arrumadas em círculo, as quais já estavam ocupadas pelas outras alunas.

Excetuando Lauren e eu, as demais inscritas tinham entre vinte e trinta e cinco anos de idade e pareciam ter um razoável nível social e intelectual. Naquelas quatro paredes, constatei a silenciosa e discreta revolução no padrão de comportamento feminino ocorrida nos últimos anos. Muitas mulheres não se limitavam mais a cuidar da casa e dos filhos, passando a ingressar com maior

frequência no mercado de trabalho, ainda que restritas a um exíguo número de profissões.

Sentei separada de Lauren, porque somente havia duas cadeiras vazias em cantos diametralmente opostos da sala. O primeiro ponto abordado pela Sra. Moira Walt — enfermeira encarregada de lecionar a primeira semana do curso — foi sobre a necessidade de manter limpos e higienizados os materiais utilizados nos procedimentos médicos e as nefastas consequências, inclusive o risco de morte do paciente por infecção generalizada, se não fossem observadas as normas de esterilização atualmente aceitas pela comunidade acadêmica.

As técnicas mais apropriadas de limpeza dos ferimentos também foram abordadas nesta aula, com uma descrição figurativa da melhor conduta a ser seguida em cada um dos dez casos narrados. Após quatro horas de muita concentração e seguidas anotações no caderno que trouxe para tal finalidade, a Sra. Walt encerrou a aula. Retornei para casa repassando mentalmente as lições do dia, exorcizando do meu íntimo qualquer culpa ou peso na consciência por estar deliberada e intencionalmente omitindo dos meus pais a causa das minhas saídas vespertinas.

O contratempo foi persuadir Marianne a não me acompanhar no meu passeio “às igrejas de Londres” no outro dia. Depois de muito argumentar, saí de casa deixando Marianne falando sozinha para as paredes. Ainda teria que enfrentar um percurso considerável até chegar ao St. Mary Hospital e não dava para prolongar aquela conversa indefinidamente.

Coloquei os pés no hospital com vinte minutos de atraso. Apesar dos meus esforços em tentar acompanhar a aula que versava sobre o poder de cura dos medicamentos utilizados no combate às feridas e moléstias graves, e a melhor forma de aplicá-los para intensificar sua eficácia terapêutica, solicitei a Amanda Ashmole suas anotações, com a intenção de compilar posteriormente.

No intervalo da aula, aproveitei para conhecer minha nova colega. Descobri que Amanda Ashmole, embora não tivesse mais de vinte e oito anos e fosse uma mulher de aparência afetuosa e discreta, perdera o marido há alguns meses, razão pela qual resolveu fazer o curso de primeiros socorros. Precisava preencher o tempo agora ocioso, pois não fora abençoada com filhos. Segundo suas explicações, aquele curso era a primeira etapa até a sua profissionalização em enfermagem, o que daria um novo sentido à sua existência.

Enquanto a Sra. Ashmole relatava sua história, fiquei meditando como as nossas vidas podem ser radicalmente alteradas, independente da nossa vontade. O cipoal da existência humana nos conduz invariavelmente a estradas inimagináveis. Como folhas soltas à mercê da voluntariedade dos ventos...

Voltei para casa naquela tarde refletindo sobre esse tema. Absorta nos desdobramentos da vida e suas repentinas reviravoltas, não captei o terrível estado de humor de Marianne. Apenas ao mergulhar o corpo nas águas tépidas da banheira, visualizei sua fisionomia soturna.

— Lady Katherine — falou Marianne com seriedade —, se continuar a agir desta forma irresponsável, eu serei forçada a cientificar lady Northwick o que está lhe sucedendo... — declarou Marianne, esfregando minhas costas com vigor exacerbado.

— Até onde me consta não há nada de errado comigo — respondi, tentando aparentar naturalidade, em que pese a nítida ameaça contida em suas palavras. — Pare de se preocupar sem necessidade. Qual é o problema em visitar igrejas para melhor conhecer sua arquitetura e riquezas históricas?!

— Se não a conhecesse desde a infância, poderia acreditar nas suas palavras! Contudo, sempre, quando fica misteriosa e evasiva, como nesses dias, coisa boa milady não anda fazendo...

— Uuiii... não precisa colocar tanta força nesta esponja, desse jeito arrancará minha pele! Ou, no mínimo, ficarei toda cheia de hematomas!

— Quem arrancará a pele de milady será lady Northwick, quando souber o que anda fazendo nas suas tardes.

— Eu não estou entendendo aonde você quer chegar... — fingi não estar compreendendo suas insinuações.

— Não adianta se fazer de desentendida. Não vai funcionar desta vez! Com certeza milady não está visitando igrejas. Tenho informações seguras de que seu destino é outro...

E inquiriu Marianne direta:

— O que afinal milady faz enfurnada durante a tarde inteira no St. Mary Hospital?!

Encurralada por Marianne fui forçada a admitir a verdade.

— Tudo bem. Se o ponto da conversa é esse, eu me rendo — disse, levantando devagar as duas mãos acima da cabeça num simbólico gesto de paz. — Efetivamente, eu não estou visitando nenhuma igreja. Todavia, antes que você faça precipitados julgamentos sobre os meus passeios e corra atabalhoada até os ouvidos de lady Northwick, sem me dar chance de defesa, eu vou lhe contar.

E com um suspiro consternado, prossegui:

— Estou frequentando o St. Mary Hospital porque me matriculei num curso de enfermagem.

— Se antes era uma suspeita, agora tenho absoluta convicção de que milady perdeu completamente o juízo! — exasperou-se Marianne.

— Para que tanto assombro — intervim com o intuito de contornar a situação. — O curso é lecionado tão-somente por enfermeiras e restringimo-nos a assistir aulas teóricas. De mais a mais, apenas mulheres participam das aulas. Portanto, nada de inadequado ocorreu, nem irá ocorrer até o seu término.

— Infelizmente, serei forçada a expor esse assunto para a condessa de Northwick — disse Marianne peremptória.

— Você tem noção do que sobrevirá se fizer isso? — indaguei aflita. — Antes de seguir em frente e colocar tudo a perder, você deveria ver com seus próprios olhos como é o curso e tirar suas conclusões... — falei enquanto a mente trabalhava febrilmente em busca de uma solução satisfatória para o impasse.

— Não tente me convencer do contrário, porque sei que não é certa essa situação — retrucou Marianne inflexível.

— Como você pode afirmar isso, se não sabe como são ministradas as aulas, nem o tipo de pessoas matriculadas? Raciocine que dezenas de pessoas poderão necessitar do meu auxílio no futuro e você será a única responsável por eu não poder ajudá-las — argumentei, apelando para a chantagem emocional.

— Ainda não me convenci de que esta seja a melhor alternativa — disse Marianne com evidente hesitação.

— Por favor, não seja preconceituosa... Se for ao hospital, acabará concordando comigo — insisti sem me deixar abater.

— Embora essa solução não me deixe satisfeita, talvez seja mais justo me certificar do que milady está dizendo — anuiu Marianne sem empolgação. — No entanto, caso eu entenda o contrário, serei obrigada a relatar tudo para lady Northwick.

— Então, estamos acertadas! Nenhuma palavra até você tirar suas próprias conclusões sobre o

curso e as pessoas que fazem parte dele.

Dito isso, saí da banheira e me arrumei saltitante para o jantar que seria servido dentro de uma hora, enquanto a circunspecta Marianne, sem dizer uma única palavra, lançava olhares enviesados e carrancudos para mim.

O terceiro dia de aula foi permeado por hilariantes momentos. Por pouco, Lauren não desmoronou estatelada no chão quando me viu entrar com Marianne a tiracolo no St. Mary Hospital. Suas feições sempre plácidas ficaram assustadoramente descoradas, o que me fez ir imediatamente ao seu encontro.

— Meu Deus, Katherine! Você poderia explicar o que Marianne está fazendo aqui?! — interpelou Lauren com voz esganiçada.

— Marianne descobriu tudo — disse pausadamente.

— É indiscutível que Marianne descobriu tudo! Entretanto, trazê-la ao hospital não vai resolver a situação — externou Lauren aperreada.

— Não precisa desta angústia, Lauren.

E continuei com tranquilidade:

— Marianne não contará nada se perceber que não há motivos para se preocupar com o nosso curso. Pensando bem, isso facilitará enormemente as minhas futuras saídas de casa.

— Às vezes, a sua audácia e excesso de confiança me assustam — segredou Lauren apreensiva.

— Vamos por partes... — comecei explicando com calma meu ponto de vista. — O ideal seria Marianne não ter descoberto nada. Quanto a isso não há controvérsia. Estamos de acordo. Mas, como não posso modificar o passado, eu vou utilizar esse fato a nosso favor!

— Concordo que essa sua linha de raciocínio tem lá seus méritos — externou uma Lauren aparentemente mais calma. O sangue retornando às faces gradativamente.

— Inclusive, a Sra. Walt poderá ser de grande valia para o desfecho deste imbróglio.

— Espero que você saiba o que está fazendo.

Sem perder mais tempo, conduzi Marianne à sala de aula onde a Sra. Walt nos aguardava. O sorriso amigável com o qual fomos recebidas foi por mim interpretado como um bom presságio. Agarrada à esperança de conseguir convencer Marianne a se tornar minha fiel aliada, solicitei à Sra. Walt para lhe explicar o objetivo do curso e as atividades que estaríamos aptas a executar ao final. Marianne não disfarçava o encantamento com a contagiante descrição da Sra. Walt. E não foi apenas isso. Tentando angariar mais uma aluna, a Sra. Walt fez questão da presença de Marianne às aulas daquele dia, impedindo-a de sair da sala. Controlei a muito custo o ímpeto de dar um beijo nas bochechas da Sra. Walt, porque a expressão de surpresa de Marianne com o convite foi impagável. Suspirei aliviada ao notar a sua felicidade. Contrariando as expectativas iniciais, tinha conseguido virar o jogo!

A semana prosseguiu numa sucessão de aulas teóricas. Os temas variavam desde os tratamentos mais eficazes para minorar os efeitos de febres e queimaduras, como também foram transmitidos conceitos introdutórios para a aplicação venosa de medicamentos e injeções.

A minha grande dificuldade foi conciliar as atividades sociais com as atividades acadêmicas. Mesmo sem animação para comparecer a jantares e a saraus, esforcei-me nas festas para não despertar nenhuma suspeita de mamãe, embora o cansaço estivesse refletido nas pronunciadas olheiras, diligentemente ocultadas por Marianne. A rotina de estudar à tarde, sair à noite e acordar cedo no outro dia para estudar o conteúdo das aulas não poderia gerar consequência diversa.

De acordo com o cronograma estipulado, a primeira semana seria voltada às aulas teóricas, enquanto na segunda semana poríamos em prática os conhecimentos então adquiridos, cujas atividades ficariam sob a supervisão da Sra. Clifford. Concluída a parte inicial, chegou a hora de exercitar as lições.

De fato, a prática foi bastante complicada. Não foi simples limpar de forma apropriada os ferimentos. As queimaduras que exigem maior precisão de movimentos então nem se fala! Aplicar a primeira injeção foi doloroso tanto para o paciente quanto para mim. E para ser franca, não me qualifico como uma pessoa sentimental e cheia de fricotes. No entanto, enfiar uma agulha num ser humano foi uma tarefa difícil de ser executada.

No penúltimo dia de curso, passado o sufoco inicial, eu estava me sentindo bem mais segura e confiante das minhas novas funções. Diante disso, pedi à Sra. Clifford para fazer a triagem da medicação daquela tarde.

Concentrada na meticulosa tarefa de separar e medir os remédios no balcão de enfermagem, não atentei para o grupo de acadêmicos de medicina que acabara de entrar na enfermaria, onde estavam acomodados os doentes sob tratamento. De repente, ouvi uma voz familiar às minhas costas:

— Lady Katherine, é você mesma?!

— Ohh! — exclamei sobressaltada, com o coração descompassado, tal o susto que tinha acabado de levar.

— Sempre surpreendendo... Se havia um lugar em que eu nunca pensei encontrá-la seria num hospital! O que está fazendo por aqui e justamente atrás do balcão de enfermagem? — questionou Henry Sutherland visivelmente divertido com o meu evidente embaraço de encontrá-lo naquela situação comprometedora.

— Santo Deus! Quase desmaio por sua culpa! — extravasei, ao tempo em que colocava uma das mãos sobre o coração e tentava equilibrar debilmente os frascos a minha frente com a outra. — Que maneira sorrateira de se aproximar de alguém! Não viu que eu estava colocando os remédios nos seus respectivos recipientes? Agora terei de conferir tudo novamente! — externei num misto de desolação e irritação.

— Traduzindo: milady foi escalada pela enfermeira-chefe para fazer a seleção da medicação do hospital!

— Como pode conferir pessoalmente, é exatamente isso. Sou uma das alunas da Sra. Clifford e estou em minha aula prática — revelei com orgulho.

— Não posso nem conceber as desculpas que milady anda dizendo a sua família para conseguir fazer este curso de enfermagem... — sorriu Henry.

— Se prometer não tocar no assunto, acho uma ideia formidável! Eu também não estou querendo confidenciar meus segredos... Uma aura de mistério é sempre bem-vinda.

Em seguida, migrei o diálogo para outros tópicos:
— Imaginei que estivesse em Cambridge.
— Efetivamente, eu deveria estar em Cambridge, mas esta semana teve um curso de infectologia em Londres e eu decidi me inscrever. Em virtude desse evento, aproveitei para vir com meus colegas de universidade para visitar o St. Mary Hospital.
— Realmente, é uma tremenda coincidência termos nos visto. Se eu quisesse encontrá-lo por aqui a probabilidade seria nula.
— Nisso milady está coberta de razão. Até quando pretendem ficar em Londres?
— Suponho mais três semanas... É bem possível que mamãe queira prolongar a nossa estada em Londres. O mesmo não digo de papai, que está em contagem regressiva para o início da temporada de caça ao tetraz vermelho na Escócia.
— E suas aulas quando finalizarão?
— Infelizmente, amanhã se encerrará o curso. Embora lamente o seu fim, reconheço que uma pausa será salutar, pois conciliar o trabalho do hospital e o frenético ritmo social de mamãe não é uma tarefa das mais fáceis.
— Certamente deve estar sendo bem atribulado... Sem dúvida, lady Northwick é uma pessoa incrivelmente dinâmica.
— Como sempre, comentários de um perfeito cavalheiro!
— Não estou sendo meramente cortês e educado. A vivacidade de lady Northwick é uma de suas características de personalidade mais marcantes — justificou-se sincero.
E emendou, com o olhar perdido nos demais acadêmicos.
— O meu desejo era passar o restante da tarde ao seu lado... Porém, o dever me chama ao trabalho. Se fosse possível, gostaria muitíssimo de revê-la amanhã, antes de partir. Poderíamos nos encontrar depois da sua aula para nos despedirmos? — indagou Henry.
— Claro que sim — respondi em concordância.
— Até amanhã! — acenou Henry, afastando-se com passos largos.

Para evitar atrasos inesperados, atravessei os portões do St. Mary Hospital mais cedo do que de costume, superando-me no quesito pontualidade. Depois de uma resumida explicação sobre os objetivos alcançados com o curso de primeiros socorros, a Sra. Walt e a Sra. Clifford congratularam suas alunas pelo esforço que demonstraram ao longo das aulas e entregaram conjuntamente os certificados.
A Sra. Amanda Ashmole foi eleita a melhor aluna da turma, sendo condecorada com uma medalha de prata. Como prêmio por nosso desempenho, uma vez por semana foi facultado colocar em prática as lições do curso. Achei a proposta maravilhosa, pois era uma forma eficiente de manter viva nas nossas mentes as aulas ministradas.
Lauren estava exultante. Se não fosse por sua iniciativa e coragem jamais teria me matriculado no curso. Em agradecimento por seu apoio, dei-lhe de presente duas lindas presilhas de cabelo, embrulhadas numa pequena caixa rosa-claro, amarrada numa fita de cetim branca e dourada. A lembrança pegou Lauren desprevenida, deixando-a emocionada. Agradeci com carinho a chance de

ampliar meus conhecimentos.

Depois de incontáveis despedidas, fui em direção à ala reservada aos médicos. Vasculhei com o olhar o ambiente a minha volta com a intenção de localizar Henry Sutherland, sem obter sucesso. Somente quando estava na saída do hospital me deparei com ele. Pedindo licença ao pequeno grupo de médicos com o qual conversava, Henry veio ao meu encontro.

— Meus parabéns! Pelo visto, acabou de receber seu certificado — comentou Henry, mirando o papel cuidadosamente enrolado em minhas mãos.

— Muito obrigada. Estou tão contente por poder concluir o curso! — confidenciei com expressão realizada.

— É um feito admirável — reconheceu Henry.

— E Susan como está? Há semanas que não tenho notícias.

— Susan vai bem. Retornou a Tree Oaks faz dois dias — respondeu Henry em tom informativo.

E prosseguiu com cordialidade:

— E Londres... Atendeu suas expectativas?

— Oportunidades como o curso de primeiros socorros não existem no interior da Inglaterra. Se olhar por esse prisma, posso garantir que superou consideravelmente as minhas expectativas — disse enquanto passeávamos pelo jardim do pátio do hospital.

— Não estou me referindo a isso... — pontuou Henry, revelando nas entrelinhas seu real objetivo com a pergunta.

Compelida pelas circunstâncias, encarei Henry diretamente e falei com delicada sinceridade.

— Nada mudou... O desenlace da última conversa em Greenfield House permanece inalterado. Perdoe-me.

— Eu me recuso a aceitar esse ponto de vista — relutou Henry em validar minha posição. — Valorizo a sua postura, mas mantenho as esperanças.

— Não vamos enveredar por essa seara. Deixemos as coisas como estão... — propus diplomaticamente, para preservar a dignidade da conversa.

Com um discreto meneio de cabeça, Henry concordou. Sem outras considerações, migramos para assuntos variados, alegres e descomprometidos. Finalmente, nos despedimos amigavelmente por conta do adiantado da hora:

— Não posso me demorar mais... Boa sorte, Henry! Desejo o que há de melhor neste mundo para você.

A correria do curso de enfermagem me fez passar várias semanas sem ver tia Margareth. Por isso, a minha primeira providência após finalizá-lo foi remediar esse deplorável lapso. Depois de procurá-la pelos cômodos da sua residência, finalmente a encontrei na estufa, rodeada das mais variadas espécies de plantas. A alegria do encontro foi rapidamente sobrepujada pela apreensão. Alguma coisa estava estranha em sua aparência física. À primeira vista, achei-a sem ânimo e debilitada. Não sei dizer se os dias passados no St. Mary Hospital me deixaram mais atenta aos sutis sinais de enfermidade. Independentemente de qual fosse o motivo do meu alerta, para mim estava evidente que a saúde de tia Margareth não ia nada bem. Aproximei-me devagar, imbuída do escopo

de desvendar o enigma.
— Bom dia! Pensei que Howes estivesse enganado... Faz meia hora que eu vou de um lado para outro a sua procura — comentei com descontração na voz para disfarçar minhas preocupações.
— Bom dia, minha querida! Amanheci com vontade de ficar com as minhas plantas. Vim à estufa com essa intenção. Como são belas e aromáticas... Do que vale cultivá-las se não usufruirmos o que têm para oferecer? — filosofou tia Margareth enquanto pegava um punhado de terra preta com uma pequena pá e despejava num vaso de orquídea.
E prosseguiu em tom apático:
— Não raras vezes, dar uma trégua ao trabalho é de grande valia para restabelecer as forças... Não estou nem um pouco disposta a ficar atrás da escrivaninha resolvendo problemas e mais problemas...
— Tia Margareth, a senhora está se sentindo bem? Desde o instante em que a vi, observei algo fora do lugar. E depois desse seu comentário, não tenho dúvidas que deve ser mais sério do que pretende aparentar — indaguei de forma neutra, na vã tentativa de esconder minha angústia.
— Não está acontecendo nada. É apenas um mal-estar passageiro... Como não tenho mais idade de fazer certas extravagâncias, achei prudente tirar uns dias de descanso.
— Há quantos dias está se sentido assim? Por favor, não esconda a realidade para mim! — disse alarmada.
— Aproximadamente cinco dias... No princípio, procurei manter o mesmo ritmo de trabalho. Como o rendimento estava aquém do usual, pareceu-me indicado repousar e me recuperar, antes de retornar às atividades diárias.
— Vou chamar um médico para examiná-la. Não estou gostando do que estou vendo — declarei com ênfase, afastando qualquer possibilidade de objeção. — Como é mesmo o nome da sua nova camareira?
— Srta. Ellie Brickell.
— Então, vou pedir para Brickell lhe fazer companhia, enquanto eu tento localizar um médico que possa atendê-la.
— Não há necessidade de nada disso — replicou tia Margareth. — É apenas uma ligeira indisposição.
— Independentemente do que pense, um médico é a única pessoa capacitada para atestar o que efetivamente se passa com a senhora.
O primeiro médico que cogitei para examinar tia Margareth foi o Dr. Lewis Campbell. No entanto, a sua avançada idade me fez concluir não ser a melhor opção. Depois de muito pensar quem seria a pessoa mais apropriada para a função, lembrei-me do Dr. Brandon Johnson. Pelo que eu presenciei no *St. Mary Hospital,* a eficiência e o profissionalismo no trato das enfermidades de seus pacientes era uma importante credencial para cuidar de tia Margareth, sem se falar nos inúmeros elogios externados pela Sra. Walt e pela Sra. Clifford durante o curso. Afastando quaisquer dúvidas, pedi que Howes providenciasse a entrega em suas mãos da mensagem que tinha acabado de redigir.
Não demorou muito para Dr. Johnson aparecer. Após um exame meticuloso em tia Margareth e várias perguntas sobre seus hábitos e atividades diárias, observei aflita a expressão taciturna do médico. Concluído o exame, fui chamada para uma conversa particular.
Pelo desenrolar dos acontecimentos, a biblioteca me pareceu ser o ambiente ideal onde poderíamos ter privacidade. Respirando fundo, indiquei a cadeira à frente. Devidamente instalados,

o Dr. Johnson inquiriu:

— Qual é o seu grau de parentesco com a duquesa?

— Sou sua sobrinha. Minha mãe, Lydia Hartington, condessa de Northwick, é sua irmã — expliquei com mãos geladas e trêmulas.

— Lamentavelmente, não tenho boas notícias para transmitir. O estado de saúde da duquesa de Melbourne reclama cuidados especiais — disse o médico sem rodeios. — Pelos exames, constatei uma forte arritmia cardíaca. Se não for seriamente tratada, poderá lhe causar um ataque cardíaco fulminante.

Depois de uma pausa para que eu pudesse captar a gravidade de suas palavras, detalhou:

— A falta de disposição que ela vem sofrendo nesses últimos dias é resultado desse descompasso do seu sistema circulatório. Se o coração é o órgão encarregado pelo bombeamento do sangue para o corpo, qualquer perturbação nesse intrincado sistema de vasos sanguíneos tem como resultado a deficiente oxigenação do organismo e, por consequência, a redução do ritmo de atividade corporal.

— Dr. Johnson... Perdão pela minha dificuldade em compreender a sua didática exposição técnica sobre os meandros do corpo humano... — externei profundamente abalada.

Em seguida, continuei pausadamente, tal o meu sofrimento para pronunciar minhas próximas palavras:

— Se eu apreendi corretamente sua explicação, significa dizer que lady Melbourne poderá ter um colapso cardíaco a qualquer momento e morrer sem que possamos fazer nada para impedir esse trágico desfecho. É isso mesmo que o senhor está querendo me dizer?

— É exatamente isso, milady — respondeu o médico, fitando-me nos olhos com gravidade.

— E não há nenhum remédio ou tratamento que possa retardar ou atenuar os efeitos desta arritmia? — falei exasperada, levantando-me da cadeira e mirando a paisagem através da janela da biblioteca.

— A medicina caminha a passos lentos nessa seara. Os avanços que se tem na cardiologia não são capazes de solucionar problemas desse nível de complexidade — expôs com sinceridade Dr. Johnson, sentado na poltrona.

— Então, não há nada que possamos fazer?! — indaguei encarando-o com indignação. — Pois eu me nego terminantemente a aceitar a morte com tal passividade! Deve haver algum tipo de paliativo... Alguma droga experimental em estudo na França ou outro país... Quem sabe em Viena?! O que não posso admitir é ficar parada contra esta doença! — declarei em tom enfático.

— O procedimento comumente prescrito nestes casos é uma radical mudança nos hábitos do paciente. Redução da carga de trabalho, novos padrões alimentares, evitar aborrecimentos e emoções fortes que possam comprometer seu equilíbrio emocional.

— Objetivamente falando, lady Melbourne terá que deixar de viver! — concluí sem conter a irritação.

— Entrevejo o quanto está sendo difícil para milady assimilar essa revelação... — verbalizou Dr. Johnson compreensivo. — Se estivesse no seu lugar não agiria diferente. O que posso prometer nesse caso é investigar se há estudos recentes acerca de alguma medicação alternativa, com a aptidão de minorar os efeitos da doença, aumentando a longevidade da duquesa.

— Ficarei eternamente grata por tal iniciativa.

Respirando profundamente, prossegui:

— Perdoe o meu descontrole pelo modo como recebi a notícia.

— Não há com o que se desculpar. A sua preocupação nada mais é do que uma demonstração sincera de afeto.

— Obrigada pela compreensão. Aguardarei ansiosa o retorno das suas pesquisas.

Antes de se dirigir para a porta, Dr. Johnson ressaltou:

— Lady Melbourne descansará por algumas horas em virtude dos fortes remédios que tomou.

Em pouco tempo, a residência da Berkeley Square se transformou num tumulto de pessoas. Mamãe e papai foram os primeiros a chegar, seguidos de Meredith e Charles. E por fim, Cristine e Robert. Estavam todos reunidos na biblioteca alarmados com o diagnóstico, controvertendo sobre as medidas que cada um julgava ser a mais apropriada, ante a precariedade do estado de saúde de tia Margareth.

Impaciente com tantos debates e suposições inúteis, permaneci em silêncio próxima à janela que ficava perto da lareira, com a cabeça recostada na parede. Fiquei absorta contemplando fixamente a linha do horizonte, alheia às conversas. A mente flutuava nas reminiscências dos momentos partilhados com tia Margareth. Ao me dar conta novamente do ambiente ao meu redor, a minha decisão havia sido tomada. Nada nem ninguém me demoveria do meu destino. Ou pelo menos do que eu julgava na época ser o meu destino. Virei em direção à minha família. De imediato, todos os olhares recaíram sobre mim, cessando de súbito os sons do recinto. Era como se pressentissem que algo de importante estava para acontecer e pararam para ouvir. Encarei mamãe com determinação e declarei solenemente aos presentes:

— Tia Margareth não poderá continuar em Londres nem morar em Fairmont sozinha. De todos os parentes, eu reúno as condições necessárias para cuidar e zelar pelo seu bem-estar. Nesse cenário, as minhas coisas que estão em Greenfield House deverão ser redirecionadas para Fairmont, onde morarei até a sua saúde se estabilizar. A decisão está tomada e não há a remota possibilidade de vir a ser reconsiderada.

Ao finalizar a frase, saí da sala devagar deixando todos atônitos e sem reação. Mesmo mamãe, sempre ágil e combativa no revide, dessa vez ficou paralisada, incapaz de emitir um único som de protesto.

CAPÍTULO 6

Nos últimos quatro meses, a administração das propriedades e os negócios sob a égide do ducado de Melbourne passaram a ser conduzidos por mim, com a supervisão de tia Margareth. Nesse período, sir Richard Button nos visitava constantemente, colocando-nos a par das notícias das redondezas e da capital. A sensação era que os dias voavam. Num piscar de olhos era manhã, no outro, tinha anoitecido fazia tempo.

Em que pese a quantidade de coisas para ler e resolver, eu sempre fazia questão de estar ao lado de tia Margareth durante as refeições. Escolhemos tratar dos tópicos mais importantes logo após o jantar, permitindo-nos meditar com calma acerca das providências que deveriam ser implementadas.

A rotina estabelecida em Fairmont vinha se mostrando profícua e muito positiva tanto para mim quanto para tia Margareth. O mesmo eu já não podia dizer em relação aos meus pais. Transcorridos todos esses meses, mamãe ainda não se conformava com a minha intempestiva decisão de antecipar o meu regresso de Londres, deixando para trás possíveis propostas de casamento. Na sua visão, o pior foi vir para Fairmont com o intuito de cuidar de tia Margareth, e com isso ter descuidado por completo do meu futuro, que dependeria de uma conveniente união com algum importante membro da aristocracia inglesa.

Sem tempo para ficar discutindo questões dessa natureza, passei a frequentar Greenfield House esporadicamente. E nas vezes em que me dignei a pisar lá, o assunto invariavelmente era o mesmo: minha decisão de morar em Fairmont. Inclusive papai, sempre paciente com mamãe, expôs o seu desagrado com a insistência de constantemente trazer à tona aquele entrevero, negando-se teimosamente a virar a página desse episódio.

Em contrapartida, o estado de saúde de tia Margareth continuava reclamando vigilância constante. Por mais que ela não quisesse nos preocupar, dia após dia, ficava evidente que nenhuma melhora substancial sucedera no seu quadro clínico. A medicação enviada pelo atencioso Dr. Johnson aparentemente barrou o avanço da doença, porém os estragos sofridos despontavam a olhos vistos. As mais simples tarefas diárias passaram a exigir um desmedido esforço físico de tia Margareth, reduzindo sobremaneira a sua capacidade de solucionar problemas até então triviais. Bastava olhar para o seu semblante para constatar o vertiginoso envelhecimento causado pela doença. Percepção que me deixava profundamente triste. Impossibilitada de se dedicar ao trabalho como outrora, tia Margareth passou a cuidar cada vez mais de suas lindas e exóticas plantas. Atividade monitorada pela diligente e atenciosa Brickell.

Depois de seguidas semanas fazendo cálculos, lendo planilhas e avaliando relatórios, dei uma trégua no trabalho. Apesar do frio que fazia nesta época do ano, fui cavalgar um pouco. Segui sem rumo definido pelos sinuosos e descampados campos do condado de Derbyshire. No caminho, deparei-me com a construção do ambulatório. Ao me aproximar, identifiquei a esguia silhueta do Dr. White e cheguei mais perto para poder cumprimentá-lo.

— Olá, Dr. White! Observo que as obras andam bem adiantadas... — saudei ainda montada em Raio Dourado.

— Bom dia, lady Katherine! É uma alegria encontrá-la aqui. Como pode verificar por si mesma, brevemente o ambulatório poderá ser inaugurado. Acredito que mais três meses será o tempo necessário para finalizar a alvenaria e os acabamentos. Foi Deus quem guiou os passos de milady nesta direção! Eu precisava muito lhe falar... Até havia me programado para visitá-la na próxima semana.

— Como nos encontramos antes do previsto, quem sabe possamos adiantar o ponto — sugeri solícita.

— Certamente que sim! Na verdade, a razão de pensar em procurá-la está relacionada àquela conversa que tivemos no jantar oferecido por lorde Northwick em Greenfield House. Na ocasião, milady cogitou a possibilidade de lady Melbourne contribuir com doações para o ambulatório. Como ainda faltam diversos equipamentos indispensáveis ao regular funcionamento dos serviços propostos, eu gostaria de saber se milady poderia interceder junto à duquesa de Melbourne para viabilizar a compra de alguns deles — disse Dr. White cheio de rodeios.

— Em princípio, eu não vislumbro nenhum problema. No entanto, penso ser mais prático falar com lady Melbourne quando eu já estiver de posse da relação dos aparelhos e materiais que precisam ser adquiridos.

— Evidentemente, isso será uma ótima providência. Posso entregar a listagem na próxima semana? — indagou sem disfarçar o sorriso de felicidade com a ideia.

— Claro! Se estiver pronta antes, tanto melhor. E os funcionários que carecem de ser contratados. Conseguiu recrutá-los?

— Estou enfrentando alguns contratempos nesse ponto. Pleiteei a vários amigos referências de médicos e enfermeiras. Recebi na semana passada bons currículos de residentes em medicina interessados em exercer a profissão no interior. Entretanto, o maior problema está sendo a seleção de profissionais de enfermagem. Tenho duas vagas em aberto que necessitam ser preenchidas e nenhum dos nomes encaminhados satisfez os requisitos mínimos à atividade — externou Dr. White com inquietação.

— Se o senhor tiver interesse, poderei entrar em contato com duas enfermeiras que conheci em Londres no verão passado. É provável que elas saibam de possíveis candidatas, porque são as atuais responsáveis pelo curso de primeiros socorros do St. Mary Hospital.

— Que notícia promissora! Sem dúvida será de grande valia caso milady possa contactá-las.

— Vou lhes escrever solicitando ajuda. Entrarei em contato quando receber as respostas — prometi com a intenção de tranquilizá-lo.

— Obrigado pela costumeira atenção — agradeceu Dr. White ao nos despedirmos.

Em seguida montei em Raio Dourado e peguei a estrada de volta para Fairmont, envolvida na euforia interior de constatar que mais um sonho estava se tornando realidade.

Ao retornar a Fairmont, sir Richard Button estava em reunião com tia Margareth. Segundo Howes, a duquesa de Melbourne deu ordens expressas para não ser interrompida por absolutamente ninguém.

Nem mesmo eu estava autorizada a importuná-la.

Superado o estranhamento inicial, fui ao meu quarto para redigir as cartas a serem enviadas à Sra. Walt e à Sra. Clifford. Esperava que tal medida surtisse o efeito pretendido. Depois de tanto trabalho para erguer o ambulatório era fundamental assegurar mão de obra qualificada para a tarefa, sob pena de comprometer a qualidade dos serviços que nos propúnhamos prestar. Uma vez concluídas as missivas, Howes providenciou a postagem para Londres.

Ao me arrumar para o jantar daquela noite, notei que Marianne escolhera um vestido novo de seda turquesa, com um pronunciado decote no busto. O corpete era justo e a saia bastante rodada, marcando propositadamente a cintura. Sequer tinha usado antes, em virtude do meu retorno antecipado para Fairmont. Sem compreender o motivo daquele esmero, perguntei a razão de tal escolha e a explicação de Marianne é que eram ordens expressas da duquesa de Melbourne. Os meus cabelos foram presos num elegante coque atrás da cabeça. Como arremate, Marianne fixou uma tiara de platina com brilhantes e pérolas. Também coloquei um conjunto de colar e brincos adornados com brilhantes. No passado pertenceram à quinta duquesa de Melbourne, sogra de tia Margareth. Pelos preparativos, teríamos visitas ilustres no jantar de hoje!

Ultimada a toalete, desci para a sala de visitas, onde tia Margareth me esperava trajada num vestido marfim de corte impecável. Há tempos não a via com tamanho brilho no olhar. Ela estava resplandecente, a ponto de ofuscar os expressivos diamantes que adornavam as orelhas e os braços. Quando entrei, tia Margareth se levantou do sofá e fomos em direção à sala de jantar.

A mesa estava igualmente posta com requinte e sofisticação. Pelos apartes de Howes ao servir o vinho tinto, o cardápio, composto de primeiro prato de creme de espinafre e medalhões recheados com figos; entrada de crepe de queijo gruyère e champignons com molho branco; segundo prato de lagosta com finas ervas e legumes no vapor e terceiro prato de maçã assada com creme chantilly, torta de limão e queijos camembert e brie, foi pessoalmente escolhido por tia Margareth e repassado para a Sra. Shaw.

— Estou encantada com o capricho do jantar desta noite... Estamos comemorando alguma data especial que me passou despercebida? — perguntei não mais contendo a curiosidade. — Cheguei a pensar que hoje teríamos visitas importantes.

— Minha querida, não precisa ficar apreensiva, porque não houve nenhum esquecimento da sua parte. Tudo está transcorrendo exatamente como planejei.

Foi tia Margareth começar a falar para os criados desaparecerem da sala de jantar, até mesmo Howes se retirou!

— Pude perceber isso... — disse sem conseguir alcançar a amplitude das palavras de tia Margareth.

— Não é segredo para ninguém o meu debilitado estado de saúde. Como não é segredo o quanto lhe quero bem — externou tia Margareth com voz e gestos serenos. — Para mim, você é a filha que não tive. Dificilmente eu teria uma filha mais parecida comigo do que você.

Feita uma pequena pausa, tia Margareth prosseguiu:

— Após ponderar qual seria o momento ideal de lhe revelar meus planos, vejo com imensa alegria no coração que a hora finalmente chegou. E, como todo acontecimento memorável, fiz questão de comemorá-lo à altura.

— Por favor, tia Margareth... Não me deixe mais perdida do que eu já estou — falei sem compreender o desenrolar dos fatos.

— Como eu estava explanando, você é uma filha para mim. Não sei precisar o porquê, porém eu sempre senti uma afeição especial desde a primeira vez em que a vi. Isso em nada desmerece meus sentimentos em relação as suas irmãs. É evidente que não é nada disso! Mesmo quando você era pequena esse inexplicável vínculo era tangível. Exatamente por termos inúmeras afinidades, eu pude visualizá-la por inteiro. E o tempo fez estreitar esses laços emocionais.

Em sequência, detalhou tia Margareth:

— Perdi as contas de quantas tardes eu fiquei em Greenfield House observando vocês. Enquanto para suas irmãs casar e ter filhos eram os objetivos de suas vidas, postura exteriorizada através de brincadeiras, você demonstrava desde criança prezar por sua liberdade. Depender emocionalmente de alguém não lhe agradava sob hipótese alguma. Você foi crescendo e, como já era de se supor, mais difícil se mostrava a sua adaptação ao mundo a seu redor. Busquei atenuar esse conflito, porque o meio em que vivemos não vê com bons olhos mulheres que querem quebrar os padrões socialmente estabelecidos. Tentei lhe ensinar habilidades exclusivas do universo masculino, na esperança de um dia você poder usá-las a seu favor e poder garantir a sua independência. Depois de muito pensar, acabei concluindo que os conhecimentos que lhe transmiti não seriam capazes de protegê-la. Mais cedo ou mais tarde, você seria obrigada a se casar, pois seu pai não aguentaria indefinidamente as pressões de Lydia. Você sabe perfeitamente bem que sua mãe jamais toleraria ter uma filha solteira. Esta alternativa não existe em seu universo mental.

— Eu sei que mamãe não descansará até me ver casada com algum nobre inglês — respondi em concordância.

— Por outro lado, por mais incômoda que seja a ideia da morte, é a única certeza desta incerta vida. Um dia chegará a nossa hora de partir... E seria uma negligência indesculpável da minha parte não meditar com seriedade nas repercussões que tal fato causará nas vidas dos que me prestaram lealdade.

— Para que tocarmos nisso... — retruquei assustada. — Não vamos estragar a noite com conversas desse tipo!

— Minha querida, infelizmente, não é possível paralisar o tempo. Por isso, é fundamental encarar a vida com objetividade e coragem para poder tomar as decisões corretas nos momentos certos. Como eu não tenho filhos de sangue, não posso me furtar ao dever de escolher um sucessor. É vital garantir a continuidade de séculos e séculos de árduo trabalho e dedicação desenvolvidos sob a insígnia do ducado de Melbourne. Consciente da grande responsabilidade que esta escolha implica, concluí que somente uma pessoa obstinada, dotada de inabalável integridade e com uma mente treinada para o mundo dos negócios, teria o perfil adequado para assumir o meu legado. E essa pessoa de qualidades raras é você, Katherine... Sobrevindo o meu falecimento, você herdará todas as minhas propriedades e o título, tornando-se a sétima duquesa de Melbourne. É inequívoco que para tanto você deverá adotar o nome Kensington.

— Tia Margareth... Eu devo estar sonhando! — a sensação de que o mundo parou de repente de girar me atingiu violentamente.

— Pois pode começar a acreditar e a se acostumar com a sua nova condição. O testamento foi assinado hoje e não pretendo revogá-lo. Sir Richard Button esteve em Fairmont nesta manhã e finalizamos os pontos remanescentes para legitimar a herança. Não há margem para contestação judicial. Seguimos fielmente as formalidades, protocolos e minúcias legais e consultei advogados especializados em sucessão, assegurando-lhe irrestrito direito sobre as minhas posses — afirmou tia

Margareth com segurança.

— Eu jamais tive a menor pretensão de herdar nada... Não pense que me deve algum favor por eu estar lhe fazendo companhia em Fairmont — falei para tia Margareth com evidente angústia.

— Eu sei que você nunca cogitou sequer herdar um único quadro de Fairmont. Imagine herdar todos os meus bens! A sua lealdade, sinceridade e, sobretudo, o seu amor são inquestionáveis. Independentemente disso, você é a pessoa da família com maior capacidade técnica para conduzir meus negócios. Ninguém, exceto eu, conhece mais o funcionamento do ducado de Melbourne do que você. Fiz questão de lhe transmitir cada acontecimento e história vividos nestas terras. Eu a escolhi há muitos anos. E o resultado desta escolha se mostra extremamente compensador. A irretocável administração dos últimos meses só reforça o quão preparada você se encontra para assumir essa missão.

— Não tenho palavras para descrever meus sentimentos — disse atônita com a súbita perspectiva de ter me tornado livre para escolher o destino que me aprouvesse.

A sequência de surpresas ainda não tinha findado. Tia Margareth levantou-se da mesa de jantar e foi até o aparador. Pegou de dentro da gaveta uma caixinha de veludo preta, enrolada numa linda fita dourada e me entregou com um beijo no rosto. Abri vagarosamente o presente, como se com esse gesto pudesse parar o tempo. Em seu interior estava um elaborado anel com o brasão do ducado de Melbourne, símbolo maior do poder e da tradição dos que um dia ostentaram o privilégio de usá-lo. Não contive as lágrimas. A emoção suplantou qualquer tentativa bem-sucedida de autocontrole. Segurei a joia do interior da caixa e a contemplei longamente, sem ousar colocá-la em meu dedo. Uma vez restabelecido o controle dos sentimentos, ergui-me da cadeira e solenemente me dirigi a tia Margareth, que acompanhava de pé minhas reações, sem nada dizer.

— Estou imensamente feliz em saber que sou digna da confiança e do respeito da pessoa que me moldou a ser quem sou hoje. Farei de tudo para honrar e preservar o nome da família Kensington pelo resto dos meus dias. Se depender de mim, nenhum morador destas terras se sentirá desamparado, ou sentirá fome, porque não medirei esforços para dar condições de vida decente a todos que estejam sob a minha proteção — declarei ao me ajoelhar aos pés de tia Margareth, beijando suas mãos.

Ainda ajoelhada, senti o emblemático anel ser colocado em meu dedo anular direito. Em seguida, tia Margareth incitou-me a levantar e olhando nos meus olhos falou:

— Tenho absoluta convicção de que a sua promessa será fielmente cumprida, afastando todas as minhas apreensões. Como já estamos acertadas, penso que a ceia de Natal deste ano seja a data apropriada para comunicarmos as novidades a nossa família.

— Se a senhora me permitir uma opinião, acho melhor manter tudo em segredo. Para que suscitar debates em torno de um fato que, se Deus quiser, demorará muitos anos? Antecipar a minha condição de herdeira só contribuirá para alimentar especulações maldosas sobre a minha temporada em Fairmont — argumentei com delicadeza.

— Entendo seu ponto de vista e admiro a sua discrição. Entretanto, a despeito das suas ponderações, penso que George deverá ser comunicado da minha decisão.

— Quanto a isso, não faço qualquer objeção.

— Siga-me... O pintor está nos esperando! Quero registrar para a posteridade este momento inesquecível.

Na sala de pintura tudo já estava devidamente organizado. Tintas dos mais variados tons e

matizes espalhavam-se sobre uma mesa lateral. Ao seu lado, uma tela imaculadamente branca esperava as pinceladas que se seguiriam, até surgir a imagem visualizada pelo artista. Tia Margareth ficou aguardando sentada próxima ao monsieur Bousquet. Fiquei parada igual a uma estátua por mais de duas horas. Segundo o nosso renomado pintor, o importante era captar as minhas características essenciais na sessão inaugural.

Ao todo foram oito longos dias dedicados a posar de modelo até a finalização do trabalho. Pelo menos, o resultado ficou satisfatório. O anel com o brasão ducal foi perfeitamente retratado em minhas mãos. Do mesmo modo, o retrato delineou com singular fidelidade a minha figura física.

Uma vez secada a tinta, tia Margareth determinou que o quadro fosse emoldurado e guardado para ser exibido sobre a lareira da sala de visitas de Fairmont quando eu assumisse o ducado de Melbourne. Condição que, por um longo tempo, ainda soaria bastante estranha aos meus ouvidos...

O inverno dominava tudo ao redor do condado de Derbyshire. As árvores e arbustos, dos mais variados tamanhos, com seus galhos ressecados e cobertos de neve, davam um efeito paradoxalmente bonito e desolador. O frio inclemente prometia perdurar por meses. Percebi apreensiva que tia Margareth se mostrava mais debilitada à medida que a temperatura ambiente baixava. Por cautela, todas as lareiras de Fairmont passaram a ficar permanentemente acesas. Não queria ser surpreendida com nenhum agravamento adicional na sua saúde motivado por uma pneumonia ou outra doença congênere.

Depois de resistir por semanas sem justificativa, mamãe acabou concordando em celebrarmos o Natal em Fairmont. Seria um risco dispensável deslocar tia Margareth para Greenfield House nessa época do ano. Conquanto a tradição fosse comemorar o Natal em Greenfield House, situações excepcionais fazem com que soluções mais ajustadas à nova realidade acabem prevalecendo.

Incorporado o desafio, ficou claro para mim desde o princípio que os preparativos para receber toda a família em Fairmont demandariam trabalho redobrado. A ala leste foi reservada para esse fim. Supervisionei cada quarto, anotando as providências que precisavam ser executadas pela Sra. Moore. Não queria nada fora de ordem. Igual procedimento se estendeu aos arranjos florais, cristais, prataria e louça que seriam usados naquela ocasião. Acompanhei todos os detalhes pessoalmente com Howes e Battle.

Uma semana depois, meus irmãos chegaram a Fairmont, inclusive Philip. Desde a viagem a Edimburgo não nos encontrávamos. Ao menos, agora seria possível amainar a saudade. Papai e mamãe haviam informado que viriam no dia seguinte, pela manhã.

Quando meus pais foram finalmente anunciados, coloquei de lado os livros de receitas que folheava na sala de estar e fui ao vestíbulo para recebê-los:

— Que alegria reencontrá-los! — falei efusivamente, dando um beijo em suas faces. — Sejam todos bem-vindos!

— Também estou feliz em revê-la — cumprimentou papai com seu jeito carinhoso. — Minha filha, você nem imagina a falta que está nos fazendo...

— Nossa! Como esse tempo está horrível! Morreria se ficasse mais um segundo dentro daquele coche infernal. Com essas estradas lastimáveis, não parou de sacolejar nem um minuto durante o

percurso — reclamou mamãe, sem ter a menor preocupação em ser cordial ou simpática comigo.

— É maravilhoso estarmos reunidos outra vez — disse, ignorando o inoportuno comentário de mamãe. — Como a viagem foi desgastante, vou pedir para Howes guiá-los aos seus aposentos.

— Excelente providência, meu bem! — concordou papai conciliador. — Logo estaremos recuperados do trajeto.

Em seguida, eles desapareceram pelo extenso corredor, seguindo os passos do mordomo.

Com a casa em incessante movimento durante do dia, aproveitei o silêncio da noite para separar alguns documentos que precisavam ser enviados com brevidade para Londres. Sir Richard Button comprometeu-se de buscá-los naquela semana. Depois de revirar diversas gavetas e abrir dezenas de pastas, separei tudo, organizando os papéis em sequência cronológica. Quando estava relacionando a documentação, dado o seu significativo volume, papai entrou no escritório.

— Olá, Katherine! Estava esperando o momento propício para vir a sua procura. Pelo adiantado da hora todos já estão recolhidos em seus quartos. Podemos conversar sem corrermos o risco de sermos interrompidos — declarou papai aparentando relativa tranquilidade. — Hoje passei a tarde com Margareth. Fiquei sabendo oficialmente do teor do testamento e do destino do ducado de Melbourne. Suponho que tenhamos muito o que conversar.

— Sem dúvida, a madrugada promete ser longa... — falei assentindo com a cabeça, deixando os papéis sobre o birô. — Por favor, sente-se — apontei para a poltrona defronte à escrivaninha.

Mensurando cada palavra, continuei:

— Inicialmente, antecipo que o desfecho dessa história ultrapassou sensivelmente minhas expectativas.

— Antes de avançarmos nesse assunto, eu quero registrar que nada disso é novidade para mim — disse papai, encarando-me com penetrantes olhos verde-azulados.

E prosseguiu:

— Qualquer pessoa com o mínimo de senso de observação teria concluído quais eram as reais intenções de Margareth. Ela sempre zelou em lhe transmitir tudo o que sabia sobre administração e finanças, a ponto de fazê-la raciocinar como um autêntico homem de negócios. Habilidade que lhe rendeu sérios desgastes na convivência com sua mãe. Associada a isso, a sua propensão para aprender o novo contribuiu sobremaneira nesse trabalho meticulosamente conduzido através dos anos. O resultado, como você pode atestar, não poderia ser diverso!

— Fico aliviada em saber que a minha nomeação como herdeira do ducado de Melbourne não tenha estremecido a nossa relação. Eu estava receosa com todas essas reviravoltas e suas influências na nossa família.

— Vamos enfrentar o problema por partes — pronunciou papai com sabedoria. — Ter antevisto as pretensões de Margareth não significa dizer que eu corrobore com seu ponto de vista. Evidentemente, mais cedo ou mais tarde isso aconteceria independente da minha aceitação — pontuou papai com realismo. — Margareth é inteiramente livre para dispor dos seus bens da forma que melhor lhe aprouver. Minha esperança era que surgisse algum cavalheiro em Londres capaz de despertar sua atenção e colocasse em xeque os projetos sucessórios de sua tia. Mais aí surgiu a doença e a sua mudança para Fairmont...

Sem esconder a inquietação na voz, papai externou:

— O meu temor é que tudo isso lhe faça profundamente infeliz. Eu espero que você tenha mensurado adequadamente as consequências de abraçar o ducado de Melbourne e as

responsabilidades atreladas a essa escolha, porque a repercussão será péssima quando vier a público o testamento.

— Eu sei que assumir o título é uma responsabilidade gigantesca. Também compreendo que abrirei mão de muitas coisas para me fazer respeitar. Sobretudo, nos primeiros anos. Penetrar em territórios ainda dominados pelos homens é sempre encarado negativamente. Não tenho ilusões a esse respeito. Serão anos de árduo trabalho e severas críticas. No entanto, saber que cumprirei a tarefa com empenho inquebrantável é o quanto basta para me sustentar firme nesse propósito — expus com convicção.

— Disso eu tenho certeza.

— Se a sua preocupação não é o meu preparo para desempenhar as funções inerentes à condição de duquesa de Melbourne, o que o incomoda? — indaguei com o intuito de tentar entender os medos e apreensões que turvavam a fisionomia de papai.

— Se vê-la casada já seria uma meta difícil de ser alcançada diante da sua natureza excessivamente independente, fora dos padrões usuais, o que dirá agora, que terá recursos financeiros suficientes para se sustentar pelo resto da vida! — desabafou papai sem meias palavras.

— Quem sabe a herança não seja um forte fator atrativo — especulei com a intenção de acalmá-lo, embora reconhecesse a correção de seu raciocínio. — Muitas são as famílias que põem as finanças da noiva em primeiro lugar... Se é que isso não é o fator decisivo nas uniões atuais...

— Não tente me enganar! Você sabe muito bem a que eu estou me referindo — repreendeu papai aborrecido. — O poder de pressão que sua mãe tinha sobre você se evaporou num piscar de olhos após a decisão de Margareth. E não vá me dizer que uma moça inteligente como você não dimensionou com precisão tais consequências — concluiu papai com ligeira nuance de irritação na voz.

— Concordo que a minha condição de herdeira altera radicalmente o meu futuro. É incontroverso que dentro desse novo alinhamento de forças, eu terei total liberdade para decidir o que fazer da minha vida. Como somente nós dois sabemos disso, além de tia Margareth e sir Richard Button, não vejo razão para antecipamos preocupações. Se tudo correr como o esperado, esta herança demorará longos anos para vir a ser minha. Quem sabe até lá não acharei um marido apropriado e nenhum dos seus receios venha a se concretizar!

— Vou torcer para isso acontecer com a maior brevidade possível. — E mudando de tópico, indagou: — O que você tanto organizava quando entrei aqui? Não está um pouco tarde para ficar trabalhando?

Grata por desviar o centro da conversa, expliquei detalhadamente as medidas que seriam executadas por sir Richard Button em Londres, as quais dependiam dos documentos selecionados. Entretidos com as impressões sobre a política inglesa e seus desdobramentos econômicos sobre os nossos negócios, despedimo-nos carinhosamente quando o sol raiava no horizonte. Foram tantos e variados assuntos que cada qual foi para seu quarto envolto em pensamentos, perdendo-se em conjecturas sobre os enigmas da vida e seus desdobramentos imprevisíveis. Meu sono, sempre fácil de conciliar, demorou consideravelmente para se impor naquele novo nascer do dia.

A noite de Natal prometia ser gloriosa. Os presentes espalhavam-se como um tapete de diminutas porções de alegria ao redor do pinheiro que foi especialmente cortado para aquela ocasião. Os laços dourados e os enfeites de vidro multicoloridos eram magicamente realçados pelas chamas crepitando na lareira. Mamãe e tia Margareth cuidaram de presentear toda a família.

Recebi duas delicadas caixas de presente. Na primeira, havia um leque de diáfana renda francesa, na cor prateada, bordado com fitilho de veludo cinza e incrustado por minúsculos cristais transparentes. Ao ser movimentado tremeluzia à mortiça luminosidade noturna. Esplêndido presente. Obviamente, mamãe queria que eu o usasse na próxima temporada de verão em Londres! Na segunda, tinha um medalhão oval de ouro maciço com uma borboleta estilizada de platina toda cravejada de brilhantes. A borboleta ficava sobreposta, tocando imperceptivelmente a superfície do pendente, como se tivesse pousado naquele momento. Ao abri-lo, contemplei fascinada o meu retrato. A pintura era de uma fidelidade inacreditável. Fiquei encantada com a graciosidade da peça!

Pelos sorrisos e gritos de satisfação que se sobrelevavam a minha volta, o meu contentamento era partilhado por toda a família. Não sei explicar o porquê daquele súbito e inesperado pensamento, porém ao contemplar as cenas que se desenrolavam simultaneamente no salão, parei por alguns segundos e desejei ardentemente que tudo aquilo nunca tivesse fim. A felicidade inundava a alma. Não conseguia me visualizar passando um Natal de forma diferente. Ali eu tive a exata compreensão do quanto eu era privilegiada, por poder usufruir daquele instante singular, em que as diferenças familiares perdiam o sentido, sobrepujadas pela força do laço de sangue. Conscientemente, gravei as imagens no meu coração como um tesouro precioso e intangível, onde nem o tempo nem as gélidas intempéries da vida poderiam destruí-las ou apagá-las.

Como tradicionalmente fazíamos todos os anos, nos posicionamos em volta da mesa de jantar para rezar e cantar. A atmosfera festiva durou noite adentro. As crianças, que não cabiam em si de alegria com os presentes, foram as primeiras a se recolher. Os adultos se demoraram em diálogos descontraídos e disputados jogos de baralho e gamão. Tia Margareth acompanhava com olhar embevecido e atento o desdobrar da festa, com uma disposição surpreendente, como um prelúdio aos velhos tempos. Para meu alívio, os criados cumpriram à risca as orientações passadas. Os pratos foram servidos com eficiente capricho. O vinho especialmente escolhido para a ocasião foi objeto de reiterados elogios. Há tempos não usufruíamos de um encontro familiar tão prazeroso e feliz.

Foi uma noite de encantamento que seria eternamente lembrada por cada um de nós.

Como tudo na vida tem um fim, o dia da partida foi marcado por despedidas emocionadas e promessas de breve retorno. Todavia, nós sabíamos, no fundo do nosso coração, que demoraria muito mais do que gostaríamos de admitir ter outra oportunidade como aquela, onde estaríamos reunidos em total harmonia uns com os outros. Em todo caso, as lembranças dariam para aplacar a saudade até o reencontro. Infelizmente, não dá para congelar o tempo. A vida anda inexoravelmente para frente e temos que nos ajustar à realidade, vivendo com sabedoria o presente tênue e fugidio.

Apegada a esta certeza interior, voltei minha atenção aos afazeres diários. O inverno rigoroso que ainda assolava a paisagem impedia cavalgadas ou qualquer outro tipo de atividade ao ar livre. Por isso, concentrei as energias no trabalho.

De todas as providências que precisavam ser executadas, a maior urgência eram as obras de Wolfcastle. Ainda bem que sir Richard Button estaria esta tarde em Fairmont! — pensei ao terminar de ler os relatórios de sua autoria enviados no final do ano passado. — Nem bem tinha concluído as anotações dos pontos da reunião, Howes comunicou sua presença. Fui à sala de visitas, onde o encontrei conversando com tia Margareth.

— Boa tarde, sir Richard! Que bom revê-lo! Estou com dúvidas nos relatórios, as quais provavelmente o senhor poderá esclarecer.

— Boa tarde, lady Katherine! Seja o que for, eu me empenharei em auxiliá-la. Se me esquecer de algum ponto, lady Melbourne poderá me socorrer.

— Isso não tem perigo suceder, exceto se sua excepcional memória tiver sido acometida de alguma moléstia grave — externou descontraidamente tia Margareth.

— Bem... A minha primeira preocupação diz respeito à necessidade de serem construídas novas residências para os trabalhadores de Fairmont. A maioria das casas dos aldeões fica às margens do rio Nave. Se, eventualmente, ocorrer o aumento repentino do nível das águas, grande parte das construções será terrivelmente atingida. Como é impossível edificar tudo de uma única vez, sugiro como solução repensarmos a localização das casas. Quem sabe, ao longo dos anos, não teremos equacionado essa fragilidade de Fairmont, com todas as residências dos aldeões na parte alta da propriedade.

— O raciocínio é irretocável. Se, por um acaso da natureza, houver a repentina elevação no volume de águas do rio Nave, indiscutivelmente sérias consequências advirão para a população ribeirinha. Um reposicionamento das novas casas talvez seja uma maneira eficaz de lidar com esse problema. Embora os anais de Fairmont apontem que a última cheia se deu há vinte anos, nunca é demais prevenir! Não se sabe quando a natureza se rebelará contra os homens...

— Que bom que estamos de acordo! Sempre tenho um sentimento de profunda apreensão quando passo em frente àquelas casas após um período prolongado de chuvas. As águas ficam excessivamente próximas às construções — falei tomada por um medo inexplicável e irracional.

— Concordo integralmente com os dois — reiterou tia Margareth. — Protelei demais essa solução. Não dá para arriscarmos mais, seja em vidas, seja na integridade material dos trabalhadores. Amanhã, podem começar a analisar as plantas topográficas de Fairmont para escolher o local propício para as novas casas.

— Então, quanto às construções está tudo decidido. — E continuei: — O outro ponto a demandar cuidados, de acordo com os relatórios, são as obras de Wolfcastle. Conquanto os engenheiros contratados estejam fazendo um bom trabalho, o cronograma da obra está ligeiramente atrasado. Seguramente, uma maior fiscalização debelará a situação, antes que saia do controle.

— Qual é o atraso atual? — indagou tia Margareth.

— Algo em torno de três semanas na programação original que lhe foi repassada anteriormente.

— Realmente, é preciso intervir o quanto antes, para que não ganhe contornos alarmantes. Seria um bom pretexto para você conhecer Wolfcastle... — sugeriu tia Margareth voltando-se em minha direção.

— A senhora quer que eu fiscalize pessoalmente as obras e a deixe sozinha?! — falei com perplexidade.

— Não entrevejo nenhum inconveniente nisso. Mesmo porque eu não ficarei *sozinha*, como acabou de explicitar. Howes, a Sra. Moore e Brickell permanecerão em Fairmont comigo.

— Como poderei viajar desacompanhada? Penso que sir Richard poderá tratar da questão com maior eficiência. Fazendo uma rápida estimativa, na melhor das hipóteses, esta viagem demoraria no mínimo uma semana.

— Katherine... É óbvio que sir Richard poderia ajudar se não fosse a viagem à França, agendada para daqui a cinco dias! — explicou tia Margareth contrariada com a minha resistência.

E emendou impaciente:

— É humanamente impossível para sir Richard solucionar todas as pendências combinadas conosco e ainda ter que acompanhar as obras a milhas de distância de Londres.

— Perdoem-me a minha desatenção — desculpei-me envergonhada. — Não me recordava mais dessa viagem. Independente disso, não me considero a pessoa mais indicada para supervisionar Wolfcastle.

Por fim, arrematei:

— Ademais, não seria adequado viajar desacompanhada...

— Se é isso que a impede de ir, Marianne é a resposta ideal para a sua objeção — resolveu tia Margareth com praticidade.

— Apenas eu e Marianne?! É isso que a senhora está propondo?!

— Não sei a causa desse espanto... Afinal, quantas vezes você já perambulou sozinha de um lado para o outro? Em Londres, fez questão de sair desacompanhada diversas vezes... E nunca notei qualquer sinal de perturbação! Não queira agora argumentar que Marianne é inadequada para desempenhar a função designada — pressionou tia Margareth, com entonação que não admitia contestação.

Dando-me por vencida, respondi com um suspiro resignado:

— Se essa é a sua vontade, viajarei para Wolfcastle.

Protelei por duas semanas a minha viagem para Wolfcastle com as mais variadas desculpas e evasivas. Uma vez esgotada a minha criatividade, fui compelida a me defrontar com o inevitável: deixar tia Margareth em Fairmont. Foram três cansativos dias em estradas esburacadas, entremeadas por pernoites em modestas estalagens, rumo ao sudeste da Inglaterra. Wolfcastle localizava-se nas planícies e bucólicas colinas do condado de Kent. A fertilidade da região era reconhecida pelos ingleses e seus esplêndidos jardins um atrativo à parte.

Alcançamos Wolfcastle no início da tarde. A fortificação era linda! Numa grande campina verde, cortada por canais sinuosos, havia um charmoso castelo medieval do século XIV. A construção era mediana se comparada aos seus congêneres e ficava no centro do lago principal, constituindo uma peculiar ilha de pedras. O acesso ao castelo se dava através de uma ponte levadiça que conduzia à única entrada da fortaleza. Seguindo essa direção, entramos no pátio central e fomos recebidas por Samuel Gardiner, administrador da propriedade, e sua esposa Gemma.

A decoração interna do castelo me transportou à Idade Média. A cada passo dado em seus corredores e salões tipicamente adornados, senti como se tivesse sido arremetida para séculos atrás, numa fantástica viagem no tempo. A minha simpatia por Wolfcastle foi imediata.

Assim que cheguei me certifiquei sobre o funcionamento do lugar e os recentes eventos da região,

porque no outro dia encontraria Oliver Worsley e Luke Nightingale, engenheiros responsáveis pelas obras da represa. Também colhi preciosas informações sobre as circunvizinhanças e fiquei sabendo que a cidade de Canterbury distava somente uma hora e meia a cavalo, tornando uma visita àquela localidade uma pretensão plausível.

Confesso que as reuniões com Luke Nightingale e Oliver Worsley foram uma agradável surpresa. Pelas explicações dadas, o atraso se deu em face do constante desaparecimento de materiais de construção no canteiro de obras. Apesar de o depósito ser guardado por dois vigilantes, por três oportunidades foi atacado por assaltantes que vinham aterrorizando a área. O prejuízo apenas não foi maior porque no derradeiro assalto um dos vigilantes escapou dos bandidos e foi buscar ajuda, impedindo a livre ação dos malfeitores.

Uma vez cumpridas as obrigações, não resisti à vontade de visitar Canterbury. Samuel Gardiner fez questão de conduzir o landau aberto, parando reiteradas vezes na estrada para mostrar aspectos pitorescos dos lugarejos por onde passávamos. A cidade era centenária e remontava ao período de ocupação romana no território inglês, tendo desempenhado relevante papel no trabalho da Igreja Católica na conversão do povo anglo-saxão ao Cristianismo. Chegou a ostentar a condição de centro da Igreja cristã na Inglaterra.

A catedral da cidade sintetiza a importância estratégica que Roma atribuiu ao local. Tudo nela é superlativo. Percorrê-la é um verdadeiro teste de preparo físico. Não é por outra razão que é considerada como uma das maiores igrejas medievais já edificadas. Ao longo dos séculos, as inúmeras ampliações e reconstruções fizeram reunir, num único prédio, praticamente todos os estilos característicos da arquitetura medieval. Além de seus vitrais, os destaques são o altar de São Thomás Becket e o túmulo do Príncipe Negro, filho de Eduardo III.

Terminada a visitação, Samuel Gardiner estacionou na calçada de um aprazível restaurante especializado em comidas típicas da região. Entrei e fui conduzida a uma discreta mesa, próxima à entrada principal. As opções do cardápio eram extremamente apetitosas. Levei alguns minutos para escolher o que comer e fiquei aguardando pacientemente a chegada dos pratos.

Sem nada para fazer, passei a analisar atentamente os fregueses. Tinha gente de todos os tipos. Por certo, os viajantes que seguiam para Londres tinham o costume de almoçar naquele estabelecimento. Pelo visto, era bastante recomendado. A porta foi novamente aberta e meu olhar focou no novo cliente. O meu semblante brilhou de contentamento. Deparar-me com Etham Huntley em Canterbury, depois de tantos meses, só poderia ser uma ironia do destino. O reconhecimento também iluminou suas adoráveis feições. Em seguida, veio em direção à minha mesa, cumprimentando-me:

— Se eu tinha alguma dúvida de ser hoje o meu dia de sorte, agora acabo de confirmar esse fato! — declarou com charme impecável Etham Huntley, pegando minhas mãos para beijá-las galantemente.

— Não posso negar que compartilho de idêntico sentimento! — falei jovial. — Por favor, acompanhe-me nesta refeição. São tantos assuntos atrasados para colocarmos em dia... Não sei se vou deixá-lo partir facilmente — externei com um sorriso cativante.

— O seu pedido é uma ordem para este indefeso cavalheiro — disse Etham com inegável desenvoltura.

— Não podemos ficar tanto tempo longe um do outro, porque eu já estava me desacostumando dos seus gracejos! — exclamei risonha. — Mas a que se deve a sua presença por estas bandas?

— Bem... Você acabou de roubar a minha frase! — divertiu-se Etham com o inusitado da pergunta.

— Como assim?! — indaguei aturdida.

— Ora, a desaparecida aqui é você... A última notícia a seu respeito que chegou aos meus ouvidos assevera que você estava em Fairmont, portanto, a muitas milhas de distância de Canterbury, zelando pelo bem-estar da duquesa de Melbourne. E olhe que essa informação é de meses atrás!

— O pior é que você está coberto de razão — concordei tranquila. — Ultimamente, tenho me dedicado quase que integralmente aos cuidados com tia Margareth. Por enquanto, estou em Fairmont para acompanhar a evolução do seu estado de saúde. Associados a isso, os negócios do ducado de Melbourne também vêm consumindo substancialmente minhas energias. Com o repentino afastamento de tia Margareth, não tive escolha senão assumir de uma hora para outra a administração de suas propriedades. Atualmente, estou mais habituada com esta nova arrumação das coisas. Mas o começo foi o período mais difícil de lidar — expliquei detalhadamente.

Com o intuito de responder a pergunta feita, acrescentei:

— E como não poderia deixar de ser, o que me trouxe para os lados do condado de Kent foram compromissos do ducado. Pelos recentes relatórios, vistoriar Wolfcastle se tornou uma de minhas prioridades. E em virtude disso, cá estou eu neste simpático restaurante conversando com você.

— Se os problemas que você enfrentou tiveram o condão de trazê-la de volta para mim, não posso lamentar o ocorrido — verbalizou sincero.

— Vou relevar o comentário e me esforçar para enxergar a questão sob o seu prisma. E você, afinal, o que está fazendo por aqui?

— Vim supervisionar May River. O acesso à propriedade se dá sete milhas à esquerda de Canterbury. Esse caminho faz parte da minha vida desde que me entendo por gente! Conheço cada curva da estrada e residências destas paragens — informou Etham com simplicidade.

— E Londres? Tem notícias de lá? Perdi completamente a noção do que está acontecendo... Brevemente, estará fervilhando com a nova temporada de verão.

— Resumidamente, posso lhe dizer que o frenético ritmo da cidade permanece intacto. Os escândalos aparecem com a mesma velocidade com que são substituídos por novos; as crises políticas estouram quase que mensalmente e as moças solteiras tentam fisgar um marido rico; à exceção de você... é claro!

— Você é impossível! Não perde uma chance de alfinetar — afirmei aos risos. — A vida sem você não é a mesma coisa... — confidenciei sem esconder a felicidade de termos retomado a nossa amizade do mesmo ponto.

E assim passamos horas e horas conversando sobre tudo e o nada. Por mais que quiséssemos prolongar o encontro, tínhamos deveres a cumprir. Na saída, sem avaliar as implicações, convidei Etham para comemorar a Páscoa em Fairmont. Se Etham ficou surpreso com a minha iniciativa, não fez nenhum comentário, aceitando prontamente a oferta com um educado sorriso nos lábios. No máximo, em dois meses, estaremos juntos outra vez.

Felizmente o regresso para Fairmont se deu sem incidentes. Tudo estava tal como tinha deixado

antes da minha partida para Wolfcastle, fazendo-me suspirar aliviada. Nos outros dias, migrei minha atenção às negligenciadas atividades sociais. Visitei meus pais em Greenfield House e entreguei nas mãos do Dr. White as referências de cinco enfermeiras recomendadas pelas Sra. Walt e Sra. Clifford, pois a inauguração estava marcada para dali a quatro dias.

Definitivamente, para a população do condado de Derbyshire a inauguração do ambulatório foi o principal acontecimento do ano. Praticamente todos os habitantes das redondezas se deslocaram para conferir pessoalmente a novidade. Dr. White não cabia em si de exultação. O sonho acalentado por anos havia se concretizado.

Discerni ao longe Vanessa Cavendish falando entretida com John Harvey. Eles formavam um casal magnífico! Não entendia como duas pessoas feitas uma para a outra podiam ficar afastadas somente porque não conseguiam externar seus sentimentos. As coisas do coração parecem ser mais complexas do que se apresentam à primeira vista... — refleti filosoficamente, a despeito de não ser nenhuma perita no assunto.

De volta à realidade, procurei Susan Sutherland na esperança de encontrá-la. Há semanas não tinha notícias suas. Esperava que ela não estivesse doente, uma justificativa bastante plausível para sua ausência.

Nem bem tinha dado dois passos em direção ao ambulatório, com o intuito de cumprimentar Dr. White, quando esbarrei nas desagradáveis irmãs Thompson.

— Bom dia, lady Katherine! Ou o adequado seria chamá-la de lady Katherine *Kensington*?! — gracejou Samantha Thompson com evidente ironia.

— Pode ficar inteiramente à vontade para escolher a denominação que melhor lhe convier. Por qualquer uma delas eu atenderei com prazer — falei sem me abalar com a maldade da provocação.

E adverti sarcástica:

— Contudo, se me chamar de lady Katherine *Kensington*, no futuro exigirei o tratamento compatível com o título de duquesa... Confesso que gostei imensamente dessa ideia! — respondi mordaz. — E nas solenidades, ainda terá a expressão protocolar de “Sua Graça”, quando me dirigir a palavra... Se desejar, podemos começar a treinar agora mesmo!

— Para variar, você não tem o menor senso esportivo — interveio uma irritadiça Jennifer Thompson. — Sempre leva tudo demasiadamente a sério. Qualquer comentário é, via de regra, mal interpretado. Nunca vi uma tendência tão arraigada de ver o lado negativo das coisas!

— Talvez o problema seja o tipo de comentário que vocês fazem... É muito provável que observações mais convencionais reduzam drasticamente as chances de mal-entendidos futuros — retruquei com antipatia.

— Então... vamos recomeçar... — propôs Samantha Thompson com expressão ferina. — Lady Katherine... é verdade que Susan Sutherland está noiva do conde de Doncaster?

— Se tal notícia é importante para vocês, proponho que perguntem diretamente à própria Srta. Sutherland. Ela é a pessoa indicada para lhes dar informações detalhadas deste suposto noivado.

Não querendo estender a conversa por nem mais um minuto, virei as costas e saí andando, deixando-as sem nenhuma resposta. Fui à procura do Dr. White. Com muito esforço driblei a multidão que se aglomerava defronte ao ambulatório. Quando me viu, Dr. White reduziu a distância que nos separava. Segundos depois estávamos defronte um do outro.

— Parabéns! — congratulei o radiante Dr. White. — A estrutura física do ambulatório está maravilhosa e a equipe médica designada igualmente fará um trabalho exemplar em prol da

população.

— Muito obrigado! Não posso me esquecer de registrar que isso tudo somente foi possível graças ao apoio e confiança de pessoas como milady, que acreditaram neste projeto desde seus primórdios.

— Se mais pessoas tivessem a mesma iniciativa do senhor, tantas vidas seriam salvas... A falta de cuidados médicos afeta a qualidade de vida da população, principalmente dos menos favorecidos — externei, ciente da nobreza dos propósitos do Dr. White.

— Não sei como agradecer a gentileza de milady.

— Se for possível, eu adoraria visitar o interior do prédio. Será que poderia ser amanhã? — indaguei com visível cerimônia. — Se necessitar de ajuda, também estarei disponível para o que for preciso — emendei de forma solícita.

— Será sempre muito bem-vinda! Amanhã, estarei a sua espera.

Cumpridas as formalidades, passei a circular entre os convidados. No pátio externo tocava uma animada banda. No compasso da música, diversos casais se moviam de um lado para o outro ao sabor das descontraídas melodias. Vanessa Cavendish e John Harvey interromperam a dança e vieram com rostos enlevados em minha direção.

— Katherine, não imaginava encontrá-la por aqui!

— Pois se enganou redondamente... — disse com cordialidade para Vanessa. — Eu não perderia esta inauguração por nada! Venho acompanhando o projeto desde quando estava circunscrito ao plano das ideias. Não comparecer a este bonito momento seria imperdoável.

— Ainda bem que resolveu sair um pouco de Fairmont. Pensei que tinha abandonado o convívio social! — reclamou Vanessa.

— Sempre me recrimina de exagerada, mas agora quem está sendo exagerada é você! Concordo que estou sem frequentar festas e reuniões sociais há alguns meses... De fato, o acúmulo de atividades em Fairmont foi o principal responsável pelo meu afastamento. Contudo, pretendo reparar essa situação o mais rápido possível. Esta inauguração me parece ser uma boa oportunidade de reforçar os meus vínculos sociais.

Mudando de assunto, Vanessa Cavendish indagou:

— E como andam os preparativos para o casamento de Susan com James Howard, conde de Doncaster?

— Então, é realmente verdade?! — perguntei atônita. — Eu encontrei as irmãs Thompson quando cheguei à inauguração e Samantha fez exatamente a mesma pergunta para mim.

— Você não estava sabendo de nada?!

— Não — respondi boquiaberta.

— Você é a única pessoa na Inglaterra que não sabe da notícia mais comentada do ano! — exclamou Vanessa abismada.

E continuou:

— Dizem que lorde Doncaster apareceu inesperadamente em Tree Oaks há mais ou menos duas semanas e pediu Susan em casamento. Passado o choque inicial, a cerimônia foi marcada para a próxima temporada em Londres.

— Estou literalmente sem palavras... — externei desconcertada.

— Susan está nas nuvens de felicidade. Após o noivado, fui visitá-la em Tree Oaks. E segundo a sua programação, agora está em Londres para ser formalmente apresentada à família Howard! — asseverou Vanessa eufórica pela sorte da amiga.

— Por isso, a sua ausência à inauguração — concluí perplexa.

No silencioso trajeto de volta para Fairmont, revirei mentalmente as novidades do dia. Recordei da noite do Theatre Royal Haymarket. Diante do desfecho da história de Susan com lorde Doncaster, uma melhor reflexão sobre o amor se fazia urgentemente necessária.

A visita ao ambulatório foi gratificante, embora não tenha sequer cumprimentado o Dr. White. A fila interminável de pacientes o mantinha muito ocupado, impossibilitando qualquer aproximação. Tal circunstância acabou por me permitir andar livremente pelos corredores do prédio e captar o sentimento de nervosismo que dominava os funcionários recém-contratados. Era evidente a insuficiência no número de enfermeiras para atender todas as necessidades dos inúmeros doentes que vieram à procura de assistência médica.

Ciente dessa realidade, combinei de prestar trabalho voluntário na função de auxiliar de enfermagem duas vezes por semana, enquanto os serviços seriam paulatinamente normalizados. A saúde de tia Margareth e os negócios do ducado de Melbourne tolhiam a possibilidade de maior empenho da minha parte. Se não podia resolver a carência de mão de obra qualificada no condado, pelo menos atenuaria parcialmente o problema com alguma ajuda.

Na primeira semana como voluntária, senti dificuldade para me situar nas instalações do ambulatório e atender de forma adequada os pacientes sob os meus cuidados. Somente na terceira semana comecei a pegar o ritmo do trabalho. As dosagens dos remédios, a forma de fazer os curativos e de aplicar as injeções retornaram à mente, à medida que fui colocando em prática as lições que aprendi no St. Mary Hospital.

Tudo transcorria pacificamente no ambulatório até o momento em que a enfermeira Abigail Prescott me alertou da internação da Velha Trinity, na ala reservada aos pacientes graves. Supersticiosa, a enfermeira pediu para me afastar do local onde a idosa senhora era tratada, receando que algum malefício recaísse sobre mim ou minha família.

Reconhecida por possuir poderes sobrenaturais e lhe atribuírem o dom da vidência, a Velha Trinity era paradoxalmente temida e respeitada pela população que residia no condado de Derbyshire. Não seria exagero dizer que o medo era o sentimento predominante no imaginário popular à simples menção do nome Trinity. A fama infligida tornou-a solitária e reclusa. Poucas vezes a vi no povoado. E nesses raros instantes estava invariavelmente só. Tirando alguns habitantes da região que não acreditavam nas histórias de bruxaria, difundidas pelas más línguas, a Velha Trinity vivia praticamente isolada do mundo ao seu redor, morando num simples casebre nas cercanias de Fairmont.

Quando me apercebi, eu estava ao lado da cama onde repousava a velha senhora. O olhar afável com o qual fui recebida sensibilizou meu coração. Misteriosamente, captei a resignação com o estilo de vida que levava e o sincero agradecimento pela minha atenção. Seu delicado estado de saúde demandava cuidados especiais, porém a superstição que envolvia seu nome comprometeria sobremaneira o tratamento se não fossem tomadas medidas preventivas.

Isto porque, excluindo o Dr. White e uma enfermeira do turno da manhã, os demais evitavam deliberadamente se aproximar da Velha Trinity. Apreensiva com a inusitada situação, pedi ao Dr.

White para cuidar da paciente no turno da tarde, pois se continuasse a não ter ninguém para atendê-la nesse período, inevitavelmente seria impossível garantir a sua recuperação. A penosa pneumonia exigia constante presença do corpo de enfermagem e pontualidade no preparo das medicações.

Quinze dias se passaram e o progresso no tratamento podia ser constatado a olhos vistos. Aquela senhora desenganada retornara milagrosamente à vida. Fiquei exultante com a melhora do seu estado de saúde.

Na despedida, a velha senhora insistiu para ler minhas mãos. No princípio, resisti ao pedido. Entretanto, sua aparência ainda frágil e abatida me fez reconsiderar a decisão. Que mal teria em lhe permitir predizer o futuro? Isso tudo não passava de crendices infundadas!

Convicta de que nenhum infortúnio adviria com aquilo, estendi-lhe as mãos com calma e tranquilidade. Ao segurá-las firmemente entre as suas mãos ásperas e enrugadas pelo árduo trabalho de anos a fio no campo, a Velha Trinity mirou-as fixamente por um tempo considerável e percorreu com a ponta dos dedos o emaranhado de riscos da palma da minha mão. A voz que ressoou da sua garganta era estranhamente forte e límpida para uma pessoa debilitada, e o seu olhar parecia estar em outra dimensão.

— Que estranho... Que estranho... — externou a velha senhora mais para si mesma do que para mim. — É incomum me deparar com um futuro com tantos enigmas... Não sei precisar o seu significado, porém milady viverá duas vidas em uma única vida. Qual delas prevalecerá? Não está escrito. Apenas sei que o segredo da sua felicidade está na sabedoria das suas decisões.

— Isso é tudo o que a senhora consegue ver? Confesso que eu não alcanço o sentido de suas palavras... — falei com cautela, diante de previsões tão difíceis de decifrar.

— Por mais incompreensíveis que as minhas predições se apresentem, esta é a fidedigna tradução das linhas das suas mãos — confirmou a Velha Trinity. — São duas vidas paralelas. Isso está claro, por mais nebuloso que seja seu futuro! É um intrincado excepcional de riscos. Não me recordo de nada semelhante antes.

Em seguida, apontando para minhas mãos, disse:

— Milady, veja bem estas duas linhas: é o seu destino! O seu livre arbítrio neste caso é totalmente irrelevante. Eu não tenho dúvidas quanto a este aspecto. Peço-lhe, contudo, para nunca esquecer que unicamente o equilíbrio e a razão lhe permitirão fazer as escolhas acertadas para a sua vida. Distanciar-se disso será sua destruição. Disso eu estou certa.

— Diante de suas palavras não me resta alternativa, senão viver! Se é o meu destino, o que eu poderei fazer contra as forças ocultas do universo?! — indaguei com fatalismo. — Se este caminho está traçado para mim desde sempre, não parece ser uma atitude muito inteligente da minha parte me insurgir contra isso — disse jovialmente. — Quem sabe um dia eu possa vir a entender e explicar para a senhora a real dimensão do que acabara de profetizar?

— Talvez eu não esteja mais neste mundo quando isso sobrevier... Ou talvez a sua outra vida ganhe uma importância infinitamente maior do que milady possa agora conceber e não nos vejamos nunca mais...

— Somente vivendo para ver — pronunciei relaxadamente, tocando carinhosamente suas mãos. — Por favor, observe criteriosamente os horários de tomar os remédios prescritos por Dr. White. Se precisar de algo mais, sabe onde me encontrar. Sempre será muito bem recebida em Fairmont.

— Eu não sei como agradecer... Se não fosse milady, ninguém teria se importado comigo.

— Não diga isso. Dr. White jamais a deixaria desassistida.

— Isso é verdade. No entanto, milady sabe que as enfermeiras não agem do mesmo modo. Ficam apavoradas, como se eu fosse lhes jogar algum encantamento ou feitiço pelo simples fato de se aproximarem de mim.

— Vamos comemorar a sua recuperação! É isso o que conta agora — declarei alegre, mudando propositalmente de assunto. — Qualquer necessidade, pode vir me procurar, porque estarei sempre disponível para recebê-la.

— De todo coração, desejo que os anjos sempre estejam ao seu lado e iluminem com a luz celestial as suas misteriosas vidas... Milady é uma pessoa muito boa e merece ser feliz.

A Páscoa prometia ser movimentada. Meredith veio com Eduard para as festividades. Apesar de normalmente ficar em Greenfield House, desta vez preferiu se hospedar em Fairmont. Seu marido Charles Leatham estava em Viena tratando de assuntos diplomáticos de interesse da Inglaterra, motivo pelo qual Meredith veio desacompanhada.

A primavera desabrochava florida em seu colorido embelezador, tornando a sala envidraçada onde era servido o chá da tarde um lugar relaxante e aprazível. Enquanto degustávamos apetitosos biscoitos e tortas, aproveitamos para atualizar os assuntos. Tia Margareth tinha optado em continuar na sala de estar, relendo um de seus romances prediletos, decisão que nos deu privacidade para conversarmos sem restrições.

Ao preparar a infusão de ervas no bule de prata, Meredith comentou:

— Estive com mamãe esta manhã... Ela vem se mostrando bastante descontente com a sua permanência em Fairmont. Sendo mais específica, teme você não ir para Londres na próxima temporada de verão.

— Então, é isso... Logo vi que esse descontentamento tinha alguma coisa por trás — constatei com voz neutra. — Não sei como eu não adivinhei essa intenção antes — externei tranquila, ao tomar um gole de chá preto com leite.

— Eu sei que o jeito de mamãe ver o mundo destoa do seu, porém você tem que convir não ter lógica ficar permanentemente em Fairmont, reclusa como se estivesse num convento! Há uma infinidade de coisas para serem vistas e apreciadas, especialmente em Londres.

— Não vi nada de extraordinário em Londres que me fizesse voltar impreterivelmente neste verão. O que me atrai na cidade pode ser visitado em qualquer época do ano.

— Você não está sendo justa. Pelo que me lembro, você se divertiu muito no verão passado, tendo despertado a atenção de diversos admiradores — contraditou Meredith plácida, depositando uma colher de açúcar na bela xícara de porcelana Meissen.

— Excetuando Etham Huntley e Lauren Windermere, não conheci mais ninguém digno de consideração.

— Por falar neles, soube por tia Margareth que lorde Huntley virá para Fairmont amanhã. É verdade? Fiquei impressionada quando o conheci... É um cavalheiro não só na educação quanto na aparência! — indagou casualmente Meredith, ao tempo em que pegava um fino biscoito de trigo.

— Pelo menos é o que informa a sua última mensagem — respondi evasiva.

— Talvez haja mais do que amizade nesta atenção devotada, não acha? Nenhum homem viaja

tantas milhas se não houver um sincero interesse. Quem sabe, não esteja enamorado de você... — especulou Meredith, estreitando o olhar e mexendo o líquido âmbar do chá de flor de laranjeira.

— Sinto muito contrariar suas românticas expectativas, mas não há nada além de amizade.

— Se é isso o que você diz existir... — falou Meredith sem polemizar. — Não vou insistir no tema. Por sinal, adivinha quem eu encontrei uma semana antes de vir para cá e perguntou por você assim que nos cumprimentamos.

— Não faço a menor ideia — disse sem me esforçar em descobrir a sua identidade, ao mordiscar embevecida um doce de damasco.

— Não seja desagradável — repreendeu Meredith com paciência. — Reflita um pouco mais que provavelmente adivinhará quem foi. Não são tantas as pessoas que conhecemos em comum — provocou sem se dar por vencida.

— Desculpe... não me ocorreu nenhum nome... — reiterei depois de alguns segundos de tentativas inúteis.

— Refiro-me à Sra. Alicia Lutyens, esposa do embaixador Benjamin Lutyens. Recorda-se como vocês conversaram sem parar no jantar oferecido por mamãe em Londres? — questionou Meredith, com o escopo de clarear a minha mente.

Balancei a cabeça em assentimento, saboreando um doce de nozes.

— Pois bem... — continuou Meredith cortando uma fatia de torta de morango. — Pelo que me contou, viajará para a Grécia daqui a um mês e como o marido tem idade avançada, está insegura de irem sozinhos. Coincidentemente, eu conjecturei que você poderia ser a solução dos dilemas vivenciados pela Sra. Lutyens. Você sempre quis conhecer lugares exóticos, então me vi confabulando que talvez você fosse uma bela companhia, além de ser a oportunidade ideal de realizar esse seu antigo sonho.

Por fim, arrematou Meredith:

— A Grécia é decididamente um país incrível! E outra chance como essa será bem difícil de aparecer.

— Ou será que isso tudo não seria a saída perfeita para as angústias de mamãe?! — perguntei com ironia.

— Mas será que você não poderia ser menos implicante?! — irritou-se Meredith.

E prosseguiu com objetividade, repousando o rebuscado talher no prato com mais barulho do que seria o apropriado:

— E daí que mamãe tenha aprovado a ideia da viagem?! No final das contas, qual será a importância disso? A concordância ou não de mamãe não alterará em nada o fato de você ter viajado. Imagine a Grécia com seus seres mitológicos e suas paisagens mediterrâneas... Acredito ser isso o que importará para você — concluiu Meredith com sabedoria.

— E tia Margareth com quem ficaria? Sozinha eu não vou deixá-la. Isso está totalmente fora de cogitação. Praticamente dois meses distante é tempo demais para ficar ausente da Inglaterra! E os negócios do ducado de Melbourne, quem ficará responsável por sua condução? — interroguei colocando uma série de obstáculos às pretensões de Meredith. Ainda não saciada, retirei delicadamente uma broa de aveia do recipiente de prata.

— Podemos fazer um revezamento. Quatro semanas eu ficaria em Fairmont com tia Margareth e Cristine se incumbiria das semanas faltantes. Até porque não existe diferença de parentesco entre Cristine, você e eu! Todas têm responsabilidade com tia Margareth. Quanto aos negócios, sir Richard

Button é plenamente capaz de solucionar qualquer eventualidade. Quarenta e cinco dias não é o fim do mundo! Dá perfeitamente para organizar uma escala razoável, capaz de compensar a sua ausência — argumentou Meredith, desvencilhando-se com maestria das minhas desculpas.

— Sua sugestão é tentadora... Só não vejo como dará certo.

Em seguida, recolocando a taça de cristal com água sobre a mesa, expliquei:

— Tanto você quanto Cristine têm suas vidas e a dinâmica do dia a dia complicará essa tarefa. É fato que a saúde de tia Margareth está atualmente estável, mas a qualquer hora poderá advir algum sobressalto.

— Você acha que seríamos incapazes de zelar pelo bem-estar de tia Margareth? É isso o que está dizendo?! — questionou Meredith ofendida, com a refinada porcelana floral da xícara de chá parada no ar.

— É claro que não!

E emendei depressa:

— Apenas estou explicando que você e Cristine têm muitas outras obrigações para ocupar suas mentes. Somente isso! Portanto, não vejo como eu poderia aceitar acompanhar o casal Lutyens nesta viagem, se tal decisão poderá desamparar tia Margareth.

— Pense mais no assunto, Katherine... Um pouco mais de reflexão lhe mostrará que seus medos não têm qualquer fundamento — insistiu Meredith. — Presumindo-se o desenrolar natural dos fatos, você viajará e regressará para a Inglaterra e tudo estará exatamente igual ao momento da sua partida — rebateu Meredith, comendo o último doce de damasco do pratinho de cristal.

— Lamento decepcioná-la... Entretanto, esta viagem à Grécia veio num período impróprio. É melhor comunicar ao casal Lutyens que não poderei acompanhá-los. Assim, eles procurarão outra pessoa para essa função — encerrei a conversa com serena convicção, retirando o guardanapo rendado do colo para colocá-lo com firmeza no tampo da mesa, sem imaginar que nada nem ninguém é capaz de se livrar dos enredados e indecifráveis caminhos que já estão escritos no voluntarioso livro desta vida.

Como promessa é dívida, Etham Huntley aportou em Fairmont na data combinada. Um sol faiscante tisnava o céu, espalhando reflexos dourados e alaranjados. O crepúsculo ainda tardaria a se materializar na longínqua linha do horizonte. Após as saudações de praxe, Howes o acompanhou ao quarto de hóspede, onde pôde descansar após a longa viagem. Apenas nos reencontramos na hora do jantar. Tia Margareth ficou contente com a sua presença. Sentimento que deixou transparecer com clareza durante a refeição. A conversa enveredou por múltiplos temas de forma agradável e despretensiosa. Com seu costumeiro charme e simpatia, Etham maravilhou os presentes, fazendo daquela noite um momento memorável.

Nos dias que se seguiram fizemos vários passeios pelos arredores de Fairmont e de Greenfield House. Percorremos pastos, bosques e lagos, além de apresentá-lo ao Dr. White e ao renomado ambulatório. Descrevi em detalhes os projetos para contornar as águas das chuvas e o reposicionamento das casas. Demoraria alguns anos até tudo estar finalizado, mas valeria o investimento.

Na terceira noite, surpreendentemente observei que tia Margareth e Meredith tinham se recolhido mais cedo, deixando-nos a sós na sala de visitas.

— Aparentemente, todos estão bem cansados... — disse melindrada com a situação, subitamente consciente dos mínimos movimentos ao meu redor e dos estalidos que ressoavam das toras de madeira recém-colocadas na lareira.

— Nada com que devamos nos preocupar. Talvez tenham tido um dia mais atarefado e corrido — insinuou Etham diplomaticamente, dirigindo-se à lareira para reavivar as chamas que crepitavam debilmente.

— Você tem razão.

— Sabe do mais, Katherine? Adorei passar estes dias em Fairmont! Há muito tempo que não me permito relaxar plenamente... Sinto-me renovado para enfrentar novos e desconhecidos desafios...

— Fico satisfeita em saber que pelo menos valeu a pena percorrer tantas milhas até estas paragens! — comentei rindo, na tentativa de descontrair o ambiente, repentinamente tenso.

— Gostaria de um cálice de licor? — indaguei, erguendo-me do sofá e caminhando em direção à mesinha onde estavam dispostas lindas garrafas de cristal contendo essa adocicada bebida. Em seguida, servi-me de uma generosa dose de licor de amêndoas.

— Não, obrigado — recusou Etham, aproximando-se perigosamente de mim e ficando perto o bastante para eu sentir o calor que emanava de seu corpo.

E asseverou, olhando-me fixamente nos olhos:

— Meditei muito esses dias e finalmente consegui ver com nitidez o que nós relutávamos em admitir há um tempo considerável.

— Não estou compreendendo... — respondi nervosa, devido a sua proximidade. Pressenti naquele instante que Etham estava me cortejando!

E confirmando minhas impressões, num piscar de olhos senti os lábios de Etham sobre os meus, pressionando-os com determinação, o que me fez entreabri-los e me entregar aos calorosos beijos que ele depositava na minha boca. Nossos corações acelerados não permitiam qualquer pensamento lógico. Meu corpo estava colado intimamente ao dele e suas mãos hábeis percorriam o meu rosto com adoração e acariciavam as curvas do meu corpo com ardor.

Não saberia quantificar o tempo que ficamos nos beijando. Porém, a surpresa somente não foi maior porque as palavras pronunciadas por Etham em sequência ultrapassaram em muito a minha capacidade de abstração. Num limiar entre o sonho e a realidade, Etham murmurou de forma sedutora entre os meus lábios:

— Sinceramente, devemos nos casar o mais rápido possível!

Mantendo-me envolvida em seus vigorosos braços e afagando as minhas costas em círculos, argumentou:

— Não existe justificativa para vivermos separados. Combinamos perfeitamente bem... Quanto a isso, não há mais resquício de dúvida! Os beijos partilhados corroboram minhas palavras. E uma união entre as nossas famílias seria solenemente comemorada. Por isso, o que acha de marcamos para o início da temporada de verão a oficialização do nosso noivado em Londres? — sugeriu Etham de forma casual. — Se você preferir, a cerimônia religiosa poderá ser aqui mesmo em Fairmont — emendou com naturalidade.

— Etham... Não vamos nos precipitar... Precisamos ter calma... Não sei o que dizer, nem o que fazer — ponderei devagar na intenção de recolocar os pensamentos no lugar. Meu coração

descompassado negava-se a sossegar.

Ante aquele turbilhão emocional, ocorreu-me que o mais sensato seria colocar uma distância segura entre nós. Eu não podia agir com leviandade. A amizade de Etham era extremamente preciosa para mim. Nesse aspecto, não pairava controvérsia. Mas necessitava descobrir se desejava um relacionamento amoroso. Ou melhor: ser sua esposa!

Amedrontada com essa inovadora perspectiva, disse sem pensar a primeira desculpa convincente que me veio à mente:

— Independentemente do que venha a ser futuramente decidido, eu me comprometi a acompanhar o casal Lutyens numa viagem à Grécia daqui a um mês — esquivei-me desconcertada, diante da mentira que acabara de criar. — Como está tudo combinado, não fica bem voltar atrás...

E prossegui com desenvoltura:

— Retornarei a Londres na temporada de verão, quando eu já terei tomado uma decisão acerca do seu pedido de casamento. Por mais que eu goste e admire você, casar é um compromisso definitivo que exige uma séria reflexão. Não me sinto pronta para tomar uma decisão dessa natureza agora. Espero que você me entenda e não me interprete erroneamente — concluí apreensiva.

— Não se atormente por isso, Katherine. Conhecendo você como eu conheço, não esperava outra reação — declarou Etham compreensivo.

E finalizou se retirando com um galanteio:

— Quando retornar da viagem, conversaremos... Mas só uma coisa eu lhe peço: volte logo... Não demore muito! Cada instante longe de você é um tempo valioso desperdiçado sem a sua presença — externou Etham com carinho, beijando apaixonadamente minhas mãos.

Segundos depois, eu estava sozinha na sala que repentinamente ficou fria demais.

CAPÍTULO 7

As ondas ricocheteavam fortemente o casco de madeira do navio Mareville, produzindo uma espessa espuma esbranquiçada à sua passagem. O vento sibilava inclementemente entre as brancas velas penduradas nos mastros da embarcação, num silvo estridente e melancólico. A maresia impregnava-se em todos os cantos e a noite escura impedia se divisar a imensidão do mar. Não havia lua nem estrelas no céu. Um negror sem fim espraiava-se na infinitude do oceano bravio e turbulento, insolitamente quebrado pelo singrar destemido da solitária embarcação. A cadência dançante e compassada da maré determinava o ritmo de trabalho dos marinheiros que conduziam o navio, comandado pelo veterano capitão Lewis Gordon.

Fazia quatro dias que tínhamos partido de Londres. No princípio, estranhei bastante não ter os pés fincados em terra firme. Quando deixamos o estuário do Tâmisa, o ininterrupto balançar provocado pelos vagalhões do alto-mar me causou terríveis enjoos e intensa apatia. O mal-estar era tamanho que um simples gesto de olhar um prato de comida revirava o estômago, mantendo-me prostrada sobre a cama. Somente hoje me considerava recuperada.

A cabine que me foi reservada, ainda que fosse diminuta e rústica, era admiravelmente acolhedora. Possuía uma cama ao fundo, na esquerda uma escrivaninha e cadeira estofada de couro, um tanto desgastada, viradas para as pequenas escotilhas, e um baú encostado na parede de entrada, onde guardei os meus pertences. A cabine da Sra. Alicia e do Sr. Benjamin Lutyens localizava-se ao lado e era uma réplica um pouco maior da minha.

Segundo as minhas observações, o Sr. Lutyens estava a serviço do governo britânico. Não era por outra razão que o navio, além de ser conduzido por oficiais ingleses, estava repleto de tecidos finos, artísticos vasos e castiçais de porcelana, louças de faiança, ornamentos de cristal e armamentos militares para serem negociados em território grego.

De tudo que eu havia visto e ouvido, a minha companhia não teria qualquer serventia para aquele simpático casal. Não seria exagero dizer que eles estavam fazendo um enorme favor à minha família ao me afastar de Fairmont por algumas semanas, garantindo a minha participação na temporada de verão em Londres; para felicidade suprema de mamãe!

Eu posso visualizar a cena de lady Northwick bendizendo a sorte de conhecê-los, desde que soube da minha intempestiva decisão de viajar para a Grécia. Entretanto, ela não tinha como adivinhar que o responsável pela viagem havia sido o marquês de Huntley. Ele é quem deveria ser venerado, em vez do amável casal Lutyens. Todavia, dessa informação ela não dispunha, porque não contei a absolutamente ninguém o ocorrido na Páscoa.

O súbito pedido de casamento de Etham Huntley foi o impulso que faltava para viajar e estar neste instante entre as revoltosas águas do oceano Atlântico, margeando o continente europeu. Eu precisava me distanciar do meu dia a dia para avaliar com precisão meus reais sentimentos e aspirações. Tomar uma decisão daquela magnitude sem estar segura não me pareceu uma atitude

sensata. Casar significa uma radical mudança no estilo de vida e a questão é: até onde eu estou disposta a abrir mão dos meus espaços por Etham Huntley?

Duas sutis estocadas na porta da cabine me chamaram de volta à realidade. De acordo com as informações repassadas pelo jovem e sorridente oficial, o jantar seria servido às dezoito horas no salão principal. Diferentemente das embarcações destinadas a turistas, aquela se limitava a três cabines e a área social se restringia ao local onde eram servidas as refeições e um canto voltado a jogos e a conversas informais. O mais era puramente funcional. Na prática, era um cargueiro relativamente pequeno de produtos comerciais, se comparado aos seus congêneres, de modo que os únicos viajantes eram o casal Lutyens e eu.

O capitão Lewis Gordon era um capítulo à parte, tamanha a sua excentricidade. À primeira vista sua grossa barba branca e longa, cabeça careca, olhos negros semicerrados a qualquer hora do dia e estrutura corporal grande e roliça permitiam antecipar ao espectador uma personalidade incomum.

Depois de me arrumar adequadamente com um discreto vestido de veludo cinza-escuro de decote singelo de meia-lua na altura dos ombros e de prender meus cabelos num coque por detrás da cabeça, por conta do constante e insistente vento que teimava em espalhá-los para todos os lados, fui ao salão onde seria servido o jantar.

— Boa noite, lady Katherine! Vejo que está bem melhor, ao menos a cor retornou a suas faces... — observou em tom cordial o capitão Lewis Gordon, levantando-se da poltrona para me cumprimentar.

— Boa noite, capitão! Como o senhor tinha profetizado, acabamos nos acostumando com o balançar do navio.

— Depois de décadas no mar a gente termina aprendendo alguma coisa... O casal Lutyens deve chegar dentro de alguns minutos. Gostaria de uma taça de vinho? — indagou o solícito anfitrião.

— Certamente — aceitei sorrindo.

— Por acaso, eu já contei a milady da minha atuação na batalha de Trafalgar? — perguntou o capitão, enquanto vertia com desenvoltura o líquido róseo, em duas delicadas taças de cristal translúcido.

— Ainda não! Creio que deve ter sido uma experiência única — falei com entusiasmo, incentivando-o a prosseguir.

— Milady está corretíssima. Embora fosse muito jovem, não mais de vinte anos, eu tive a honra de conhecer o grande almirante Horatio Nelson — disse com evidente orgulho na voz. — Infelizmente, não fazia parte da tripulação do Victory, pois eu estava lotado na nau capitânia Royal Sovereign, então sob as ordens do ilustre vice-almirante Cuthbert Collingwood.

Em seguida, passou a narrar os acontecimentos mais marcantes da grandiosa batalha com evidente empolgação:

— Os navios franceses e espanhóis, comandados pelo experiente almirante Pierre Villeneuve, acharam que, por terem uma frota numericamente maior, seriam capazes de vencer a esquadra inglesa sem esforços; mas o ousado plano estratégico traçado pelo almirante Nelson de interceptar com duas linhas paralelas a formação inimiga acabou por desarticulá-los. Isso porque os navios da retaguarda não podiam ajudar nem serem socorridos pelos navios situados à frente. Dessa forma, os combates no mar foram praticamente singulares, ou seja, navio a navio, reduzindo de forma expressiva o poder e a relevância numérica do inimigo.

— Se não me engano, devemos estar navegando muito próximo ao local onde foi travada essa

renomada batalha naval, porque pelas informações repassadas por um de seus marinheiros, antes de vir jantar, estamos margeando a costa atlântica espanhola, nas imediações de Cádiz — externei com a intenção de confirmar minhas suspeitas.

— Percebo que tem uma excelente memória para fatos históricos! — elogiou o capitão Gordon.

— Não chega a tanto — disse com modéstia.

Voltando ao foco da conversa, comentei:

— Escutando-o descrever a luta com tanta vibração, um ouvinte desatento poderia supor ter sido simples a vitória britânica, mas provavelmente a realidade foi bem diversa...

— Por certo que sim! — confirmou o capitão Gordon com ênfase. — Principalmente nessa situação, em que a aproximação inglesa foi realizada sem possibilidade de abrir fogo sobre a esquadra franco-espanhola, pois os canhões dos navios se situam em suas laterais e não na proa ou popa das embarcações. Como o plano era furar a formação inimiga, os navios ingleses se posicionaram em duas linhas perpendiculares à esquadra liderada pelo almirante Villeneuve e foram em sua direção sob fogo cerrado, num verdadeiro ato de heroísmo!

— Quando escuto histórias de guerras e batalhas, não sai da minha mente a estranha e desconfortável tensão que deve pairar entre os combatentes. Acredito ser uma apreensão terrível até a deflagração da luta.

— Não saber se sairemos vivos ou mortos é algo que abala o mais frio dos homens. Mas a confiança na capacidade e destreza de nossos líderes é fator decisivo numa guerra, pois atenua a incerteza de todo e qualquer embate.

— Não é por outra razão que o almirante Nelson é um dos maiores heróis da Inglaterra, dada a sua reconhecida genialidade militar.

Ao acabar de pronunciar estas palavras o casal Lutyens adentrou no recinto.

— Boa noite! Desculpem-nos a demora. Um pequeno contratempo com o meu vestido foi o responsável por essa falta de educação... — justificou-se Alicia Lutyens.

— Não precisam ficar preocupados. Enquanto os aguardava tive a grata satisfação de saber que o nosso capitão participou da batalha de Trafalgar — comentei animada para o idoso casal.

— Lady Katherine, esse é um dos passatempos prediletos do nosso capitão. Milady não pode mensurar a alegria que proporcionou ao lhe permitir se gabar de sua participação na grande batalha naval britânica deste século — falou um espirituoso Benjamin Lutyens, batendo amistosamente no ombro do capitão Lewis Gordon. — Ele não perde nenhuma chance de se vangloriar de seus feitos marítimos, sobretudo quando a plateia é uma lady bela e formosa!

— Está vendo, milady, como eu sou injustiçado por este senhor?! Não posso fazer nada que já sou alvo de pilhéria! — verbalizou o capitão Gordon com trejeitos dramáticos. — Quem tem um amigo desse não precisa de inimigos nem franceses nem espanhóis. Como retribuição, vou pedir ao nosso cozinheiro Rhys para, amanhã, caprichar na pimenta do prato do meu adorável *amigo*... Quem sabe ele não perde a fala por alguns minutos!

A descontração imperou durante o jantar. Como nos outros dias, a comida servida estava surpreendentemente boa e as companhias agradáveis. Descobri casualmente que a Sra. Alicia Lutyens não tivera filhos. As constantes mudanças impostas pelo trabalho do seu marido fizeram com que tal projeto fosse constantemente adiado, até finalmente ser esquecido. Uma vez sentadas confortavelmente na sala de estar, tomamos uma revigorante xícara de café, ao passo que os homens permaneceram no salão principal se dedicando à arte de acender seus charutos e cigarros turcos,

fumados com cálices de *brandy*.

— A senhora esteve na Grécia antes? — questionei com o deliberado propósito de descobrir o real motivo daquela viagem.

— Sim... Somente nos dois últimos anos estivemos por lá seis vezes. Daqui a pouco, poderei percorrer as ruas de Atenas de olhos fechados! — falou a Sra. Lutyens aos risos, confirmando minhas suspeitas sobre a história inventada por Meredith.

E continuou:

— O governo britânico está desenvolvendo um persistente trabalho diplomático há anos, no intuito de intensificar o comércio entre as duas nações. A grande influência do Império Otomano na região faz com que a Grécia seja um estratégico aliado inglês. Daí as constantes negociações que Benjamim vem coordenando e as nossas reiteradas viagens.

— Pela descrição de Meredith, fiquei com a errônea sensação de ser a primeira vez que visitariam a Grécia... — expliquei de forma angelical, mas por dentro querendo estrangular Meredith pela desfaçatez da mentira engendrada para me afastar de Fairmont!

— Deve ter havido algum mal-entendido, porque sua querida irmã Meredith e seu cunhado Charles nos acompanharam na nossa primeira viagem. Isso não faz três anos! — retrucou Alicia inocentemente.

— Obviamente, um mero equívoco... — externei sem transparecer a verdade.

E retomei a conversa com naturalidade:

— Contudo, voltando ao motivo da viagem... Agora está justificado o expressivo número de artigos de luxo e de armamentos que estão no porão no navio. Logo vi que tantas mercadorias caras deviam ter um destino compatível com sua relevância econômica.

— Com efeito. Eu não esperaria outra conclusão advinda de você! — elogiou Alicia Lutyens. — Fato que explica estarmos viajando numa embarcação comum, porém com tripulação custeada pelos cofres públicos ingleses.

— Compreendo... Quanto mais sigilosos os termos e cláusulas dos acordos, melhor... — concluí com raciocínio elementar.

— Exatamente isso.

Mudando repentinamente de assunto, Alicia Lutyens indagou:

— Não consigo desviar os meus olhos do seu medalhão. Que peça fabulosa! Notei que não tira do pescoço para nada.

— A senhora tem toda razão... Ganhei no Natal passado da minha tia Margareth. Desde então, procuro usá-lo constantemente, ainda mais quando estou distante... — disse tocando carinhosamente o pendente. — É uma forma de senti-la sempre perto de mim.

— Perdoe a minha curiosidade, mas gostaria muito de saber onde foi comprado. Adoraria poder me presentear com um parecido.

— Lamento não poder ajudar. Fiquei tão eufórica ao recebê-lo que não verifiquei a loja. Quando voltarmos à Inglaterra, indagarei a tia Margareth e escrevo em seguida para a senhora.

— Não tem sentido tanto trabalho... Foi apenas uma pergunta sem maiores consequências.

Sorrindo, toquei-lhe as mãos afetuosamente, afagando-as.

— Não será nenhum incômodo. Que mal há em respondê-la?!

— Então, ficamos combinadas. Caso surja alguma oportunidade de obter essa informação, ficarei bastante satisfeita em saber a resposta — finalizou com gestos amáveis Alicia Lutyens.

Naquela mesma noite, ao me recolher à cabine, decidi ficar lendo na cama. Passei aproximadamente duas horas entretida no recém-lançado livro *Nicholas Nickleby,* de Charles Dickens. Quando me senti ligeiramente sonolenta, coloquei o livro de lado para não sucumbir ao cansaço no outro dia. Em todo caso, daria para concluí-lo antes de aportar em Atenas.

Para meu completo espanto, ao me levantar para colocar a roupa de dormir fui abruptamente arremessada ao chão. O estranho chacoalhar que se seguiu foi acompanhado de um barulho ensurdecedor no convés. Colei a orelha na porta da cabine na esperança de identificar o que estava acontecendo lá fora. Assustada com os gritos e sons que conseguia captar precariamente através da madeira, avancei até o baú e peguei a pequena pistola de cabo de madrepérola, presenteada por Philip no meu aniversário de quinze anos. Por cautela, escondi a arma na barra da minha saia. Independentemente da razão daquela algazarra, eu não seria pega desprevenida!

Após remoer infindáveis minutos, andando aperreada de um lado para o outro, pensando se deveria sair da cabine, decidi averiguar o que estava ocorrendo, para pôr fim àquela angústia. Entreabri a porta e esgueirei o corpo vagarosamente para fora, de modo a me manter escondida nas sombras que se arremessavam sobre o corredor de acesso às cabines.

Fiquei totalmente paralisada com a cena à minha frente. A calma antes reinante no tombadilho havia evaporado. Em seu lugar, surgiram mais de trinta homens vestidos com roupas esquisitas, falando uma língua estranha aos meus ouvidos. A maioria dos marinheiros do Mareville estava rendida perto da mureta do navio, em estado deplorável e visivelmente feridos. Dentre eles, o capitão Lewis Gordon. E outros tantos se encontravam estendidos no chão sem qualquer sinal de vida. Indícios de uma luta aguerrida e sangrenta. A atmosfera estava impregnada de fuligem e do acre cheiro de pólvora.

Havia duas embarcações bloqueando o navio. De lá saíam longas e grossas cordas com âncora em suas pontas, cuja função era mantê-lo parado. Logicamente, aqueles homens inescrupulosos eram piratas! O movimento dos assaltantes indicava que as valiosas mercadorias estavam sendo redirecionadas para os barcos pesqueiros. A rapidez com que o bando agia era impressionante. Formavam um exército enfileirado de homens que repassavam de mão em mão os artigos e armamentos de interesse do grupo. Em que pese a coordenação da incessante atividade, não consegui identificar seu líder. Provavelmente, deveria estar nas embarcações contando o espólio ilegalmente apreendido. Em poucos minutos, não restaria mais nada em nosso porão.

Não bastasse a pilhagem, inúmeros focos de fogo alastravam uma densa cortina de fumaça escura para todos os lados, dificultando sobremaneira a visão. Pedaços de madeira, velas, barris e cordas estavam desordenadamente jogados no convés, misturados ao odor fétido de corpos imóveis e lacerados. Se fosse possível materializar um vislumbre do caos, o que se desenrolava a minha frente seria indubitavelmente uma tradução fidedigna.

Da forma como os fatos estavam evoluindo, dificilmente haveria condições de navegabilidade do Mareville nos próximos dias... — constatei com irrealista dose de otimismo. — Os marinheiros do capitão Lewis Gordon teriam que fazer extensos reparos em sua estrutura. O pior é que diante de toda aquela confusão não conseguia ver onde estava o casal Lutyens. Aflita com o rumo dos

acontecimentos, decidi me aventurar nas sombras até a cabine deles. Antes de alcançar a maçaneta da porta, fui surpreendida às minhas costas por uma voz de sotaque carregado.

— Ora... ora... ora... vejam só o que encontrei aqui! — falou o homem desconhecido, saboreando cada palavra, com incontido deleite.

Virei vagarosamente em direção ao som, arrepiando-me da cabeça aos pés. Meus olhos se dilataram de terror ao se fixarem no desconhecido. Sua aparência malévola somente contribuiu para acentuar o medo aterrador que se apoderou de mim quando entrevi o detentor daquela voz gutural e dantesca. O sujeito que me interceptara era magro, estatura mediana e olhos esbugalhados. Os cabelos eram loiros opacos, na altura dos ombros, e pareciam não ver água fazia dias. Suas roupas rotas estavam igualmente sujas e salpicadas de diversos pontos vermelhos, os quais deduzi ser sangue... Em uma das mãos empunhava uma afiada espada sarracena e na cintura pendiam uma pistola e uma faca.

— Hoje é o nosso dia de tirar a barriga da miséria! — gargalhou com perversidade. — É uma sorte incalculável nos depararmos com uma carga como essa...

Sem se ater a formalidades ou delicadezas, fui puxada fortemente pelo braço por aquele pirata asqueroso e arrastada sem nenhuma piedade para a parte descoberta do navio. Debati-me o quanto pude na desesperada tentativa de me libertar, mas suas mãos se assemelhavam a garras de ferro fundido, e não tinham jeito de me largar.

No afã de me soltar tropecei sucessivas vezes no percurso, sendo impiedosamente levantada do chão pelos cabelos. Depois de vociferar ordens naquela língua estranha, verifiquei que estava sendo conduzida em direção à mureta externa onde havia uma escada que dava acesso a uma das embarcações pesqueiras. Apavorada com aquela situação grotesca e inesperada, tentei pegar a pistola da cintura do meu captor, entretanto fui interceptada por uma colérica bofetada que me deixou tonta e cambaleante.

Aproveitando minha momentânea falta de reação ao ataque, senti-me violentamente arremessada no ombro daquele sujeito infame que desceu as escadas de corda comigo, somente retornando a pôr os pés no solo novamente quando fui atirada, sem qualquer cerimônia, no tombadilho do barco pesqueiro. Uma vez atadas minhas mãos no mastro da embarcação, a ponto de ficarem levemente dormentes pela deficiente circulação sanguínea, constatei que aquele odioso assaltante retornou ao Mareville, para ajudar seus comparsas a finalizar o saque.

Observei horrorizada que a percepção do tempo era radicalmente alterada em momentos caóticos. As cenas sucediam-se vertiginosamente, como num pesadelo desconexo e extenuante. O instintivo ato de respirar demandava um esforço supremo. Minha mente não suportava registrar a realidade. Apenas reverberava os estridentes e metálicos sons da agressão assassina. A capacidade de memorizar aquela avalanche de informações foi seriamente comprometida.

Quando dei por mim, os piratas haviam retornado. Ao levantar os olhos para o Mareville meu coração foi esmagado dentro do peito. O navio que havia me transportado para aquelas águas tempestuosas e imprevisíveis estava ardendo em chamas! Labaredas vermelho-alaranjadas consumiam tudo ao seu redor, iluminando de forma macabra a escuridão da noite e o soturno e fatídico mar do sul da Espanha.

Lágrimas copiosas escorriam sem parar pelo meu rosto descorado. Coube ao vento se encarregar de secá-las, enquanto era dominada pelo torpor característico dos sobreviventes de catástrofes, causado por aquele assombroso e inominável ato de selvageria. Fiquei inerte ao compreender que

todos tinham morrido cruelmente. Nem ao menos teriam direito a um enterro digno. Será que Deus não tinha misericórdia?! O choque por aquela tragédia era tamanho que fui incapaz de articular de forma inteligível palavras coerentes por um período consideravelmente longo. Em pé e com as mãos amarradas, testemunhei calada o último pedaço de madeira do navio Mareville submergir nas traiçoeiras águas do oceano Atlântico.

Sentada no catre da pequena cabine em que fui aprisionada, meus pensamentos em torvelinho buscavam freneticamente uma solução para aquele insondável dilema. Fiquei sozinha praticamente o dia inteiro, exceto pelas duas vezes em que foi posto na entrada um prato com sopa de legumes de aparência repugnante. Sequer tive coragem de tocá-la. Não sentia fome nem sede. O sono desaparecera. A enfermidade permanecia na alma. Uma indisposição letárgica consumia vorazmente minhas forças. Precisava escapar urgentemente dali! Mas como conseguiria isso? Como eu me comunicaria com a minha família? Como me livraria daqueles bandidos execráveis?

Por qualquer ângulo que eu considerasse a questão, concluí que a primeira tentativa somente seria implementada quando atracássemos em algum porto. Apenas em terra firme poderia fugir daqueles criminosos. Certamente, as autoridades locais me prestariam auxílio quando tivessem ciência do ocorrido. O obstáculo atual era como eu provaria a minha identidade e condição social. Minhas roupas estavam rasgadas em várias partes e meus cabelos desalinhados e pegajosos não contribuíam em nada para confirmar minha linhagem nobre... Mais parecia uma mendiga do que uma aristocrata inglesa!

Num lampejo de luz, toquei com reverência o pendente de ouro que milagrosamente ainda permanecia preso no meu pescoço. Essa era a saída, ponderei exultante! Pelo menos, minha identidade estaria preservada. Retirei-o com agilidade e o escondi na barra do meu vestido juntamente com a pistola de madrepérola. Finalizada a tarefa, levantei-me com certa dificuldade, pois meus músculos estavam doloridos do grande esforço físico de ontem. Para acalmar o espírito, fiquei contemplando as profundezas plácidas do mar pela escotilha do cativeiro. Com um rangido áspero, ouvi a porta ser totalmente aberta, o que fez retornar de supetão a angústia vivida nas últimas horas.

— Domou sua agressividade? — questionou o homem desconhecido que me sequestrou. — Se tiver o mínimo de inteligência e de bom senso verá que de nada adiantará lutar contra o inevitável. Como pode verificar por si mesma, não há para onde ir, num raio de dezenas de milhas. Somente se avistam litros e mais litros de água salgada! — ironizou o pirata num inglês capenga e deficiente.

— Se veio até aqui só para me dizer isso, pode fazer a gentileza de sair. Quero ficar em paz! — vociferei com raiva incontida para meu algoz. — Não é necessário descrever o óbvio.

— Vejo que não tocou na sua comida — disse sem se importar com a minha descortesia. — Não adiantará nada fazer greve de fome. Deste jeito mal conseguirá andar de tão fraca. Estou logo avisando que não pretendo carregá-la para todos os cantos como se fosse um saco de ossos. Tenho mais o que fazer. Não vou ficar adulando uma inglesinha mimada!

— Então, ótimo! Não precisa se preocupar comigo. É só me largar em terra firme e tudo estará resolvido. Sei me virar bem sozinha, disso pode ter a mais absoluta certeza.

E completei com sarcasmo:

— Dessa forma, resolvemos dois problemas de uma só vez. Eu fico livre e não será necessário você carregar, das próximas vezes, este desagradável fardo que eu represento!

— Você é realmente tola ou está apenas representando? — inquiriu o sujeito com cinismo, aproximando-se perigosamente de mim. — Somente uma pessoa estúpida poderia supor que depois de todo o trabalho despendido para aprisioná-la, eu deixaria de angariar o meu lucro! Não é sempre que se esbarra num tesouro como você... — asseverou o sujeito zangado, conferindo-me de alto a baixo, com lascívia no olhar.

Ao escutar tais palavras fui atingida por um pavor irracional.

Subitamente, ouvi alguém gritando ao longe o nome Reece Black. Em seguida, o homem desconhecido falou:

— Tenho que ir embora. Não me faça perder a paciência, porque eu posso tornar a sua vida um inferno. Por isso, trate de comer! — ordenou em tom de ameaça, afastando-se da porta e fechando-a com cadeado por fora.

A lua cheia já estava alta no firmamento quando o barco parou. A precária e mortiça luminosidade noturna me impedia de discernir através da escotilha onde tínhamos atracado. Expectativa e medo mesclavam-se no meu íntimo. O que será de mim sob o jugo daqueles delinquentes abjetos? Que lugar estranho seria aquele? Será que mais alguém sobreviveu ao terrível ataque? E as autoridades britânicas foram cientificadas do naufrágio? Minha família estaria a minha procura?

Como se meus pensamentos tivessem o mágico poder de atraí-lo, o sujeito supostamente denominado Reece Black entrou na cabine e me ofereceu um pedaço de tecido preto amarfanhado e malcheiroso. Sem compreender para que servia aquilo, indaguei cautelosa:

— O que é isso?

— É um *haik* — respondeu meu sequestrador com impaciência.

— *Haik*?! — perguntei em busca de esclarecimentos adicionais.

— É para se cobrir. Aqui as mulheres usualmente andam cobertas. E com você não será diferente. Portanto, é para vesti-lo — falou com voz que não admitia discussão. — Não se esqueça de cobrir a cabeça; em especial, o rosto.

Por fim, arrematou com pressa diante da minha confusão:

— E ande rápido com isso, pois não tenho todo o tempo do mundo. Quando estiver pronta, sinalize batendo na porta — ao dizer tais palavras saiu da cabine, deixando-me com aquele traje pendurado nas mãos.

Indecisa de como deveria usar o *haik,* pendurei-o na minha frente com a ponta dos dedos para poder visualizá-lo por inteiro. O pior é que trajada daquela forma ninguém me identificaria. Presa num beco sem saída, agi como fora determinado. Se a minha única opção de fugir era abandonando o maldito barco, então não tinha jeito a dar, a não ser seguir as instruções do meu captor.

Uma vez vestida com o *haik,* dei três leves toques na porta, como fora ordenado. Ao destrancá-la, fui atentamente inspecionada por Reece Black.

— Huumm... Está adequado... Vamos que não temos a noite inteira — declarou Reece Black aparentemente satisfeito com o resultado, permitindo o meu acesso ao corredor.

Subi os dois degraus que davam ao deck do barco com redobrada atenção. O tombadilho estava quase deserto, à exceção dos dois piratas na proa que fumavam descontraidamente, soltando baforadas de fumaça no ar. Ao que tudo indicava, os demais salteadores haviam desembarcado antes.

O negrume da noite limitava sobremaneira o meu campo visual. Ainda assim, pude constatar que estávamos num porto bem movimentado, haja vista a quantidade de navios e embarcações parados. Escoltada por Reece Black, segui através de uma precária passarela de madeira até alcançar terra firme. No percurso não avistei praticamente ninguém. Tirando um grupo de bêbados que passou ao nosso largo com estardalhaço, tudo estava assombrosamente ermo e vazio. Nem mesmo um solitário policial ou autoridade se fazia presente àquela hora da madrugada. Uma charrete velha e caindo aos pedaços, puxada por um cavalo baio, aguardava-nos numa esquina, nas cercanias da entrada do porto.

Na ânsia de me localizar esquadrinhei a área em todas as direções. No alto de um morro, a uma distância relativamente curta, havia diversos focos de luz e edifícios. Deduzi constituir a parte central da cidade. Quanto mais nos aproximávamos maior ficava o emaranhado de vielas e casarios colados uns aos outros. O branco e o azul predominavam nas construções apinhadas. O silêncio a nossa volta era acachapante, reverberando a estocada seca do casco do cavalo de encontro ao chão que marcava a cadência da condução em movimento.

Finalmente, a charrete parou defronte a uma construção com um elaborado portão de madeira. Um homem de feições duras e pele preta veio nos atender com patente irritação. Naquela língua desconhecida, Reece Black falou com o estranho sem se intimidar. Depois de pousar o olhar perscrutador sobre mim, o homem escuro, afastando a hesitação inicial, prontamente nos fez entrar e desapareceu no interior da casa sem pronunciar mais nenhuma palavra.

Enquanto esperava verifiquei que em seu interior havia um amplo pátio quadrado com uma pequena fonte d’água ornamental. As paredes laterais que o rodeavam eram revestidas por delicados azulejos nos tons de verde-claro, azul-cobalto, branco, terracota e preto. Reunidos artisticamente, resultavam em composições geométricas espetaculares, as quais revestiam a metade inferior da parede. Na parte superior, a superfície era lisa e branca. Adjacente ao teto, um rendilhado em estuque dava o acabamento final. Idêntico trabalho em azulejo se reproduzia no chão, criando inusitados tapetes em pedra. As portas eram de cedro ricamente entalhado, e, igual às múltiplas colunas que decoravam o pátio na parte superior do prédio, seus arcos eram pontiagudos.

Uma senhora de meia-idade, aparentemente retirada da cama às pressas, aproximou-se de nós. Sem externar qualquer tipo de emoção, dirigiu-se a Reece Black naquele idioma incompreensível. Os dois dialogavam com ênfase. Fiquei parada analisando a cena, mas não extraí nenhum conteúdo ou indicação do que diziam um ao outro. Inesperadamente, sem olhar para trás, Reece Black partiu, largando-me no meio do pátio. Quando a porta foi fechada, a mulher de meia-idade se virou para mim e retirou meu *haik*, falando em inglês fluente:

— O que aquele marinheiro imundo fez com um diamante raro e resplandecente como você? — disse aquela senhora, vistoriando minhas roupas e cabelos com revolta. — Deve estar com fome... — sem esperar resposta, pegou-me pelos cotovelos e me fez entrar numa elegante sala onde havia várias almofadas coloridas arrumadas no chão e uma mesa baixa à frente. No ambiente interno, a decoração externa se repetia, acrescida de graciosas lamparinas penduradas por todos os lados.

Mal sentara e uma serva veio com uma bandeja transbordante de pães, queijo de cabra, geleia de tâmara, bolo de mel, suco de goiaba, leite e um fumegante chá de menta. Como fazia quatro dias que não botava nada decente no estômago, ao me deparar com aquele banquete não resisti à tentação e comi usufruindo sem moderação de cada sabor e aroma da refeição. Saciada a fome, voltei a me concentrar nos meus problemas.

Precisando desesperadamente de respostas, abordei a senhora de meia-idade:

— Onde estou?

— Em Tânger — respondeu sem meandros.

— Tânger! Isso significa dizer que estou no Marrocos?! — questionei assustada.

— Sim — respondeu de forma direta e objetiva.

Santo Deus! Isso somente pode ser um pesadelo! — pensei, sem saber se deveria confiar ou não naquela misteriosa mulher. Por prudência, mantive-me calada. Se ela tinha alguma relação com Reece Black, boa coisa não fazia!

— Preciso contactar minha família com urgência — disse, testando-lhe a reação. — Há vários dias estão sem notícias minhas...

— Está um pouco tarde para isso... — externou sem aparentemente objetar o meu pedido.

— Eu tenho ciência do adiantado da hora, contudo é uma situação emergencial. Por certo, em Tânger deve haver autoridades de plantão — insisti de propósito, ligeiramente alterada com aquela postura reticente.

— Sua ansiedade é natural... Mas amanhã veremos como poderei ajudá-la — respondeu a solícita mulher com calma, sem transparecer, mais uma vez, suas reais intenções.

E prosseguiu com olhar complacente:

— Ademais, você deve estar exausta dessa atribulada viagem. Vou lhe mostrar um quarto onde poderá descansar em paz.

Sem alternativa, subi a escada em direção aos quartos. Ao avançar pelos degraus fui dominada por uma sonolência incontrolável que me impedia de raciocinar com discernimento. Quando entrei no quarto, não via mais nada com nitidez. Aproximei-me da cama e me deitei, sem me importar com as boas maneiras. O último pensamento lógico a transpassar a minha mente nublada é que muito provavelmente toda aquela prostração era efeito de algum sonífero, propositalmente colocado na comida. Segundos depois, caí em sono profundo, enveredando no tortuoso mundo dos sonhos esquecidos.

A cabeça latejava incessantemente quando acordei. Incômodo que se agravou quando constatei estar totalmente nua sob os lençóis! Quem despiu as minhas roupas?! Onde elas estavam?! Um pânico aterrorizador se apoderou de mim ao procurá-las e não as avistar em lugar algum.

Sem minha pistola e meu medalhão, os quais estavam escondidos na barra do vestido, as chances de provar minha identidade foram seriamente comprometidas. Precisava desvendar o quanto antes que lugar era aquele. Não ficaria parada à mercê dos acontecimentos, implorando a Deus por um milagre! Tinha que encontrar um jeito de acionar as autoridades locais e regressar para a Inglaterra. E isso dependeria exclusivamente de mim, afirmei resoluta.

Sentada na cama comecei a elucubrar uma forma de sair daquela casa. Não seria fácil, mas teria que tentar. Quanto mais eu rememorava os fatos da noite anterior, mais convicta estava de que havia algo de atípico na maneira como fui recebida por aquela nebulosa mulher. Definitivamente, nada era o que parecia ser... O sono irrefreável e a dor de cabeça ratificavam minhas suspeitas de ter sido drogada, potencializando ainda mais meu desespero. Seja como for, precisava agir com inteligência. Fazer um escândalo não resolveria o problema. Só os deixaria mais vigilantes.

A entrada da serva com uma bandeja cheia de quitutes me trouxe à realidade. Desta vez, comi com parcimônia, temerosa de ter algum narcótico capaz de alterar minha capacidade de discernir. Dadas as circunstâncias, todo o cuidado era pouco!

Esperançosa, tentei me comunicar com a jovem serva. Quem sabe ela não poderia me ajudar com alguma informação ou até mesmo encobrir uma fuga. Mas meus esforços foram estéreis. Nenhuma palavra que eu articulava era compreendida, e o pior é que a recíproca era inteiramente verdadeira.

Inesperadamente, duas outras moças adentraram no quarto. Eram jovens e bonitas. Uma era morena, com longos cabelos pretos, enquanto a outra possuía a pele moreno-acobreada, com olhos e cabelos castanhos. Com trejeitos apressados e conversando sem parar naquele idioma ininteligível, fizeram sinal para eu me erguer da cama e me entregaram um penhoar de seda branco-neve. Uma vez vestida, saímos do quarto e atravessamos um longo corredor. A minha mente registrava o percurso com atenção, com a intenção de identificar alguma saída ou fragilidade na estrutura de segurança da casa.

Após descermos a escada, entramos numa sala diferente de tudo o que presenciara antes. Um vapor quente e perfumado preenchia o ambiente. No centro, havia uma prazerosa piscina octogonal rodeada nas laterais por colunas, interligadas pela extremidade superior, formando arcos simétricos. A sua volta, três patamares de degraus serviam de assento. Tudo era revestido de mármore bege-claro e no fundo da piscina havia uma linda flor estilizada de mosaicos em dégradés de azul, realçada pela luminosidade natural da cúpula envidraçada.

Quando dei por mim, as duas mulheres se despiram e retiraram a peça de roupa que eu vestia. Surpreendida por aquele inusitado banho coletivo, fiquei genuinamente acanhada com a minha nudez na frente de estranhos. Se aquelas mulheres pressentiram o meu embaraço, dissimularam muito bem, não externando nada que pudesse ser interpretado nesse sentido. Rapidamente meu corpo ficou ensopado d'água. Em seguida, entregaram-me um pedaço de sabão negro e cada qual pegou um para si. Mirando-me em seus gestos, comecei a me ensaboar sentada nos patamares de mármore. Afinal, depois de tantos dias sem ver água, aquele banho veio em boa hora! Até porque jamais poderia abordar as autoridades marroquinas suja e malcheirosa como estava. Quem daria crédito a minha narrativa?!

Em sequência, entregaram-me uma luva. Pelos movimentos que vi uma fazer na outra, funcionava para espalhar a espuma e massagear a pele. Um tipo de argila foi friccionada nos meus cabelos e deixada no couro cabeludo para agir por algum tempo. A mulher de cabelos pretos indicou uma abundante fonte de água corrente, onde nos enxaguamos. Por fim, mergulhamos na piscina e foi servido chá de menta. Para completar, a mulher de olhos castanhos pegou um alaúde e passou a dedilhar melancólicas canções. Realmente, aquela espécie de banho era revigorante!

Concluída as demoradas abluções, fui maravilhosamente enrolada numa felpuda toalha de algodão egípcio. Uma de menor tamanho foi presa nos meus cabelos. Percorrendo uma sala lateral, paramos defronte a um salão com vista para o jardim, onde fui estirada numa espreguiçadeira. Uma

mulher negra com turbante e vestes brancas me cumprimentou com um sorriso e começou a passar na minha perna uma esquisita pasta pegajosa de mel e limão. Num gesto certeiro puxou a massa que veio acompanhada de uma infinidade de pelos. Um grito saiu involuntariamente da minha garganta.

— Aaii...Você é maluca?! Sabia que isso dói?! — exclamei indignada, mesmo sabendo que não seria entendida.

Querendo me acalmar, a mulher me tocou de leve e me acariciou como se eu fosse um bicho assustado precisando de conforto. Ainda assim, deu continuidade ao trabalho que iniciara. Prevenida do que viria a seguir, mantive-me desta vez mais preparada para os sucessivos repuxos. Terminado o trabalho numa perna, a mulher negra repetiu o mesmo procedimento na outra. Depois subiu para as axilas, finalizando a tarefa na sensível região pubiana. Por pouco, não lhe dei uma mordida quando ousou repassar aquele produto pegajoso nas minhas virilhas, reduzindo drasticamente os pelos então existentes a uma mera penugem. Uma toalha morna e limpa foi passada para tirar os resíduos da pasta de mel e limão que remanescia grudada.

Quando toquei nas partes depiladas, mal acreditei na maciez da pele livre dos pelos. A sensibilidade ficou literalmente à flor da pele. O simples movimento de pernas ao andar proporcionava um singular frescor. Reconheci a contragosto que aquele tratamento estético tinha seus méritos...

Terminada a parte dolorosa, a mulher espalhou no meu corpo um aromático creme de rosas em relaxantes massagens. As unhas foram cortadas e tratadas e meus cabelos penteados numa longa trança. Uma substância pastosa de tonalidade preta foi aplicada com um bastão fino em torno das sobrancelhas e dos olhos, delineando-os. Os dentes foram clareados com uma casca de árvore de um nome desconhecido, mas que surtia um incrível efeito adstringente. Nos lábios, passaram um pigmento de nuance avermelhada e, por trás das orelhas, gotas de um estonteante perfume floral.

Vesti uma saia longa vermelha com um elaborado corpete de alças da mesma cor, onde havia um provocante decote na altura do busto. Nos pés, coloquei delicadas sapatilhas. O rico bordado dourado da roupa faria inveja até mesmo às mais exigentes costureiras de madame Windale, ante o seu primor. Adereços como brincos, pulseiras, anéis e colares foram estrategicamente postos em seus devidos lugares.

Quando finalmente visualizei meu reflexo no espelho, o resultado deixou-me chocada.

— Eu juraria ser outra pessoa... — murmurei estarrecida, piscando repetidas vezes, para me certificar de que aquela mulher sensual à minha frente era eu mesma! Tudo aquilo era muito mais ameaçador e temível do que julguei a princípio. Por que esse esmero com a minha aparência? Por que realçar meus dotes físicos? A transformação era gritante. Custou-me registrar a informação e compreender suas implicações.

Abstraindo o susto, instantaneamente captei o orgulho estampado no rosto da mulher negra. Sua alva dentadura destacava-se nas feições pretas e lisas, dando a exata dimensão de seu contentamento com o trabalho realizado.

Visões apavorantes insistiam em me assombrar durante as noites. Nelas surgiam reiteradamente a figura de piratas mal-encarados e os vultos de Alicia e Benjamim Lutyens mortalmente feridos por

seus agressores, estirados sem vida na cama de sua cabine. A risada lúgubre de Reece Black ecoava pelo ar. Por mais que eu quisesse alcançá-los para socorrê-los, o chão de madeira do navio se partia sob meus pés, arremessando-me para as águas escuras e geladas que me tragavam impiedosamente para o fundo do oceano.

Aterrorizada, sentei-me com ímpeto, passando as mãos nas faces. Gotas de suor brotavam em minha testa. Ao abrir os olhos, pude constatar, para meu alívio, ser mais um pesadelo... Fruto da tragédia vivenciada dias atrás.

Mesmo desejando alimentar esperança de sobreviventes, sabia ser remota essa possibilidade. Fui testemunha das atrocidades cometidas no convés da embarcação e da atitude sanguinária de meus captores. A probabilidade de o casal Lutyens ter escapado com vida era praticamente nula, como de qualquer outro membro da tripulação.

Pelas minhas contas, fazia uma semana que chegara a Tânger e até agora não tinha divisado uma forma de fugir ou de mandar uma mensagem aos meus familiares. Descobri que a mulher de meia-idade atendia pelo nome de Laila. Embora sempre se mostrasse compreensiva com as minhas apreensões e necessidade de avisar às autoridades locais e britânicas do meu paradeiro, nada de concreto tinha ocorrido nesse sentido.

Quanto mais eu observava a dinâmica a minha volta, mais o medo se esgueirava sorrateiro em meus pensamentos. Era patente que todos deviam estrita obediência a Laila. Nada sucedia dentro dos muros daquela casa sem seu prévio conhecimento. Ela exercia absoluto e irrestrito controle sobre a vida de seus subalternos, sendo ilusório e ingênuo deduzir que alguém me ajudaria em meus propósitos de fuga.

Outro ponto que despertava a atenção era a grande quantidade de mulheres sob aquele teto. Os tipos étnicos eram variados. Havia muitas negras, mulatas e morenas provenientes das mais diversas regiões da África e da Ásia. Entretanto, eu era a única de pele branca. Talvez isso me garantisse privilégios, como quarto exclusivo, procedimentos de beleza requintados e roupas caras.

A vigilância da residência também era ostensiva. Homens altos e fortes controlavam tudo o que entrava ou saía. Suas túnicas e turbantes pretos, com facões e espadas presas na altura da cintura, cuidavam de intimidar quem inadvertidamente pousasse o olhar sobre eles. Chamava a atenção o fato de se mostrarem indiferentes aos encantos femininos. Há anos lera sobre os eunucos, no entanto, nunca imaginara me deparar com um deles, nem muito menos com um bando deles! Portanto, do sexo masculino eram os únicos que tinham acesso às dependências internas da casa, por onde transitávamos com roupas diáfanas e provocantes.

Por isso, há dois dias tentara escalar os altos muros da residência, porém sua elevada altitude mostrou ser impossível tal intento. Por muito pouco não despencara perigosamente no chão... Como resultado, passara a conviver com diversas escoriações nas mãos e joelhos!

A pretexto de uma luxuosa festa naquela noite, a minha toalete foi preparada com perfeição. O vestido turquesa de seda esvoaçante, com apliques de prata e cetim, era soberbo! Diferente de tudo o que se vestia na Europa, sua transparência deixava entrever as curvas do corpo, sugerindo com sensualidade o que existia por detrás do tecido. Meus cabelos foram presos na frente com um diadema prateado decorado com pérolas e pedras azuladas iguais à tonalidade da roupa. Os brincos, anéis e pulseiras seguiam o mesmo padrão. A maquiagem fez milagres, porque meus olhos ficaram duas pedras reluzentes similares aos adornos.

Como eu fui a primeira a ficar pronta, fiquei esperando as outras no jardim. Andei devagar entre

as plantas, sentindo-lhes as diferentes texturas e fragrâncias e me sentei, depois de um tempo, apreciando hipnoticamente a bela fonte de onde jorravam suaves águas. A súbita aparição de Laila me arrancou do devaneio. Suas faces estavam afogueadas e sua voz estridente pela excitação. Sem comentários, conduziu-me pelos braços e me levou até a sala de estar.

— Encontrei a solução perfeita para você! — comunicou Laila com alegria indisfarçável.

— Sinto que isso está lhe deixando muito animada... — respondi com perplexidade. — Para ser sincera, tinha dúvidas quanto a sua disposição em me ajudar — verbalizei sem disfarçar minhas suspeitas.

— Ora... Deixe isso para lá... Agora está tudo arranjado! — disse sem se alterar, fazendo pouco caso da situação.

— Vista depressa o *haik*, porque a levarei pessoalmente à pessoa que poderá lhe orientar adequadamente — ordenou Laila.

— E a festividade de hoje? — indaguei apreensiva.

— Tudo está organizado nos mínimos detalhes. Sua presença não influenciará nos preparativos... — garantiu Laila solícita, vestindo o seu próprio *haik*.

Escoltada por seis seguranças saímos pelas vielas e pitorescas ruas de Tânger. Inúmeros tablados com mercadorias enfileiravam-se pelo trajeto. A variedade de produtos compreendia de frutas e legumes a artigos de decoração e peças de vestuário. Vozes humanas e ruídos de animais, como burros, cabras e galinhas, mesclavam-se numa cacofonia de sons, impregnando a paisagem.

Percebi que os homens se vestiam predominantemente de branco, inobstante tons como vermelho, azul, amarelo, marrom, cinza e preto também fizessem parte da indumentária local; destacadamente em capas, cintos, calções folgados nas pernas, túnicas, coletes e blusões. Contudo, o turbante sobressaía como peça obrigatória em todos eles. Em contrapartida, as mulheres andavam cobertas por *haik*, predominantemente negros, ou então usavam coloridas vestes tribais.

Andamos aproximadamente meia hora, afastando-nos cada vez mais da medina. Avistei alguns passos adiante um acampamento estruturado e ostensivamente protegido por vigilantes fortemente armados e padronizados em uniformes cinza-grafite, instalado no cume de um elevado morro, com vista espetacular para o mar.

— É ali! — apontou Laila.

— Bem... Se a solução dos meus problemas está onde você aponta, então vamos até lá! — assenti em concordância.

Adiantando-se à frente do grupo, Laila se identificou à sentinela que a abordou no início do acampamento. Aparentemente, ele estava ciente da nossa visita, porque nos deixou entrar sem intercorrências. Passamos por várias tendas e entramos numa que julguei ser a maior de todas. Fiquei encantada com o requinte do lugar. Jamais poderia supor haver tanto luxo por baixo daqueles toldos. Almofadas adamascadas de múltiplos tons e variados tamanhos serviam de assento. Tapetes orientais enormes cobriam toda a extensão do chão. Mesas de madeira posicionadas em cantos cuidadosamente escolhidos e lamparinas de cobre trabalhado filtravam a luz, criando um aconchegante clima de bem-estar. E não era só. Pelo que eu pude entrever, atrás da vaporosa cortina havia outros espaços, com o mesmo padrão de decoração.

O homem que detinha tudo aquilo induvidosamente seria muito rico e influente, devendo ter importantes contatos na região. Um acampamento daquele porte exigia um grande número de servos para ser transportado de um canto para outro, e incontáveis seguranças. Aquele pensamento teve o

poder de amenizar meus temores, mormente quando fui cordialmente recebida por uma mulher de pele branca, cabelos e olhos negros que me cumprimentou em inglês fluente:

— Sejam bem-vindas! — saudou a simpática mulher. — Meu nome é Cecilla. E o seu qual é? — indagou, mirando-me nos olhos.

— O meu nome é Katherine Alexandra Mayfield Hartington. Nasci na Inglaterra, no condado de Derbyshire — respondi, retribuindo o largo sorriso e afastando o *haik* da cabeça.

— Sempre acalentei o desejo de um dia conhecer seu país... — disse Cecilla sonhadora. — Teremos bastante assunto para conversar... Enquanto isso, fiquem à vontade. Vou pedir para servirem um tradicional chá de menta — falou se afastando do meu campo de visão.

Laila, que não proferira nenhuma palavra, em vez de se sentar, passou a vistoriar cada detalhe do lugar. Erguia a ponta do tapete para aferir o acabamento, conferia o tecido das almofadas, alisava a superfície dos objetos de cobre e prata, numa deseducada e interesseira análise da decoração.

Em seguida, afirmou Laila de supetão:

— Você só pode ter sido abençoada pelos deuses quando nasceu! Nunca vi mulher mais sortuda... — denotando na voz uma pontada de inveja.

— Não estou compreendendo por que diz isso... — externei confusa.

— Deixa para lá! — impacientou-se Laila, com indisfarçável desdém. — Duvido que você seja capaz de reconhecer um tesouro, mesmo quando posto aos seus pés — resmungou para si mesma. — Vou aqui fora tomar um pouco de ar fresco, enquanto aguardo o chá — declarou sem me dar chance de retrucar.

Instantes depois, Cecilla voltou com uma serva que despejou um saboroso chá em copinhos translúcidos. Sentamos defronte uma da outra e o assunto fluiu naturalmente, abrangendo as idiossincrasias da vida social inglesa até as maravilhosas máquinas da modernidade. Entretida na conversa, demorei a me aperceber da ausência de Laila. Um incômodo aperto na boca do estômago se seguiu a esta constatação. Aperreada me levantei abruptamente.

— Santo Deus! Como sou distraída... Onde será que anda Laila? — questionei aflita para Cecilla.

— Não se desespere — sugeriu Cecilla com tranquilidade. — Antes de entrar com o chá, ela estava tratando de negócios com meu senhor.

— Desculpe a minha indiscrição... Como se chama o seu senhor? — indaguei envergonhada. — Esqueci-me de perguntar esta informação para Laila. Preciso localizá-la o quanto antes e voltar para a cidade.

Nem bem completei a frase, Cecilla se ergueu da almofada em que se instalara sem uma única explicação e sumiu entre as cortinas. Espantada com aquela atitude desarrazoada, olhei para trás em busca de respostas. E lá estava a explicação para o súbito desaparecimento de Cecilla!

Parado na entrada da tenda estava um homem consideravelmente alto e imponente, com feições aristocráticas, enrolado num tecido que formava uma espécie de calça folgada até a altura dos joelhos e amarrada com uma faixa na cintura. Também vestia uma blusa de mangas compridas, presas nos cotovelos, com diminutos botões enfileirados no peito. Um longo manto recaia sobre seus ombros, evidenciando o tórax atlético. A roupa era quase toda branca, exceto a faixa marrom na cintura; um torçal de couro que transpassava um dos ombros, de onde pendia uma esplendorosa espada de metal prateado, e as babouches de tom castanho. Um anel de diamante com platina era ostentado com fidalguia no dedo anular da mão direita. Sua indumentária exprimia sóbria sofisticação.

Por mais provações que eu estivesse passando naqueles tresloucados dias, nada se comparou à expressão enigmática com a qual me encarou... Senti descortinar impetuosa e ferozmente a minha alma, devassando sem inibição meus silêncios e recônditos segredos... Minhas pernas grudaram paralisadas no chão. Nunca, em toda a minha vida, fui surpreendida por uma visão inesperada, a ponto de fazer meu coração parar de bater por alguns segundos.

SEGUNDA PARTE

NOVOS HORIZONTES

CAPÍTULO 8

Um grupo de proeminentes homens de negócios de diferentes nacionalidades estava reunido há horas no tradicional Café Spartel em Tânger. Sentados em confortáveis bancos acolchoados de tecido marrom e saboreando o renomado café espumante local, numa mesa localizada num canto reservado do salão, debatiam incansável e amistosamente os termos e as cláusulas do acordo que os vincularia em suas relações comerciais vindouras.

O intenso comércio dos países europeus com os países africanos, incluindo-se o Marrocos, exigia medidas que o adaptassem ao seu vertiginoso crescimento. Visivelmente apreensivo com a segurança do transporte marítimo nas imediações de Gibraltar, rota quase obrigatória do comércio internacional, o destacado representante dos interesses comerciais do governo britânico, Jordan Gainsborough, duque de Wessex, indagou soturno:

— Vocês souberam do terrível ataque pirata que afundou há quatro dias uma embarcação do governo britânico repleta de mercadorias caríssimas? Segundo me informaram, seu destino era a Grécia.

— Não... — respondeu horrorizado monsieur François Rivière, dono da principal vinícola da região de Bordeaux. — Tenho calafrios só de pensar que poderiam ser meus preciosos vinhos!

— Soube por fonte confiável que não houve sobreviventes. A jovem filha de um importante integrante da nobreza inglesa tristemente também veio a falecer no trágico acidente — detalhou o duque de Wessex.

Tomado pela curiosidade, o arquimilionário banqueiro germânico Karl Friesenberg questionou:

— Desculpe... Mas soa estranho uma moça de linhagem nobre estar por estas águas, num navio do governo britânico.

— Concordo com o Sr. Friesenberg. Não é usual jovens damas da aristocracia inglesa viajarem em barcos oficiais — reiterou o magnata dos tecidos da Inglaterra, Alfred Thornbury, surpreso com tamanha fatalidade.

— Pelo que me disseram estava como acompanhante da esposa do diplomata Lutyens; casal amigo da família. Se os senhores a tivessem conhecido certamente ficariam encantados... Era de uma beleza arrebatadora. Infelizmente, teve uma morte prematura — concluiu pesaroso lorde Wessex.

— Seja como for, é impossível prever o que o destino nos reserva — interveio o armador Fahid Ahmed el-Mansour Saadi, desejando pôr um ponto final naquela conversa inoportuna, para trazer a atenção dos presentes de volta às tratativas. A concretização do sonhado contrato significava uma nova etapa da expansão de sua empresa em importantes mercados europeus, e nada neste mundo desviá-lo-ia do foco. Nem mesmo um fato lamentável como aquele.

Volvendo ao ponto, perguntou:

— Então, ficamos acertados que os vinhos e os tecidos deverão ser transportados com exclusividade nos navios administrados pela Mediterranée, os quais devem estar previamente

segurados pelo banco do Sr. Friesenberg.

— Exatamente isso — confirmaram os presentes em uníssono.

— Quanto às datas de embarque, é preciso o agendamento com, no mínimo, vinte dias de antecedência junto aos nossos correspondentes. Graças a esse procedimento não enfrentamos atrasos e cumprimos com pontualidade os prazos de entrega das mercadorias acordados com nossos clientes — disse Fahid sem esconder o orgulho pela eficiência da sua empresa.

— Se isso é necessário para evitar os atrasos, não tenho nada a opor — falou monsieur Rivière.

— Igualmente estou de acordo — reiterou o Sr. Thornbury.

— Assim, acredito que contornaremos o problema dos ataques das embarcações britânicas na região — apoiou o duque de Wessex. — Isso ajudará a despistar os piratas, por serem embarcações com bandeira marroquina.

Em seguida, Fahid concluiu:

— Amanhã todos os papéis estarão prontos para serem assinados. Os documentos para a abertura da conta corrente da Mediterranée no banco do Sr. Friesenberg também estarão organizados até lá e serão entregues pelo meu gerente na mesma oportunidade. Os senhores têm a minha palavra de que não se arrependerão de ter confiado na agilidade e segurança dos nossos serviços de afretamento.

— A sua fama de armador responsável e diligente já singrou os sete mares! — verbalizou o Sr. Thornbury com simpatia. — Sei perfeitamente bem que sob os seus cuidados minhas mercadorias chegarão ao destino pactuado sãs e salvas.

Uma vez formalizadas as despedidas e disperso o grupo, o duque de Wessex indagou a Fahid, em particular:

— E o seu pai, como vem passando? Há anos que não encontro com o príncipe Taufik!

— Posso lhe dizer que anda com o mesmo temperamento irascível de sempre... — externou Fahid diplomaticamente, com um sorriso enviesado.

— Por favor, quando reencontrá-lo, transmita-lhe que na próxima viagem ao Marrocos irei impreterivelmente a Marrakech visitá-lo. Avise-o para treinar bastante, pois quero uma revanche. Da última vez, aquele velho sagaz quase arrancou as minhas calças no jogo de pôquer! — segredou sorridente lorde Wessex, acenando descontraidamente junto à porta.

Reclinado detrás do birô de seu extravagante escritório situado no porto de Tânger, Nabih Manshad Al-Johar lia e relia a intimação que acabara de receber, sem crer na desgraça que assolara seus negócios. Todo o carregamento de tapetes vindo dos oásis fora apreendido pelo governo. Para piorar a situação, aquelas mercadorias não estavam registradas nos livros da sua empresa, sendo impossível provar a regularidade fiscal delas.

Angustiado com o expressivo abalo financeiro que adviria se não revertesse imediatamente aquele infortúnio, começou a raciocinar uma série de saídas. De todas as hipóteses idealizadas, a mais promissora seria a intervenção de seu primo pelo lado materno, Fahid Ahmed el-Mansour Saadi, perante o vizir.

Pelo que se recordava, Fahid estudara com o vizir Hassan Khalife na universidade Djemaa El Kairaouine, em Fez. Os dois nutriam imensa estima e respeito mútuos, sendo desde então grandes

amigos. Sem dúvida, um pedido feito por Fahid poderia equacionar esse imbróglio. O difícil seria convencê-lo a interceder a seu favor.

Conhecendo os rígidos padrões morais do primo e sua resistência em utilizar suas amizades e conhecimentos em proveito próprio, Nabih sabia o quanto seria complicado conseguir aquela proeza. Precisava pensar uma forma de angariar a simpatia de Fahid.

Primeiro, avaliou comprar-lhe um cavalo puro sangue árabe; mas rechaçou esse pensamento, pois o plantel de Fahid era notoriamente conhecido por sua excelência... Também lhe ocorreu à mente presenteá-lo com as valiosas garrafas de uísque adquiridas de um contrabandista grego; reavaliando a ideia, viu não ser uma alternativa inteligente, porque daria ensejo a questionamentos indesejáveis... A espada, com punho de ouro e cravejada de brilhantes, feita por um renomado ourives libanês, não agradaria ao sóbrio gosto de Fahid...

Uma batida vigorosa na porta fez Nabih interromper a sucessão de conjecturas que freneticamente tecia e descartava, uma após outra. Segundos depois, Abdul entrava pela sala com seu jeito aparvalhado, quase derrubando as pilhas de papéis que jaziam displicentemente sobre a exagerada mesa de cedro.

Irritado com aquela indesejável interrupção, Nabih falou com voz agressiva:

— Espero que você tenha uma desculpa realmente boa para ter me atrapalhado sem permissão. Parece que é impossível tentar se concentrar neste maldito escritório!

— Perdão por aborrecê-lo. Entretanto, está circulando no porto um burburinho que talvez possa ser do seu interesse... — começou a revelar Abdul com cautela para não lhe atiçar a ira.

— Desembucha logo, homem! Não tenho o dia inteiro para ouvi-lo — disparou Nabih com impaciência.

— Estão comentando que a casa de Laila recebeu há três dias uma mulher branca de origem europeia. Se os falatórios forem verdadeiros, é uma beldade digna de harém de sultões. Dizem até que teria olhos claros...

— Huumm... — disse Nabih com um sorriso se insinuando em seus lábios, ao pressentir que a solução dos seus problemas surgira milagrosamente a sua frente.

Pelo menos o idiota do Abdul servia para alguma coisa! — refletiu mais aliviado ante a expectativa de vislumbrar uma luz no final do túnel.

Sem hesitar, pegou um pedaço de papel e rabiscou uma missiva. Finalizada a mensagem, entregou-a para Abdul dizendo com o dedo em riste:

— Vá correndo e entregue este bilhete nas mãos de Laila. Não saia de lá sem uma resposta por escrito. Ficarei aguardando seu retorno.

— Sim, meu senhor! — anuiu o submisso Abdul, dirigindo-se para a porta, praticamente aos tropeços.

— E não invente ficar perambulando pela medina, senão lhe corto a garganta! — ameaçou Nabih gesticulando para ilustrar suas palavras.

— Antes que eu me esqueça... — falou Abdul, já tocando a maçaneta — Quem apareceu no porto esta manhã foi Youseef. Pelo que averiguei, será feita uma ampla vistoria nos navios...

— *Allahu Akbar*! — exclamou Nabih enaltecendo a grandiosidade de *Alá*.

Em seguida, dirigiu-se a Abdul com grosseria:

— O que você está fazendo aí parado?! Por acaso, eu lhe pago para ficar me olhando?! Eu não mandei ir correndo? Vá imediatamente antes que eu arrebente essa sua cara imbecil!

Assustado, Abdul desapareceu do escritório. Recostado na cadeira com expressão maquiavélica, Nabih nem acreditava na sorte de Fahid estar em Tânger! Se Youseef, o homem de confiança de Fahid, apareceu no porto naquela manhã, é porque Fahid se encontrava em Tânger. Demover a intransigência do seu primo não seria fácil. No entanto, este caminho merecia ser tentado.

Nabih localizou o acampamento de Fahid com extrema facilidade. Uma pergunta aqui... Outra pergunta acolá... E lá estava ele defronte das tendas armadas nos arredores da muralha de Tânger. Cecilla recebeu-o com cortesia e, após as formalidades necessárias, afastou-se discretamente deixando-o sozinho. Enquanto aguardava seu primo, Nabih inspecionou atentamente o lugar. Tinha que reconhecer ser a estrutura montada muito eficiente. Daria para viajar todo o Marrocos daquela forma. Talvez fosse por isso que Fahid uma hora estava num local, ora em outro completamente diferente.

Intrigado com a repentina e desavisada visita, Fahid achou melhor escutar atentamente Nabih. Sabia de longas datas que precisava ser precavido para não se comprometer em algum projeto mirabolante. Conhecendo o primo, coisa boa não era para ter tanta pressa em encontrá-lo.

Desde criança Nabih tinha uma tendência incomum para se meter em encrencas. Sempre era dele a iniciativa de enterrar os brinquedos das irmãs, transferir a culpa de algum objeto quebrado para terceiros, colocar pimenta na comida das visitas ou faltar irresponsavelmente às aulas...

Mais tarde essa característica apenas transmudou o foco. Em vez de transgressões de nível infantil, agora vivia envolvido em negócios nebulosos, jogatinas e mulheres em excesso. Não satisfeito com os quatro casamentos que a religião mulçumana permite aos homens, Nabih ainda tinha várias concubinas. Enfim, tudo o que fazia ou dizia sempre tinha algo oculto por trás. Era essencial saber decifrar as entrelinhas!

Ciente dessa realidade, Fahid entrou na tenda e se deparou com Nabih em pé, próximo à mesa onde deixara alguns documentos sem relevância. No mínimo, Nabih estava conferindo se poderia tirar alguma vantagem de tal descoberta — constatou Fahid com realismo. Ocultando suas secretas suspeitas, Fahid saudou-o, beijando-lhe as faces e abraçou Nabih efusivamente:

— A que devo a honra da sua inesperada visita? Não nos vemos há tanto tempo... Fiquei surpreso ao saber do seu interesse em falar comigo.

— Justamente por isso estou aqui! — explicitou Nabih com astúcia. — Soube casualmente por um de meus servos da sua presença em Tânger. Como tem mais de dois anos do nosso último encontro, vim remediar esta situação.

Sempre o mesmo Nabih... — concluiu Fahid para si mesmo.

— Ótima iniciativa ter vindo me procurar. Sente-se um pouco para colocarmos os assuntos em dia — apontou Fahid para as confortáveis almofadas. — E como vão os negócios?

— Tudo igual... Continuo centrado no comércio de tapetes, ouro e marfim. Numa avaliação apressada, posso dizer que as coisas estão dentro dos conformes, exceto por um pequeno contratempo ocorrido há poucos dias...

— Espero não ter sido nada significativo — verbalizou Fahid com cautela.

— Não posso dizer que seja um fato simples, mas certamente uma conversa com o vizir Hassan

Khalife poderá resolver tudo facilmente...

— Se você pudesse ser mais explícito, contribuiria bastante para minha compreensão — pediu Fahid, na tentativa de entender o que tinha trazido Nabih até o seu acampamento. Era notória a sua ligação com o vizir e a menção ao seu nome obviamente não fora casual. Disso tinha convicção.

— Na verdade, um carregamento vindo do oásis foi erroneamente apreendido pelo governo. O meu contador, por estar doente há mais de um mês, por negligência, acabou não prestando a atenção devida às respectivas notas e deixou de registrá-las em nossa contabilidade.

— Sei... — murmurou Fahid desconfiado.

— Assim, as mercadorias foram enquadradas como contrabando e confiscadas aos cofres imperiais. Ou seja, o equívoco do contador causou toda essa confusão. Se ele tivesse apropriado as notas da maneira correta, nada disso estaria ocorrendo... Os tributos teriam sido pagos e tudo estaria regular — expôs Nabih com patente inconformismo.

— Então, você está me dizendo que a apreensão feita pelo governo marroquino foi fruto de um descuido do seu contador! — resumiu Fahid sem dar crédito àquele relato visivelmente infundado.

— O meu tormento é que coloquei quase todo o meu dinheiro na compra desses produtos e perdê-los dessa forma será a minha ruína financeira — explicou Nabih consternado.

— O problema será provar essa sua versão dos fatos — afirmou Fahid com objetividade. — Como você pretende reverter essa situação?

— Pensei que você poderia interceder junto ao vizir — disse Nabih sem subterfúgios. — Afinal, vocês são amigos e dificilmente ele lhe negaria um favor.

— Eu até poderia conversar com Hassan se entendesse plausível a sua narrativa. Contudo, querer transferir a culpa de toda essa trapalhada para o seu contador desafia a inteligência de qualquer pessoa! — irritou-se Fahid com a desfaçatez do primo.

— *Alá* está de prova que é a mais pura verdade! — exclamou Nabih com cinismo, pouco se importando em estar dizendo uma deslavada mentira. — O que você pedir, eu farei.

E reiterou Nabih, nessa parte, com sinceridade:

— Se você me defender perante o vizir, não medirei esforços em lhe atender todas as vontades!

Em seguida repetiu Nabih com ar de desespero, diante da mudez de Fahid, que analisava detidamente suas palavras e reações:

— Dar-lhe-ei qualquer coisa que sonhar em retribuição a esse favor. Para você ter ideia da seriedade e nobreza de minhas intenções, marquei de ir à casa de Laila daqui a dois dias para, se for do seu agrado, presenteá-lo com uma mulher branca. Pelos relatos, acabou de chegar uma de beleza inigualável!

— Você perdeu totalmente a noção do certo e do errado — declarou Fahid com raiva incontida na voz, meneando a cabeça de um lado para o outro. — Sinto-me insultado por você supor que eu aceitaria uma escrava branca como moeda de troca para defendê-lo diante de Hassan. Por quem me toma ao fazer semelhante proposta?! Não sou mercenário ou negociante inescrupuloso para lucrar com o infortúnio alheio. Nem muito menos um aproveitador para ganhar dinheiro com amizades importantes!

— Perdoe-me a inabilidade das minhas colocações... — apressou-se Nabih em remediar a situação. — Eu jamais o qualificaria assim, principalmente conhecendo-o há mais de trinta anos. Desde a infância, você sempre prezou por seus princípios éticos e morais. Minha intenção é apenas externar gratidão pelo seu gesto. Como você não tem esposa, deduzi ser um bom presente...

— De toda sorte, não poderei ajudá-lo — falou Fahid sem titubear. — Salta aos olhos que sua versão dos fatos carece de verossimilhança. O pior é que eu não teria provas para demonstrar para Hassan a robustez e a legitimidade de sua linha de argumentação.

— Posso trazer meu contador aqui — insistiu com veemência Nabih, sem se dar por vencido. — Ele ratificará tudo o que digo. Certamente, seria uma testemunha preciosa para convencê-lo de minhas palavras...

— Não desperdice seus esforços. Descubra outra forma de resolver suas pendências. Minha decisão já está tomada — sentenciou Fahid levantando-se com calma das almofadas.

Sem esperar por resposta ou despedidas fraternais, Fahid saiu da tenda deixando o primo sozinho, mergulhado em tenebrosos pensamentos.

O sol do início da tarde reluzia sobre o mar conferindo um brilho prateado a sua superfície azulada. Os gritos dos marinheiros vinham de todas as direções, formando uma curiosa babel de sons e sotaques dos mais variados cantos do globo terrestre. O ritmo frenético dos passantes pelo porto de Tânger despontava como uma de suas características mais marcantes. Por estar situado num ponto estratégico do continente africano, na convergência entre o oceano Atlântico e o Mediterrâneo, circulava por suas docas uma infindável variedade de mercadorias.

Examinar os navios era um dos passatempos prediletos de Fahid, que aproveitava para desfrutar daquela singular diversidade cultural. Ali todos se sentiam iguais, independente da condição social, nacionalidade, religião ou língua. O elo agregador dos navegantes era o mar, com sua infinita majestade. Por isso, trabalhar junto àquela gente tinha um significado especial para Fahid.

A pele morena de Fahid estava dourada pelo trabalho ao ar livre. Nesses momentos, Fahid unia-se a sua tripulação, deixando seu corpo atlético e vigoroso à mostra, limitando seus trajes a uma confortável calça de algodão cru, ligeiramente solta nas pernas musculosas. Seus lisos cabelos cor de ébano, nas imediações dos ombros, estavam atados para trás por uma rústica fita de couro, acentuando a perfeição de seus traços cinzelados, sobretudo seus expressivos e fulgurantes olhos de tonalidade âmbar, emoldurados por longos cílios negros.

A imponência da silhueta de Fahid sobressaía a distância, mesmo quando vestido com simplicidade e envolvido em atividades que não cabiam às abastadas famílias marroquinas, ainda mais por ser um proeminente integrante da família real. Postura que, associada ao seu incontestável carisma, despertava grande admiração de seus subordinados.

O suor escorria pela face de Fahid e seu corpo já indicava sinais de fadiga, quando foi inesperadamente abordado por Youseef.

— Alteza, seu primo Nabih se encontra no porto e deseja lhe falar com urgência. Pediu para encontrá-lo no cais. Pela forma como falou, parece ter alguma coisa muito séria para lhe dizer.

— O que Nabih quer desta vez comigo?! — indagou Fahid com um profundo suspiro de impaciência. — Nem mesmo trabalhar em paz deixa mais! — externou, contrariado com a indesejada interrupção naquela gloriosa tarde de verão.

E prosseguiu:

— Quer saber... talvez seja prudente verificar do que se trata. Adiar essa conversa não será a

solução apropriada... — meditou em voz alta, largando as cordas no tombadilho.

Após se banhar, despejando sucessivos baldes d'água para retirar o sabão, Fahid vestiu roupas limpas e recém-passadas. Uma vez trajado, entrou no bote que ficava amarrado na popa do barco e seguiu rumo ao cais. Foi Fahid atracar no pulsante e barulhento porto para a figura de Nabih materializar-se, cumprimentando-o com entusiasmo.

— Ainda bem que atendeu ao meu chamado. Quero lhe apresentar uma pessoa que poderá fazê-lo reconsiderar a decisão de interceder perante o vizir — exteriorizou Nabih confiante e eufórico, enquanto Fahid descia do bote e colocava os pés em terra firme.

Sem esperar qualquer palavra ou assentimento da parte de Fahid, um homem de meia-idade e cabelos grisalhos, claramente aterrorizado, e com manchas avermelhadas de espancamento no rosto e braços, saiu das sombras de Nabih, movimentando-se com dolorosa dificuldade pelo madeirado da prancha de desembarque. Confirmando suas teorias, Fahid identificou dois capangas de Nabih disfarçados no meio da multidão, com os olhos grudados no estranho. Posicionados em locais estratégicos, interceptariam qualquer tentativa de fuga do homem desconhecido.

— Apresento-lhe o meu contador Amin. Ele contará toda a verdade sobre as circunstâncias que culminaram no confisco do meu carregamento pelos cofres imperiais — explicou Nabih, encarando ameaçadoramente o pobre infeliz. — Como eu lhe adiantei, fui vítima da incompetência e desatenção deste sujeito ingrato, em quem equivocadamente depositei a minha confiança.

Tal qual um espetáculo teatral de quinta categoria, o contador se colocou na frente de Fahid, em tom lacrimoso:

— Alteza, eu sou o único culpado por tudo... Meu senhor foi vítima da minha negligência e falta de cuidado. Por um lapso imperdoável, esqueci de registrar várias mercadorias nos livros fiscais e de emitir as notas. Por tudo que é mais sagrado, imploro seu auxílio para reverter essa terrível confusão. Minha família depende de mim para sobreviver. Não posso perder meu emprego! *Alá* sabe o quanto eu preciso deste trabalho para me sustentar... — suplicou Amin de joelhos, beijando a mão de Fahid com desespero, mal controlando as lágrimas.

Aquela cena grotesca acabou por desencadear em Fahid uma ira poucas vezes sentida. Que atitude vil e ignóbil de Nabih! Chantagear e torturar um homem visivelmente inocente, com o premeditado propósito de ludibriá-lo, a fim de convencê-lo a interceder a seu favor junto ao vizir Hassan Khalife!

Revoltado com a desfaçatez do seu primo, Fahid decidiu dar-lhe uma inesquecível lição. Se anteriormente havia fortes indícios de que Nabih, com sua desmedida ganância, não atentara para os rigores da legislação fiscal, agora tal fato era incontroverso.

E ninguém, absolutamente ninguém, tinha o direito de usar as pessoas daquele modo repugnante! — pensou Fahid com raiva.

A indignação de Fahid alcançou o ápice do insuportável. Precisou de todo o seu autocontrole para não denunciar sua real intenção e desferir-lhe um merecido soco na cara. Se para Nabih dinheiro e posição social eram tudo, então retribuiria na mesma moeda.

— Efetivamente, não o julguei adequadamente há alguns dias atrás — asseverou Fahid fingindo estar totalmente convencido da versão de Nabih. — Por isso, repensando melhor a nossa conversa, acredito ser possível falar com Hassan Khalife sobre o contexto da fatídica apreensão de suas mercadorias.

— Eu sabia que mais cedo ou mais tarde você veria a verdade! — exclamou Nabih com um

sorriso triunfante.

E prosseguiu com a ânsia típica dos que se encontram com a corda no pescoço:

— Quando você poderá tratar da questão com o vizir em Fez? Não quero pressioná-lo, mas tenho necessidade de resolver este problema com certa brevidade.

— Antes de evoluirmos nesse tipo de detalhe, alguns outros pontos precisam ser previamente ajustados... — sugeriu Fahid não ser de graça o favor, vendo com satisfação o sorriso de Nabih desvanecer-se como fumaça ao vento.

— Que falta indesculpável a minha... — apressou-se em dizer Nabih, com um leve receio na voz. — Certamente, desejo recompensá-lo com algo que seja do seu agrado. Se quiser, posso providenciar em uma semana uma remessa de cinco caixas de vinho do Porto para sua adega — ofereceu Nabih esperançoso.

— Não. Isso decididamente não me interessa. Com a minha frota de navios posso conseguir quantas garrafas de vinho do Porto eu queira, num estalar de dedos — desdenhou Fahid a oferta.

— Recorda-se do conjunto de pistolas de cabo de marfim que você elogiou na nossa última caçada? Ela poderá ser sua... — propôs Nabih, contente por ter se recordado inesperadamente desse episódio.

— Eu tenho tantas armas que dificilmente poderei usar todas nesta vida — recusou Fahid com desprezo.

Exceto se você servir de alvo! — refletiu Fahid ironicamente.

— Que tal charutos cubanos? Ganhei várias caixas há duas semanas, e posso perfeitamente repassá-las para você — tentou Nabih mais uma vez.

— Acabei de comprar várias caixas hoje pela manhã!

Vendo que Nabih começava a se desesperar com suas sucessivas recusas e ciente de que nada oferecido até então representaria uma perda real e significativa para o seu perdulário primo, veio uma inesperada inspiração em Fahid de testar a reação de Nabih acerca da mulher branca. Atento aos mínimos detalhes, falou:

— De fato, o que despertou o meu interesse em ajudá-lo foram os termos de troca propostos no acampamento... — externou casualmente Fahid.

— Você está se referindo à mulher branca que se encontra na casa de Laila? — verbalizou Nabih transfigurado, pois pretendia justamente comprá-la para si. Até já tinha agendado com Laila para naquela tarde fechar o negócio!

Maldita hora que fizera essa descuidada e dispendiosa proposta a Fahid! — praguejou interiormente Nabih.

Sentindo a forte rejeição do primo em querer presenteá-lo com a desconhecida mulher, Fahid percebeu ter enveredado pelo caminho certo.

— Exatamente isso — confirmou calmamente. — Como você afirmou reiteradas vezes, as mulheres são o bálsamo da nossa existência! Sendo assim, nada mais justo você retribuir o enorme favor perante o vizir, presenteando-me com essa beldade, para alegrar meus solitários dias... — expôs Fahid contente, ao constatar o agitado semblante de Nabih.

— A questão é que não sei se ela ainda se encontra na casa de Laila — mentiu deliberadamente Nabih com a intenção de desviar o interesse de Fahid para alguma outra coisa.

— Bem... Pelo visto, não vamos firmar nenhum acordo. Portanto, é aconselhável eu retomar meus afazeres... Não posso ficar parado desperdiçando tempo com conversas inúteis — concluiu Fahid

sério, virando-lhe as costas.

— Não! Espere... — antecipou-se Nabih aperreado, com a mente em febris elucubrações, na busca de uma solução que não atrapalhasse seus planos pessoais.

— Sim?! — disse Fahid franzindo o cenho.

— Se você insiste em receber esta mulher, amanhã poderemos ir à residência de Laila. Vou me certificar se ela continua por lá.

Em seguida, emendou ardilosamente:

— Se porventura tiver sido vendida, poderá fazer outro pedido... Por certo, empenhar-me-ei em atendê-lo.

Antessentindo a armadilha, Fahid fuzilou Nabih com o olhar.

— Lamento desapontá-lo. Iremos imediatamente à casa de Laila!

E asseverou Fahid peremptório:

— E reze aos céus para a mulher branca não ter sido vendida para ninguém, porque não haverá outra coisa neste mundo que me fará interceder a seu favor junto à Hassan Khalife. Ou você me oferece esta mulher de presente e se esforça verdadeiramente em satisfazer o meu único desejo ou pode esquecer definitivamente o seu valioso carregamento.

Disposto a levar aquela questão às últimas consequências, Fahid atravessou com Nabih o pátio da residência de Laila. Pegando a escada lateral, alcançaram o local onde funcionava o requintado escritório. Não contando com a presença daquele homem incrivelmente belo, Laila achou por bem ficar calada para não causar nenhum mal-entendido desnecessário, capaz de comprometer seus negócios. Se Nabih veio acompanhado ao encontro marcado, obviamente alguma mudança de planos teria sobrevindo. Ou quem sabe não seria um novo cliente, igualmente interessado em comprar alguma escrava para o seu harém? — cogitou Laila já computando os lucros de ambas as operações.

— Bem-vindos ao meu estabelecimento! — cumprimentou a anfitriã com cortesia e educação. — Por favor, sentem-se — apontou Laila para as cadeiras a sua frente.

Fahid ficou admirado com a estrutura do lugar. Podia-se entrever facilmente que aquele negócio dava lucros expressivos, a julgar pela decoração da casa e a aparência de Laila. Diante desta riqueza ostensiva, deduziu que seus preços deviam ser extorsivos, além de existir naqueles muros um intenso tráfico de mulheres, pensou Fahid com grande dose de realismo.

Dando continuidade à conversa, Nabih falou:

— Temos informações de que chegara uma mulher branca nesta casa há aproximadamente uma semana. Por isso, estamos aqui para conhecê-la e ver se realmente nos interessa.

Mesmo intrigada com as desconexas palavras de Nabih, porque a mulher branca estava a sua espera, Laila resolveu entrar no jogo, sem qualquer comentário adicional.

— Não tenho dúvidas de que ficarão encantados com sua beleza... É uma mulher inteiramente fora dos padrões normais. Raramente recebemos este tipo em nossa casa, dada a sua escassez no mercado — propagandeou Laila, com o objetivo de aumentar o preço o máximo que pudesse.

— Sendo assim, gostaríamos de vê-la — pediu Nabih ansioso, mal vendo a hora para aferir com seus próprios olhos a beldade que forçadamente daria de bandeja para Fahid.

Até então em silêncio, Fahid interveio autoritário:

— Não é preciso vê-la! Confio nas suas palavras — assegurou Fahid com entonação que não admitia questionamentos. — O que eu desejo é concluir rapidamente este assunto e poder voltar para meus afazeres.

— Como você pode querer uma mulher que nem ao menos viu?! — indagou Nabih incrédulo e chateado por não poder conferir pessoalmente o que Laila anunciara com tanta ênfase.

— Eu tenho meus motivos para não vê-la. Não lhe devo satisfações! — declarou Fahid cortante, matando Nabih de curiosidade.

E prosseguiu irritado:

— Se puder se apressar e finalizar logo a negociação do preço com esta senhora, eu agradeço a sua atenção.

Premido pelas circunstâncias, Nabih concluiu que nada ganharia se continuasse insistindo em ver a tal mulher. Não seria nada inteligente da sua parte aborrecer desnecessariamente o seu primo. Jamais entenderia como um homem poderia comprar uma mulher sem conferir se ela seria do seu interesse. Depois de regatear o preço pedido por Laila por um tempo considerável, deram por encerrado o negócio.

Fahid guardou para si a repulsa que aquele comércio lhe causava. Pelo menos, salvara uma pobre alma das garras inescrupulosas de seu primo. O que faria com aquela desconhecida era uma incógnita. Mais tarde, pensaria no tema com vagar.

Levantando-se da cadeira, Nabih voltou-se para Fahid dizendo:

— Bem... Acredito que a minha parte esteja concluída...

— Discordo! — objetou Fahid sem meias palavras, erguendo-se com ímpeto da cadeira.

— Como assim?! — assustou-se Nabih, vendo a derradeira chance de ter aquela mulher escorrer como água por entre os dedos.

— Somente quando ela estiver no meu acampamento e sob os meus cuidados é que darei por cumprida a sua parte no acordo. Se algo lhe acontecer no percurso, de nada adiantarão os esforços despendidos até agora.

— *Bismillah!* Como você é desconfiado! — asseverou Nabih com ar de vítima, invocando o nome de *Alá*.

— Você está coberto de razão — confirmou Fahid encarando Nabih com olhos penetrantes e frios, registrando nas entrelinhas não admitir qualquer trapaça.

Em seguida, reforçou Fahid em tom ameaçador:

— Empreenda todos os esforços que estejam ao seu alcance para o meu presente ser transportado sem incidentes ao meu acampamento. Qualquer problema será da sua inteira responsabilidade. E mais: isso é para hoje! Nem um dia a mais. Compreendido?

Ciente de que aquela disputa tinha sido definitivamente perdida, Nabih falou com aborrecimento para Laila:

— Faça tudo como meu primo está pedindo.

— Sim, senhor! — concordou Laila prontamente, certa de que havia muito mais coisas por trás de toda aquela negociação.

— Amanhã mesmo irei para Fez cumprir a minha parte do acordo — anunciou Fahid com desenvoltura.

Contrariado com o desfecho daquele episódio, mas consciente de que era preferível isso do que

sair financeiramente arruinado, Nabih retirou-se do escritório com um ligeiro cumprimento de cabeça, fechando a porta com um estalido enraivecido.

Finalmente sozinhos, Fahid perguntou para Laila:

— Tenho como vê-la?

— Claro! Vamos ao *moucharabieh*... Lá terá a privacidade necessária para contemplá-la sem ser visto. Deixe-me acompanhá-lo — prontificou-se Laila, abrindo a porta que descortinava num arejado corredor, com privilegiada vista para um pátio interno, diverso daquele da entrada.

O ponto onde estavam permitia divisar tudo o que sucedia abaixo da sacada do primeiro andar. Diferentemente de janelas convencionais, tinha-se em seu lugar balaustradas de pedra revestidas por telas de madeira esculpidas que formavam uma trama rendilhada e floral, como uma espécie de divisória. Era impossível perceber através delas se estava ou não sendo observado.

— A mulher é aquela vestida na cor turquesa — indicou Laila em direção ao jardim. — Enquanto isso, vou acertar alguns detalhes para viabilizar o quanto antes a entrega.

Posicionando-se melhor no extenso corredor para poder enxergar as feições da jovem que aspirava a floral fragrância das plantas ao seu redor, o coração de Fahid ficou inesperadamente descompassado e sua mente atordoada custou a assimilar a imagem fixada nas suas retinas. Piscou diversas vezes na tentativa de aclarar a visão. Aquilo somente podia ser uma miragem provocada pela exposição excessiva ao sol, ponderou inicialmente. Não podia ser a mesma pessoa, em que pese a extraordinária semelhança física. Entretanto, depois de alguns instantes focando a figura feminina envolta na vegetação, confirmou ser ela mesma!

Ali... bem diante de si... estava a adorável dama do baile do duque de Wessex, outrora adulada por uma fila de admiradores... A mesma jovem que testemunhara cavalgar intrépida e destemida no Hyde Park! Nunca esqueceria aquele rosto contagiado pelo prazer da cavalgada com seus longos e volumosos cabelos pretos balançando sensualmente ao sabor do vento. A cena o perseguiu por muitos meses... E por uma inacreditável ironia do destino ela estava diante dele como uma autêntica odalisca!

Como viera parar naquele lugar?! Como uma inglesa de linhagem nobre fora vendida como escrava?! E sua família... o que sabia desse infortúnio? E o mais chocante era que aquele tesouro para todos os efeitos lhe pertencia...

— Que *Alá* me ilumine e dê forças para poder fazer o que é certo! — murmurou Fahid sem nenhuma confiança em si mesmo, pela primeira vez em sua vida.

CAPÍTULO 9

Na extremidade da íngreme e mortal descida do penhasco, Fahid contemplava o mar que se descortinava num azul profundo, próprio do final de tarde. As ondas da maré alta batiam com infatigável violência na rocha escura, espraiando a sua brancura espumosa. O vento soprava inclemente no entorno, mas Fahid nem sequer sentia. Seus pensamentos conflituosos impediam-no de registrar o mundo exterior, até mesmo os sons provenientes do acampamento. Mais parecia uma estátua. A dúvida dominava os seus sentidos, paralisando-o. Como agiria quando reencontrasse a mulher que habitava seus sonhos desde a primeira vez que a vira em Londres? Iria contactar a sua família e dizer-lhes que estava viva? Ou deixaria as coisas exatamente da forma como estavam... Afinal, não concorrera em nada para aquele excepcional desfecho. Qual seria a atitude adequada? Indagava-se sem cessar com incontida angústia no coração.

Restabelecido da surpresa de reencontrá-la em circunstâncias tão improváveis, e após muito refletir, Fahid tomou a pragmática decisão de não se opor aos desígnios divinos. Independentemente do que tivesse sucedido para trazê-la misteriosamente a sua vida, aceitaria tal destino sem questionar. Se ela aportara em Tânger justamente quando ele também estava por lá, é porque suas vidas estavam entrelaçadas, concluiu fatalista.

Retornou decidido pelo sinuoso caminho de terra batida. A cada passo dado, crescia em seu íntimo a convicção de que não podia deixá-la partir. Entrou na tenda devagar, pois sabia que a mulher estrangeira o aguardava. Viu-a conversando entrosada com Cecilla. Como ela estava de costas para a entrada, não notou a sua discreta chegada, permitindo a Fahid observá-la livremente por preciosos segundos. Não podendo ocultar sua presença por muito tempo, Fahid dispensou Cecilla com um gesto de mão. Obediente, Cecilla retirou-se sem nada dizer.

Uma vez identificada por Katherine a causa da inexplicável saída de Cecilla, Fahid percebeu o espanto nas faces daquela exótica e deslumbrante mulher. Vê-la próxima causou um indefinido estremecimento em Fahid. Dado o contexto, preferiu não se deter nos motivos daquela inesperada reação.

Passado o reconhecimento inicial, Fahid atravessou o espaço que os separava, ficando em pé, a dois passos um do outro. Em seguida, pronunciou num inglês irretocável e polido:

— Eu sou Fahid Ahmed el-Mansour Saadi e você se encontra neste momento sob a minha proteção. Dentro de instantes, Cecilla se encarregará de lhe mostrar onde deverá se instalar. Espero que se adapte sem sobressaltos ao Marrocos.

— Perdão... Mas, deve estar havendo um lastimável equívoco. Eu vim a este acampamento com uma mulher de nome Laila, na esperança de obter ajuda para regressar à Inglaterra — esclareceu Katherine pausadamente. — Não estou em busca da sua hospitalidade. Antecipadamente, agradeço a gentileza e a atenção dispensadas. Nem pretendo lhe causar qualquer inconveniente com a minha presença — retrucou educadamente.

— Eu não sei o que lhe disseram para fazê-la vir até aqui. Contudo, suspeito seriamente terem lhe omitido deliberadamente a verdade... — externou Fahid suas impressões, com extrema precisão.

— Não o estou entendendo... — asseverou Katherine apreensiva.

— A pessoa de nome Laila, que diz estar com você, já voltou para a medina. O objetivo de sua visita era justamente trazê-la ao meu acampamento e deixá-la aos meus cuidados. Cumprida a sua missão, ela foi embora se dedicar aos seus próprios afazeres.

— Quer dizer que Laila partiu sem me dizer nada?! Abandonando-me à própria sorte? — indagou Katherine visivelmente abalada.

— Exatamente isso — confirmou Fahid, meneando a cabeça.

— Por que ela me deixaria aqui sozinha? Não vejo nenhuma lógica nesse comportamento... Ademais, eu não posso ficar. Preciso regressar o quanto antes para a Inglaterra. Minha família deve estar terrivelmente preocupada com o meu súbito desaparecimento... Tenho que os contactar com urgência!

— Talvez eu não tenha sido suficientemente claro, mas aconselho-a a esquecer do passado e direcionar sua atenção para sua nova realidade — disse Fahid com praticidade, analisando-a detidamente.

— Como assim?! Nova realidade? — questionou Katherine cada vez mais assustada com o rumo daquela despropositada conversa.

— Colocando as coisas em termos bem realistas, a Inglaterra nada mais é do que uma reminiscência da sua vida pregressa. O que importa, a partir de agora, é o fato de você estar vivendo no Marrocos. Simplificando: quando eu a encontrei nesta ensolarada tarde, você estava no mais afamado e reconhecido estabelecimento de escravas de todo o norte da África! — comunicou Fahid com uma tranquilidade de fazer inveja ao mais insensível dos homens.

— Porventura, essa longa explicação significa dizer que eu sou sua escrava?! Uma mercadoria que pode ser negociada a seu bel-prazer? É isso?! — questionou Katherine com a voz impregnada de incredulidade e num timbre de voz consideravelmente mais elevado.

Diante do silêncio confirmador, prosseguiu:

— Você somente pode estar delirando! — gargalhou Katherine com secura. — Apenas uma pessoa completamente fora do seu juízo perfeito poderia acreditar num disparate de tal magnitude.

E continuou dardejando fogo no olhar:

— Quem você pensa que é para me manter contra a minha vontade no Marrocos? — perguntou transtornada, odiando-o com uma intensidade que a deixava trêmula.

Pressentindo o forte temperamento daquela inglesa, Fahid achou prudente deixá-la extravasar a sua fúria sem interrupções.

— E mais... Quem você pensa que eu sou?! — vociferou Katherine com raiva insana, apontando o dedo de forma desafiadora. — Para que não paire qualquer mal-entendido entre nós, eu descendo de uma das mais aristocráticas e tradicionais linhagens da Inglaterra. Meu pai, o quinto conde de Northwick, afora a sua riqueza, possui inúmeros amigos influentes que fariam de tudo para conceder-lhe um favor. Por séculos, a minha família ocupa os mais destacados postos do Império Britânico, e ninguém neste mundo, nem mesmo você, poderá apagar o fato de eu ser lady Katherine Alexandra Mayfield Hartington!

O ódio impregnava-se em Katherine com ferocidade assustadora, intoxicando-a como um poderoso veneno, cujo antídoto chamava-se liberdade. Nunca na vida supôs existir emoção tão

devastadora e selvagem, capaz de levar o ser humano a atitudes absolutamente passionais.

Tomada do mais genuíno sentimento de autopreservação, afastou-se para o lado oposto da tenda, visando guardar distância daquele homem que, repentinamente, transformara a sua vida num verdadeiro inferno.

— Pelo visto, você não pretende tornar as coisas mais simples, não é mesmo, Katherine? Se você teimosamente insistir em não enxergar o que está acontecendo, somente piorará a sua situação... — declarou Fahid com paciência, sentando-se nas almofadas com a segurança típica dos que têm o mundo a sua volta totalmente sob controle.

— Minha situação?! Não há situação alguma, além da circunstância de eu ter parado no Marrocos por conta de uma terrível tragédia. Se a questão é dinheiro, esteja certo de que a minha família não hesitará em lhe recompensar regiamente, caso me entregue sã e salva ao convívio deles — externou Katherine escamoteando o seu desespero ante o pouco caso de Fahid com suas ameaças.

— Não cobiço o dinheiro da sua família. Tenho recursos mais do que suficientes para toda a vida e ainda daria para sustentar mais três gerações de descendentes inúteis! — descartou Fahid com desprezo àquela sugestão. — Fique ciente de que não pretendo deixá-la partir por dinheiro nenhum! De hoje em diante, você viverá comigo. Onde eu estiver, você estará ao meu lado!

— Você é realmente um louco! — exclamou Katherine com ênfase. — Eu não sou propriedade de ninguém. Muito menos sua! A minha consciência é o meu guia. Jamais tolerarei esse tipo de dominação. De mais a mais, sou rica o bastante para comprar a minha própria liberdade, podendo pautar-me segundo meu livre arbítrio. Se nem meus pais me obrigaram a fazer alguma coisa contra a minha vontade... Que dirá você?! Um completo desconhecido! — arrematou Katherine com petulância.

Levantando-se das almofadas e aproximando-se perigosamente de Katherine, Fahid falou com autoridade:

— Se seus pais não souberam lhe educar de forma conveniente, isso é um problema deles. Entretanto, quero alertá-la de que aqui quem manda sou eu!

— Pois está para nascer o homem que vai me obrigar a agir contra a minha vontade! — desafiou Katherine.

Com o calculado propósito de mostrar de uma vez por todas que naquele duelo de vontades ele seria o vitorioso, Fahid ordenou:

— Tire o *haik*.

— Como?!

— Eu disse para você tirar o *haik*.

Em seguida, explicou em tom indiferente:

— Apenas é preciso usá-lo quando estiver em lugares públicos. Na minha frente, é para usar suas melhores roupas e deixar seus cabelos sempre à mostra.

— Você não pode estar falando sério! Quer que eu fique com essas roupas transparentes e decotadas diante de você? — indignou-se Katherine com aquele pedido indecoroso.

— Não sei para que tanto alarde. Vamos logo com isso... Não tenho todo o tempo do mundo para ficar esperando! — disse Fahid impaciente, com os braços cruzados em seu peito.

— Então é melhor esperar sentado, porque me nego a ficar defronte de um homem deste jeito indecente — retrucou Katherine com o queixo erguido.

Sem aviso prévio, Fahid retirou agilmente o *haik* de Katherine que, assustada, vira-se

praticamente desnudada diante daquele homem imprevisível e arrogante. Por puro reflexo, Katherine ergueu a mão direita em direção ao seu rosto. Antevendo sua intenção, abruptamente Fahid interceptou-lhe a mão no ar e colocou-a com força atrás de suas costas, colando seu corpo intimamente ao dela.

Aproveitando a proximidade do momento, Fahid percorreu com a mão livre as insinuantes curvas de Katherine. O desenfreado desejo e deleite que transpareceram naquelas feições belas e másculas ao contemplá-la fizeram Katherine perder a respiração.

Tentando se libertar daquele indesejado contato físico, Katherine verbalizou ultrajada:

— Largue-me, imediatamente! Você não tem o direito de me tocar com esse atrevimento!

— Você é minha, Katherine! — sussurrou Fahid, quase tocando seus lábios nos dela. — Posso tocá-la do modo como eu quiser... e quando eu quiser... — assegurou Fahid com a voz rouca.

— Virgem Santíssima! Quem é você para se dirigir a mim com esse linguajar?! — pronunciou Katherine revoltada.

Sem se dignar a responder, Fahid beijou-a com paixão. Suas mãos prendiam os macios cabelos de Katherine, ao mesmo tempo em que a segurava firmemente pela cintura, mantendo-a presa num beijo avassalador. Fahid exigia rendição absoluta. Negando-se a sucumbir ao inebriante poder das carícias de seu detestável captor, Katherine lutou interiormente com todas as suas forças para se libertar, porém o calor que invadia seu corpo tornava aquela tarefa cada vez mais difícil de ser executada.

Inesperadamente, Fahid soltou Katherine e se afastou para o lado, com expressão sombria. A pele de Katherine ardia em chamas. Seu coração saía pela boca. Horrorizada com suas intensas e desencontradas emoções, Katherine amaldiçoara a si mesma por ter permitido tal aproximação. Embaraçada com a facilidade com que fora beijada por aquele homem, descontou a sua frustração num rompante de descontrole emocional.

— Nunca mais ouse encostar em mim! Eu odeio você e tudo o que representa. Maldita hora que eu resolvi viajar para a Grécia. Se não fosse isso, jamais teria pisado nesta terra infeliz, governada por déspotas que escravizam mulheres para satisfazer sua luxúria. Não sossegarei enquanto não regressar à minha amada Inglaterra, onde estarei livre e a milhares de milhas deste lugar esquecido por Deus! — gritou Katherine, fuzilando-o com o olhar.

Sem querer polemizar, Fahid falou com uma placidez que estava longe de sentir:

— É aconselhável descansar... Vou designar Cecilla para servi-la. A partir de hoje, ela ficará a sua disposição. Amanhã, você seguramente verá tudo com mais nitidez.

Suspirando, finalizou:

— Antecipo que essa sua atitude imatura não a ajudará em nada. Quanto mais cedo você se adaptar aos nossos costumes, menor a probabilidade de surgirem atritos entre nós.

E sem mais palavras, Fahid virou-lhe as costas e desapareceu da tenda, deixando Katherine sozinha com seus nefastos presságios sobre o incerto e obscuro futuro que se avizinhava.

A noite anterior foi um pesadelo para Katherine. Revirara na cama por horas sem conciliar o sono. Não era por outro motivo que acordara cansada e com olheiras evidentes. Sentia-se esmagada e pisoteada por aquela opressiva realidade. Sem se falar no desgaste emocional gerado com toda

aquela confusão que consumia suas energias. Desde o fatídico naufrágio, as lágrimas passaram a ser suas constantes e fiéis companheiras.

Não bastassem a dor e o tormento de ter presenciado a carnificina do ataque pirata com inúmeras vítimas fatais, em especial o casal Lutyens, e a impossibilidade de se comunicar com seus familiares, mais uma agravante veio se agregar aos demais: Fahid Ahmed el-Mansour Saadi. Se o caso já era difícil, agora estava sensivelmente pior, reforçando a urgente necessidade de criar um plano de fuga exequível.

Depois da desastrosa conversa com Fahid, Cecilla a acomodara no dormitório da tenda principal. Sua mobília consistia em uma confortável cama de casal, tapetes e um baú, sobre o qual descansava uma ornamentada jarra de bronze com água. Sabedora de que não adiantava ficar jogada em cima da cama durante toda a manhã lamentando o infortúnio que recaíra como um raio sobre sua vida, Katherine levantou-se vagarosamente e fez o asseio matinal. Enquanto se enxugava numa toalha de linho, Cecilla entrou com uma bandeja repleta de comidas para o café da manhã.

— Bom dia, milady! Espero que aprove a minha escolha... — saudou Cecilla com gentileza.

— Bom dia! Obrigada pela delicadeza, no entanto estou sem fome — disse Katherine sem nenhum ânimo.

— Milady precisa comer! De nada valerá definhar de fraqueza — argumentou Cecilla com praticidade, colocando a bandeja de desjejum em cima da cama.

E continuou:

— Deixar-se abater não a levará a lugar algum.

Inobstante reconhecesse a sabedoria das ponderações de Cecilla, o seu apetite havia desaparecido. A muito custo, Katherine forçou-se a ingerir um pouco de comida. Como fugiria se não tivesse forças para andar?! — refletiu com pragmatismo.

Determinada a escapar o quanto antes dali, Katherine perguntou a Cecilla:

— Todos os dias o acampamento tem esse incessante movimento? Há horas que ouço um forte barulho vindo da área externa.

— Não... de forma alguma... Essa desordem é porque estamos de partida.

— De partida?! — questionou Katherine perplexa, ao mesmo tempo em que era acometida por uma repentina pontada de dor de cabeça.

— Ao amanhecer, o príncipe Fahid determinou que arrumássemos tudo e seguíssemos viagem. Desde cedo, ele está coordenando pessoalmente o trabalho de desmonte do acampamento. Por isso, todo esse alvoroço — explicou Cecilla.

— E para onde vamos? — quis saber Katherine cada vez mais aflita com o total descontrole sobre os fatos que atingiam a sua vida ultimamente.

— Iremos para casa — respondeu Cecilla sem atinar que Katherine não tinha a menor noção de onde eles moravam.

— Casa?! Poderia ser mais específica? Eu não tenho ideia de onde fica a residência do seu senhor.

— Mil desculpas pela minha falta de tato... — gesticulou Cecilla com expressão desconcertada. — O nosso percurso será até a região do Alto Atlas, nas proximidades da Djebel Toubkal, tida como a montanha mais alta do norte da África, onde o príncipe Fahid tem uma magnífica casbá.

— Esse lugar fica muito distante? — inquiriu Katherine nervosa.

— Aproximadamente uma lua. Isso se não tivermos contratempos no meio do caminho.

— Tudo isso! — alarmou-se Katherine. — E de que modo chegaremos lá?

— Aqui no Marrocos viajamos sempre de camelo e as provisões são usualmente carregadas em burros, exceto nas travessias pelo deserto, quando priorizamos os camelos como único meio de transporte. É o animal mais apto às grandes travessias em regiões agrestes e desérticas.

— Mas o Saara está longe daqui — ponderou Katherine, num misto de insegurança e pavor com as informações repassadas por Cecilla.

— Sim... Contudo, tanto na cordilheira que compõe o Médio Atlas, como também no Alto Atlas existem vastas áreas dominadas por áridas cadeias de montanhas que tornam este animal a opção mais adequada. Sem se falar no Anti-Atlas, que é um inóspito maciço rochoso nas cercanias do deserto, ao lado do Vale do Draa.

— Perdoe a minha ignorância, mas anteriormente você se referiu a uma “casbá”. Nunca escutei esse nome antes... É alguma espécie de construção ou casa?

— Significa um tipo de fortaleza particular, geralmente feita de *pisé,* material muito comum no Marrocos. E *pisé* é uma argila encontrada nos leitos dos rios e amplamente utilizada nas construções berberes — detalhou Cecilla.

— Entendi... — murmurou Katherine desesperada, ante a sensação de nunca mais poder pisar em solo inglês.

Mirando a desamparada fisionomia de Katherine, Cecilla mudou de assunto, dizendo:

— Voltando a questões práticas, trouxe-lhe algumas roupas. Como passaremos várias semanas na estrada viajando, preferi peças mais confortáveis — justificou-se Cecilla estendendo um pacote. — Veja se cabem. Fiquei na dúvida quanto à cintura de milady...

Aliviada por se livrar daquela roupa indecorosa, Katherine abriu o pacote com ansiedade. Dentro dele encontrou uma saia rodada preta, bordada com coloridos apliques, duas blusas brancas de mangas compridas, além de um xale preto de lã. Também havia uma calça verde-escura de corte bem diferente — ligeiramente folgada na perna e presa na parte do tornozelo — e um casaquinho, de mesma tonalidade da calça. Um conjunto de camisola e penhoar de algodão natural completava o novo guarda-roupa.

Captando a indecisão de Katherine por qual roupa vestir, Cecilla interveio:

— Se eu fosse milady, usaria a calça verde-escura e o casaquinho que lhe faz par. São mais apropriadas... Inclusive, suas sapatilhas pretas farão uma excelente combinação.

— Vou acatar a sua sugestão. Andar de camelo provavelmente é mais cômodo de calças do que de saias — concordou Katherine tomada pelo pânico, ao constatar que a Inglaterra ficava progressivamente mais... e mais... longínqua do mundo a sua volta!

A transformação do acampamento fez Katherine piscar os olhos repetidas vezes para se certificar de que não estava vendo nenhuma miragem. Se na véspera havia um significativo número de tendas armadas e espalhadas em todas as direções, agora restava apenas a que tinha ocupado naquela noite.

Dezenas de camelos e burros estavam agrupados na área externa. Uma enorme quantidade dos mais variados artefatos necessários à expedição, utensílios e suprimentos alimentares tinham sido acondicionados em fardos e estrategicamente amarrados numa velocidade surpreendente no lombo

destes exóticos animais, com grossas cordas de fios vegetais.

Katherine observou que o trabalho de desmonte do acampamento exigia a atenção da totalidade dos homens de Fahid, razão pela qual se elevava no ambiente um vozerio atordoante e uma grande agitação por todos os lados.

Naquela balbúrdia Katherine anteviu uma excelente oportunidade de fuga. Sem pensar duas vezes, dirigiu-se para Cecilla com excepcional talento teatral:

— Indesculpável distração... Qualquer dia desses, eu vou esquecer a minha cabeça... — repreendeu-se Katherine de propósito. — Saí da tenda com a mente dispersa que nem apanhei o xale. Você se incomodaria de buscá-lo para mim? — pediu com estudada educação.

Em seguida, argumentou com razoabilidade:

— Não tenho a menor intenção de passar frio na viagem.

— Estranho... Porque tenho quase certeza de que milady o colocou na bagagem — contra-argumentou Cecilla, levemente desconfiada.

— Efetivamente, eu o tinha posto no baú, mas fiquei com receio de baixar a temperatura no final da tarde e ter dificuldade de localizá-lo. A última coisa que pretendo é parar a caravana para procurar um simples xale. Desconfio que seu senhor detestaria se eu fizesse algo semelhante... — falou Katherine com impecável linha de raciocínio. — O que somente contribuiria para acirrar, ainda mais, o nosso péssimo relacionamento!

— Quanto a isso não há o que se discutir...

Embora Cecilla estivesse reticente sobre a forma mais apropriada de proceder, decidiu atender ao pedido de Katherine. Com incontáveis guardas fortemente armados ao redor delas, não haveria risco de fuga.

— Tudo bem. Vou rapidinho lá dentro e volto num instante.

Criada a oportunidade, Katherine esperou Cecilla desaparecer do seu campo de visão. Esgueirou-se com cuidado atrás do amontoado de caixas e víveres já empacotados para a viagem que estavam empilhados nas adjacências, desviando dos transeuntes com discrição. Por um triz, não fora atropelada por um excitado grupo de meninotes que transportavam apressadamente braçadas de tecidos bordados. Mais à direita havia um carregamento de açúcar e vários recipientes de cerâmica lotados de mel, aguardando serem colocados no lombo dos animais. Andou com cautela em busca da saída do acampamento, captando todos os sons e movimentos.

Ao alcançar o posto de segurança, constatou desanimada que as sentinelas faziam a vistoria dos passantes com espantosa diligência. Ninguém saía ou entrava sem ser previamente identificado. O controle era total!

Não daria para seguir sozinha por aquele caminho! — pensou Katherine com desgosto.

Desviou febrilmente o olhar à procura de outra saída. Excluindo a passagem da guarita, tinha-se apenas duas opções: ou se jogava no mar bravio, abaixo de uma ribanceira escarpada — atitude incontestavelmente suicida — ou escalava o maciço rochoso que circundava o acampamento. De antemão, sabia não ter preparo físico suficiente para atravessá-lo com êxito.

Amaldiçoou Fahid por ter escolhido um lugar inexpugnável para desmontar a sua comitiva em segurança. O terreno era praticamente inacessível à abordagem de assaltantes e malfeitores de qualquer espécie, além de possuir um privilegiado ponto de observação dos arredores.

Sem alternativa, viu-se premida a retornar ao local onde Cecilla a aguardava, andando nervosamente sobre si mesma, com as mãos numa postura de prece silenciosa. A expressão de alívio

de Cecilla era a mais perfeita antítese da abatida expressão de Katherine. Não foi preciso explicações. Estava evidente que o xale nunca fora esquecido na tenda; como também seria tolice ela encobrir a frustrada tentativa de fuga. Sendo assim, Katherine adotou uma abordagem direta e sem subterfúgios:

— Nós mal nos conhecemos, mas eu preciso voltar para meu país... Tenho família, inclusive uma tia severamente enferma... Por favor, por tudo que é mais sagrado, leve-me até as autoridades locais ou ao Consulado Britânico — suplicou Katherine entre lágrimas do mais autêntico desespero. — Sem dúvida, você sabe um jeito de nos ausentarmos do acampamento sem despertar atenção, sobretudo com esse excessivo vai e vem de pessoas.

— Desculpe-me, mas não posso fazer isso — rejeitou Cecilla com voz gentil.

— Não vê que não pertenço a este lugar?! — retrucou desesperada. — Minha família pode recompensá-la regiamente. Se quiser vir comigo, por medo de retaliações, eu lhe dou a minha palavra de que nada lhe faltará até o fim dos seus dias. Meus pais são extremamente ricos e fazem parte da nobreza inglesa!

— Eu gostaria de poder amainar o sofrimento de milady. Contudo, não tenho como ajudá-la a fugir sem aviltar meus votos de fidelidade — explicou Cecilla com sinceridade.

Diante da enxurrada de lágrimas que se seguiram a sua resposta, Cecilla abraçou Katherine carinhosamente, consolando-a com resignação. Era o máximo que podia fazer. Jamais desobedeceria às ordens do príncipe Fahid.

Somente quando Katherine deu sinais de estar se tranquilizando foi que Cecilla se afastou. Pegando as mãos de Katherine, Cecilla a conduziu até um camelo. Sob sua corcunda havia uma estrutura de madeira recoberta de um tecido amarronzado que tanto protegia da poeira, como conferia privacidade.

Perdida em pensamentos, Katherine subiu no animal e assim ficou trecho considerável do trajeto. Uma letargia toldou-lhe os sentidos, deixando-a incapaz de expressar qualquer emoção. Foi a brusca interrupção do cadenciado balançar da ordenada caravana, através do irregular caminho dos desfiladeiros e precipícios das montanhas do Rif, com seus altos e baixos, que fez Katherine novamente assimilar o mundo. Nesta altura do percurso, os últimos raios de sol com sua tênue luz esvaneciam no horizonte.

Ao contrário da noite anterior, não havia tendas montadas para pernoite. Em vez disso, fogueiras foram acesas e distribuídos sacos de dormir para proteger os viajantes do frio noturno. A simplicidade das acomodações era replicada na alimentação. Tâmaras secas, leite de amêndoas, queijo de cabra, chá de menta, sopa *harira* de lentilha e grão-de-bico e um pão assado na hora sobre o fogo que crepitava nas fogueiras resumiam a rústica refeição.

Inexplicavelmente, Katherine não encontrara Fahid durante o dia. O mesmo sucedera nos cinco dias subsequentes.

Exausta de viajar em condições tão precárias, Katherine quase não acreditou quando percebeu o movimento de reinstalação do acampamento. Em que pesem o cansaço e a tristeza que a acometiam naqueles penosos dias, saber que dormiria em melhores condições, pelo menos por uma noite, trazia-lhe um imenso conforto psicológico, embora a estrutura levantada fosse mais modesta do que a outrora erguida em Tânger. Mesmo assim, era mil vezes preferível do que dormir a céu aberto, sujeita a toda sorte de perigos.

Desta vez, a nova tenda possuía um único ambiente, embora fosse igualmente decorada com

tapetes e almofadas coloridos. A iluminação vinha de dois candeeiros de latão trabalhados com minúsculos vidros transparentes que difundiam uma esmaecida luz amarelada, conferindo uma agradável percepção de aconchego. Ao avistar uma tina de madeira com água morna, Katherine teve convicção de que não fora completamente esquecida por Deus!

Um sorriso se espalhou pelo seu semblante. Despiu-se e entrou na improvisada banheira até submergir o corpo n'água. Após se ensaboar e lavar os cabelos, fechou as pálpebras para usufruir da idílica e deslembrada sensação de paz. Porém, a fadiga a fez adormecer, mergulhando sem sentir no prazeroso reino dos sonhos.

De posse das informações de que necessitava para seguir adiante com seus planos, Fahid tentou uma nova aproximação com Katherine, visando a aparar as arestas daquela conturbada convivência. Só não esperava se deparar com ela adormecida numa banheira de madeira! Sem avaliar as repercussões do seu impensado gesto, Fahid enxugou com ternura seus cabelos. Esticando uma toalha sobre si, depositou-a nos braços e deitou-a no colchão. Tal como fez com seus cabelos, secou seu corpo com reverência. Por fim, vestiu-a com a camisola e a cobriu com as cobertas, certificando-se para que estivesse aquecida.

Concluída a tarefa, Fahid afastou-se e recostou-se, com expressão pensativa, numa cadeira posicionada nas imediações da cama. Ficou imóvel por um tempo, rememorando a frenética sucessão dos acontecimentos dos últimos dias. Imerso em contraditórios sentimentos, Fahid velou o sono de Katherine. Ironicamente, aquele tumulto emocional parecia ter se incorporado a sua rotina de vida.

A placidez com que Katherine dormia acabou sobrepujando todas as suas angústias. Que *Alá* tivesse piedade dele, porque estava completamente fascinado por aquela inglesa temperamental e incrivelmente bela! — pensou com uma indisfarçável pontada de desolação.

Apenas quando cintilaram no infinito horizonte as primeiras luzes do alvorecer, Katherine despertou de seu sono restaurador. A sensação de paz foi subitamente substituída pela consciência de não estar dormindo sozinha e de estar vestida de camisola. Escandalizada com aquela embaraçosa intimidade, Katherine soltou-se dos confortáveis braços de Fahid e levantou-se à procura de suas roupas. Enquanto revirava os seus parcos pertences no baú, escutou a voz de Fahid às suas costas.

— Pelos céus! O que faz acordada a esta hora da madrugada? Está muito cedo para estar de pé! Venha para a cama e descanse um pouco... — pediu Fahid batendo de leve no espaço vazio do colchão. — Em extensas travessias, é fundamental restaurar as energias para enfrentar em boas condições físicas os desafios da estrada à frente — expôs Fahid sonolento.

— Muito obrigada pela sua gentil preocupação. Mas eu não quero descansar! — disse Katherine indignada com tamanha insolência. — Não desejo partilhar por nem mais um segundo sequer a mesma cama com você!

— Ahh! É isso... — acordou Fahid a contragosto, esfregando as mãos pela face e apoiando-se de lado sobre o cotovelo esquerdo, para encarar a figura de Katherine ao lado do baú, segurando uma saia preta defronte ao corpo, para cobrir a transparência da camisola.

Em seguida, esclareceu Fahid:

— Não fizemos nada de impróprio à noite, Katherine... Ocorre que durante a viagem não vamos

dispor de instalações separadas. Aconselho-a a se acostumar em dividirmos a mesma tenda.

— Não sou casada com você para dormirmos juntos! — contrapôs-se Katherine com veemência.

— Perdão por ferir a sua nobre sensibilidade, todavia nós estamos viajando pelo interior do Marrocos e, nessa conjuntura, não é possível desfrutar de certas comodidades.

— Nesse caso, procure outro canto para dormir, pois não aceitarei dividir com um desconhecido a mesma cama — sentenciou Katherine ofendida.

— Você não poderia ser menos birrenta?! Não compreende que essa discussão não se ajusta a sua nova realidade?! — indagou Fahid impaciente.

— Pare de fazer alusão a esta maldita "nova realidade". Para mim, só existe uma realidade. E ponto final! — retrucou Katherine com fervor. — E ela consiste: na minha família na Inglaterra, na minha adorada tia Margareth e no meu noivo Etham Bedford, marquês de Huntley.

— Lamento informá-la que para todos eles você está morta! — falou Fahid com frieza e mordacidade, tal o ciúme que invadiu seu coração ao tomar ciência do noivado com outro homem.

E continuou com odioso senso de realidade:

— Não adianta alimentar falsas ilusões sobre as consequências do naufrágio. Pelas informações que obtive através de meu correspondente junto às autoridades marítimas da Espanha, encarregadas de investigar o caso, não há nenhum relato de sobreviventes — comunicou Fahid ao colocar-se em pé ao lado da cama, trajando uma mera calça de algodão e exibindo sem pudor seu tórax e abdômen musculosos.

— Mentiroso! Como é que você pode saber disso, se estamos nesta maldita estrada esburacada, há dias!

— Não me subestime, Katherine... Por acaso, você me viu por aqui nesse período? — questionou Fahid, sustentando fixamente o olhar.

— Não — respondeu de forma quase inaudível, tomando repentina consciência de que Fahid não os acompanhara desde o início da viagem.

Negando-se a enveredar na desesperança opaca daquelas nefastas palavras, Katherine prosseguiu com renovado vigor:

— Quem garante que as informações repassadas dizem respeito à embarcação onde eu viajava? Até porque o fluxo de navios pelo Atlântico não é desprezível, sendo perfeitamente factível uma confusão de nomes e datas.

— Eu nem deveria perder o meu valioso tempo tentando convencê-la do óbvio. Mas, para que não pairem dúvidas, vamos lá: o navio no qual você viajou era o Mareville, comandado pelo capitão Lewis Gordon, então a serviço do governo britânico, e margeava as águas da costa espanhola, quando foi visto pela última vez — declarou Fahid em tom monocórdio.

Chocada com o nível de detalhes fornecido por Fahid, Katherine demorou alguns segundos para recobrar a voz e reavivar sua índole aguerrida. Inalando o ar com dificuldade, externou com teimosia:

— Mesmo sendo verdade o que acabou de dizer, eu duvido que minha família tenha aceito essa malfadada versão oficial, abandonando-me à própria sorte. Neste momento, devem estar vasculhando as regiões vizinhas, com o objetivo de me localizar — retrucou Katherine com confiança.

— Analisando os fatos com objetividade, se não há como presumir sobreviventes, pois a embarcação na qual você viajava desapareceu sem deixar vestígios, qual sentido faria realizar buscas sem fim?! Por isso, não me causaria sobressalto saber que sua família já deu início às

cerimônias fúnebres, inclusive à aposição de um memorial, diante da impossibilidade de se resgatar corpos em alto-mar! — concluiu Fahid com maldade.

— Pare de me atormentar — murmurou Katherine entre os dentes, arremessando com força a saia que estava em suas mãos. — O que você pretende com essas palavras infames? Seria me deixar abatida a ponto de concordar viver com você? — questionou com ódio na voz, praticamente aos gritos.

E andando de um lado para o outro, como se estivesse enjaulada, Katherine continuou a externar sua revolta e desprezo:

— Nada do que você diga me fará desistir de retornar à Inglaterra. O fato real e incontornável é que estou viva! Logo, farei de tudo para recuperar a minha liberdade. Absolutamente tudo!

— Acho tocante o seu clamor por liberdade, mas não entendo o que ganhará com essa postura irredutível — disse Fahid com calma, aproximando-se de Katherine até ficarem frente a frente. — Seria infinitamente mais inteligente da sua parte render-se às circunstâncias e comprazer-se com as oportunidades a sua volta... — argumentou Fahid envolvente e com faiscantes olhos matizados de dourado.

Sem prévio aviso, tomou-lhe as mãos entre as suas e beijou-lhes as palmas, fazendo o coração de Katherine disparar com aquela atitude tão íntima. Em sequência, reiterou Fahid com expressão enigmática:

— Eu posso lhe proporcionar o céu... E ainda lhe dar o sol, o mar e as estrelas do firmamento...

Aquela frase surpreendeu Katherine, diante da implícita e ousada sugestão de prazeres inimagináveis.

Ciente de que uma retirada estratégica muitas vezes é a diferença entre a vitória e a derrota, Fahid recolheu as roupas jogadas no chão, próximas à cama, e falou com firmeza enquanto se dirigia à saída da tenda:

— Pode trocar de roupa com privacidade... Quem sabe você não se convence da sabedoria das minhas colocações e não reconsidera a sua postura?

Sem mais delongas, Fahid desapareceu, deixando-a perdida num turbilhão aterrador de emoções ambíguas. No limiar de suas forças, Katherine desabou sobre as próprias pernas e pôs-se a chorar copiosamente, inteiramente prostrada no chão. Com o coração tomando do mais absoluto pavor, reconhecia que talvez... Somente talvez, Fahid estivesse com razão... Relembrando o trágico encadeamento dos fatos, efetivamente seu desdobrar conspirava à conclusão de que também morrera no desafortunado naufrágio...

A parada subsequente da caravana deu-se nas imediações de uma aldeia berbere, típica das montanhas do Rif. Para espanto de Katherine, a maior parte da população local envergava mantas de lã de listras vermelhas e brancas, denominadas de *fouta*, e chapéus de palha para se proteger da claridade do sol. Diferentemente de Tânger, não havia véus escondendo o rosto das mulheres, o que contribuía para um clima mais descontraído de seus habitantes. Suas casas construídas de pedras e cobertas com palha seca eram encravadas nas encostas rochosas, garantindo segurança aos seus moradores e servindo de estratégico ponto de vigília das plantações cultivadas em férteis terraços

escalonados, o que ajudava a inibir a ação de invasores.

Uma quantidade significativa de ovelhas pastava livremente no campo e diversas crianças brincavam despreocupadas, correndo e gritando para todas as direções, seguidas por cachorros barulhentos e saltitantes.

O contínuo fluxo de pessoas na aldeia era notável. O cenário era formado por mulheres carregando fardos de lenha na cabeça ou enormes vasos de cerâmica cheios de água. Outras tantas andavam com seus bebês enlaçados às costas, garantindo-lhes mobilidade nos afazeres diários. Compunham ainda a paisagem: homens alimentando cavalos; ferreiros amolando pequenas peças de ferro; comerciantes expondo seus artigos em tablados improvisados; cabras com seus sinos pendurados no pescoço e mulas carregadas de vegetais e ervas recém-extraídas das hortas comunitárias.

Sentada ao lado das outras mulheres da tribo, Katherine passou a maior parte do dia envolvida na delicada atividade de preparar um dos pratos que seria servido naquela noite. Inobstante o seu evidente despreparo culinário, esforçou-se em cumprir suas funções com zelo. Hidratou os grãos de semolina que dariam origem ao cuscuz, tal como lhe ensinou uma enrugada senhora de meia-idade, e temperou com especiarias a galinha colocada a sua frente.

Ainda bem que o animal já estava morto e tratado! — pensou Katherine, ao inspecionar aliviada a galinha entre suas mãos.

Dando sequência à tarefa, passou a cortá-la em pequenos pedaços, juntamente com os legumes que seriam posteriormente misturados. O resultado desses ingredientes formaria um prato muito apreciado no Marrocos. Enquanto Katherine se concentrava, entre uma facada e outra, em preservar intactos os dedos das mãos, Cecilla juntou-se ao grupo.

— Vejo que milady conseguiu se entender com as outras mulheres — observou Cecilla contente com o entrosamento do grupo.

— Há alguns códigos universais de comunicação. Basta saber fazer bom uso deles e tudo funciona às mil maravilhas — explicou Katherine, feliz por ter preenchido satisfatoriamente o seu tempo, afastando de si os desagradáveis pensamentos das semanas anteriores.

— Embora eu tenha relutado com a ideia de milady participar das tarefas da aldeia, reconheço que lhe fez muito bem — confidenciou Cecilla ao se sentar ao lado de Katherine.

— Ocupar a mente é uma forma eficaz de afastar os fantasmas da nossa existência — asseverou Katherine com realismo.

— Compreendo... — falou Cecilla, remexendo nas tampas e levando ao nariz alguns frascos de pimenta, cardamomo e cominho, displicentemente acomodados sobre a bancada de madeira.

Curiosa e intrigada sobre o tipo de ligação que existia entre Cecilla e o príncipe Fahid, Katherine perguntou de modo casual:

— Você conhece Fahid há muito tempo?

— Sim... Meu pai integrava a guarda pessoal do príncipe Taufik, pai do príncipe Fahid, antes mesmo de se casar. Portanto, posso afirmar que desde crianças nos conhecemos.

— Interessante... — disse Katherine meneando a cabeça — Contudo, seu pai atualmente trabalha para o príncipe Fahid, não é isso?

— De fato. Desde o dia em que fui salva das traiçoeiras águas do rio Ziz pelo jovem príncipe Fahid, meu pai lhe devotou irrestrita lealdade. Não é por acaso que atualmente é o chefe da sua guarda pessoal.

— Pelo que você acabou de relatar, posso deduzir o quanto você lhe é grata... — refletiu Katherine em voz alta, sepultando qualquer esperança de ser ajudada em seus planos de fuga por Cecilla.

— Isso é verdade — confirmou Cecilla com vigor. — Por pouco não morri afogada. Devo-lhe a minha vida!

Mudando a direção de sua abordagem, Katherine inquiriu:

— E o seu inglês fluente, onde aprendeu? Desconfio não ser muito fácil estudar outras línguas por aqui.

— Felizmente, minha mãe era de ascendência europeia. Coube a ela me ensinar não só o inglês, como o espanhol, sua língua natal.

— Quer dizer que sua mãe era espanhola?! — admirou-se Katherine.

— Exatamente — respondeu Cecilla.

— Agora está explicado o porquê da sua pele branca em contraste com olhos e cabelos pretos! — concluiu Katherine, com fascínio na voz. — Desde a primeira vez que a vi, com esta cabeleira lisa, suspeitei não ser marroquina. As outras mulheres que encontrei em Tânger tinham cabelos ondulados e pele bem bronzeada, com feições marcadamente árabes. Decididamente não é o seu caso.

Em seguida, emendou:

— Você sempre viaja com o príncipe Fahid?

— Não... Desta vez o acompanhei porque o destino final da viagem era Tânger, onde há um comércio singular, com variedade expressiva de artigos finos, dado o formidável movimento do seu porto. Como sou responsável pela administração da casbá, aproveitei para comprar mantimentos que não achava nos mercados de Marrakech.

— Mas eu tive a nítida impressão de você já conhecer as pessoas desta aldeia... — verbalizou Katherine confusa.

— Claro que os conheço!

E seguiu Cecilla, contextualizando Katherine nas particularidades locais:

— O príncipe Fahid é amigo do chefe dos Rifanos, Aladino Ajdari, tanto que comercializa e transporta todo o azeite e lã fabricados na região. Por isso, sempre que passamos pelas redondezas, meu senhor faz questão de visitá-lo. E quando eu necessito de algum produto específico, venho pessoalmente buscá-lo.

— Ao menos, eu não estava equivocada em minhas observações... — tranquilizou-se Katherine.

— E os encontros são sempre festivos — avisou Cecilla alegremente. — Você poderá conferir esta noite com seus próprios olhos.

— Pela quantidade de comida que testemunhei ser preparada hoje, acredito piamente em suas palavras — respondeu Katherine aquiescendo.

— Então, proponho nos apressarmos. Ainda teremos de nos ajeitar para as festividades e não seria educado chegarmos atrasadas — concluiu Cecilla levantando-se da mesa. Atitude prontamente imitada por Katherine.

O frescor noturno permeava o ar, fazia um bom tempo, e várias pessoas estavam reunidas na área

central do povoado. Fogueiras iluminavam o ambiente, transmitindo uma aprazível sensação de calor, o que compensava as baixas temperaturas das montanhas. Como era de se esperar, Fahid entretinha-se numa acalorada conversa com Aladino Ajdari, confortavelmente sentado em largas almofadas estrategicamente dispostas sobre tapetes artesanais, no espaço reservado aos convidados do líder tribal. Saboreava, como os demais, o famoso vinho tinto da região de Meknès e as comidas berberes que não paravam de circular.

A música contagiava os convidados. O ritmo ancestral de flautas e tambores enfeitiçou Katherine, que passou a registrar os mínimos detalhes a sua volta. A forma atenciosa como as mulheres interagiam e cuidavam de servi-los, os ornamentos, as roupas festivas e a alegria de usufruir da vida comunitária, ditada essencialmente pela solidariedade. Nada do que vivenciara na Inglaterra se comparava àquela profusão de cores, sons e cheiros.

Coube a Cecilla agir como tradutora de Katherine, que fez questão de provar cada comida oferecida. Entretanto, foi o *tajine* de galinha *Mqualli* que repetiu sem cerimônia, deliciando-se com seu paladar agridoce. Até mesmo o vinho tinto foi degustado com deleite, sem se importar com os efeitos adversos do seu consumo excessivo.

Enquanto comiam e bebiam, um grupo de dançarinas iniciou uma apresentação da dança do ventre. Encantada com a sinuosidade e sensualidade dos movimentos, Katherine sentiu-se envolvida por aquela cena extraordinária. Suas roupas brilhantes, bordadas e decotadas prendiam a sua atenção. O sorriso e o entusiasmo contagiantes das dançarinas, acompanhados pelo compasso das mãos dos convidados, deram-lhe inexplicavelmente a impressão de fazer parte daquele exótico lugar.

Ao esquadrinhar os lados à procura de Cecilla, momentaneamente ausente para pegar um chá de menta, Katherine deparou-se com o perscrutador olhar de Fahid. A intensidade com que a observava fez Katherine se perder nas profundezas daqueles incríveis olhos âmbar, realçados pela luz flamejante das chamas vermelho-alaranjadas das fogueiras. Um mundo etéreo de silenciosas promessas invadiu Katherine, deixando-a misteriosamente maravilhada.

O porte altivo de Fahid e os cabelos pretos na altura dos ombros, associados à elegância comedida de seus trajes de corte impecável, desprovidos de modismos e ostentação, conferiam uma distinção e uma fidalguia difíceis de ver nos concorridos salões ingleses. Em outra realidade — reconheceu Katherine — seria presumível se encantar com o seu charme arrebatador.

O magnetismo somente foi rompido com a repentina aparição de Cecilla. Admirada com a desconhecida magia partilhada com Fahid, Katherine preferiu não aprofundar os motivos daquele encontro de almas.

Sem entender a súbita mudança do comportamento de Katherine após a sua volta, questionou Cecilla preocupada:

— Aconteceu alguma coisa que a desagradou no período em que eu estive fora? Sinto-a dispersa... Você parecia feliz e integrada à festa.

— Desculpe a minha distração — despistou Katherine. — Às vezes, a minha mente divaga livremente e eu esqueço onde estou... Não ocorreu nada de relevante durante a sua ausência — garantiu Katherine mais para si mesma do que para Cecilla.

— Bem... isso me tranquiliza.

Paralelamente, na outra extremidade da mesa, Aladino Adjari põe o copo de vinho sobre o tablado onde estava a refeição e dirige-se a Fahid:

— Com todo respeito, o que você prometeu para *Alá* para ter uma mulher como essa? E ainda por

cima visivelmente apaixonada por você!

— Meu amigo, seguramente sua beleza é incomum. Mas não julgue pelas aparências! As coisas não andam nada fáceis entre nós... Por certo, paixão não se encaixa no rol de sentimentos que ela me devota... — falou Fahid, olhando os negros cabelos de Katherine esparramados em suas costas, enfatizando ainda mais as suas feições perfeitas.

— Não pode ser verdade! — rebateu Aladino incrédulo. — As moças das mais abastadas e tradicionais famílias de Fez e Marrakech dariam a própria vida para estar em seu lugar. Eu mesmo conheço várias nessa situação... Não é todo dia que um homem da sua estatura sucumbe aos encantos do sexo oposto. Para ser sincero, não me recordo de ter presenciado nada semelhante.

— Confesso que fiquei impressionado com ela desde a primeira vez em que a vi... Contudo, o caminho até o seu coração promete ser mais difícil do que julguei a princípio — reconheceu Fahid, com total discernimento dos obstáculos a enfrentar nessa empreitada.

— Se é o que diz... — aconselhou Aladino confiante —, demonstre o quanto você pode satisfazê-la na cama! Toda mulher anseia, mesmo sem saber, por um amante ardoroso, capaz de fazê-la se sentir desejada como nenhuma outra... O olhar de adoração que entrevi só pode significar um sentimento mais profundo. Siga os conselhos do seu velho amigo. Afinal, eu administro três esposas. E você sabe que isso requer habilidade com o universo feminino... Graças a *Alá*, esta qualidade eu tenho de sobra. Pode confiar! — garantiu Aladino com orgulho e segurança.

— Vou ponderar sobre as suas recomendações — disse Fahid com diplomacia para não ferir a vaidade do amigo, inobstante tivesse consciência do abismo que o separava de Katherine. No fundo, Fahid queria acreditar naquelas palavras de incentivo. Infelizmente, a realidade era bem diversa.

O percurso para o acampamento deu-se num silêncio harmonioso. Envolvida nas lembranças daquela noite, Katherine somente voltou a si quando entrou na tenda e viu Fahid logo atrás. Temerosa do comprometimento que tal convivência poderia implicar, Katherine tentou argumentar, no intuito de fazê-lo compreender o absurdo daquela postura intransigente.

— Pelo visto, você não desiste... Vai continuar tentando me impor a sua presença. Não vê que essa arrumação das coisas é insustentável? — indagou Katherine com raiva na voz, encaminhando-se ao meio da tenda.

— Eu também já lhe expliquei que durante a viagem dividiremos o mesmo espaço — contrapôs Fahid tirando a blusa que usava com naturalidade e deixando à mostra o torso desnudo, permitindo a Katherine divisar seu corpo atlético, delineado por intensa atividade física.

— Essa sua imposição é definitivamente inaceitável! Você sabe que nada disso é necessário — externou Katherine aproximando-se de Fahid, com a intenção de encará-lo.

E prosseguiu indignada:

— Bastava você agir como um cavalheiro e contactar meus pais. No entanto, não é o que ocorre. Você simplesmente ignora a verdade e passa a me tratar como se sua fosse.

— E você não é minha, Katherine?! Só você não quer enxergar esse fato — afirmou Fahid com serenidade assombrosa, excessivamente próximo do seu rosto.

— Como uma pessoa pode ser insensível e detestável a esse ponto? Porventura não tem coração

nem sentimentos?! Não percebe que não posso ser feliz aqui? Pelos céus... O que pretende ganhar com essa insanidade? Ou quem sabe a sua intenção é me deixar desesperada ao extremo e me levar à loucura?! — inquiriu Katherine transtornada.

— Ou será que todo esse desespero não esconde a vontade de rever o seu adorável noivo na Inglaterra? — falou Fahid, olhando-a desafiadoramente nos olhos.

— Como se atreve a dizer uma coisa dessas?! — exaltou-se Katherine, fuzilando-o com o olhar.

E disparou sem dar chances de Fahid responder:

— Ainda que Etham não existisse, é inquestionável que minha vida está irremediavelmente ligada à Inglaterra. Sem se falar na debilitada saúde de tia Margareth que exige cuidados especiais... Eu sou responsável pelo seu bem-estar!

Em seguida, reiterou seus argumentos:

— Minha família o recompensaria regiamente para me ter de volta. Portanto, até numa perspectiva prática, essa confusão não tem cabimento! Você não sofreria quaisquer prejuízos financeiros.

Cansado daquela cantilena, Fahid provocou-a deliberadamente:

— Refletindo sobre o que acabou de narrar, concordo que o seu querido Etham não é o fator decisivo... Nem mesmo homem bastante para você! Caso contrário, jamais teria navegado em águas perigosas, abandonando-o sem remorso — sentenciou Fahid.

— Eu devo estar delirando! Quem você pensa que é para se dirigir a mim desse jeito?! — verbalizou Katherine revoltada com tamanha presunção. — Mesmo não sendo da sua conta, apenas para aplacar a sua insólita curiosidade — emendou Katherine com um sorriso maldoso —, o marquês de Huntley, Etham Bedford, é um homem bonito, rico e beija muitíssimo bem. Indiscutivelmente, é um dos melhores partidos da Inglaterra. E você, nem se esforçando, conseguiria chegar aos seus pés! — arrematou Katherine ferina, afastando-se de Fahid com ar triunfante.

Tomado pelo ciúme irracional, Fahid se aproximou rapidamente e segurando Katherine pelo braço, puxou-a de encontro ao peito nu para beijá-la com incontida paixão, liberando naquele gesto um desejo primitivo e insidioso, até então cuidadosamente represado.

Estarrecida com aquela atitude intempestiva e pela emoção de se sentir a mulher mais desejável da terra, foi impossível para Katherine repeli-lo, como seria adequado. A pele de Fahid irradiava calor ao simples toque de suas mãos. O cheiro inebriante de seu corpo másculo aniquilou qualquer vestígio de lucidez. Por mais abalada que estivesse com a discussão de segundos atrás, uma plêiade de sensações novas descortinava-se daquela boca vigorosa que exigia total submissão, provando sem inibições o sabor dos seus beijos. O pulso dele estava acelerado e ansioso na mesma proporção do dela. Seus corpos colavam-se numa urgência pecaminosa, denunciando a rigidez da virilidade de Fahid e o quanto ele ansiava pela concretização do ato físico.

Tentando disfarçar os efeitos das impactantes carícias de Fahid, Katherine se soltou de seus braços com as faces rubras de vergonha, no intuito de pôr ordem em seus desalinhados e contraditórios sentimentos. Determinada a ocultar seu embaraço, decide cascavilhar aleatoriamente o baú, para ocupar as mãos e a mente.

Sem se dar por vencido, Fahid envolveu Katherine pela cintura e murmurou cadenciadas frases em árabe perto dos seus ouvidos. Aqueles sons tinham o mágico poder de aplacar qualquer reação de repúdio. Vagarosamente, aspirou o suave perfume dos sedosos cabelos negros, soltos em cascata pelas costas eretas. Afastou-os para o lado, beijando com sensualidade a pele exposta da nuca.

Dominada pelo desejo desenfreado que aquele homem provocava, Katherine deixou-se guiar por seus instintos, virando-se em seus braços para ser outra vez beijada com volúpia. O sangue fervia em suas entranhas, aflorando necessidades secretas, nunca experimentadas naquela amplitude.

Apenas quando Fahid desabotoou os botões da sua blusa e tocou-lhe eroticamente os seios alvos, a racionalidade sobrepujou o cipoal da paixão.

— Por favor... É melhor pararmos... — conseguiu externar Katherine entre beijos abrasadores, ao mesmo tempo em que tentava recolocar, com mãos trêmulas, a blusa em seu devido lugar.

— Por que parar? — sussurrou Fahid com voz mansa, segurando-a delicadamente entre os braços, para não a assustar. — É inegável que estávamos apreciando a experiência... — constatou sem tergiversar, acariciando seus lábios rosados com adoração.

Suspirando pesadamente, Katherine enfrentou a verdade:

— Não posso negar o que diz, mas não tenho a menor pretensão de me tornar sua amante. Você sabe tanto quanto eu que pertencemos a mundos inconciliáveis. Não vou ser seduzida por você, nem por qualquer outro homem.

— Se você quer complicar as coisas, o que eu posso fazer? Sei ser paciente — afirmou Fahid com convicção, dando-lhe as costas.

E continuou com pacífica entonação:

— Entretanto, não adianta acalentar fantasias... Quer você goste ou não, a sua vida é no Marrocos. E será ao meu lado que você viverá. Se acha que pode adiar indefinidamente o inevitável, o tempo dirá quem tem razão.

Sem se fazer de rogado, Fahid despiu-se na frente de Katherine, ignorando-lhe a presença, e pôs sua calça de pijama, deitando-se sem cerimônia na única cama disponível daquele cômodo. Indecisa acerca da melhor forma de agir naquelas circunstâncias, Katherine decidiu que também dormiria na cama. Porém, escolheria um traje mais condizente com o contexto. Nada de camisola! Em vez disso, usaria as outras roupas que disfarçavam seu corpo. Não podia baixar a guarda ao lado desse homem imprevisível. Era obrigada a reconhecer a perfeição de sua compleição física e nunca é prudente dar sorte ao azar...

O sol estava alto no firmamento quando Katherine saiu da tenda. A forte claridade cegou-lhe a visão por alguns instantes, forçando-a a cobrir os olhos com as mãos. Outra vez, a eficiência dos homens de Fahid fora posta à prova. A caravana ficou organizada literalmente da noite para o dia. Homens e animais estavam posicionados em seus lugares, aguardando a ordem de iniciar a longa e lenta caminhada que serpentearia os majestosos vales montanhosos. Segundo Cecilla, seguiriam rumo a Fez, atual capital do Marrocos.

Quem sabe nessa nova cidade não surgiria alguma chance de escapar?! — conjecturou Katherine com o coração transbordando de expectativa.

Se na primeira parte da viagem Fahid andara ausente, agora para onde Katherine fosse lá estava ele acompanhando seus passos, supervisionando todos os seus movimentos. Ao menos, não precisariam dormir na mesma tenda no período em que estivessem na estrada. Tal arranjo atenuou as apreensões que a haviam assolado nas duas noites anteriores, diante de tanta intimidade indesejada.

Os dias se sucederam na mesma rotina: viajar enquanto havia luz a clarear o caminho e parar quando as sombras da noite escureciam a paisagem, obstando a visibilidade da estrada. Nesse momento, as fogueiras eram acessas e cozida a refeição, inclusive a comida que seria consumida no dia seguinte. Os animais eram colocados para descansar, liberando-os do pesado carregamento que levavam. Sacos de dormir de um tecido quente e confortável protegiam os viajantes do enregelado e cortante ar noturno. Apenas os utensílios básicos e os mantimentos eram desempacotados, facilitando a ágil retomada do percurso. Pelos cálculos de Katherine, estavam viajando há cerca de cinco dias e o cansaço dominava inteiramente seus sentidos. Seu corpo estava alquebrado e dolorido. O anúncio da chegada em Fez no início da tarde trouxe-lhe novo ânimo, ante a possibilidade de encontrar brechas no esquema de vigilância de Fahid.

Todavia, ao transpor o Bab Boujeloud, portão oeste da muralha de Fez, com sua fachada e telhado azuis, mas interior verde, Katherine convenceu-se de que a lucidez remanescente abandonou-a completamente. Diante de si estava uma autêntica cidade medieval árabe, com sua peculiar arquitetura.

As labirínticas ruas de Fez não estavam em seus planos de fuga. Não contava com a multiplicidade de vielas, ruas apinhadas de gente, becos e passagens estreitíssimas que mal davam para um homem passar com um burro. As construções assimétricas tornavam uma missão quase impossível memorizar um simples trajeto retilíneo. Somente uma pessoa nascida e crescida ali poderia mover-se com desenvoltura naquele caótico conjunto de prédios de argila e cal. A desagradável sensação de que quanto mais andavam em direção ao centro da medina menos tinham percorrido avolumava-se em seu íntimo. Um incômodo sentimento de alerta tomava conta de seu ser. Era tudo paradoxalmente igual e confuso. Perder-se seria extremamente fácil, concluiu Katherine preocupada.

Por outro lado, Katherine também notou que Fahid desgarrou-se discretamente da caravana assim que atravessaram os portões da medina. Sem o seu constante monitoramento seria mais fácil driblar as sentinelas. Enfim, era a chance ardentemente esperada.

De acordo com as informações captadas pelos atentos ouvidos de Katherine, apenas repousariam aquela noite no Fondouk Nejjarine, uma espécie de hospedaria onde viajantes e animais podiam se abrigar e descansar em total segurança. Seus dois pavimentos superiores eram voltados para o pátio interno, conferindo luminosidade aos corredores. Enquanto os animais eram recolhidos e alimentados e os demais membros da comitiva tentavam localizar um espaço para guardar seus pertences, Katherine preferiu ficar nas imediações do portão de entrada. Dali seria viável executar seu plano de fuga. Não transcorreram dez minutos para o momento se materializar. Outra caravana acabara de aportar, lotando o pátio da estalagem, com várias mulheres igualmente recobertas com *haik* negro. Essa uniformidade de vestimenta era perfeitamente conveniente aos seus propósitos, pensou Katherine irônica. Sem mencionar a balbúrdia de vozes humanas e sons de animais que compeliam as pessoas a gritar e gesticular sem parar, caso quisessem conversar com quem estivesse ao seu lado.

É tudo o que eu pedi a Deus! — murmurou Katherine baixinho para si mesma.

Sem perder tempo, Katherine aproximou-se do novo grupo e de lá se esgueirou nas sombras da parede externa. Ao pôr os pés na rua, misturou-se propositalmente à multidão que andava em múltiplas direções. Com seu árabe elementar, entrou na primeira loja de roupas femininas que avistara e indagou o endereço da Embaixada Britânica. Depois de procurar incansavelmente por mais de duas horas pelas embaralhadas e tumultuadas ruas de Fez, lágrimas do mais profundo alívio

e felicidade escorreram pelo rosto de Katherine ao avistar a bandeira britânica tremulando sobranceira no mastro defronte da embaixada. Finalmente, iria para casa.

Convencido de que a verdade era o caminho correto a trilhar em qualquer situação, Fahid chegou ao imponente e suntuoso Palácio da Justiça do governo imperial determinado a cumprir a sua parte no acordo celebrado com Nabih. Sentado atrás da dourada escrivaninha, cravejada de pedras preciosas e banhada a ouro do seu elegante gabinete, o vizir Hassan Khalife o aguardava. Papéis e pastas para todos os lados indicavam o grande volume de trabalho e a responsabilidade que repousavam sobre seus ombros estreitos. Assim que o viu passar pela pesada porta de madeira talhada, através de suas grossas lentes de leitura, levantou-se e abraçou o amigo de infância com entusiasmo, beijando-lhe as faces.

— *Salamaleicom* — cumprimentou Fahid.

— *Ualeicom salaam* — respondeu Hassan com alegria. — A que devo a honra da sua nobre visita? Deve ser algo importante para fazê-lo alterar a rota até Fez... Só não me diga que o bibliotecário da Djemaa El Kairaouine descobriu algum exemplar raro para você e me traiu mais uma vez!

— Não seja excessivamente rígido em seu julgamento. Sou apenas um homem premido pelo incessante dever do trabalho, com pouco tempo livre para mim mesmo, sendo forçado a vir menos a Fez do que gostaria... — declarou Fahid em tom descontraído, posando-se premeditadamente de vítima.

— Não seja dissimulado comigo! — rebateu Hassan entre sorrisos, batendo-lhe de leve nas costas. — Eu sei muitíssimo bem o quanto você detesta o convívio da corte. Só não compreendo como uma pessoa consegue ficar tantos meses escondido nas montanhas como você! Não sei o que faz de instigante por lá...

— Vou me esforçar para ser mais sociável — penitenciou-se Fahid para aplacar as justas reclamações do amigo.

— Antes que eu me esqueça das boas maneiras: por favor, sente-se! — proferiu Hassan, indicando as almofadas onde poderiam conversar à vontade. — Gostaria de um chá de menta?

— Agradar-me-ia bastante.

Ultrapassada as cortesias e as amenidades sociais, Fahid passou a falar com objetividade:

— Como eu sei que é um homem muito ocupado, quero lhe tomar o mínimo de tempo possível...

— Não se preocupe com isso... Entre nós não há cerimônia. Para você eu tenho todo o tempo do mundo — garantiu Hassan com amizade.

— Obrigado.

Em seguida, Fahid deu início a sua explicação:

— Eu não sei se você se recorda do meu primo Nabih Manshad Al-Johar...

— Lembro-me vagamente dele. Se a minha memória não me falha, o seu parentesco era pelo lado materno — assentiu Hassan intrigado. — Também me recordo que vocês não se davam muito bem.

— Efetivamente, você tem uma memória prodigiosa — elogiou Fahid com um sorriso se insinuando no canto de seus lábios.

E prosseguiu:

— A despeito das nossas diferenças, são os negócios do meu primo que me trazem até Fez — externou Fahid sem meias palavras. — Como você sabe, eu vivo viajando por conta da Mediterranée. Desta vez, eu estava em Tânger e fui inesperadamente procurado por Nabih em meu acampamento. Há mais de dois anos que não nos víamos. No encontro, contou-me que teve um importante carregamento apreendido e confiscado pelo governo marroquino. Basicamente, a acusação imposta é de fraude contábil. Disse estar desesperado e implorou que eu intercedesse a seu favor, pois se lembrava da nossa amizade. Segundo alega, a permanência da penalidade arbitrada pelo governo imperial será a sua ruína financeira.

Hassan acompanhava atentamente a exposição de Fahid.

Em seguida, continuou Fahid com transparência:

— Honestamente, eu não possuo nenhuma prova ou evidência que seja capaz de inocentá-lo. Na realidade, eu não descartaria a possibilidade de ele estar deliberadamente mentindo para salvar a própria pele. Porém, como eu estou lhe devendo um inusitado favor, não tive alternativa senão interceder em seu nome. Ressalto que, no começo, as coisas tinham uma feição absolutamente distinta...

Após uma pausa, arrematou com um suspiro resignado:

— A vida e suas misteriosas reviravoltas me fazem estar hoje na sua frente!

— Em síntese, você está pagando um favor ao seu primo... — repetiu Hassan com certa dose de incredulidade, estreitando o olhar com indisfarçável curiosidade.

— No final, é exatamente isso — confirmou Fahid sem titubear.

— Custa-me crer que Nabih possa ter-lhe feito alguma coisa de útil, a ponto de fazê-lo vir a Fez advogar a seu favor — declarou Hassan estupefato. — Perdoe a minha indiscrição, mas é difícil imaginar uma coisa dessas!

— Para você ver como a vida é irônica e cheia de artimanhas! Nem eu estou acreditando no que estou fazendo... A princípio, as razões eram outras e nada tinham de pessoais, mas atualmente é totalmente diverso... — disse Fahid sorvendo demoradamente os últimos goles do seu chá. — Por isso, como prometi a Nabih vir falar pessoalmente com você, aqui estou!

Após meditar por alguns segundos, o vizir tomou a sua decisão:

— Talvez pudéssemos achar um meio termo que agradasse aos dois lados — ponderou Hassan com astúcia. — Decididamente, a perda de todas as mercadorias é uma pena excessivamente onerosa para qualquer comerciante. Quem sabe substituí-la por uma multa correspondente a dois por cento do valor dos bens transportados por infringir os princípios da escrituração contábil seja uma solução mais adequada ao caso concreto... Qual é a sua opinião sobre esta possível solução? — indagou Hassan.

— Penso ser excelente. Para quem perderia tudo, as condições deste ajuste não poderiam ser melhores — afirmou Fahid visivelmente satisfeito com a nova penalidade sugerida por Hassan.

— Também me parece uma saída bastante razoável — verbalizou Hassan igualmente contente pela solução dada.

— Não sei como lhe agradecer, meu amigo! Se precisar de alguma coisa estarei sempre ao seu dispor — falou Fahid levantando-se para se despedir.

— Conhecendo-o todos esses anos, sei que apenas algo realmente significativo teria feito você se empenhar na defesa de Nabih. Não poderia lhe negar um favor dessa magnitude.

Entretanto, Fahid mal pudera desfrutar do sucesso da sua visita. Foi só ele colocar os pés para fora do refinado escritório do vizir para se deparar com a descomposta figura de Youseef, seu chefe da guarda pessoal, correndo esbaforido e completamente molhado de suor através do portão do Palácio da Justiça. A única frase dita — "Ela fugiu" — liberou um torvelinho de emoções desencontradas. Ao mesmo tempo em que Fahid tinha vontade de estrangular Katherine com as próprias mãos, ansiava por achá-la sã e salva, livrando-a dos perigos que aquela atitude imprudente poderia desencadear.

Pego de surpresa, Fahid esbravejou enfurecido:

— O quê?! Como isso pôde ter acontecido?!

— Não sabemos dizer... — disse Youseef constrangido, com os olhos fixos em suas mãos nervosas, incapaz de encarar Fahid.

— Como é que dezenas de guardas são ludibriados por uma única mulher?! — Desabafou com raiva da imperdoável ineficiência dos seus homens. Manchas vermelhas tingiam-lhe o rosto, indicando o quanto estava contrariado.

Numa atitude pragmática, Fahid decidiu não perder tempo com a identificação dos culpados. O que tinha que fazer era agir para reverter aquela situação urgentemente. Pensando rapidamente, Fahid resolveu concentrar suas buscas nas adjacências da Embaixada Britânica. Esse seria o destino escolhido se estivesse no lugar de Katherine. De nada adiantaria vagar a esmo pela medina, se o objetivo era chegar à Inglaterra.

Que Alá a protegesse de todo o mal! — rezou Fahid com fervor.

Todos os homens de Fahid tinham sido arregimentados na missão de localizar Katherine. Grupos de três tinham sido dispersos pela medina com ordens de abordar qualquer pessoa suspeita que estivesse vestida de *haik* negro.

Fazia mais de uma hora que reviravam cada buraco e reentrância das imediações da Embaixada Britânica e nem sinal daquela inglesa astuciosa e intempestiva — exasperava-se Fahid, passando a mão nervosamente nos cabelos. Esquadrinhando cada ângulo da rua, Fahid apenas avistou uma carroça com a roda quebrada; dois homens sentados em banquetas fumando narguilé; uma vendedora de finas cerâmicas de cobalto com suas peças azuladas expostas sobre mantas; e um agrupamento de mulheres voltando da feira, com as sacolas abarrotadas de frutas e verduras. Sem conter a angústia, Fahid olhou pela enésima vez para as redondezas; gotas de suor brotavam em sua testa devido à aflição.

Atento aos mínimos detalhes, Fahid notou que uma das mulheres não integrava o grupo. Sem refletir, Fahid atravessou a rua e interceptou-a de supetão. O grito de indignação que se seguiu e a confusão de limões, laranjas, cebolas e tomates espalhados na calçada, diante do inesperado susto, deu-lhe a exata percepção do equívoco cometido. Desconcertado, Fahid pôs-se a recolher os produtos num gesto de desculpas. Enquanto estava abaixado, observou uma mulher acompanhada de uma criança vir em sua direção. O moleque puxava o *haik* preto e apontava para a Embaixada Britânica.

Ao identificar os olhos azul-esverdeados de Katherine, Fahid não sabia se a beijava e abraçava

ou se lhe dava umas boas palmadas por tamanho atrevimento. Tinha que reconhecer a engenhosidade de se deixar guiar por uma criança. As chances de se envolver em problemas eram sensivelmente menores. Temendo uma fuga desordenada pela medina que despertaria a curiosidade dos passantes, Fahid manteve-se agachado, com o rosto escondido nas sombras. Quando Katherine passou ao seu lado, Fahid ergueu-se e segurou-a pelo braço com firmeza.

Com os olhos arredondados de espanto, Katherine deu-se conta do que acabara de ocorrer. O fato de ter sido encontrada a poucos passos de sua liberdade deixou-a momentaneamente paralisada. Sem hesitar, Fahid a colocou nos ombros, aproveitando-se do fator surpresa. Imediatamente, distanciou-se dos arredores da embaixada, evitando uma possível abordagem de autoridades inglesas que estivessem eventualmente assistindo à cena. Preciosos segundos foram desperdiçados até Katherine conseguir reagir à altura, conferindo a Fahid uma significativa vantagem, em que pesem os socos desferidos por Katherine em suas costas e os impropérios pronunciados ao longo do caminho.

Lágrimas de frustração teimavam em cair involuntariamente por suas faces, quando atravessou a entrada principal do Founduk Nejjarine. Nunca fora humilhada daquela forma em toda sua vida! — constatou Katherine tomada da mais pura indignação. O pior de tudo é que somente quando estava em seus aposentos seus pés voltaram a tocar o chão. Depois de tanto balançar nas costas de Fahid de cabeça para baixo, demorou a se reequilibrar sobre suas próprias pernas. Uma tontura desagradável revirava seu estômago, insistindo em não a abandonar. Ao se dar conta da altiva presença de Fahid no quarto, encarando-a com atenção, Katherine despejou-lhe toda sua ira:

— O que você ainda faz por aqui?! Por acaso, está conferindo se a sua mercadoria está intacta? — ironizou propositadamente.

— Acho melhor não se exaltar. Não vai lhe fazer bem — falou Fahid com a fisionomia preocupada.

— Francamente, você só pode ter algum distúrbio mental... Depois de todas as terríveis provações que me fez passar nessas semanas, julgo ser uma brincadeira de extremo mau gosto essa sua postura atenciosa.

— Você não tem noção do quanto eu fiquei apreensivo com o seu súbito desaparecimento. Foi uma atitude absolutamente imprudente e perigosa andar sozinha pela medina. Se você caísse nas mãos erradas, não sei o que seria de você! — declarou Fahid com seriedade.

— E você esperava o quê? Que eu ficasse aqui parada, aguardando o glorioso e improvável dia em que um raio cairá na sua cabeça e você decidirá me mandar de volta para a Inglaterra?!

Sacudindo a cabeça em sinal de reprovação, Katherine continuou:

— Eu não compreendo como um homem pode manter uma mulher ao seu lado, mesmo sabendo que ela não deseja tal destino. Que tipo de honra é essa?

Sem paciência para discussões, Fahid jogou-lhe a verdade na cara:

— Você se nega a reconhecer que qualquer um que tivesse dinheiro suficiente para pagar o preço estipulado por Laila poderia tê-la comprado. Quer você aceite ou não, o fato concreto é que a escravidão é amplamente praticada no Marrocos, como também está difundida em vários outros países ao redor da Terra. Portanto, procedi de acordo com os costumes do meu povo. Dentro dessa perspectiva, não há nada de repreensível na minha conduta, mormente quando não utilizei as minhas prerrogativas para forçá-la a fazer nada de impróprio ou eticamente condenável. Como prometi, apenas quando você consentir, ousarei me aproximar novamente... — defendeu-se Fahid com impecável senso lógico.

Respirando pesadamente, Katherine retrucou com cansaço na voz:

— Fica difícil argumentar com uma pessoa que decide pautar suas escolhas de vida em conceitos antiquados, há muito superados nos países mais desenvolvidos.

E olhando bem dentro dos olhos de Fahid, declarou com revolta:

— Você ainda se arrependerá amargamente por não me ter deixado voltar à Inglaterra. Efetivamente, não tenho como fugir deste maldito lugar, de modo que o meu futuro está ligado ao seu, ao menos, por hora. Mas fique certo de que não admitirei qualquer tipo de aproximação física vinda da sua parte!

Desejosa de pôr um ponto final naquela conversa, Katherine pediu a Fahid:

— Por favor, preciso ficar sozinha. Deixe-me descansar um pouco e usufruir do mínimo de privacidade.

Prontamente, Fahid retirou-se do quarto, informando a Cecilla que Katherine não queria ser incomodada por ninguém.

O sobe e desce da agulha no tecido translúcido que repousava nas mãos de Cecilla capturou a atenção de Katherine. Recostada nas almofadas da espreguiçadeira, ficou hipnotizada pelo vagaroso compasso da meticulosa arte de bordar. Não saberia quantificar o tempo que ficou a contemplá-la fixamente. Dez minutos... meia hora... Todavia, foi o tempo necessário para uma linda rosa lilás desabrochar dos delicados pontos.

O chamado do *muezzin* para as orações diárias trouxe-a de volta à realidade, retirando-a do seu transe. Aquilo era tão tipicamente marroquino... — constatou num suspiro conformado, ao alisar sua rodada saia preta. — Soava-lhe impensável transportar esse costume para as cidades europeias. Nem gostaria de imaginar o tumulto que se instalaria em Londres, acaso adotassem esse novo parâmetro religioso — ponderou com um meio sorriso nos lábios.

Dirigindo o olhar à claridade ofuscante da manhã que penetrava através das janelas entreabertas, Katherine indagou a Cecilla:

— Quando seguiremos viagem? Pensei que partiríamos hoje.

— Esse era o planejamento original. Contudo, pelos comentários do meu pai, negócios do príncipe Fahid não previstos na programação retardarão a nossa partida.

Então, ficaremos o dia inteiro em Fez... — registrou Katherine consigo mesma.

Refletindo realisticamente sobre os atuais desdobramentos da sua vida, tinha que admitir para si mesma não ter data para retornar à Inglaterra. Isso se levasse em conta a mais otimista das perspectivas. Forçada a se curvar aos odiosos fatos, ainda que momentaneamente, sugeriu a Cecilla:

— Se temos o dia inteiro livre, que tal perambularmos pelos *souks*? Deve existir uma interessante diversidade de raros e exóticos produtos. Afinal, se estamos na capital do reino do Marrocos com seu proeminente comércio, por que não aproveitá-lo?!

— O que milady deseja comprar? — perguntou Cecilla sem esconder o seu estranhamento com aquele pedido.

— Na verdade, estou precisando de roupas novas. Algo que retrate com maior fidelidade a vestimenta das famílias marroquinas. Recordo-me de que, em Tânger, muito se falava sobre a

elegância e requinte das jovens damas de Fez e Marrakech.

— Sei exatamente onde adquirir esses artigos... — assegurou Cecilla com entusiasmo. — Conheço diversos estabelecimentos na medina que vendem verdadeiras preciosidades. Milady irá amá-las!

Levantando-se da poltrona defronte de Katherine, Cecilla pôs-se a remexer na sua caixa de costura. Em seguida, com a fita métrica balançando de um lado para outro, asseverou:

— A único obstáculo é que dificilmente o príncipe Fahid permitirá irmos juntas. Principalmente, depois do incidente de ontem à tarde. Por isso, vou pegar as medidas de milady para não haver erros. De mais a mais, também pretendo repassá-las a um renomado atelier de costura que tem nos arredores. Quando os modelos escolhidos estiverem prontos, eles enviarão até nós.

— Detesto concordar com o que acabou de dizer, porém não posso negar a verdade das suas palavras — concordou Katherine, pondo-se em pé. — O que realmente lamento é que perderei uma enriquecedora experiência sobre os hábitos locais. Tudo por causa do meu conflituoso relacionamento com Fahid!

O semblante de Katherine não escondia a tristeza que lhe atingia a alma.

Enquanto estirava sem cessar a fita métrica, anotando as medidas de Katherine num pequeno pedaço de papel, Cecilla comentou penalizada:

— Não desanime. Quando finalizar o almoço, providenciarei tudo pessoalmente. Aproveitando seu interesse pelo Marrocos, veja este livro que discorre sobre curiosos aspectos da nossa cultura. Quem sabe isso não lhe traga um novo ânimo? — estimulou Cecilla, entregando um velho exemplar escrito em inglês, coberto por uma capa de veludo marrom.

— Obrigada por sua consideração — agradeceu Katherine com um sorriso gentil. — Vou tentar me concentrar na história.

E assim o fez Katherine.

Entretida na fluida leitura do depauperado livro, o restante do dia passou voando. Abismou-se com o escasso conhecimento dos povos europeus acerca da religião muçulmana. Não que pretendesse abandonar suas convicções religiosas, ou fazer apologia de tal ou qual credo. O fascínio de mergulhar num mundo desconhecido e inacessível à maioria das mulheres ocidentais é o que a prendia naquela instigante jornada intelectual.

Das descrições do livro, o grandioso Mausoléu de Moulay Idriss II foi o que mais despertou a sua curiosidade. Nesse local estão os restos mortais do fundador da cidade de Fez. De acordo com seu relato, peregrinos dos mais variados cantos do norte e oeste da África dirigem-se anualmente ao santuário para orar e fazer oferendas. Pelo que Katherine percebeu, Fez era um destacado centro do islamismo, albergando conceituadas *medersas*, escolas dedicadas ao estudo do livro sagrado do Alcorão, destacando-se as de Attarin e de Bou Inania. Além de ser conhecida sob o epíteto de Cidade Azul.

A penumbra noturna já encobria as construções da cidade e nem sinal de Cecilla. No entanto, não demorou muito para uma leva interminável de pacotes serem entregues em seu quarto, numa ininterrupta procissão. Instantes depois, Cecilla adentrava toda satisfeita pela porta.

— Como passou esta tarde sozinha? — perguntou com uma nota de preocupação em seu tom de voz.

— Confesso que o livro foi um agradável entretenimento. Para ser sincera, nem senti o tempo passar.

— Ótimo! — exclamou Cecilla. — Neste caso, fico aliviada em saber que as minhas apreensões foram infundadas.

Ao terminar de contar diligentemente os pacotes espalhados pelos quatro cantos do quarto, Cecilla virou-se para Katherine:

— Estou ansiosa para lhe mostrar o que comprei.

— Posso imaginar... — divertiu-se Katherine, colocando as mãos na cabeça, em clara demonstração de reprovação por aquele exagero. — Pelo tanto de coisas, você esvaziou os estoques de todos os bazares de Fez!

Sem se importar com o estrago financeiro que havia feito, Cecilla pôs-se a desembrulhá-los com incontida alegria, revelando as peças escolhidas com esmero.

Sapatos com salto recobertos de cetim combinando com as roupas; vestidos de seda e contas de vidro, blusas de musselina com apliques, conjuntos de saias e corpetes com mangas plissadas, roupas festivas de tafetá e veludo, com minúsculos bordados em pedrarias e pérolas, deslumbrantes caftans com brocados e diminutos botões dourados, cintos de metal rendilhados cravejados com belos cristais, maquiagem, perfumes, camisolas e uma infinidade de lenços e presilhas para, respectivamente, cobrir e prender os cabelos.

Uma profusão de intensas cores que variavam do azul ao amarelo, do verde ao vermelho, do rosa ao laranja, com seus dégradées, enchia a visão de Katherine.

— Isso é um verdadeiro tesouro! — declarou Katherine maravilhada. — Como conseguiu encontrar tantas peças lindas?!

— Nada que um punhado de moedas de ouro e os contatos certos não resolvam com facilidade — esclareceu Cecilla com cumplicidade.

— Agora ficou fácil entender o porquê de você administrar a casbá de Fahid. Sua eficiência é assombrosa. Não deixa passar absolutamente nenhum detalhe.

— Independentemente dos meus esforços, o importante mesmo é que milady, a partir de hoje, andará trajada como uma autêntica princesa!

Passados dois dias em Fez, a caravana retomou a estrada. Um dos passatempos prediletos de Katherine era aprender novas palavras em árabe e ouvir as histórias de Cecilla sobre as tradições e costumes de seu povo. Embora houvesse inaugurado uma relação amigável com Cecilla, Katherine tinha pleno discernimento de que a sua lealdade pertencia incondicionalmente a Fahid.

A parte final da viagem foi bem mais puxada, deixando Katherine extenuada. Todos queriam chegar o mais rápido possível. O sol inclemente não dava trégua, esvaindo a energia dos viajantes. Nas poucas paradas do percurso, Fahid sempre observava Katherine a distância, sem se atrever a se aproximar. Transcorridos mais de dez dias de marcha forçada na poeirenta trilha de barro, pararam num planalto verdejante, nas cercanias de um córrego de água limpa e transparente. À medida que avançavam para o sul, menor era a vigilância sobre Katherine.

Também pudera! Não havia viv’alma a dezenas de milhas dali! — concluiu Katherine aborrecida.

Aproveitando a ilusória sensação de liberdade, Katherine seguiu o fluxo do murmurejante curso d’água. Não precisou andar muito para encontrar um aprazível e desabitado lago de superfície

espelhada. Parou defronte e não resistiu à tentação de se banhar naquelas águas tépidas e cristalinas. Despiu-se e deixou as roupas protegidas num diminuto arbusto lateral.

Tomada pela saudade de seus familiares e perdida em conjecturas sobre os misteriosos caminhos da vida, não notou a princípio que Fahid tivera a mesma ideia. Somente quando ouviu sua voz foi que Katherine registrou a sua magnética presença.

— Deixei junto às pedras toalhas e uma barra de sabão negro com pétalas de rosas — comunicou Fahid apontando à direita. — Se quiser usá-los, não faça cerimônia.

Ao abrir os olhos com a intenção de reclamar a intromissão na sua privacidade, as palavras morreram na garganta de Katherine. Bem diante de si estava um dos mais belos exemplares da espécie masculina, inteiramente nu. A naturalidade viril com que Fahid se movia integrava-o ao ambiente. A nuance dourada de sua pele morena brilhava como ouro ao sol. Sem aguardar resposta, Fahid informou que iria nadar um pouco, afastando-se de Katherine que estava reclinada, com o corpo submerso nas proximidades da margem.

Suas faces escarlates intercalavam choque e revolta. Invadir a sua intimidade estava se transformando num hábito desconcertante. O pior de tudo é que era impossível se manter indiferente a Fahid.

O que fazer? — angustiava-se Katherine. — Este conflito vai acabar me matando!

Sem achar solução aos seus dilemas, por hora, decidiu colocá-los de lado.

— Cada dia a sua agonia... — afirmou num sussurro, recordando-se daquele velho adágio popular.

Não adiantaria nada estragar o seu banho com pudores exacerbados. Se já tinham dormido juntos na mesma cama, qualquer outra coisa perdia a sua importância — raciocinou realista.

Agradecida pelas providenciais toalhas, Katherine pegou o sabão que lhe fora oferecido. Enquanto se ensaboava, acabou não resistindo à vontade de espiar discretamente para Fahid. As vigorosas braçadas na água prenderam-lhe a atenção, a ponto de Fahid se sentir observado.

Com cautela, Fahid começou a puxar assunto:

— Um revigorante banho de rio, num idílico dia de verão, não tem preço! — externou com a água em sua cintura.

— Quanto a esse ponto, sou forçada a concordar integralmente com você. Principalmente, depois de intermináveis dias comendo poeira — observou Katherine numa reclamação velada.

Querendo amenizar a tumultuada relação que vivenciavam, Fahid enveredou por tópicos mais tranquilos:

— Na Inglaterra também se tem o hábito de nadar em rios?

— Se analisarmos pelo lado dos rapazes, não há controvérsias que é um comportamento corriqueiro. Amplamente aceito. Se analisarmos pelo lado das meninas, a resposta correta seria não ser comum, mas a prática é totalmente outra. Tudo depende de estar ou não longe das vistas de nossos pais! — explicou Katherine com risonha satisfação.

— E você obviamente era uma entusiástica adepta dessas práticas — disse Fahid pensando alto, sem ocultar seu divertimento.

— Quando era criança, a grande diversão em Greenfield House era reunir os amigos da mesma idade e fazer aventuras, que compreendiam desde escaladas em morros das propriedades até campeonatos de natação nas águas do rio Nave. Sem se falar nas inesquecíveis expedições pela mata e piqueniques nas clareiras.

— Tenho sérias desconfianças de que a condessa de Northwick não apreciasse essas iniciativas — deduziu Fahid, incentivando-a a contar mais de si.

— Nem me fale das reações de mamãe! — falou Katherine com um largo sorriso que quase deixou Fahid sem fôlego. — Todo verão era a mesma ladainha:

"Katherine, você não pode isso."

"Katherine, você não pode aquilo."

Em seguida, completou:

— Você sabe como as crianças são criaturinhas astutas e hábeis em burlar as regras impostas pelos mais velhos... E eu certamente não fugia à regra. Sinceramente, não sei como a babá Nicholson tinha paciência de desembaraçar meus cabelos e de limpar minhas roupas cuidadosamente impregnadas de lama e sujeira no decorrer de todo santo dia!

— Do jeito que você descreve, eu posso até visualizar a cena.

Repentinamente curiosa para desvendar mais detalhes da vida de Fahid, Katherine inquiriu sem se importar em ser indiscreta:

— E você sempre morou no Marrocos?

— Não... Quando criança, eu fui mandado para um colégio interno na França. Meu pai julgava importante que seus filhos tivessem uma formação europeia. Segundo suas ideias, era uma eficiente forma de ensinar as diferentes maneiras de viver e enxergar o mundo, permitindo futuramente circular nessas esferas sociais sem as amarras culturais.

— Homem sábio o seu pai — externou Katherine com uma pontada de admiração, embora não tivesse nenhuma outra referência dele.

— Nesse aspecto, sou forçado a concordar... Porém, não é nada fácil convencer uma criança de que o melhor para sua vida é ficar longe do convívio familiar. Especialmente, quando imperava um rigor quase espartano no dia a dia. Radicalmente diverso da infância bucólica que acabou de narrar. Seja como for, ajudou-me a compreender o estilo de vida dos países desenvolvidos, como Inglaterra, França e Espanha. Mais tarde, decidi retornar ao Marrocos e cursei a universidade em Fez. Atualmente, isso tudo se tornou um diferencial nos negócios — concluiu Fahid.

— Essa descrição explica a sua postura cosmopolita. Desde o início achei você além das tradições locais.

Desconversando, Fahid declarou:

— Muito bem... O banho está divino, mas está na hora de irmos... Daqui a pouco irá escurecer.

Movendo-se em direção à margem, Fahid falou com praticidade:

— Vou buscar as toalhas antes que fiquemos doentes, estirados em cima de uma cama, ardendo em febre!

Com a mesma desenvoltura com que entrara no lago, Fahid saiu. Gotículas d'água grudavam-se à sua pele bronzeada realçando a beleza de seus traços esculturais, emoldurados pela débil luz do entardecer. Enrolou-se numa toalha e estendeu uma para Katherine.

Encabulada, Katherine agradeceu:

— Obrigada... Se não for abusar da sua boa vontade, você poderia colocá-la junto das minhas roupas? Estão escondidas atrás daquela vegetação — apontou Katherine na direção do arvoredo, parcialmente abrigada pelas águas.

Compreendendo seu acanhamento, Fahid respondeu:

— Vou deixá-la onde me pede.

De costas, Fahid esperou, sem esboçar pressa, Katherine se vestir. Uma vez trajada, Katherine aproximou-se. Num sussurro apaixonado e sedutor, Fahid segredou:

— Sabe de uma coisa... Mesmo com os cabelos despenteados você continua adorável! Talvez seja essa a razão de a sua babá encobrir as travessuras de outrora... — afirmou aspirando o adocicado perfume de rosas.

Sorridente e cantarolando, Fahid tornou ao acampamento sozinho, abandonando Katherine na trilha, imóvel diante daquela declaração.

No dia seguinte, finalmente, alcançariam a fortaleza.

CAPÍTULO 10

Um distinto cavaleiro em desabalada cavalgada atravessava veloz os encantadores vales de Greenfield House, cobertos pela vegetação primaveril. Precisava chegar o quanto antes... Repetia sem cessar para si mesmo. Para isso, trocara de montaria duas vezes durante o longo percurso. A urgência impedira-o de parar para descansar. Os alimentos que colocara quase sem mastigar para dentro do estômago haviam sido digeridos há tempo. Nem se dera conta de que viajava fazia, praticamente, vinte e quatro horas.

Ao apear em frente ao pátio do palacete de esquadrias brancas e paredes de pedra calcária perolada, aguardou impacientemente ser recebido na entrada pelo mordomo. Seus trajes amarrotados e sujos de poeira, bem como as olheiras arroxeadas e a barba espetada eram testemunhas do tremendo esforço despendido para estar ali naquele instante.

Sem esperar ser anunciado, entrou apressado na residência que conhecia nos mínimos detalhes, dirigindo um ligeiro cumprimento a Dodgson, que segurava a maçaneta da porta com rosto estatelado. Com gestos decididos, entregou-lhe a sobrecapa imunda sem cerimônia e solicitou informações sobre o dono da casa.

Tinha de ver o conde de Northwick, George Hartington, imediatamente! — pensou resoluto. Sem sequer parar para respirar, pegou o corredor que levava à biblioteca.

Como era costume nas tardes, lorde Northwick estava envolvido na análise de importantes questões contábeis das suas propriedades. Contudo, a vista cansada estava tornando cada vez mais complexa esta singela tarefa. As pequenas letras dos relatórios exigiam um esforço sobre-humano para decifrá-las — constatou preocupado. Repousando o monóculo sobre a mesinha de centro defronte da confortável poltrona, onde habitualmente ficava em sua biblioteca, surpreendeu-se com a entrada intempestiva de seu genro.

Restabelecido da abrupta interrupção, lorde Northwick falou com apreensão, olhando para um extenuado Charles Leatham:

— Pelos deuses! O que aconteceu com você? Que vendaval é esse? Edward e Meredith estão bem?

— Mil desculpas pela desavisada visita... No entanto, o assunto não podia ser protelado... — justificou-se Charles com expressão tensa, denunciando ser portador de péssimas notícias. — A minha presença aqui não tem correlação nem com Meredith nem Edward — adiantou-se em tranquilizar.

Pressentindo que desdobramentos gravíssimos seriam revelados, lorde Northwick, na vã tentativa de protelar ao máximo aquele desafortunado momento, estirou a mão em direção ao sofá lateral e disse:

— Por favor, sente-se. Deseja comer ou beber alguma coisa? Tenho a impressão de que você não sabe mais o que é isso.

— Primeiro... é imperioso lhe mostrar algo.

Sem mais delongas, Charles retirou do bolso uma amassada carta que estampava o timbre da Embaixada Britânica na Espanha. Sem explicações adicionais, entregou-a ao sogro.

Um silêncio impregnado de dor preencheu o ambiente, assim que o conde de Northwick concluiu a leitura da funesta mensagem. Ao se levantar da poltrona, suas mãos enrugadas tremiam involuntariamente. Em questão de segundos tinha envelhecido uma década. Ficou contemplando o vazio de costas para Charles por um tempo considerável, recordando o feliz dia do nascimento da sua amada Katherine, com a penugem preta dos cabelos em contraste com a pele alva; as estripulias infantis que acabavam com algum joelho machucado ou na cama ardendo em febre; e a firme determinação de desafiar o mundo em que vivia, desde a mais tenra idade. Quando finalmente reuniu forças para falar, disse numa voz entremeada de incontido desespero:

— Essas informações são dignas de confiança? Tem certeza de que não há nenhum equívoco? Quem sabe não confundiram as embarcações...

— Antes de vir para Greenfield House, tomei o cuidado de checar a fonte da carta. Lamentavelmente, não há nenhuma confusão. Atenas também confirmou o desaparecimento do Mareville. Não tenho palavras para expressar o meu pesar... — disse Charles com as feições contraídas de tristeza. — Katherine era uma pessoa pela qual eu tinha profunda estima e consideração.

— Deve haver alguma outra explicação... Talvez tenham parado no meio do caminho por conta de alguma avaria repentina... Ou estejam perdidos em alguma ilha mediterrânea à espera de resgate... — conjecturou o pai numa típica atitude de negação da realidade.

— De acordo com a missiva, um dos tripulantes chegou a escapar e foi resgatado do alto-mar ainda com vida. Segundo seu relato, piratas atacaram a embarcação na calada da noite, pegando-os desprevenidos. Todos os bens de valor que estavam sendo transportados foram saqueados, antes de atearem fogo ao navio. Ninguém havia sobrevivido. Inclusive, o náufrago veio a falecer horas depois.

— Isso só pode ser um maldito pesadelo... Por que justamente ela?! Por quê?! — vociferava lorde Northwick consternado. — Como a vida poderia ser tão traiçoeira? Tão injusta e cruel? — questionava com amargura, andando de um lado para o outro, como se estivesse aprisionado dentro daquelas paredes.

Charles preferiu ficar calado, deixando-o extravasar o sofrimento que transfigurava a fidalga fisionomia. Doía-lhe na alma presenciar a extrema aflição do seu sogro pela perda da sua diletíssima filha.

Minutos depois, confessou o pai num murmúrio desolado:

— Katherine era a mais viçosa flor do meu jardim.

Com um suspiro repleto de angústia e olhos nublados de lágrimas represadas, o conde de Northwick sentou-se pesadamente na sua poltrona.

Passado o acesso de fúria, externou com dificuldade:

— Tenho de encontrar Margareth. Não vou permitir que outros lhe relatem essa fatalidade. Por favor, mande avisar Taylor para aparelhar o meu coche. Iremos para Fairmont de imediato. Quanto à Lydia, vou telegrafar para que permaneça em Londres. Seguirei amanhã ao seu encontro.

Temendo as consequências que aquilo teria sobre a frágil saúde da duquesa de Melbourne e julgando ser precipitado da parte de seu sogro ir a Fairmont naquele estado emocional, Charles

interveio com moderação:

— Não seria mais prudente chamar um médico antes de visitá-la? A duquesa continua com a saúde debilitada para receber notícias lúgubres. É verdade que vem se mostrando estável, a ponto de Meredith externar em suas cartas essa inacreditável melhora em seu quadro clínico. Ainda assim, pode ser temerário colocá-la a par dos fatos que envolvem o naufrágio.

— Você não conhece Margareth tanto quanto eu... Seus parâmetros não se amoldam às convenções. Ela jamais me perdoaria uma deslealdade desta magnitude! Das poucas reações previsíveis em Margareth, uma que permanece imutável é a sua aversão a evasivas e meias verdades. Omitir-lhe informações relevantes, acredite: tira-a do sério!

Vencido pela ênfase dos argumentos, Charles transmitiu as ordens que lhe foram confiadas letra por letra. Nenhuma outra palavra foi pronunciada até alcançarem os portões de Fairmont.

Sentados na luxuosa sala de visitas de Fairmont, Charles Leatham, lorde Northwick e Meredith testemunhavam estarrecidos, e por que não dizer horrorizados, a incrível reação da duquesa de Melbourne. Ninguém ousaria pôr em dúvida o quanto ela amava a sua sobrinha mais nova. Isso era notório e há muito percebido pelos demais parentes. Mas aquilo que estavam presenciando ultrapassava consideravelmente as expectativas mais secretas do irrestrito amor que lady Melbourne devotava à Katherine.

Contrariando todas as evidências, a duquesa de Melbourne dizia com resoluta determinação aos presentes, balançando febrilmente os papéis que tinha entre as mãos:

— Vocês não veem que nada do que está escrito nesta mensagem pode levar à categórica conclusão de que Katherine está morta?

E voltando-se para Charles indagou incisiva:

— Acaso há notícias das autoridades espanholas de que o corpo da minha sobrinha foi localizado?

— Milady... — iniciou Charles com melindre para não soar ofensivo —, o naufrágio deu-se em pleno oceano Atlântico... Nesses casos, é normalmente inusual efetuar o resgate das vítimas. Somente em raríssimas situações é que se consegue enviar aos familiares os despojos mortuários.

— E quem garante que o marinheiro moribundo ficou para ver o que se passava naquele amaldiçoado navio? Se eu estivesse no lugar dele, teria fugido antes de ultimar a pilhagem. Não continuaria na embarcação para narrar no futuro os desdobramentos da tragédia com precisão jornalística. Esse seria o comportamento padrão das pessoas — replicou irritada.

E prosseguiu:

— Como é que vocês não enxergam as falhas da versão oficial?! — insistiu contrariada.

— No entanto, a descrição deste homem é o único relato dos fatos. Também não se pode desprezar a circunstância de que Katherine desapareceu sem qualquer vestígio. Não há registro de que tenha contactado as autoridades dos países costeiros. Nem nós tivemos notícia sobre o seu paradeiro — ponderou Charles com racionalidade.

— Se você partir da premissa de que aqueles piratas estavam em busca de riquezas, Katherine seria inquestionavelmente a mais valiosa de todas as mercadorias transportadas naquela embarcação.

Logo, não me impressiona a sua falta de comunicação. Por outro lado, é factível supor que igualmente tenha se jogado ao mar e esteja enferma ou até mesmo desmemoriada...

Meredith, que estava em Fairmont zelando pelo bem-estar de lady Melbourne, como prometera a Katherine, não continha as lágrimas desde que fora cientificada das consequências do acidente, mas a postura intransigente da sua tia deu-lhe energias para argumentar:

— Ninguém queria este trágico desfecho, entretanto não podemos abstrair os fatos e fazer de conta que Katherine entrará por esta porta mais dia, menos dia!

— Pois é exatamente isso o que eu penso! — objetou lady Melbourne com vigor, erguendo-se da cadeira num pulo indignado.

Abismado com a obstinada teimosia de sua cunhada em aceitar a versão oficial, o conde de Northwick decidiu socorrer Meredith:

— Você não pode se deixar dominar por essas ideias mirabolantes. Para onde foi a sua mente cartesiana e racionalista? Não a estou reconhecendo!

— Ocorre que eu tenho absoluta certeza de que Katherine está viva! — retrucou a duquesa com inabalável convicção, elevando a entonação da voz.

— Pelos céus! Como você pode dizer uma coisa dessas?! Os relatos da embaixada não respaldam essa conclusão.

— É verdade que a descrição oficialmente dada ao naufrágio induz a outro desfecho... — concedeu lady Melbourne a contragosto. — Mas eu sentiria se Katherine efetivamente tivesse morrido.

Andando em direção à saída, continuou a duquesa com altivez:

— Eu não tenho como provar neste exato instante minhas palavras, porém não sossegarei enquanto não trouxer Katherine de volta à Inglaterra.

E quando já estava com as mãos na porta, dirigiu-se para Charles, encarando-o com expressão resoluta:

— Por favor, me encaminhe com a maior brevidade possível o relatório completo do acidente, principalmente as anotações e impressões extraoficiais do governo britânico. Quero o inventário de todos os bens roubados do navio com suas características básicas, detalhes da tripulação, a rota prevista do barco e os portos onde atracaram. Deixe tudo na minha residência em Londres, pois é lá que permanecerei nos próximos meses.

Visivelmente chocados com aquele inusitado desenlace, Meredith, Charles e lorde Northwick limitaram-se a se entreolhar aturdidos, conscientes de que os sentimentos humanos não se circunscreviam a um desgastado roteiro de emoções previsíveis.

Sentada à mesa para degustar a primeira refeição com seu jornal nas mãos, como tradicionalmente fazia em suas manhãs, lady Melbourne quase se engasgou seriamente. Sua mente negava-se a assimilar o que seus olhos liam e reliam. Na segunda página e estampado em letras garrafais, estava o convite da família do conde de Northwick para a cerimônia religiosa em homenagem à memória de sua sobrinha Katherine, a ser realizada na igreja de Saint Margaret, em Westminster. A cólera invadiu o espírito da duquesa, tingindo-lhe as faces de vermelho.

Aquilo somente podia ser invenção de Lydia! Não fazia o perfil de George expor publicamente o infortúnio familiar — refletiu aborrecida.

Concluindo seu desjejum, pegou as luvas, chapéu, bolsa e tomou a direção da residência dos Hartington em Grosvernor Square. O luto contagiava a atmosfera da casa, imiscuindo-se como uma neblina invisível e pesada de dor. Não existia vida. Nem qualquer ruído se fazia audível. Só a tristeza pairava fria e sobranceira no ambiente. Ao entreabrir a porta, as feições de Dodgson eram a imagem personificada da consternação. Impaciente com aquelas demonstrações de pesar, indagou no vestíbulo:

— Vim falar com lady Northwick. Poderia avisá-la de que estou a sua espera?

— Infelizmente milady não está recebendo visitas. Há cinco dias, desde a notícia do nefasto acidente de lady Katherine, lady Northwick não sai do quarto — informou Dodgson apático.

— Só me faltava essa... — resmungou baixinho lady Melbourne, ao tempo em que transpunha com passos decididos os degraus até o piso superior da mansão, onde ficavam os quartos.

Largado sozinho na soleira da porta, Dodgson achou por bem não interferir.

Elas eram irmãs e deviam resolver sozinhas seus problemas — eximiu-se de responsabilidade o mordomo.

Após três batidas sem resposta, a duquesa de Melbourne entrou no quarto. Deparou-se com lady Northwick prostrada sobre a cama revirada. Ao perceber a invasão, a condessa perguntou com raiva:

— Quem está aí? Quem ousa me atrapalhar?! Eu não dei ordens de que não quero ser incomodada por ninguém???

— Sou eu, Margareth — revelou a duquesa ao se aproximar da cama com voz ríspida.

Examinando a bagunça que reinava a sua volta, lady Melbourne deu um suspiro de reprovação e confrontou sua irmã, encarando-a nos olhos.

— Para que tudo isso, Lydia? Olhe para o estado deplorável em que está... Reaja e levante-se desta cama! — falou com autoridade.

— Pare de tentar controlar a minha vida. Fique sabendo que eu vou externar o meu sofrimento da forma que me convier — rebateu lady Northwick com ímpeto. — Afinal, quem perdeu a filha fui eu!

— Katherine não está morta! — contrapôs lady Melbourne com igual ênfase. — Logo, não tem cabimento este espetáculo — replicou com indignação.

— Se não está morta... Onde ela está?! — choramingou a condessa com os olhos injetados pelas lágrimas, enxugando com um lencinho o canto dos olhos.

— Pelo amor de Deus, Lydia! Em lugar de ficar aí jogada na cama, você deveria ter lido os relatórios que me foram entregues... Se tivesse feito isso, teria constatado, tanto quanto eu, não existirem provas da morte de Katherine.

— Às vezes, eu acho que você é realmente louca e desequilibrada... — sibilou lady Northwick entre os dentes, virando-se para o outro lado da cama.

— Pois eu lhe digo que a louca e desequilibrada aqui é você! Quem já se viu colocar num jornal a convocação para os ritos mortuários da filha viva! A aposição de um memorial é totalmente esdrúxula — pronunciou a duquesa de Melbourne com verdadeira aversão.

— Colocando os detestáveis fatos dos últimos dias em seus devidos lugares, você é a única pessoa da Inglaterra que acredita nessa versão. Portanto, quem está delirando e tecendo ilusões infundadas é você — frisou a condessa de Northwick, ao tentar se erguer da cama com grande dificuldade.

— A questão é que ninguém se preocupou em investigar o caso. Se tivesse feito o mesmo que eu, não estaria aí com esta cara pavorosa e deitada o dia inteiro, envolta em lamentos e culpas.

— Margareth... será que você poderia respeitar, pelo menos, o meu luto?! Por favor, vá embora e me deixe em paz! — descompensou-se a condessa, indicando-lhe a saída do quarto.

Entrevendo a intransigência de sua irmã, lady Melbourne decidiu atender-lhe o pedido. Se ela queria se desgastar desnecessariamente, não podia se opor a isso. Todavia, reiterou a sua posição:

— Tudo bem... Faça como quiser... Mas não conte comigo para esse infeliz teatro que será rezar pela alma de Katherine, enquanto não houver prova irretorquível da sua morte. Este escancarado atestado público de que Katherine se foi não darei de maneira alguma. Não estarei lá, nem sob tortura! — protestou veementemente lady Melbourne, jogando enraivecida o jornal ao lado do corpo abatido de lady Northwick.

Esclarecidos todos os pontos, lady Melbourne fechou a porta com força, afastando da mente qualquer preocupação com sua irmã Lydia. Ela que superasse sozinha seus dramas. Tinha assuntos infinitamente mais urgentes a resolver. Quem efetivamente precisava dela era Katherine. Por isso, apressou-se em colocar o seu plano em andamento naquele mesmo dia.

Conforme anunciara, a duquesa de Melbourne não compareceu à cerimônia fúnebre oferecida pela família Hartington, atitude que teve imediata repercussão em Londres. O burburinho que se espalhou nas altas rodas sociais era indisfarçável. Todos cochichavam pelos quatro cantos dos salões ingleses que a versão dos fatos estava nebulosa, demandando esclarecimentos. Decerto havia sérias divergências internas sobre as consequências do desaparecimento de lady Katherine Hartington.

Isso era um importante passo na árdua tarefa que teria pela frente. A partir de agora, a tese do seu falecimento ficou publicamente abalada — concluiu lady Melbourne ao tomar conhecimento dos falatórios, com um sorriso insinuando-se em seus lábios.

Como era de se esperar, enquanto os demais membros da família rezavam pela alma de Katherine, sua queridíssima tia estava no escritório de sir Richard Button envolvida em questões mais práticas. O renomado investigador particular Sidney Poltran acabara de assinar um contrato de exclusividade com a duquesa de Melbourne, após convencionar um régio pagamento pelo serviço. As suas credenciais eram impecáveis. Diversos casos considerados insolúveis foram resolvidos com a sua meticulosa e paciente investigação. Isso a animou sobremaneira. Precisava de pessoas altamente competentes nessa empreitada.

Depois de repassar todos os documentos entregues por Charles Leatham e suas anotações pessoais sobre a papelada, lady Melbourne mandou pegar uma caixa defronte à porta, idêntica a uma pilha de caixas semelhantes. Dentro havia diversas réplicas em miniatura do quadro de Katherine, pintado por monsieur Bousquet.

Revendo a belíssima e dileta imagem que segurava em suas mãos, seu coração palpitou de saudade.

Quanta falta Katherine me faz... — constatou lady Melbourne com nostalgia.

Estendendo o retrato na direção de Sidney Poltran, aguardou sua avaliação.

— Excelente trabalho! Com esta reprodução em mãos, ficará muito mais simples descobrir onde anda sua sobrinha — confirmou o investigador com sinceridade e evidente satisfação.

— Obviamente, é melhor procurar uma pessoa com a sua imagem do que descrever verbalmente seus traços físicos — justificou-se a duquesa.

Em sequência, olhando detidamente o retrato para poder discernir os detalhes, indagou o detetive:

— Independentemente da versão oficial, milady tem alguma ideia que considera mais factível? Ou alguma informação que julga ser relevante eu ter conhecimento?

— Considerando a impulsividade de Katherine, duvido que tenha ficado inerte enquanto a embarcação era invadida. Repassando mentalmente a descrição dos relatórios, para mim há alguns pontos incontroversos: o ataque pirata e o incêndio do navio. Dessa forma, ou minha sobrinha conseguiu pegar um bote ou restos do próprio barco para boiar; ou foi presa pelos piratas.

Seguindo sua linha de raciocínio, a duquesa questionou:

— É possível acreditar que homens em busca da riqueza fácil dos saques iriam deixá-la para trás?

Analisando o quadro da jovem em suas mãos, o investigador não podia negar a lógica da argumentação de lady Melbourne. Os incríveis olhos azul-esverdeados que o fitavam com determinação deixaram-no absolutamente fascinado. Sem se falar na sua pele leitosa, em encantador contraste com seus cabelos negros.

— A sua beleza pode representar uma fortuna... — aquiesceu Sidney Poltran, balançando em assentimento a cabeça calva e massageando com dedos roliços a protuberância barbada do queixo. — Principalmente, em certas regiões do norte da África e oeste da Ásia.

— É exatamente como eu penso...

— Milady tem alguma sugestão por onde deveríamos começar?

— Levando em consideração que o naufrágio deu-se nos mares do sul da Espanha, entendo que percorrer a sua costa, bem como a dos países que lhe são próximos, seja uma estratégia de busca adequada. Hospitais, conventos e vilarejos também deverão ser vasculhados. Por certo, a relação dos produtos transportados no navio será uma grande aliada nessa jornada. Se localizarmos onde as mercadorias foram desembarcadas e vendidas, teremos identificado o porto onde os piratas atracaram!

— Com todo respeito, a duquesa seria uma assistente valiosíssima para qualquer investigador — elogiou o detetive com admiração.

— Obrigada — respondeu envaidecida. — Não se esqueça de enviar os relatórios de forma pormenorizada todos os meses. Quero acompanhar cada detalhe da investigação. Como conheço Katherine desde sempre, quem sabe eu não poderei ajudá-lo na interpretação das pistas.

Contagiado pela inabalável convicção daquela distinta aristocrata de que sua sobrinha sobrevivera ao naufrágio, Sidney Poltran prometeu revirar cada recôndito do globo terrestre até localizar a esplendorosa lady Katherine. Não descansaria, nem um só instante, enquanto não desvendasse os mistérios que permeavam o seu inexplicável desaparecimento.

A marquesa matriarca de Huntley seguia nervosa o lento girar dos ponteiros do relógio. A insônia

impedia-a de conciliar o sono. Recostada em sua cama, olhou pela enésima vez para a mesinha de cabeceira. Passava das duas horas da manhã e nem sinal de seu filho. Sobressaltada, afastou as cobertas dos pés e levantou-se. Ficou a observar através dos vidros da janela de seu quarto o silêncio penetrante da noite. O agradável frescor da madrugada, típica daqueles dias de verão, suavemente transpassava a esquadria de madeira, tornado a sua vigília menos frustrante.

Desde que a terrível e nefasta notícia da morte de lady Katherine Hartington espalhou-se pela Inglaterra, um vendaval apoderou-se da vida de lorde Huntley, empurrando-o a um espiral de emoções perturbadoras. Há cinco meses que se entregara completamente à dor da perda da mulher amada. Seu sofrimento era palpável. Bastava contemplar suas belas feições para entrever a tristeza que lhe turvava o espírito. Nada mais importava. Estava alheio a tudo e a todos. A vida desenrolava-se diante dele sem lhe despertar qualquer interesse.

Nem os seus negócios conseguiam tirar lorde Huntley do torpor em que se encontrava perdido. Mergulhado no desespero, os dias transcorriam numa sequência ininterrupta de acordar tarde, trancafiar-se solitariamente na biblioteca e sair de casa para voltar de madrugada, cheirando a álcool e tabaco.

Por mais que desejasse reverter logo a situação, Elizabeth Bedford, marquesa matriarca de Huntley, sabia que havia limites à interferência materna. Por experiência própria, vivenciara o luto para poder seguir em frente. A morte do seu marido, causada por uma acidental queda de cavalo, ensinou-a a aceitar a complexidade dos sentimentos humanos. Não adiantaria procurar culpados para o infortúnio. Nem argumentar que um dia desapareceria a tristeza. Muito menos, profetizar que encontraria outra mulher encantadora. Cada pessoa tinha um modo peculiar de cicatrizar suas feridas. E com seu filho não seria diferente dos demais mortais.

Como se pressentisse a inquietação de sua mãe, naquela noite o marquês de Huntley ficou imerso em reflexões sobre as ironias e contradições da existência humana. Contemplou por horas a miríade prismática do líquido marrom-avermelhado da garrafa de conhaque, que distorcia a luz emanada dos candelabros de prata. Não entornou uma única gota da bebida no transparente copo de cristal. Deixou-a descansando inerte sobre a mesa do concorrido Fifth’s.

A seleta clientela do estabelecimento entrava e saía num contínuo fluxo de pessoas. O público era essencialmente masculino. A maior parte dos seus frequentadores revezava-se entre o carteado, os jogos de bilhar e o pôquer. Diversos conhecidos aproximavam-se, cumprimentando-o com cortesia. Alguns chegavam a esboçar a vontade de sentar-se ao seu lado, porém lorde Huntley os despistava, dizendo estar de saída dentro de instantes. Não desejava conversar com ninguém. Queria ficar envolto em seus próprios pensamentos.

Por mais que odiasse admitir, no seu íntimo reconhecia que talvez nunca viesse a se casar com Katherine, independentemente do naufrágio e suas nefastas consequências. Rememorando os momentos partilhados, havia sempre uma reticência em sua postura que denunciava dúvida em assumir abertamente um compromisso definitivo. Se aquela era a dolorosa e cruel verdade, precisava enfrentá-la com coragem. De nada ajudaria se rebelar contra as imponderáveis forças do destino. E mais... Era imprescindível ter tranquilidade para atravessar as águas tormentosas da vida. Os fatos eram aqueles e pronto! Necessitava encará-los mais dia menos dia. Como não existe felicidade eterna, por igual não existe sofrimento que perdure por toda a eternidade.

E assim, o nobre marquês finalmente se livrou de seus fantasmas. Ao vê-lo entrar no vestíbulo com expressão sóbria e atenta, sua mãe vislumbrou que o filho de outrora tornara ao convívio

familiar. Aliviada, lady Huntley adormeceu serena, como há meses não o fazia.

O inesperado anúncio da presença de lorde Northwick causou estranhamento em lady Melbourne. Não era do feitio do seu cunhado vir visitá-la sem contactar previamente. Quando entrou na sala de estar, a duquesa notou como os sete últimos meses foram penosos. O seu envelhecimento era evidente. Uma melancolia anteriormente ausente sombreava seu semblante, esmaecendo-lhe a juventude. Intrigada para saber os motivos daquele encontro, convidou-o, com um simpático sorriso, a sentar-se no sofá.

— A que devo a honra da sua ilustre visita nesta promissora manhã de final de outono?! — cumprimentou a duquesa de Melbourne sem disfarçar a surpresa.

— Margareth... perdão pela minha repentina aparição — falou com educação, acomodando-se a sua frente com o cenho franzido. — Há dias eu estou adiando esta conversa... Hoje, parei de inventar desculpas e resolvi procurá-la — justificou-se sem subterfúgios, ligeiramente constrangido.

— Confesso que fiquei curiosa — disse com sinceridade. — E como vem passando Lydia? Da última vez que nos encontramos na casa de Cristine, continuava bastante fragilizada...

— Felizmente, Meredith é uma filha maravilhosa e está dando um apoio decisivo no complicado processo de superação pelo qual vem passando. Você mesma sabe o quanto Lydia é emotiva... E a trágica morte de Katherine foi um duro golpe para todos nós — afirmou o conde de Northwick com lealdade.

— Bem... Eu não pretendo rediscutir as consequências do naufrágio com você — adiantou-se a duquesa com a intenção de evitar polêmicas inúteis. — Nós nunca iremos partilhar a mesma opinião quanto a esse assunto. Logo, nem eu vou convencê-los do meu ponto de vista, nem vocês conseguirão o contrário.

— Ocorre que a razão da minha presença está indissociavelmente atrelada a esse tema.

— Não estou entendendo... — meneou lady Melbourne a cabeça. — Por favor, explique-se.

— Recordo-me de que no Natal do ano passado, em Fairmont, você me colocou a par do seu testamento... — começou lorde Northwick com tato. — E para mim ficou claro que Katherine seria sua herdeira universal.

E prosseguiu escolhendo com muito cuidado as palavras para não soar ofensivo:

— Se Katherine desapareceu e a versão oficial é a de que ela está morta, será necessário fazer significativos ajustes na sucessão de seus bens. Por isso, estou aqui para que se sinta totalmente liberada de qualquer compromisso assumido com a minha família — externou lorde Northwick com fidalguia.

— Pelos céus! — exclamou a duquesa de Melbourne contrariada. — Você ainda não entendeu que para mim nada mudou! Diferentemente de todos vocês, eu tenho plena convicção de que eu vou encontrar Katherine e trazê-la de volta à Inglaterra. Há quase seis meses estou seguindo incansavelmente o rastro dos piratas que abordaram o Mareville. As cartas do Sr. Poltran noticiam que houve questionamentos, logo após o acidente, sobre eventuais sobreviventes. Estamos tentando averiguar quem teria interesse nessa informação. Também já aferimos as cidades costeiras da Espanha. Nelas efetivamente não há relatos de ninguém com as características de Katherine, como

igualmente não há registro de venda das mercadorias transportadas no navio.

— Parece que o sumiço de Katherine lhe deu um novo ânimo para viver... — observou o conde de Northwick impressionado com a energia da sua cunhada, diagnosticada no ano anterior com uma grave doença no coração. — E eu equivocadamente pensei que você não sobreviveria a essa fatalidade.

— Para você ver como podemos estar enganados sobre aquilo que julgamos ser a reação mais provável das pessoas ou o desfecho mais lógico dos fatos — alfinetou a duquesa com proposital implicância.

— Então... você permanecerá teimando em manter seu testamento inalterado?

— Quanto a isso, não existe discussão — respondeu coerente com seus sentimentos.

— Eu não sei se começo a me preocupar com a sua saúde mental ou se invejo a sua fé inabalável de que Katherine continua no mundo dos vivos... — externou lorde Northwick, balançando a cabeça com visível admiração.

— A minha decisão está tomada faz tempo e nada de novo sucedeu para que eu mude o teor do testamento. Se o meu sexto sentido estiver correto, quando Katherine reaparecer em solo inglês, precisará mais do que nunca dessa herança. Será o único meio de reabilitá-la socialmente. E ninguém será capaz de mudar a minha opinião sobre essa questão.

Vencido pela veemência e firmeza de propósitos de sua cunhada, lorde Northwick concluiu:

— Vejo que não adianta insistir. De qualquer forma, era meu dever de pai liberá-la desse compromisso. Não poderia fitá-la nos olhos, se não tivesse vindo aqui ter esta conversa com você.

— Pode ficar em paz com a sua consciência. Sei exatamente o que estou fazendo. Pode aparentar loucura, mas acredite que eu tenho fortes razões para agir dessa maneira — confirmou lady Melbourne ao se despedirem à porta da sua elegante mansão em Londres.

Enquanto acompanhava nos degraus externos a carruagem de seu cunhado ultrapassar os pesados portões de ferro batido da sua propriedade, um carteiro depositava as correspondências na sua caixa postal. Disposta a dar uma pequena caminhada em seu adorável jardim, a duquesa de Melbourne foi até lá conferir o conteúdo das cartas. Prontamente, localizou a missiva enviada por Sidney Poltran. Ansiosa por novas notícias, abriu-a sem demora.

Gibraltar, 28 de novembro de 1848.

Prezada duquesa de Melbourne,

Após muitas conversas, algumas doses a mais de uísque e um bom punhado de moedas de ouro, descobri que um alto funcionário de uma proeminente empresa de navegação, de nome Mediterranée, foi quem primeiramente pediu às autoridades espanholas em Cadiz informações sobre o naufrágio do Mareville. Pelo que sondei, seu proprietário chama-se Fahid Ahmed el-Mansour Saadi. Um príncipe marroquino extremamente rico. Curiosamente, este mesmo senhor também esteve na Espanha, duas ou três semanas após o incidente, para conversar pessoalmente com o comissário responsável pela investigação. Como não obtivemos êxito em solo espanhol, acredito ser pertinente averiguar cada detalhe dessa empresa e de seu proprietário no Marrocos. Diante de tais circunstâncias, estou de malas prontas para Tânger. Certamente, quando receber esta mensagem já estarei por lá.

Qualquer novidade, entrarei imediatamente em contato.

Cordialmente,

Sidney Poltran

As informações do detetive martelavam sem cessar em sua cabeça. Verdadeiramente, era incomum a sucessão dos fatos narrada na mensagem. De tanto manusear, o papel estava todo amassado. Tinha de pensar em alguém que possuísse amigos e circulasse nas respeitáveis esferas de poder no Marrocos... O apropriado a fazer era ir ao escritório de sir Richard Button. Indiscutivelmente, duas mentes raciocinariam melhor do que uma.

A luz infiltrava-se através das grandiosas janelas. Ricas cortinas de veludo azul-escuro emolduravam as esquadrias, regulando a claridade interior. O mobiliário refinado materializava a posição social do seu distinto e elegante proprietário. O mesmo se podia concluir dos extraordinários tapetes orientais e quadros de pintores renomados, como Caravaggio e Velázquez. Peças de cristal e de rebuscada prataria portuguesa decoravam o ambiente, contrastando com a sobriedade de suas paredes brancas. A tonalidade cinza-azulado sobressaía nas almofadas das cadeiras, enquanto a poltrona principal era de couro preto. Uma grande quantidade de pastas e documentos repousava sobre o birô de carvalho, testemunhando um volume significativo de atribuições. Tudo naquele escritório extravasava poder, dinheiro, apuro estético e uma infinita coleção de influentes contatos políticos. Lady Melbourne divisava naquela opulência a personalidade de seu anfitrião. O tempo unicamente aprimorava nossas predileções naturais... E ele desde jovem era um autêntico esteta!

— Que prazer revê-la! Continua maravilhosa... Assim que soube da sua solicitação, cancelei todos os compromissos agendados para esta tarde — falou um amável Jordan Gainsborough, duque de Wessex, ao beijar galante as mãos da duquesa de Melbourne, com indisfarçável deleite.

— Não queria atrapalhá-lo, Jordan.

— Margareth, um pedido seu é uma ordem. Por favor, sente-se. Estou ao seu inteiro dispor.

— Obrigada pela deferência — externou lady Melbourne agradecida.

E prosseguiu com franqueza:

— Antes de tudo, quero colocá-lo totalmente à vontade. Não tenho a menor pretensão de afligi-lo com meus problemas. Entretanto, após meditar quem seria a pessoa certa para lidar com o assunto, concluí que você detinha as qualidades indispensáveis para a missão...

— Em que eu posso lhe ser útil? Se estiver ao meu alcance, não medirei esforços em intervir no que for preciso. Nossa amizade é por demais preciosa para mim... — antecipou lorde Wessex, lembrando-se com nostalgia do quanto foram próximos na juventude.

— Disso eu tenho convicção. Por isso, estou aqui!

Sem desviar do foco, lady Melbourne começou a explicar as razões daquele encontro:

— Não é segredo que lady Katherine Hartington, minha sobrinha, foi vítima de um naufrágio na costa sul da Espanha. Embora a família não tenha esperança de ela ter escapado com vida, tenho motivos para afirmar o contrário.

Sumariando com objetividade suas impressões, continuou:

— Primeiramente, porque pressenti incongruências e precipitação na conclusão da versão oficial, o que me levou a contratar um detetive particular. E segundo, porque as informações coletadas na investigação deixam antever outro cenário. Exemplificando, os piratas responsáveis pelo ataque desembarcaram no porto de Tânger.

— Eu sei que lady Katherine sempre foi sua sobrinha favorita... Mas suponho existirem razões e indícios consistentes para a sua intransigente defesa desta linha de raciocínio... Em relação à lady Katherine, existe algo de concreto que avalize sua opinião? — questionou o duque de Wessex, temendo enveredar numa busca inglória.

Compreendendo a sua inquietação, lady Melbourne justificou-se com racionalidade:

— Visando a reconstruir cada detalhe do naufrágio, no início pedi a Charles Leatham o dossiê completo das investigações. Não sei se recorda, mas ele trabalha no serviço diplomático britânico e é casado com lady Meredith, uma das irmãs da minha sobrinha desaparecida.

Após o aparte explicativo, detalhou:

— Igualmente obtive a relação dos bens transportados no navio. De posse dessas informações, o meu investigador, Sr. Poltran, vasculhou cada local da Espanha onde ela poderia ser encontrada. Diante do insucesso das buscas, o Marrocos tornou-se o novo foco, pois é perto da provável área do acidente. E estávamos corretos! De fato, as mercadorias arroladas no inventário do governo britânico foram repassadas no comércio de Tânger. Um camafeu de ouro com o retrato de Katherine que lhe presenteei no Natal foi localizado, e a arma com cabo de madrepérola que seu irmão lhe dera teve o mesmo destino. De acordo com o dono da loja de antiguidades e artigos finos de Tânger, os dois objetos foram vendidos pela mesma pessoa.

Sustentando com firmeza o olhar de lorde Wessex, a duquesa de Melbourne enfatizou:

— Distribuí várias pinturas iguais a esta — mostrou lady Melbourne uma das cópias do quadro de monsieur Bousquet — e numa dessas sondagens um homem garantiu reconhecê-la.

— Efetivamente, são questões que necessitam de esclarecimentos...

— E não é só. Houve questionamentos sobre o naufrágio perante as autoridades espanholas.

— Como assim?! — indagou com espanto o duque de Wessex.

— Indagaram se havia registro de sobreviventes... Por que alguém teria interesse no desfecho do naufrágio? E qual é a relevância do assunto para essa pessoa? — provocou a duquesa de Melbourne.

Concedendo-se o benefício da dúvida, lorde Wessex pontuou:

— Dificilmente alguém faria tais perguntas aleatoriamente.

— Comungo da mesma opinião. Pelo que descobri, foi uma pessoa ligada a uma empresa de transporte marítimo denominada Mediterranée quem primeiro fez o contato. Inclusive, o próprio proprietário, de nome Fahid Ahmed el-Mansour Saadi, pessoalmente procurou averiguar as conclusões do incidente. Porventura você o conhece?

— Claro que eu o conheço! Intermediei negócios da sua empresa. É um homem digno e íntegro. Sinceramente, não apostaria nem uma única moeda de prata nessa diretriz. Sequer em delírio o imaginaria envolvido com pirataria.

— Não estou insinuando isso — apressou-se lady Melbourne em recolocar suas impressões nos

devidos lugares.

Prosseguindo com sua explanação, confidenciou:

— Só almejo mais subsídios... Ter noção do que faz... Como pensa... Porque não consigo encaixá-lo nessa história.

Meneando a cabeça em concordância, lorde Wessex declarou:

— Malgrado a certeza da idoneidade das atividades comerciais do príncipe Fahid, talvez a abordagem adequada seja através de seu pai, o príncipe Taufik — raciocinou o duque de Wessex com sabedoria. — Sua influente rede de contatos políticos seria de inestimável valia para desvendar o paradeiro de lady Katherine, na hipótese de estar realmente viva. Em contrapartida, as perguntas do príncipe Fahid sobre o desfecho do Mareville estão inexplicadas.

Com entonação pensativa, rememorou a conversa em Tânger:

— Lembro-me de ter comentado do naufrágio. Na oportunidade, o príncipe Fahid não esboçou qualquer reação ou interesse pelo assunto... Por que posteriormente quis saber de sobreviventes, deslocando-se até a Espanha?!

E arrematou intrigado:

— Não acho inteligente alertá-lo de nada. Melhor será contorná-lo e averiguar o que vem ocorrendo com outras pessoas.

Acatando a estratégia sugerida, a duquesa de Melbourne finalizou:

— Concordo inteiramente. Deixarei esta caixa com vários retratos de Katherine. Isso poderá auxiliá-lo.

— Serão extremamente úteis. Conte comigo para ajudá-la nessa luta. Comprometo-me a empreender uma cruzada para achar sua sobrinha. Na primavera, voltarei ao Marrocos. Avisarei dos meus avanços e descobertas.

Sem esconder o alívio de ter angariado um forte e decisivo aliado, despediu-se:

— Serei eternamente grata, Jordan! Suas promissoras palavras são música para meus ouvidos.

Iniciada a temporada de verão de 1849, uma sucessão de eventos e recepções despontou novamente por Londres. Querendo afastar a assombração de lady Katherine definitivamente da vida de seu filho, a marquesa matriarca de Huntley resolveu oferecer um grandioso baile naquele ano. Queria que fosse uma noite memorável. Para tanto, caprichou na seleção dos pratos servidos e na decoração, chamando especial atenção os sofisticados arranjos florais e as belas estátuas de mármore estrategicamente posicionadas por toda a residência.

Os alegres sons dos instrumentos musicais ressoavam por todo o ambiente. Os convidados, entusiasmados com a descontração reinante, lotavam o salão de dança sem dar trégua para a orquestra com suas animadas valsas. O clima festivo era contagiante.

Lauren Windermere ficou contente por ter sido convidada. Desde a missa em homenagem à memória de sua querida amiga Katherine não vira o marquês de Huntley. Testemunhara o seu sofrimento pela fatídica morte. O seu interesse por Katherine sempre foi público e notório e o desencadear dos fatos realmente tinha sido de uma lastimável infelicidade.

Depois de Lauren dançar várias músicas com diversos cavalheiros, lorde Huntley foi

cumprimentá-la:

— Boa noite, Srta. Windermere! É uma honra recebê-la em minha residência — saudou com uma mesura educada.

— É muita gentileza de milorde nos proporcionar uma noite feliz e perfeita como esta... — comentou Lauren, fazendo menção à animação em volta deles. — Felizmente, viemos uma semana antes do previsto para Londres, se não fosse isso, estaria neste momento em Helston.

— Sendo assim, devo agradecer ao barão e à baronesa de Lancaster pela sua presença — falou lorde Huntley com cortesia e um amplo sorriso nos lábios.

Com seu natural charme, continuou em tom conspiratório:

— E o curso de enfermagem? Pretende prosseguir nos estudos? Talvez os próximos meses sejam um período propício...

— Não acredito que Katherine lhe contou isso! — declarou Lauren assustada, somente depois percebendo a impropriedade de mencionar o nome dela diante de lorde Huntley.

Em seguida, tentou emendar envergonhada:

— Mil desculpas... Não desejava trazer recordações dolorosas num momento tão agradável...

— Não se incomode... Sei que sentiu e sente a sua falta tanto quanto eu... — externou lorde Huntley compreensivo.

— De fato, não é nada fácil vir a Londres e não poder encontrá-la. De certa maneira, isso explica a minha necessidade de sempre visitar a duquesa de Melbourne nas minhas passagens pela cidade — justificou-se Lauren.

— E a duquesa, como vem passando? Há meses não a vejo.

— Francamente estou muito preocupada... Ontem tínhamos agendado um encontro, mas foi subitamente desmarcado. Segundo me informaram, um mal-estar inesperado a acometera naquela manhã.

— Pelo seu histórico clínico, isso não é um bom sinal — concordou lorde Huntley.

— Também acho. Katherine sempre se mostrou bastante apreensiva com seu estado de saúde, muito embora, depois da sua morte, lady Melbourne tenha demonstrado uma força surpreendente, defendendo destemidamente que sua sobrinha continuava viva, porém desaparecida... Talvez, a realidade a esteja debilitando — expôs Lauren entristecida.

Dando um novo rumo à conversa, lorde Huntley propôs:

— Que tal dançarmos um pouco? Afinal, merecemos nos divertir!

Sorrindo com aquela radical mudança de assunto, Lauren aceitou de bom grado o convite.

Enquanto rodopiavam pelo salão, a alegria esfuziante das músicas os fez pôr de lado o passado, centrando suas emoções na prazerosa companhia. Pela primeira vez, lorde Huntley observou o quanto a Srta. Lauren Windermere era linda. Os olhos de um azul translúcido realçavam seus fartos cabelos loiros anelados. Sua estatura mediana e corpo bem proporcionado eram tentadores. De repente, o marquês entrevira a estonteante beleza de Lauren Windermere. Sem se falar na perspicácia e inteligência de seus comentários! Até então a sua obsessão por Katherine o impedira de visualizá-la por inteiro... Finalmente, sem o filtro protetor da amizade, lorde Huntley apercebera-se de o quanto Lauren era atraente e apaixonante...

CAPÍTULO 11

A impactante imagem da casbá encravada no maciço rochoso que circundava a majestosa Djebel Toubkal ficaria eternamente gravada na memória de Katherine. No sopé da elevada montanha, avistava-se a mescla da luxuriante vegetação verde, a brancura dos picos nevados, com a tonalidade ocre daquela peculiar construção marroquina, feita à base de argila. Elementos que conferiam um caráter espetacularmente belo à fortificação.

Alcançar o estratégico ponto em que fora construída não era tarefa fácil. O pedregoso e irregular terreno exigia redobrada atenção dos habilidosos condutores. Para tanto, enfileiraram os animais de modo a garantir a segurança da caravana, na íngreme subida até os portões do castelo. Na frente do cortejo, um grupo de batedores anunciava com seus tambores o retorno dos viajantes. O ritmo solene da batida era hipnotizante e envolvente. Uma verdadeira multidão se aglomerava nos arredores da entrada principal, ansiosos para conferir, com os próprios olhos, as novidades trazidas pelos recém-chegados. Como era de se esperar, Fahid ia na dianteira da comitiva acenando amistosamente.

Enfim, de volta para casa! — pensou Fahid ao apear do camelo, após semanas ininterruptas na estrada.

O burburinho dos reencontros tomava conta do ambiente. Gritos, abraços apertados, lágrimas e sorrisos simbolizavam a felicidade proporcionada pelo regresso ao lar. Muitos não viam seus filhos e esposas há mais de quatro meses, período que passaram viajando por diversas cidades marroquinas. Vidas que voltaram a se entrelaçar na inexorável e implacável roda do tempo. Afora o amontoado de pessoas e animais, o vai e vem de pacotes e caixas somava-se ao alvoroço do pátio interno da fortaleza. O movimento era intenso e incessante em todas as direções. Desferidas as ordens necessárias ao restabelecimento da normalidade das atividades diárias da fortaleza, Fahid afastou-se e seguiu para o seu escritório. Precisava atualizar seus relatórios e correspondências.

A sobriedade das linhas arquitetônicas do exterior da construção fazia contraponto com a riqueza e o requinte da decoração interior do castelo. Katherine foi instalada num espaçoso quarto com ligação para uma sala de estar privativa que descortinava um maravilhoso terraço suspenso, de onde se tinha uma privilegiada visão da cordilheira do Alto Atlas. Idêntica ligação tinha-se do quarto de Fahid. Eram cômodos geminados que compartilhavam a mesma área comum de descanso e lazer.

Devagar, Katherine passou a registrar mentalmente cada detalhe a sua volta. O tom preponderantemente azul-lavanda da colcha e das almofadas agradou-a profundamente. A enorme cama de bronze polido e rebuscado, com seu transluzente cortinado de organza branca e pequeninos cristais incolor, era lindíssima. O tapete que cobria parte do assoalho de madeira retratava cenas da vida tribal, numa monocromática combinação de matizes azulados. Sem se falar na sofisticada penteadeira de mogno e seu espelho bisotado oval, artisticamente esculpido. A lareira de pedra, as mesinhas de cabeceira — do mesmo material da penteadeira — e a poltrona de nuance igual aos objetos do quarto eram o charme final daquela bem equilibrada mistura de tecidos, peças e móveis.

— É tudo tão perfeito e harmônico... — murmurou Katherine para si mesma, com evidente relutância em reconhecer o quanto gostara daquele lugar.

Prosseguindo em sua vistoria, atravessou as portas corrediças que conectavam seu quarto à sala de estar e caminhou rumo ao terraço, onde havia relaxantes espreguiçadeiras, duas simpáticas mesas com cadeiras e guarda-sóis. O cenário era de tirar o fôlego. A emoção tomou-a de assalto. Apressadamente, com a palma das mãos limpou as lágrimas que involuntariamente teimavam em extravasar. Ficou parada por um tempo demasiadamente longo, contemplando absorta a deslumbrante paisagem. Completamente alheia aos ruídos externos, não percebeu a aproximação de Cecilla.

— Desculpe atrapalhá-la, porém o banho de milady está pronto — comunicou Cecilla, interrompendo-lhe o devaneio.

Voltando-se para a sonoridade daquela longínqua voz, Katherine respondeu ligeiramente confusa com a interrupção:

— Perdão, mas eu não compreendi o que disse...

— Acabei de preparar o banho de milady. Daqui a pouco, dar-se-á início às festividades desta noite. Sendo assim, é preciso estar trajada de acordo com a ocasião.

— Como assim... festa?! — indagou Katherine alarmada.

— Sempre que a caravana retorna é oferecido um fausto banquete em comemoração ao sucesso da expedição — explicou Cecilla. — E hoje não será diferente.

— A última coisa que desejo é ver pessoas e participar de jantares comemorativos... — asseverou Katherine com um suspiro cansado, extravasando a aflição que lhe invadia a alma.

Preocupada com o seu estado de espírito, Cecilla decidiu animá-la. Não gostava de vê-la apática e deprimida.

— Pois eu tenho a intuição de que adorará esta noite! Sem se falar que será a mais linda dentre todas as mulheres presentes...

Sem dar tempo de Katherine reagir, conduziu-a à sala de banho. O revestimento de mármore branco dava a impressão de se estar nas nuvens. A piscina com água translúcida e suas colunas laterais mais pareciam uma pintura das históricas termas romanas. Havia, ainda, no canto lateral, uma bancada com uma espécie de cuba de porcelana que, ao girar o redondo mecanismo de ferro, vertia água em seu interior, e um tipo peculiar de assento, do mesmo tipo de porcelana, utilizado para depositar as necessidades fisiológicas.

— Esse tipo de instalações não se vê na Inglaterra! — externou com franca admiração.

— Pelo que eu sei, a concepção do projeto e a execução da obra foram pessoalmente monitorados pelo príncipe Fahid. Tudo aqui teve o seu acompanhamento pessoal.

— Admito que não esperava me deparar com nada semelhante em um lugar remoto como este... Em outra conjuntura, seria um prazer estar aqui!

Não querendo enveredar por assuntos delicados, Cecilla começou a despir Katherine em silêncio. Os vapores aquecidos d'água grudavam-se em sua pele desnuda, convidando-a a usufruir das delícias do perfumado banho de imersão. Sem demora, Katherine desceu os degraus, deixando o líquido morno envolvê-la na altura dos ombros. Com paciência, esfoliou a pele e lavou-a com sabão de rosas. Para os cabelos, aplicou um creme composto essencialmente de argila, denominado *ghassoul*. Aquele preparado tinha a mágica propriedade de amaciar e hidratar os fios. Enxugou-se e aguardou ser maquiada.

Não adiantaria interferir. Cecilla faria tudo que estivesse ao seu alcance para lhe realçar os dotes

físicos — elucubrou Katherine sabiamente.

A indumentária também fora selecionada com antecedência. Era um vestido de tafetá de seda, num misto de um coral e laranja-claro, com decote canoa, justo até a cintura, de onde se alargava, alcançando a altura dos pés. Suas longas mangas cobriam o contorno dos braços, delineando-os sugestivamente. Uma faixa espessa enfeitada com pedrarias e fios de ouro, do mesmo padrão de cores da roupa, marcava a cintura, tremeluzindo ao reflexo da luz. A barra do vestido era igualmente ornamentada. Quanto aos cabelos, tranças entrelaçadas foram sustentadas detrás da cabeça com presilhas em forma de flor. Findando a toalete, calçou os sapatos de salto confeccionados no atelier em Fez.

Mirando-se no espelho frontal do espaço reservado aos armários, contíguo à sala de banho, permitiu-se apreciar, sem falsa modéstia, a imagem a sua frente. O resultado renovou-lhe o ânimo. Um prazer inebriante preencheu-lhe a alma. Foi neste estado de euforia que Fahid a encontrou. Sua aparição fez Cecilla desaparecer discretamente. Com o sorriso ainda iluminando seu rosto, Katherine virou-se momentaneamente surpresa com a sua presença. O que viu dilatou suas pupilas. Usando veste tribal berbere do Alto Atlas, inteiramente na cor branca, inclusive o turbante, e um manto bege-escuro cruzado num ombro e elegantemente preso por um broche de prata, Fahid era o retrato fiel da nobreza de sua secular família.

— Vejo que Cecilla se esmerou em atenções — falou, capturando-lhe os faiscantes olhos azul-esverdeados. — Espero que suas acomodações estejam do seu agrado.

— Não imaginava nada parecido neste canto esquecido por Deus! — provocou Katherine deliberadamente.

— Nesse caso, alegra-me saber que está adequadamente instalada.

— Isso em nada prejudica meu anseio de querer tornar à Inglaterra. Tudo permanece exatamente como antes — reiterou obstinadamente.

— Então, continuamos no mesmo impasse — observou Fahid com um tranquilo e compreensivo balançar de cabeça.

— A solução é bastante simples. Basta você dar lugar à razão e ao bom senso, e nossas vidas retomarão o curso de antes.

— A questão é que não quero retroceder ao passado. Se o presente é a mais genuína realização dos meus mais secretos e recônditos desejos... Para que mudar tamanha perfeição?! — redarguiu com convicção.

— Pelos céus! Por que tudo isso? Por quê?! — questionou Katherine apontando para os lados, quase arquejante.

— Porque eu me apaixonei por você desde a primeira vez em que a vi. Não pretendo perdê-la, nem hoje, nem nunca!

A naturalidade da resposta pegou-a desprevenida. A abordagem direta de Fahid secou-lhe as palavras da garganta.

Em seguida ele emendou:

— Como prova da minha afeição, trouxe-lhe um presente de boas-vindas.

Somente naquele instante Katherine divisou a caixa de couro preto nas mãos de Fahid. Aproximando-se, estendeu-lhe o estojo quadrado. Indecisa, Katherine pegou-o com gestos gentis e abriu-o relutante. Um ofuscante par de pendentes de orelhas, com esplendorosas pedras de topázio, em refinada trama de ourivesaria, reluzia na caixa. Além de duas pulseiras no estilo marroquino, as

quais formavam uma única peça com o anel. Chocada com o expressivo valor daquelas joias, Katherine recusou educadamente:

— Não posso aceitá-los. Devem ter custado uma fortuna. Não seria correto da minha parte recebê-los.

— Que mal há em cortejá-la? Presentear a mulher que se objetiva conquistar é um costume igualmente ocidental.

— Mas o nosso caso é diferente... — contestou com calma.

— Embora as circunstâncias sejam atípicas, os meus sentimentos não se alteram por conta disso.

— Só de pensar no valor pago, fico completamente sem graça — justificou-se Katherine estranhamente acanhada.

— Pois fique sabendo que eu pagaria o dobro, se preciso fosse, para ter o indizível prazer de vê-la exibindo tais adornos. Nada é comparável a sua beleza!

Resoluto, Fahid apanhou os dois anéis com as pulseiras e fixou em cada mão de Katherine. Em seguida, pegou os brincos, um a um, e prendeu-os nos lóbulos de suas orelhas. O sutil roçar dos dedos de Fahid no esguio pescoço de Katherine foi capaz de lhe provocar lânguidos arrepios em sua coluna. Ao virá-la de volta para o espelho, permitindo contemplar-se, Fahid observou satisfeito que Katherine não resistiu à tentação de tocá-los com veneração. Era a deleitosa carícia de um amante.

— São tão maravilhosos... — reconheceu num murmúrio.

— Ninguém os usaria com maior brilho do que você! — assegurou-lhe Fahid, às suas costas.

E acrescentou, depositando um rápido beijo em sua face esquerda:

— É melhor descermos depressa. Todos já devem estar reunidos no salão à nossa espera. Fique próxima de Cecilla. Ela lhe orientará e apresentará às mulheres da festa. Irei antes, porque tenho muitos convidados a receber.

Sem mais considerações, desapareceu.

Foi Fahid sair do quarto para Cecilla retornar agitada. Preocupada com a hora, disse, enquanto procurava o diáfano véu que encobriria sutilmente os cabelos de Katherine:

— As convidadas estão em ânsias para conhecê-la. Não param de perguntar por milady.

Pressentindo que a noite seria bastante longa, Katherine respirou fundo e acompanhou os passos de Cecilla.

As chamas bruxuleantes dos castiçais de bronze e as rendilhadas luminárias a óleo, penduradas no teto, despejavam uma tênue luz amarelada no salão. Os músicos executavam as contagiantes e sensuais músicas marroquinas, que sempre tinham o poder de arremessar Katherine num mundo de sensações primitivas e ancestrais. Por mais que tentasse entender a singular atração que tais músicas exerciam sobre seus sentidos, não conseguia articular explicações razoáveis. De alguma forma, aquilo a transportou de corpo e alma àquele lugar. Não havia Inglaterra, família, naufrágio... Tudo se resumia ao universo da casbá de Fahid.

Seduzida por aquela misteriosa atmosfera, Katherine incorporou as tradições locais. Cecilla cuidou de apresentá-la ao seleto grupo de mulheres que viviam em propriedades vizinhas, as quais oscilavam da desconfiança pura e simples à irrefreável curiosidade. Excetuando Cecilla, ninguém mais conhecia a sua real condição na vida de Fahid. Estava claro para aquelas mulheres que o senhor do castelo a tinha em alta consideração, muito embora fosse estrangeira. Foram os comentários traduzidos por Cecilla que a fizeram alcançar a intenção de Fahid ao presenteá-la. Somente as preferidas de seus homens possuíam joias daquela envergadura. Sem tais peças, Katherine seria

solenemente ignorada por aquelas mulheres. Era a senha para a sua inclusão social.

Parece que nada escapava ao controle de Fahid — constatou Katherine para si mesma, numa conflituosa dualidade de sentimentos. Ficara tocada com a deferência em protegê-la. Todavia, seu absoluto controle sobre tudo e todos a exasperava.

Receptiva, Katherine foi simpática e cordial com os conterrâneos de Fahid. Além de observar o comportamento das mulheres, tentou reproduzir seus modos, evitando destoar em excesso. Sabia que estava sendo avaliada com lupa! Qualquer deslize seria complicado de reverter futuramente. O importante era evitar cometer alguma gafe irreparável.

Sentada ao lado da roliça senhora que atendia pelo nome Warda, Katherine sentiu uma súbita afinidade. Sua cabeleira grisalha e olhar caridoso conferiam-lhe um jeito maternal e afetuoso.

Mesmo com seu precário árabe, Katherine tanto entendeu quanto se fez compreender num amistoso diálogo com aquela senhora:

— É um prazer conhecê-la. Faço sinceros votos de uma harmônica e rápida adaptação ao Marrocos — externou Warda afável.

— Sem dúvida, é um país culturalmente rico e de beleza natural ímpar. Não será uma tarefa árdua amá-lo.

— Honestamente, custou-me acreditar nas histórias que circulavam no povoado... Contudo, vendo-a ficou fácil entender por que foi escolhida pelo príncipe Fahid. Saiba que você é a primeira mulher a ser oficialmente recebida na sua casbá — confidenciou indiscreta. — Tantas tentaram e fracassaram...

— Nesse caso, honra-me ser a primeira — disse Katherine chateada consigo, diante da deslavada mentira que acabara de proferir, para garantir as aparências.

A verdade é que aquele comentário despertou um desconhecido sentimento em seu íntimo. Uma inexplicável vaidade ganhou vulto dentro de si. Por mais que detestasse admitir, Fahid realmente era um homem selvagem e belo. Uma combinação perigosa, potencializada pela constante proximidade.

— Quando for à aldeia, estarei ao seu dispor. O príncipe Fahid é adorado por seu povo e idêntico sentimento se aplicará para a senhora.

— Não tenho como retribuir sua amabilidade — declarou Katherine, desta vez, com total sinceridade. — Espero que nos reencontremos em breve!

Depois de horas de conversas, apresentações e infindáveis elogios a Fahid, Katherine pôde se retirar educadamente do banquete. O cansaço da viagem repercutia fortemente em sua disposição física. Exausta, caminhou para seu quarto, na esperança de renovar suas debilitadas energias. Considerando os desdobramentos dos fatos, reconhecia a contragosto que o desfecho do dia foi inacreditavelmente positivo.

Determinada a se familiarizar com os espaços da casbá, Katherine decide excursionar por seus cômodos. O terceiro andar era unicamente ocupado pela área privativa de Fahid. Do pé da escada até a entrada, apenas havia como decoração um tapete quadrado, com motivos tribais. Na extremidade oposta, em toda a extensão do patamar superior, havia um painel de vidro emoldurado em madeira, formando compridas tiras retangulares de diferentes espessuras, o qual proporcionava

boa entrada de luz.

Apoiando-se no corrimão da balaustrada, feita da mesma madeira empregada no restante da construção, a qual era vazada em espaços regulares por pequenos pilares, Katherine desceu a retilínea e larga escadaria de acesso ao segundo pavimento. Vistoriou cada um dos dez aposentos dos dois corredores, situados em lados opostos, aferindo seus mínimos detalhes.

No primeiro pavimento, tinha-se: a biblioteca, o escritório, a sala de jantar e duas salas de visitas, enquanto o salão principal, utilizado na noite anterior para a festividade do retorno, ficava no térreo.

Em todos os ambientes despontava um estilo próprio e moderno. A arquitetura mourisca, largamente adotada no Marrocos, não era vista por ali. Os tradicionais *zellij*, pátios internos e ornamentos de estuque foram ignorados. Em contraponto, o *pisé* era comumente usado naquelas paragens. No entanto, a sua composição, com gigantescas toras de madeira, pedras e vidros, imprimia um caráter inovador à fortaleza. Sem mencionar as vistas panorâmicas e amplas perspectivas, que incorporavam as paisagens externas, integrando-as com se fossem autênticos painéis internos.

Indubitavelmente, a biblioteca era o recinto mais extraordinário do castelo. Numa concepção audaciosa, a parede que dava para a fachada externa, em formato levemente arredondado, era revestida, do teto ao chão, por vidros e perfis de madeira, enquanto as demais paredes abrigavam, em sóbrias estantes, a mais fabulosa coleção de clássicos e obras raras que Katherine tinha visto em sua vida. Suas prateleiras estavam abarrotadas de títulos que nem o renomado acervo da biblioteca de sua tia Margareth possuía.

Não precisava ser um gênio para adivinhar que Fahid tinha uma instrução acima da média. De pronto, intuía-se ser um homem letrado. Mesmo assim, o que acabara de testemunhar fez Katherine reformular a sua avaliação anterior. Decididamente, não o julgara corretamente. Claramente, sua formação ia muito além do convencional.

Pendurada na escada móvel acoplada à estante, um facilitador na busca dos livros situados fora do alcance das mãos, Katherine selecionava o que lhe chamava atenção. Uma pilha razoável já se avolumava na mesa retangular, adjacente à parede envidraçada. Após incontáveis subidas e descidas, sentou-se numa das quatro confortáveis poltronas de couro, arrumadas como se fossem os vértices de um quadrado, com *O príncipe*, de Nicolau Maquiavel, em mãos.

Nem bem ultrapassara a segunda página do livro, quando Fahid entrou. Como estava virando rotina, era difícil para Katherine ficar incólume à sua presença. Por mais contraditório que pudesse ser, havia uma integridade e uma força de caráter naquele homem que o diferenciava dos outros. Sua natural liderança era inconteste. Isso a atraía e confundia. Sem se falar na pele dourada em contraste com os cabelos negros jogados displicentemente sobre os ombros largos.

Encurtando inicialmente calado a distância que os separava, disse Fahid ao se aproximar da mesa:

— Vejo que fez uma criteriosa análise dos meus livros...

— Separei algumas obras... Ainda não deu para ver tudo. Comecei por este lado — apontou Katherine para a estante contígua à porta. — Supus ser mais racional ir por partes — justificou-se sem se incomodar por estar invadindo a sua privacidade.

— Como você gosta de ler, sugiro dedicar algumas horas a este aqui — indicou Fahid indo até a estante para pegar um manuseado exemplar de *Zadig e o destino,* do destacado filósofo iluminista

francês Voltaire.

— Acho fascinantes os pensadores do século XVIII, com suas ideias revolucionárias. Se você não se importar, poderia colocá-lo junto aos demais? — indagou cautelosa com o seu atrevimento de pedir-lhe um favor.

Assentindo com um leve balançar de cabeça, Fahid atendeu sua solicitação.

Dando seguimento à conversa, Katherine falou sem disfarçar a sua curiosidade:

— Pelo que pude observar você é um grande colecionador de obras raras e clássicos. Não deve ser nada simples comprá-los por aqui.

— Só eu sei o trabalho que tive para reunir as preciosidades destas estantes... — confirmou Fahid com um sorriso. — Mas isso tudo não seria possível sem a colaboração do velho Bachir, bibliotecário da Djemaa El Kairaouine.

— Deve ser um homem com contatos respeitáveis!

— Se você o tivesse conhecido em Fez, jamais imaginaria o quanto aquele inexpressivo ancião é hábil em desencavar antiguidades literárias. Desde os tempos da faculdade, venho adquirindo os mais variados exemplares. Pela minha experiência, não me estranharia o fato de nenhum mercador de livros do norte da África firmar um negócio sem antes contactá-lo. Ele é uma verdadeira sumidade nessa área.

— Confesso que lamento ter desperdiçado essa chance... Inobstante reconheça a impropriedade das circunstâncias em nossa passagem por Fez.

Visivelmente surpreso com aquela declaração, Fahid encarou-a em contemplativo silêncio.

Sem querer polemizar, Katherine desviou o assunto para questões mais amenas:

— Só não entendi por que você tem tantos livros de arquitetura por aqui... Até onde me consta, você não tem este tipo de formação acadêmica. Por acaso, herdou de algum parente falecido?

A pergunta fez Fahid soltar uma sonora gargalhada, iluminando o âmbar de seus magnéticos olhos. O charme arrebatador de Fahid era impossível de ser ignorado, reconheceu Katherine relutante.

— Por *Alá*, Katherine! Que ideia mais estapafúrdia é essa! O fato de não ser diplomado em arquitetura não me impede de ler sobre este universo do conhecimento humano. Não entrevejo dificuldade em gostar de um tema, mas não exercer nenhuma atividade econômica vinculada a ele!

— Francamente, não me passou pela cabeça que você apreciasse projetos, perspectivas, simetrias e assuntos correlatos — escusou-se com uma pontada de admiração pela diversidade intelectual daquele misterioso homem.

— Por exemplo, esta fortaleza teve suas linhas mestras concebidas por mim — informou sem encobrir o orgulho. — Não foi nada trivial persuadir o arquiteto a aceitar as inovações propostas, mas depois de intermináveis debates, dobrei-lhe as resistências. E o resultado final é este que você está vendo — falou assinalando para os lados com as duas mãos.

— Sem dúvida, é um projeto inovador e sofisticado. Sem mencionar as modernidades espalhadas por todos os ambientes do castelo. Entretanto, a sala de banho é o lugar mais incrível da casbá — revelou Katherine.

— Também concordo que ficou excepcionalmente bela!

Dirigindo-se para a saída da biblioteca, Fahid asseverou:

— Se necessitar de algo, é só contactar Cecilla. Ela poderá atendê-la no que for preciso. Só estarei livre após o jantar. Fique à vontade para escolher o livro que desejar.

O clicar da porta fez sua mente girar em torvelinho. Avaliando os últimos eventos, uma trégua

implícita acabara de ser instaurada. Pela primeira vez, a hostilidade cedeu lugar a uma convivência civilizada. De qualquer forma, tinha que tomar cuidado para não cair na teia de sedução de Fahid. Não custava nada ser precavida...

Algazarra e alvoroço característicos das notícias inesperadamente ruins desprenderam Katherine da sua concentrada leitura. Há quatro dias que se entretinha com os livros selecionados na biblioteca. Fechando rapidamente o volume que tinha em mãos, ergueu-se apressada da poltrona da sala de visitas, e desceu ligeira a escadaria, visando a descobrir a causa daquela movimentação incomum.

A comoção transparecia no rosto das pessoas que se aglomeravam no salão. Vozes altercavam-se numa babel de sons incompreensíveis. As feições de Fahid eram uma mistura de raiva e intensa consternação. Querendo decifrar o que falavam, Katherine aproximou-se com discrição do grupo reunido junto à entrada principal.

— Como uma coisa dessas pode ter acontecido? — questionou Fahid colérico, reprimindo a muito custo o ímpeto de esmurrar o primeiro desavisado que ousasse atravessar o seu caminho. — Vocês só podem ter negligenciado as regras de segurança! — externou embravecido para Khuri. — Não é crível admitir um ataque dessas proporções a um comboio com a nossa bandeira nessa região.

— Alteza... Eu sei que pode parecer precipitado... Porém, há fortes indícios de que fomos traídos... A maneira como os assaltantes se comportaram durante o ataque denotava que sabiam da nossa rota e dos bens transportados. Obviamente, a emboscada no desfiladeiro próximo a Marrakech é o lugar ideal para este tipo de ação. Os malfeitores não hesitaram em abrir fogo e pegar as mercadorias. Foi uma explosão ensurdecedora... — narrava o homem esfarrapado e nitidamente machucado, com várias manchas de sangue coagulado no rosto e nos braços. — Uma nuvem negra de fumaça espalhou-se velozmente, e o cheiro acre da pólvora penetrava pelos pulmões, dificultando a respiração dos nossos homens, desarticulando qualquer reação ordenada ao assalto.

Assustada com a tenebrosa narrativa, Katherine ouvia tudo com os olhos arregalados de horror.

— E o corpo de Youseef onde está? — indagou Fahid sem esconder o quanto estava abalado pela morte do amigo e companheiro de todas as horas.

— Deixamos no templo para que fosse preparado para o funeral — respondeu Khuri baixando o olhar em sinal de respeito.

— Samir?

— Sim, Alteza! — disse outro homem, acercando-se de Fahid.

— Verifique o estado dos demais feridos. Vá à enfermaria e veja do que estão precisando. Requisite reforços se necessários. Amanhã será o enterro dos mortos. Divulgue a notícia no povoado.

— Compreendido, Alteza! — anuiu o homem, saindo do salão como uma rajada de vento para cumprir as ordens recebidas.

Dirigindo-se ao interlocutor daquelas notícias agourentas, Fahid ordenou:

— Quanto a você... Vá cuidar dos seus ferimentos e repousar. Mais tarde retomaremos a conversa. Os outros voltem para seus afazeres!

E assim, um a um, foram abandonando o recinto, dispersando-se. O salão ficou praticamente vazio. Um silêncio sepulcral o invadia, numa névoa de sofrida perplexidade. Apenas Katherine

continuava parada no mesmo lugar como uma estátua, petrificada com o que acabara de testemunhar. Encarando-a, Fahid comentou, passando uma das mãos pelos cabelos, evidenciando fadiga e apreensão:

— Por esses dias, Cecilla não poderá servi-la. Vou requisitar outra pessoa para exercer a sua função.

— Não se preocupe com isso... — externou Katherine compreensiva.

Sem dimensionar o que estava fazendo, pediu:

— Permita-me auxiliar na enfermaria.

— Como? — indagou Fahid, certo de que toda aquela confusão tinha lhe afetado a audição.

— Eu tenho curso de primeiros socorros. Neste contexto, qualquer ajuda adicional será fundamental.

— Não posso negar que precisamos de voluntários, mas não quero me aproveitar de você. Muito menos, fazê-la trabalhar em condições penosas.

— Acredite que para mim não será esforço algum. Pelo menos, farei algo de útil. Esta ociosidade está me enlouquecendo... Por favor, deixe-me pôr em prática meus conhecimentos.

Refletindo por segundos, Fahid concluiu que a melhor das opções era atender-lhe o pedido. Quem sabe aquilo não preencheria seu tempo ocioso, desviando-a da sua obsessão pela Inglaterra.

— Verdadeiramente, não estou em condições de rejeitar qualquer tipo de ajuda. Principalmente, quando mais de trinta homens estão entre a vida e a morte. Se por acaso desistir... Não se incomode, é só retornar.

— Obrigada pela oportunidade — disse emocionada, piscando os olhos para afastar as lágrimas e o nó na garganta diante da chance de trabalhar. — Estarei lá, enquanto precisarem de mim!

Apressada, virou-lhe as costas, desceu os degraus que davam ao pátio externo e, depois de abordar quatro transeuntes, localizou a enfermaria. O caos imperava no ambiente. Gemidos e gritos angustiados pairavam suspensos no ar. Homens deitados no chão e em macas improvisadas amontoavam-se em todos os lugares do amplo cômodo. Como já supunha, não havia médicos, nem enfermeiras qualificadas naquele local isolado. Sem se prender a formalidades, pegou na prateleira uma pequena bacia com água limpa, ataduras, iodo, e um emplasto que era indicado para tratar queimaduras e ferimentos. Um frasco de láudano seria igualmente indispensável, concluiu ao avaliar as condições físicas dos pacientes.

Parou a dois passos dali. Um rapaz de rosto jovem e corpo magro demais para sua tenra idade estava estirado aos seus pés. Sem demora, retirou a camisa imunda. Uma ferida de aparência putrefata tomava conta de metade do seu abdômen. A palidez cadavérica prenunciava que em breve estaria em paz, no eterno descanso dos mortos. Pegou-lhe a mão gelada e moribunda, e rezou para que Deus tivesse piedade daquela infortunada alma. Seria inútil medicá-lo!

Nem terminara de pronunciar suas preces, um gemido a fez olhar para o outro lado. Deitado na cama e ardendo em febre, um homem corpulento, beirando os trinta anos, agitava-se perigosamente no colchão. Precisava amarrá-lo depressa. O risco de ele se machucar era enorme. Achando forças que julgava não possuir, finalizou ofegante a tarefa, com a testa suada e as costas doloridas do esforço. Prontamente, começou a resfriar seu corpo com compressas frescas. Deixou-o despido, coberto unicamente com um lençol nos quadris. O tiro havia transpassado o braço. O que não era necessariamente ruim. Afinal, era melhor do que a bala estar alojada numa região de impossível extração. Para debelar a infecção, derramou iodo na ferida aberta. Era essencial monitorar a

evolução do seu quadro clínico. Se a febre não cedesse com brevidade, não saberia dizer se sobreviveria aos ferimentos.

Foi neste instante que Katherine avistou Warda vestida de branco. Pela sua postura, adivinhou ser ela a responsável pelos serviços da enfermaria.

Ignorando cortesias supérfluas, determinou para Katherine:

— Por favor, medique aquele senhor calvo do final do corredor.

Sem perda de tempo, jogou água fervendo sobre a bacia e pegou novas ataduras e compressas. Ao examinar o novo paciente, observou que a sua coxa direita estava com um profundo rasgo de mais de um palmo. Certamente, alguma espada afiada tinha feito aquele estrago. Dificilmente restabeleceria os movimentos daquela perna no futuro. Sabendo que infligiria grande sofrimento ao mexer na ferida do pobre homem, Katherine ministrou-lhe láudano, antes de começar o seu trabalho. Desinfetou a área afetada e avaliou a forma apropriada de suturar a carne exposta. Concluída a tarefa, seguiu para a próxima vítima.

O dia correu numa velocidade alarmante. Quando Katherine deu por si, o céu estava escuro. Ao todo eram oito voluntárias para cuidar de mais de trinta homens. Somente uns poucos foram tratados e liberados para casa. Os restantes ficaram internados. Warda estabeleceu uma escala de revezamento. O plantão seria assumido por ela e suas duas filhas que estavam mais habituadas a tratar de doentes. As demais seriam dispensadas.

Vislumbrando a dúvida estampada no rosto de suas esforçadas voluntárias, ordenou energicamente:

— A primeira noite é sempre mais susceptível a complicações. Vou ficar tomando conta deles — afirmara com autoridade. — Sigam para suas casas e descansem, porque amanhã precisarei de vocês recuperadas para outra árdua jornada de trabalho.

Vencida pelo cansaço, Katherine voltou à casa senhorial e seguiu diretamente para seu quarto. Divisando que a porta de ligação ficou semiaberta, aproximou-se para fechá-la. Antes de trancá-la, notou que Fahid estava sentado no sofá, imerso na penumbra. Um singelo lampião lateral esparramava difusos raios luminosos, dispersando com dificuldade as negras sombras noturnas. Ao invés de fechá-la, como inicialmente intencionara, escancarou-a com vagar para não o perturbar. Em silêncio, caminhou até o armário onde ficavam as garrafas de licor e serviu-se de um generoso cálice.

O tilintar do cristal atraiu a atenção de Fahid. Preferiu ficar calado, observando-a. As roupas sujas e os cabelos desgrenhados de Katherine diziam mais do que mil palavras. Nas feições compenetradas transpareciam apreensão e pesar com os trágicos eventos daquele dia.

Educadamente, Katherine ofereceu-lhe a adocicada bebida num gesto mudo, o que foi rejeitado por Fahid com um ligeiro balançar de cabeça.

Intrigada com a violência dos criminosos, Katherine externou suas impressões, sentando-se calmamente na poltrona defronte ao sofá:

— Não pretendo perturbá-lo com conjecturas inúteis e infundadas, mas a carnificina promovida pelos assaltantes leva-me a ponderar que talvez... somente talvez... — confabulou Katherine pausadamente — o verdadeiro objetivo da emboscada não fosse simplesmente roubar a carga transportada...

Em seguida, para evitar mal entendidos, complementou:

— Não há nada concreto que respalde as minhas colocações. Sequer ouvi qualquer comentário

nesse sentido. Mas esse pressentimento perturbador não me abandonou desde que vi com meus próprios olhos o estado deplorável de seus homens.

— Confesso que também ventilei essa hipótese... — externou Fahid erguendo-se do sofá, sem esconder a inquietação. — Os relatos dos sobreviventes deixam em aberto essa possibilidade — reconheceu Fahid pensativo, encarando-a. — A tudo isso, some-se que a minha decisão de não os acompanhar deu-se em cima da hora.

— Como assim? — inquiriu Katherine chocada.

— Em circunstâncias normais, eu estaria na caravana. Como você ainda estava se adaptando à fortaleza, preferi ficar. Ou seja, se a intenção era me matar, o traidor não teve como avisar seus comparsas de que eu não estaria com meus homens!

— Então, a situação é mesmo grave — pontuou Katherine realista.

— Sem dúvida... Enquanto eu não descobrir a identidade do traidor e para quem ele trabalha, os que me cercam nunca estarão seguros.

— Efetivamente é uma questão bastante complexa. Em todo caso, a hipótese de assalto puro e simples não deve ser descartada, mormente quando as mercadorias tinham expressivo valor e vendê-las proporcionaria significativo lucro ao bando... — raciocinou Katherine com objetividade.

— Seja como for, é preciso ficar vigilantes — disse Fahid suspirando pesadamente. — As vidas que se foram são irrecuperáveis! Nada, nem ninguém, pode trazê-las de volta.

— Em que pesem nossas atuais desavenças, lamento sinceramente o ocorrido. Invariavelmente, sou surpreendida com a maldade humana.

— Jamais pensaria algo diferente de você!

Aproximando-se de seu quarto, Fahid declarou com voz fatigada:

— Desculpe a minha descortesia, mas preciso me recolher, porque por hoje, decididamente, basta! Estou esgotado. Se quiser ficar por aqui, sinta-se completamente à vontade. Infelizmente, a minha cota do dia excedeu e muito o limite do razoável.

Com as mãos no trinco da porta, informou circunspecto:

— Antes que eu me esqueça, o enterro de Youseef será realizado pela manhã. Se quiser participar da cerimônia, fique pronta às sete horas. Se for do seu agrado, poderemos ir juntos.

E sem delongas, desapareceu da vista de Katherine.

O cortejo fúnebre percorria, num compasso entristecido, a estreita trilha nodosa delineada nas colinas onduladas, cobertas de vegetação rasteira e encimadas por montanhas cujos picos eternamente nevados eram testemunhas de insondáveis infortúnios. O vento balançava suavemente as brancas vestes dos membros do séquito mortuário. À frente, seis homens carregavam nos ombros o ataúde de Youseef. Fahid era um deles. Cecilla vinha logo atrás, segurando uma singela coroa de flores silvestres de tons amarelos. Seu sofrimento era palpável. O sombreado característico de uma noite mal dormida contornava seus olhos. Não raras vezes, a densa apatia que lhe toldava as emoções era intercalada por incontáveis lágrimas. Katherine caminhava ao seu lado. Temia que a sobrecarga emocional fosse demais para Cecilla. Por isso, acompanhava-a atenta aos seus mínimos movimentos.

O despojamento bucólico do cemitério era uma melancólica poesia da efemeridade humana. A insignificância da vida nos inalcançáveis limites da eternidade. Consistia basicamente num conjunto de pequenas lápides de pedra, irregularmente encravadas no solo, com o nome do morto talhado na superfície. Nenhum ornamento servia-lhes de distinção. Não havia esculturas, muito menos capelas e tumbas revestidas de mármores e granitos. Sequer um cercado delimitava os seus contornos.

Aquele cenário despretensioso e belo fez Katherine meditar sobre os excessos dos campos santos ingleses.

Para que tamanha pompa e ostentação? — questionou-se ao se recordar das extravagantes e caras obras de arte, mausoléus e santuários encomendados para exaltar a memória do falecido, numa vaidade exacerbada, absurdamente inútil na dimensão espiritual.

O estalar insensível do caixão em contato com a terra fria, próximo à abertura recém-escavada, arrancou-a bruscamente do devaneio. O murmúrio da brisa acariciava a paisagem. Coube ao *imane*, representante da comunidade, pronunciar o ritual sagrado que guiaria a alma imortal de Youseef na vida após a morte. Com mãos vacilantes, Cecilla deu sequência à cerimônia, despejando o primeiro punhado de areia. A terra negra grudava na sua pele, impregnando de torpor seus sentidos. No desespero impotente dos sobreviventes, acompanhou o ritmado compasso das pás ultimarem o ingrato trabalho. Katherine achou por bem aguardar a sinalização de Cecilla para regressar à casbá. Deixá-la sozinha não seria uma atitude prudente. Quando o grupo dispersou e Fahid aproximou-se, Katherine decidiu intervir:

— Está ficando tarde... — disse Katherine com carinho, reclinada ao ouvido de Cecilla, que estava sentada ao lado da tumba, contemplando o vazio.

— Não sei o que será de mim agora... Estou sozinha neste mundo; sem absolutamente ninguém! — sussurrou desolada.

— Não adianta querer antever o futuro. Cada coisa ao seu tempo... — externou Katherine com serenidade. — A ansiedade não lhe ajudará em nada — completou pacientemente.

— Por que justamente com meu pai sucedeu uma fatalidade dessas? — indagou Cecilla sem mascarar seu inconformismo.

— Vamos... Você não pode ficar aqui indefinidamente! — exclamou Katherine, segurando as mãos de Cecilla para ajudá-la a se erguer do chão. — É preciso ter fé numa hora dessas. Não sou a pessoa mais indicada para lhe dizer isso, no entanto, em algum momento, a sua vida vai misteriosamente retomar o seu curso normal.

Compelida pelas circunstâncias, Cecilla voltou à fortaleza. Depois Katherine foi à enfermaria, enquanto Fahid trancafiou-se em seu escritório. O abrupto falecimento de Youseef deixou-o arredio a conversas e influências externas. A solidão, em certos casos, era extremamente salutar para reorganizar as emoções e os pensamentos afetados pelas vicissitudes da vida.

Para piorar a situação, nas três semanas subsequentes pelo menos nove pacientes não resistiram aos ferimentos e faleceram. A falta de medicação adequada, médicos e estrutura física para acomodar todos os doentes, somada à gravidade das infecções, contribuíram para esse infeliz desfecho. Mesmo que estivessem em local munido de recursos terapêuticos mais apropriados, vários não teriam escapado da morte. Por mais que se tente indefinidamente adiá-la, a técnica humana esbarra em seus incontornáveis limites.

E nessa toada comovente, os aldeões tentavam dar novo sentido às suas vidas e superar o luto das recentes perdas que se entrevia nos semblantes dos jovens, adultos e idosos. Estado de espírito que

se espraiava curiosamente a Katherine, ainda que por razões inteiramente diversas.

Desde a fatídica morte de Youseef há aproximadamente um mês, Cecilla estava distante do trabalho. A princípio, para poder organizar a sua vida e, posteriormente, por não se sentir em condições para reassumir seu posto na fortaleza. O mundo de Cecilla reduziu-se drasticamente às paredes de sua casa. Nada lhe interessava ou animava. Uma tristeza sem fim a debilitava. Disposta a reverter esse inquietante quadro emocional, Katherine liberou-se mais cedo das suas funções na enfermaria e foi visitá-la.

Pelas informações que coletara, após as muralhas do castelo havia um atalho estreito nas imediações do riacho. Bastava descer a encosta do morro e andar alguns minutos para encontrar o lugar onde Cecilla residia. Seguindo à risca as instruções, Katherine localizou com facilidade sua morada. Carregava gentilmente uma cesta de vime com frutas e verduras frescas. Subiu os degraus da varanda e bateu duas vezes com firmeza na madeira da porta. Demorou um tempo considerável para esta ser entreaberta, dando-lhe a oportunidade de vistoriar as circunvizinhanças e a falsa impressão de não haver ninguém em casa.

Quando estava prestes a desistir, Katherine escutou o ranger das dobradiças.

— Em que posso ajudar? — indagou Cecilla pálida e com entonação contrariada, sem reconhecer a pessoa que estava em pé e de costas para a porta. Não tinha identificado se tratar de Katherine.

— Vim saber como você está... Posso entrar? — perguntou Katherine educadamente, virando o rosto em direção a Cecilla.

— Oh! Milady... É a senhora! — assustou-se Cecilla com a repentina visita. — Por favor, entre. Somente não repare a bagunça... — escusou-se Cecilla, envergonhada.

Tirando a desordem de seu interior e uma perceptível camada de poeira na rústica mobília, podia-se afirmar que o local tinha um charme muito peculiar. As almofadas eram enfeitadas com pedrarias coloridas e misturavam múltiplos tipos de tecidos, bordados e rendas. Os tapetes cobriam o chão, quase escondendo inteiramente o piso. Cortinas bloqueavam a luz solar e várias arcas serviam tanto para guardar objetos pessoais quanto de apoio para as atividades domésticas. Na interessante profusão de tons e materiais havia uma harmonia estudada que realçava cada elemento utilizado. Recolhendo apressadamente a louça suja espalhada sobre a mesa de refeições, Cecilla indicou uma das cadeiras para Katherine.

— Gostaria de um pouco de chá de menta?

— Adoraria! — disse Katherine estudando-lhe as feições.

Estava evidente que Cecilla não andava nada bem...

Enquanto Cecilla colocava a água para ferver num fogão a lenha, Katherine pensava numa maneira de retirá-la daquele marasmo. Esforçando-se em soar convincente, prosseguiu:

— Eu estou contando os minutos para você reassumir suas funções. Nada é igual sem você! — declarou com um suspiro cansado. — Embora a pessoa que ficou em seu lugar se esforce em me pentear corretamente, infelizmente não tem habilidade para a tarefa.

— Estranho... Khadija é conhecida pelo seu talento em preparar elaboradas toaletes.

— Todavia, comigo não está dando certo. Obviamente, eu prefiro você. Não tem como compará-

las — retrucou Katherine enfaticamente.

— Detesto saber que milady não está sendo devidamente servida. Vou tentar falar com Khadija para desvendar o que anda fazendo de errado.

— Não carece esse esforço... — descartou Katherine a sugestão de imediato. — Há uma forma muito mais simples de resolvermos o problema...

— E qual é?

— Basta retomar suas atividades no castelo! — asseverou Katherine sem esmorecer.

— Lamentavelmente, não estou em condições... — afirmou baixinho Cecilla, com os olhos marejados de lágrimas.

— Por favor, ouça-me: não adiantará nada você ficar enclausurada remoendo sua tristeza e olhando todos os dias para estas quatro paredes. Eu sei que não é simples, entretanto, é impossível mudar o passado!

— Eu sei que preciso reagir... — concordou Cecilla debilmente, com o olhar fixo no líquido amarronzado do copinho de chá entre suas mãos.

— Do jeito como as coisas estão evoluindo você não terá mais vida. Será um espectro fantasmagórico! Não vou vê-la definhar passivamente. Nem muito menos vou permitir que abdique do seu futuro — insistiu Katherine.

— Ainda não consegui aceitar minhas perdas... Pelo visto, será um longo processo.

Intuindo que a conversa não estava surtindo o efeito pretendido, Katherine decidiu radicalizar.

— Se você se visse como eu estou vendo, concluiria que é a pessoa mais desafortunada da face da Terra. Pelo amor de Deus, Cecilla! Pare de tanta autopiedade!

— Somente quem passou pela minha situação sabe o que eu estou sentindo — justificou-se Cecilla, sem ceder um palmo nas suas convicções.

Não se dando por vencida, Katherine contraditou:

— Eu sei que a comparação não é fidedigna. No entanto, sob certo prisma, eu também perdi a minha família. Contra a minha vontade, fui forçada a me separar das pessoas que eu amo. Não posso vê-los. Nem me comunicar. Ninguém sabe o real desfecho do naufrágio... E a única pessoa que eu conheço no Marrocos é você! Imaginar perdê-la é bastante doloroso para mim!

Aquelas palavras calaram fundo no coração de Cecilla, que passou a acompanhar a explanação com maior receptividade.

— Talvez pudéssemos nos ajudar reciprocamente... Se eu estou sem família e o mesmo sucede com você, quem sabe não poderíamos nos unir para superamos juntas esta difícil fase das nossas vidas?! — propôs esperançosa.

Em seguida, concluiu amável:

— De qualquer forma, a decisão é sua. Espero não tê-la aborrecido demasiadamente com a minha sinceridade — respirou Katherine pesadamente, repousando o copinho de vidro na mesa. — Como não quero retornar tarde para a fortaleza, é aconselhável eu ir...

Sem aguardar resposta, levantou-se muda da cadeira e escancarou a porta. Quando estava na soleira, escutou a voz de Cecilla:

— Obrigada por ter vindo... Milady não pode mensurar o quanto foi importante para mim.

Virando-se, Katherine mirou-a nos olhos e sorriu. Mesmo sabendo ter invadido a intimidade de Cecilla, deu por cumprida a sua missão.

Os reconfortantes sons e ruídos da aurora despertaram Katherine. O chilrear dos pássaros anunciava alegremente o renascer do dia. Burburinhos daqui e dali proclamavam como a natureza era pródiga em disseminar a vida. Deitada na cama macia, Katherine embolou displicentemente de um canto para outro, com um sorriso preguiçoso nos lábios, sem qualquer peso na consciência. Naquele dia estava de folga da enfermaria. E nada lhe tiraria o prazer indolente de desfrutar o ócio matinal.

Passado um tempo, levantou-se e foi à sala de banho. Estranhou não ver Khadija. Em outros dias, o café da manhã já estaria servido e sua roupa devidamente separada. Decidiu arrumar-se sozinha. Fez as abluções matinais e selecionou um vestido de algodão cinza, com mangas na altura dos cotovelos e golas de organza do mesmo tom. O seu corte era básico e sem adereços, próprio para uma caminhada. Entrançou casualmente os cabelos e calçou as sapatilhas. O reverberar de passos denunciou que alguém entrara no seu quarto. Ainda se contemplando no espelho, indagou:

— Khadija, é você?

Sem obter resposta, Katherine insistiu:

— Quem está aí?

— Desculpe não me ter anunciado!

Perplexa, Katherine divisou refletida a figura de Cecilla. Girando em sua direção, disse-lhe pegando as mãos entre as suas:

— Que maravilha! É mesmo você?!

— Não gosto de me atrasar. No entanto, como vim de última hora, tive que readequar as escalas de trabalho do castelo antes de subir — informou, desconfortável com a impontualidade.

— Não tem por que ficar chateada. Nada me deixaria mais feliz do que vê-la aqui novamente! O desjejum está pronto?

— Certamente! Coloquei-o na mesa da sala.

— É tão bom falar inglês com você! É verdade que o meu árabe teve um progresso significativo no mês anterior. Você nem imagina o quanto foi complicado me comunicar com Khadija. Ela tem uma pronúncia horrível. Acho que fala para dentro!

Ambas riram do comentário.

A seleção de pães, bolos, queijos e iogurte natural era de dar água na boca. O talento culinário do cozinheiro da casbá impedia qualquer atitude comedida nas refeições. Katherine saboreou com prazer os quitutes do café da manhã. Sentia-se saciada e incrivelmente disposta. O dia ensolarado estimulava passeios ao ar livre. Como não tinha nada de importante para fazer, incentivou Cecilla a lhe mostrar as trilhas existentes nas cercanias da fortaleza.

— Um pouco de contato com a natureza será muito bem-vindo! — externou empolgada. — Adoraria conhecer as redondezas...

Reticente sobre a conveniência de se afastarem do castelo, Cecilla ponderou:

— Não é bom andarmos sozinhas pelas montanhas. Nunca se sabe o que pode suceder...

— Largue de ser medrosa! Você conhece seus caminhos, não é?

— Conheço — confirmou laconicamente.

— Então? O que nos proíbe de usufruir das belezas e paisagens que estão a nossa volta?!

— Em condições normais não haveria problema, somente não sei se seria recomendado ir com milady — verbalizou sem subterfúgios.

— Santo Deus! Eu não sou suicida! É evidente que almejo retornar à Inglaterra, rever minha família e amigos. Contudo, jamais atravessaria sozinha e com vida esse mar acinzentado e revolto de pedras que se perde de vista. Não há começo, nem fim. Seria uma tolice inominável!

— Promete que não vai tentar fugir? — inquiriu abertamente Cecilla.

— Prometo — respondeu Katherine com franqueza. — Eu só quero fazer algo diferente — explicou com a intenção de amenizar seus receios.

— Sendo assim, vou providenciar uma cesta de piquenique — falou Cecilla, dirigindo-se à saída. — Milady vai amar conferir o que eu tenho para lhe mostrar! — piscou conspiradora. — Daqui a trinta minutos, estarei no pátio a sua espera.

Andar pelas montanhas requeria não apenas preparo físico, como um formidável senso de localização. E isso Cecilla tinha aos montes. Ao longo do percurso, suas referências consistiam em marcações naturais, como rochas salientes, galhos retorcidos, arbustos, colinas, dentre outros. Não havia viv'alma ao redor delas. Seguiram por quase uma hora em estreitas picadas, com subidas e descidas acentuadas. Em alguns momentos, Katherine teve a errônea sensação de que Cecilla estava perdida. Mas, em seguida, constatava para sua felicidade estar redondamente enganada. O domínio que ela detinha das imemoriais rotas era invejável. Um murmurejar típico de água chocando-se em pedras tornava-se a cada passo mais e mais audível, indicando existir uma cachoeira no entorno.

Instigada a descobrir a origem daquele som, Katherine apressou a cadência da caminhada. O cenário paradisíaco que se descortinou, após a curva, tomou-a de assalto. Um nó na garganta impedia Katherine de falar. Há muito custo reprimiu as lágrimas que embaçavam sua visão.

Ultrapassado o primeiro impacto, exteriorizou seu encanto:

— Valeu a pena o esforço! Isso aqui é indescritível!

— Sempre que posso, venho tomar banho na queda d'água — disse Cecilla contente.

Estendendo uma toalha de linho branca no chão, Cecilla depositou a cesta com o improvisado almoço. Pegou uma garrafa com *sharbat*, um tipo de refresco de frutas com extrato de pétalas de flores, sanduíches de queijo e carne assada de carneiro e quibe cru com molho de iogurte. Para a sobremesa, cuscuz de sêmola doce, preparado com amêndoas, canela, frutas cristalizadas e água de flor de laranjeira, finalizava a frugal refeição.

Katherine alimentou-se e ficou deitada na relva olhando fixamente para o céu, acompanhando os cambiantes desenhos das nuvens.

Não a surpreenderia se fossem vaporosos chumaços de algodão presos por fios invisíveis — conjecturou Katherine sonhadora.

Um urso... um bolo de aniversário... um farol... e mais um sem-fim de figuras e formatos.

A voz de Cecilla tirou-a do enleio em que estava enredada.

— Vamos nadar? Eu não suporto mais este calor!

— E se aparecer alguém e nos pegar dentro d'água?

— Milady... a possibilidade de acontecer isso é insignificante. Deixe as preocupações de lado e venha aproveitar o refrescante banho de cachoeira.

— Tem certeza de que é seguro? — indagou Katherine indecisa.

— Claro que sim!

O convidativo sussurrar das águas turquesa, próprias de rios e de lagos de geleiras, convenceu-a. Despiram-se perto da margem e mergulharam entusiasmadas na parte rasa. Katherine nadou debaixo d'água, subindo de vez em quando à superfície para respirar. Ficou observando o fundo aquático, com suas algas, peixinhos furta-cores e pedras submersas.

Parando de nadar, Katherine recostou-se na beirada do rio, com a água na altura dos ombros. Um desejo irreprimível de melhor compreender os costumes marroquinos ganhou vulto.

Sem pensar duas vezes, falou espontaneamente:

— Em que pesem meus esforços, realmente eu não entendo por que as mulheres marroquinas aceitam a poligamia! É um costume que me causa indignação.

— Nesse caso, não temos escolha. A religião islâmica admite essa possibilidade, conquanto não a incentive. O próprio profeta Maomé teve várias esposas! Essa circunstância impede as mulheres de se insurgirem abertamente contra essa permissão. Entretanto, como tudo na vida, há meios inteligentes de contornar esse privilégio masculino... Não permanecemos inertes a esse fato!

— Como assim?! — questionou Katherine sem alcançar o real sentido daquelas palavras.

— Embora o homem possa ter quatro mulheres e o divórcio ser difundido, preferencialmente a favor dos homens, isso não significa dizer que o seu marido seguirá necessariamente esse preceito. Tudo dependerá do interesse que você conseguir despertar...

— Continuo na mesma... — respondeu Katherine confusa.

— Deixe-me explicar. Se a paixão e o desejo são determinantes na atração entre homens e mulheres, mantê-los sempre vívidos é o segredo de um casamento promissor. Um homem apaixonado por sua esposa dificilmente se interessará por outra mulher, a ponto de pretender desposá-la. Vendo a questão sob outro ângulo, a concorrência nos incentiva a conservar a centelha do desejo acesa!

— A ideia de dividir o homem da minha vida com outra mulher me causa calafrios.

— A nós, também! Por isso, procuramos agradá-los e satisfazê-los sexualmente. A arte da sedução é amplamente valorizada. Procuramos evitar ao máximo esse desfecho.

E prosseguiu Cecilla:

— Vamos imaginar que nos apaixonemos por um homem casado. Em tal situação, na religião mulçumana, é possível sermos uma de suas esposas, usufruindo igualdade de direitos, de tratamento e benefícios materiais, além de existir equidade entre os filhos, os quais não sofrem qualquer discriminação. É verdade que, na prática, a primeira esposa acaba exercendo certa hierarquia sobre as demais, bem como é possível a predileção do marido por uma esposa em detrimento de outra. Isso não é censurável. Seria injusto impor ao marido controlar seus sentimentos.

— Simplificando: seríamos obrigadas a dividir o marido! — resumiu Katherine aborrecida e enciumada.

— Às vezes, é bem mais vantajoso isso do que nada! — obtemperou Cecilla.

— Complicados de assimilar esses conceitos.

— Também é admitido que a família da noiva consigne no contrato pré-nupcial a vedação do futuro esposo de contrair outros matrimônios, embora isso não seja o que tradicionalmente acontece. Como o acordo é pactuado entre os homens das duas famílias, invariavelmente essa prerrogativa é solenemente desprezada.

— Pelo menos, algum alento...

— Outro enfoque não ventilado por milady é quando o casamento é celebrado contra a vontade da

mulher. A família decide e pronto. A vantagem é que o marido pode escolher outras esposas e deixá-la em paz!

— Essa perspectiva tinha passado despercebida... — confidenciou Katherine às gargalhadas, com suas convicções ligeiramente estremecidas ao considerar esse outro aspecto.

— A questão é que nenhum dos dois modelos é imune às críticas — argumentou Cecilla molhando os cabelos na água. — De que adianta ser a única esposa de um homem que coleciona uma fila de amantes? E qual é a relevância de o seu marido ter outras esposas, se a amar de verdade? E não se esqueça de que o avanço da idade das mulheres deixa de ser um fator de instabilidade. No Islã, as esposas sempre serão amparadas por seus maridos, independente de futuros ou anteriores casamentos.

— É tudo excessivamente complexo... Não acho uma solução para esse dilema!

— Para mim — afirmou Cecilla — o sentimento que nos une à pessoa amada e a sua reciprocidade é o ponto fundamental. Como podemos casar com homens já casados e, ainda assim, sermos sua legítima esposa, não me oporia a me casar, se o amasse de verdade. Obviamente, essa não seria a minha primeira opção. Um homem solteiro é bem mais conveniente.

Colocando de lado a discrição, Katherine perguntou:

— Você já pensou em se casar com alguém?

— Tive um pretendente há um ano, quando estava em Marrakech. Todavia, as coisas não evoluíram. Não nos amávamos — declarou serena.

— Parece que o ser humano vive na eterna busca do intangível... — declarou Katherine meditativa, enquanto apreciava o rasante voo de uma águia sobre as águas do rio.

Voltando-se para Cecilla, confessou:

— Honestamente, desconheço a força do sentimento que chamam de amor, cantado pelos trovadores e imortalizado pelos versos dos poetas.

E continuou com o olhar perdido no horizonte:

— Francamente, temo um dia conhecê-lo... Aterroriza-me perder a minha liberdade.

— Perdão pela minha ousadia, mas quando é que o ser humano foi livre para alguma coisa?! Independentemente do local onde tenhamos nascido, estamos incontornavelmente presos aos costumes, expectativas familiares e a uma infinidade de outras obrigações paralelas.

— Ainda que haja um condicionamento social, é possível exercitar nosso livre arbítrio. E fazer escolhas pessoais conscientes pressupõe o domínio de nossas emoções.

— Seja como for, não adianta nada viver livre sem amor. E a prova inconteste disso é que através dos séculos os homens perseguem a mesma coisa! Porque é o amor que molda a nossa existência — concluiu Cecilla com sabedoria.

— Provavelmente, você tem razão... — concedeu Katherine, ansiando ultimar o assunto. No fundo, sabia que apenas vivendo esse sentimento poderia conhecer o seu poder. O mais seria mera especulação.

Não demoraram muito na cachoeira. Arrumaram-se e voltaram quietas e silenciosas do passeio. Por algum motivo inexplicável, aquela conversa ecoou por dias na mente de Katherine, roubando-lhe a paz de espírito.

Como sucedia todas as noites, Katherine preparou-se com esmero para o jantar. Cabia a Cecilla escolher suas toaletes, adequando-as à ocasião. A tradicional forma de vestir das marroquinas havia se incorporado naturalmente na sua rotina. Não mais estranhava seus adereços, maquiagens e roupas. Tudo lhe soava normal. Como se a vida inteira tivesse feito as coisas daquele mesmo jeito. Até o árabe vinha dominando com relativa desenvoltura.

Quando estava pronta defronte à penteadeira, Cecilla depositou um embrulho prata no mármore branco da bancada. Um cartão acompanhava o presente. Katherine abriu-o e deteve-se na mensagem. Fahid a convidava para jantarem na varanda. Uma ligeira inquietação tomou-a de sobressalto. Emoção que se potencializou ao verificar o conteúdo da caixa de cetim. Um conjunto de brincos e gargantilha de esmeraldas resplandecia em seu interior.

— Poucas vezes vi peças desse nível... Essas pedras são incríveis! — verbalizou Katherine maravilhada ao apreciar o formato retangular das gemas, em particular do colar. As duas linhas horizontais simétricas de esmeraldas que preenchiam o pescoço eram unidas com ouro-branco. Na base, seis pingentes de esmeraldas incrustados nas bordas com diamantes arrematavam a gargantilha. Os brincos reproduziam a mesma concepção dos pingentes.

Dirigindo o rosto para Cecilla, inquiriu:

— Você sabe de alguma coisa?

— O príncipe Fahid somente me incumbiu de escolher um vestido esverdeado e que tivesse um decote largo, além de lhe entregar o presente antes de sair do quarto. Não me adiantou mais nada.

— E a novidade do jantar na varanda? O que isso representa? Tem algo mais por trás disso? — indagou Katherine desconfiada.

— Em princípio, unicamente uma mudança de ares — disse Cecilla colocando-lhe as joias. Avaliando o penteado através do espelho, Cecilla gostou do resultado de prender os cabelos na parte da frente, deixando-os soltos atrás.

— Sendo assim, eu não teria com o que me preocupar... — externou Katherine, na esperança de se convencer de suas próprias palavras.

— Pelo menos, é o que se presume.

Fahid aguardava Katherine na sala que interligava seus quartos. Ao vê-la se aproximar, diminuiu a distância e beijou-lhe as mãos. Encarando-a com envolventes olhos âmbar, externou:

— Estas joias combinam à perfeição com você!

— Suas atitudes cavalheirescas sempre me deixam sem saber como agir — confessou Katherine embaraçada. — De qualquer maneira, obrigada!

— Gostaria de uma taça de vinho? — desconversou Fahid.

Katherine assentiu e sentou-se no sofá. Observou que a decoração havia sido modificada. Arranjos florais, com velas de diversos modelos, foram arrumados em pontos estratégicos. Na área externa, apenas uma pequena mesa redonda com duas cadeiras, coberta por toalha e louças finas, cristais e talheres de prata, substituía os móveis originais da varanda. Antes de se acomodar na poltrona, Fahid estendeu-lhe a taça com a rósea bebida.

— Como anda o trabalho na enfermaria? — perguntou Fahid. — Está tudo dentro dos conformes?

— Pode-se dizer que sim... Mas... — interrompeu-se Katherine de súbito, indecisa se deveria ou não externar sua opinião.

— Mas... — incentivou Fahid a prosseguir.

— Malgrado os esforços de Warda em administrá-la e atender bem os pacientes, entendo que dois problemas básicos precisam ser sanados...

— E quais seriam?

— Primeiro, separar o atendimento de crianças e de adultos em alas distintas. E segundo, entendo relevante a presença periódica de um médico. A cada dez dias no mínimo — sugeriu com cautela. — Alguns procedimentos exigem contínua renovação. E a orientação de um profissional que esteja atualizado dos avanços da medicina ajudaria na triagem dos pacientes mais graves — resumiu Katherine devagar.

— Sua avaliação me parece precisa — elogiou Fahid. — Efetivamente, há meses que tento localizar um médico que aceite se deslocar periodicamente às montanhas. Inicialmente, até cogitei em contratar alguém para morar aqui. Porém, não demorou muito para compreender que seria complicado convencer médicos recém-formados a abandonarem carreiras promissoras nas cidades, em troca da obscura e monótona vida do campo.

— Bem... — começou Katherine cordata —, pelo menos, você já vem procurando uma solução.

— No que concerne às alas separadas, não tinha pensado nisso... — falou Fahid levantando-se para servi-los de mais vinho. — Você tem em mente uma forma de operacionalizá-la?

— Proponho anexar o galpão lateral. Pelo que averiguei, vem sendo utilizado como depósito de ferragens. Com seu talento para arquitetura, você rapidamente reorganizará os espaços. Não tenho dúvidas de que essa seria a sua opinião se tivesse visitado o local... — expressou Katherine envolvente.

— Por *Alá!* — disse Fahid entre risos. — É humanamente impossível resistir a um pedido seu! Vejo que não tenho escolha!

— Não seja dramático! Você pediu uma sugestão e eu prontamente lhe dei — declarou Katherine com estudada inocência.

— Você e Fayard se dariam às mil maravilhas!

— Quem é Fayard? — quis saber Katherine.

— Meu irmão mais novo.

— Desconhecia que tinha irmãos...

— Somos ao todo quatro. Sendo duas mulheres, Fayard e eu.

Katherine estendeu a taça vazia. Fahid completou-a.

— Ele mora no Marrocos? — perguntou Katherine curiosa.

— Definir onde Fayard mora não é tarefa das mais fáceis... — expôs Fahid.

— Por quê? — interrogou Katherine intrigada com aquele inusitado comentário.

— Dependendo da época, fica mais na França, na Inglaterra, ou em Roma... Qualifico-o de nômade. Um autêntico beduíno europeu. Em vez das areias do Saara, perambula pelas fronteiras do Velho Mundo.

— E o que, afinal, temos em comum?

— Fayard, quando quer uma coisa, é tão singularmente sugestivo, que você pode jurar que a ideia saiu da sua própria cabeça!

— Perigoso esse seu irmão Fayard! — exclamou Katherine sorrindo.

— Nem me fale... Ainda bem que sou calejado. As artimanhas de Fayard são sua marca pessoal! — disse Fahid com espirituosidade, sentando-se confortavelmente na outra ponta do sofá.

Rememorando o passado, Fahid contou divertido:

— Certa vez, estávamos para decidir onde passaríamos as férias. Ele tanto fez que terminamos nas savanas do sudeste da África...

— Não vá me dizer que não gostou da viagem!

— Nada disso... O safári foi fantástico! A região é de uma beleza estonteante, com fauna abundante e diversificada. O problema é que demoramos mais tempo do que nos era permitido, por conta da teimosia de Fayard de não querer voltar. E, como usualmente ocorre, a notícia alcançou os vigilantes ouvidos do nosso pai. Como castigo por termos perdido quinze dias de aula, ficamos seis meses sem nenhum tostão na escola! O pior foi escutar as queixas e reclamações de Fayard, como se eu fosse o culpado da situação.

Rindo da narrativa, Katherine notou a entrada dos servos com os pratos do jantar. Erguendo-se descontraído, Fahid ofereceu a mão a Katherine.

— Proponho irmos à varanda. O jantar acabou de ser servido.

Como se fosse a coisa mais trivial em suas vidas, Katherine aceitou ser conduzida por Fahid. Era uma daquelas límpidas noites de fim de verão.

O luar derramava a pálida claridade prateada. Incontáveis estrelas cintilavam na abóbada celeste, formando um emaranhado de luz, magicamente suspenso no céu. Uma vez sentados, conversaram entretidos, sem se aterem ao que lhes era posto no prato. Fahid mostrava ser o mais encantador dos homens. Sua pele dourada era realçada pela flamejante chama das velas do arranjo floral. O mel derretido de seus fulgurantes olhos enfeitiçava Katherine, transportando-a para as fantásticas histórias da sua viagem às Índias, feita há cinco anos. Seus cabelos negros agitavam-se enquanto gesticulava empolgado e sua boca sensual descrevia, com riqueza de detalhes, o pitoresco modo de viver dos indianos.

Katherine não cansava de admirá-lo. Os anéis de prata que usava, três na mão direita e dois na esquerda, com referências mouriscas, captaram a sua atenção. Eram particularmente lindos! Envergava blusa branca de mangas volumosas, amarradas acima dos cotovelos, calça bufante azul-marinho, colete sem botões de idêntica cor, ornamentado com minúsculas pedrarias de coloração azulada com fios prateados, uma faixa negra na cintura, além de babouches de couro preto, sobriedade que emoldurava sua imponente compleição física. Enveredando na teia de sedução daquele homem contraditório e atraente, Katherine abstraiu tudo a sua volta, exceto Fahid.

Concluído o jantar, os servos se retiraram discretamente. Neste instante, Fahid perguntou:

— Gosta de dançar?

— Sim... Quando eu vou a bailes, aproveito para extravasar o meu prazer pela música. E na Inglaterra isso é bem frequente.

— Posso até visualizar o tumulto que não é o preenchimento do seu cartão de danças! — comentou em tom de provocação.

— Não seja implicante! — repreendeu sem ocultar o contentamento com o elogio. — Não me diferencio de nenhuma dama nesse quesito.

— Custa-me confiar no seu julgamento — declarou Fahid.

— E você participa de bailes? Da corte marroquina?

— Somente vou a bailes quando viajo ao exterior. No Marrocos não há este tipo de festividade. Como você deve ter notado, homens e mulheres não dançam juntos. As atividades sociais na corte marroquina são diferentes. Para ser sincero, dificilmente vou a Fez. As intrigas palacianas me aborrecem e toda aquela ostentação me cansa.

— Não consigo vê-lo valsando num baile londrino.

— Fique sabendo que sei dançar impecavelmente! — garantiu Fahid sem modéstia.

— Desculpe, mas só vendo para crer — disse Katherine com trejeito que revelava desconfiança da veracidade das suas afirmações.

Pondo-se em pé ao lado de Katherine, Fahid estendeu-lhe a mão:

— Então... venha cá!

— Como?! — assustou-se Katherine com aquele inesperado convite.

— Você está duvidando da minha habilidade de valsar. O jeito mais eficiente de findar esse impasse é convidando-a para dançar. Quem sabe assim você não se convence! — explicou fazendo uma mesura.

— Como fazer isso? Aqui não tem música! Não dá para dançarmos dessa forma... — argumentou Katherine, apontando para os lados.

— Largue de se esquivar... Levante-se que eu lhe mostrarei como é simples. Quem acreditaria que a aguerrida lady Katherine Hartington um dia se furtaria de me desafiar... Deve ser o fim dos tempos! — alfinetou risonho.

— Isso soa inaceitável... Terei de remediar esse equívoco depressa! — retrucou com um sorriso cativante, estendendo a mão para Fahid.

Cingindo-a firmemente pela cintura, Fahid conduziu-a ao meio do terraço. Fitando-a nos olhos, perguntou:

— Conhece as valsas de Johann Strauss?

— São as minhas preferidas.

— Idealize uma orquestra executando *Bouquets*...

Sem hesitar, Fahid segurou-lhe a mão suavemente, e aproximou-a de si. Seus pés começaram a flutuar. Ditando o ritmo da dança, Fahid rodopiou alegremente com Katherine em seus braços. Deixaram-se envolver pelo embalo de seus corpos que acompanhavam a musicalidade da alma. Seus espíritos se entrelaçaram na imaterialidade sublime do reencontro, na fascinação romântica que espraia a plenitude enlevada da paixão. Somente pararam quando o fôlego ameaçou lhes faltar. Katherine sentia-se levitando nos robustos braços de Fahid, que a estreitava num abraço possessivo. Katherine queria ficar eternamente ali. Suas feições afogueadas exprimiam seu deleite com aquela proximidade.

Capturando determinado o azul-esverdeado dos ofuscantes olhos de Katherine, Fahid delineou seus lábios com o polegar. A energia que os unia convenceu-a de que seria inútil fugir do inevitável. Ansiando ardentemente ser amada por aquele homem, Katherine sussurra arrebatada pela paixão:

— Por favor, não me deixe pensar...

Sentindo a aceitação de Katherine, Fahid beija-a apaixonadamente, sendo retribuído com a mesma intensidade. Precisando tocar na pele bronzeada que se escondia debaixo do tecido alvo, Katherine começou a lhe desabotoar a blusa, removendo-a com movimentos apressados. A pele era quente! Um cheiro másculo se desprendia dela, inebriando-lhe os sentidos. Com uma urgência que desconhecia possuir, aspirou sôfrega seu perfume. Sobrepujada pelo abrasador e irrefreável desejo, depositou seguidos beijos molhados no tórax desnudo, com incomensurável ousadia.

O coração de Fahid martelava descompassado dentro do peito. O mesmo sucedia com Katherine. Segurando-lhe o queixo, Fahid encosta seu rosto no dela e a encara resoluto:

— Quero vê-la nua!

As pupilas de Katherine dilataram-se ao ouvir aquele pedido. Um tremor de excitação alcançou-lhe a parte mais íntima. Fahid recuou três passos para melhor observá-la. Desabotoando devagar a lateral do estruturado corpete do vestido, Katherine deixa-o escorregar ao chão, afastando-o com os pés para o lado. Um translúcido tecido ainda lhe ocultava parcialmente a nudez. Retirou-o, com o sangue correndo mais rápido em suas entranhas. Fahid não desgrudava os olhos do seu corpo.

Agora só resta desprender o colar e os brincos.

— Não... — disse Fahid rouco, pressentindo-lhe a intenção.

Exposta, Katherine intuiu sua aproximação. Pegando-a pela parte detrás do pescoço, Fahid beijou seus lábios com selvagem volúpia. Seus corpos moldam-se, cheios de ansiedade, corroídos pelo desejo avassalador. Erguendo-a nos braços, Fahid carregou Katherine para o quarto, reclinando-a na cama. Com gestos ágeis, despiu-se sob o olhar perscrutador de Katherine. A expectativa do escultural corpo de Fahid cobrindo-a contraiu-lhe involuntariamente o ventre. O primeiro contato das peles inteiramente nuas e corpos sobrepostos levou-a a suspirar de indescritível prazer. Um calor pulsante e inesgotável inflamava-lhe a alma. Suas bocas se consumiam numa exigência sem fim.

Tocando, beijando e mordiscando os seios rosados e luxuriantes, Fahid os estimulava, deixando-os intumescidos. Extasiada com as inebriantes sensações, os dedos de Katherine percorriam as costas de Fahid arranhando-o inconscientemente. O membro ereto comprimia-lhe as coxas com desmedido erotismo. O centro de sua feminilidade latejava, instigando-a a querer sempre mais... Sentindo-a úmida, Fahid penetrou firme na sua intimidade escorregadia, acomodando-se devagar. A invasão trouxe desconforto para Katherine. Vendo-lhe a reação, Fahid espalhou carinhosos beijos na face, sentiu-a relaxar, pouco a pouco. Não demorou para a sua fisionomia recuperar o entusiasmo com a união física. Instintivamente, as pernas de Katherine enlaçaram as nádegas de Fahid, aprofundando a junção de seus corpos. Controlando-se, Fahid iniciou um lento e cadenciado balançar dos quadris. A manifesta receptividade de Katherine fez Fahid intensificar o sensual e ritmado movimento, culminando com estocadas vigorosas que lhes arrancavam lânguidos gemidos. Perdendo-se nos recônditos da mulher de seus sonhos, Fahid teve certeza, ao atingir o êxtase, que nada mais seria igual até o término de seus dias.

Saciados, permaneceram imóveis, enquanto a respiração ofegante se normalizava, paulatinamente.

Deitando-se um defronte ao outro, com a cabeça em seus próprios travesseiros, contemplaram-se num silêncio pacífico. Quebrando a imobilidade, Fahid acaricia reverencialmente a pele leitosa do colo, próxima à gargantilha de esmeraldas. Um fogo começou a se insinuar dentro de Katherine, derretendo-a.

Como aquilo era possível num diminuto espaço de tempo?! — alarmou-se Katherine.

Sentando-se ao lado de Fahid, Katherine passou a analisar aquele corpo viril que lhe proporcionou desmesurado prazer. A temperatura da sua pele aquecia-lhe as mãos espalmadas no torso nu.

Aquilo não podia ser normal! — refletiu Katherine impressionada.

Reclinando a cabeça no seu abdômen musculoso, Katherine tocou-lhe os pelos do peito e Fahid ficou alisando embevecido seus cabelos negros.

— Adoro senti-los espalhados sobre mim — confidenciou ele baixinho.

Indecisa se deveria formular a pergunta que não lhe abandonava a mente, Katherine acabou indagando:

— É sempre assim, Fahid? Quero dizer... A relação entre um homem e uma mulher é usualmente

tão intensa?

— Não — declarou com franqueza. — Depende da interação física.

— Nesse caso... tudo indica que temos de sobra... — concluiu em voz alta.

Sustentando-se no cotovelo, Fahid estendeu-lhe sugestivamente o braço. Indo ao seu encontro, Katherine abraçou-o e se aconchegou, deitando-se novamente no colchão. Não tardou para a paralisante névoa do sono conduzi-la à inconsciência, resvalando num descanso sossegado.

Somente quando a manhã ia adiantada Katherine acordou. Sobre a mesinha de cabeceira, um copinho de chá repousava pacientemente. Ouvindo-a remexer-se na cama, Cecilla aproximou-se:

— Bom dia, milady! Preparei-lhe uma infusão — estendeu Cecilla a bebida em direção a Katherine, que ainda estava deitada entre os travesseiros.

— Santo Deus, Cecilla! Quanta afobação... isso pode esperar eu me levantar! — resmungou Katherine sonolenta.

— Infelizmente, é importante tomar ao despertar.

— Não vejo justificativa para isso. Pode-se tomá-lo a qualquer hora do dia!

Vendo que Katherine não compreendia, Cecilla resolveu empregar uma abordagem direta.

— Milady quer ter quantos filhos? Seis... quatro... dois...

Entendendo as propriedades naturais da infusão, Katherine pegou o copo e bebeu sem mais delongas. Filhos não faziam parte de seus planos, ao menos por hora.

— Muito bem! — observou Cecilla ao constatar que Katherine verteu todo o líquido alaranjado.

Aproveitando a ocasião, Cecilla entregou-lhe uma mensagem em mãos. A inconfundível caligrafia de Fahid despontou ao abri-la. Ao finalizar a leitura, Katherine saiu da cama, envolta nos lençóis, com expressão furiosa.

— Como Fahid viaja sem me avisar?! Ontem teve tempo suficiente para isso... Não lhe faltou oportunidade... No entanto, escreve um bilhete e acha que está tudo resolvido — indignou-se Katherine, sacudindo o papel no ar. — Os homens acham que podem tudo! — exclamou Katherine visivelmente irritada.

Chateada, indagou para Cecilla:

— A que horas ele partiu?

— Ao alvorecer.

Extravasando a sua ira, Katherine amassou o papel e o arremessou impiedosamente nas chamas da lareira. As labaredas converteram-no em cinzas em questão de segundos.

Deixa Fahid voltar... Isso não vai ficar assim... — prometeu Katherine, revoltada com tamanho descaso e falta de consideração.

CAPÍTULO 12

Acompanhando através da janela de seu escritório o singrar das embarcações entrando e saindo do agitado porto de Essaouira, Fahid aguardava o armador Mahafara Mirjalali. Há três semanas que Fahid resolvia pendências, intercorrências das últimas entregas e contactava clientes importantes. Pilhas de cartas haviam sido redigidas e prontamente despachadas aos quatro cantos do mundo. Parecia que a sucessão de problemas nunca findaria! Ansiava retornar à fortaleza o quanto antes para rever Katherine. Todos esses dias desejava tê-la em seus braços, senti-la junto a si. Seus sonhos eram povoados pela imagem de Katherine sorrindo e olhando-o com paixão desenfreada. Estava completamente obcecado por aquela mulher, percebeu Fahid sem esconder a frustração de estar distante por tantos dias.

As estocadas na porta fizeram Fahid se levantar para recepcionar Mahafara. A figura alta e esguia causava boa impressão. Seus modos educados reiteravam o sentimento inicial. Mesmo assim, Fahid sempre se mantinha alerta ao seu lado. Nada de concreto respaldava a sua desconfiança, entretanto Fahid aprendera a respeitar seus instintos desde a juventude.

— *Salamaleicom* — cumprimentou Fahid cortês.

— *Ualeicom salaam* — respondeu Mahafara observando cada detalhe a sua volta: o estilo quase espartano de Fahid, atitude que lhe conferia uma aura de refinado despojamento, a sobriedade alinhada da mobília do escritório, o que denotava a praticidade na condução de seus negócios.

— Por favor, sente-se — apontou Fahid a cadeira defronte a sua mesa de trabalho, enquanto sentava-se em seu lugar. Os astutos olhos castanhos de Mahafara acompanharam-lhe atentamente o movimento. — Aceitaria um chá de menta?

— Não... obrigado! Não precisa se preocupar... Pretendo ser breve. Não quero tomar o seu tempo desnecessariamente.

Sem titubear, Mahafara expôs com desenvoltura os motivos que o levaram a solicitar aquela reunião:

— Sei que deve estar estranhado a minha iniciativa de contactá-lo. Afinal, somos concorrentes! Contudo, há meses penso em procurá-lo.

Dando uma pequena pausa para dar maior suspense, prosseguiu:

— Depois de avaliar os prós e contras, cheguei à conclusão de que a melhor coisa para os nossos negócios seria nos tornarmos sócios, razão pela qual estou aqui para lhe propor sociedade.

— Sociedade... — repetiu Fahid ocultando, com férrea disciplina adquirida de longos anos, a sua total perplexidade.

— Após muito refletir, vislumbrei que ao invés de concorremos no mesmo ramo de atividade, poderíamos somar esforços para crescermos ainda mais... Unidos seríamos imbatíveis! Nenhuma empresa conseguiria fazer frente aos nossos navios. Teríamos atuação não só na Europa, mas também nos portos da África. Sem se falar na possibilidade de expandirmos consideravelmente os negócios

para a Ásia. Indiscutivelmente, seria uma notável reunião de ativos, com retornos significativos! — explicou Mahafara, passando uma das mãos nos curtos cabelos castanhos, expressando uma megalomania latente.

Impressionado com a ênfase de seus argumentos, Fahid achou por bem não dar nenhuma resposta imediata. Não tinha intenção de fazer sociedade com absolutamente ninguém, no entanto, era prudente deixá-lo externar tudo o que pensava. Assim, poderia compreender os reais motivos daquele convite e as causas por trás daquele inesperado oferecimento.

— Essa sua oferta requer aprofundado estudo... — asseverou Fahid diplomaticamente. — Muito embora eu não almeje sócios ou qualquer outro tipo de reestruturação para meus negócios — antecipou-se em esclarecer, porquanto não pretendia despertar falsas expectativas.

Tentando obter um compromisso menos vago, Mahafara insistiu:

— Compreendo a sua cautela, porém é inegável o enorme potencial que teríamos unificando nossas operações marítimas. Os dois lados certamente sairiam ganhando com essa nova concepção das nossas empresas.

— Efetivamente, o seu ponto de vista tem fundamentos lógicos. Por isso, não o descarto de imediato. Inobstante esse fato, toda decisão deve ser fruto de ampla meditação. Principalmente, uma decisão com tal nível de abrangência — tergiversou Fahid com elegância.

— Conhecendo-o todos esses anos, não questiono a sua capacidade de decidir corretamente, razão pela qual confio na concretização desse projeto — adiantou-se Mahafara, transmitindo uma convicção que estava longe de sentir. — Somente peço que me posicione com brevidade a sua decisão final — ultimou, contraindo involuntariamente suas feições aquilinas.

A inquietação daquela última frase e a insatisfação mal disfarçada de Mahafara, a ponto de tingir de escarlate a pele clara do seu rosto, reforçaram as suspeitas de Fahid.

— Você será o primeiro a ser cientificado da minha posição sobre a sua proposta. Pode ficar tranquilo... — garantiu Fahid, sem se comprometer com coisa alguma.

— Ficarei no seu aguardo — disse Mahafara, consciente de que não surtiria efeito positivo persistir no assunto.

Teria que ter paciência! — pensou Mahafara ao retirar-se do escritório de Fahid trajando suas dispendiosas roupas.

Intrigado, Fahid decidiu começar uma criteriosa investigação para ver se descobria os verdadeiros motivos daquele insólito convite. Mahafara era excessivamente vaidoso para permitir de bom grado abrir mão do comando de seus negócios e, sobretudo, dividir os lucros! Se propôs sociedade, é porque lhe seria conveniente essa nova estrutura. Logo, alguma coisa estava terrivelmente errada e teria que saber rápido, pois homens ambiciosos eram invariavelmente adversários inescrupulosos, mormente quando tinham interesses contrariados. Para se proteger, precisava urgentemente antever seus próximos passos, antes que viesse a ser tarde demais...

As mudanças nas instalações da enfermaria estavam praticamente finalizadas. No máximo, em três dias terminariam as adaptações indispensáveis à inauguração da ala infantil. A empolgação de Warda com o projeto contagiou a todos. Sem o seu engajamento, não teria conquistado a adesão de

voluntários em número suficiente à execução da obra, reconheceu Katherine ao regressar de mais um dia de extenuante trabalho pela estrada de terra batida que levava ao castelo.

A bênção de ter uma atividade que demandava sua inteira atenção na ausência de Fahid ajudava Katherine a afastar fantasmas indesejados. Não queria pensar nele, nem nos desdobramentos da noite que partilharam há mais de um mês. Todavia, bastava estar sozinha para rememorar cada detalhe... cada beijo... cada atitude apaixonada... Perder o controle de suas emoções causava-lhe profundo desagrado.

Tinha que manter a lucidez! — repetia Katherine para si mesma.

Desanimada, Katherine subiu devagar os degraus das escadarias. Encontrou Cecilla em seu quarto. Notando-lhe o abatimento, Cecilla indagou:

— Milady está se sentindo bem?

— Só estou cansada... Esses dias foram demasiadamente corridos — respondeu Katherine dirigindo-se à sala de banho. — Acredito que um banho reporá minhas energias... — falou enquanto se despia com gestos impacientes, na ânsia de recobrar seu costumeiro equilíbrio.

Entrando na piscina, Katherine ensaboou-se, enxaguou os cabelos e ficou relaxando nas águas tépidas e renováveis, advindas de fontes termais canalizadas, com um copinho fumegante do tradicional chá de menta. Sentindo necessidade de saber um pouco mais sobre a família de Fahid, questionou:

— Os pais de Fahid ainda são vivos?

— Sim — confirmou Cecilla, sentando-se na borda.

— Você os conhece? Sabe onde moram? — inquiriu Katherine sem se incomodar em ser indiscreta.

— O príncipe Taufik e a princesa Sahar moram num palacete em Marrakech. Desde que retornei à fortaleza não os encontrei mais. Porém, antes de vir para cá, convivi muito com eles.

— Então você os conhece relativamente bem... — deduziu Katherine corretamente.

Passado um pouco, Katherine disse com voz distante:

— Mesmo fechando os olhos, estou com dificuldade de personificar na minha mente a mãe de Fahid... Poderia descrevê-la para mim? — pediu com o olhar perdido nos veios do pálido mármore dos degraus da escada, onde estava recostada.

— É uma mulher delicada e cordata. Fisicamente, o príncipe Fahid herdou-lhe os traços. É o filho que mais se assemelha à princesa Sahar.

— Ela é a única esposa do príncipe Taufik?

— Por mais surpreendente que seja... a resposta é sim...

— Por que diz isso? — perguntou Katherine sem compreendê-la.

— Se milady conhecesse o forte temperamento do príncipe Taufik e a sua personalidade dominadora, duvidaria que uma única mulher fosse capaz de satisfazê-lo. Ainda mais uma serena e pacífica como a princesa Sahar.

— Quem sabe esse não seja justamente o seu fascínio... — ponderou Katherine.

E continuou Cecilla com sua explicação:

— Mesmo beirando os sessenta anos, o príncipe Taufik desfruta de expressivo poder. Com habilidade invejável, sempre está no epicentro político, centralizando atenções e controlando com mão de ferro seus interesses pessoais. É um articulador nato, com enorme prestígio e influência sobre o Sultão. Pode-se amá-lo ou odiá-lo; menos lhe ser indiferente! Não é desprezível o número de

desafetos que colecionou nas últimas décadas!

— Nesse aspecto, Fahid e o pai são o extremo oposto — verbalizou Katherine pensativa.

— Como num palácio não se mantêm segredos sobre a vida de seus ocupantes, dizem que houve acaloradas discussões entre pai e filho por conta das insistentes tentativas do príncipe Taufik de impor uma promissora carreira política ao príncipe Fahid — confidenciou Cecilla.

— E Fayard? Fahid me disse que tem um irmão mais novo com esse nome...

— Vi-o pouquíssimas vezes... Recordo-me apenas do período em que éramos crianças. Só sei que vive na Europa. Igualmente se rebelou contra a influência paterna. Praticamente, não pisa no Marrocos!

— E suas irmãs? Você sabe alguma coisa?

— A princesa Latiffa é a terceira esposa do grande aliado político de seu pai, o rico comerciante Dib Sabach, e a princesa Samira é a segunda esposa do todo-poderoso vizir das finanças, Jabril Chraybi.

— Virgem Santa! As filhas foram descaradamente utilizadas como peças de um odioso xadrez político! — horrorizou-se Katherine com a revelação. — Espero ficar o mais longe possível do campo de influência do príncipe Taufik.

— Essa é a mesma intenção do meu senhor.

Um frio sinistro perpassou-lhe a espinha, eriçando-lhe a nuca. De imediato, saiu do banho, pegou uma toalha de algodão e esfregou-se com vigor, com o deliberado propósito de amenizar a desagradável sensação de fatalidade que lhe atingiu a alma. Daquela narrativa, Katherine entreviu que a família de Fahid tinha relações tumultuadas, essencialmente pautadas na controvertida e emblemática figura do príncipe Taufik. Agora compreendia o estranhamento de Cecilla com o fato de o pai de Fahid ter somente uma esposa. Tudo era política. Neste contexto, uma única esposa não fazia qualquer sentido prático!

Repassando aquelas informações do panorama familiar de Fahid, Katherine memorizou-as com afinco, pois nesse estranho mundo do qual agora fazia parte, ainda que de uma maneira pouco convencional, todo cuidado era pouco.

Katherine dormia um sono repleto de sonhos. Fahid era presença constante nas fluidas e agradáveis imagens que permeavam a sua inconsciência. Uma constelação de estrelas transluzia seu rosto másculo. Seu cheiro... O toque de suas mãos... Tudo era vívido em sua mente! Katherine tinha a impressão de estar em seus braços fortes, consumida pelo renovado encantamento do contato físico de seus corpos. Sem entender as razões do seu arrebatamento, Katherine foi despertando gradativamente das ilusórias visões, para constatar abismada que as sensações imaginárias se intensificavam à medida que voltava a registrar a realidade. Deparou-se com o cintilar âmbar dos olhos de Fahid... dardejando em chamas!

— O que faz aqui?! — perguntou Katherine assustada, ao acordar ao lado de Fahid, completamente despida.

— Estou retomando de onde paramos... — disse Fahid, beijando-a no pescoço com erotismo.

— Por Deus! Como você pode ser tão detestável?! — repreendeu-o Katherine, assimilando que

Fahid também estava nu.

— Não percebi estar lhe desagradando... — retrucou com um sorriso malicioso nos lábios.

Sem cerimônia, Fahid põe-se a acariciá-la sensualmente. Beija-lhe a boca com sofreguidão, entrelaçando seus corpos com intimidade pecaminosa, o que fez Katherine desejar se perder para sempre naquele labirinto de prazeres indizíveis. Afundando os dedos na espessa cabeleira negra de Fahid, Katherine deixou-se dominar pelo incontrolável impulso de tê-lo dentro de si. A saliência das virilhas de Fahid comprimia-lhe o ventre liso, evidenciando a sua excitação, e prenunciando-lhe as intenções, fazendo-a estremecer só de pensar no que se seguiria... Libertando-se de suas inibições e receios, Katherine arqueou o corpo, num sinal de muda concordância. Compreendendo sua premente necessidade, Fahid apossa-se com ímpeto de seu corpo febril, preenchendo-a por inteiro. Um gemido rouco de prazer desprendeu-se involuntariamente da sua garganta. Na ancestral e primitiva união de corpos, Katherine acompanhou o exigente ritmo de Fahid que a encarava com olhar brilhante de paixão.

— Você é minha... — sussurrou-lhe entre os lábios.

Presa no cipoal de emoções que a arremessavam implacavelmente para os misteriosos abismos da existência humana, Katherine atingiu o ápice do prazer. Ondas vigorosas assolavam seu corpo desnudo, fazendo-a experimentar o desabrochar da sua feminilidade. Sentia-se mulher numa intensidade dantes não experimentada.

Aquilo me devorava a alma — definiu Katherine sobressaltada.

Vendo-lhe as reações, Fahid liberou seus instintos, derramando-se em Katherine. Seus corpos suados colavam-se extenuados. Mirando seus olhos azul-esverdeados e relutando em se separar, Fahid beija-a com deleite.

— Eu poderia passar a vida assim... — declarou Fahid baixinho, com a voz impregnada de sentimentos ardentes.

Katherine analisava-o num silêncio contemplativo. Por mais que quisesse rechaçar a situação, a verdade é que tinham trilhado um caminho sem volta. Nada poderia reverter o fato de terem se convertido em amantes.

Com um suspiro conformado, Katherine declarou:

— Gosto do que me faz sentir...

Levantando-se da cama para servi-los de generosos copos d'água, Fahid asseverou enigmático ao aproximar-se novamente de Katherine:

— Prometo-lhe que isso é só o começo! Farei de tudo para superar as suas expectativas dia após dia.

Feixes de luz infiltravam-se através dos vidros das grandes janelas da enfermaria, clareando a tinta branca que cobria o ferro batido das camas dos enfermos. Os alvos lençóis, cuidadosamente estirados e engomados, refletiam a luminosidade do meio de tarde. Nas últimas semanas reduziu-se drasticamente o número de doentes, circunstância providencial ao bom andamento das obras de ampliação para a separação do espaço infantil. Dos leitos disponíveis, apenas quatro estavam ocupados. Felizmente, nada de grave acometia os pacientes.

Defronte a um amontoado de caixas de medicamentos e utensílios médicos que tentava contabilizar na área reservada à administração, Katherine recontava-as pela terceira vez.

— Vamos ver se, desta vez, concluirei esta maldita tarefa! — sibilou Katherine entre os dentes, sem esconder a irritação pela falta de concentração.

Passara o dia inteiro esforçando-se para cumprir adequadamente as suas incumbências. A consternação de Katherine somente agravava o seu já sofrível desempenho das atividades diárias. Quando terminou a contagem do material e anotou a informação no livro de entradas do almoxarifado, ouviu um burburinho atípico na ala de atendimento. Olhando para os papéis que ainda se avolumavam sobre o birô, não deu importância para as causas daquele barulho inesperado. O trabalho acumulado era sua prioridade. Warda era perfeitamente capaz de cuidar de eventual emergência, seja ela qual fosse!

Estava relendo pela segunda vez a mesma página do relatório de compras, quando Katherine desvendou o motivo do alvoroço.

— A senhora tem visita! — exclamou Warda com animação e uma piscadela marota.

Retirando a vista das letras que teimavam em embaralhar, tal qual um caleidoscópio de palavras, ela ficou cara a cara com Fahid.

— Boa tarde, Katherine! — cumprimentou Fahid com um sorriso de tirar o fôlego. Saudação que foi retribuída educadamente.

Inspecionando detalhadamente as paredes e a estrutura do teto, Fahid externou com aprovação e patente admiração:

— Parabenizo-as pelo trabalho de reforma. Ficou excelente a nova divisão dos espaços, bem como a qualidade da construção. Na minha ausência, vocês fizeram milagres!

— Nesse caso, o mérito é inteiramente de Warda. Ela foi decisiva na escolha dos profissionais recrutados para a obra. Sem sua ajuda, nada estaria deste jeito. Até porque projeto sem pessoas qualificadas para executá-lo não passa de mera idealização.

— Poderia ir lá fora comigo? — indagou Fahid com entonação que não admitia recusa.

— Claro — respondeu Katherine sem alternativa.

Saindo das instalações da enfermaria, caminharam silenciosos pela trilha de acesso ao estábulo, onde estavam amarrados dois cavalos puro-sangue árabe, de porte atlético, com estribos de metal ornados com desenhos em relevo, arreios e sela de couro, revestidos com seda vermelha. Um era completamente negro. O outro tinha o pelo de uma tonalidade cinza-prateado, rara de se ver.

— Apresento-lhe Fehran e Nemyr — disse Fahid apontando para os garbosos animais, com evidente orgulho.

— Como são esplêndidos! — maravilhou-se Katherine. — Ainda não tinha me dedicado a vistoriar seu plantel. Pelo que vejo, deve ser soberbo! Vou me organizar para passear por aqui amanhã. Aproveito e mato as saudades de Raio Dourado — falou entusiasmada.

— O que acha de Nemyr? Gosta dele? — inquiriu Fahid alisando o alazão cinzento.

— Nunca vi brilho semelhante! Seu pelo tem uma nuance especial — declarou Katherine com sinceridade.

— Se gostou dele, de hoje em diante ele será todo seu.

— Não necessita tanto... — retrucou Katherine constrangida com o dispendioso presente.

— Por que não? Se Nemyr lhe agrada, não há justificativa plausível para recusas.

Na esperança de contornar sua resistência, Fahid argumentou:

— Ademais, sei que adora cavalos e cavalgadas e Nemyr cumprirá essa função com maestria.

Embora não se lembrasse de ter falado isso para Fahid, Katherine não podia negar a verdade de suas palavras.

— Como já disse antes, incomoda-me ser presenteada com coisas excessivamente caras.

— Pois não deveria! Eu adoro lhe oferecer o que há de melhor! Por outro lado, é uma forma de remediar seu distanciamento de Raio Dourado... — explicou Fahid sem subterfúgios.

— Sendo assim, vou aceitá-lo sem peso na consciência.

— Muito bem! Que tal darmos um passeio? — convidou Fahid com cordialidade.

— Eu não perderia essa oportunidade por nada! — anuiu Katherine contente, pegando as rédeas da montaria para montar na sela masculina com elegante agilidade.

A cavalgada estendeu-se a lugares desconhecidos para Katherine. Fahid distanciou-se dos limites da fortaleza. A cada passada descortinava uma nova perspectiva dos arredores. O terreno íngreme do entorno da casbá cedeu lugar a um planalto, encimado por um exuberante bosque de nogueiras. Dando rédeas soltas a Nemyr, Katherine empolgou-se com o constante soprar do vento nos seus cabelos parcialmente cobertos pelo véu. Ansiosa para deixá-los livres, soltou-os, sentindo-se eufórica com o seu desordenado balançar. As estocadas firmes das patas do cavalo no solo eram música para seus ouvidos. O cântico dos pássaros envolvia-a, enfeitiçando-lhe o espírito. A pujança da natureza, em sua ininterrupta transformação da vida, formava um espetáculo glorioso.

Emparelhando os animais, Fahid reduz progressivamente o passo. Parando no meio de um riacho, permitiu que Ferhan matasse a sede. O que foi prontamente copiado por Katherine. Sem se ater a explicações ou formalidades, Fahid tocou sua nuca e beijou seus lábios. Interrompendo brevemente o íntimo contato, Fahid olhou apaixonadamente para Katherine, acariciando-lhe as faces.

— Sinto-me, a cada dia, mais enamorado de você!

Subitamente acanhada com aquele tipo de declaração, Katherine afastou-se discretamente de Fahid, projetando-se à frente da sela para alcançar as rédeas que repousavam displicentemente no pescoço de Nemyr.

— Está ficando tarde... — desconversou Katherine, cobrindo a vista com as mãos para contemplar a longínqua linha róseo-escarlate do horizonte. — Sugiro voltarmos.

— Efetivamente, não é aconselhável cavalgar à noite nesta região. Em outra ocasião, exploraremos a sua topografia com tranquilidade — prometeu Fahid com visível bom humor.

Um leve roçar dos estribos fez o corcel negro de Fahid retomar o galope. O companheirismo de antes regressou facilmente. Quando deram por si, atravessavam os portões do castelo e as sombras noturnas cobriam como um véu os matizes do entardecer. O farfalhar das folhas das árvores imiscuía-se na refrescante brisa. Era uma melodia reconfortante e acolhedora. Imbuídos dessa plácida harmonia, aprontaram-se para a refeição que seria servida na suntuosa sala de jantar. Após concluí-la, subiram para a varanda da área privativa, onde se distraíram com alegres rodadas de gamão, bebericando um dos excepcionais vinhos da adega de Fahid.

A mesinha de jogo era uma obra de arte. Um tampo retangular de madeira cobria o tabuleiro. Ao retirá-lo, avistava-se um veludo verde-escuro e as cavidades de madeira onde as peças seriam encaixadas pelos competidores. Impressionantes discos de marfim de um dedo de espessura e uma polegada de diâmetro, esculpidos em baixo relevo com quatro traços circulares adjacentes às bordas e centro liso, desempenhavam a função de peças. Dados e copos eram confeccionados do mesmo material.

Na primeira partida, Katherine venceu. E na segunda, coube a Fahid revidar.

Enquanto se entretinham na terceira rodada, Katherine observou:

— Entrevejo pelas suas atitudes muitas responsabilidades oriundas de seus negócios. Porém, ainda não captei o seu ramo de atividade.

— Após alguns percalços familiares... — começou Fahid sem se ater às desagradáveis minúcias das infindáveis discussões com seu pai —, decidi há cinco anos constituir uma empresa de transporte marítimo. De lá para cá, venho me dedicando a expandir a carteira de clientes e os volumes transportados. Tem sido um trabalho árduo.

Deslocando uma das pedras do jogo, Fahid continuou:

— É uma hercúlea empreitada contornar as protecionistas barreiras comerciais europeias. Um mercado por excelência para a Mediterranée, que está nas mãos de restritos grupos empresariais dos países daquela região.

— A sua última viagem foi para resolver questões correlacionadas à Mediterranée?

— Sim... Fui a Essaouira, onde funciona a base de nossas operações. A maioria das pendências eu tento solucionar por aqui. Entretanto, sempre há pontos que reclamam minha presença.

— Compreendo... — respondeu Katherine, ao relembrar a sua visita a Wolfcastle, por conta do atraso nas obras da barragem.

Recostando-se na cadeira, Katherine perguntou:

— Essaouira fica longe daqui? Nunca ouvi falar nesse lugar antes — expôs Katherine chateada com a sua falta de conhecimento sobre a geografia do Marrocos.

— Dista mais ou menos uma semana. É uma charmosa cidade do litoral atlântico, com construções preponderantemente em tons branco e azul. Sua concepção hodierna foi projetada pelo arquiteto francês Théodore Cornut — explicou Fahid, com o intuito de situá-la espacialmente.

Estendendo os dados para Katherine, Fahid prosseguiu:

— Segundo fontes históricas, a região onde atualmente se localiza Essaouira foi originalmente povoada pelos fenícios. Hoje em dia é uma mescla das influências dos diversos povos que a habitaram ao longo dos séculos, como os árabes, os berberes, os africanos, incluindo neste entrelaçamento cultural até mesmo heranças europeias.

— Essa intricada mistura deve ter resultado numa cidade bastante peculiar — externou Katherine embevecida.

— Estou certo de que você adoraria presenciar a chegada ao porto dos tradicionais e multicoloridos barcos pesqueiros, lotados dos mais variados tipos de peixes e crustáceos, no fim das tardes. É uma balbúrdia ensurdecedora. Depois das mulheres dos pescadores separarem o pescado que lhes servirá de sustento, a parte remanescente é leiloada aos gritos para todos os lados.

— Deve ser uma cena pitoresca — afirmou Katherine, entre risos.

— Você não pode imaginar o quanto é saboroso comer peixe fresco, grelhado na hora...

— Humm... Você me deixou com água na boca!

— Uma vez, tive a chance de participar de uma pescaria e a comida disponível eram os peixes recolhidos em alto-mar. Depois de limpos e tratados, polvilharam uma espécie de farinha, antes de colocá-los no fogaréu. Não havia pratos, nem tampouco talheres. Comíamos com as mãos, retirando os pedaços da chapa onde foram assados, com o auxílio de uma espátula de madeira. Comi tanto que tive receio de passar mal!

— Difícil visualizá-lo num ambiente excessivamente rústico como o que acabou de descrever...

— falou Katherine encarando Fahid.

— Pois sou extremamente versátil. Isso posso lhe garantir!

— Já não duvido de mais nada que lhe diga respeito — confessou Katherine com genuíno divertimento, à medida que movimentava suas pedras sobre o tabuleiro, com desenvoltura adquirida em anos de prática.

— Deste jeito não dá! — rebateu Fahid, ao constatar que nada tiraria a vitória de Katherine. — Você me distraiu de propósito! — protestou Fahid com entonação injuriada.

— Aprenda a perder! Não lhe cai nada bem esta sua falta de senso esportivo — repreendeu-o Katherine, satisfeita com o desenrolar do jogo.

— Tudo bem... Desta vez, deixarei você ganhar...

— Não seja arrogante! Nem que você tirasse duas vezes seguidas os maiores números nos dados daria para me alcançar! — replicou Katherine com objetividade.

— Rendo-me às evidências... — reconheceu Fahid com as duas mãos para o alto, encostando-se na cadeira com um relaxado sorriso nos lábios. — Você é uma ótima jogadora de gamão! — elogiou com admiração. — Ficarei mais atento nas próximas partidas. Não pretendo facilitar.

— Isso é para você deixar de ser excessivamente autoconfiante — alfinetou Katherine, estreitando o olhar com implicância.

Uma sonora gargalhada explodiu dos pulmões de Fahid.

— Venha cá! Largue de ser malcriada! Que rebeldia é essa?! — disse Fahid batendo uma das mãos no colo, num convite para Katherine sentar-se.

Entrevendo a indecisão em seu belo rosto, Fahid argumentou com calma, fitando-lhe o azul-esverdeado dos olhos:

— Não há razão para hesitações... Apreciamos a companhia um do outro...

Por mais que sua parte racional alertasse para se manter afastada de Fahid, outra parte aspirava mergulhar nas profundezas daquele homem. De algum modo, pertencia àquele misterioso universo. Em instantes como aquele, Katherine era atingida pela estranha percepção de que a sua vida na Inglaterra fora uma ilusão. Um amontoado de emoções desbotadas e disformes, incapazes de atribuir sentido a sua existência. Enquanto a realidade, concreta e tangível, estava ao alcance de suas mãos.

Consciente da efemeridade do tempo e da vida, Katherine ergueu-se devagar e sentou-se nas pernas de Fahid. Queria usufruir daquele momento sem recriminações. Acariciando o pescoço de Fahid e beijando-o sensualmente nos lábios, Katherine sentiu-se abandonar em seus braços musculosos. Perdidos no desenfreado desejo de seus corpos febris, tocaram-se com crescente ousadia. Na ânsia de aplacar o fogo líquido que queimava nas suas veias, Fahid carregou Katherine nos braços e a colocou com arrebatado ímpeto sobre as confortáveis almofadas do terraço. Indiferentes ao mundo exterior, amaram-se inteiramente nus, na ardência desesperada dos amantes, tendo como testemunhas as estrelas do firmamento e as milenares neves das majestosas montanhas no entorno da Djebel Toubkal.

Quando Katherine despertou, a aurora avermelhada derramava-se na infinitude do ondulado horizonte, na cordilheira esbranquiçada. Ela não se recordava como viera parar em seu quarto. Debaixo das grossas cobertas, o seu corpo despido era a prova da intensidade da paixão partilhada. No travesseiro ao seu lado, Fahid ressonava tranquilamente. Sem fazer barulho, Katherine foi à sala de banho para as abluções matinais.

Ao pôr as mãos na purificante água termal da piscina, Katherine não resistiu à tentação. Lavou

demoradamente os longos cabelos, enxaguando-os repetidas vezes e esfregou a espuma perfumada do sabonete de alfazema em sua pele sensível. Estava para sair da água quando avistou Fahid. Caminhando em sua gloriosa nudez, com a excitação inteiramente à mostra, Fahid entrou na piscina. Estática, Katherine esperou sua aproximação, sentindo o pulso acelerar. Sua compleição física avantajada e esbelta dava a Katherine a falsa sensação de ela ser bem menor. Não que Katherine fosse pequena. Somente a comparação entre ambos deturpava sua real estatura.

Fahid parou a dois palmos de Katherine.

— Lave-me — ordenou Fahid, devorando-a com seus esfuziantes olhos dourados, sem tocá-la.

Katherine rebentou-se em expectativa. Com a respiração ofegante, deslizou as mãos ensaboadas na pele morena de Fahid, explorando sem pudor lugares até então intocados. Ao tocar-lhe o sexo duro, gemidos incentivavam-na a prosseguir. A superfície vítrea permitia divisar o contorno de seu membro. Os olhos de Katherine miravam, enlevada, a perfeição da natureza. Envolvendo-lhe sugestivamente os quadris estreitos com as pernas delgadas, Katherine deu-lhe passagem. Segurando-lhe com firmeza as nádegas, Fahid precipitou-se com solidez em seu íntimo, arrancando extasiados sons de Katherine.

— Adoro ouvir seus discretos ruídos quando a penetro — segredou Fahid próximo a sua boca, num sussurro rouco e apaixonado.

— Isso é absolutamente involuntário... — confidenciou Katherine envergonhada, com a respiração entrecortada, sentindo-se ruborizar. Mas esse sentimento foi rapidamente esquecido.

Agarrando-a pela cintura, Fahid induziu seus quadris a seguir um ritmo cadente e sensual, aprofundando a junção de seus corpos, pressionando-a para baixo, a ponto de fazê-la gemer de indescritível prazer. Testando os limites da união física, Fahid passou a invadi-la com desmesurado ardor e sofreguidão, deixando Katherine trêmula e arquejante.

— Fahid... — implorou Katherine à beira do abismo, sustentando-se nos ombros musculosos. Sentia sua carne distender a cada avanço, incendiando a insaciável vontade de ficar indefinidamente presa naquele redemoinho brutal e selvagem.

— Ainda não... — disse Fahid, inflamando-a. — Quero vê-la arrastada num prazer tão vigoroso que será incapaz de se conter e raciocinar — pronunciou com a respiração quente, sem esboçar qualquer sinal de cansaço. — Quero seu coração palpitando ferozmente dentro do seu peito, como se fosse se despedaçar, e nada existirá para seus sentidos além do irrefreável e suspirante desejo que lhe queima o mais profundo do seu ser — revelou implacável, com os olhos fixos em Katherine.

Dominada por aquele insidioso mundo de fluidas e incontroláveis emoções, Katherine perdeu-se em seus insondáveis labirintos. Movendo-se na imemorial dança dos amantes, fundiram seus corpos e almas. Desinibidos gritos escaparam da sua garganta, quando Fahid permitiu que alcançasse o apogeu do prazer. Katherine sentia-se dissolver e esvair na etérea plenitude da satisfação sexual. Uma lassidão apoderou-se de seu corpo extenuado e contraditoriamente saciado. Ainda fisicamente ligada àquele homem, Katherine viu seu passado ser irremediavelmente sublimado, numa névoa espessa e delicadamente vaporosa. Igual à densidade opaca e nebulosa de uma cortina de nuvens num azulado dia de verão, não mais sendo possível discernir os contornos de sua vida pretérita; os desdobramentos de sua própria história.

O outono findar-se-ia naquela semana, prenunciando a rigorosa estação gelada das montanhas. Naquele dia, como em tantos outros, Katherine estava no escritório lendo os fantásticos livros da biblioteca, depois de concluir seus afazeres diários na enfermaria. Fechando lentamente o livro que segurava entre as mãos, observou recostada na poltrona de tecido bege adamascado, por um tempo consideravelmente longo, a dedicação e a seriedade dispensadas por Fahid na leitura e na análise de cada documento, retirado da pilha de relatórios. Aproximando-se calmamente da escrivaninha, Katherine tocou sutilmente num dos papéis sobre o amadeirado do tampo do birô, despertando propositalmente a sua atenção.

— Está precisando de alguma coisa? — questionou Fahid, desviando a mente dos números que calculava para a figura esguia de Katherine, parada em pé.

Superando o receio inicial, Katherine pediu:

— Queria a sua permissão para poder ler alguns de seus relatórios. Prometo que não os perderei! — comprometeu-se Katherine.

— Talvez seus livros sejam mais interessantes... — ponderou Fahid surpreendido.

Colocando a pena no tinteiro com redobrado cuidado para refletir sobre a solicitação, Fahid indagou com o intuito de se certificar daquele pedido atípico:

— É isso o que realmente quer fazer?

— Sim — confirmou Katherine, encarando-o.

— Bem... Não faço qualquer objeção. Pode pegar os dois primeiros daquele monte. Quando finalizar a leitura, apenas peço que os reposicione no mesmo lugar.

— Obrigada! — respondeu Katherine radiante, beijando a boca de Fahid com espontaneidade.

Retornou ao seu assento e começou a ler o primeiro relatório, que versava sobre o material necessário à limpeza e à manutenção das embarcações. Vassouras, buchas, escovas, baldes, cordas e mais uma multiplicidade de itens integravam a lista de produtos que precisavam ser adquiridos.

O segundo relatório era um estudo sobre a viabilidade econômica e comercial de se alugar uma área relativamente grande no porto de Marselha. Pelas informações coletadas, cogitava-se instalar um novo escritório da empresa de navegação de Fahid naquele local.

Avaliando as informações, Katherine pegou um pergaminho e fez várias anotações, enumerando-lhes a relevância e detalhando suas impressões. Reuniu os papéis na pilha indicada por Fahid e os deixou por lá.

Não querendo atrapalhá-lo, saiu de fininho e foi cavalgar Nemyr. Um galope sincopado marcava o passo da montaria. Dentro em breve não seria mais possível percorrer aquelas estradas. A neve impediria qualquer circulação de pessoas e animais com segurança. Ficariam adstritos às fronteiras do castelo. Aquilo explicava o porquê de Cecilla estar assoberbada de trabalho. Segundo os moradores do povoado, naquele ano o inverno seria inclemente. Por precaução, uma quantidade maior de mantimentos seria armazenada, para atravessarem com fartura o frio cortante que recairia sobre a região.

Não demorou muito para Katherine voltar à casbá. Ao entrar, um servo transmitiu uma mensagem de Fahid. Mesmo sem compreender o pedido de reencontrá-lo novamente no escritório, Katherine foi ao seu encontro.

Pensativo em sua cadeira, Fahid virou o rosto ao ouvir o clicar da porta sendo aberta. Um sorriso alumiava a fisionomia de Katherine, indicando o quanto a tarde havia sido proveitosa.

— Está tudo bem? — adiantou-se Katherine, apreensiva com aquele inesperado chamado. Deveria estar trocando de roupa para o jantar.

— Sim... — tranquilizou-a Fahid. — Por favor, sente-se — apontou-lhe a cadeira defronte a sua.

Acomodando-se no local indicado, Katherine ansiava por elucidar a causa daquela convocação. Inconscientemente, remexia displicentemente no tecido de sua saia, aguardando suas explicações.

— Li suas análises... — começou Fahid visivelmente intrigado. — E a pergunta que não quer calar diz respeito ao tipo de formação intelectual que lhe fora transmitida na Inglaterra — externou Fahid sem meandros.

— Minha formação? Poderia ser mais específico? — pediu Katherine com o escopo de ganhar preciosos segundos antes de decidir o que fazer.

— A precisão técnica das suas respostas é de alguém que estudou a fundo administração e finanças... — afirmou Fahid sem ocultar o estranhamento. — Obviamente, matérias alheias à grade curricular das mulheres inglesas!

— Entendo...

— Como assim?!

— Realmente, não é usual as mulheres se dedicarem a esses temas.

— É só isso que tem a me dizer?! — pressionou-a Fahid.

Suspirando resignada, Katherine resolveu lhe contar a verdade.

— Efetivamente, como é normal da aristocracia inglesa, minha mãe fez um genuíno esforço para me moldar à imagem e semelhança das eminentes damas da sociedade. Participei de incontáveis aulas de piano, bordado, sem se falar nas detestáveis lições sobre as linhagens nobiliárquicas e as indispensáveis regras de etiqueta. Um desgaste sem fim...

Irrequieta com as reminiscências que aquelas palavras evocavam, Katherine levantou-se, como se com aquele gesto pudesse minorar o aperto que lhe comprimia involuntariamente o coração.

— Tentei de todas as formas me ajustar àquele modelo. Se minhas irmãs podiam segui-lo com facilidade, por que eu não poderia?! Quantas noites fiquei acordada tentando fazer os pontos do bordado a contento! Ou estudando a partitura que seria executada na semana seguinte. Com os títulos de nobreza era ainda pior: não decorava nada corretamente. Um desastre completo!

Extravasando suas emoções, Katherine continuou:

— Se não fosse por tia Margareth, passaria a vida me desculpando. Graças a sua visão independente da vida, paulatinamente assimilei os métodos que utilizava na administração do ducado de Melbourne, detendo-me cada vez mais no estudo de assuntos fora do restrito universo feminino.

— E o conde e a condessa de Northwick... como enxergavam essa interferência da duquesa de Melbourne? — instigou-a Fahid a revelar mais do seu passado.

— Mamãe sempre suspeitou. Não é por outra razão que frequentar regularmente Fairmont, residência de tia Margareth, era quase uma guerra! No que concerne a papai, hoje em dia tem total ciência das minhas aptidões.

— Sua história é inegavelmente incomum.

— O mais angustiante é se sentir diferente num meio absurdamente tradicional. Fugir do protótipo que escolheram sem consultá-la transforma as corriqueiras questões do dia a dia em obstáculos difíceis de serem contornados.

— Dá para perceber o quanto foi complicado...

— Não tenha dúvidas disso! — asseverou Katherine, com um sorriso enviesado.

Fazendo uma breve pausa para poder apreender todos os ângulos daquele relato, o que para Katherine pareceu uma eternidade, Fahid sugeriu cordato:

— Neste novo panorama, proponho uma parceria que acredito ser vantajosa para nós dois...

— E qual seria? — inquiriu Katherine visivelmente curiosa.

— Estou com uma quantidade significativa de trabalho atrasado e preciso colocá-lo em ordem. Com o seu auxílio seria tudo mais simples. Se for do seu interesse, separarei parte para você e a outra ficaria comigo.

Katherine escutava Fahid atônita.

Dando seguimento a sua linha de raciocínio, Fahid emendou:

— É claro que você elegerá os horários a seu critério. Vou deixar os documentos separados neste escaninho. Quando tiver vontade, é só pegá-los. Se sobrevierem questionamentos, poderemos debatê-los ao final do dia.

Dirigindo-se à saída, Fahid finalizou:

— Antes que eu me esqueça... certifique-se com Cecilla de como anda a administração da casbá; suspeito que possa fazer ajustes importantes!

Vendo-o desaparecer do escritório, Katherine permaneceu parada como uma estátua grudada ao chão. Somente depois de um tempo, recompôs-se adequadamente, recobrando seu costumeiro e vivaz estado de espírito.

A rotina diária prosseguiu numa cadenciada harmonia. Desde o dia em que passaram a trabalhar juntos, a vida de Katherine no Marrocos se tornou a mais legítima tradução da felicidade. Eventualmente, Fahid escondia carinhosos bilhetes entre os papéis deixados ao seu encargo, fazendo seus olhos azul-esverdeados reluzirem de emoção. Instigantes debates e assuntos também preenchiam seus dias, numa interessante troca de opiniões e pontos de vista que a faziam pensar nos temas conversados sob novos e desafiadores prismas. A vida a dois, antes inconcebível, ultrapassou seus preconceitos, revelando-se a fidedigna realização de desejos e anseios sequer sonhados. Katherine sentia-se florescer em todas as direções.

As noites, além do intenso desejo que os unia, eram mescladas por momentos de descontraída cumplicidade perante a lareira, com Fahid narrando com invejável habilidade a história do Marrocos ou em disputados torneios de xadrez e gamão que enveredavam madrugada adentro.

As fortes nevascas, típicas daquela estação do ano, intensificavam a alvura dos picos montanhosos. Diminutos flocos brancos desprendiam-se do céu plúmbeo e invernal, formando uma compacta camada esbranquiçada sobre a superfície encrespada da paisagem. O eloquente e belo espetáculo da natureza descortinava-se onde o olhar pousasse, imprimindo um sossego tranquilizador. A brancura iluminada espalhava luz e inovadoras perspectivas para Katherine.

E sem sentirem, tudo foi se ajustando.

Numa tarde de sexta-feira — dia de descanso para os mulçumanos —, como em inúmeras outras, Katherine e Fahid ficaram abraçados e recostados no espaldar e nas almofadas do sofá, com grossas mantas protegendo as pernas do frio, entretendo-se com poesias e filosofando sobre os insondáveis enigmas do universo.

Naquele reencontro de almas, fitaram-se com envolvente paixão. Aproximando-se, Fahid beijou Katherine romanticamente, deixando-a extasiada e profundamente contente. Aninhando-se em seus braços, Katherine finalmente compreendeu o quanto amava Fahid. Definitivamente, nada era mais relevante do que estar ao seu lado. Nem mesmo regressar para a Inglaterra fazia parte de seus planos futuros. O único pesar que afligia seu coração era não poder ver sua família e sua adorada tia Margareth.

Como a neve bloqueava as estradas que davam acesso à fortaleza, passaram os três meses seguintes vivendo em recíproca devoção. Num idílio de amor. Fahid adorava vê-la bem vestida e não economizava em presenteá-la com joias ofuscantes, incentivando Katherine a caprichar na toalete, principalmente dos jantares. Atenções extremosas eram dispensadas nas mais triviais questões do dia a dia. O mundo resumia-se à casbá de Fahid. Nada fora de seus muros interessava Katherine. O cotidiano que construíram no isolamento cúmplice da paixão supria todas as suas necessidades emocionais.

Certo dia, após uma memorável noite de desmedida paixão, Fahid proferiu a frase que Katherine mais temia escutar:

— Mesmo detestando a ideia, compromissos urgentes me obrigam a viajar para a França... Partirei dentro de três dias... Fiquei ausente mais tempo do que seria o recomendado ao bom andamento dos meus negócios. Não tenho como protelar essa viagem... — justificou-se contrariado, enquanto acariciava os negros cabelos de Katherine, esparramados em seus ombros. — Infelizmente, não tenho escolha.

— Não poderíamos viver a vida inteira assim... O mundo gira e nós fazemos parte dele! É humanamente impossível permanecer indefinidamente à margem dos acontecimentos — respondeu Katherine, reprimindo a torrente de lágrimas que inundavam seus olhos entristecidos.

A notícia da viagem de Fahid devastou Katherine. Entretanto, ela tinha consciência de que não podiam ficar alheios a tudo e a todos para sempre. Mais cedo ou mais tarde, Fahid teria que retornar a suas atividades habituais e se afastar da casbá para cuidar de suas empresas. Se Deus quisesse, Fahid não demoraria, voltando rapidamente para seus ansiosos braços. E tudo voltaria a ser como antes.

CAPÍTULO 13

Dias de inquieta solidão seguiram-se numa sucessão sem fim. Para Katherine, uma eternidade parecia ter transcorrido desde a última vez em que vira Fahid. E apenas fazia dois meses desde a sua partida. Aquela dependência era nova e assustadora. Visando a neutralizá-la, empenhou-se com renovado afinco nos afazeres do ambulatório. Até as questões da administração da casbá foram divididas com Cecilla, na tentativa de ocupar os pensamentos com coisas úteis. Sem exagero, já dominava a dinâmica do castelo com perfeição.

Sentada defronte à mesa de jantar, Katherine mexia com a colher o líquido fumegante do seu prato de sopa, com absoluto descaso. Com o cenho franzido, Cecilla testemunhava abismada a cena. Sem se controlar com tamanha apatia, Cecilla deixou transparecer sua preocupação:

— Milady não pode continuar assim... É preciso se alimentar!

— Não estou com apetite — disse debilmente.

— Todavia, terá que se esforçar um pouco. Que justificativa darei ao príncipe Fahid quando a encontrar desse jeito? Se minha vista não estiver me enganando, milady emagreceu bastante... — verbalizou Cecilla persuasiva.

— E Fahid vai realmente retornar? — expôs Katherine sem esconder o medo que lhe assombrava a alma.

— Mas que conversa estapafúrdia é essa?! — admirou-se Cecilla. — É óbvio que sim!

— Sinceramente, eu já não tenho tantas certezas... Tudo nesta vida é de uma relatividade apavorante — retrucou Katherine com expressão cansada.

— Que bobagem é essa? O príncipe Fahid jamais a abandonaria! Ele está totalmente apaixonado por milady. Se a viagem vem se alongando, devem ter surgido contratempos. Não há motivos para alardes, nem justificativa para esse desânimo.

— Seja como for... eu abandonei explicações lógicas e racionais para os meus sentimentos desde que conheci Fahid. Decididamente, emoção e razão não andam no mesmo caminho — desabafou Katherine com consternação.

— E na carta anterior, tem alguma sinalização de quando voltará? — indagou Cecilla na esperança de confortá-la e dissipar aquela latente sombra de dor e melancolia.

— Não... Apenas informa a decisão de passar cinco dias em Lisboa, por conta das investigações. Não detalha na correspondência mais nada. Sequer especifica a data provável de regresso.

— Milady tem noção de que um lapso temporal considerável perpassa entre a data de postagem e a de recebimento das mensagens... Quem sabe, o príncipe Fahid já não esteja se dirigindo à casbá — conjecturou Cecilla otimista.

— É um esforço inútil querer antever o futuro. Primeiro foi a Paris, depois foi a vez de Marselha, seguida de Madri, Porto e agora Lisboa! E qual será o próximo destino?!

— Tudo será brevemente esclarecido. Um pouco mais de paciência, e logo o príncipe Fahid

estará conosco — profetizou Cecilla confiante.

— Vamos aguardar, não é mesmo? — ironizou Katherine, com raiva de si mesma, por estar demasiadamente abalada com a ausência de Fahid.

Desculpando-se com Cecilla, Katherine levantou-se e recolheu-se ao seu quarto. Naquelas quatro paredes, a saudade de Fahid ganhava vulto. Era impossível não se recordar de seu sorriso e do seu cheiro almiscarado. A pele de bronze em contraste com os lençóis alvos, envolvendo-a em carícias delirantes. Indubitavelmente, as noites eram significativamente piores! Aquele sentimento indesejado era por demais traiçoeiro, e Katherine efetivamente não sabia como reagir a essa desconhecida profusão de emoções.

A primavera avançava com seus abundantes tons coloridos. Rosas brancas, amarelas, vermelhas, rosadas, buganvílias nos mais variados matizes, flores do campo laranja e lilases enfeitavam a trilha até o ambulatório. Várias espécies de borboletas e cotovias sobrevoavam o percurso. Aquela exuberância da natureza animou Katherine, tornando bem mais leve as tarefas daquele dia. Enquanto anotava os materiais que faltavam no almoxarifado, uma criança de cinco anos veio ser socorrida. Havia cortado o pé direito ao inadvertidamente pular um tronco de árvore atravessado no quintal e cair justamente em cima de um pontiagudo caco de vidro. O sangue jorrava aos borbotões.

Ao visualizar a ferida que precisava costurar, passou a desinfetar o ferimento. A criança não parava de se movimentar. Para executar seu trabalho a contento, Katherine ministrou uma dose de láudano. Com paciência, pôs-se a unir a carne dilacerada. A expressão aflita da mãe foi cedendo à medida que o sangue parava de esguichar.

Concluído o procedimento, Katherine explicou em árabe:

— É fundamental repouso pelas próximas três semanas. Não deixe o pé no chão, pois dificultará a cicatrização. É preferível deixá-lo erguido sobre almofadas. Evite atividades que forcem a musculatura atingida. E mantenha o machucado limpo e seco. Por cautela, venha a cada dois dias mudar as ataduras de seu filho. Assim, poderei acompanhar sua evolução. Este composto de ervas evitará eventuais inflamações.

— Obrigada pela atenção — falou a jovem mulher com voz aliviada. — Não sei o que seria de nós sem os atuais serviços desta enfermaria. A vinda da senhora à fortaleza trouxe grandes benefícios a nossa comunidade.

A vida e seus desígnios... — ponderou Katherine em pensamento.

— Não tem o que agradecer. Só fiz o meu trabalho. Qual é mesmo o nome dele? — indagou Katherine ao olhar para o rostinho da criança que agora dormia serenamente.

— O nome de meu filho é Bádui; e o meu é Hani. Não sei se deveria fazer tal convite — externou indecisa a jovem mulher —, mas teria enorme honra de recebê-la em minha modesta casa para um chá. Não é muito distante daqui. Fica perto do córrego, nas cercanias da estrebaria.

— Irei sim... — confirmou Katherine educada. — Quando diminuir o serviço, pretendo conferir pessoalmente a evolução da ferida, pois a viagem da enfermeira Warda está me deixando mais atarefada do que o usual.

Carregando Bádui no colo, Hani desapareceu com o coração feliz e tranquilizado. Seu filho

recuperaria por completo os movimentos.

Voltando suas energias para as atividades administrativas que se avolumavam sobre a mesa, Katherine conferiu a lista de reparos que precisava fazer nas instalações do prédio. Os fortes ventos do inverno haviam separado as telhas, demandando a contratação de operários para reposicioná-las. A pintura também requeria manutenção e algumas prateleiras estavam prestes a desabar. Trataria desse assunto com Warda, quando esta retornasse de Marrakech.

Dando por finalizado o expediente, voltou apreciando a paisagem montanhosa que contornava a casbá. Uma águia-dourada sobrevoou o céu. O majestoso sol tingia o infinito horizonte com reflexos alaranjados, numa poesia silenciosa do pacato entardecer. Seu coração estava em paz. Resignara-se com o temporário afastamento de Fahid. Não era inteligente lutar contra o inevitável. Aquilo somente traria infelicidade e desgaste. Com este pensamento galgou os degraus da entrada do castelo. Por pouco não foi atropelada por Cecilla.

— Que pressa é essa? — questionou Katherine, sem entender a razão daquela agitação. — Quase trombamos e despencamos daqui de cima!

— Eu ia avisá-la da chegada do príncipe Fahid! — exclamou Cecilla sem esconder a euforia com aquela notícia.

— É mesmo verdade?! Onde ele está? — perguntou Katherine com um sorriso de uma ponta a outra do rosto.

— Subiu para a área privativa, na intenção de localizá-la...

As derradeiras palavras flutuaram desgarradas no vento, ecoando perdidas no espaço. Imediatamente Katherine subiu as escadas em desabalada carreira. O coração praticamente saía pela boca. Não sabia se era a comoção de reencontrá-lo ou o esforço físico ao transpor em tempo recorde a distância que os separava. Certamente eram as duas coisas juntas... reconheceu num lampejo de autocrítica.

Ao escancarar a porta, encontrou-o na antessala que separava seus quartos.

Que saudade... Que saudade! — confidenciou Katherine para si, num misto de alívio e felicidade, com isso sepultando seus tenebrosos e infundados pesadelos.

Jogando-se nos fortes braços de Fahid, que a rodopiou com ímpeto no ar, Katherine sentiu-se levitar nas nuvens. Mirando-o nos olhos, suas mãos tocaram-lhe o rosto com a barba por fazer. O magnetismo de Fahid envolveu-a de forma especial. Beijaram-se extravasando toda a urgência e desejo reprimido. Seus corpos ardentes exigiam a consumação da plenitude daquela misteriosa e sublime paixão. Sem se aterem a convenções, amaram-se no tapete defronte da lareira, sob o romântico crepitar das chamas, suspensos num plano paralelo da existência que somente aos amantes é permitido descortinar. A tênue interseção entre a idealização lírica do sonho e o inacreditável toque da realidade. Presos na bruma invisível que envolve e invade as almas apaixonadas.

— Senti imensamente a sua falta... — sentenciou Fahid quando sua respiração gradativamente normalizou.

— Para mim, você já tinha me esquecido... — revelou Katherine com charme, enquanto depositava beijos sedutores no torso nu.

— Por *Alá*! Você é impossível! — encantou-se Fahid com a interação física que possuíam. Mal acabaram de se entregar aos arroubos tresloucados do amor, e Fahid notou reagir às carícias de Katherine.

Abraçando-a com vigor, prosseguiu:

— Suas lembranças povoaram minha mente durante todo o período em que fiquei afastado — sussurrou apaixonado perto do ouvido de Katherine. Apossando-se de seus lábios vermelhos, Fahid reiniciou a arte da sedução que magistralmente dominava.

Para Katherine, a vida ganhava outros contornos ao lado de Fahid. Os dias subsequentes foram o paraíso na Terra. Lembrar-se-ia deles para o resto de sua vida, com imenso carinho e nostalgia.

A desavisada visita de Nabih não estava nos planos de Fahid. Um inquietante sentimento de alerta assolou-o em seu íntimo. Sua presença exigiria redobrada vigilância sobre Katherine, porque de Nabih podia se esperar tudo e mais um pouco! Primeiramente, veria por quanto tempo seria obrigado a tolerar sua presença. Torcia para que sua passagem fosse breve e sem intercorrências.

Provavelmente, nesta altura do dia Katherine estaria trabalhando no ambulatório... — raciocinou Fahid. Pretendendo cientificá-la, chamou Cecilla ao seu escritório.

— Vá o mais rápido possível ao encontro de Katherine e avise que temos hóspedes. Diga-lhe que não jantaremos juntos nesta noite. Nem a quero perambulando pelos corredores. Explique-lhe sobre Nabih.

— Irei procurá-la... — garantiu Cecilla preocupada.

— E não se esqueça de ficar sempre ao seu lado! Nada de se afastar para atender questões triviais do castelo — ordenou Fahid precavido.

De fato, Fahid não poderia desgrudar os olhos de Nabih, enquanto não tivesse certeza de Katherine estar em segurança nos seus aposentos.

Dirigindo-se ao pátio interno da casbá, Fahid pôde acompanhar a entrada da comitiva de Nabih através dos amplos portões de cedro da fortaleza. Por estar nos degraus da soleira, conseguiu avaliar com precisão o cenário que se desdobrava embaixo. O alvoroço tomava conta das redondezas. Animais se espalhavam desordenadamente e brados lançados aos quatro ventos, no intuito de reorganizar aquela balbúrdia, somente contribuíam para piorá-la. A falta de uma liderança era palpável.

Naquele tumulto, a figura de Nabih pairava sobranceira, com sua empáfia e excesso de adornos. Uma grossa corrente de ouro com um medalhão enorme pendia no seu pescoço; nos dedos, anéis com pedras magníficas faziam-se enxergar a distância, e ricas pulseiras tilintavam em seus braços. A túnica não tinha espaço que não fosse bordado e um turbante de seda vermelha pontuava a vistosa indumentária.

A falta de senso estético era lastimável — concluiu Fahid extravasando seu desagrado com aquela visão espalhafatosa. Reiteradamente se perguntava como alguém podia ser excêntrico no vestir a ponto de se tornar deselegante. E Nabih não era um homem desprovido de atrativos. Muito pelo contrário. Tinha traços finos e pele morena, com olhos negros expressivos. Possuía boa estatura, mas pecava na combinação das roupas, especialmente para os padrões austeros de Fahid.

Cruzando o espaço que os separava com relativa facilidade, Nabih cumprimentou Fahid:

— *Salamaleicom.*

— *Ualeicom salaam* — respondeu Fahid polidamente. — A que devo a honra da sua inesperada visita? — perguntou Fahid intrigado, assinalando com habilidade não o estar aguardando.

— Até onde eu saiba os integrantes de uma família se frequentam, eventualmente — tergiversou Nabih, sem querer revelar seus reais motivos. — No seu caso, a complicação é porque você se esconde do mundo. Sem citar o perigo que é subir estas montanhas. Quase despenquei daqui de cima! Não sei qual é a graça de viver neste lugar esquecido por *Alá*! — queixou-se Nabih sobressaltado, desta vez com franqueza.

— Não exagere... Tudo é uma questão de hábito. Por favor, entre! — convidou Fahid mudando de assunto. — Vou pedir para colocarem sua bagagem em um dos quartos. Gostaria de uma limonada ou chá de menta?

— Uma limonada é uma excelente pedida. Esse calor sufocante um dia me matará!

Após as providências preliminares, Fahid seguiu com Nabih para a sala de visitas.

— Estava em Tinerhir e achei por bem vir agradecer pessoalmente a sua intervenção perante o vizir Hassan Khalife. Decisivamente, a multa foi uma penalidade sensivelmente mais branda do que o confisco inicialmente imposto pelo governo imperial — expôs Nabih escamoteando a sua revolta por ainda ter sido multado!

Nem isso Fahid fazia a contento — pensou Nabih ressentido.

— Para que esse trabalho... Uma carta seria perfeitamente aceitável. Por certo, não teria enfrentado tamanhos contratempos para aportar por aqui — ironizou Fahid, desconfiando daquele conformismo atípico de Nabih.

— Não tripudie. Se um dia tiver algum problema, recordar-se-á de mim — retrucou Nabih, externando um pavor real e concreto daquelas estradas íngremes e sinuosas.

— E quanto tempo conseguirá sobreviver longe de Tânger?

— Tem praticamente dois meses que parti. Optei por vir de barco pela costa Atlântica para encurtar o trajeto. Ainda assim é muito chão. Pretendo voltar o quanto antes. Não penso em me demorar em demasia. Partirei em seis dias. Só preciso dar um descanso aos animais, para poder retomar a estrada.

Aquela frase soou como música aos ouvidos de Fahid.

— Agora já está um pouco tarde, mas proponho amanhã visitarmos a minha criação de cavalos. Nasceram dois potros do meu reprodutor Fehran — convidou Fahid para mantê-lo o máximo de tempo possível afastado do castelo.

— Terei enorme prazer com esta programação — confirmou Nabih com sinceridade.

A entrada de Cecilla com um radiante sorriso estampado no rosto era a senha ansiosamente aguardada por Fahid. Exprimia que Katherine estava ciente dos eventos daquele dia. Sem demora, Cecilla verteu com desenvoltura o líquido esverdeado nos copos de cristal depositados na mesinha, servindo-lhes. Fahid valeu-se da interrupção para finalizar a conversa.

— Então, estamos combinados. Mandarei um servo comunicar-lhe o horário do jantar. E amanhã, passearemos pelo haras. Não fica muito longe, mas roupas de montaria serão mais adequadas para a ocasião. Não custa alertá-lo de que aqui se anda a pé ou a cavalo! — pontuou Fahid enfático, para evitar atrasos desnecessários em face das escolhas tradicionalmente sem nexo das vestimentas de Nabih.

A frustração de Nabih minava por seus poros como gotas de suor em tardes intensamente ensolaradas. Dali a dois dias partiria da casbá de Fahid e não se confrontara com qualquer vestígio da mulher branca. Ao atravessar os corredores observava os passantes e mantinha abertos os ouvidos aos mínimos detalhes. No entanto, nenhuma alusão ou vulto confirmava a sua presença.

Quem sabe Fahid não tenha gostado dela... Nunca vira ninguém comprar uma mulher sem antes verificar se lhe agradava! Provavelmente, não era toda aquela beleza alardeada por Laila... — conjecturou Nabih.

Arquitetara todos os passos com minucioso cuidado, lamentava-se Nabih chateado. A afronta inteligentemente engendrada por Fahid para obrigá-lo a lhe entregar a mulher branca que tanto cobiçava deixara-o colérico. Odiava ser coagido. Não perdoaria seu primo nem dali a mil anos! Honestamente, a sua pretensão com aquela visita era forçá-lo a lhe entregar o que era legitimamente seu, sobretudo porque tivera de desembolsar o valor da maldita multa!

Concluindo que aquele teatro não o levaria a canto algum, não via a hora de partir daquele lugar infeliz. A imensidão montanhosa brevemente o enlouqueceria. Para assanhar sua fúria, não mais tolerava a constante expressão de superioridade e gélida cortesia de Fahid. A altivez com que lhe endereçava a palavra ou sutilmente o repreendia eram insuportáveis. O passeio ao haras foi um inferno à parte para Nabih. Os animais eram mais incríveis pessoalmente. A inveja não cabia dentro de si. A raiva alastrava-se como um insidioso veneno na sua alma.

Ruminando a animosidade que sentia do primo, Nabih dirigiu-se ao pátio central, mascarando a sua contrariedade. Fahid o aguardava montado em Ferhan. Desta vez, seguiriam a um povoado mais distante, situado no vale do Ourika, denominado Tnine l'Ourika, por conta de um renomado artesão que tecia extraordinários tapetes. Sua fama ultrapassava as fronteiras do Marrocos. Entrevendo uma excelente chance de firmar valiosos contatos, Nabih concordou em conhecê-lo, mesmo que para isso fosse compelido a retornar no dia seguinte.

Aquela amaldiçoada viagem tinha de servir para alguma coisa — pensou Nabih aborrecido.

— Preparado para o passeio? — perscrutou Fahid sem dissimular a desconfiança.

— A despeito do longo percurso, será uma magnífica oportunidade de estabelecer novas e rentáveis relações comerciais.

— Alegro-me em testemunhar a sua vibração com a viagem, pois a estrada exigirá muito de nós. Não só tempo, como destreza e resistência sobre a montaria.

— Enfrentarei tudo com galhardia — garantiu-lhe Nabih.

Mesmo suspeitando da consistência daquela promessa, Fahid pôs a comitiva em movimento. As primeiras três horas ratificaram suas apreensões. Nabih mostrava-se apavorado e trêmulo com a rota escolhida. O despenhadeiro que serpenteava o estreito trajeto deixava os nervos de Nabih em frangalhos. O pior é que quanto mais avançavam, novas complicações surgiam.

Sobrepujado pelo pânico Nabih permanecia calado. Horas depois, ele sondou com voz aterrorizada:

— Há quanto tempo não anda por estas paragens?

— Praticamente um ano... Mas reconheço que o caminho estava em melhores condições — explicou Fahid.

— Seremos forçados a seguir por trilhas semelhantes?

— Isso é imprevisível. Depende dos efeitos do inverno. Proponho avançarmos um pouco mais. É possível que adiante melhore — disse Fahid com inabalável otimismo.

— Ou degringole de vez... — resmungou Nabih entre os dentes.

Contudo, uma ponte quebrada logo à frente obstaculizou o avanço da caravana. Fahid nem cogitou em pegar a estrada alternativa. Se Nabih estava esverdeado de enjoo com a rota inicialmente escolhida, consideravelmente mais leve, avalie a via secundária... Somente nativos berberes detinham a habilidade necessária para percorrê-la em segurança.

Premido pelas circunstâncias, Fahid declarou:

— Não temos como continuar a viagem. Precisamos voltar o quanto antes. Não podemos adormecer nesta região. Seria temerário e arriscado. Pelos meus cálculos, faz aproximadamente cinco horas que nos ausentamos da casbá. Com sorte, o retorno poderá ser feito no mesmo intervalo de tempo.

Que Alá me dê forças! Se para viver terei que passar pelos precipícios e vales escarpados novamente, aceitarei mais esta provação — raciocinou Nabih com fé, ao engolir em seco com a perspectiva de retroceder até a fortaleza.

Entretanto, uma ideia começou a se delinear na doentia mente de Nabih, atenuando os horrores daquela execrável viagem. Se não era viável tirar proveito da mulher branca para se vingar de Fahid, uma opção seria vasculhar o escritório do seu primo na busca de documentos que revelassem a identidade do financiador da Mediterranée. Quem sabe essa outra abordagem não surtisse resultados mais promissores... — refletiu Nabih maquiavelicamente.

Ao saber da presença do indesejado hóspede, Katherine pôs-se em contagem regressiva. Desde a sua chegada, Fahid revelava-se irrequieto e tenso. Uma sombra turvava o seu semblante sempre quando Fahid supunha não estar sendo observado. Katherine não via a hora de o intrometido primo desaparecer da vida deles e tudo voltar a ser como era antes.

Respeitando as apreensões de Fahid, Katherine decidiu acatar suas orientações de não sair da área privativa da casbá. Aquele inesperado pedido pegou-a desprevenida. Um temor de que algo pudesse interferir no modo como viviam a abalou. Mas a confiança atualmente depositada em Fahid acabou por apaziguar seu espírito.

Avaliando em retrospectiva a sequência dos fatos que permeavam o relacionamento deles, Katherine concluiu que desde a sua vinda à fortificação Fahid continuamente lhe proporcionou ampla liberdade de movimento. Em que pese o inusitado daquele pedido, Fahid devia ter sólidas justificativas. Dar-lhe-ia este crédito. Afinal, alguns dias de reclusão não matavam ninguém.

Neste contexto, Katherine quase não vira Fahid. Isto porque Fahid dormia altas horas fazendo sala para Nabih e acordava cedo para acompanhá-lo em excursões pelas redondezas. Diferentemente dos outros dias, ao despertar naquela manhã, Katherine recebeu um bilhete de Fahid noticiando que eles não dormiriam na fortaleza, porque visitariam um povoado longínquo e não teriam como retornar antes do anoitecer.

Pelo menos poderia aproveitar aquela repentina liberdade — raciocinou Katherine com incontida felicidade.

Sem hesitar, arrumou-se com rapidez e seguiu para o ambulatório. Warda regressara no dia anterior. Suas feições agradáveis e simpáticas estavam levemente avermelhadas pela emoção. Assim

que viu Katherine, Warda passou a contar as novidades da viagem. As notícias de Marrakech eram tantas que não cabiam na eufórica narrativa.

— A senhora não tem noção do rebuliço daquelas bandas... — falou Warda com espetaculosa expressão de suspense. — Pelo que eu soube, tropas da marinha inglesa bloquearam a costa Atlântica do Marrocos e exigiram do Sultão Moulay Abd ar-Rahman o pagamento de elevada quantia em compensação ao governo britânico pelos atos de vandalismo e danos causados pela disseminada pirataria patrocinada pelos corsários do Rif.

— Como assim?! — indagou Katherine assustada com o comentário. Não esperava ouvir nada relacionado a tal assunto.

Por experiência própria, tinha pleno conhecimento da ferocidade e da selvageria dos ataques piratas. Como também tinha plena consciência de que aquela roubalheira gerava sensíveis prejuízos na navegação internacional, além de uma significativa perda de vidas.

Prosseguindo com sua explanação, Warda detalhou:

— Dizem que o almirante Charles Napier pediu, em nome da coroa britânica, uma vultosa indenização pelas perdas sofridas pelo comércio de seu país, diante dos inúmeros ataques ocorridos na região.

Querendo se inteirar da situação, Katherine questionou:

— Tem certeza de que ouviu a história corretamente?

— Pode confiar... — reiterou Warda com convicção. — É só o que se comenta pelos lados de Marrakech.

— Dessa descrição é factível concluir que incidentes dessa natureza são comuns nos mares territoriais marroquinos e países próximos — disse Katherine para si mesma, abstraindo a presença de Warda.

— Pode apostar que sim — confirmou Warda, enquanto pegava uma lista das pendências do ambulatório em cima da mesa.

Confusa com aquela informação, Katherine achou por bem avaliar sem açodamento suas repercussões. Se a coroa britânica enviou uma esquadra marítima para intimidar os avanços dos malfeitores e obrigar o governo local a tomar enérgicas medidas para coibir essa prática criminosa, poder-se-ia deduzir que o naufrágio do Mareville não foi enquadrado como um evento esporádico e isolado. Sendo mais um ataque, no universo de muitos...

Seria mais útil direcionar sua atenção para as tarefas pendentes do ambulatório. De nada adiantaria elucubrar as consequências do ataque do qual fora vítima e seus desdobramentos em solo inglês. Escolher qualquer das linhas de raciocínio admissíveis não passaria de mera especulação.

As palavras de Warda arrancaram-na do devaneio.

— Vejo que fez uma lista das nossas prioridades.

— Tentei sistematizar os problemas considerando o seu grau de urgência — justificou Katherine.

Arrolando as pendências, Katherine argumentou:

— Todas as prateleiras demandam ajustes. Estão sobrecarregadas. Uma triagem do que serve também é indispensável. A pintura precisa de retoques e as telhas carecem de ser reposicionadas. Em princípio, na ala nova está tudo sob controle. Apenas proponho aumentarmos o número de leitos, em mais dois.

Em seguida indagou:

— E o médico? Obteve informações de alguém com disponibilidade e tempo de vir por aqui ao

menos uma vez por mês?

— Apenas um jovem médico, de nome Anuar Bidaoui, demonstrou interesse com a proposta de trabalhar por estas paragens. E olhe que indaguei a uma série de pessoas conhecidas! Infelizmente, a longa distância a percorrer até a cidade mais próxima desanima possíveis pretendentes.

— Quem sabe de posse deste nome não fique mais fácil para Fahid definir a questão. O povoado não pode prescindir de um médico, nem que seja em caráter eventual. Não podemos continuar sem ninguém!

Dirigindo-se a Warda, prosseguiu:

— Como o ambulatório não estará sozinho esta tarde, pensei em ir à casa de Hani. Tem mais de três semanas que prometi visitar Bádui. Deseja lhe entregar algo? Ou alguma mensagem?

— Pensando bem... o marido de Hani é talentoso em construções e obras. Sendo assim, peça para ele aparecer amanhã pela manhã por aqui, para conversar conosco sobre o conserto do telhado.

— Transmitirei o seu recado.

Saindo mais cedo do que o usual, Katherine rapidamente localizou sua morada. Uma pergunta aqui e outra acolá foram suficientes ao êxito de sua excursão.

Encravada na parte mais elevada e plana de um pequeno morro, a humilde residência de pedras e madeira tinha um romântico jardim repleto de flores silvestres, diligentemente cultivadas. Degraus esculpidos na terra batida viabilizavam o acesso. A fumaça da chaminé indicava que havia gente em casa. Duas crianças entre sete e nove anos correram para anunciar que tinham visita. Segundos depois, Hani materializou-se no beiral da porta.

— Que surpresa maravilhosa! — saudou Hani com um belo sorriso, abrindo passagem para Katherine entrar.

— Desculpa a demora em aparecer... Mas promessa é dívida! Para acompanhar o meu aguardado chá, trouxe alguns biscoitos e bolos... — informou Katherine animada, enquanto lhe estendia uma cesta com quitutes de dar água na boca.

— Não precisava se preocupar — verbalizou Hani com alegria. — As crianças vão adorar!

— E meu paciente, como vai? Continua sem fazer estripulias?

— Melhorou significativamente. No início, deixá-lo de repouso foi bem complicado. Como a região do corte devia estar dolorida, Bádui acabou se rendendo às circunstâncias e seguiu, mesmo a contragosto, as suas prescrições.

— Em certos casos, sou forçada a reconhecer que a dor tem lá seus méritos — filosofou Katherine divertida.

Pondo a cesta sobre a delicada toalha rendada da rústica mesa de madeira, Hani arrumou as guloseimas em pequenos pratos. Um para cada filho. Contentes com as iguarias, eles passaram a comer com entusiasmo. Bádui, que a princípio estava acanhado, acabou deixando a vergonha de lado e soltou-se nas brincadeiras com os demais irmãos. Concluído o lanche, correram para a área externa com algazarra, permitindo a Katherine ficar sozinha com Hani.

Bebericando seu delicioso chá de menta num lindo copo de vidro, Katherine absorvia cada pormenor daquela inusitada residência. Em que pese a grande simplicidade a sua volta, havia um admirável requinte em certas peças e um zelo na limpeza e conservação do ambiente.

Ansiando saber um pouco mais da vida da sua anfitriã, Katherine perguntou:

— Sempre morou por aqui? Quero dizer: afastada das cidades?

— Não... de jeito algum... Foi após o meu casamento com Azim que vim parar nas montanhas.

Minha família é de Essaouira.

— Não deve ter sido fácil trocar a região costeira pela cordilheira do Alto Atlas — especulou Katherine.

— Nesses casos, tudo depende do quanto se está verdadeiramente apaixonada... Quando conheci Azim, não pensei nem duas vezes em abandonar Essaouira e segui-lo. Credito ao amor a minha mudança para cá.

— O amor é capaz de feitos extraordinários... — assentiu Katherine. — Invariavelmente fazemos coisas impensáveis em seu nome.

— É claro que a adaptação teve suas dificuldades, mas estar junto a Azim vale qualquer sacrifício — verbalizou Hani com serenidade. — Não imagino viver afastada dele por nada neste mundo!

Pressentindo a mesma identidade de sentimentos para com Fahid, a curiosidade de Katherine intensificou-se na esperança de poder entender o que de fato lhe vinha sucedendo.

Abrindo o seu coração, Katherine declarou:

— Eu sempre fugi do amor. Perder a liberdade não me parecia uma troca vantajosa. Todavia, confesso que ao sermos tocadas por esta emoção, tudo o mais deixa de fazer sentido.

— Compreendo... A senhora igualmente veio de um lugar distante e diferente daqui... — compadeceu-se Hani da expressão desolada de Katherine.

Tocando nas mãos de Katherine, Hani profetizou:

— Com o tempo descobrirá que a sua vida passada não terá mais a mesma relevância de antes.

— Admito já estar sentindo essa transformação na própria pele — respondeu Katherine com uma ponta de divertimento.

Reabasteceram os copos de chá e ficaram partilhando confidências sem reparar no avanço do crepúsculo. Quando deram por si, estava tudo escuro nos arredores da casbá. Receosa de que Katherine andasse sozinha por aqueles caminhos, Hani pediu ao seu filho mais velho para acompanhá-la. Despediram-se afetuosamente. Uma grande amizade acabou de ser estabelecida naquele dia.

Inobstante o indescritível prazer da visita, o silêncio que envolvia a brisa noturna trouxe-lhe à mente a história da ofensiva inglesa aos piratas do Rif. Aquele pensamento desfocou o encantamento da idílica tarde. A cada passo dado por Katherine em direção à fortaleza, uma tensão inexplicável avolumava-se em seu íntimo.

Querendo obter mais subsídios sobre o assunto, Katherine vai ao escritório de Fahid. Talvez nos periódicos das semanas anteriores encontrasse outros detalhes do episódio. — Não custava nada tentar... — concluiu num murmúrio cheio de expectativa.

Recolocar os pés no chão foi um alívio para Nabih. A vontade que tinha era de beijar o solo. Suas pernas trêmulas pelo esforço de se equilibrar no cavalo, diante do pavor de despencar nas mortais encostas, fez Nabih pisar em falso e quase cair desajeitadamente no pátio, defronte dos habitantes da casbá. Aquele vexame acentuou a sua consternação.

Os últimos raios de sol riscavam o horizonte de reflexos vermelho-arroxeados, prenunciando a

noite. Nabih sentia-se esgotado e, paradoxalmente, mais ansioso do que nunca para revidar os insultos e humilhações impostos por Fahid. Para Nabih, a sensação era de ter envelhecido uns cinco anos, em virtude da tensão física e emocional à qual fora submetido.

Nenhuma pessoa, muito menos um amaldiçoado tecelão, valia tamanho sacrifício! — pensou Nabih com azedume.

Aquela malfadada viagem reforçou o desejo em Nabih de colocar seu plano em prática. Objetivando ficar sozinho, Nabih alegou cansaço e seguiu para seus aposentos. Para todos os efeitos, jantaria sozinho. Preferiu pedir sua refeição no quarto, assim afastaria Fahid do seu encalço.

Não querendo pressionar Nabih e deduzindo que ficaria recolhido em seu quarto por aquela noite, Fahid despreocupou-se do primo. A exaustão transparecia no rosto de Nabih. Volvendo sua atenção para as atividades que se descortinavam a sua frente, um descabelado pastor gesticulava freneticamente. Aproximando-se para se inteirar do fato que tanta ênfase dava ao seu linguajar, Fahid interveio:

— Aconteceu alguma coisa que deveria ser do meu conhecimento?

Não contando com aquele aparte, o homem calvo e de meia idade, chamado Munir Mousavi, reiniciou sua narrativa, escolhendo as palavras para não soar ofensivo nem desagradar Fahid:

— Meu senhor... Pode ser coincidência, porém desde a distribuição da última remessa de ração, as ovelhas vêm manifestando reações atípicas e ao menos cinco morreram de causa desconhecida... — expôs com o cenho franzido. — Por isso, nesta manhã mandei suspender a alimentação que vínhamos dando. Vou acompanhar a evolução. Espero descobrir o porquê desse problema.

— Isso é algo isolado ou vem ocorrendo em outras propriedades? — questionou Fahid com o semblante carregado. Aquele fato poderia repercutir de forma absolutamente imprevisível, com prejuízos expressivos.

— Ontem conversei com meu vizinho Afif Rouhana e idêntico incidente sucedeu com o seu rebanho. Alguma coisa está errada... Também não podemos descartar a hipótese de uma desconhecida epidemia!

— Efetivamente, a descrição é bastante estranha... Você fez muito bem em parar de oferecer a ração entregue pelos celeiros da casbá. Até prova em contrário, deve ser considerada a principal suspeita.

Era imperioso tomar medidas emergenciais para conter possíveis estragos de uma ração envenenada — decidiu Fahid resoluto.

Consciente dos danos que poderiam advir, Fahid indagou:

— Desde quando vem observando isso?

— Tem três semanas que notei os primeiros sintomas.

— Vou mapear quem recebeu a citada ração e comunicar-lhes com urgência. Pedirei para Tânuz diligenciar uma vistoria nas outras propriedades e fazer uma acurada investigação dos fatos.

E prosseguiu com determinação:

— Tem que haver uma explicação para essas mortes repentinas. Seja ela qual for... Por favor, mantenha-me informado. Qualquer novidade é só me contactar. Estarei ao seu dispor.

— Farei exatamente isso — garantiu Munir.

Afastando-se com a cabeça girando num turbilhão de formulações inconclusas sobre as causas do morticínio de ovelhas, Fahid decidiu verificar no escritório a origem da ordem de compra da derradeira remessa de ração. Saber o fornecedor e quem foi responsável pela entrega da mercadoria

tornou-se de importância capital. Sem essas informações, a insônia seria sua fiel companhia durante a noite. Entretanto, antes que pudesse seguir adiante, foi interceptado por nova intercorrência.

Gritando ao longe, uma criança anunciava o pernoite de um circo no povoado. Com o propósito de garantir a segurança do castelo, Fahid sempre inspecionava os forasteiros que aportavam nas adjacências. Como Fehran ainda estava no pátio, montou outra vez no animal e tomou o rumo do acampamento. Desagradava a Fahid dormir com pessoas desconhecidas nas circunvizinhanças da casbá.

— Hoje a noite prometia! — pressagiou Fahid conformado.

A tremeluzente luz do candelabro de prata fornecia a iluminação necessária para a incessante e doentia procura de Nabih. Começou examinando os papéis espalhados sobre o birô do escritório e as respectivas gavetas. Nada de relevante encontrara. Segundo comentários do príncipe Taufik, um banqueiro estava financiando as operações marítimas de Fahid. Na ocasião, tentara saber o nome, mas seu tio evitou prolongar o assunto, desviando com sagacidade a conversa para outro tema.

O que Nabih queria era o nome desse homem. Se descobrisse esse dado, poderia tomar algumas providências para desmontar a estrutura criada. A ânsia de vingar as ofensas de que entendia ter sido vítima não era possível de ser logicamente explicada. Nem mesmo a fadiga da frustrada viagem impedira Nabih de dar sequência àquela empreitada.

Queria a qualquer preço compensar as afrontas que seu primo lhe causara. Por isso, perscrutou as pilhas de documentos das prateleiras da estante localizada no outro extremo do recinto. Tinha compulsado metade do material, quando a porta do escritório foi subitamente aberta. Com agilidade se escondeu nas dobras da pesada cortina. Temendo ser visto bisbilhotando o acervo pessoal de Fahid, ficou imóvel por alguns minutos.

Ao esquadrinhar se o inoportuno intruso havia saído do escritório, seu cérebro demorou a processar a imagem registrada por suas retinas. Ficou completamente paralisado. A vontade que o assolava era de esganar Fahid com as próprias mãos. O ódio toldou-lhe quaisquer resquícios de sanidade. Sentada com uma maçaroca de periódicos antigos sobre a mesa, uma jovem mulher, de origem europeia, lia compenetrada as notícias veiculadas. Seus traços perfeitos e beleza singular transmitiram-lhe a inabalável confiança de se tratar da mulher branca comprada em Tânger.

Aquele miserável estava me ludibriando todos esses dias! — concluiu Nabih colérico, com a fisionomia deformada pela latente animosidade.

Abandonando a penumbra detrás das cortinas, Nabih avançou, sem mensurar as consequências, na direção de Katherine, transparecendo a luxúria e o desenfreado desejo em seu íntimo.

Ouvindo estranhos ruídos, Katherine afastou a vista do que estava concentradamente lendo. Assustada com aquela abrupta aparição, levantou-se com rapidez. Pressentindo-lhe a intenção, Nabih intercepta o trajeto até a porta, obstaculizando sua rota de fuga.

— Mas vejam só o que eu acabei achando... — falou saboreando cada palavra com deleite. — E eu já havia me convencido de que não a encontraria no castelo... No entanto, estava escrito no nosso destino. Mais cedo ou mais tarde tínhamos de ficar frente a frente... — declarou com perversidade.

Nervosa com a abordagem claramente imprópria daquele homem, Katherine replicou em árabe:

— Não compreendo o que diz... Por favor, deixe-me passar.
— Para que tanta pressa?! — questionou Nabih irônico. — Pelo que eu pude pessoalmente conferir, você estava muito tranquila alguns segundos atrás. Sua leitura parecia bastante interessante...
Tentando virar o jogo a seu favor, Katherine decidiu partir para o ataque:
— Seja como for, o que você faz aqui? Por acaso, estava espionando os negócios de Fahid? Seguramente, você não foi convidado para ficar sozinho em seu escritório. Por isso, ardilosamente cuidou de se esconder quando entrei sem ser avisada!
— Agora era só o que me faltava! Além de tudo, é corajosa... Quem você pensa que é para ousar me intimidar? — sibilou Nabih em tom de ameaça, encurtando a distância. — Você tem noção de quem eu sou? E do que sou capaz? Posso destruí-la num estalar de dedos! — vociferava Nabih, fora de si.
Acuada, Katherine recuou até encostar suas costas na parede.
— Eu não tenho medo de ninguém, muito menos de você! — rebateu Katherine com atrevimento na voz. — Não me amedronto com homens da sua laia. Desprezo-os profundamente — encarou Katherine com firmeza, avaliando-o de alto a baixo com desdém. — Graças a Deus, não tive o desprazer de conhecê-lo! Pretendo nunca mais revê-lo.
E ordenou com ênfase:
— Afaste-se imediatamente de mim ou não responderei pelos meus atos!
Descontrolado, Nabih agarra Katherine à força, prendendo-a pelos pulsos, com a nítida intenção de imobilizá-la. Vendo a situação fugir totalmente à racionalidade, Katherine passou a gritar a plenos pulmões por socorro.
— Tire suas mãos nojentas de mim! Seu animal imbecil! — externava Katherine com repulsa, enquanto se debatia ferozmente para se libertar.
— Cale essa boca maldita, sua meretriz de luxo! — ofendeu Nabih descompensado.
— Seu covarde! Asqueroso! — berrava insistentemente Katherine na esperança de se fazer ouvir por alguém que passasse pelo corredor.
Surdo aos apelos de Katherine, Nabih beijou seu pescoço e começa a tocar seu corpo esbelto sem inibições. Lutando para escapar daquela sinistra armadilha, Katherine chuta-lhe as virilhas. Por reflexo, Nabih foi mais ligeiro e desviou-se do ataque. No desespero, lágrimas escorriam do rosto de Katherine. Usando todos os recursos disponíveis, Katherine lhe deu uma certeira mordida no braço. O gosto de sangue invadiu sua boca. Urrando de dor, Nabih desferiu sem piedade uma bofetada na sua cara. Diante da força do impacto, Katherine desequilibrou-se, desabando no chão desnorteada.
Piscando repetidas vezes para aclarar as ideias, Katherine tentou se arrastar para alcançar a porta. No desigual e ultrajante duelo que travavam, Nabih a suspendeu com ímpeto, colocando-a sobre o birô, para intimamente se encaixar entre suas pernas.
Como se por milagre, as desesperadas preces de Katherine foram atendidas. Segurando Nabih pela garganta, quase o sufocando, Fahid afastou-o brutalmente de Katherine. Sem esperar explicações, pois os fatos presenciados falavam mais do que mil palavras, Fahid deu-lhe um soco, arremessando-o para longe. Fahid era a personificação fidedigna de um deus grego no esplendor de sua fúria assassina.
Aplacada momentaneamente sua ira, Fahid dirigiu-se a Nabih:
— Só não lhe mato neste instante, porque você não vale o esforço! — gritou Fahid alterado. —

Recolha as suas coisas e desapareça daqui!
— Não é nada disso que você está pensando... — defendeu-se Nabih, limpando o sangue que escorria do supercílio.
Com a malícia e a esperteza cuidadosamente cultivada por anos, Nabih construiu a sua versão dos fatos com requintes de detalhes.
— Foi essa desgraçada que me seduziu e me fez agir dessa forma inapropriada — desvirtuou Nabih teatralmente o deplorável episódio. — Queria que eu a levasse comigo. Disse não mais suportar viver nesse fim de mundo e, por essa razão, tentou me convencer com prazeres inomináveis.
Chocada com a desfaçatez daquele ser abjeto, Katherine recuperou a voz e contraditou Nabih sem hesitação:
— É tudo mentira! — alterou-se Katherine, com ânsias de esmurrar Nabih. — Não lhe dê crédito, Fahid! Encontrei-o casualmente no escritório. Pelo visto, estava lhe espionando, pois ficou escondido por um intervalo de tempo razoável. Certamente, não queria ser descoberto.
E continuou revoltada com tamanha perfídia:
— Não sei o que passou por essa cabeça perturbada para se revelar com essa abordagem acintosa. Nunca o vi antes... E nada justifica o ocorrido!
A expressão fria de Fahid dizia que as artimanhas de Nabih foram em vão. Sem se dar por vencido, Nabih argumentou com desprezo:
— Você não pode acreditar na história dessa mulher, não é? Sou seu primo. Da sua família... e jamais lhe infligiria qualquer mal. Reitero a minha inocência neste incidente!
— Se pronunciar mais uma palavra, eu lhe arranco a língua e o jogo no despenhadeiro! Prometo que ninguém, absolutamente ninguém achará a sua carcaça. Será comido pelos abutres até não restar mais nada! — ameaçou Fahid, estreitando perigosamente o olhar.
— Você só pode estar brincando... — externou Nabih incrédulo e pela primeira vez genuinamente assustado com a situação.
Com sua paciência no limite, Fahid gesticulou em sinal de pressa:
— Por que está aí parado? Está aguardando o quê? Será que não fui suficientemente explícito?! Depois desta injúria, você não é mais bem-vindo nos meus domínios. O tempo está se esgotando! Dou-lhe trinta minutos para sumir da minha frente. As sentinelas se encarregarão de escoltá-lo para fora da casbá — sentenciou Fahid com firmeza.
— Isso não ficará assim, Fahid! Esta desfeita terá troco! Vou fazê-lo pagar por esta desonra. Ser expulso como um criminoso na calada da noite, não tem perdão!
Destilando veneno, Nabih emendou apontando o dedo em riste para Katherine:
— Essa mulher o enfeitiçou! Romper nossa relação de amizade por causa de uma escrava... Você somente pode ter perdido o discernimento!
Sem tolerância para discussões, Fahid finalizou:
— Independente da sua dispensável opinião, no meu castelo não se toca ou desfruta do que é meu sem a devida autorização.
Dirigindo-se para Katherine, Fahid falou com rispidez:
— Quanto a você, vá imediatamente para o seu quarto e não saia de lá sem ordem em sentido contrário. No momento próprio conversaremos sobre o assunto.
Com os olhos marejados de lágrimas reprimidas, Katherine deixou às cegas o escritório. A entonação ressentida de Fahid assustou-a, cobrindo-lhe as feições de uma palidez amedrontada.

Volvendo-se para um estático e abismado Nabih, Fahid convocou sua guarda pessoal e repassou as orientações de como proceder.

— Um passo em falso do meu primo e estão autorizados a revidar.Não desgrudem dele um segundo sequer! — determinou Fahid.

Você vai se arrepender mortalmente deste dia... — ruminava Nabih com o olhar vidrado, envolto em desvairados delírios de vingança.

Constatando que Nabih continuava imóvel, Fahid foi embora sem se dignar a acenar em despedida.

— Fiz o que tinha de ser feito — murmurou Fahid para si, subindo as escadas. Ao parar defronte à área íntima, optou por dar meia volta. Não era a hora propícia para abordar Katherine. Necessitava refletir sobre o ocorrido com vagar.

Por mais que odiasse admitir, a semente da desconfiança plantada por Nabih achou solo fértil no ciumento coração de Fahid. Sabia que Katherine jamais ofereceria favores sexuais em troca da promessa de liberdade. Conhecia-lhe o caráter. Entretanto, não podia descartar a plausibilidade das afirmações de Nabih sobre o seu anseio de retornar para a Inglaterra, tendo em conta as suas diversas tentativas de fuga. Seus piores receios se materializaram. A passagem de Nabih foi um verdadeiro desastre nas suas vidas. E tudo indicava ser apenas o começo de uma incontrolável sucessão de problemas.

Decorridos cinco dias da nefasta expulsão de Nabih, Fahid evitava se reaproximar de Katherine. Quando ela chegava junto, ele dava uma desculpa e se afastava. Se ela ocasionalmente o encontrava, Fahid polidamente arranjava um compromisso inadiável que supostamente exigia sua imediata atenção. Seu alheamento físico e emocional pedia uma atitude drástica — concluiu Katherine. Contudo, ela ignorava como deveria proceder para reverter aquela impensável situação. Ciente dessa realidade achou por bem se aconselhar com Cecilla.

— Não posso aceitar que entre nós se instale esse constrangimento velado — confidenciou Katherine com preocupação, estirada na estreita cama de massagem.

— Isso vai passar... — disse Cecilla pressionando as rígidas costas de Katherine. A tensão estava nitidamente consumindo suas energias. O arroxeado de noites mal dormidas pesava-lhe nos contornos das pálpebras.

Querendo apaziguar sua inquietação, asseverou:

— Não há motivos para apreensões. Qualquer pessoa percebe que o príncipe Fahid é irremediavelmente apaixonado por milady.

— Você não presenciou a catastrófica briga com Nabih... — externou Katherine num sussurro lastimoso. — Que ideia inoportuna ir ao escritório... O azar é que, só se eu tivesse poderes sobrenaturais, poderia adivinhar a mudança de programação! É verdade que ele pediu para eu não circular pela casbá, mas a viagem deles alterava inteiramente esse contexto — justificou-se inconformada. — No final das contas, foi tanto esforço em vão... Tudo que Fahid não queria que acontecesse, acabou se concretizando.

— Infelizmente, não temos como controlar as forças do destino — obtemperou Cecilla na

intenção de conformá-la. — Também não adianta nada se penitenciar desse jeito. Isso não ajudará a solucionar esse imbróglio.

— E agora... O que faço? — questionou Katherine perdida. — A sua indiferença está me dilacerando... Sinceramente, melhor seria que ele discutisse abertamente comigo e partisse para o confronto. Ao menos assim, extravasava a raiva pujante que o afasta de mim. Resolveríamos as nossas diferenças de uma vez por todas! Pior do que está é difícil ficar!

— Normalmente, quando o príncipe Fahid sente-se excessivamente contrariado, a sua atitude é se afastar para reequilibrar o bom-senso, evitando arrependimentos e novas controvérsias. Embora seja enervante esse silêncio, ele tem lá seus méritos — explicou Cecilla para acalmá-la.

E prosseguiu com malícia:

— Por outro lado, milady sabe agradá-lo como ninguém! Use seus dotes femininos para atraí-lo novamente para si.

— Será que vai dar certo? — indagou Katherine transparecendo toda sua insegurança. — Fahid anda tão arisco e reticente...

— Disso eu não tenho dúvida! — incentivou Cecilla. — Mas milady deve estar preparada para o que virá, porque o príncipe Fahid não costuma ser agradável quando está com semelhante humor. Seu temperamento pode ser um complicador, porém tenho inteira confiança que milady saberá enfrentá-lo com inteligência. Não se intimidará com suas provocações.

Envolvida na tarefa de restaurar a harmonia, Cecilla exclamou:

— Vamos começar por uma maquiagem perfeita e um traje especial para esta noite. Isso quebrará as resistências do príncipe Fahid.

Examinando as roupas de Katherine, Cecilla sugeriu um diáfano robe de seda transparente verde, com delicados bordados de fio prata. Indecisa, Katherine acabou consentindo. Olhando-se no espelho, notou que praticamente não mais se enxergava o violáceo que manchava suas faces desde a agressão de Nabih. Cecilla como sempre fazia maravilhas ao aplicar pigmentos minerais em seu rosto e lábios, conferindo destaque à região dos olhos. Para completar suas vestes, Katherine colocou o conjunto de esmeraldas e uma sapatilha de salto do mesmo tom.

Katherine mirou detidamente o seu reflexo. Em lugar de fechar o robe com a faixa de cetim, optou por deixá-lo entreaberto, permitindo divisar seu corpo nu, quando se movimentava. Todos os seus conceitos e preconceitos assimilados na Inglaterra ganharam uma relatividade desconcertante, perdendo a sua razão de ser, naquele peculiar universo marroquino. Quando imaginou se oferecer a um homem daquela forma? A racionalidade mais a confundia do que ajudava... Talvez fosse duas pessoas em uma, numa inexplicável dualidade em que, a depender do cenário, sobreviesse uma ou outra personalidade.

Munindo-se de coragem, Katherine respirou fundo e atravessou a passagem do quarto de Fahid. Encontrou-o com uma mão encostada na cornija da lareira e o olhar perdido nas bruxuleantes chamas que se desprendiam do fogo alaranjado e acolhedor. Pressentindo-lhe a presença, Fahid virou-se para a porta. Ao olhá-la, Fahid teve certeza de que Katherine era a própria representação do pecado.

Era bem possível estar enfeitiçado... — recordou-se Fahid das aziagas palavras de Nabih, exasperando-se com a sua própria fraqueza.

Os cabelos pretos de Katherine estavam soltos e contrastavam com o tecido delicado, revelando as insinuantes curvas do seu corpo. Os brincos e o colar, que presenteara anteriormente, tocavam-lhe a pele leitosa, instigando-o a imitá-los. Uma aura de sedução e glamour desprendia-se de Katherine.

— Humm... Uma autêntica odalisca... — comentou sarcástico. — Mas as odaliscas obedecem ao seu senhor — continuou mordaz. — Não menosprezam as ordens recebidas, porque sabem que serão penalizadas. Compreendem qual é o lugar delas e se desdobram para agradar das mais prazerosas maneiras.

A nuca de Katherine eriçou-se. Sabia que aquele jogo podia levar a consequências imprevisíveis.

E Fahid fez uma deliberada pausa.

— O problema é que você age sem avaliar as consequências. Acha que nada pode ser tão drástico como lhe alertaram... — repreendeu em tom duro e inflexível, mantendo sob rédea curta as suas efervescentes emoções — ... e passa por cima de tudo com distraído descaso.

— Perdão — pediu Katherine externando genuíno pesar. — Desta vez, não pretendia desobedecê-lo.

Estática no meio do quarto, Katherine aguardou a aproximação de Fahid. Sustentando-lhe o olhar, Fahid começou a se despir com calma. Quando estava nu e com a excitação à mostra, Fahid cruzou lentamente o espaço que os separava. Aproximou-se de Katherine, num misto de refreada passionalidade e autocontrole, mas não a toca. Com a fisionomia dominada pelo desejo, devorou cada pedaço do corpo que lhe era oferecido sem reservas. Suas mãos seguraram possessivamente o pescoço esguio e com o dedo desenhou a linha da sua boca. Aquele jogo de sedução a descompassava. Sentindo Katherine afogueada, Fahid afastou o diáfano robe, fazendo-o pousar displicentemente aos seus pés.

— Você sabe que eu não serei complacente — murmurou próximo o bastante para seus corpos captarem o calor que irradiavam.

Sem aguardar a aquiescência de Katherine, a natureza selvagem e árabe de Fahid se sobrepôs, despedaçando qualquer verniz de civilidade.

Tomando-a nos braços, Fahid abraçou-a com força, emaranhando seus cabelos, enquanto a beijava com volúpia, tirando-lhe o fôlego. Guiando-a para a cama, deitam-se com seus corpos febris colados um ao outro. Prendendo os braços de Katherine acima da sua cabeça, Fahid a penetra num gesto rápido, arrancando um gemido surpreso. Seus movimentos ágeis e intensos cravavam fundo dentro de suas entranhas, numa repetição incansável. O peso de Fahid a imobilizava. Inconscientemente, Katherine envolveu suas pernas nos quadris de Fahid para amortecer as estocadas cada vez mais vigorosas contra o seu corpo. Propositalmente, Fahid baixou-lhe as pernas, para intensificar a junção física ao limite da sensação plena e abrasadora que ultrapassava as fronteiras da dor. No território da rendição incondicional, Fahid exigia e tomava impiedosamente o que era seu, atacando e demolindo as defesas remanescentes de Katherine.

— Sim... Sim! — gritou Katherine à beira do precipício, enquanto seus quadris traiçoeiramente se abriam para recebê-lo com prazer, em sua fúria apaixonada.

— Sim, meu amor... Eu vou usá-la ao meu bel prazer... — segredou suavemente, transparecendo na sonoridade falsamente tranquila a sua vingança por todos aqueles dias de agonia e solidão.

Atraindo-a para a beirada da cama, Fahid a ergueu pelas nádegas e a pressionou fortemente e avassaladoramente para baixo, a ponto de arrancar desconexos suspiros de Katherine, abafados por incandescentes beijos de Fahid que agrediam seus lábios sensíveis e vermelhos.

Como a fênix que renasce das cinzas, um desejo insidioso e feroz insinuou-se em Katherine, que passou a arquear o corpo com vigor em resposta às investidas de Fahid, arranhando e mordendo sua pele morena com idêntico ímpeto e sofreguidão. No alucinante duelo que travavam, Fahid se levanta

da cama sustentando Katherine encaixada em si e a apoia na parede. Chocando-se violentamente como gigantescas ondas em arrecifes rochosos, submergem em conjunto nas águas turvas e espumosas do prazer supremo. Na dimensão fluida e aquosa do gozo, espasmos inebriantes mergulham-nos numa união absoluta e definitiva. Flutuando no fascínio lânguido e relaxante da satisfação sexual, seus corpos extenuados ficaram imóveis por um tempo. Nenhum dos dois pretendia quebrar a magia com frases ou movimentos impensados.

Uma vez saciados, dormiram abraçados sem fazer qualquer outra alusão ao episódio do escritório, completamente conscientes de que pertenciam um ao outro. Não havia como Fahid possuir Katherine sem arruinar sua alma e seu corpo nos mares bravios e tempestuosos daquela mulher. Nem para ela era possível conter a devastação calamitosa dos vagalhões e redemoinhos lançados por Fahid em sua vida, como o mitológico e titânico deus Netuno.

Inobstante isso, desde o fatídico incidente com Nabih, uma parte de Fahid separou-se de Katherine. Exclusivamente nos idílicos momentos de intimidade, Katherine vislumbrava o homem ardente e apaixonado de outrora. De alguma maneira, aqueles lampejos do passado renovavam-lhe as esperanças de poder restaurar sua confiança e reaver o homem que amava acima de todas as coisas. Para Katherine era impensável conceber sua vida e seu futuro sem a presença possante de Fahid, impenetrável como as inacessíveis regiões abissais das profundezas oceânicas.

CAPÍTULO 14

A farta cabeleira prateada do príncipe Taufik el-Mansour Saadi agitava-se à medida que sua risada ficava mais audível e eloquente. Não era de seu feitio desperdiçar tempo com questões supérfluas ou amenidades. Porém, jogar cartas com um exclusivo e seleto grupo de conhecidos consistia num dos poucos passatempos que se permitia com assiduidade. Seus olhos de um verde vivaz e brilhante acompanhavam cuidadosos o desenrolar da partida. Nenhum gesto de seus competidores escapava a sua cerrada vigilância. Sob certo prisma, jogar cartas equiparava-se à arte da política. Fazia-se necessário desvendar as reais intenções de seus adversários. E um oponente da envergadura do duque de Wessex era inesquecível, diante do prazeroso desafio de descobrir as ciladas engendradas por sua mente privilegiada.

Ao baixar na mesa quatro cartas do mesmo número, o duque de Wessex vangloriou-se:

— Parece que hoje vou me vingar da nossa última partida!

— Não conte com a vitória antes do final do jogo — contrapôs-se o príncipe Taufik. — Primeiro, vamos concluir essa rodada!

— Sempre o mesmo precavido Taufik.

— Foi por nunca dar como certo meras probabilidades que cheguei até aqui — ponderou o príncipe Taufik com realismo. — A política é uma grande escola. E como você sabe, absolutamente tudo é possível! — Em seguida colocou na mesa uma sequência de cinco cartas do mesmo naipe, aniquilando a cantada vitória do duque de Wessex.

— Realmente... você está com uma sorte infernal! — respondeu lorde Wessex mal-humorado. — Exijo uma revanche!

— Pois estou ao seu inteiro dispor — asseverou o príncipe Taufik sem esconder seu divertimento.

A aparência atlética e jovial do príncipe Taufik impressionou lorde Wessex. A despeito de estarem mais de sete anos sem se ver, nada naquele homem infatigável e vibrante indicava a sua verdadeira idade. Se fosse possível refrear a escalada astuciosa do tempo, acreditaria piamente nessa hipótese. Seu magnetismo reverberava como nunca.

Entrevendo a oportunidade perfeita para introduzir o assunto que motivara sua visita, o duque de Wessex comentou com calculada casualidade:

— Por falar nas infinitas probabilidades e coincidências desta vida, não sei se alcançou seus ouvidos a história do naufrágio, em águas espanholas, de uma embarcação do governo britânico, denominada Mareville, ocorrido há mais de um ano...

— Para ser sincero, não tive qualquer informação sobre esse tema específico. O que é público e notório é o grande número de ataques piratas nas redondezas do estreito de Gibraltar. E não é segredo a reiterada pressão exercida pelo governo britânico para debelar tais práticas criminosas — expôs o príncipe Taufik com franqueza incomum.

— É verdade — confirmou lorde Wessex meneando a cabeça em concordância. — Mas o ensejo

da minha pergunta não tem qualquer vinculação com questões diplomáticas — adiantou-se para desarmar eventuais barreiras ao tema.

Explicando melhor os fatos, emendou o duque:

— Pergunto isso porque nesse lamentável incidente lady Katherine Hartington, sobrinha da duquesa de Melbourne, desapareceu. De acordo com a conversa que tivemos em Londres, lady Melbourne vem investigando por conta própria os desdobramentos do acidente. Em que pese sua família considerá-la morta, esse não é o sentimento de sua tia. Que, por sinal, é uma estimada amiga desde a juventude.

— Compreendo... — disse o príncipe Taufik, enquanto considerava com cuidado as explicações transmitidas por seu parceiro de carteado.

— A princípio, duvidei da sua linha de raciocínio. Entretanto, após refletir sobre suas colocações, comecei a lhe dar algum crédito...

Pegando no bolso a reprodução que trouxera consigo, o duque de Wessex estendeu-a ao príncipe Taufik.

Após analisar o retrato em suas mãos, o príncipe Taufik afirmou:

— É uma mulher de excepcional beleza... Faria enorme sucesso no Marrocos. Difícil esquecer um rosto de traços tão marcantes.

Fitando-a novamente, reiterou:

— Se a tivesse visto antes me recordaria. Rememorando as festas e recepções dos últimos meses, nada me reporta lady Katherine. Nem Sahar teceu qualquer comentário. Uma mulher inglesa naturalmente seria alvo de conversas e especulações. E nada disso veio antes ao meu conhecimento.

— Em todo caso, se puder contactar as autoridades marroquinas no sentido de intensificarem as buscas, seria extremamente útil. Pelos relatos da duquesa, não vem sendo simples obter apoio local às investigações.

— Isso já era de se esperar... — reconheceu o príncipe Taufik, sem se abalar com a lentidão e ineficiência governamental. — Contactarei pessoalmente o vizir Mustafá Diouri, encarregado da segurança, pedindo-lhe especial atenção com o assunto. Meu genro Jabril Chraybi, por ser vizir das finanças, igualmente usufrui de excelente relacionamento e trânsito em seu gabinete. Creio que uma solicitação da sua parte, reiterando o pedido, será oportuna.

— Fico aliviado com a iniciativa, pois a saúde de lady Melbourne agravou-se consideravelmente nestes dois meses e seria um irreparável peso na minha consciência advir algum infortúnio antes de ela reencontrar sua sobrinha — confidenciou lorde Wessex, satisfeito com o desenrolar preliminar da questão.

Horas depois e com o placar inalterado, despediram-se. Sentado em seu escritório, o príncipe Taufik enveredou em infindáveis conjecturas sobre o teor da conversa que travara com o duque de Wessex. Apesar da promessa de deflagrar uma cruzada para desvendar o paradeiro de lady Katherine, primeiro decidiu empreender uma abordagem mais sutil. Sabedor do rentável e vigoroso comércio de escravos existente na região, não desejava ferir suscetibilidades de ninguém importante. Certamente, seria de um amadorismo indesculpável tratar do assunto com precipitação, pois poderia acarretar problemas indesejáveis no futuro. Avaliando a imagem de lady Katherine, imortalizada na pintura então depositada na gaveta, contemplou o rosto da beldade inglesa, concentrando-se involuntariamente no ofuscante azul-esverdeado de seus olhos.

Tinha alguma coisa errada naquela história... — observou para si mesmo.

Nessas seis décadas de vida, aprendera a não subestimar seu sexto sentido. Um incômodo pressentimento dizia para encontrá-la com urgência. No restrito mundo do qual fazia parte, se efetivamente escapara do naufrágio, não havia muitos lugares em que pudesse estar vivendo.

Aquilo poderia ter consequências imprevisíveis — deduziu o príncipe Taufik, com as lindas pinceladas do retrato gravadas, nos mínimos detalhes, na sua memória.

Amira ben Allah, que sempre dormira pacificamente suas plácidas e repousantes noites, há dias não harmonizava o sono. Um angustiante dilema a atormentava. Deveria se encontrar com um homem alheio a sua família, sem a presença de uma acompanhante? A carta recebida, agora toda amarrotada de tanto manuseá-la em sua conflitante indecisão, era enfática em determinar que fosse sozinha ao local marcado. Aquele pedido atípico para os costumes locais instigava-a a desvendar o motivo daquele inesperado contato.

Qual a razão para esse desmesurado risco? — indagava-se Amira sem cessar.

Intrigada e profundamente desconfiada de que algo muito grave tinha acontecido ou estava prestes a acontecer, Amira seguiu determinada para os *souks* da medina de Fez. De propósito, desgarrou-se de Aiça, uma senhora de meia idade que era sua serva desde criança. Seus olhos míopes contribuiriam para a execução de seu plano. A algazarra de mercadores gritando para todos os lados e a infinidade de objetos e roupas pendurados nas barracas apinhadas de gente compuseram o cenário ideal. Num piscar de olhos, Amira deixou com discrição a tenda que vendia caftans, babouches e lenços, e desceu rumo à loja de tapetes, situada duas ruas abaixo, misturando-se na multidão.

Depois resolveria a confusão com Aiça... — decidiu Amira com um suspiro resignado.

Com o *haik* a proteger-lhe a identidade, entrou na barraca descrita na mensagem. Vasculhou o ambiente com ansiedade, detendo-se com facilidade na figura do seu remetente. Sem se ater a formalidades, disparou:

— Espero que este esforço valha a pena! Só eu sei as consequências que enfrentarei se meu pai suspeitar desta insanidade. Posso ser severamente castigada por essa insensatez.

— Antes de qualquer coisa, é pedir demais cumprimentar direito as pessoas?! — repreendeu Nabih com irritação. — Um pouco de educação não faz mal a ninguém!

— Deixe dessa afetação descabida! Não sabe que eu posso ter sérios problemas se for vista em sua companhia?

— Na verdade, problemas você terá se continuar com esta postura arrogante e deixar de me ouvir — retrucou Nabih com deliberado suspense.

— Como assim?! — inquiriu Amira estreitando seus olhos castanhos amendoados, disfarçando a muito custo a sua repentina apreensão.

Aparentemente envolvido na tarefa de escolher um tapete, Nabih perguntou como se não quisesse nada:

— Para quando mesmo está marcada a data do seu casamento?

— O que meu casamento tem a ver com esta conversa? — indagou Amira cada vez mais assustada.

— Para ser honesto, simplesmente tudo — respondeu Nabih com indisfarçável deleite na voz.

— Você faria o favor de ser mais explícito? Esse maldito exercício de adivinhação está me enervando — disse Amira sem ocultar a impaciência com aquele diálogo sem cabimento.

— É melhor se apressar... — declarou Nabih sem se importar com as rudes palavras de Amira. — Como eu pude pessoalmente conferir, seu adorado noivo, o príncipe Fahid, está inteiramente apaixonado por outra mulher.

— Que conversa despropositada e sem lógica é esta?! — contrapôs-se Amira sobressaltada. — Várias tentaram e não conseguiram conquistá-lo. Esta indubitavelmente terá o mesmo destino — verbalizou convicta de que ninguém tiraria seu lugar de prometida do príncipe Fahid. Suas famílias haviam selado um acordo quando nascera.

Com expressão condescendente, Nabih prosseguiu:

— Provavelmente não me fiz entender adequadamente... O que eu falei segundos atrás é que Fahid está apaixonado! Isso é bem diferente do que você acabou de explicitar.

E continuou Nabih com maldade e teatral dramaticidade:

— Visualize um homem inteiramente seduzido por uma mulher... — gesticulou Nabih com a mão, para ilustrar apropriadamente o que dizia. — Esse é seu querido noivo Fahid!

Um ódio mortal nublou o afilado semblante de Amira. Suas faces perfeitas ficaram rubras. Necessitou de alguns instantes para assimilar aquela informação.

Ninguém se atravessa impunemente no meu caminho — professou para si mesma com expressão vingativa.

— Quem é essa mulher? — perguntou Amira entre os dentes.

— Não estou aqui para semear a discórdia... — recuou Nabih com estudado ardil. — Mas até onde eu sei é uma estrangeira e de beleza estonteante. Seus olhos azul-esverdeados são um capítulo à parte... Impossível culpar meu primo!

— Pare com essa descrição ridícula! — esbravejou Amira com raiva latente. A mera suposição de outra mulher ocupar o lugar que sonhara durante toda sua vida, transtornava-a. Sua vaidade fora mortalmente ferida, pondo em xeque o seu precário equilíbrio interior.

— Não queria aborrecê-la... — mentiu Nabih radiante com o êxito de sua missão, pois acabara de conquistar uma aliada!

Perscrutando o ar triunfante de Nabih, Amira retomou o controle de suas emoções com enorme esforço. Em seguida, pressionou-o com astúcia:

— Da sua narrativa, sei exatamente bem qual é o papel que me cabe nessa história. Todavia, não estou alcançando o seu... O que você ganhará em separá-los? Não vai me convencer de que fez isso somente para me ajudar. Não sou ingênua, Nabih! Qual é o pagamento em retribuição por essa informação? — encarou-o Amira, com frieza implacável.

— Basta forçar Fahid a cumprir o compromisso firmado entre suas famílias. Isso me deixará satisfeito. Vê-los separados é o meu maior anseio. Faça o que precisa ser feito e estaremos quites. Não exigirei mais nada em troca por esse favor.

— Se é apenas isso, estamos acordados. Brevemente, você receberá o convite do meu casamento com seu primo — garantiu Amira.

Dispensando cumprimentos de despedida, Amira afastou-se com a mente em obsessivas maquinações. Não parava de remoer as terríveis notícias transmitidas por Nabih. Uma cólera insana apoderou-se de seu ser. A primeira providência seria procurar seu pai com uma encenação do quanto

estava aflita com a demora na oficialização da data do seu casamento. O que não deixava de ser verdade! Disposta a lutar com todas as armas disponíveis, Amira entrou na primeira mesquita que avistou no trajeto para casa. Com reverência, ajoelhou-se na área reservada às mulheres. Rogando para *Alá*, jurou com redobrado fervor:

— Nenhuma mulher neste mundo vai me tirar a honra de desposar Fahid. Serei princesa de qualquer jeito! Ou não me chamo Amira ben Allah!

Uma fumaça esbranquiçada flutuava suspensa no claustrofóbico recinto. Camaleões, porcos-espinhos, crocodilos e diversos outros animais secos e empalhados, na sua imensa maioria répteis, compunham a bizarra decoração das paredes encardidas de fuligem e bolor. Centenas de frascos reaproveitados com plantas e produtos exóticos estavam amontoados em precárias prateleiras que mal lhes sustentavam o peso. Teias de aranhas envelhecidas colavam-se no teto. O ar espesso tornava difícil a respiração dos que se aventuravam a entrar. Sentado no centro estava um reconhecido herborista, com sua manta de pele de zebra e turbante negro. Sua fama espalhara-se velozmente por todo o Marrocos. Muitos dos que se socorreram de seus feitiços e porções mágicas afirmavam ter alcançado suas súplicas, conferindo-lhe ampla popularidade.

Enciumada e com medo de perder o noivo, Amira decidiu recorrer às últimas consequências. O pavor daquele lugar somente não era maior do que o pavor de Fahid desmanchar o compromisso. Objetivamente, encontrara-o em esporádicas oportunidades. Nem sequer tinham uma ligação capaz de atenuar a separação de suas vidas. Há anos não se viam, o que a colocava em inegável desvantagem. Apesar de tal fato, o amor próprio de Amira fora miseravelmente pisoteado por aquela amaldiçoada e intrometida estrangeira. Jamais a perdoaria por ousar obstaculizar seu ambicioso e alvissareiro futuro.

Com as pernas trêmulas, Amira avançou com gélida determinação e sentou-se defronte ao *Shouaf*.

— O que a traz aqui? — interrogou o herborista com voz cavernosa e expressão maquiavélica.

Respirando fundo, Amira falou sem vacilar:

— Quero separar, definitivamente, a mulher estrangeira da vida do meu noivo. O nome dele é Fahid.

— Humm... compreendi... — balançou o feiticeiro a cabeça, aludindo ter captado sua mensagem. — Nesse caso, é apropriado um feitiço que possua a propriedade de neutralizar os encantos dessa mulher...

Erguendo-se, o herborista começou a remexer em vários frascos de aspecto asqueroso, com estridente barulho; selecionou quatro e retornou para o local onde Amira estava sentada.

Antes de dar continuidade ao seu trabalho, comentou:

— Diante da sua explicação, um elixir de dente de cobra servirá aos seus propósitos.

Indecisa, Amira questionou com inquietação:

— Isso é realmente forte, a ponto de fazê-la sumir da vida dele?

— Posso lhe assegurar que não ficarão juntos. Esse encantamento tem eficácia comprovada! Seguramente, serão separados, liberando o caminho para você conquistá-lo.

Não se convencendo da propriedade da solução sugerida, Amira agarrou com firmeza as mãos

calosas do *Shouaf*. Indiferente às unhas compridas e sujas daquele homem de aparência repugnante, Amira permitiu-se abandonar numa espécie de transe convulsivo, possivelmente desencadeado pela falta de ventilação e pelo calor opressivo que imperava no exíguo espaço onde estavam reunidos. Sua cabeça pendia para frente, em giros caóticos, que escondiam seu rosto. A mente descompensada e confusa de Amira via o vulto de uma mulher rindo e dançando, comprazendo-se com a sua humilhação. Simultaneamente, as feições de Fahid desbotavam, diluindo-se num negror opaco e intransponível.

Ficou calada por um tempo considerável. Voltando à consciência gradativamente, Amira concluiu:

— Isso não será suficiente.

— Não entendi... — declarou o feiticeiro sem esconder a surpresa.

— Quero que a despache para o mundo dos mortos! Enquanto essa desgraçada viver, ela rondará a minha vida como um espectro fantasmagórico — sentenciou Amira sem esboçar emoção.

— Mas isso requer um trabalho especial... Consideravelmente mais caro do que o inicialmente proposto... Não será preciso apelar a esse extremo — argumentou o *Shouaf* na tentativa de demover a jovem daquela ideia radical e excessivamente arriscada.

Encarando-o com dureza, Amira provocou atrevida:

— Somente estou aqui porque me afiançaram que era o herborista mais famoso do Marrocos. Se não é capaz de executar o serviço, é melhor dizer. Assim, vou logo embora à procura de outro feiticeiro, sem desgastes e perda de tempo para nós dois.

— Você está enganada — contrapôs-se o homem ofendido. — É claro que eu posso fazer esse malefício sem dificuldade. Mas fique consciente de que estará mexendo com forças ocultas e imprevisíveis. Os *djinns* invocados nestes despachos são gênios caprichosos que exigem pactos de sangue... O preço pode ser bem mais alto do que está conscientemente disposta a pagar.

Sem dar importância às palavras de alerta, Amira abriu impávida uma delicada bolsinha de tecido, despejando seu conteúdo acintosamente sobre o tapete. Com olhar arrogante, encarou o *Shouaf*, aguardando a sua resposta.

— Essas joias são o bastante? Ou será preciso mais?

Analisando o par de brincos com diamantes razoáveis, o colar de pérolas negras e o anel de rubi, o herborista assentiu com a cabeça.

— Farei exatamente como me pede. Só não alegue depois que eu não lhe avisei...

O príncipe Taufik apreciava do terraço, absorto, o sereno passeio de sua esposa nos magníficos jardins do palácio em que viviam em Marrakech, quando um servo aproximou-se e anunciou que seu sobrinho Nabih estava no escritório. Intrigado com a repentina visita naquela agradável tarde de verão, o príncipe Taufik decidiu averiguar com Sahar as prováveis razões para Nabih se deslocar do litoral para vê-lo.

— Minha princesa... — saudou Taufik com adoração. — Acabei de ser cientificado da presença de Nabih. Sabe de algum acontecimento que possa ter influenciado esse encontro? — sondou Taufik, enquanto era retribuído por Sahar com idêntico olhar de interrogação.

— Meu querido, eu não tenho a mínima noção do que o traz a Marrakech. Porém, coisa boa

decididamente não é! — expôs com sinceridade.

Concluindo a contragosto que Nabih nunca se largaria de Tânger para Marrakech se não fosse por algum motivo significativo, Taufik optou por recebê-lo. Invariavelmente perdia a paciência com as conversas sem nexo de seu sobrinho. Contudo, toleraria mais essa provação em nome da paz familiar!

Ao escancarar a porta, Nabih estava parado no meio do escritório. Sua figura física, num singelo olhar, evidenciava desolação e abatimento. Visual artificiosamente criado para sensibilizar seu poderoso tio. Querendo descobrir as causas da sua presença, Taufik o cumprimentou com cortesia:

— *Salamaleicom.*

— *Ualeicom salaam* — retribuiu Nabih interiormente satisfeito por ser recebido pelo atarefado príncipe Taufik.

Pondo para girar as engrenagens que separariam Fahid da mulher branca, Nabih passa a tecer um rosário de lamentações:

— Refleti bastante antes de vir incomodá-lo... — iniciou com fingido sofrimento. — Entretanto, desde que fui expulso da casbá de Fahid não consigo mais ter sossego nesta vida.

— Expulso?! — repetiu o príncipe Taufik tomando assento na cadeira situada em frente de Nabih. Sem deixar transparecer seus pensamentos, Taufik incentivou Nabih a relatar mais detalhes do incidente.

— Por favor, prossiga...

— O senhor não pode dimensionar o quanto estou arrasado desde então... — queixou-se Nabih, dissimulando estar à beira das lágrimas. — E tudo em virtude de uma escrava branca. Como a palavra de uma mulher pode valer mais do que a de seu sobrinho?!

Atônito com o inesperado curso da conversa, Taufik intervém:

— Você falou escrava branca?!

Até onde sabia Fahid abominava abertamente a escravidão — o príncipe Taufik reservou para si mesmo aquele comentário.

Sentindo que prendera a atenção de seu tio, Nabih continuou:

— Sim... O pior é que eu inadvertidamente presenteei Fahid com essa mulher estrangeira quando nos encontramos em Tânger. Se soubesse que nos desentenderíamos por conta dela, obviamente não teria feito o negócio.

— E como é essa mulher? Sabe qual é a sua procedência? — inquiriu o príncipe Taufik com disfarçada casualidade.

Absorvido pela cega hostilidade que devotava a seu primo, Nabih não atentou para as reais pretensões de seu tio.

— Por mais que eu odeie reconhecer, é uma mulher deslumbrante, com esvoaçantes cabelos negros e expressivos olhos azul-esverdeados. Sua pele leitosa compõe uma imagem capaz de incendiar o mais celibatário dos homens. Provavelmente, aportou no Marrocos no início do ano passado.

E arrematou:

— Fahid está completamente apaixonado. É a primeira vez que o vejo dessa maneira... Até parece estar enfeitiçado!

Respirando ruidosamente, Taufik insistiu no assunto, pois aquela informação seria decisiva para consolidar ou não suas suspeitas:

— E sua nacionalidade? Tem alguma noção de onde nasceu?

Rememorando a trágica discussão na fortaleza, Nabih respondeu:

— Embora no princípio tenha se comunicado num árabe irretocável e fluente para uma estrangeira, no evoluir da conversa passou a falar em inglês. Apostaria que é inglesa.

Um arrepio gelado transpassou a coluna do príncipe Taufik. Tinha vontade de dar uma surra em Fahid, esfolando-o impiedosamente. Preservando o sangue frio e o rosto impassível perscrutou:

— E como essa mulher foi parar em Tânger? Se for de fato inglesa, como você relatou, há entre o Marrocos e a Inglaterra um espaço considerável a percorrer...

— Segundo Laila, a proprietária da casa de escravos, piratas atacaram o barco em que viajava. Aprisionaram-na e a repassaram em Tânger. Isso é tudo que eu sei.

— E o seu nome? Você por acaso tem essa informação? — indagou o príncipe Taufik para saber se a identidade da moça permanecia ou não oculta.

— Por *Alá*! No tumulto da briga, não me ative ao seu nome — notou Nabih chocado com seu deslize.

— Deixe para lá... — gesticulou Taufik transparecendo não dar valor para o fato. Em seu íntimo, exultava em constatar que o incompetente do Nabih não dispunha daquele dado precioso.

Em sequência, disse exatamente o que Nabih gostaria de ouvir:

— Não se preocupe, intercederei a seu favor diante de Fahid. Que falta de bom-senso questionar a sua idoneidade! Assumirei este problema para mim — declarou o príncipe Taufik com a manifesta intenção de ganhar tempo. — Quando menos esperar, terá reatado a velha amizade de vocês.

Disposto a neutralizar Nabih, Taufik ponderou ardilosamente:

— Nesse panorama, é preferível não divulgar o desentendimento que tiveram, e menos ainda as suas causas. Isso poderia ensejar toda sorte de comentários maledicentes, não sendo positivo para nenhum dos dois.

Vendo tudo conspirar a seu favor, Nabih anuiu sem se importar com as implícitas razões daquele pedido.

— Não direi uma só palavra a ninguém. Confio na sua habilidade para aparar as arrestas com Fahid.

Superadas as despedidas com um radiante Nabih, Taufik puxou a cadeira do seu birô e sentou-se pesadamente. Meditou por horas, movendo sem trégua as peças do inusitado quebra-cabeça. Contemplando pela enésima vez o retrato entregue pelo duque de Wessex, não lhe sobrava alternativa: a escrava branca só podia ser lady Katherine Hartington! A justaposição entre as histórias não admitia outra conclusão.

Atônito e visando a dar um ponto final naquela insanidade, Taufik apanhou a carta recebida uma semana atrás de Kamal ben Allah, pai de Amira. No início, queria conversar com Fahid antes de respondê-la, sobretudo porque a nova cláusula enviada cercearia as chances de outros matrimônios, mas dado o fluxo dos acontecimentos, aquela providência se tornara supérflua. Era óbvio que Nabih já os havia contactado. Não sabia quando, nem como. Todavia, não acreditava em coincidências. Sem dúvida, o envolvimento de Fahid com outra mulher tinha alcançado os ouvidos da família de Amira, pondo em sério risco o noivado. E isso era absolutamente inconcebível para o todo-poderoso príncipe Taufik. Costurara por anos essa respeitável aliança política, para os desatinos de Fahid colocar em xeque seus esforços!

Sem titubear, o príncipe Taufik pegou uma folha de papel com seu emblema. Numa caligrafia

rebuscada, respondeu a missiva de Kamal ben Allah, reiterando o compromisso assumido entre suas famílias e agendando para dali a seis meses a data do casamento de seus filhos, respeitando-se as condições e os termos recentemente enviados. Prazo que o príncipe Taufik julgava razoável para poder rearrumar as coisas em seus devidos lugares.

Precisava agir depressa!

A residência do príncipe Taufik em Marrakech era um autêntico palácio de arquitetura árabe-andaluz. Os coloridos *zellij* e adornos de estuque rendilhado enfeitavam as paredes com perfeição invulgar. As portas e as janelas eram entalhadas em madeira, formando artísticos painéis. O mobiliário elegante compunha o ambiente, espelhando em cada detalhe a magnificência da cultura islâmica, com refinados objetos de latão e cobre estrategicamente posicionados nos confortáveis salões e espaços, repletos de tapetes, almofadas macias e sofás revestidos com sedas e brocados. Uma profusão de cores fortes e texturas que dialogavam em sua surpreendente diversidade, criando uma atmosfera nobre e visualmente equilibrada.

Sempre que se deparava com o esplendor daquele palacete, Fahid admirava-lhe a harmonia e graciosidade de suas formas. Luminárias ricamente cinzeladas esparramavam uma acolhedora luz amarelada. No pátio, uma fonte de mármore com desenhos florais e arabescos finamente esculpidos transmitia uma murmurejante tranquilidade que Fahid estava longe de sentir.

A convocação às pressas para Marrakech não sinalizava um bom presságio. Os termos da mensagem ressoaram de modo estranho e Fahid sabia que seu pai não era homem de atitudes impensadas. Se o chamara de imediato, é porque fatos relevantes haviam sucedido.

Desejando pôr um fim naquela tensão que lhe comprimia a nuca, assim que chegou Fahid foi ao escritório onde o príncipe Taufik provavelmente estaria despachando. A expressão carrancuda com a qual foi recebido denotava estar correto em suas elucubrações.

— *Allahu Akbar!* Neste instante, cogitava seriamente em enviar uma patrulha para o resgatar de salteadores! — vociferou o príncipe Taufik zangado, sem sequer levantar-se. — Precisa levar quatro dias para chegar aqui?!

Antevendo as dificuldades daquela conversa, Fahid argumentou com didática resignação:

— Até onde me consta eu moro nas montanhas. Considerando que o seu mensageiro despendeu praticamente dois dias para alcançar os portões da fortaleza, pode-se inferir que quatro dias é um espaço de tempo bem aceitável.

— Faça a gentileza de sentar. Não pretendo quebrar meu pescoço! — ordenou Taufik aborrecido. — Divirjo de seu ponto de vista, mas não me deterei nisso. Há coisas mais importantes a tratar do que essa dissensão insignificante — finalizou com pragmatismo.

Igual a um leão esfomeado prestes a dar o bote, Taufik ergueu-se da poltrona e rodeou a passos lentos a sua mesa de trabalho, depositando nas mãos de seu filho, com premeditada frieza, a reprodução com o retrato de lady Katherine Hartington. Aguardou calado.

Um silêncio carregado e denso instalou-se no recinto.

Ao discernir o que segurava entre as mãos, Fahid ficou paralisado. Os segundos arrastaram-se como horas. O burburinho externo desapareceu. O ar ficou subitamente rarefeito, dificultando-lhe a

respiração. Imagens e cenas de Katherine sucederam-se velozmente diante de si.

— Você por acaso a conhece? — pressionou o príncipe Taufik com cinismo, ante a falta de reação de Fahid.

Pressentindo a tempestade se avizinhando, Fahid confirmou com a cabeça.

— Poderia me explicar como isso aconteceu? — insistiu Taufik com voz autoritária.

Sentindo que seu pai já sabia de tudo, Fahid partiu para o ataque.

— Não sei o porquê dessa pergunta se você dispõe das respostas — rebateu, encarando-o nos olhos com expressão aguerrida.

Em seguida, revelou com entonação de desafio:

— Bem... Como o tema é lady Katherine Hartington, transmito-lhe em primeira mão que pretendemos nos casar em breve data — verbalizou Fahid, levantando-se da cadeira.

Uma sonora e irônica gargalhada escapou da garganta do príncipe Taufik.

— Você perdeu completamente o juízo! Largue de ser ridículo! Você está prometido a outra mulher. Essa união não tem a menor possibilidade de se materializar.

— E desde quando um compromisso imposto a uma criança possui algum valor legal?! — retrucou Fahid com beligerância.

— E desde quando a minha família desonra a palavra empenhada?! Jamais admitirei você arrastar e pisotear meu nome no chão da medina — berrou Taufik descortinando o ódio que lhe invadia o espírito, ao descer sobre o birô o punho cerrado com tanta força que sacudiu perigosamente o castiçal de cristal, oscilando a sua chama como uma dançarina sobrenatural.

— Chega! Esse desvario foi longe demais! Porventura, tem ideia do tempo despendido e de quantos favores fui forçado a conceder para angariar o apoio e a simpatia da família de Kamal ben Allah? Fiz de tudo para estreitar os laços estabelecidos no acordo.

Apontando o dedo em riste para Fahid, Taufik complementou no limite do descontrole:

— É muita ingratidão da sua parte! É um desplante escutar que os meus esforços foram em vão!

— Efetivamente, fez porque quis! Ninguém lhe pediu — contestou Fahid colérico.

Objetivando colocar as coisas nos seus devidos lugares, asseverou no mesmo tom enraivecido:

— É muito conveniente manipular o destino alheio a seu bel-prazer e depois posar de vítima. Registre nesta sua mente doentia que não me casarei com Amira. Essa maldita aliança é uma invenção sua e eu não tenho nada a ver com ela. Sinceramente, pode ir para o inferno com sua amaldiçoada política!

Com um sorriso complacente, o príncipe Taufik informou com crueldade:

— Participo-lhe que a data do casamento já está agendada para daqui a seis meses. Há uma semana mandei para Kamal ben Allah a posição da nossa família acerca da data mais propícia para a cerimônia. Se tiver interesse em ler, aqui estão os termos e condições do contrato pré-nupcial.

Triunfante, Taufik jogou os papéis sobre a mesa com estardalhaço.

— Como pôde decidir algo desta magnitude sem me consultar?! — protestou Fahid ultrajado, com o sangue subindo pelo pescoço e rosto, tingindo suas faces de escarlate. Seus olhos chispavam faíscas. A animosidade contra seu pai atingiu níveis inimagináveis.

Andando de um lado para o outro, prosseguiu irado:

— Eu amo intensamente lady Katherine Hartington e não admitirei esta intromissão na minha vida!

Divisando naquela declaração o seu grande trunfo para encurralar Fahid, Taufik decide empregar

uma nova abordagem na esperança de chamá-lo à razão:

— Pois bem... Se está perdidamente apaixonado como diz, a ponto de fazer qualquer sacrifício por lady Katherine — alfinetou com escárnio Taufik —, aconselho-o a mandá-la de volta para a Inglaterra. Segundo meus contatos, a duquesa de Melbourne, além de ser extremamente rica, tem absoluta convicção de que sua sobrinha continua viva. Tanto que diversas autoridades locais foram acionadas para dar agilidade às investigações. Como você mesmo sabe, o duque de Wessex é muito influente e possui irrestrito acesso ao palácio real. Inclusive, vem conduzindo pessoalmente as buscas.

Aproximando-se dos ouvidos de Fahid, o príncipe Taufik reduziu o tom de voz para realçar suas ameaças:

— Em reconhecimento ao seu gesto cavalheiresco, prometo guardar segredo do que ocorreu no Marrocos e não manchar a reputação da fabulosa e amada lady Katherine Hartington. É dispensável enfatizar que o meu empenho pessoal dependerá do seu casamento com Amira.

Uma aversão incontrolável avolumava-se no interior de Fahid ao escutar tamanha perversidade. Seu rosto transfigurado indicava estar no limiar de perder seu autocontrole. Por mais abominável que fosse aquele homem, Taufik era seu pai. Em que pese essa desagradável particularidade, a vontade assassina de esmurrá-lo até a morte ganhava feições mitológicas.

Após uma pausa, ele arrematou com dramaticidade:

— Embora julgue ser desnecessário detalhar o que farei se ousar me desobedecer, acredito ser prudente pecar pelo excesso, porque a minha sede de vingança somente aplacará quando destruí-los... Não sossegarei um só dia desta infeliz existência... Isso eu posso garantir!

Perdido em arrepiantes visões, o príncipe Taufik seguiu delirante:

— Corta-me o coração imaginar a sua querida lady Katherine sendo arrogantemente rechaçada e desprezada pelos seus outrora amigos aristocratas, sendo forçada a viver reclusa e solitária — externou com inenarrável prazer, ao remexer na estante recheada de livros, pegando um exemplar aleatoriamente. — Quanto a você, o reduzirei à total ruína financeira. Posso sentir o seu desespero ao perder, um a um, seus valiosos contratos marítimos. Toda pompa atual lhe será impiedosamente arrancada... — chantageou em retaliação, enquanto fechava o volume que dedilhava distraidamente com um estampido seco, para acentuar a ênfase de suas palavras.

Sem suportar mais aquela demonstração de loucura, Fahid caminha em direção à saída. Com os olhos quase desprendendo das órbitas, Taufik exalta-se ao compreender suas intenções.

Descontrolado, o príncipe Taufik estoura possesso:

— Fique certo que eu vou esmagá-lo! Irei às últimas consequências para resguardar meus interesses. Esteja ciente de que eu vou acabar com você e com todos aqueles que ousarem me desafiar! A solidez e a honra da minha casa não serão abalados pelos seus rompantes de imaturidade e insensatez.

Sem retroceder, Fahid retirou-se do escritório, batendo a porta atrás de si com um estrondo ensurdecedor.

A temperatura inesperadamente amena para aquela época do ano facultava circular pela Djemaa

el-Fna sem afobação, permitindo contemplar as infindáveis e pitorescas atrações que cercavam a centenária praça e os múltiplos bazares situados nas circunvizinhanças. A famosa mesquita de Koutoubia, com seu formidável minarete de estilo almóada, apontava altiva sobre a medina de Marrakech. Transcorridos dois dias do entrevero com seu pai, Fahid continuava por lá. Necessitava de tempo e isolamento para realinhar seus pensamentos e decidir como lidar racionalmente com aquela terrível encruzilhada. Optara por se hospedar num *fondouk*, porque não queria ficar sob a influência familiar, nem escutar as reiteradas queixas de sua mãe sobre as intermináveis brigas com seu pai. Quanto menos gente estivesse envolvida no assunto... melhor!

Caminhando casualmente na região da *kissaria*, Fahid defrontou-se com uma renomada joalheria da cidade. Atraído pela perfeição das peças, Fahid entrou. Um senhor de aparência educada e bem-vestido, com a inconfundível postura de proprietário, atendeu-o com presteza.

— Em que posso servi-lo? Meu nome é Emir e estou para ajudá-lo no que for necessário — prontificou-se com um amplo sorriso.

— Gostei muito daquele bracelete de diamantes rosa e do anel de idêntico modelo. Poderia tirá-lo do expositor para apreciá-lo de perto?

— Farei isso imediatamente. Por favor, sente-se enquanto eu agilizo o seu pedido — apontou o vendedor uma confortável cadeira próxima à mesa de apoio.

Retornando com as joias, depositou-as numa bancada revestida de veludo preto. Um fulgor límpido desprendia-se, encantando Fahid. Girando o bracelete no local onde a claridade exterior imiscuía-se como feixes prismáticos no recinto, convenceu-se da sua extraordinária qualidade. O arremate da tranca e a lapidação somente podiam ter sido executados por habilidosos artífices. O formato inovador contribuía para qualificá-la no rol das obras de arte.

— Seria possível fazer a gravação de uma frase na parte interna da peça?

— Claro! — respondeu Emir sem pestanejar.

Remexendo na gaveta, prontamente localizou um pedaço de papel e uma caneta-tinteiro.

— Pode escrevê-la aqui. Cuidarei de copiá-la do jeito como o senhor me pede.

Passando a examinar o anel, Fahid ficou igualmente satisfeito. A aliança de ouro-branco era inteiramente circulada com brilhantes. No meio, um brilhante maior suspenso cintilava sobranceiro. Era digno de uma princesa... — pensou Fahid contente.

Com senso de oportunidade típico de vendedores experientes, o atendente adiantou-se em anunciar as recentes novidades.

— Há dois dias um amigo libanês trouxe um conjunto de safira para ser avaliado. Por sorte, não faz nem uma hora que concluí a autenticidade das gemas. É um impecável trabalho de ourivesaria! — anunciou empolgado.

— Deixe-me conferir — pediu Fahid.

Apressado, Emir desapareceu por detrás da cortina que dividia o cômodo da loja. Demorou no máximo cinco minutos. Quando voltou tinha uma artesanal caixa de couro prateado em suas mãos. Ao abri-la, a miríade azulada das estonteantes safiras preencheram a vista de Fahid. Fragmentos de luz ondulavam como se fossem estrelas nos confins do universo, refulgindo tudo ao seu redor.

— São estupendas! — falou Fahid admirado, segurando os brincos ornamentados com variados tons de safira azul. As pedras eram unidas por finos fios de ouro dourado, encaixando-se elegantemente umas às outras. Na ponta, um pingente maior conferia movimento à peça; traçado reproduzido na gargantilha.

— Como lhe antecipei, nem tive a chance de expor na vitrine.

— Você me convenceu. É raro encontrar joias desse quilate. Levarei as quatro peças.

— Maravilha! — exultou o vendedor com alegria. — O senhor não irá se arrepender.

— No final da tarde estarão organizadas? — inquiriu Fahid.

— Com certeza. Pode vir buscá-las a partir das dezesseis horas.

— Vou ao banco autorizar o pagamento. Assim que estiver com o comprovante em mãos, virei pegá-las pessoalmente.

Com olhar arguto, externou o experiente Emir com sabedoria:

— Deve amá-la desmedidamente...

— Mais do que a razão poderia suspeitar ser possível — reconheceu Fahid ao recordar-se da fisionomia de Katherine.

Voltando a mente para questões corriqueiras, como o intenso fluxo de pedestres na área externa da loja, Fahid surpreendentemente identificou a figura longilínea de Mahafara Mirjalali através do transparente vidro da vitrine, numa entretida conversa com um sujeito de aspecto duvidoso.

De súbito, Fahid estancou e com reflexos apurados tirou a mão da maçaneta, antes de escancarar a porta da loja. Recuando com perspicácia alguns passos, Fahid indagou:

— Há outra saída? Ou alguma janela na parte superior da loja de onde eu possa observar amplamente a rua?

— Temos outra porta pelos fundos. Se o senhor não se incomodar poderá utilizá-la à vontade.

— Ótimo! — exclamou Fahid respirando aliviado. A última coisa que ansiava era se deparar com Mahafara saindo de uma joalheria.

A porta dos fundos da loja desembocava numa travessa estreita e precariamente iluminada, propícia para quem pretendia se ocultar dos olhares indiscretos dos que transitavam na rua principal. Deslocando-se com calculada cautela, Fahid posicionou-se sutilmente fora do alcance da vista de Mahafara, espreitando-lhe os movimentos de seu ponto privilegiado de observação.

A postura camuflada de Mahafara levantou imediata suspeitas em Fahid. O que fazia por ali? De onde conhecia o homem com roupas desbotadas e gastas que transparecia brutalidade até a raiz dos cabelos? O mais esquisito eram os dois dentes de ouro na parte superior da boca e a dantesca tatuagem de dragão no braço direito. A linguagem corporal do sujeito desconhecido sugeria que discutiam ferozmente. Mahafara traduzia com seu constante monitorar dos passantes a sua tensão interior com aquela conversa. Obviamente não queria ser descoberto numa conjuntura nitidamente desfavorável a sua reputação.

Não houve despedidas. Quando Mahafara entregara um saquinho de couro, supostamente o pagamento de algum serviço passado ou, quem sabe, futuro, cada um seguiu para um lado da rua, misturando-se propositalmente na multidão. As feições transtornadas de Mahafara não eram um bom presságio.

Pelas investigações capitaneadas por Fahid, Mahafara enfrentava sérios problemas de ordem financeira, motivados pela perda de dois navios nos arredores do Cabo da Boa Esperança, circunstância que a princípio justificara a sua inusitada proposta de fusão comercial. Entretanto, diante do tipo de pessoa com a qual passara a se relacionar, valia a pena rever suas conclusões e manter-se vigilante para não ser futuramente trapaceado.

CAPÍTULO 15

O rosto de Cecilla contraía-se de inquietação. Suas mãos suadas moviam-se nervosamente. Há cinco dias notara Katherine indisposta e apática. Não se alimentava adequadamente nas refeições nem esboçava ânimo para ir ao ambulatório. Parecia que suas energias haviam sido misteriosamente tragadas. Ante a coincidência de tal estado de espírito com a ausência do príncipe Fahid, não dera nenhuma importância àquele fato, atribuindo-o à saudade, pois já vira algo semelhante acontecer anteriormente. Contudo, nesta manhã, a sua saúde mostrou sinais claros e inequívocos de debilidade, denotando estar gravemente enferma.

Deitada na cama larga com o corpo febril, Cecilla alarmou-se com a dimensão da sua prostração. Nem levantar da cama conseguiu durante todo o dia. As elevadas e persistentes temperaturas deixaram-na completamente sem forças, acentuando os inexplicáveis e agudos sintomas de abatimento e fraqueza extremos. Tomar alguns pequenos goles de um leve caldo de galinha e verduras foi tudo o que Katherine ingeriu com dificuldade.

Assustada, Cecilla decidiu enviar um mensageiro para cientificar o príncipe Fahid dos acontecimentos, clamando pelo seu urgente retorno.

E justo agora ele está ausente! — lamentou-se aflita.

Por precaução, Cecilla permaneceu ao lado de Katherine naquela noite. Por mais compressas de água que passasse em seu corpo, nada baixava a febre. Indecisa quanto ao modo adequado de administrar o caso, ela pediu para uma serva chamar Warda em sua casa. Precisava de orientação. Afinal, era ela quem cuidava do ambulatório e teoricamente seria a pessoa mais apta a lidar com o problema. A responsabilidade pelo bem-estar de Katherine não podia ser negligenciada.

Em menos de meia hora, Warda entrou esbaforida quarto adentro, apenas com o xale quadriculado encobrindo suas recatadas roupas de dormir.

— O que está ocorrendo, Cecilla? Vim assim que recebi seu recado — questionou Warda, à espera de explicações.

— *Bismillah*! Não sei mais como devo agir... — confessou Cecilla com o semblante agitado e transpirando de preocupação, tocando pela enésima vez a ardente testa de Katherine. — Já fiz de tudo... e esse inferno de febre não cede... Necessito da sua opinião sobre como proceder.

— Tentou colocá-la num banho gelado? — indagou Warda enquanto a examinava atentamente, apalpando a paciente com gestos ágeis. Identificar a causa da doença seria fundamental para ministrar o tratamento correto. Porém, nada parecia justificar o que presenciavam.

— Ainda não... Vou regular a temperatura das águas.

— Apresse-se, então! Porque sua aparência indica que está prestes a resvalar na escuridão da inconsciência — pressentiu Warda com acerto.

Warda mal terminou de falar e uma legião de servas materializou-se. Seguindo as ordens de Cecilla, carregaram o estático corpo de Katherine em direção à piscina da sala de banho. Como

Katherine não assimilava mais nada, Cecilla mergulhou com ela na água fresca, rodeando-a nos braços, pouco se importando em ficar molhada. Ficaram aproximadamente meia hora. Katherine tremia violentamente em virtude do choque térmico, o que ajudava a dissipar o excesso de calor do seu corpo doente, minorando seus efeitos deletérios.

Inobstante o radicalismo do tratamento, aparentemente foi a única coisa que surtiu temporário efeito. Após enxugá-la com cuidado, depositaram-na novamente na cama. Pelo menos, os delírios cessaram. Aproveitando aquela trégua, Cecilla forçou-a a comer. Um mísero pedaço de pão e meio copo de chá foi o máximo que entrou no seu estômago.

Em silenciosa vigília, Warda e Cecilla se revezaram na conturbada madrugada. No início da manhã, o quadro clínico de Katherine não se alterara de forma significativa, exacerbando a angústia no coração de Cecilla. Onde estava o príncipe Fahid?! Será que o mensageiro o encontrara? Ou havia partido para outra cidade, desencontrando-se...

Como as notícias ruins têm a incrível aptidão de se propagar como fumaça ao vento, Hani apareceu naquele dia com expressão aperreada. Vendo-lhe intensificar a apreensão ao saber da inexplicável origem da doença, Cecilla consentiu a sua visita.

O ar estranhamente carregado do quarto e a fisionomia descorada e lívida de Katherine perturbaram ainda mais Hani. Sua sensibilidade incomum a trouxe até ali e dizia para se aproximar da enferma.

— Deixe-me auxiliá-la a passar as compressas. Você passou a noite inteira sem pregar os olhos! — prontificou-se Hani com intencional amabilidade. — Talvez fosse prudente você descansar... — sugeriu diante do cansaço evidente de Cecilla.

Ao tocar nos braços de Katherine, inesperadamente as feições de Hani ficaram demasiadamente pálidas. Sentindo-se tonta e com um frio intenso atravessando seu corpo, Hani sentou-se na beirada da cama, para não desabar no chão. Para Hani, um poderoso redemoinho envolvia sua alma, prendendo-a numa espécie de conversa telepática que assumia o controle de seus sentidos. A ela cabia apenas esperar o término daquele canal espiritual.

Sem entender nada, Cecilla observou Hani ficar inexplicavelmente imóvel. Seu olhar perdido no vazio indicava estar em outro espaço temporal. De repente, a voz de Hani soou arrastada e impregnada com um sotaque feminino desconhecido; distinto do seu timbre usual.

Abruptamente, a boca de Hani começou a emitir sons coerentes e frases perturbadoras.

— Procurem uma curandeira antes que seja tarde... Vocês não têm forças nem conhecimento para obstaculizar a maldição... O tempo não está a favor...

Um silêncio sepulcral desmoronou no quarto. Ninguém se atreveu nem mesmo a se mexer. Warda e Cecilla, que testemunharam a cena, jurariam ter ouvido vozes do além, embora seus olhos apenas registrassem a figura física de Hani.

Tal qual se manifestara, o transe de Hani desaparecera sem deixar rastro. O sangue voltou-lhe às faces, recuperando o seu costumeiro vigor.

Estateladas, Warda e Cecilla se entreolharam, indecisas acerca de qual medida tomar. Deveriam seguir aquelas orientações? Independentemente de qualquer coisa, a excepcionalidade da doença de Katherine exigia medidas igualmente extraordinárias. Até agora, nada tinha contido sua proliferação. Pelo contrário, seu quadro clínico apenas se agravava... Por isso, agir imediatamente poderia ser a diferença entre a vida e a morte.

Intuindo pela expressão apavorada de Cecilla e Warda que tivera mais um de seus surtos, Hani

sucintamente explicou:

— Desculpem! Não era meu propósito assustá-las... Esses episódios não dependem da minha vontade. Nem sei o que disse segundos atrás! Somente alerto para seguirem as recomendações, porque os espíritos de luz sabem muito mais do que nós, pobres mortais.

Saindo da letargia, Cecilla perguntou mais alarmada do que antes:

— Você sabe de alguma curandeira? Ou pessoa que possa afastar as trevas e soturnos abismos da vida da minha senhora?

— Sim — confirmou Hani, sentindo-se gelar com o questionamento de Cecilla. O aperto no peito que se instalou em seu íntimo há praticamente seis dias, motivado pelos repetidos pesadelos com cenas de rituais macabros, agora estava devidamente esclarecido. Não eram maus sonhos, mas tétricas visões daquilo que sangrenta e malevolamente armaram para a mulher a sua frente!

Em seguida, detalhou solícita:

— Ela mora relativamente perto... Se me emprestarem um cavalo, posso trazê-la ainda no início desta tarde.

Detendo-se no aspecto macilento de Katherine, emendou:

— Enquanto isso, rogo para rezarem com fervor. Acendam quantas velas puderem. Não deixem a escuridão invadir este lugar. Façam brilhar como dia, mesmo que anoiteça. Espalhem água pura e cristalina nas extremidades do quarto. Peçam para os demais moradores da fortaleza repetirem o mesmo gesto. Prometo voltar o quanto antes.

A pequena escolta galgava o terreno ondulado com pressa. Hani e quatro homens da segurança do príncipe Fahid moviam-se em ritmo célere. O tempo esvaía-se como se fosse uma letal ampulheta. Hani sabia por experiência própria que energias como aquela eram incontroláveis e traiçoeiras, destruindo absolutamente tudo ao redor. Os esparsos fragmentos que sua memória reteve dos pesadelos indicava ter sido um trabalho meticulosamente preparado. E pelo que presenciara em outras oportunidades, Maala era a pessoa ideal, com dons e predicados indispensáveis para reverter o malefício lançado contra Katherine.

O povoado de Aremd, onde Maala residia, distava normalmente três horas a cavalo, mas executaram o trajeto em pouco menos de duas horas, para alívio de Hani. O extenuante sobe e desce da trilha foi atenuado pela troca das montarias ao longo da estrada, revezamento que permitiu menor desgaste dos animais. Hani orava para Maala estar em casa ou ao menos nas redondezas. Se tivesse ido atender outro paciente, as consequências seriam imprevisíveis.

Pelas referências, a choupana de Maala situava-se nas cercanias da singela aldeia berbere. O calor sufocante do mês de agosto deixou-a molhada de suor. Suas faces estavam coradas pelo esforço da cavalgada. Embora fatigada, apeou do cavalo rapidamente e sem hesitar rumou até a entrada do casebre. O diminuto e bem cuidado jardim atestava que o local não estava abandonado. O terreno capinado também corroborava essa conclusão. Bateu cinco vezes contra a madeira dura e corroída da porta, sem obter resposta.

Quem sabe não estava repousando? — conjecturou Hani, apoiando a orelha na porta, na esperança de captar algum ruído interno da sua presença. No entanto, não discerniu qualquer

movimento.

Parou indecisa por alguns segundos.

Sem se dar por vencida, contornou a lateral da cabana e se deteve nos fundos, na região limítrofe de um exuberante e verdejante bosque de cedro e outeiro. Nada estendido no varal. Tudo terrivelmente quieto. Sem esconder o desespero que começava a ganhar vulto, berrou aos quatro cantos, com todas as forças de seus pulmões:

— Maala... Você está aí? Tem alguém em casa? Por favor, preciso de ajuda...

Nenhum sinal de vida.

Somente se ouvia o assobiar repousante do vento nas copas das árvores e o chilrear de pássaros silvestres. Com as mãos em formato de concha para aparar o causticante sol da vista, atravessou a distância que a separava do poço d'água. Devassou a circunvizinhança com olhar vigilante, girando o corpo em trezentos e sessenta graus.

— Tem alguém aqui?! Estou à procura de Maala... — gritou ansiosa. Seus mais nefastos pensamentos estavam se concretizando, pensou Hani com os nervos à flor da pele.

Silêncio novamente.

Lágrimas de frustração teimavam em lhe escapar dos olhos.

Afastando vigorosamente a desesperança que lhe invadia a alma, caminhou para o lado oposto do quintal. Vasculhou atentamente o espaço a sua volta, desejando sublimar o pessimismo com aquela improfícua viagem. Talvez no povoado adjacente à planície obtivesse notícias sobre o paradeiro de Maala. Em localidades pequenas como aquela, normalmente se sabia tudo sobre a vida alheia, elucubrou Hani com a intenção de renovar o otimismo perdido.

Quando já estava montada no cavalo, um latido fez-se escutar ao longe. Apurando os ouvidos, esperou alguns segundos para se certificar de que não estava sonhando acordada. Nem resultava o longínquo barulho de desvario ou alucinação da sua mente estafada pela pressão daqueles dias.

Outra vez o latido de um cão... E agora mais próximo!

Suspirando pesadamente, Hani desceu da montaria num ímpeto e seguiu ao seu encontro. Não cabia em si de tanta expectativa.

Pelo farfalhar de folhas secas sendo pisadas e esmagadas, alguém acompanhava o animal. Quem estaria nos arredores? — indagava-se Hani com mil probabilidades a lhe volver a cabeça. O importante é que, seja quem for essa pessoa, poderia informar sobre o paradeiro de Maala. Ou, pelo menos, daria alguma referência de onde procurá-la. Isso já era algum alento!

Praticamente correndo, Hani orientou-se pelos sons cada vez mais audíveis. Focando a vista com cautela, uma jovem esbelta e negra materializou-se na mata. Seus cabelos trançados estavam presos com uma fita coral na base da cabeça. Uma túnica comprida de algodão branco e uma profusão de colares e adereços tribais envolviam sedutoramente a figura feminina. Tatuagens de hena enfeitavam seus braços. Carregava uma cesta de vime repleta de raízes, frutos e sementes para a cura do corpo e do espírito. Ao seu lado, um cachorro dócil e amarelado saltitava visivelmente contente com o passeio.

E para exultação de Hani... essa jovem era Maala!

Deixando a antiga cidade imperial de Marrakech pelo portão Bab Agnaou, Fahid partia consternado com a trama em que fora envolvido. Abutres negros grasnavam com alvoroço como se estivessem num festim, prenunciando com seu mórbido e estridente alarido dias difíceis e tensamente sombrios. Com a desconfortável sensação de iminente fatalidade a lhe rondar o espírito, Fahid acelerou o passo da montaria. Uma imperiosa necessidade de chegar à fortaleza dominava seus pensamentos. Nada passível de ser racionalmente explicado. No entanto, nos sinuosos meandros da existência humana, a certeza de que entre o céu e a terra energias invisíveis e poderosas guiam e influenciam o curso da vida terrena impulsionou Fahid a manter a caravana na estrada até a claridade solar se dissipar. Seus homens estavam exauridos. O esgotamento da marcha forçada era visível em suas fisionomias.

Uma refeição simples foi servida, constituída de pão, carne seca e bebida de cevada fermentada. O objetivo era partir nos primeiros raios de luz. Queria alcançar a casbá com a maior brevidade possível. Apenas parou porque o risco de acidente no trajeto era uma variável que não podia ser subestimada. Estendendo o saco de dormir próximo às chamas da fogueira, Fahid demorou a conciliar o sono. O firmamento era um espetáculo da natureza. Contemplou por horas os resplandecentes astros milenares, no seu incansável cintilar através da infinitude fria e indiferente do obscuro universo. Não havia lua. O negrume da noite era o palco dos seus misteriosos reflexos; tão incompreensíveis e distantes ao ser humano quanto fascinantes.

Estava quase enveredando em sonhos, quando o estalar de galhos e o balançar das folhagens chamaram a sua atenção, despertando-o. O restante do acampamento dormia. Os roncos e ventosidades da tropa misturavam-se no ar noturno. Arrastando-se com cautela, ficou escondido na escuridão. Espiando a vegetação do entorno com acuidade, descobriu o exato lugar onde o intruso se encontrava. Desejava pegá-lo desprevenido. Boa coisa obviamente não era, para se ocultar daquela maneira. Talvez fosse um salteador solitário que estivesse em busca do lucro fácil. Na pior hipótese, poderia ser um rastreador de um bando estruturado e assustador. Seja como for, tinha de capturá-lo para evitar um mal maior.

Assim que o indivíduo saiu do seu esconderijo, Fahid encostou a pistola nas suas costas, impedindo qualquer revide por parte do intruso.

— Parado! Ou morre aqui mesmo! — externou com voz ameaçadora.

— Alteza! Sou eu... Samir! — identificou-se de pronto.

— Samir... O que você faz por aqui a esta hora da noite? Perdeu o juízo?! Quem já se viu se aproximar na surdina, como se fosse um bandido! — repreendeu Fahid baixando a arma, com o olhar desconfiado e o cenho franzido por aquela abordagem suspeita e nada convencional de seu subordinado.

— Perdoe-me o contratempo! Porém, eu precisava averiguar quem estava neste acampamento.

Em seguida, exclamou:

— *Allahu Akbar*! Ainda bem que fiz isso! Senão, eu teria passado ao largo de Vossa Alteza, num infeliz desencontro.

— Não estou entendendo o porquê desta atitude insensata. Não viu que éramos nós? — pressionou Fahid sem se convencer daquela narrativa.

— Desde o incidente com Youseef, caminho pelas montanhas com cuidado redobrado. E como não avistei nenhuma bandeira da comitiva, estava investigando para descobrir quem acampava nas imediações. Não custa nada se prevenir.

— O que o traz para estas bandas, se você deveria estar a esta hora na casbá? — reiterou Fahid desconfiado e alerta ao mínimo gesticular de Samir. O covarde ataque à sua comitiva ano passado que resultou na morte de dezenas de seus homens e o envenenamento da ração não admitiam ingenuidades.

— Foi Cecilla quem expressamente ordenou que eu lhe entregasse, com urgência, esta mensagem — revelou Samir estendendo-lhe um envelope. A caligrafia elaborada de Cecilla sobressaía a distância, minguando suas dúvidas. — E tinha que ser pessoalmente! — completou com solenidade.

Convencendo-se da explicação de Samir, Fahid pegou o papel. Ao ler o teor da missiva, Fahid ficou paralisado. As letras flutuavam desordenadas no branco-amarelado do pergaminho entre suas mãos, como uma pena atirada na ventania altissonante de um tufão.

Katherine gravemente enferma. Aquilo só podia ser um castigo, murmurou Fahid para si mesmo desnorteado. Se Cecilla enviou aquele recado, é porque a situação devia ser realmente séria. A habitual placidez de Cecilla não era compatível com atitudes precipitadas. E seu coração pressentiu isso desde o começo da viagem. Agora compreendia aquela desadorada compressão em seu íntimo que o asfixiava. O desejo quase insano de regressar.

Avaliando as possibilidades a seu dispor, Fahid decidiu esperar o amanhecer para reiniciar a viagem, muito embora a vontade fosse a de levantar imediatamente o acampamento. O que o deteve foi a percepção de que eventual acidente na estrada colocaria a perder seu desiderato de alcançar a casbá ainda no período da manhã. Até onde a vista permitia, só se divisava o breu da noite. A ausência de luar para iluminar o íngreme e irregular terreno das montanhas era mais um complicador que inviabilizava qualquer tentativa de travessia bem sucedida. Seria temerário e imprudente prosseguir andando naquelas condições desfavoráveis, concluiu Fahid a contragosto.

Pelo menos, imprimira velocidade à caravana desde o início! Caso contrário, somente aportariam na casbá, com bastante sorte, no final da tarde — consolava-se Fahid feliz por sua iniciativa, porquanto o percurso remanescente era bem inferior ao vencido naquele dia.

Tomado pela angústia impotente, Fahid ficou sem pregar os olhos, numa insônia desesperadora. Antes mesmo dos primeiros raios de sol tisnarem o horizonte, estava tudo empacotado e ajeitado. Ao despontar da aurora, Fahid colocou a comitiva em andamento.

Fahid custou a introjetar a imagem que descortinava a sua frente. Deitada na cama sem esboçar reação, Katherine queimava de febre. Seu aspecto abatido indicava a fragilidade de sua saúde. Em sete dias, Katherine definhara a olhos vistos. Achegando-se ao lado da cama, Fahid lhe segurou as mãos cálidas. Jamais admitiria sequer ventilar a hipótese de perdê-la. Mesmo nesse contexto, Fahid se sentia reconfortado ao seu lado, transmitindo-lhe forças. Sua pressa em reencontrá-la levou Fahid à beira da loucura. Cavalgou infatigavelmente, como se estivesse sendo perseguido por mil demônios, incitando a montaria ao limite da exaustão, apressando ao máximo o seu retorno à fortaleza. Os demais vieram no compasso ritmado dos que têm o tempo a seu favor.

Abalado com a recente sucessão de infortúnios, Fahid contemplou longamente, num silêncio sofrido, os cabelos negros de Katherine esparramados no travesseiro.

Atravessando as ondas do maremoto que lhe conflagrava a alma, Fahid direcionou suas energias

para a cena exterior.

— Preciso de explicações — exigiu Fahid, voltando-se para Cecilla. — O que sucedeu durante a minha ausência? Você notou algum sintoma estranho? Algo capaz de justificar esse quadro desolador?

Afastando os panos úmidos da testa de Katherine, Cecilla virou-se para encarar Fahid.

— Nos primeiros dias estava quieta e aparentemente cansada. Mas, desde ontem perdeu as energias por completo. Não se levantou, nem externou melhora. E essa temperatura alta não dá trégua! — narrou Cecilla torturada pelo medo de advir o pior.

E continuou, sentando-se na cadeira posicionada ao lado da cama, com incontido desânimo:

— Já fizemos de tudo... Warda é testemunha dos nossos esforços. A minha aflição é tanta que aceitei a sugestão de Hani de trazer uma curandeira.

— Hani?! — indagou Fahid, sem vincular o nome à pessoa.

— A esposa de Azim — explicou Cecilla.

— Ahh... sei quem é... Katherine mencionou tê-la visitado algumas semanas antes — recordou-se Fahid.

Dando sequência à conversa, Fahid questionou:

— Uma curandeira?! — exclamou visivelmente aborrecido. — Teria sido muito mais adequado chamar um médico em Marrakech! Seguramente, ele prescreveria uma conduta correta para o caso — discordou Fahid, sem esconder o nervosismo com aquele tipo de providência heterodoxa.

Em seguida, disse com a culpa entremeando cada palavra:

— Que falta imperdoável... Samir poderia ter providenciado isso!

— Alteza... conquanto não comungue dessas crendices... — começou Cecilla dizendo com tato —, vimos algo espantoso suceder dentro destas quatro paredes...

— Como assim? — indagou Fahid intrigado.

— Provavelmente, Hani tem um dom especial... Uma ligação com o mundo espiritual, porque, sem prévio aviso, começou a falar com outra voz e a fazer referência a uma maldição... Colocaríamos nossas mãos no fogo de que ela estava num tipo de transe.

Esfregando os olhos avermelhados, Cecilla prosseguiu:

— Como tentamos os procedimentos tradicionais sem êxito, resolvi testar essa alternativa.

Contrariado com o curso dos acontecimentos, Fahid se controlou para não externar sua impaciência. Inobstante seus esforços em esconder seus sentimentos, Cecilla sentia a insatisfação e o ceticismo do príncipe Fahid na sua postura ereta e feições contrafeitas.

Tentando reparar a situação, Cecilla comentou persuasiva:

— Perdão... por minha ousadia... Porém, a febre não baixa e não há causa aparente para justificá-la.

Os delírios febris faziam Katherine balbuciar palavras desconexas, remetendo-a para a Inglaterra.

— Meredith... O barco naufragou... Não quero viajar para a Grécia... Tia Margareth... Tem fogo para todos os lados... Ela não pode ficar sem mim... — intercalava Katherine ligeiramente agitada na cama.

Antes que Fahid pudesse rebater o ponto de vista de Cecilla, Hani entrou no quarto com uma jovem mulher de traços físicos exóticos e aparência tranquila. O jeito calmo e plácido de Maala se mover transmitiu uma paz muito bem-vinda naquela tumultuada conjuntura.

Cumprimentando Fahid com gestos respeitosos, Maala pediu com o olhar grudado no rosto de

Katherine:

— Gostaria da sua permissão para tratá-la. No entanto, preciso que todos os demais saiam do quarto, exceto Vossa Alteza.

— Você quer a minha presença aqui?! — indagou surpreso.

— Sim — afirmou Maala com determinação, dirigindo o olhar para Fahid. — A sua colaboração será vital para o seu restabelecimento — reiterou com ênfase.

Indeciso, mas premido pela convicção de que se não fizesse nada Katherine não resistiria por muitas horas, Fahid aquiesceu balançando a cabeça. Um médico de Marrakech levaria dias para atravessar as montanhas...

Retirando a bolsa de suas costas, imediatamente Maala começou a agir. Primeiro, abriu um pequeno pote com um pó esverdeado e derramou todo o seu conteúdo no copo d'água depositado sobre a mesa de cabeceira. Misturou devagar o líquido com uma colher de prata, sussurrando, concentrada, palavras ininteligíveis. Mais parecia uma prece pagã. Com cuidado, fez Katherine ingeri-lo até a última gota.

Sem se dar ao trabalho de explicar a Fahid cada procedimento que fazia, Maala pediu que a ajudasse a despir a fina camisola de Katherine. Mesmo relutante com aquele pedido, Fahid decidiu seguir suas orientações. Não tinha mais como retroceder.

Uma nova poção foi preparada. Desta vez, um líquido amarelado e perfumado tremulava numa bacia circular.

E solicitou Maala em tom monocórdio, como se estivesse ausente:

— Por favor, coloque-a no chão sobre os lençóis próximos à lareira.

Ato contínuo, com lenços limpos e previamente benzidos, Maala pôs-se a banhar o corpo de Katherine. Seus movimentos vagarosos e repetitivos eram precedidos de orações desconhecidas para Fahid. Prosseguindo o ritual de purificação, pegou umas folhagens e começou a passá-las seguidas vezes sobre Katherine. Uma vela virgem e branca foi acesa. Segurando-a firmemente, Maala cruzou a luz que se desprendia, numa trajetória pendular. O objetivo era afastar as trevas que teimavam em carregar Katherine para o reino dos mortos.

Virando-se para Fahid, Maala pediu que ele também tomasse um banho com o mesmo líquido amarelado e perfumado e depois retornasse para o quarto, envolto nas toalhas brancas que lhe entregou. Quando voltou, Fahid viu que os lençóis da cama haviam sido trocados e nove cumbucas de latão polido com água foram espalhadas ao seu redor.

— Poderia colocá-la na cama?

Sem esperar resposta, Maala começou a machucar sementes secas num pilão de madeira e despejou uma pequena quantidade de água que fervia no bule suspenso na haste de ferro da lareira. Um cheiro enjoativo desprendia-se da infusão. Depois de esfriar ligeiramente, deu numa colher para Katherine, que sorvia inconsciente a bebida amarronzada em minúsculos goles.

Firme em seu propósito, verteu nas bacias arredondadas em volta da cama um fluido pastoso que se diluiu cambiante e vermelho, como garras afiadas e sanguinolentas na substância vítrea dos recipientes. Fahid, que a tudo assistia, podia jurar que aquilo era sangue... Velas e mais velas foram colocadas no piso, formando uma estrela de luz.

— Agora, necessito que Vossa Alteza me ouça com atenção — disse ao terminar de posicionar a derradeira vela.

Fixando seu olhar em Fahid, Maala indagou consternada:

— Quem odeia esta mulher a ponto de lhe jogar um feitiço tão forte e mortal?

— Não compreendo por que você diz isso... — verbalizou Fahid atônito. Mirando a paisagem, observou que nuvens pesadas começavam a se formar no horizonte, prenunciando uma atípica tempestade para aquela época do ano. No caminho para a casbá, não notara nada que justificasse essa radical mudança de clima. O crepúsculo avizinhava-se mais depressa do que o usual.

Aquilo estava começando a ficar exasperante! — ponderou Fahid com a tensão a lhe comprimir a nuca.

— Pela minha experiência, apenas um *Shouaf* de Fez teria condições de levar adiante este trabalho de magia negra. Posso lhe assegurar que forças de imenso poder de destruição foram lançadas contra esta jovem. E a encruzilhada será nesta fatídica noite. Se ela sobreviver até o nascer do sol — falou Maala com gravidade —, o malefício terá sido neutralizado. Mas, para isso se realizar, ainda falta uma coisa essencial...

— E qual é essa coisa? — incentivou-a Fahid.

— Vossa Alteza terá que a proteger com seu corpo e seu profundo e intenso amor.

Assombrado pela precisão das palavras de Maala quanto aos seus sentimentos, Fahid permitiu lhe dar o benefício da dúvida.

Entretanto, ainda inseguro se aquilo era o correto a fazer, indagou:

— Tem certeza que isso dará certo?

— Tudo dependerá de Vossa Alteza — respondeu enigmática. — Do quanto confiará no seu poder para quebrar o feitiço.

— Acho que você terá que ser mais explícita...

— Aconteça o que acontecer nesta noite, o senhor terá que mantê-la intimamente abraçada. Seus pensamentos deverão estar focados no amor que os une. Nada que ocorra neste quarto nas horas seguintes deverá desconcentrá-lo. Os *djinns* do mundo subterrâneo tentarão iludi-lo, para arrastá-la para o vale das sombras. Não a deixe sozinha nem física nem emocionalmente. As demais providências, eu me encarregarei de resolver. Não se disperse com os artifícios dos espíritos malignos. Cecilla e Hani ficarão de prontidão comigo.

Foram os arrepiantes clarões dos raios e os estrondosos ribombar dos trovões que fizeram Fahid concordar com aquele pedido singular.

— A escuridão está chegando... — murmurou Maala soturna. — Em alguns minutos terá anoitecido. E a luta será finalmente travada.

Somente quando Fahid já estava com Katherine envolvida em seus braços, Cecilla e Hani entraram e começaram a seguir as ordens de Maala. Toda a área íntima da casbá cintilava intensamente. A claridade solar foi substituída pela luminosidade de velas e lampiões. No interior daqueles aposentos, o dia surgia dentro da noite, desafiando-a. Maala deixou-se levar pelo seu fulgor hipnótico, repetindo sem parar um mantra ancestral que irradiava no invisível o seu brilho protetor. Nas entradas do quarto, a fumaça aromática dos incensários, que Hani e Cecilla diligentemente sustentavam, bloqueava a passagem dos espectros dos labirintos estéreis e enregelados do universo.

Um chuvisco inofensivo rapidamente se transformou em grossas gotas de chuva que açoitavam as vidraças da fortaleza. O aguaceiro inclemente castigava violentamente as estruturas da casbá, como se quisesse dizimar o que encontrasse no seu caminho, reduzindo tudo a poeira e pó. O uivo sibilante do vento reverberava na vastidão montanhosa, em chiados agudos e assustadores. A tormenta não dava indícios de amainar.

Os segundos lentamente convertiam-se em minutos. E os minutos prolongavam-se indefinidamente. As horas não findavam. Aquela noite parecia uma eternidade.

Repentinamente, uma rajada de ar absurdamente forte escancarou as janelas e o vendaval agourento propagou o caos como uma espiral mortífera, apagando as chamas reluzentes que resguardavam o quarto do terrível negror daquele amaldiçoado temporal. Somente a estrela de velas persistia bravamente em seu místico faiscar. A ventania arremessava tudo impiedosamente contra o chão e as paredes, igual a *djinns* enfurecidos e caprichosos. O relampejar, com seus feixes prateados, cortava a atmosfera, alastrando a sua luz fantasmagórica e fugaz. Trovoadas ensurdecedoras estouravam sinistras e ameaçadoras, como se fossem vozes e risadas de gênios malignos. Mesmo atemorizadas com aquele espetáculo de fúria assassina, Cecilla e Hani agarraram-se ao que encontraram pela frente, e com esforço sobre-humano foram fechando, uma a uma, as janelas e portas que davam acesso ao quarto.

Um silêncio sobrenatural espraiou-se no recinto.

Maala levitava.

Gradualmente, os sons externos retornaram e a tempestade foi se distanciando, à medida que a madrugada avançava. Os entretons acinzentados da aurora ganharam matizes amarelos e alaranjados, refletindo um céu aberto e pacificamente azul. Flocos de nuvens de brancura surpreendente embelezavam com sua leveza etérea o amanhecer. Katherine respirava com calma e sua febre abrandara sutilmente.

Considerando concluído o trabalho, Maala virou-se para Fahid:

— Acabou... Ela sobreviverá... Por muito pouco, não a levaram para o abismo tenebroso da morte.

Pela primeira vez depois de horas, Fahid estendeu o olhar além de Katherine. Vasos estilhaçados, quadros rasgados, cerâmicas partidas, papéis e livros despedaçados, almofadas e sofás encharcados. Em contraponto, o espaço circundado pelas velas e vasilhas permanecia intacto. Assimilando o cenário de destruição, Fahid forçosamente teve que abandonar seu raciocínio cartesiano e reconhecer que Cecilla tivera razão ao seguir os conselhos de Hani. Ou de quem quer que tenha se manifestado através dela. Recompondo-se do susto, pediu licença para se vestir de forma minimamente aceitável.

Aguardando o retorno de Fahid, Maala recolheu seus apetrechos e cobriu o corpo estático de Katherine com lençóis novos. Ao revê-lo, declarou:

— Felizmente, tudo terminou bem.

— Quanto tempo demorará para o seu integral restabelecimento? — quis saber Fahid ansioso.

— Isso é impossível precisar. De toda sorte, será preciso ministrar estas porções três vezes ao dia — falou colocando três recipientes de vidro sobre a penteadeira.

— Se é necessário... seguirei sua recomendação — comprometeu-se Fahid, suspirando tranquilamente após dois dias literalmente infernais.

Alisando o rosto de Katherine, Maala despediu-se:

— Eis uma mulher bem-aventurada... Nada será capaz de destruir o infinito amor que os entrelaça a cada novo renascer.

A morosidade com que Katherine externou sinais consistentes de melhora quase enlouqueceu Fahid. Há quatro dias que não dormia direito e três da providencial aparição de Maala. Sentado com as costas no espaldar da cama, Fahid avaliava o quadro clínico de Katherine. Tocando as faces queridas, Fahid confirmou a normalidade da sua temperatura. Enfim, desde o início da manhã a febre havia definitivamente desaparecido. Aquilo era um indício promissor.

Remexendo-se inquieta, Katherine acordou confusa. Piscou várias vezes, tentando focar as imagens a sua frente.

— Onde estou? — perguntou num fio de voz, espiando debilmente para os lados. A dificuldade de se localizar era evidente.

Mal cabendo em si de tanta felicidade, Fahid aproximou-se e ficou no seu campo de visão. O rosto amado materializou-se para Katherine com um sorriso esfuziante, dissipando o embaralhamento inicial.

— Meu amor... estamos nas montanhas... — explicou Fahid baixinho para não a assustar, enquanto beijava-lhe as mãos, com verdadeira adoração.

— Estou com sede... — falou Katherine praticamente inaudível.

Sem pestanejar, Fahid entornou o líquido refrescante num copo e abraçou Katherine pelos ombros para ajudá-la a beber. Ultimada aquela singela tarefa, Katherine resvalou novamente para a entorpecida e escura inconsciência dos seriamente enfermos.

Ao menos tinha regressado por alguns instantes... — alegrou-se Fahid com aquela promissora reação.

Quando Cecilla entrou no quarto no final da tarde, Fahid contou-lhe os progressos de Katherine. Animados com as novidades não observaram um par de olhos azul-esverdeados mirando-os fixamente com ar questionador. Compreendendo que ela era a causa daquele alvoroço, esforçou-se em se sentar na cama. Vendo o quanto aquilo lhe custava, Katherine decidiu ficar quieta.

O burburinho abafado de lençóis revirando chamou a atenção de Fahid.

— Aconselho-a a não desperdiçar suas forças — externou Fahid com carinho, ao arrumar os travesseiros e suspender Katherine sobre o maleável encosto. — Assim está bom?

— Sim... Obrigada. Mas o que aconteceu comigo? Há quanto tempo estou doente? — quis saber Katherine num sussurro apreensivo. — Por que estou me sentindo tão fraca e debilitada?

— Honestamente, ninguém soube diagnosticar a causa da doença — afirmou Fahid com vagar. — Basicamente, era um estado febril alto e persistente. Em todo caso, você está nesta cama há praticamente uma semana.

Após uma pausa para absorver as implicações daquela revelação, Katherine pediu:

— Gostaria de comer alguma coisa... Talvez uma sopa de carne com legumes fosse bem-vinda.

Com eficiência ímpar, Cecilla providenciou em tempo recorde um apetitoso prato de sopa, tal como solicitado. Nenhuma colherada ficou no prato, ratificando o sonhado restabelecimento de Katherine.

Quando Katherine voltou a dormir, Fahid ficou em circunspecta vigília, velando-lhe o sono. As palavras impregnadas de sinistros significados da curandeira Maala ecoavam sem cessar pela sua mente fatigada. O fato é que a existência de Katherine não era mais segredo e havia uma grande quantidade de pessoas dispostas a pagar qualquer preço para afastá-los. Proteger Katherine passou a ser sua prioridade máxima. Principalmente depois do que presenciara no dia da inexplicável e feroz tormenta. Nem que para isso fosse dolorosamente obrigado a arrancar o seu próprio coração,

concluiu Fahid resoluto.

O volume de trabalho amontoado no birô do escritório parecia não findar nunca. Há cinco dias Fahid esforçava-se para diminuir a pilha de papéis. Concluíra, resignado, que os problemas possuíam uma dinâmica peculiar de se proliferar. A cada questão resolvida, brotavam mais duas... numa interminável sequência de demandas e solicitações.

O ponto que atualmente consumia suas energias era o imbróglio da ração supostamente envenenada. Coube a Tânuz preparar um dossiê sobre o assunto. Mandando-o entrar, Fahid adivinhou que Tânuz não era portador de boas notícias. Sua expressão esgotada pela responsabilidade que recaíra sobre seus ombros e uma manifesta rigidez na postura de andar pressagiavam problemas. Acompanhando-o como uma sombra, Khuri seguiu Tânuz e postou-se de lado em respeitosa mudez.

Entregando uma pasta com o repositório de todas as observações coletadas sobre a repentina morte de ovelhas, Tânuz asseverou solene:

— Infelizmente, os interrogatórios e o resto da ração analisada nas propriedades visitadas depois do morticínio do rebanho deixaram entrever que houve a adulteração do produto. Também confrontei com os nossos estoques e o resultado foi positivo.

Fahid achou por bem ficar calado, aguardando mais explicações. Pressentindo a necessidade de validar suas conclusões com uma defesa robusta da sua tese, Tânuz detalhou com racionalidade o método de trabalho adotado:

— Primeiro, procurei identificar a causa da mortandade atípica. Em seguida, passei para Khuri a responsabilidade de averiguar o fornecedor das mercadorias. Era fundamental aferir a idoneidade dos produtos na sua origem, porque uma hipótese que não podia ser descartada era a de alguém do povoado ser o autor desse ilícito. Embora isso fosse, em princípio, improvável.

— E qual foi a sua conclusão nesse caso? — interrogou Fahid.

— Verificamos que a ração foi adquirida em Marrakech. Na época, não pude fazer a compra pessoalmente. Solicitei a Samir que providenciasse as mercadorias. A questão é que nosso fornecedor habitual repassou o seu negócio para outro comerciante. Como Samir não conhecia o primeiro proprietário, não notou qualquer anormalidade, nem ficou alerta às implicações que tal mudança poderia ensejar — discorreu Tânuz com a voz permeada de culpa.

— Não se culpe por isso! Foi um erro inteiramente escusável.

Retomando a questão, Fahid indagou:

— E vocês procuraram o atual dono do entreposto comercial?

— Por certo que sim! — confirmou Tânuz eloquente. — E a dimensão da nossa descoberta deixou-nos boquiabertos.

Dando um passo para trás, Tânuz fez menção para Khuri assumir a narrativa. Um clima de mórbida expectativa pairou no ambiente, tão palpável que poderia ser tocado.

— Alteza... desculpe a minha intromissão, entretanto não só fomos ao local, como eu posso garantir que o gerente do estabelecimento onde Samir comprou a ração era o líder do ataque à caravana que culminou com a morte de Youseef e dos demais homens — interveio Khuri com a testa minando de suor e amassando nervosamente o chapéu entre as mãos.

Um silêncio pesado e oprimido assomou Fahid. Alguns segundos se passaram até ele readquirir o controle da conversa.

Precisando de provas que corroborassem aquela versão inusitada, Fahid questionou:

— O que o fez interligar esses dois fatos?

Com o olhar vidrado, Khuri era transportado para outra realidade, somente existente em suas recordações. Suas palavras desarticuladas e palidez incomum traduziam a extensão da traumática experiência.

— Naquele dia infernal, na desordem daquela emboscada covarde e cruel, registrei com precisão o rosto do bandido com os dois dentes de ouro na parte da frente da mandíbula... Também o distinguia uma tatuagem horrorosa no braço direito. Ele instigava com violência os demais. A sua imagem sempre me persegue! Não dá para esquecê-lo facilmente... Decisivamente, ele era o líder dos assaltantes.

A cada nova revelação, mais perplexo ficava Fahid. Duvidando da sua audição, repetiu:

— Dentes de ouro na parte dianteira da boca... É isso o que acabou de descrever?

— Exatamente, Alteza!

— E o desenho do braço, você se lembra do que era?

— Um dragão chinês.

Imediatamente, outra cena do passado reconstruiu-se na mente de Fahid, tal como a perfeita justaposição de todas as peças de um quebra-cabeça.

— E este sujeito é justamente o administrador do armazém? Vocês têm certeza de que este homem não estava lá por acaso, comprando algo para si? — indagou Fahid, incrédulo ante aquela coincidência.

Tomando a dianteira, Tânuz respondeu:

— Não pairam dúvidas da sua posição na hierarquia da loja, porque fomos atendidos pessoalmente por esse bandido.

— Então... as minhas mercadorias foram roubadas nas montanhas, meus homens foram mortos e a ração envenenada e, em todos esses casos, há a presença constante de uma mesma pessoa... — expôs Fahid, raciocinando em voz alta com entonação indignada.

Colérico com o insidioso plano arquitetado contra si, Fahid passou a andar de um lado para o outro, imerso em seus próprios pensamentos. Sentia-se aprisionado dentro daquelas quatro paredes.

Indubitavelmente aquele estranho não possuía refinamento intelectual para coordenar tantas variáveis... — calculou Fahid friamente, ao rememorar a figura do sujeito com quem se defrontara casualmente em Marrakech, ao sair da joalheria. — *Obviamente existia um mandante por trás de todos esses crimes...*

Não desejando antecipar suas conclusões para seus subordinados, Fahid deu por encerrada a reunião.

— Muito obrigado pelo empenho. Fizeram um excelente trabalho! — parabenizou-os com sinceridade. — Vou refletir sobre o que acabaram de narrar — garantiu Fahid dispensando-os educadamente, pois ansiava ficar sozinho para realinhar as ideias.

E diante das irrefutáveis evidências, Fahid era obrigado a admitir que Mahafara Mirjalali sobressaía-se na disforme multidão de probabilidades como o autor de todas aquelas adversidades.

As estradas tortuosas da vida devolveram Fahid para Katherine. A desconfiança decorrente da briga com Nabih desapareceu. Nos dez dias após a febre ter sido debelada, Katherine estava corada e bem disposta. Nem resquício da moribunda que outro dia se deparara com a morte. Em compensação, Fahid empenhava-se em paparicá-la de todas as maneiras possíveis, como se com tal atitude pudesse apagar as lembranças daquele período conturbado pela doença e pelas suspeitas incutidas por Nabih. Presentes eram deixados na cabeceira de Katherine, com bilhetes amorosos; ou vinham na bandeja do café da manhã acompanhados de um florido ramalhete. Sua caixa de joias transbordava. Nem na Inglaterra ela possuía tantos anéis, brincos, braceletes e colares! Admirava o apreço dos marroquinos na arte da ourivesaria e o requinte que exigiam na lapidação e engaste das pedras preciosas.

Sentada na penteadeira, escovando apreciativamente seus longos cabelos, Katherine viu Fahid se aproximar pelo reflexo do espelho oval.

— Como vai a minha princesa? — perguntou Fahid, abraçando-a na altura dos ombros.

— Melhor agora, porque você está aqui! — externou Katherine entre risos, enquanto ganhava um cheiro perturbador no pescoço.

Depositando a escova no tampo da penteadeira, Katherine virou-se para encarar Fahid.

Adorava contemplá-lo — constatou visivelmente apaixonada.

Direcionando a conversa para o ponto que lhe vinha inquietando o espírito, Katherine comentou:

— Foram tantos sobressaltos nas últimas semanas que me esqueci de indagar sobre sua viagem a Marrakech. Foi tudo bem por lá? Fiquei aflita de que algo de grave tivesse sucedido... Aquela mensagem inesperada do príncipe Taufik não sugeria notícias alvissareiras...

Receoso de revelar os reais desdobramentos daquela reunião com seu pai, para não lhe comprometer a recuperação, Fahid decidiu protelar aquele delicado assunto para uma ocasião mais propícia. Desejava postergar o anúncio da sua decisão por mais tempo. De nada serviria antecipar o futuro, senão para turvar a harmônica relação presente. Atualmente, a máxima latina *carpem diem* tinha ganhado um profundo significado na sua vida.

Firme nesse propósito, Fahid beijou-lhe a boca rosada com ímpeto, dissipando com aquele arroubo apaixonado as preocupações de Katherine.

— Nada que valha a pena tratarmos neste momento.

Desconversando, Fahid trouxe à tona as artimanhas de Mahafara.

— Você tinha razão quando desconfiou do ataque que sofremos nas montanhas. Foi tudo feito de caso pensado e não se limitou a apenas esse fato.

— Não acredito! — espantou-se Katherine com a gravidade daquela declaração. Uma coisa era suspeitar, outra bem diversa era ouvir a confirmação de suas desconfianças.

Detalhando, Fahid explicou:

— Por conta das investigações da ração e de casualmente estar em Marrakech, acabei me deparando com Mahafara num entretido diálogo com um sujeito de aspecto controverso. Um tipo bastante peculiar. Paralelamente, Khuri afirma que justamente este homem é o gerente do armazém onde foi comprada a ração e que este era o líder da emboscada nas proximidades de Marrakech. Ou seja, tudo foi cuidadosamente orquestrado pelo mau-caráter do Mahafara! Não vejo a hora de poder colocá-lo atrás das grades e fazê-lo pagar por seus crimes! — confidenciou Fahid com fervor.

Chocada com aquele relato, Katherine questionou:

— Desculpe... não compreendo essa interligação...

— Na verdade, o assalto foi um modo encontrado por Mahafara de me forçar a aceitar sua proposta de sociedade. Quando eu viajei para Essaouira, há alguns meses, eu fui pego de surpresa com o convite. Obviamente, nunca cogitei aceitá-lo, porque eu sempre tive um desagradável pressentimento ao seu lado. Não gosto de pessoas escorregadias.

Conduzindo Katherine para a varanda, Fahid continuou:

— O objetivo era comprometer minhas finanças. Seja com o roubo das mercadorias que seriam vendidas em Marrakech, seja com a abrupta morte do rebanho. Pelo que eu havia sondado anteriormente, Mahafara sofreu sérios prejuízos financeiros decorrentes de dois recentes naufrágios e queria a todo custo fechar essa sociedade comigo.

— Nesse panorama, quais providências você decidiu tomar?

— Contactei as autoridades policiais de Marrakech. Expus a situação e Khuri já depôs. Um mandado de prisão acabou de ser expedido! A minha vontade é a de estrangulá-lo com as próprias mãos — desabafou Fahid com revolta.

Em seguida, ponderou com o costumeiro equilíbrio.

— Quer saber... nem isso ele merece!

Querendo despejar uma pá de cal em temas perturbadores, Fahid propôs contente:

— Que tal passarmos a tarde jogados nestas espreguiçadeiras lendo um pouco? Esta vista estupenda das montanhas é o pano de fundo perfeito.

— Nada me deixaria mais feliz! — aquiesceu Katherine radiante.

— Também tenho uma novidade para você...

Com deliberado suspense, Fahid aguardou-lhe a reação.

Katherine mal continha a sua curiosidade.

— Por favor, diga logo do que se trata. Para que tanto mistério? — exasperou-se Katherine, envolvida em infantil expectativa.

Com sorriso enigmático, Fahid anunciou:

— Partiremos amanhã para o sul do Marrocos. Mais propriamente a região do Saara. Quero lhe apresentar essa intrigante parte do meu país.

E ao ouvir aquelas palavras, os olhos de Katherine transformaram-se em duas lindas contas de vidro azuladas, iluminadas de emoção.

CAPÍTULO 16

A vegetação rasteira e desértica da região do Anti-Atlas dominava a paisagem ressequida. Um significativo número de casbás e *ksour* margeavam o caminho, em diferentes estados de conservação. Muitos foram abandonados no decorrer dos anos. Invariavelmente, a deterioração do *pisé* e de sua estrutura, derivada da erosão causada por ventos ou por esporádicas chuvas, fez com que os berberes optassem por construir novas aldeias fortificadas. Inobstante isso, a beleza terroso-alaranjada dos imponentes aglomerados de edifícios enche de emoção os viajantes que se deparam com sua perturbadora grandiosidade.

Depois de seguir o rio Dadès, no trajeto de Ouarzazate a Tinerhir e de se confrontar com povoados tribais, inesperados oásis, as gargantas rochosas do Dadès e do Todra e pitorescas formações geológicas, a caravana prosseguiu na sua remansosa toada até atingir o pequeno oásis de Erfoud. Situado entre os rios Rheris e Ziz, seu extraordinário palmeiral faz contraponto com a vastidão dourada das impactantes dunas do Erg Chebbi que ficam nas proximidades.

Um acampamento tuareg estava montado na área. Suas modestas tendas de pele de cabra e de camelo espalhavam-se nas brechas das tamareiras. Rebanhos de cabras e ovelhas pastavam livremente. Crianças e adultos vestidos com trajes preponderantemente escuros circulavam em todas as direções.

Fahid determinou que parassem a comitiva. Não via o instante de rever Altair, seu amigo de infância. Seu amor por uma jovem de origem tuareg o fez largar a promissora carreira diplomática, principiada em Fez. Desde então, mora como nômade no deserto.

Abandonando o dialeto da etnia dos *amazigh* que vivem no sul do Marrocos, cuja origem linguística remonta ao milenar *tamazight*, e vestindo as tradicionais roupas dos tuaregs e seu turbante azul-anil, de fina tela de algodão, essencial para resguardar o rosto nas tempestades de areia e da tórrida radiação solar, Altair aproximou-se do local onde a caravana de Fahid aportara com um sorriso contagiante.

— *Salamaleicom!* — cumprimentou Altair, estendendo os braços para dar um apertado abraço no amigo. Há anos não se viam.

— *Ualeicom salaam!* — retribuiu Fahid com a mesma empolgação.

— Que ventos promissores o trazem?! Rezei para *Alá* proteger-lhe no percurso. Assim que soubemos da sua visita, preparamos a sua tenda — disse Altair com a legendária hospitalidade dos povos berberes. — Leonor não fala em outro assunto. Inclusive, providenciamos roupas apropriadas para sua estada e tudo de que precisarão para passar este período conosco.

Katherine observava o lugar a sua volta num silêncio embevecido. Só Fahid para lhe proporcionar uma experiência como aquela!

Virando-se para Katherine, Fahid apresentou-a a Altair. Após as saudações habituais, Altair disse afável:

— Seja bem-vinda a nossa vida simples e despretensiosa. Se carecer de ajuda, Leonor estará à sua disposição.

— É uma verdadeira honra ser acolhida por seu povo. Alegro-me de ter a oportunidade de conhecer suas tradições, hábitos e valores imemoriais — retribuiu Katherine com simpatia.

Com a cordialidade típica dos anfitriões, Altair solicitou:

— Por favor, acompanhem-me. Mostrar-lhes-ei as tendas.

Entrevendo a indecisão de Tânuz, então parado como uma estátua a poucos passos dali, Fahid fez um aparte:

— Só um momento... Antes preciso avisá-lo de que ficaremos aqui por quinze dias, de modo que a minha caravana deverá retornar e nos aguardar em Tinerhir.

O chá fervilhava na fogueira situada no centro da tenda principal. Múltiplas tonalidades de vermelho, rosa e roxo proclamavam o crepúsculo. As abrasadoras temperaturas diurnas do Saara cediam gradativamente lugar à fria atmosfera noturna. Homens e animais retornavam ao acampamento num passo sereno, com suas silhuetas delineadas pela mortiça luz do pôr do sol.

A atemporalidade permeava o cotidiano. Fazia-se hoje o que seus antepassados fizeram, da mesma forma que um dia seus descendentes o farão. A perpetuidade do homem alcançava, neste mundo intocado pela fatalidade insensível do tempo, um significado singular. Na infinita e silenciosa imensidão do deserto, sobreviver em seu ambiente hostil requer a sensibilidade de ouvir e compreender os limites e a profundidade da existência humana. E as ondulantes e majestosas areias do mítico Saara, habitadas pelo orgulhoso povo tuareg, são testemunhas da essência deste insólito viver.

Num mundo repleto de mundos misteriosos e desconhecidos, o deserto contraditoriamente sintetiza o tudo e o nada. Pouco se tem, e este pouco tem um valor intrínseco inestimável. O compasso caótico da modernidade não se propala nos indeléveis e caprichosos ventos do Saara, mantendo cristalizada a beleza indômita da paisagem.

Integralmente inserida no agradável grupo de mulheres tuaregs, Katherine encontrava-se sentada no chão coberto de tapetes berberes. Vestia-se com saia confortável e blusa de mangas longas de algodão azul e usava um xale preto com coloridos motivos tribais bordados. Seus cabelos estavam soltos. Nos pés, sapatilhas pretas. Katherine sentia-se em total harmonia com aquela gente hospitaleira. Uma mulher grávida juntou-se à roda, prendendo de imediato sua atenção. A barriga avantajada da jovem mãe indicava que o bebê não tardaria a nascer. Seu semblante sossegado refletia a felicidade com a maternidade, o que colocou Katherine a meditar, em silenciosa contemplação, sobre a plenitude de se gerar uma vida. O despojamento paradoxalmente restaurava no ser humano a verdadeira dimensão das coisas, invariavelmente atropelada no dia a dia por exigências supérfluas.

Notando a fascinação de Katherine, Leonor sondou com cuidado, pois não desejava constrangê-la com perguntas indiscretas:

— Vejo que não desgruda os olhos de Jamila... Você por acaso está querendo ter filhos?

— Nunca tinha pensado antes nessa possibilidade. Vai ver que seja esse o motivo da minha

indisfarçável admiração — confessou com naturalidade. — Com quantos meses está Jamila?

— Nove. O bebê pode nascer a qualquer instante. Estamos em contagem regressiva — explicou Leonor, observando o ventre volumoso.

— E você tem quantos filhos? — indagou Katherine, antes de sorver um generoso gole de chá de menta.

— Quatro. O mais velho fez sete anos mês passado e já começou a se ausentar do acampamento. É preciso se preparar desde cedo para sobreviver no mar sem fim de areias do Saara.

— As crianças não vão à escola? Nem frequentam aulas itinerantes que lhes promovam alguma espécie de formação intelectual?

— O conhecimento necessário ao nosso estilo de vida é transmitido dos anciões às gerações vindouras. A formação acadêmica das cidades não tem qualquer utilidade no inóspito deserto. Aqui o importante é aprender a se guiar pelo sol e estrelas do firmamento, sentir no ar a sutileza cambiante dos ventos e deixar-se levar pelo instinto dos camelos quando se está desorientado no Saara. Os camelos possuem uma aptidão natural para localizar água. Não adianta uma pessoa vagar a esmo no areial porque a morte a abaterá sem piedade! É nessa fase que ensinamos as crianças a experimentar na prática o espírito comunitário amplamente valorizado por meu povo, principalmente através da atividade de pastoreio.

Abismada com a diversidade de habilidades intrínsecas à peculiar maneira de ser e de viver dos nômades tuaregs em contraste com a existência pulsante, individualista e superficial das cidades, Katherine subitamente calou-se. O borbulhar hipnótico da fervura da água aprisionou seus pensamentos. A voz de Leonor arrancou-a das divagações.

— É impressionante como sinto a ausência de Altair mesmo depois de tantos anos... — declarou Leonor visivelmente ansiosa pelo seu retorno, após mais um dia de trabalho.

— Há quanto tempo estão juntos? — quis saber Katherine.

— Nove anos. Parece que foi ontem que encontramos seu comboio perdido no Saara. Altair fora assaltado por um bando de forasteiros e por pouco não morrera. Meu povo socorreu os sobreviventes. Senti uma ligação imediata quando o vi pela primeira vez. Depois de restabelecido, ficou algumas semanas conosco, aguardando a reaproximação da caravana das regiões mais povoadas, de forma a permitir a sua volta em segurança para Fez.

— Não me diga que Altair foi embora... — falou Katherine aflita, sem esconder o seu inconformismo.

— Sim... Infelizmente, fomos forçados a nos afastar. No princípio, sofri enormemente. No entanto, não há nada neste mundo com que não nos acostumemos.

— E como se reencontraram? Alguma coisa sucedeu, caso contrário não poderiam estar juntos! Nem teriam este monte de filhos para cuidar!

A gargalhada amistosa de Leonor soou no recinto.

— Para Altair, depois que me conheceu e habitou com os tuaregs, a volta à cidade se mostrou penosa. Esforçou-se em retomar a vida de onde tinha parado, mas uma força dentro de si o compelia a regressar ao deserto. E assim, abandonou a carreira diplomática, para total desespero de seu pai, e veio para o Saara, onde vivemos felizes até hoje!

— Altair tem notícias de sua família? Quero dizer: como seus sogros reagiram? — especulou Katherine enquanto servia-se de outra rodada de chá.

— A decisão de Altair não poderia ter sido recebida de forma mais dramática por sua tradicional

família, a ponto de romperem definitivamente os laços. Meus filhos apenas conhecem os parentes do lado materno.

Afastando com a palma da mão uma lágrima que teimava em cair, Leonor continuou sem esconder sua tristeza.

— Excetuando Fahid e uns poucos amigos fiéis, posso declarar sem nenhum exagero que Altair morreu para o mundo de outrora. É como se tivesse sido tragado pelas movediças areias do deserto.

Sensibilizada, Katherine tocou-lhe a mão em solidariedade. Sabia o quanto era difícil conciliar o amor quando havia diferentes culturas e modos de vida envolvidos. Lamentavelmente, não se podia ter tudo...

Pressentindo uma discreta desordem no acampamento, Katherine se deu conta de que os homens tinham voltado do pastoreio. Ao divisar a figura esguia e imponente de Fahid em trajes tribais, afastando o tecido enegrecido da tenda principal, com seus faiscantes olhos âmbar sobressaindo do turbante que lhe ocultava enigmaticamente as feições, Katherine teve convicção de que nunca o achara tão másculo e atraente como naquele inesquecível instante. Onde quer que ela estivesse, a presença de Fahid sempre conferia um significado especial a sua existência.

A colheita das tâmaras ultimou-se em descontraída festividade. O acampamento comemorava com músicas e acaloradas danças a próspera safra. Daria para atravessar os meses subsequentes com fartura. Parte da produção seria vendida nos mercados circunvizinhos e outra parte seria direcionada para consumo próprio. Nos extensos palmeirais do sul do Marrocos, as tamareiras se sobressaíam por serem a única cultura que se adapta às causticantes temperaturas da região. Uma combinação rara de água no solo e sol inclemente nas folhagens é essencial ao seu desenvolvimento.

A negrura do véu da noite paulatinamente cobria o idílico oásis, despontando um magnífico céu estrelado. Uma lua descomunal projetava-se solitária no horizonte noturno, esparramando reflexos prateados. As tendas banhadas pela alva luminosidade celeste irradiavam uma beleza nostálgica. Rodeando três grandes fogueiras, os tuaregs aproveitavam para confraternizar. O vinho era servido em abundância e um banquete recém-preparado saciava a fome, sublimando qualquer vestígio de penúria de períodos passados.

Uma euforia arrebatadora invadia o espírito de Katherine. O ritmo ancestral de instrumentos musicais primitivos evocava emoções represadas que clamavam em ser extravasadas. Suas mãos e pés tatuados com hena faziam-na se sentir inserida no universo dos tuaregs. Em seu corpo, passara óleo essencial de rosa damasquina, perfumando-se com a fragrância adocicada. Seguira à risca as orientações de Leonor. Qualquer pessoa que se aproximasse do agrupamento festivo não seria capaz de distinguir sua nacionalidade. Talvez seus olhos azul-esverdeados destoassem e o *khol* não cooperasse em disfarçá-los. Ao contrário, delineava suas linhas com sua textura preta. Afora isso, sua saia rodada e blusa justa de mangas de cor bastante escura, praticamente negro, com ricos adereços dourados, deixaram-na em conformidade com as outras mulheres. Colocara argolas nas orelhas e pulseiras de ouro que tilintavam com o suave balançar dos braços. Os cabelos estavam cobertos num diáfano tecido do mesmo tom de suas vestes, protegendo-os da poeira desértica.

Fahid também trajava como os demais homens. Túnica comprida azul-anil e branca. Um turbante

preto escondia-lhe os cabelos, envolvendo-lhe o pescoço. Não havia outros adornos. A simplicidade tuareg lhe caía muito bem. Fahid sabia que precisava contar para Katherine o desfecho da sua viagem para Marrakech, mas estavam felizes como nunca. Não desejava nublar aqueles dias com assuntos controversos e tristes.

Fahid vasculhou com o olhar os arredores à procura de Katherine e encantou-se com a imagem refletida em suas retinas.

Ela está ainda mais linda! — pensou Fahid enamorado. Sem titubear, levantou-se da conversa que partilhava com outros membros do acampamento e foi em sua direção. Katherine estava defronte a uma mesa repleta de comidas; experimentava com visível deleite doce de nozes e mel.

Aproximando-se, Fahid falou baixinho perto do seu ouvido:

— Adorei a sua versão tuareg... Estou indeciso sobre a que mais me agrada...

— Mas você não viu a minha versatilidade em seu apogeu. Afinal, somente presenciou minhas opções marroquinas. Acredite que a versão inglesa também fica bem interessante — respondeu Katherine contente com o elogio.

— Talvez você esteja enganada... — replicou Fahid misterioso.

— Falando assim você me confunde.

— Venha cá... Quero lhe mostrar algo — pediu Fahid segurando as mãos de Katherine, sem lhe dar chance de recusar.

Distanciando-se do alvoroço do acampamento, Fahid guiou-a até uma inclinação, donde se descortinava a romântica paisagem. O luminoso luar proporcionava sua claridade cintilante, inspirando confidências e revelações.

Puxando do bolso da túnica uma caixinha com uma fita de cetim verde-escura com a inicial “K” gravada, Fahid estendeu-a para Katherine. Ao tocar no tecido acetinado, Katherine foi assombrada pela sensação de que já a vira antes... Tivera uma fita igual àquela. Seria muita coincidência... — conjecturou Katherine sem dar nenhum crédito as suas impressões.

Katherine encarou Fahid em busca de respostas.

— Recorda-se dela? — indagou Fahid avaliando-lhe a reação.

— Sim... Só não lembro onde a vi pela última vez — declarou sem disfarçar a surpresa com a confirmação de sua suposição inicial.

Olhando-a firmemente, Fahid passou a narrar:

— A primeira vez que a encontrei foi no baile oferecido pelo duque de Wessex, em Londres. Você estava esplêndida! Vários cavalheiros a cercavam, exigindo atenções constantes. Por isso, avaliei ser prudente somente observá-la a distância. Até porque eu morava em outro país, como ainda moro, e qualquer aproximação seria extremamente difícil de progredir.

E continuou:

— Mas o destino teimava em me colocar diante de você. Após seis dias em Londres em cansativas reuniões com clientes, decidi cavalgar no Hyde Park. Aluguei uma montaria e vaguei pela área menos movimentada. Precisava de tranquilidade. Em que pese o meu propósito inicial, deparei-me novamente com você. Desta vez, estava cavalgando mitologicamente como uma amazona. Acompanhei de longe, embevecido, seu passeio. Não queria atrapalhá-la, nem muito menos assustá-la com a minha presença. Foi quando notei que algo havia se desprendido de seus cabelos. Guardei por todos esses anos esta fita, como se fosse um amuleto.

Katherine fez menção de falar, entretanto, Fahid silenciou-a com o dedo em seus lábios. E

prosseguiu sem esconder o turbilhão que lhe comprimia a alma:

— Você não pode dimensionar o tremendo susto que foi encontrá-la em Tânger numa casa de escravos. Na verdade, foi uma fatalidade. Nabih precisava desesperadamente de um favor meu e tramou um maldito ardil para me convencer. Revoltado com suas infindáveis artimanhas, exigi o que havia de mais caro para penalizá-lo. Obviamente, eu não deixei que ele a visse. Eis o motivo da sua obsessão por você. Em contrapartida, eu também não sabia que era você até fechar o negócio.

Temendo não ter voz, Katherine esforçou-se e finalmente interveio com um chiado rouco:

— Quer dizer que você não me comprou...

— Não — confirmou Fahid. — Foi Nabih quem a comprou e me deu a contragosto de presente!

— Pelo menos, isso explica aquela atitude insana do seu primo.

Tomando Katherine nos braços, Fahid tentou se justificar:

— No princípio, fiquei indeciso se deveria devolvê-la a sua família, mas como você reapareceu milagrosamente na minha vida, concluí que seria a vontade de *Alá*! Não resisti à tentação de tê-la somente para mim.

— Não se culpe, Fahid... Apesar das minhas dificuldades iniciais, se você não tivesse feito isso jamais estaríamos aqui! Isso não tem mais nenhuma importância — confortou-lhe Katherine.

Mirando o másculo e adorado rosto de Fahid, Katherine declarou-se com o coração libertado:

— Amo-o desmedidamente. Minha vida ganhou um sentido único desde que o conheci. Se não fosse por essa sua atitude, nunca teria descoberto o amor. Nem eu seria feliz como sou hoje, vivendo ao seu lado.

— Amor que é inteiramente correspondido. Para protegê-la sou capaz de sangrar meu próprio coração. Sempre a amei e devotar-lhe-ei meu irrestrito amor até o último suspiro. Os meus sentimentos por você ultrapassam os limites desta vida...

Pegando a caixinha, Fahid abriu-a com cuidado, revelando em seu interior uma reluzente aliança de brilhantes. Colocou-a com carinho reverencial no dedo anular esquerdo de Katherine. A mágica noite os enlevava numa aura de plenitude e sonhadora realidade, em que a percepção inexorável do tempo é misteriosamente neutralizada. Sentiam-se suspensos num plano materialmente intangível. Nada poderia ofuscar a felicidade imensurável que lhes encantava a alma. O azul-esverdeado dos olhos de Katherine flamejava ardente. Beijaram-se apaixonadamente, segredando promessas há muito acalentadas.

Os tuaregs seguiriam seu rumo dali a quatro dias. As ondulantes e solitárias areias do Saara aguardavam a lenta e persistente jornada da caravana. Do oásis onde se encontravam acampados, tomariam a estrada até Zagora. De lá seriam cinquenta e dois dias de viagem sobre a corcunda de camelos e areias escaldantes até alcançarem a lendária cidade de Timbuktu, onde funcionava um próspero entreposto comercial de ouro, próxima parada dos tuaregs.

A despedida de Katherine e Fahid foi marcada por uma saudade esperançosa.

Um dia... — prometiam entre si — ...voltariam a se cruzar nas interseções desta vida.

Abraços e lágrimas fizeram-se presentes. Katherine lamentava não mais partilhar a extraordinária experiência que o cotidiano com os tuaregs lhe proporcionou. Sentia-se parte daquele povo

abandonado pelas milenares voltas do tempo. A vastidão infinita que confronta o homem a assimilar a pequenez de sua efêmera existência, onde a pretensão humana é impiedosamente esmagada pela indiferente hostilidade do amplo vazio. Para Katherine, as semanas vividas em Erfoud seriam sempre lembradas. Um tesouro inestimável a ser preservado.

Os homens de Fahid que aguardavam em Tinerhir associaram-se a este trecho da viagem. Primeiramente, pegaram a rota em direção às dunas do Erg Chebbi. Quando pararam, Katherine ficou sem fôlego. Do alto, avistava-se uma imensidão dourada, intensificada pelo reflexo solar, em contraste com um límpido e profundo céu sem nuvens. O vento assoviava calmamente, movendo aleatoriamente a sinuosa e disforme cordilheira de areia.

— Eu não poderia passar por esta vida sem essa experiência. Estou convencida de que o deserto impregna meus sentidos de forma visceral — expôs Katherine maravilhada e agradecida a Fahid.

— São momentos como este que nos fazem compreender o conceito dos antigos geógrafos árabes sobre esta região. Para esses estudiosos, o planalto do norte da África era o *"Jzirat el Maghreb"*. Numa tradução livre seria *"a Ilha do Poente"*, porque é envolvido pelas águas do Mediterrâneo e do oceano Atlântico e, na parte sul, pelo mar de areias do Saara.

— É tudo fantasticamente lindo!

— Eu sabia que apreciaria a vista. Infelizmente, temos de regressar às montanhas o quanto antes. Não podemos nos demorar mais... — justificou-se com latente pesar. — Por mim, ficaria aqui indefinidamente em sua companhia — suspirou Fahid, enquanto afagava as mãos de Katherine afetuosamente.

Absorta no fascínio que devotava a Fahid, Katherine admirou-lhe os traços aristocráticos. A Inglaterra e tudo o que foi um dia importante no seu passado perderam drasticamente a nitidez naquele período de convivência. Eram fragmentos soltos. Sem nexo ou sentido. Conscientemente decidira viver aquele inesperado e sublime amor, mesmo que para isso fosse compelida a abdicar de sua vida pregressa. Fahid representava uma perspectiva inovadora e desafiante e nada neste mundo lhe parecia mais instigante e sedutor.

O mesmo frenesi que contagiou Katherine ao ser cientificada da viagem repetiu-se ao atravessar os portões da fortaleza. Depois de quase quinze dias em trilhas e atalhos poeirentos era um bálsamo retornar. Os deslocamentos eram excessivamente cansativos e extensos. Só paravam quando a luz rarefeita inviabilizava avançar em segurança. Fahid apressou o quanto pôde a marcha da caravana. Afinal, já estavam ausentes da casbá há praticamente dois meses. E a aproximação do inverno demandava medidas presenciais urgentes. Não dava para delegar suas atribuições por mais tempo.

Num primeiro momento, o contraste entre as paisagens causou estranheza em Katherine. O clima montanhoso mais ameno também contribuía para enfatizar as diferenças. A diversidade das regiões desérticas com o cenário da cordilheira do Alto Atlas não podia ser mais gritante. A pujante geografia do Marrocos traduzia-se num caleidoscópio contínuo de imagens exuberantes.

Apesar dos sobressaltos vividos, Katherine já reconhecia em seu íntimo a casbá como sua morada. Assustava-se com a insuspeita capacidade do ser humano de se acostumar com os arranjos mais improváveis desta vida. Se há um ano lhe dissessem que experimentaria semelhante reação,

tripudiaria de seu interlocutor. Somente uma pessoa completamente fora de si poderia supor tamanho disparate! Entretanto, a dinâmica dos fatos possui uma lógica própria, alheia ao restrito e limitado mundo de probabilidades, precariamente antevistas pela mente humana.

Quando pararam no pátio central da fortaleza, Katherine não viu Fahid no grupo da caravana. Olhou para todos os lados e nem pista dele.

Certamente, desgarrara-se para verificar o andamento das coisas depois de tantos dias viajando — pensou compreensiva.

Ficou aguardando o descarregar das bagagens. Tendas, utensílios para o preparo das refeições, mantimentos, pertences pessoais e um sem fim de outros artigos faziam-se indispensáveis àquele tipo de travessia com o mínimo de conforto e civilidade. Expedições para lugares ermos e selvagens exigiam um rigoroso planejamento. Não era simples organizá-las.

Voltando-se para a porta, Katherine recordou-se de Hani. Ainda não agradecera a sua dedicação e iniciativa enquanto estivera doente. Com esse pensamento martelando na cabeça, galgou os degraus da escada distraída. No vestíbulo, deu de cara com a fisionomia transfigurada de Cecilla. Não esperava reencontrá-la com os nervos à flor da pele. Cecilla mal articulava decentemente as palavras. Suas mãos balançavam no vazio. Numa agitação inexplicável.

— Santo Deus! O que a aflige? — questionou espantada.

— Não vá... Não! Por favor, milady, venha cá... — implorou Cecilla, puxando Katherine pelo diáfano tecido do vestido, por pouco não esgarçando a seda azulada das mangas.

— Cecilla... estou exausta da viagem! Não estou compreendendo essa sua atitude despropositada. Sonho acordada pela hora de me espreguiçar no meu quarto e tomar um banho decente.

Bruscamente Cecilla soltou-lhe a roupa. Seu rosto petrificado em algum ponto atrás de suas costas fez com que Katherine girasse e dirigisse sua atenção para o motivo de toda aquela comoção.

A autoritária presença do príncipe Taufik concretizou-se na frente de Katherine. A animosidade com que a encarava era palpável. Sustentando-lhe o olhar avaliador, Katherine retribuiu igual tratamento com destemida ousadia. Os olhos verde-jade que assombravam suas noites desde tenra idade fitavam-na beligerantes. A semelhança era incrível. Um frio perpassou-lhe a coluna. Piscou repetidamente na esperança de afastar aquela visão indesejada. Pelos relatos de Cecilla, Katherine tinha certeza de que aquele homem altivo apenas poderia ser o temível pai de Fahid. Aquela postura autoconfiante lhe era familiar. Por isso, devia tomar muito cuidado. Obviamente, ele não viera lhe desejar boas-vindas! Nem se largara de Marrakech para estreitar relações sociais.

Que Deus a protegesse! — rezou Katherine contrita.

Sem preâmbulos ou atitude cortês, o príncipe Taufik ordenou com eloquência intimidadora:

— Siga-me. Esta conversa foi excessivamente adiada.

Querendo retomar de imediato suas atividades, Fahid apartou-se da comitiva e foi à procura de Khuri. Precisava se atualizar sobre o andamento do inquérito contra Mahafara Mirjalali. Torcia para a ordem de prisão ter sido cumprida. Dava-lhe calafrios pensar naquele sujeito perambulando livremente por aí. Os crimes orquestrados por Mahafara suplantaram seus pressentimentos mais nefastos. Não dava para ter complacência com pessoas dessa índole.

Fazia uns trinta minutos que Fahid tentava localizar Khuri. Após indagar a dois transeuntes sobre o seu paradeiro, Fahid achou-o no estábulo. A fadiga da viagem minava paulatinamente sua paciência.

— Boa tarde! — saudou carrancudo ao avistar Khuri reclinado num monte de feno recém-cortado, tirando um cochilo.

Pigarreando, Fahid anunciou sua presença.

Envergonhado por ter sido pego numa postura descuidada, Khuri falou na defensiva:

— Perdão! — exclamou num salto, tropeçando atabalhoado e quase se esborrachando no chão. — Não percebi a aproximação de Vossa Alteza!

— Disso eu não tenho dúvida — respondeu mordaz.

Abrandando sua impaciência, Fahid abordou de pronto o assunto que não lhe saía da cabeça:

— Teve novidades do caso de Mahafara? Melhor dizendo: sabe se o delegado conseguiu dar regular cumprimento ao mandado de prisão?

— Vossa Alteza deveria ter estado lá... Mahafara parecia fora de si. Não dizia coisa com coisa — explicava Khuri com vingativa satisfação. — Ainda tentou fugir, porém não correu nem dois quarteirões. Foi um vexame completo. Pelas informações coletadas, permanece na prisão. Dizem que será transferido e aguardará o julgamento preso.

— Pelo menos a justiça começou a ser feita!

O comportamento relapso de Khuri incentivou Fahid a fazer uma criteriosa vistoria nas condições do estábulo. A limpeza estava apropriada e os animais aparentavam estar bem alimentados. Ocorre que, ao apurar a vista para as baias ocupadas, Fahid percebeu uma maior quantidade de animais. Não os reconhecia.

Voltando-se para Khuri que agora se movimentava a todo vapor, Fahid questionou:

— Tem vários cavalos estranhos aqui... Não entendo isso...

— É verdade. São os animais da caravana do príncipe Taufik.

Fahid teve a sensação de que uma fenda tinha-se repentinamente aberto abaixo dos seus pés, tragando-o para o inferno.

— Caravana?! Príncipe Taufik?! — repetiu à procura de explicações, com o timbre de voz mais elevado que amedrontou Khuri.

— Sim... Vossa Alteza chegou faz dois dias na casbá — comunicou Khuri acovardado, sem entender o que havia de errado naquela informação.

Uma premência desesperada dominou Fahid. Em outras palavras: seu pai viera pessoalmente alastrar a tempestade na sua vida! Era fundamental impedi-lo o quanto antes. Movendo-se em desabalada carreira, Fahid tomou o caminho de casa.

Onde andará Katherine? Que descuido imperdoável deixá-la só! Como as coisas podiam ter chegado naquele estágio?! — repreendia-se mentalmente.

Suas suposições se confirmaram quando Fahid se defrontou com Cecilla igualmente açodada. Acercando-se de Fahid ofegante, Cecilla verbalizou seus piores temores com dificuldade. As frases saiam aos borbotões:

— O príncipe Taufik a descobriu... Tentei alertá-la... Ele interceptou lady Katherine para uma conversa.

Elegantemente parada no meio do escritório, próxima às estantes, Katherine interiormente indagava-se qual assunto poderia ter em comum com o príncipe Taufik. Se nunca tinham se visto, o que seria importante a ponto de fazê-lo deixar a cosmopolita Marrakech para cruzar íngremes desfiladeiros montanhosos? Um presságio agourento desestabilizava seu espírito. Os gélidos olhos, de um verde vivaz que beirava o sobrenatural, avaliavam-na friamente, externando um desprezo contundente. A placidez estampada em suas delicadas feições não traduzia o rebuliço que reinava em seu íntimo. Katherine aguardou com paciência o término do ultrajante escrutínio a que estava sendo submetida. Seu peito oprimido em expectativa preludiava uma avalanche de más notícias.

Para o príncipe Taufik, a mulher que o observava com deliberada confiança e determinação correspondia com fidelidade à imagem eternizada no quadro entregue pelo duque de Wessex. A beleza exótica para os padrões locais era ainda mais surpreendente ao vivo. Sob certa medida, isso justificava o gesto desarrazoado de seu filho.

Decidido a realinhar os fatos nos seus devidos lugares, o príncipe Taufik reportou-se a Katherine num inglês impecável e erudito:

— Para não perdermos tempo com meandros inúteis, antecipo que sei perfeitamente bem quem é milady e qual é a sua origem. Sua ascendência nobre também é do meu inteiro conhecimento.

Estarrecida com a abordagem direta e cínica, Katherine manteve-se imóvel e prudentemente calada, sem ainda compreender as reais intenções por detrás daquela conversa inusitada.

— Sua permanência no Marrocos, diga-se de passagem, foi o tema da minha última reunião com Fahid...

Franzindo a testa ao rememorar a desagradável discussão, Taufik recobrou-se rapidamente do dissabor que a lembrança lhe trouxera e continuou, com voz cortante, enveredando pelo assunto motivador da sua visita:

— Vim avisá-la de que Fahid nunca se casará com milady. Não adianta alimentar perspectivas impossíveis. Sei que andam vivendo juntos, mas não há a menor possibilidade de essa relação progredir para um compromisso definitivo — disparou com desmedida maldade.

— Como?! — pronunciou Katherine oscilando entre a incredulidade e o choque da mensagem contida naquelas palavras detestáveis. — Francamente, não há nada que impeça duas pessoas descomprometidas e que se amam de se casarem! Se minha família tem significativas posses e é muito bem posicionada na Inglaterra, como Vossa Alteza demonstrou ter irrestrito conhecimento, qual seria o obstáculo a nossa felicidade?! — replicou com veemência, num timbre de voz hostil, ante o impacto causado pela acintosa afirmação.

— Essa é a questão: Fahid já está comprometido com outra mulher! O noivado foi firmado há vários anos e a oficialização do casamento com Amira será daqui a pouco mais de dois meses — asseverou com falsa indulgência.

— Casamento?! — repetiu num sussurro inaudível para se certificar do que acabara de ouvir. Aquilo não fazia o menor sentido... Por que Fahid não lhe dissera nada? Katherine esforçava-se para preservar intacta a sua dignidade. Desejando escapar daquelas quatro paredes, Katherine recuou instintivamente até seu quadril esbarrar no birô. Repentinamente, o ambiente ficou diminuto e claustrofóbico. Um suor frio começou a gotejar por seus poros.

— Milady ainda não sabia de nada?! — indagou com mal disfarçada condescendência. — Isso me causa profunda estranheza, pois Fahid é noivo de Amira desde sempre! Quando ela nasceu

acertamos tudo. Nossas famílias não veem a hora da confirmação desta feliz e desejada união.

Katherine sentia-se invadida por um torpor paralisante. Aquilo só podia ser um maldito pesadelo. Fahid noivo! Casar com outra! Algo estava fora dos padrões naquela odiosa explanação. Num derradeiro arroubo de resistência contra a fatalidade do seu irônico destino, recobrou as forças para enfrentar seu oponente.

— Isso é mentira! — rebateu, negando-se a enveredar naquela intriga. — Desde que o conheço, Fahid nunca esteve com outra mulher! Disso eu tenho a mais absoluta certeza.

E prosseguiu:

— Que noiva mais sem graça é essa que não desperta o interesse do futuro marido em tê-la em sua esporádica companhia? — questionou impávida, mantendo com rígida disciplina a compostura.

Com seu aguçado senso de oportunidade, Taufik registrou com um sorriso sarcástico o exato instante em que Fahid pôs os pés no escritório. Era o que faltava para seu plano, meticulosamente elaborado, ter total êxito.

— Finalmente resolveu aparecer... — repreendeu áspero. — Só assim colocaremos definitivamente um ponto final nesta terrível confusão...

Sem desperdiçar tempo, propositalmente, Taufik instigou Fahid a ratificar suas declarações. Com expressão impassível, informou:

— Como você descuidou da sua parte, coube a mim a desagradável incumbência de informar a lady Katherine Hartington que o seu casamento com Amira ben Allah está marcado para breve. Para ser preciso... dois meses e doze dias! — falou com tom provocativamente neutro.

— Como ousa intrometer-se na minha vida dessa forma! — exaltou-se Fahid, avançando escritório adentro, até parar a poucos passos de distância de seu pai. Fahid tinha vontade de esmurrá-lo. O antagonismo que sentia cortava o ar feito uma navalha afiada. Contendo a fúria que se avolumava em seu íntimo, Fahid exclama com agressividade:

— Não há nada para você fazer aqui! Os meus problemas, eu cuido sozinho. Não admito sua intervenção.

E finalizou Fahid com escárnio:

— Dispenso a sua benevolente interferência!

— Advirto que não serei tolerante — ameaçou estreitando os olhos. — Você tem plena consciência da palavra empenhada a Kamal ben Allah, de modo que este casamento se realizará de qualquer jeito. Não serei desafiado por você, nem por ninguém! Tampouco serei compreensivo com quem ousar me desafiar — sibilou perigosamente entre os dentes.

Apontando para a porta entreaberta, Fahid ordenou:

— Vá embora daqui imediatamente ou não responderei por mim!

— Eu o verei na cerimônia de casamento, dentro de dois meses.

Sentindo que a retirada seria a melhor estratégia, o príncipe Taufik saiu com a jubilosa sensação de ter atingido seu objetivo. Fahid seria compelido a encarar a realidade. Com lady Katherine cientificada dos fatos, tudo mudaria. E Taufik sabia que seu filho no final capitularia. Não havia escolha.

Quando o príncipe Taufik desapareceu do seu campo de visão, Fahid voltou-se para Katherine que a tudo presenciava com desalentada aflição. O semblante lívido com que o olhava deixou-o arrasado.

— Por tudo que é mais sagrado, isso não pode ser verdade... — falou Katherine num fio de voz,

implorando aos céus para tudo aquilo ser um grande mal-entendido.

Fahid percebeu que não adiantava mais adiar o inevitável. Evitara o quanto pôde aquele assunto espinhoso, desejando encontrar o momento ideal para abordá-lo com Katherine.

— Precisamos conversar... — externou Fahid com expressão séria e visivelmente abalada.

Aquela simples frase disse mais do que mil palavras, confirmando os piores temores de Katherine. O choque daquela trágica revelação deixou-a desnorteada. Devia estar louca. Uma hora se sentia a mulher mais afortunada da face da Terra e na outra era a mais desventurada. Como aquilo podia estar acontecendo? Que mal fizera para merecer semelhante castigo?!

Seus olhos azul-esverdeados doíam das lágrimas que teimava em comprimir. Katherine momentaneamente não conseguia externar qualquer som. Dando vazão à dor que lhe fustigava a alma, as lágrimas represadas começaram a escorrer copiosamente pelo rosto. Incapaz de continuar parada por mais um segundo sequer, saiu às cegas do escritório, na tentativa de fugir do infortúnio no qual se convertera, repentinamente, sua vida.

Devastado com o sofrimento que vira transpassar as lindas feições de Katherine, Fahid decidiu aguardar as emoções serenarem. Seria precipitado procurá-la no auge dos acontecimentos. Era fundamental calma, para enxergar com objetividade as alternativas disponíveis. E, na maioria das vezes, a reflexão solitária era um valioso aliado nessa inglória missão. Sentando pesadamente na poltrona, Fahid rezou com fervor, pois somente um milagre poderia salvá-los!

Igual a um cristal craquelado em pequenas e entrelaçadas fissuras, Katherine lutava desesperadamente para permanecer coesa. Livrar-se da névoa de tristeza que a envolvia estava se mostrando uma tarefa árdua. Readquirir o quanto antes a lucidez era essencial. Seus pensamentos em torvelinho insistiam em rememorar o lastimável episódio no escritório com o príncipe Taufik. Sabia que Fahid tinha muito a explicar. Entretanto, precisava ficar momentaneamente isolada.

Fixando o olhar no vazio do teto, Katherine ficou deitada e quieta por um bom tempo na sua cama, com a cabeça recostada entre as almofadas. Os olhos marejados d'água exteriorizavam toda a dor do seu coração mortalmente ferido. Amava Fahid com uma intensidade que antes supunha não ser possível existir. No princípio, tentou bravamente resistir ao seu charme sofisticado, mas foi impossível não sucumbir ao desejo apaixonado, a ponto de evaporar toda e qualquer vontade de regressar à Inglaterra.

Fazendo uma retrospectiva, Katherine enterneceu-se ao recordar o carinho com que a tratou em sua doença. Os momentos de paixão desenfreada e as agradáveis horas que partilhavam quando liam despreocupadamente poesias na varanda. Sem falar nas cavalgadas ao alvorecer e a fascinante viagem pelo lendário Saara, quando revelou o seu amor. Tinha pleno discernimento de que o seu sentimento era igualmente retribuído, porque Fahid sempre fazia questão de transparecer o quanto a amava.

Não raras vezes, Katherine surpreendeu-se contemplando a beleza fidalga de Fahid. Os lindos cabelos pretos atraíam-na. Adorava passar os dedos naquela espessa massa sedosa, e quando os olhos de Fahid matizados de âmbar miravam-na como a mais especial das mulheres, seu coração derretia de prazer. Fahid detinha o poder de incendiar a sua feminilidade como ninguém. Sua vida

sem ele era absolutamente inimaginável.

Disposta a não fraquejar perante as vicissitudes da vida, Katherine ergueu-se da cama com inabalável determinação e foi resoluta à sala de banho. Sem vacilar, escolheu um traje para a ocasião. Cecilla ficou aliviada por entrever naquele gesto um claro sinal de recuperação. O desalento de Katherine quando irrompera no quarto, com lágrimas rolando pelas faces, alarmou-a.

Arrumando-se com primor, Katherine decidiu procurar Fahid. Não precisou ir muito longe, pois o localizou na sala íntima, reclinado na poltrona de tecido adamascado, apreciando absorto o líquido marrom do copo de uísque que segurava displicentemente na mão. Suas pernas esticadas estavam cruzadas na altura dos tornozelos. O ruído abafado de passos arrancou-o do alheamento. Acompanhou imóvel a aproximação de Katherine que se acomodou na poltrona da lateral.

— Somente agora estou em condições de conversarmos — disse com um suspiro resignado. — Pelo visto, há muita coisa a ser explicada... — começou Katherine com expressão séria.

— Concordo. Desde a minha visita a Marrakech que venho adiando propositalmente esta conversa. Primeiro, porque você estava muito doente e eu não queria fragilizá-la ainda mais; depois, não queria estragar a nossa viagem com assuntos desagradáveis... — confessou Fahid, olhando-a fixamente.

Enfrentando seus dilemas com objetividade, Fahid narrou os fatos sem amenizar detalhes ou circunstâncias.

— Como você já deduziu, a reunião em Marrakech foi um desastre. Não só meu pai sabia que estávamos juntos, como tinha informações detalhadas sobre sua origem e nacionalidade. Como o duque de Wessex é amigo de longa data de meu pai, esse assunto obviamente foi tratado em algum encontro. Além disso, a pedido da duquesa de Melbourne, ele também vem acionando todas as autoridades locais em busca de informações sobre o seu paradeiro. Pelo que me foi repassado, um investigador particular vem rastreando suas pistas!

— Quer dizer que tia Margareth todo esse tempo vem tentando me localizar?! — indagou Katherine tomada por emocionadas lágrimas.

E constatou num chiado lacrimoso:

— Tia Margareth continua viva... — disse sem disfarçar o alívio que lhe apaziguava a alma atormentada pela dúvida.

— Sim — confirmou Fahid. — Na verdade, a duquesa de Melbourne é a única pessoa na Inglaterra que rejeitou veementemente a versão oficial do seu falecimento no naufrágio, deflagrando uma guerra contra tudo e todos. Embora não a conheça pessoalmente, devoto-lhe imensa admiração pela sua perspicácia e determinação.

— Obrigada... Certamente, vocês se dariam às mil maravilhas. É a mulher mais extraordinária que tive o prazer de conhecer! — declarou com a voz entremeada de orgulho.

Levantando-se lentamente da poltrona, Fahid deslocou-se para o lado oposto da sala, com a inútil intenção de pôr alguma distância entre eles. O seu nervosismo evidenciava-se na maneira como as mãos percorriam seus cabelos. Virando-se para Katherine, seguiu em tom exasperado:

— Nesse contexto, malgrado sua família estar numa tenaz luta para desvendar sua localização, meu pai insiste em fazer prevalecer o compromisso assumido há duas décadas com Kamal ben Allah. Pode ter sido obra do destino, mas uma mensagem solicitando a confirmação do noivado foi encaminhada ao meu pai semanas antes da reunião em Marrakech. Sem me consultar, reiterou o acordo e marcou a data do casamento. É certo que ele já sabia de tudo antes de enviá-la! Só não sei

como desconfiou da minha intenção de romper com Amira. De todo modo, é factível presumir a interferência de Nabih. Depois do desfecho do último encontro, não me causaria surpresa a sua participação nessa história, conquanto eu não tenha como provar nenhuma das minhas acusações.

E continuou com a fisionomia angustiada:

— O problema é que se eu não cumprir o ajustado, recusando-me a casar com Amira, meu pai moverá céus e terras para nos separar. Seguramente, procurará sua família e armará um escândalo que manchará irremediavelmente sua reputação. Você jamais voltaria a andar de cabeça erguida na Inglaterra. E eu não posso lhe infligir semelhante desonra! Sem mencionar os obstáculos que criará para nos prejudicar.

Diante do silêncio atento de Katherine, Fahid prosseguiu:

— Não podemos olvidar que esta aliança vem sendo acalentada há anos. E meu pai nunca perdoa ou esquece uma ofensa. Sua natureza vingativa é notória. Sinceramente, eu já testemunhei situações esdrúxulas e impensáveis... Não seria inteligente ignorar suas ameaças!

— Mas a religião mulçumana admite mais de um casamento... Se isso é possível, eu aceito ser sua segunda esposa — falou Katherine esperançosa, colocando de lado seu amor-próprio.

Sensibilizado pela renúncia e significado daquelas palavras, Fahid aproximou-se e se ajoelhou aos pés de Katherine, que continuava sentada na poltrona. Tocando-lhe as faces amadas, Fahid declarou com sabedoria:

— Eu não só anseio com todas as minhas forças me casar com você, como desejo tê-la como minha única esposa. Amo-a intensamente, suplantando os limites da razão. Eu jamais me casaria com Amira, ou qualquer outra mulher, de livre e espontânea vontade. Mas a vida lamentavelmente não é justa... E nem sempre podemos fazer o que mais ansiamos. Infelizmente, não temos como ficar juntos...

Sem compreender as causas daquela separação forçada, Katherine contra-argumentou, resistindo obstinadamente à ideia de deixar o Marrocos:

— Pela sua explicação, não é possível evitar o casamento com Amira. Mesmo a contragosto, eu seria capaz de aquiescer com esse arranjo por saber o quanto nos amamos... — admitiu Katherine. — Entretanto, eu não entendo o motivo de não poder ser sua segunda esposa se a religião mulçumana permite mais de uma união, mesmo eu não tendo me convertido. Honestamente, prefiro isso a ficar sem você.

— Se houvesse a menor possibilidade de poder tê-la comigo no Marrocos, eu não pensaria duas vezes — repetiu calmo. — A questão é que Amira exigiu no contrato pré-nupcial que me fosse vedado o direito de contrair outros matrimônios, impedindo a poligamia. E mesmo que não existisse essa cláusula, tenho convicção que ela converteria a nossa vida num inferno! Como primeira esposa, ela desfrutaria de algumas vantagens, interferindo no seu dia a dia. E a personalidade vaidosa e arrogante de Amira nunca sossegaria enquanto não a aniquilasse. Patrocinaria uma infinidade de artifícios para detratá-la. Seria um suplício! No final, essa situação destruiria a todos.

— E por acaso não será um inferno viver longe de você?! — replicou Katherine revoltada com a brusca guinada dos acontecimentos. — Não pretendo retornar para a Inglaterra. Nem muito menos deixá-lo! — rebateu teimosamente, pondo-se em pé.

— Não percebe que junto a sua família você estará em segurança? Na Inglaterra, ninguém poderá prejudicá-la. Seria um egoísmo imperdoável mantê-la no Marrocos, sem sequer poder protegê-la com a condição de esposa — retrucou pesaroso, consciente da dilacerante dor da separação.

— Mas eu não quero ir... — insistiu com lágrimas na voz, negando-se a entrever a lógica das ponderações de Fahid.

Aninhando Katherine em seus braços, Fahid ergueu com carinho o queixo voluntarioso, obrigando-a a encará-lo.

— Eu tampouco almejo isso. É para o seu bem.

— Como eu poderei estar bem do outro lado do mundo sem você, e ainda por cima sabendo que estará casado com outra mulher?! — um ciúme atroz assaltou-lhe a alma, fazendo Katherine se desvencilhar aborrecida dos braços de Fahid.

Determinado a externar a inquebrantável força do seu amor, Fahid toma-a novamente nos braços.

— Nenhum pedaço de papel ou compromisso me tornaria mais seu do que já sou... — segredou Fahid rouco, de encontro aos lábios de Katherine.

Tomados pela desesperança de um amor sem futuro, beijaram-se ardorosamente. Seus lábios se uniam em exigentes carícias, presos num furacão de conflitantes sentimentos. Uma paixão avassaladora, mesclada pela percepção da iminente separação, fazia aflorar o desejo de guardar na memória a emoção de seus corpos ardentes. Somente o presente existia, esse fugaz espaço temporal entre as reminiscências do passado e as incertezas do futuro. O instante real que molda a nossa efêmera existência. Katherine não queria saber da Inglaterra, do príncipe Taufik, de Amira... de absolutamente nada! Protegida pela solidez dos vigorosos e morenos braços de Fahid seu mundo estava completo. Era ali o seu lugar!

Com a respiração ofegante, Katherine recostou a cabeça nos largos ombros de Fahid, sentindo as batidas ritmadas do seu coração. Num murmúrio, declarou:

— Eu não posso voltar...

— Eu compreendo suas razões... — falou Fahid, alisando sem pressa os volumosos cabelos negros, soltos livremente nas costas. — Mas já imaginou a felicidade da duquesa de Melbourne quando souber que sua adorável sobrinha está viva? E o quanto isso significará para sua tia? Ela é a única pessoa em toda a Inglaterra que não acreditou na versão oficial de sua morte... E durante todo esse período não vem economizando esforços para provar o quanto está certa.

Katherine retraiu-se involuntariamente. Sentindo esmorecer a sua resistência ao mencionar o nome da duquesa, Fahid prosseguiu:

— Como você havia enfatizado em diversas oportunidades, sua tia necessita de você... Sua saúde frágil requer cuidados especiais. Ademais, quanto tempo ainda sobreviverá? Foi um milagre estar viva até agora! E como ficará a sua consciência se o pior suceder e você não estiver ao seu lado para ampará-la? — argumentou, fustigando sem piedade o honrado senso de responsabilidade de Katherine, com a manifesta intenção de fazê-la enfrentar a realidade.

— Por mais que eu deteste admitir, você está correto — balbuciou Katherine, assentindo num gesto conciliador. — Nossa situação é insustentável. Não podemos mais fingir que o mundo a nossa volta não existe!

Fitando os amados e entristecidos olhos azul-esverdeados, Fahid detalhou como deveriam agir:

— Ainda teremos algum tempo... — disse num suspiro desalentado. — Tenho que tomar uma série de providências para viabilizar o seu retorno sem sobressaltos à Inglaterra.

E continuou:

— Depois de refletir bastante, concluí que a presença de Cecilla será de vital importância para conferir respeitabilidade a sua volta, razão porque ela também partirá com você. Enquanto isso,

proponho vivermos cada dia como se fosse o último... Sem promessas... Sem amanhã... Nada além do hoje.

Um silêncio carregado de angústia sufocou momentaneamente as palavras na garganta de Fahid. A perspectiva de perder Katherine para sempre o atingiu violentamente como um raio, exigindo rígido autocontrole. Engolindo em seco, Fahid prosseguiu contrito:

— Quando chegar o dia da viagem, eu a avisarei. Por precaução, é melhor mantermos nossos planos em segredo. Nem mesmo Cecilla deverá ser cientificada. É prudente não confiarmos em ninguém!

Com o compromisso interior de viver cada segundo intensamente, o círculo do tempo mantinha sua ininterrupta cadência. Não desperdiçaria suas derradeiras horas com Fahid mergulhada em melancolia ou desânimo. Deixaria isso para depois... Com um realismo cínico, Katherine repetia numa infatigável ladainha que teria tempo de sobra para se lamuriar! Com esse firme propósito em sua mente, rechaçava com veemência qualquer sentimento ou ideia negativa que a fizesse enveredar nessa inútil seara.

A primeira providência de Katherine, e talvez a menos sensata das suas decisões, embora tivesse total consciência de suas implicações, tinha sido propositalmente ignorar o fumegante chá que Cecilla regularmente depositava todas as manhãs sobre o tampo da sua mesa de cabeceira. Tinha conhecimento dos riscos, porém estava disposta a arcar com as consequências dessa escolha!

Diante da indefinição da data da sua partida, Katherine cuidou de se despedir silenciosamente das pessoas que marcaram a sua estada na casbá. Numa aprazível tarde de outono, Katherine atravessou as veredas ligeiramente queimadas pela friagem da bucólica colina onde estava situada a casa de Hani. Os suaves sons da refrescante brisa intensificavam o prazer da caminhada. Os cálidos raios solares esparramavam-se prismáticos no vale montanhoso. Com um sorriso afável, Hani a recebeu na entrada. Como era costume, conversaram descontraidamente até as sombras noturnas revelarem as incontáveis estrelas que pairavam suspensas e majestosas na abóboda celeste. Graças à intervenção de Hani continuava viva! E Katherine era extremamente grata por isso. Se não fosse a sua firme determinação em salvá-la, possivelmente sua sorte poderia ter tomado outro rumo, nada promissor! Com imensa gratidão, Katherine abraçou Hani comovida, ciente da valorosa amizade que compartilhavam. Mesmo sem entender o porquê daquela visível emoção, Hani retribuiu feliz o afetuoso gesto. Absorta, Hani permaneceu parada na soleira da porta acompanhando a silhueta de Katherine desaparecer lentamente no meio da escuridão.

Katherine igualmente reservou para Warda uma despedida a sua altura. Passaram um dia inteiro catalogando e etiquetando os suprimentos que haviam chegado ao castelo. Foi um ajeita para lá e para cá sem fim! Nesse meio tempo, conversaram efusivamente sobre as novidades da aldeia e fizeram uma criteriosa avaliação para verificar se o material seria suficiente para enfrentarem a fria estação do inverno. E ainda aferiram as atuais condições das instalações. Com o cansaço estampado nas feições bondosas, Warda levantou-se da cadeira. Antes que se afastasse, Katherine envolveu as mãos envelhecidas com carinho. Numa prece silenciosa, permeada de indizível saudade, agradeceu o irrestrito apoio e o companheirismo devotados desde o princípio, sem os quais não teria superado o

difícil processo de adaptação na casbá.

Entretanto, a percepção de que tudo poderia findar-se no instante seguinte abriu o coração de Katherine para a dádiva do presente. Do momento único. Da efemeridade da vida. Da tênue intersecção do passado com o futuro que é o agora. Esse bem intangível que, independentemente da nossa vontade, renova-se numa infinita sequência de oportunidades, dando a chance de seguidos recomeços. O agora inesperadamente se transforma em passado... e o futuro já é o agora... Em uma sucessão alucinante de futuro, presente e passado.

A ventura contagiante do hoje fez as horas partilhadas com Fahid ganharem uma dimensão inovadora, beirando o limiar da subversão. Katherine só se importava em desfrutar as arrebatadoras sensações que Fahid despertava na sua vida. Passavam intermináveis horas em relaxantes banhos de piscina na sala de banhos, deliciando-se com champanhe borbulhante, imersos no prazer de suas companhias, em que invariavelmente se amavam até seus corpos febris alcançarem o ápice do prazer.

Em diversas manhãs cavalgaram com a aurora tingindo o céu com sua aquarela mística de luzes. Os sons preguiçosos do despertar da natureza os envolviam ao percorrerem as ondulantes e perdidas paisagens das montanhas, repletos de poesia e harmonia. A grandiosidade intocada que conforta e afaga a alma. O rosto afogueado de Katherine refletia o quanto estava feliz em cavalgar livremente no terreno acidentado. Riam e faziam apostas animadas, divertindo-se com os até então deslembrados detalhes da vida. O colorido deslumbrante que encobre a fragilidade indefesa das flores. A placidez etérea dos silêncios entremeados de significados. A graciosidade do resvalar de lindas cachoeiras. A miríade ofuscante de tonalidades do pôr do sol.

As noites não deixavam a dever... Não foram poucas as vezes em que ficaram no tapete defronte da magnífica lareira, reclinados em confortáveis almofadas jogadas displicentemente no chão, entretidos na instigante leitura de conceituadas obras literárias. Como comumente ocorria, seguiam-se acalorados debates, invariavelmente com Katherine discordando de alguma observação ou conclusão do autor. Sabiamente, Fahid encerrava o assunto com tórridos beijos, que solapavam qualquer resquício de razão e a vontade de Katherine continuar a discussão. Nesses descontraídos e preguiçosos dias, para usufruírem de maior privacidade, preferiram jantar reservadamente na área íntima, numa verdadeira orgia gastronômica de sabores e vinhos, cuidadosamente selecionados da adega de Fahid.

Eram simplesmente inseparáveis.

No entanto, como tudo na vida tem começo, meio e fim, Katherine ouviu na quinta semana as palavras que tanto relutava escutar. Com a caravana organizada no pátio central da fortaleza, Fahid anunciara a hora de partir!

A acolhedora e bela cidade preponderantemente azul e branca de Essaouira era banhada pelas bravias e límpidas águas do oceano Atlântico. Seu movimentado porto pesqueiro simbolizava o epicentro da vida dos *sawiris*, denominação tradicionalmente atribuída aos habitantes locais. Em sua atemporal arquitetura, destacava-se uma portentosa muralha marítima com diversos canhões de bronze entre as ameias de pedra rosada, para assegurar a sua defesa, servindo ainda de privilegiado mirante para as imagens das espumantes e esbranquiçadas ondas que colidiam contra os rochedos

amarronzados. O traçado primoroso e retilíneo de suas planejadas ruas e avenidas, sombreadas com araucárias, palmeiras e os típicos arbustos de argânia, além de sua esplendorosa baía com espaçosa praia deserta, cercada por cenográficas dunas, formavam uma visão apaixonante.

A despeito do charme inspirador da pequena Essaouira, Katherine não conseguia desviar sua atenção da iminente despedida. O coração oprimido pesava dolorosamente dentro do peito. Numa luta infeliz, Katherine esforçava-se para manter a compostura. Com um suspiro desalentado, ela amargamente se deu conta de que tanta confusão fizera para voltar à Inglaterra, que os deuses resolveram tardiamente atender suas fervorosas preces. Somente se esquecera de avisá-los da sua mudança de planos. Por tudo o que era mais sagrado, queria ficar eternamente com Fahid!

Ao entrar na cidade, seguiram diretamente para a região portuária através do portão do Mar até alcançarem a Casbá do Porto. Uma fortificação em forma de "L" com duas robustas torres. Naquele horário de início de tarde, não havia a agitação típica do final do dia. Gaivotas estridentes sobrevoavam a área com seus voos rasantes, colhendo das águas revoltas o seu sustento. Katherine e Fahid acompanhavam numa letargia muda o embarque das bagagens. Quando Cecilla também tinha se acomodado, Fahid abraçou Katherine demoradamente às margens do ancoradouro.

O solitário arrebentar do mar sobressaía ao fundo.

— Jamais deixarei de amá-la — murmurou Fahid entristecido, com o queixo levemente apoiado nos compridos cabelos negros.

— Amarei você por toda a minha vida — declarou Katherine com a vista embaçada e a voz embargada pelo choro reprimido. — Nunca fui tão feliz!

Afastando-se um pouco, Fahid pegou do seu bolso uma caixa. Ao abri-la, divisou-se um fabuloso conjunto de bracelete e anel, cravejados em toda extensão por enormes e faiscantes diamantes rosa. Delicadamente, Fahid pôs o anel no dedo médio da mão direita de Katherine, beijando sensualmente a sua palma interna. Antes, porém, de colocar o bracelete, leu a inscrição em seu interior:

— "Minha princesa, AMOR além da vida" — pronunciou Fahid em árabe.

— Oh... Fahid... — disse Katherine não mais controlando a torrente de lágrimas.

— Fiz a inscrição também em inglês, para nunca esquecer o quanto você é amada — justificou-se reverente.

Beijaram-se apaixonadamente pela última vez. Um misto de dor e prazer perpassou como uma flecha o coração de Katherine. Soltando-a devagar, Fahid contemplou os olhos azul-esverdeados, com desconcertante sofrimento.

— Está na hora de ir...

Assentindo vagarosamente com a cabeça, frente à impossibilidade de externar dignamente qualquer som de seus lábios trêmulos, Katherine fitou longamente o homem que mudou para sempre sua vida, gravando na sua alma cada nuance e detalhe do rosto adorado. Lágrimas copiosas e quentes jorravam livremente por suas faces arrasadas. O gosto de sal invadia sua boca. Relutante, começou a se afastar num torpor denso. A cada passada, um pedaço de si ficava para trás. Sentia-se despencando num precipício de tristeza e solidão.

Um singelo barco a remo levaria Katherine ao navio. Um sujeito de aparência rústica segurou-lhe as mãos, auxiliando-a a equilibrar-se dentro da embarcação. Sentando-se virada para o litoral, Katherine distinguiu entorpecida Fahid transpor com fúria selvagem a pedregosa escada do bastião, alcançando o topo. Não desgrudava os olhos dele.

Numa angústia dilacerante, Fahid observava impotente o amor da sua vida se afastar lentamente,

dentro da vastidão azulada e intensa do oceano. Os persistentes ventos alísios tremulavam em suas vestes, mas Fahid não sentia nada. Seus pensamentos enevoados só armazenavam o deslocar cadenciado dos remos de encontro às águas turvas, empurrando cada vez mais adiante... e mais longe... o barco! Viu quando Katherine alcançou o tombadilho do navio, indo até a proa, de onde se tinha uma vista panorâmica do bastião. Ficaram imóveis, incapazes de se mexer, ante a esmagadora realidade da separação.

Pouco a pouco, os contornos daquela exótica e querida terra foram perdendo a nitidez, transformando-se num borrão indistinto e inalcançável ao olhar humano. Katherine acompanhava num pranto inconsolável, com as mãos desesperadamente agarradas na amurada, a figura de Fahid converter-se num ponto, até desaparecer gradativamente de suas retinas. Embora soubesse que nunca deixaria de tê-lo representado em sua saudosa memória, uma bruma de desesperança toldou-lhe os sentidos. Katherine não saberia dizer quanto tempo ficou parada, mirando o infinito. Sentia-se subjugada pelos traiçoeiros desígnios do destino. Quando o mar era a única coisa que se avistava na longínqua linha do horizonte, finalmente Cecilla conduziu Katherine gentilmente para a cabine. Inesperadamente, viver perdera toda e qualquer razão de ser para Katherine.

TERCEIRA PARTE

O RETORNO

CAPÍTULO 17

Cecilla contemplava estupefata a extraordinária transformação de Katherine. Os dias transcorridos no navio haviam sido sofridos e penosos. Ela praticamente ficara confinada na cabine durante toda a viagem, limitando-se a breves caminhadas no convés. Naqueles esporádicos momentos, ficava olhando absorta a infinitude vazia do oceano, num silêncio solitário. A apatia consumia suas energias. Um enjoo debilitante deixava-a prostrada. A ideia de nunca mais rever Fahid era insuportável. Porém, naquela manhã tudo mudou. Um fulgor que Cecilla julgava ter desaparecido ressurgiu em seu olhar.

Provavelmente, a perspectiva de regressar a Londres lhe dera um novo ânimo para viver — conjecturou Cecilla aliviada, pois não suportava mais vê-la mergulhada naquela dor devastadora.

Enquanto se aprontava para desembarcar, Katherine fez questão de conferir cada minúcia de seus trajes. Admirando-se detidamente defronte ao espelho, averiguou satisfeita o seu reflexo. Ante as enregeladas temperaturas do inverno, preferiu usar um cinturado vestido de veludo cinza, com saia rodada e mangas compridas. Colocara o conjunto de brincos de topázio presenteados por Fahid na sua primeira noite na casbá, broche da mesma tonalidade, bem como a aliança de brilhantes que ganhou na viagem ao Saara. Seus volumosos cabelos estavam amarrados num coque glamouroso. Para arrematar a toalete, uma espessa capa enfeitada com arminho e chapéu acinzentados a protegeria dos ventos. Katherine era a perfeita representação de uma aristocrata inglesa.

Ao pisar em terra firme, o suspirar pesado e cheio de expectativa fez Katherine parar e fechar os olhos. Erguendo a cabeça com fria determinação, atravessou impassível a tumultuada zona do porto, completamente alheia aos curiosos e fascinados olhares da multidão aglomerada no cais. Como planejado por Fahid, uma carruagem as aguardava nos arredores. Prontamente, seguiram para a mansão da duquesa de Melbourne, em Berkeley Square.

A ansiedade do reencontro impedia Katherine de registrar os sons e os movimentos das caóticas ruas de Londres. A atmosfera invernal, com suas árvores ressequidas e desfolhadas, predominantemente plúmbea, combinava à perfeição com seu estado de espírito. Inúmeras dúvidas teimavam em brotar na sua mente inquieta. Como sua família reagiria ao seu inesperado aparecimento? Teria sobrevindo algum infortúnio na sua ausência? E sua tia Margareth como estava? Literalmente, contava os segundos para poder abraçá-la. Há quase dois anos não se viam! Rezava para reencontrá-la bem e com saúde. Sentimento que se estendia a seus pais e a toda a sua família.

Presa num labirinto de incertezas, Katherine respirou fundo, com o intuito de encontrar um pouco de serenidade. Felizmente, as perguntas que a atormentavam seriam brevemente esclarecidas. O receio do teor das respostas estava minando os resquícios de lucidez que conservara intactos.

A interrupção da passada sincopada das parelhas do coche avisou o fim da difícil e imprevisível viagem. Saindo rapidamente, Katherine galgou os degraus da residência, sem disfarçar sua apreensão. Com um estampido seco, golpeou a aldrava na porta. Em alguns instantes, o empertigado

Howes abriu-a com fisionomia solene.

— Bom dia! Em que posso ser útil? — cumprimentou Howes sem reconhecer Katherine.

— Onde está lady Melbourne? — questionou Katherine vasculhando com o olhar o interior da residência.

Sem se ater a formalidades, Katherine entrou no vestíbulo.

— Milady... Não pode entrar dessa forma... — começou a repreender Howes; no entanto, as palavras morreram na sua garganta ao assimilar quem de fato estava na sua frente.

— Santo Deus! Virgem Santíssima... É o impossível... — gaguejava Howes em estado de choque. Lady Katherine tinha misteriosamente regressado do além. Certamente, era o fim do mundo!

— Cecilla, por favor, ampare Howes — pediu Katherine nervosa. — Deste jeito ele acabará desfalecendo.

Com presteza, Cecilla segurou Howes pelos braços, conduzindo-o à cadeira mais próxima. Por um triz não desabara no chão. Suas pernas bambas eram incapazes de lhe dar sustentação. Howes analisava Katherine com o olhar vidrado, acompanhando estático a movimentação a sua volta.

Vendo-lhe a reação, Katherine acertadamente concluiu que Howes não teria condições de ajudá-la em nada.

Em seguida, voltou-se para Cecilla:

— Não se afaste de Howes — orientou Katherine. — Preciso ver lady Melbourne. Qualquer emergência, procure pela Sra. Moore.

Sem mais recomendações, Katherine seguiu para o escritório. Era o lugar mais provável de encontrá-la. Entretanto, o ambiente escuro e sem vida, com suas cortinas cerradas, apregoava que lady Melbourne não mais pisava por lá... Em vez das costumeiras pilhas de documentos, normalmente espalhadas para todos os lados, apenas havia objetos de decoração. Tudo estava organizado e meticulosamente arrumado... numa perfeição desalentadora! Com um aperto no peito, Katherine sentiu que aquele escritório não vinha sendo usado. Seria o prenúncio de trágicas notícias?

Extravasando a angústia represada por ter passado tempo demais longe da Inglaterra, Katherine saiu em desabalada carreira. Afortunadamente, sua memória mantinha guardada cada reentrância e ambiente da mansão. Não fosse isso, teria se perdido, diante de tamanho embaralhamento emocional.

— Tia Margareth... tia Margareth... Onde você está? Eu voltei... Eu voltei... — dizia Katherine praticamente aos gritos pelos corredores desertos. Um pranto incontrolável escorria pelas suas feições lívidas.

Um silêncio sepulcral envolvia toda a casa.

Cega pelas lágrimas, Katherine subiu as escadas quase tropeçando em suas roupas. Ao alcançar o primeiro andar, dirigiu-se imediatamente para a ala dos quartos.

— Onde você está? Eu voltei... — repetia transtornada com a falta de resposta.

E prosseguiu na sua aflitiva busca:

— Tia Margareth... tia Margareth...

Aquele ambiente carregado agravou sua agonia, transformando-a em autêntico desespero.

Apenas quando penetrou no quarto de lady Melbourne, Katherine teve plena certeza de ela estar viva. Próxima à janela, a duquesa de Melbourne a aguardava. Em uma das mãos, segurava uma carta amarrotada. Avançando em sua direção, Katherine a abraçou, agradecendo a Deus a dádiva de reencontrá-la com vida. Como ansiara por aquilo!

— Perdão por ter demorando tanto... — murmurava entre os soluços de um choro sentido. — Não

podia tê-la feito esperar... Como senti sua falta!

Com o semblante radiante de felicidade, lady Melbourne retribuiu o apertado abraço de sua querida sobrinha.

— Meu amor, como eu sonhei com este momento. Deus atendeu as minhas preces.

E ficaram abraçadas por alguns minutos em silenciosa harmonia.

Afastando-se suavemente, a duquesa fitou Katherine. Entreviu na profundidade tristonha dos seus olhos azul-esverdeados as perdas vividas e um amadurecimento outrora inexistente. A carta recebida no começo da manhã do príncipe Fahid Ahmed el-Mansour Saadi, avisando a chegada de sua sobrinha, aliada àquela melancolia, significava que os desdobramentos daqueles últimos tempos eram muito mais sérios... Lera e relera a mensagem dezenas de vezes na esperança de alcançar as entrelinhas. Contudo, ao divisar as feições nostálgicas de Katherine, compreendera tudo.

— Perdão... perdão... — externava Katherine, claramente culpada por sua prolongada ausência, em parte provocada por sua desmesurada paixão por Fahid.

Tentando abrandar as descompassadas emoções de sua sobrinha, lady Melbourne disse com sabedoria:

— Minha querida, não se recrimine. Tudo na nossa vida acontece na hora certa.

— Tive tanto medo de não mais poder vê-la — revelou Katherine inconsolável.

Em seguida, explicitou lady Melbourne transbordando de alegria:

— Depois nós conversaremos com calma. Agora, vamos nos sentar — sugeriu sem esconder a fadiga. O mero esforço de ficar em pé por um espaço de tempo maior exauria suas forças.

Uma sombra de preocupação perpassou o rosto de Katherine. Um simples olhar para sua tia deixava evidente o quanto estava fragilizada. Aquela magreza doentia somente poderia significar o avanço da doença. O seu estado físico inspirava obviamente redobrados cuidados.

— A senhora está se sentindo bem? — indagou Katherine alarmada.

— Nunca estive melhor, minha querida! — garantiu lady Melbourne sem querer enveredar por assuntos complexos. — Por sinal, precisamos informar seus pais. Hoje é dia de comemoração! Amanhã, teremos chances de sobra para colocarmos todos os assuntos em seus devidos lugares.

Intrigado com a repentina convocação de sua cunhada para uma reunião familiar sobre Katherine, lorde Northwick, mesmo contrariado, decidiu atender-lhe o chamado. A insistência de Margareth tinha ultrapassado o limite do razoável, raciocinava com latente irritação. A única pessoa na Inglaterra que teimava em não aceitar a versão oficial era sua obstinada cunhada. Em que pese a impaciência com aquele assunto, a sua debilitada saúde o fez ser mais tolerante com as suas idiossincrasias.

Na verdade, há cinco meses lady Melbourne vinha definhando a olhos vistos. Por mais modernos que fossem os medicamentos, a medicina atual não surtia a eficácia desejada. A decadência física de sua cunhada era manifesta, a ponto de ela ter delegado a sir Richard Button o comando de seus negócios.

Imerso em conjecturas sobre a obtusa resistência de Margareth em nomear um novo herdeiro para sua fortuna, não se apercebera da alegria estampada no rosto de Howes. O clima festivo da

residência não se compatibilizava com seus nefastos pensamentos. Cortinas eram abertas e um vai e vem de arrumadeiras e lacaios circulava pelos corredores, numa pressa característica de grandes banquetes. Uma excitação própria de momentos extraordinários pairava sobranceira no ar. Arranjos e vasos com flores vindos da estufa da duquesa eram posicionados em pontos estratégicos.

Alguma coisa estava errada naquela casa... — pensou lorde Northwick sem alcançar a real dimensão dos fatos.

Convicto de que Margareth enlouquecera de vez, lorde Northwick seguiu para a sala de visitas, onde estava sendo aguardado. Ninguém da família estava presente. Pelo menos, poderia atenuar aquela situação sem a presença de testemunhas, evitando possíveis constrangimentos.

Dispensando os usuais cumprimentos, lady Melbourne declarou com as feições iluminadas:

— Não aguentava mais esperá-lo... Tenho novidades fantásticas!

— Pois eu estou aqui para ouvi-la — afirmou lorde Northwick com paciência, encaminhando-se com elegância em sua direção.

— Katherine está realmente viva!

— Pelos céus, Margareth! De novo, não... — contrapôs exasperado, esquecendo completamente a sua boa intenção de contornar calmamente aquele encontro sem propósito. — Não adianta insistir nesse ponto comigo. Discutimos esse infeliz assunto dezenas de vezes! Para que voltarmos à mesma cantilena de sempre?! — argumentou lorde Northwick, encarando-a aborrecido e sentando-se pesadamente na poltrona a sua frente.

— A questão ultrapassou as fronteiras das opiniões divergentes porque Katherine retornou para a Inglaterra!

— Meus piores temores se concretizaram... — disse baixinho, meneando a cabeça.

E asseverou enfático, a um passo de perder a compostura:

— A sua obsessão por Katherine está nublando o seu bom-senso. Pelo amor de Deus... pare de fantasiar! Chega de tanta teimosia. Para a imensa tristeza de todos nós, Katherine morreu há exatos um ano e oito meses e ponto final! Por pior que seja a realidade, precisamos aceitá-la sob pena de vivermos eternamente atormentados.

Antessentindo a necessidade de intervir, Katherine saiu do canto da sala e falou:

— Papai, eu não morri... Tia Margareth sempre esteve certa...

O som daquela voz era de Katherine... Será que ele também estava delirando?! — ponderou lorde Northwick, voltando-se para o outro lado da sala.

Incrédulo, divisou Katherine.

Aquilo só podia ser uma alucinação! Era inconcebível aquela visão... Como queria que aquilo fosse verdade...

Sem mensurar as consequências, lorde Northwick levantou-se da cadeira. Sentindo-lhe o tumulto interior, Katherine aproximou-se, abraçando-o apertado. A saudade era indizível. Mais uma vez, as lágrimas impediram-na de articular frases ou sons inteligíveis. No silêncio, as emoções ganharam vulto. Somente quando envolveu sua filha nos braços, lorde Northwick processou o fato em sua mente.

— Você está viva... Você está verdadeiramente viva! — murmurou abraçado Katherine.

— Sim, papai... Sim! Eu estou viva — confirmou Katherine com a entonação lacrimosa.

— Isso é um milagre! Eu não consigo crer em tamanha felicidade! — extravasou lorde Northwick enlevado, beijando as faces úmidas de sua adorada filha mais nova.

— É tão bom estar de volta. Senti imensamente a falta do senhor... — disse Katherine ao contemplar seu pai, aparentemente bastante envelhecido.

Os meses em que eu passei distante da Inglaterra não o favoreceram — concluiu para si mesma com pesar.

— Como você sobreviveu ao naufrágio? Quem a resgatou? Por que ficou desaparecida e não deu notícia? Por que as autoridades inglesas deram-na como morta? — indagou lorde Northwick numa sequência interminável, pondo para fora todas as suas dúvidas e questionamentos.

Ciente de que nenhuma daquelas perguntas tinha respostas fáceis, lady Melbourne interferiu na conversa:

— Por favor, George... Que interrogatório! Depois esclareceremos tudo com tranquilidade.

— Desculpe, não tinha a intenção de perturbá-la com questões tão delicadas — respondeu anuindo em concordância.

Mal terminara o conde de falar, sua esposa irrompeu na sala com estardalhaço.

— Virgem Maria! É mesmo verdade o que ouvi nos corredores?!!! — pronunciou lady Northwick estarrecida, num timbre de voz elevado.

Com expressão crítica, lady Northwick caminhou até Katherine e, em vez de abraçá-la, como seria o normal, fez uma detalhada vistoria em sua filha supostamente falecida. Tocou-lhe as roupas, sentindo a maciez do tecido. Contemplou o esplendor dos brincos, do broche e do anel e mirou devagar o semblante de Katherine. Em seguida, afastou-se um pouco para melhor visualizá-la, deixando transparecer em sua fisionomia todo o seu aborrecimento com aquela situação impensada; absolutamente inesperada!

— Você está ótima... Curiosamente, o seu desaparecimento lhe fez um enorme bem — sentenciou em tom neutro, estreitando os olhos perigosamente. — A despeito dos falatórios e das maledicências que se propagarão pelos salões de norte a sul da Inglaterra, em virtude da sua surpreendente ressurreição do reino dos mortos, não será impossível arrumar um casamento decente — declarou com praticidade.

Lady Melbourne e Lorde Northwick se entreolharam chocados.

Revoltada com as insensíveis observações de sua irmã, a duquesa de Melbourne provocou:

— Para uma mãe que passou vários meses pranteando a filha, a sua reação é de uma frieza revoltante!

— Apenas estou sendo objetiva. Como será o futuro de Katherine a partir de agora?! Não queira me convencer de que o seu retorno à vida social será um mar de rosas! Dificilmente será convidada a bailes, teatros e atividades recreativas — profetizou mordaz lady Northwick, sem sopesar os sentimentos de Katherine. — Há consideráveis riscos de se tornar uma espécie de pária. Depois disso, faltam-lhe as credenciais necessárias para frequentar as mais distintas e influentes rodas da aristocracia.

Sem querer piorar a situação, Katherine decidiu ficar calada.

— Com o tempo tudo se organizará... — ponderou lady Melbourne.

— Que família aceitará o casamento de seu filho com uma moça que passou praticamente dois anos desaparecida? — replicou lady Northwick aflita, movendo-se aperreada, incapaz de permanecer parada diante daquele desastre. — Como Katherine viverá a partir de agora? — questionou sua mãe transtornada, à beira de um ataque de nervos. — Por acaso, vocês não enxergam as implicações dessa abrupta aparição?!

Por sorte, Meredith, Charles, Cristine e Robert entraram na sala, interrompendo aquele diálogo lamentável. O clima de emocionado reencontro reinstalou-se no recinto. Querendo desviar o foco da conversa, Katherine passou a se atualizar sobre os acontecimentos dos últimos meses. Sua irmã Cristine tivera um lindo menino! E Meredith estava grávida do segundo filho. A sua barriga estava avantajada. Melissa caíra acidentalmente da escada do teatro e fraturara o fêmur da perna direita. Mesmo decorrido mais de um ano do incidente, ainda não restabelecera de todo os movimentos e as dores eram ininterruptas. E Philip tinha viajado para a América, fazia seis meses. Contente por revê-los, Katherine decidiu ignorar sua mãe.

Entretanto, sentada no outro extremo da sala, lady Northwick não tirava os olhos da sua filha mais nova. Em acurada reflexão, ouvia atentamente cada comentário e palavra pronunciada. A postura altiva e segura de Katherine estava ainda mais evidente. Sempre fora voluntariosa e orgulhosa, porém agora captava um brilho especial... Uma força outrora inexistente... Seja qual for a explicação para aquele desaparecimento, nenhuma versão aceitável dos fatos se encaixava na pessoa a sua frente, concluiu sua mãe com incômoda convicção.

A notícia do súbito reaparecimento de lady Katherine espalhou-se aos quatro ventos, sendo o principal assunto dos mais recentes eventos sociais. Não se falava em outra coisa por toda Londres. As mais absurdas especulações eram criadas, ante a falta de uma versão oficial. Excetuando a família, até então ninguém a vira. Uma curiosidade mórbida passou a dominar as pessoas. Todos queriam conhecer a verdadeira história do naufrágio.

Ao saber do renascimento de Katherine, o marquês de Huntley foi tomado pelo choque. Francamente, não sabia o que pensar. Sofrera como nunca ao saber da sua morte. Passara meses em total reclusão, vivendo um inferno em vida. Foi um período conturbado, cheio de altos e baixos. Apenas recentemente sua vida reencontrara o rumo da normalidade. No baile oferecido por sua mãe, despontou seu interesse por Lauren Windermere. Depois daquela festa, vinham se vendo com assiduidade. Inclusive, no mês anterior, lorde Huntley foi visitá-la em Helston. De certo modo, a amizade com Katherine foi o ponto de partida daquela relação. Estranhamente, sentiam-se menos solitários quando estavam juntos. E como das fortes amizades despontam intensas paixões, lorde Huntley apaixonara-se perdidamente pela Srta. Windermere.

Malgrado o terrível tumulto causado em suas emoções, o regresso de Katherine era bastante positivo. Assim, poderia analisar concretamente seus sentimentos. Por mais apaixonado que estivesse atualmente por Lauren, lorde Huntley também já fora perdidamente apaixonado por Katherine. Dessa forma, ao menos essa confusão permitiria uma decisão consciente e sincera, pois ainda não formalizou um compromisso com Lauren.

Como será rever Katherine depois de tanto tempo? Aquela interação que sentiam ainda existiria? Por que ficara desaparecida sem dar notícias? — indagava-se lorde Huntley ao acompanhar Howes pelos corredores da mansão da duquesa de Melbourne.

Ao entrar na estufa, lorde Huntley avistou Katherine, reclinada na poltrona, lendo confortavelmente um livro. Ao intuir sua presença, levantou-se com um sorriso, depositando o objeto na mesinha. Aproximando-se, o marquês tocou-lhe as mãos num gesto cavalheiresco.

— Olá, Katherine! Creio que ainda posso chamá-la de *Katherine* — especulou divertido.

— Seguramente... É impossível descrever a minha alegria com a sua visita — disse Katherine ao cumprimentá-lo.

— Pois o seu sentimento é inteiramente compartilhado! — retribuiu lorde Huntley com simpatia. — Parece que o impossível aconteceu... Você está mais bonita. Contraditoriamente, esse seu afastamento de Londres lhe fez muito bem... — comentou o marquês impressionado com a nova lady Katherine diante de seus olhos.

— Etham, não exagere! Eu sei o quanto aprecia ser galanteador — ralhou Katherine afetuosa, fazendo menção à antiga cumplicidade do passado.

— Pelo visto, não havia lugar mais adequado para o nosso encontro do que este jardim de inverno — constatou lorde Huntley aos risos.

— Com certeza! — externou confirmando suas reais intenções. — Por favor, sente-se. Gostaria de uma xícara de chá?

— No momento, não. E a duquesa de Melbourne, como está? — perguntou educado.

— Sinceramente, estou preocupada. Possivelmente, em virtude da minha ausência, o meu impacto tenha sido maior. Nunca a vi tão abatida. Nem os negócios ela coordena mais. O simples deslocamento do quarto para a sala é como se tivesse andado dezenas de milhas. Não sei como serão as coisas daqui para frente... — confidenciou Katherine, com expressão angustiada.

— Pelos relatos que ouvi, a duquesa há meses não mais circula em lugares públicos.

Em seguida, abordou com seu jeito direto de ser:

— Por falar em comentários, você deve imaginar o burburinho que está em Londres após o seu retorno...

— Eu sei — assentiu Katherine com um profundo suspiro.

— E o que pretende fazer?

— Em minha opinião, acho sensato não fazer nada. Quanto mais se revirar a história, pior ficará... Deixar a poeira assentar talvez seja a atitude mais sábia a se adotar. Quem sabe daqui a algumas semanas tenham se esquecido de mim? — falou esperançosa, torcendo para suas previsões se concretizarem. — Na verdade, preciso ficar sozinha para meditar como será a minha vida a partir de agora.

— Confesso que a sua volta abalou minhas atuais certezas...

Encarando Katherine, o marquês de Huntley prosseguiu:

— Não é segredo para ninguém o quanto senti a sua *morte*. Foi uma época de grande instabilidade emocional. Afinal, quando você partiu para a Grécia nós estávamos praticamente noivos... — contextualizou calmamente.

Ciente de que aquele assunto viria à tona, Katherine começou:

— É tão difícil explicar... Infelizmente, situações e fatos maiores do que a minha vontade me impediram de regressar antes. Não vou me prender a pormenores, porque isso não alterará nada; porém, lamento de todo coração ter infligido dor e sofrimento às pessoas do meu convívio, especialmente a você.

E continuou Katherine sustentando-lhe o olhar:

— Eu gostaria tanto que tudo tivesse sido diferente... Mas retomar a vida de onde ela parou é impossível. A sua vida teve novos desdobramentos. O mesmo aconteceu comigo. Mudanças radicais sobrevieram, alterando o curso da nossa existência de modo definitivo.

— Katherine... você sabe o quanto eu a admiro... — verbalizou lorde Huntley, grato por terem alcançado idêntica conclusão.

— A recíproca é inteiramente verdadeira, Etham! — confirmou com trejeitos afetuosos.

Realinhado o passado, passaram a tarde em agradáveis conversas. Segundo a descrição de lorde Huntley, o casamento de Susan Sutherland com lorde Doncaster foi um dos mais concorridos acontecimentos da temporada de verão. Agora sua querida amiga era uma condessa! Formavam um casal feliz e harmônico. A seu turno, os engenheiros indicados pela duquesa de Melbourne debelaram os alagamentos em May River, findando as insônias do marquês. Por derradeiro, sua irmã lady Nicole estava noiva de Anthony Lowestoft, conde de Aldeburgh.

Quando se despediram a escuridão da noite já se pronunciava no firmamento. Quebrando os protocolos da etiqueta, Katherine lhe deu um forte abraço, desejando ao querido marquês de Huntley, toda a felicidade do mundo.

Paulatinamente, o mundo exterior voltou a assimilar o misterioso ressurgir de Katherine. A linda carta enviada por Lauren Windermere consolou seu espírito solitário. Poder contar com sua querida amiga era um alento muito bem-vindo. Todavia, o frio cortante e uma paralisante depressão mantiveram-na reclusa em casa. Naquelas semanas, Katherine não desejava se expor, nem se sentia com ânimo para se relacionar com estranhos. Uma indisposição constante devorava suas forças. Com dificuldade, levantava-se da cama. Somente quando findadas as primeiras horas da manhã, suas energias retornavam com relativo vigor.

Como sir Richard Button ficara, na sua ausência, gerindo os negócios do ducado de Melbourne, Katherine passou inúmeras tardes no escritório atualizando-se dos acontecimentos. Dezenas de relatórios se avolumavam sobre o birô, à espera da sua análise. Sob certo prisma, aquilo era salutar. Ajudaria a aplacar o desânimo causado pela ausência de Fahid. Tudo o que fazia ou pensava remetia a ele. Ao fechar os olhos podia entrever cada traço das feições amadas. Viver longe dele seria infinitamente mais complicado do que julgara a princípio. Ao menos, teria o trabalho para se distrair...

Com o olhar vagando num ponto longínquo, Katherine não ouviu a porta ser aberta. Silenciosamente, lady Melbourne entrou no escritório e ficou contemplando a plêiade de emoções que se descortinavam no rosto deprimido de sua sobrinha. Olheiras profundas sombreavam seus olhos, revelando noites mal dormidas. Decididamente, chegou a hora da protelada conversa.

Sentando-se na poltrona com proposital barulho, lady Melbourne forçou Katherine a sair de seu devaneio.

— Tia Margareth... Nem a vi entrar... — desculpou-se Katherine pela sua distração.

— Não tem importância — disse com tranquilidade.

Aproveitando a ocasião, lady Melbourne continuou:

— Não sei se notou, mas lá fora está uma tarde inacreditavelmente aprazível para este período do ano. Por isso, mandei a Sra. Moore organizar na sala envidraçada um delicioso chá para nós duas. Vim convidá-la pessoalmente.

— Sem dúvida, é um convite irrecusável — declarou Katherine, indo para junto de sua tia, com o

intento de ajudá-la a levantar.

Caminharam lentamente, entretendo-se com amenidades. Quando se sentaram à mesa, coberta com uma toalha branca decorada com bordados de fina renda, lady Melbourne sugeriu em tom compreensivo, enquanto despejava a água fervente do bule de prata na xícara com essências florais:

— Talvez esteja na hora de conversarmos...

Assentindo com a cabeça, Katherine pôs-se a narrar cada detalhe... cada fato... Não omitindo nada. Descreveu comovida a forma inusitada como conheceu Fahid; a sua vida nas montanhas do Marrocos; a espetacular viagem pelo Saara e as razões que motivaram o seu retorno. Contou da interferência do príncipe Taufik e da dolorosa tentativa de Fahid de protegê-la, ao sustentar o compromisso assumido por sua família quando ainda era criança, casando-se com Amira. O coração de Katherine sangrava diante daquelas recordações... Era tudo muito recente.

Acariciando as mãos de sua sobrinha com a intenção de confortá-la, lady Melbourne externou com carinho:

— Não obstante os tortuosos caminhos percorridos, vejo que conheceu o verdadeiro amor. Nunca escutei uma descrição tão apaixonada quanto a sua. Isso é para poucos...

Devassando a sua alma, Katherine confidenciou arrasada, com os olhos marejados de lágrimas:

— Não posso negar o quanto eu amo Fahid. Jamais imaginei existir sentimento dessa grandeza... Em contrapartida, também passei a conhecer a dor impiedosa do amor ausente.

— Minha querida... O tempo ajudará a cicatrizar as feridas... Nada é tão ruim que possa durar para sempre. Você é extremamente jovem. Quem sabe um dia não aparecerá outro cavalheiro capaz de lhe despertar emoção parecida?

Para Katherine isso era impossível. Fahid era único. Porém, optou por não enveredar por essa seara. Preferiu cortar um pedaço da torta de maçã com canela, porque eventual polêmica não alteraria em nada o que sentia.

E emendou a duquesa:

— Pelo apurado das minhas investigações, sempre desconfiei que houvesse alguma coisa errada com o príncipe Fahid Ahmed el-Mansour Saadi. Sua participação não se encaixava... O que ficou ainda mais patente, quando eu recebi uma mensagem assinada por ele, comunicando o seu retorno.

— Ele não me antecipou isso.

Respirando pesadamente, Katherine prosseguiu:

— Tem mais uma coisa...

— Diga... estou aqui para apoiá-la... — incentivou lady Melbourne, repousando o garfo na porcelana de Sèvres do prato de sobremesa.

— Eu estou grávida. Na realidade, eu quis ficar grávida.

Um silêncio contemplativo seguiu-se à revelação.

— Entendo... — disse lady Melbourne, enquanto registrava em seu íntimo as repercussões daquela informação, processando suas consequências.

E continuou a duquesa, depois de alguns segundos:

— Como foi uma opção, suponho que você tenha discernimento das dificuldades futuras.

Em sequência, ponderou realista, antes de levar à boca os recém-assados biscoitos de trigo com cobertura de baunilha, artisticamente arrumados na travessa de prata:

— Não vai dar para esconder indefinidamente a sua condição.

— Eu sei... — afirmou Katherine. — Mas, estou disposta a lutar com todas as minhas forças para

ter o meu filho — revelou aguerrida, ao depositar a taça de cristal com água sobre a mesa.

— Sendo assim, precisamos refletir com calma sobre qual será a melhor abordagem. Certamente, seus pais não receberão alegremente a notícia. Principalmente sua mãe. Em verdade, isso poderá se converter num escândalo. Por hora, proponho guardarmos segredo. Não adiantará antecipar problemas.

— Concordo inteiramente — aquiesceu Katherine com o coração sensivelmente mais leve, ante o respaldo e colaboração de sua tia. Dessa forma, tudo ficaria bem mais fácil.

Charles Leatham era a personificação de um homem condenado à forca. Andava agitado, esfregando as mãos em soturna angústia. Há seis horas Meredith entrara em trabalho de parto. Seus gritos de dor ecoavam pela casa. A demora deixava os nervos de Charles em frangalhos, levando-o às fronteiras da loucura. A impotência era um sentimento desesperador, pensava ele, confinado nas quatro paredes. Nada podia fazer para minorar o sofrimento de sua esposa. Só lhe cabia rezar para tudo terminar bem e com a maior brevidade possível.

Para acentuar a agonia do seu pobre marido, Meredith não quis ser assistida por um médico. Preferiu ser ajudada por uma parteira. Duas outras mulheres auxiliavam na tarefa. Reunida na sala de visitas, a família aguardava com expectativa o nascimento. Lorde Northwick observava calado o incessante vai e vem de seu genro. Por experiência própria, sabia o quanto essa espera era deletéria e massacrante à sanidade mental de qualquer mortal. Ser pai de cinco filhos acabou ensinando-o a suportar com resignação o arrastado compasso da natureza.

No canto contrário da sala, Katherine estava sentada com Cristine e sua mãe. Lady Melbourne não viera porque não se sentia em condições físicas de se deslocar pelas frias e nevoentas ruas de Londres. As baixas temperaturas agravavam significativamente o seu já precário estado de saúde. Melissa, como morava distante, também não estaria presente a mais esse evento familiar.

Sem sobreaviso, lady Northwick comentou irritada:

— Quase eu ia me esquecendo... A notícia que ganhou notoriedade essa semana foi o anúncio do noivado do marquês de Huntley... E sabe quem é a felizarda? — questionou fuzilando Katherine com os olhos.

— Honestamente, eu não tenho a menor ideia — externou Katherine, satisfeita com o feliz desenlace de lorde Huntley, sem pretender antecipar suas suspeitas. Isso, em certa medida, remediava o peso na sua consciência por amar desmedidamente Fahid.

— É a sua querida *amiga* Lauren Windermere! — vociferou lady Northwick com indisfarçável raiva na voz.

— Mas isso é ótimo! Eles formam um casal maravilhoso — declarou Katherine verdadeiramente contente com aquela novidade. A maneira elogiosa como Lauren referiu-se ao marquês de Huntley na mensagem enviada após seu retorno dava margem a esse desfecho.

— Como pode dizer uma sandice dessa magnitude?! O marquês de Huntley era completamente apaixonado por você. Um pretendente perfeito! E diante do seu reaparecimento, seria o marido ideal... — retrucou lady Northwick exaltada com o ilógico raciocínio de sua filha mais nova.

— Ocorre que eu não amo Etham — respondeu Katherine com total descaso.

— Pare de fantasiar o amor! — contrapôs sua mãe com tom áspero. — O fato é que você não está em condições de recusar pretendentes, muito menos de perder aqueles que já demonstraram interesse por você! Não se apercebe que sem marido será compelida a viver do favor de seus irmãos?! O título de conde, o qual está atrelado ao patrimônio da nossa família, irá para Philip. Ele será o sexto conde de Northwick. Se não arranjar em breve um casamento promissor, não disporá de meios para se sustentar no futuro. É o que almeja para sua vida? — esbravejou a condessa com o rosto vermelho.

— Mamãe, é preferível tratarmos disso em outra hora... — intercedeu Cristine a favor de Katherine.

— De jeito nenhum! Vamos discutir sobre isso... aqui e agora! Nem um segundo a mais — disse com teimosia.

E prosseguiu sem dar trégua:

— Por acaso, Katherine, você recebeu algum convite desde o seu retorno à Inglaterra para uma peça de teatro ou sarau? Teve a visita cordial de alguma amiga? Ou sequer recebeu uma mensagem de boas-vindas das famílias que frequentou em sua última temporada em Londres?

Em seguida, respondeu lady Northwick suas próprias perguntas:

— É claro que não! Diante da falta de uma explicação minimamente razoável para o seu desaparecimento, ninguém deseja manter contato com uma pessoa como Katherine... Com a reputação irremediavelmente manchada! Suas credenciais foram *pisoteadas* — frisou a condessa deliberadamente a palavra final.

— Mamãe... — começou Katherine serena — ...eu realmente não faço a menor questão de ser convidada para esses lugares.

E continuou com expressão impassível:

— Eu tampouco me interesso para o que pensam ou não de mim.

— Você diz isso agora, porque tem tudo ao seu dispor. Quero ver toda essa ousadia e empáfia quando estiver em dificuldades! Lembrar-se-á dos meus conselhos e do quanto eu tentei protegê-la desse destino melancólico. O pior é não sentir qualquer preocupação sua nesse sentido.

— Quando a ouço falar deste jeito, lamento profundamente não ter morrido no naufrágio. Decerto eu não lhe causaria todo esse desconforto — falou Katherine com ironia.

— Não seja petulante! — ameaçou lady Northwick, franzindo a testa.

Iniciadas as reclamações, sua mãe não parou mais.

— No princípio, evitei pressioná-la sobre os motivos que a levaram a passar meses desaparecida. Pacientemente, aguardei suas explicações. Esperei uma sinalização da sua parte. No entanto, após todos esses dias, não se dignou a nos dar qualquer satisfação. Sumiu e pronto! Volta e pronto! E quer que todos aceitem isso achando bom?! Efetivamente, esse seu comportamento reflete uma inaceitável falta de consideração com sua família e, mais ainda, com seus pais.

Encarando a condessa, Katherine respondeu sem se alterar:

— Esse assunto eu não converso com você nem com ninguém. Pode reclamar... Fazer confusão... Espernear... Gritar... Pouco me importa! — declarou comedida, mas sem abandonar a firmeza e a segurança.

E arrematou cortante:

— Pode se conformar. Da minha parte não espere nenhuma palavra ou justificativa. E mais: você não me intimida com esse discurso ultrajado.

Abismada, sua mãe acompanhou imóvel Katherine afastar-se para a outra extremidade da sala. O seu regresso trouxera mais questionamentos do que respostas. A cada reencontro, Katherine estava mais bem vestida do que na vez anterior. Intrigada, lady Northwick perguntava-se como uma pessoa dada como morta num naufrágio no meio do oceano, sem recursos próprios, poderia retornar para a Inglaterra com roupas caras e joias dignas de uma princesa?! E a Srta. Cecilla Mendoza... Quem era ela? Denotava-se que tinha boa educação e era bastante fluente na língua inglesa, muito embora fosse estrangeira. Obviamente, devia saber de tudo... Disso lady Northwick tinha absoluta certeza.

Um berreiro estridente e infantil interrompeu as elucubrações da condessa. De um instante para o outro, Charles convertera-se no fiel retrato da felicidade. Prontamente, a família subiu para o quarto para conhecer seu novo integrante. Com a filha recém-nascida no colo, Meredith estava radiante. Sequer aparentava ter enfrentado as torturantes dores do parto. Olhando conspiradora para o marido, Meredith comunicou:

— É uma menina. E, como combinado com Charles, seu nome será Katherine, em homenagem a minha irmã adorada! Se antes já tínhamos motivos para isso, atualmente eles se intensificaram, por ela ter voltado sã e salva!

Com os olhos lacrimosos, Katherine aproximou-se e deu um beijo afetuoso em Meredith, num singelo ato de agradecimento por sua homenagem, contemplando emocionada o rostinho avermelhado de sua pequenina sobrinha.

— Se Deus quiser, ela não herdará o temperamento da tia — disse a homenageada com descontração.

Sonoras gargalhadas reverberaram no recinto. O renovar da vida, com sua luz de esperança, confortou Katherine. Depois de tantos contratempos, a atitude de Meredith deu-lhe coragem para prosseguir na sua solitária jornada. Independente dos maldosos boatos e do ignorado passado, Meredith confirmou o seu amor e afeição, ratificando para todos ser ela a mesma pessoa querida de sempre.

Desde o atribulado reaparecimento de Katherine, as condições de saúde de lady Melbourne deterioraram de modo alarmante. Nesses dois meses Katherine assistia apavorada a sua terrível piora. Chamara vários médicos para consultá-la. Porém, as conclusões eram invariavelmente as mesmas. Sua aflição a fez cogitar levá-la a Viena, todavia os riscos da viagem não compensavam as eventuais e incertas vantagens. Tirando alguns, cada vez mais raros, momentos de disposição durante a tarde, lady Melbourne passava o restante do dia reclusa em seu quarto. Para fazer-lhe companhia, Katherine passou a ler e a analisar os documentos enviados por sir Richard Button no quarto com sua tia. Atividade que a ajudava a se manter atualizada dos acontecimentos, propiciando-lhe uma importante ponte com o mundo exterior. Katherine intuía que se distanciar dos pequenos afazeres diários agravaria sobremaneira seu debilitado quadro clínico e, para evitar tal desfecho, fazia de tudo para integrá-la à realidade, inserindo-a propositalmente nas questões cotidianas.

Numa manhã cinzenta e chuvosa, a intempestiva entrada da Sra. Moore no escritório trouxe à tona os mais recônditos receios de Katherine. Sua expressão anunciava ser portadora de péssimas notícias.

— Lady Melbourne está tendo um passamento — comunicou a Sra. Moore nitidamente aperreada.
— Santo Deus! Peça para Howes localizar depressa o Dr. Johnson — disparou Katherine, enquanto corria em direção às escadas. — Onde ela está?
— A Srta. Brickell conseguiu deitá-la na cama.
Como se estivesse num pesadelo, Katherine viu lady Melbourne recostada nos travesseiros de sua grande cama de dossel totalmente imóvel. Seu rosto descorado era um presságio agourento. Aproximando-se silenciosamente, Katherine achegou-se ao seu lado. Pegando-lhe com carinho as mãos, Katherine ficou rezando contrita, suplicando aos céus para Howes rapidamente localizar o Dr. Johnson. Enquanto esperava, seu nervosismo apenas aumentava. Em atenta vigília, Katherine aguardava a chegada do médico. Nenhuma palavra. Nenhum ruído. Nenhum sinal de reconhecimento. A falta de reação de lady Melbourne denunciava a gravidade de seu problema. O seu coração debilitado não atendia mais suas necessidades vitais. Diagnóstico posteriormente confirmado por Dr. Johnson.
Lorde e lady Northwick não tardaram em aparecer. Ao conferir o estado de lady Melbourne, sua irmã achou prudente comunicar à família. Um padre para ministrar a extrema-unção também seria adequado. A residência era um contínuo entra e sai de pessoas. Contudo, sua sobrinha só se preocupava em garantir o bem-estar de lady Melbourne, negando-se obstinadamente a aceitar o provável e fatídico fim.
Fragilizada pela recente separação do seu grande amor, Katherine não se sentia preparada para enfrentar qualquer outro tipo de perda emocional. Em condições normais, o desaparecimento de lady Melbourne já seria um duro golpe. O que dirá nas atuais circunstâncias?! Sua gravidez brevemente seria de conhecimento público... E confrontar a sociedade inglesa sozinha por certo não seria uma empreitada simplória. Aquilo, seguramente, exigiria a sabedoria e a poderosa influência de lady Melbourne.
A decisão de Katherine de cuidar pessoalmente de sua tia deixava Cecilla apreensiva. Embora ainda fosse possível disfarçar a gravidez, o esforço despendido poderia ser prejudicial ao bebê. As noites insones transpareciam no semblante esgotado de Katherine. Há dois dias não dormia direito. Apenas com muita insistência, concordou dormir na terceira noite. Mas, uma desconfortável sensação em seu íntimo despertou-a no meio da madrugada. Sentindo que não adiantava ficar com insônia na cama, Katherine decidiu certificar-se de como andavam as coisas no quarto de lady Melbourne. Duas enfermeiras serviam de acompanhantes.
As velas espalhavam uma difusa claridade no ambiente. Katherine ficou longos minutos observando a fisionomia de sua tia. Inesperadamente, um movimento atraiu sua atenção. Katherine testemunhou quando lady Melbourne ergueu ligeiramente as pálpebras. Aquilo lhe deu novo ânimo. De imediato, ela se aproximou e envolveu as mãos de sua tia nas suas, segurando-as na altura do coração.
— Sou eu tia Margareth... Katherine... — identificou-se de pronto.
Ainda bem que tinha acordado! — agradeceu interiormente.
Numa voz sussurrante e praticamente inaudível, lady Melbourne anunciou arquejante, respirando fundo, à procura de ar, cada palavra:
— Está... na... minha... hora...
— Por favor, não fale nada... Economize suas energias e descanse — interveio Katherine carinhosa.

E continuou a duquesa num chiado, sem considerar o conselho de sua sobrinha:

— Depois... do... testamento... Vá... para... Fairmont...

— Não diga isso... Tudo ficará bem — afirmou Katherine baixinho, beijando-lhe amorosamente as faces lívidas.

E prosseguiu sem querer acreditar na fatalidade da morte:

— Eu te amo tanto... Graças a Deus, a senhora despertou!

Entretanto, ao fitar sua tia novamente, o olhar vidrado e sem vida da duquesa arremessou-a no abismo das perdas irreversíveis. A inclemência da espada da morte deixou Katherine fora de si. Repentinamente, mãos invisíveis queriam sufocá-la impiedosamente, comprimindo sua garganta. Não conseguia divisar mais nada a sua volta, exceto o estático e macerado rosto de sua amada tia. Um tremor histérico tomou Katherine de assalto. Tudo ficara abruptamente sombrio. Sem luz. Sem vida. Sem esperança. Uma opressão gigantesca ganhava vulto, explodindo violentamente.

— Não... Não... Não! — gritava Katherine com autêntico desespero, agarrando-se descontroladamente ao corpo ainda cálido e inerte que jazia sobre a cama. Katherine abraçava e acalentava sua adorada tia, num choro convulsivo e desamparado, como se com tal gesto, milagrosamente, pudesse lhe devolver o sopro da vida.

Aquilo não podia ser real... O que fizera para sofrer semelhante castigo? Como o destino podia ser insensível àquele ponto? Acabara de se separar de Fahid... Como poderia suportar mais essa irreparável perda na sua vida?! — repetia Katherine para si mesma, presa no turbilhão de seus descoordenados sentimentos.

Em segundos, o quarto ficou repleto de gente. Ninguém ousava se aproximar de Katherine. Cecilla deparou-se assustada com a cena de desolação a sua frente. Sua senhora precisava voltar à razão... Alguém tinha de interferir... Ajudá-la a se recompor daquela insanidade, porque aquilo era apenas o começo de suas provações. No entanto, seus familiares estavam demasiado chocados para conseguirem tomar alguma providência.

Ninguém se atrevia a dizer uma única palavra.

Passados alguns segundos, Cecilla acabou por compreender a sua missão. Tocando nos ombros de Katherine, como se apaziguasse um passarinho ferido, ela externou com delicadeza:

— Milady tem de repousar...

Não houve reação. Katherine parecia estar numa espécie de transe, envolta numa névoa de angústia. Sua cabeça agora estava encostada no colo de lady Melbourne. Suas mãos entrelaçadas afetuosamente simbolizavam o quanto Katherine interiormente relutava em se separar da falecida duquesa.

Insistindo, Cecilla reforçou suas intenções, com cuidado para não a assustar:

— Vamos dormir... Já é muito tarde.

Outra vez, a ausência de resposta.

Devassando o olhar de lorde Northwick à procura de autorização para o que pretendia fazer, Cecilla encontrou o apoio necessário. Em que pesem seus protestos iniciais, Cecilla soltou lentamente as mãos de Katherine do corpo da duquesa. Completada a angustiante tarefa, levantou Katherine e a conduziu até o quarto. Depositou-a gentilmente na cama e preparou um chá de camomila para lhe ajudar a dormir. Katherine ficou numa mudez anestesiada. Submersa em sua tristeza, sentidas e inconformadas lágrimas escorriam como tempestade por suas faces pálidas e belas. Quando o amanhecer e seus sons se imiscuíam na paisagem invernal, enfim Katherine

adormeceu. Um sono sem sonhos, negro e profundo como o céu sem o brilho fulgurante das estrelas.

O velório da duquesa de Melbourne aconteceu na sua residência em Londres. O sentimento familiar reverberava um luto genuíno. A fatalidade esquecida da morte espraiou-se na dolorosa realidade, proclamando o frágil elo da vida. O derradeiro destino da humanidade. A face cruel da existência. Coube a lady Northwick organizar a cerimônia e receber as solenes condolências. Um burburinho de conversas abafadas elevava-se no recinto. Autoridades e nobres circulavam de um lado para o outro. Uma profusão de artísticas coroas de flores decorava o amplo e requintado salão de espelhos da mansão.

Katherine entorpecida não prestava atenção em nada. Envolta na dor saudosa da perda, abstraiu por completo as pessoas ao seu redor. Sentando-se num canto discreto, Katherine deu vazão às reminiscências. Recordava-se do sorriso sereno de lady Melbourne e da sua admirável capacidade de ultrapassar a superficialidade, adentrando no âmago das questões... Do olhar compreensivo e da sensatez das suas decisões... Era insuportável para Katherine confrontar-se com a imagem de sua dileta tia no caixão... Afugentar os pensamentos daquela cena dilacerante foi o caminho encontrado para lhe preservar a lucidez. Em seu íntimo, Katherine agradecia fervorosamente a Fahid por tê-la forçado a voltar à Inglaterra. Nunca se perdoaria se estivesse distante numa hora como aquela...

Uma sombra bloqueou a claridade, arrancando-a bruscamente do seu alheamento. Diante de si estava o marquês de Huntley.

Cumprimentando-a numa mesura, lorde Huntley declarou com respeito e sinceridade:

— Sei o quanto deve estar sendo difícil este infeliz momento. Meus pêsames. Milady é testemunha da minha estima e enorme admiração por lady Melbourne.

— Obrigada pela sua deferência e amizade — respondeu Katherine. Reencontrar o ombro amigo de Etham naquele novo enfrentamento da sua vida era um consolo, ainda mais depois dos desencontros vividos.

— Precisando, estarei sempre ao seu dispor.

Após Katherine anuir com um meneio de cabeça, lorde Huntley afastou-se com fidalguia.

Excetuando o elegante e distinto cavalheiro que saudou Katherine há poucos instantes, Cecilla acompanhava horrorizada a aberta hostilidade dos demais. Era como se Katherine não existisse. Ninguém transmitia condolências, ninguém se aproximava... Enquanto isso, suas irmãs tinham filas de conhecidos ansiosos para cumprimentá-las. Pelo visto, o seu inexplicável desaparecimento estava cobrando um preço muito alto. Revoltada com a hipocrisia social, Cecilla postou-se fielmente ao lado de Katherine, com a ferrenha intenção de protegê-la daquela gente odiosa.

Na outra extremidade do salão, Meredith igualmente presenciava enraivecida o acintoso tratamento dispensado à Katherine. Esquadrinhando o ambiente com vagar, identificou uma série de pessoas que fizeram parte da sua convivência na última temporada de verão que passara em Londres. Conquanto detestasse aquiescer, Meredith reconheceu que os piores receios de sua mãe não foram infundados. Ao menos, Cecilla percebera a situação e não desgrudava de Katherine!

Após a missa de corpo presente, o cortejo fúnebre dirigiu-se para o cemitério de Kensal Green, na região oeste de Londres. O enterro dar-se-ia no mausoléu da família Kensington. Dezenas de

carruagens escoltavam o féretro, enfileiradas pelas ruas. No interior da condução, lorde Northwick observava o sofrimento de sua filha mais nova com o cenho franzido. Calada, Katherine não se envolvia nos diálogos de sua esposa Lydia e Meredith. Mantinha-se ausente; limitando-se a mirar com desatenta indiferença a veloz sequência de prédios e descampados através da janela.

Na alameda principal do campo santo, uma pequena multidão se aglomerava para acompanhar o préstito. Políticos, integrantes do clero, nobreza e diversos anônimos do povo, que a conheciam pela sua respeitável obra social, fizeram-se presentes. A vegetação plúmbea, devastada e castigada pelo rigoroso inverno, apregoava tristeza e melancolia. O desamparo característico da solidão ganhava forma na frieza perturbadora daquele cenário desbotado e ressequido. Uma desalentada sensação de abandono deprimia horrivelmente Katherine. Se não fosse o amparo reconfortante e amigo das mãos de sua irmã Meredith, não teria forças para continuar... Em passos cadenciados o séquito prosseguiu até o monumental jazigo, edificado no estilo neoclássico. Uma grandiosa escultura de mármore branco da Virgem Maria, piedosamente reclinada sobre as sepulturas, sobressaía a céu aberto.

Um pássaro grasnava ao longe. Era um som possante e nostálgico, carregado nas invisíveis ondas do vento sibilante. Uma melodia entremeada de desesperança. Sonoridade lamentosa que acompanhou o penetrar do esquife na câmara mortuária. Katherine aspirava o ar com avidez, na intenção de amainar a excruciante sensação que lhe açoitava a alma. Uma cerração fluida e ilusória turvava a sua mente, comprometendo seriamente seu senso de orientação. Tudo misteriosamente flutuava num plano paralelo e atordoante. Como a tontura que acomete os passageiros de navios de extensas travessias ao recolocarem os pés em terra firme.

Precisava manter a compostura — repetia Katherine sem cessar.

Ao aceno de concordância de lorde Northwick, o agourento baque seco de tijolos e argamassa elevou-se no ambiente. Só se ouvia o tinir metálico das espátulas em contato com o solo, volvendo a viscosa mistura, acompanhado do arremesso indiferente até esbarrar na superfície dura, numa sucessão lenta e cerimonial de despedida, materializando naquele gesto a temporalidade fria da vida. Quando a placa de mármore foi recolocada no lugar, selando a sepultura, fez-se um silêncio reverente. Katherine sentia-se paralisada; enraizada no chão. Pouco a pouco, as pessoas foram se dispersando, tomando seu rumo. Voltando-se para o seu universo particular, suas próprias vidas... Quando só havia alguns familiares, lorde Northwick achegou-se a Katherine.

— Temos que ir...

Demorando a decodificar o sentido daquelas palavras, Katherine o encarou com expressão aturdida.

— Minha querida, você precisa descansar. Ficar aqui como uma estátua não ressuscitará Margareth — externou com paciência.

Após assentir levemente com a cabeça, Katherine foi amavelmente conduzida por seu pai. Sem se ater a pormenores, Katherine viu-se horas depois em seu quarto. Abrigada entre os macios lençóis, ficou revirando deprimida na cama, sem conciliar o sono. O negrume subjugava seu espírito vergastado. Com os olhos abertos na impenetrável escuridão da noite, pôde livremente verter um mar de salgadas e dolorosas lágrimas ferozmente represadas; abundantes como as provações daquele interminável e exaustivo dia.

O cheiro agridoce do tabaco de charutos cubanos e cigarros turcos permeava os lotados salões do Fifth's. Um zumbido de animadas vozes pairava no ar. Havia um incessante e sedutor movimento de elegantes cavalheiros sobre o encerado assoalho de madeira. A luz dourada e reconfortante dos pendentes de cristal e seus candelabros de prata conferia a luminosidade indispensável às concorridas mesas de jogos. Seus confortáveis sofás de couro marrom estavam abarrotados de nobres senhores, banqueiros e ricos comerciantes da emergente e próspera classe industrial. Todos se deleitavam com os renomados vinhos da adega do clube e seus tradicionais uísques. Ali se discutiam negócios, debatiam-se questões políticas e se conversava sobre os recentes eventos da cidade.

Sentado numa discreta mesa lateral, o marquês de Huntley, Etham Bedford, escutava atentamente a excitada conversa de seus pares, à medida que avaliava as sequências e trincas do jogo de buraco arriadas no tampo quadrado, revestido de camurça esverdeada.

— As apostas andam soltas... Não sei se estão cientes dos falatórios, mas se comenta em alguns círculos que o Sr. Liam Fitzherbert, primo de quinto grau e único neto vivo da tia, pelo ramo paterno, do sexto duque de Melbourne, David Kensington, outrora casado com a falecida duquesa de Melbourne, vem sendo ventilado como o presumível herdeiro de sua incalculável fortuna — disse o conde de Stamford, Louis Hawkes.

Em seguida, falou o barão de Shewsbury, Jamie Wallace, ao baixar duas cartas para completar uma canastra real:

— Será deplorável se isso acontecer... Ele não tem qualquer preparo para assumir esse encargo. Semana retrasada o vi vergonhosamente bêbado no Rules. Sequer conseguia pagar a conta do restaurante... Pelo que eu soube, suas propriedades estão num estado lastimável e é um total desastre na condução de seus negócios.

E prosseguiu o barão de Shewsbury:

— Como o parentesco com o Sr. Fitzherbert é pela sua avó e depois pelo lado da sua mãe, então prima legítima do sexto duque, David Kensington, decididamente não o vejo como o candidato natural.

— Pois para mim o mais cotado é o tio mais novo do sexto duque, o honorável Matthew Kensington... Seria justo ele herdar o título de sua família — raciocinou o almirante Elliot Colchester, enquanto se remexia à procura de uma posição menos incômoda para equilibrar seu corpanzil no assento almofadado de veludo marrom.

— Santo Deus! — interveio o conde de Stamford. — O pobre homem está há anos em cima de uma cama! Como poderá desempenhar as funções que estão atreladas ao título?! Lady Melbourne sempre foi uma mulher sensata, com certeza não admitiria tamanho disparate. Por outro lado, os dois filhos varões morreram na juventude de tuberculose e de varíola e não lhe deram netos. Nem a continuidade futura remanesce a seu favor.

— Não se esqueçam do primo de sexto grau do finado duque pela linhagem de sua tia avó, lady Emily Kensington, que se casou com um membro da família Langdale — conjecturou o barão de Shewsbury. — Se a minha memória não falha, o seu nome é Joshua Langdale e em prol de sua nomeação tem o fato de ser neto pelo filho de lady Emily. É notório que é um indivíduo introvertido, austero e sem herdeiros. Sempre se manteve afastado das solenidades da corte. Pelo que escutei, leva uma vida praticamente monástica em Leicester. Só não sei se seu nome é adequado para exercer uma

responsabilidade dessa magnitude.

Após tantas especulações, o marquês de Huntley decidiu dar sua despretensiosa contribuição ao tema:

— Infelizmente, não compartilho dessas opiniões... Para mim, estão todos enganados... — declarou com calma e segurança. — Essas pessoas não têm a mínima possibilidade de herdar nada!

— Por que diz isso? — perguntou o conde de Stamford sem ocultar o seu irrefreável interesse.

— Porque a duquesa de Melbourne era livre para nomear qualquer pessoa como seu legítimo herdeiro. Se não há, nesse caso, herdeiros legais aptos a reivindicar qualquer direito sobre o ducado de Melbourne e como nenhuma das pessoas anteriormente referidas tinha qualquer proximidade com a finada lady Melbourne, vejo-as como improváveis beneficiados.

— Então, quem seria essa pessoa afortunada? Quem se tornará, por sorte do destino, o sétimo duque de Melbourne?! — interrogou o almirante Elliot Colchester, com sua cabeça urdindo frenéticas maquinações. — Afinal, é factível imaginar que alguém da família venha a ser contemplado.

— Mas os senhores apenas consideraram os homens da família do sexto duque — observou Etham com sagacidade. — Além disso, nada impediria a nomeação de uma mulher para o título.

— Isso é impensável! — objetou rapidamente o barão de Shewsbury. — Somente um homem teria o preparo intelectual necessário para levar adiante a tarefa. Seria um escândalo inominável!

— Concordo inteiramente — acostou-se o almirante Elliot Colchester às palavras do barão de Shewsbury.

Prosseguindo com sua linha de raciocínio, lorde Huntley retrucou com habilidade, ao tempo em que colocava na mesa sua última carta, batendo o jogo:

— Contudo, lady Melbourne era mulher e exerceu com inteligência invulgar a administração dos negócios do ducado de Melbourne, aumentando de maneira expressiva a fortuna herdada, após a morte do seu marido. Disso todos nós somos testemunhas. Logo, é perfeitamente possível o que acabei de dizer.

E continuou bebericando relaxado seu cálice de *brandy*:

— Ademais, qualquer pessoa que tenha conhecido minimamente a duquesa saberia que a opinião alheia seria irrelevante na sua decisão. Seria um erro tolo e imperdoável enquadrar a sexta duquesa de Melbourne na simplória categoria das pessoas convencionais. Por isso, é prudente pensarmos com maior abrangência.

— Admitindo-se o acerto de suas premissas... — concedeu o conde de Stamford a contragosto, pois não era segredo para ninguém a independência e ousadia de lady Melbourne —, suponho que haja algum nome em sua mente capaz de respaldar suas insólitas afirmações — provocou propositalmente, ao saborear um gole do seu copo de uísque.

— Sobre esse ponto, reservo-me o direito de ficar calado — afirmou lorde Huntley com discrição. — Em todo caso, amanhã todos saberão o aguardado desfecho. Só garanto que nenhum dos nomes citados terá chance. Proponho pensarem numa sucessora mulher... Assim, a surpresa será menor! E as probabilidades de êxito, na hipótese de apostas, consideravelmente maiores — alfinetou divertido.

Despedindo-se de seus amigos de carteado, lorde Huntley tinha convicção de que lady Katherine Hartington seria designada a sétima duquesa de Melbourne. Após conhecê-la, entreviu a zelosa teia diligente tecida ao longo dos anos por lady Melbourne no entorno de sua sobrinha. Katherine fora, desde sempre, cuidadosamente talhada para desempenhar a função. Excetuando lorde Northwick e sir

Richard Button, o marquês de Huntley, Etham Bedford, foi a única pessoa em toda a Inglaterra a desvendar de antemão o instigante teor da sucessão hereditária da abastada duquesa de Melbourne.

A divulgação do testamento da sexta duquesa de Melbourne era o acontecimento do ano. Londres fervilhava de curiosidade acerca da identidade do novo e sortudo herdeiro da sua imensurável fortuna. Seguindo fielmente as disposições de última vontade, todos os parentes vivos tinham sido convocados para o anúncio no escritório de sir Richard Button, inclusive Liam Fitzherbert e Joshua Langdale. Ante a impossibilidade de Matthew Kensington se locomover, fizera-se presente o seu representante legal.

Sentados em acolchoadas poltronas arrumadas na sala de reunião, os convidados aguardavam o início da solenidade. Katherine acomodara-se no final da sala. Dali podia observar sem subterfúgios os demais. Liam Fitzherbert não cabia em si de tanta ansiedade. Suas mãos nervosas não paravam quietas. O semblante avermelhado externava sua agitação interior. A despeito dos rumores, estava patente não ter o sujeito qualquer perspectiva de herdar o título, não obstante quisesse ardentemente ser o escolhido, pois suas dívidas ameaçavam reduzi-lo brevemente à miséria. Dirigindo o olhar para a sua esquerda, Katherine passou a analisar Joshua Langdale. Pela expressão pálida e assustada, podia jurar estar o mesmo contando os segundos para fugir dali. Com um acanhamento doentio, cumprimentava as pessoas com os olhos grudados no chão. Decididamente, não possuía a menor aptidão para o cargo. O representante de Matthew Kensington também não denotava alimentar qualquer expectativa concreta com a leitura do testamento. Um tédio protocolar apoderava-se de seus traços refinados. Se o seu cliente não mais administrava o próprio patrimônio, tampouco iria herdar o de terceiros!

Consciente das relevantes implicações daquele dia, Katherine saiu da sombra de dor que a envolvia. Com férrea disciplina, pôs de lado sua infinita tristeza e, embora enlutada, esmerara-se na toalete. O vestido de veludo preto tinha um caimento primoroso. Sua saia rodada disfarçava a cintura avantajada pela gravidez e a parte superior ajustava-se ao corpo, moldando-lhe as curvas sinuosas. Na base do pescoço, havia uma gola de renda de mesma cor, bordado que se repetia nos punhos das longas mangas. Para a ocasião, as joias escolhidas foram a aliança e um conjunto de anel e magníficos pendentes de brilhante, em forma de gota, presenteados por Fahid. Seus sedosos cabelos foram presos num recatado coque à moda espanhola, penteado que realçava o azul-esverdeado de seus lindos olhos. Uma capa de pele e um chapéu arrematavam a indumentária. Katherine era pura sofisticação. A visão fidedigna de uma eminente integrante da nobreza.

Com entonação monocórdia, sir Richard Button abriu a cerimônia. Uma vez lidas as fórmulas e preâmbulos próprios daquele tipo de documento legal, passou a discorrer, com pormenores, sobre os legados constituídos a favor dos empregados da falecida lady Melbourne. Como era previsível deduzir, os principais contemplados foram: o fiel intendente Howes, a Sra. Moore e a Sra. Shaw. Eles foram agraciados com uma generosa renda vitalícia, permitindo-lhes viver bem e sossegados pelo resto de suas vidas. Os filhos de Meredith, Cristine e Melissa foram igualmente lembrados, especialmente as sobrinhas-netas. Seus dotes eram sensivelmente mais aquinhoados, evidenciando a preocupação de lady Melbourne com o futuro delas, num mundo ainda governado pelos homens.

Sequenciando as disposições de última vontade da finada duquesa de Melbourne, sir Richard Button enumerou as doações destinadas a diversas instituições beneficentes, indicando minuciosamente os respectivos valores.

Naquela altura da narrativa, um frenesi característico das grandes revelações tomou conta do ambiente. Por mais que tentassem ocultar, os rostos ansiosos da assembleia contradiziam o que gostariam de aparentar.

Sem se abalar, sir Richard Button prosseguiu na sua prolixa leitura com o mesmo tom enfadonho de antes:

Por fim, manifesto como o mais profundo e acalentado de todos os meus desejos, lamentando sinceramente não poder presenciar este glorioso instante, a nomeação da minha querida sobrinha Katherine Alexandra Mayfield Hartington como a herdeira universal da minha fortuna, sendo-lhe transferido neste ato solene todos os direitos, bens e propriedades inerentes ao ducado de Melbourne, inclusive o respectivo título de nobreza. Como consequência da mais acertada e refletida das minhas decisões, declaro com orgulho inenarrável que a partir desta data seu nome será alterado para Katherine Alexandra Mayfield Hartington Kensington, passando a legitimamente ostentar a digníssima insígnia de sétima duquesa de Melbourne, com todas as honrarias de séculos de história e tradição. Faço saber aos presentes a minha inabalável confiança na capacidade da minha amada sobrinha de desempenhar com brilhantismo e desenvoltura esta proeminente missão.

Esta é a tradução fiel da minha derradeira vontade.

Londres, 15 de novembro de 1847.

Margareth Mary Hawkins Mayfield Kensington

Um silêncio petrificado espalhou-se surdamente na sala de reunião. Nenhum dos presentes aventurou-se a congratular Katherine. A perplexidade dominava os ouvintes. Todos julgaram melhor aguardar o desenrolar dos fatos.

Proclamados os termos do testamento, sir Richard olhou na direção de Katherine, ignorando a desconcertante reação de seus familiares.

— Milady... Por favor, aproxime-se para formalizar a posse da sua herança.

Ao elegante e discreto farfalhar de suas aveludadas saias todos se viraram para Katherine. Ninguém ousava falar. Como se estivessem acorrentados às cadeiras, suas feições incrédulas assistiam à majestosa travessia. A aura de autoridade de Katherine emanava como ondas magnéticas. Era a postura típica daqueles que nasceram para chefiar e liderar. Uma assombrosa transformação testemunhada pela seleta plateia. Katherine sabia estar sendo avaliada nos mínimos detalhes. O que reforçava sua interior determinação de fazer por merecer a confiança que fora outorgada por sua adorada tia. Era o fim do anonimato. Sua vida tornara-se subitamente pública. A partir daquele momento, tudo o que fizesse ou dissesse seria notado e comentado. A extraordinária e repentina ascensão aos mais elevados níveis da estratificada sociedade inglesa também cobraria o seu preço.

— Pode assinar aqui — apontou sir Richard Button.

Sem esboçar qualquer hesitação, Katherine colocou sua assinatura com firmeza em todos os papéis que lhe foram entregues. Concluída a tarefa, sir Richard Button saudou-a com visível satisfação:

— Faço votos de prosperidade e incomensurável sucesso à duquesa de Melbourne. Será uma honra servir à Vossa Graça.

— Obrigada... Sempre tive certeza do seu irrestrito apoio — meneou Katherine ligeiramente a cabeça em sinal de agradecimento.

A atmosfera continuava tensionada. O silêncio opressor persistia. Se um objeto tombasse descuidadamente no chão, seria prontamente percebido no recinto.

Pressentindo o aguardado instante de se pronunciar, o conde de Northwick levantou-se da cadeira com orgulho e admiração transbordando em seu rosto, ante a desenvoltura de Katherine de enfrentar com altivez e nobreza a gélida indecisão familiar que, lamentavelmente, beirava a descortesia. Parando defronte a sua filha, curvou-se numa irretocável mesura.

— É com indescritível alegria que parabenizo a sétima duquesa de Melbourne, Katherine Alexandra Mayfield Hartington Kensington. Vossa Graça detém as qualidades essenciais para este nobre encargo. Estou exultante com a escolha da saudosa sexta duquesa de Melbourne, Margareth Kensington.

O reconhecimento do conde de Northwick teve o milagroso efeito de desanuviar o ambiente. A sua anuência ao testamento era a senha aguardada pelos demais parentes. Gradativamente, um burburinho foi se alastrando e uma fila de cumprimentos formou-se em poucos segundos. Sua família parabenizava Katherine num contentamento estarrecido.

Amparada pelos solidários braços de sua dileta filha Cristine, lady Northwick a muito custo sustentava-se em pé. Inadvertidamente, os fatos mais escandalosos sempre perseguiam Katherine. Os desdobramentos do testamento exigiam detida reflexão. Enquanto isso, uma dor de cabeça lancinante a atacava, impedindo-a de raciocinar. Com dificuldade, dirigiu-se até Katherine:

— Impressiona-me a sua aptidão de me deixar sem palavras... Sem dúvida, também a herdou de Margareth — declarou com ironia. E emendou: — A semelhança de vocês duas me assusta.

— Compreendo... — respondeu Katherine indulgente. — Sei que tudo isso é um tanto difícil de assimilar, mas acabará se acostumando com essa nova arrumação das coisas.

Tentando amenizar a situação, Cristine felicitou exultante:

— Decisivamente, você é a pessoa ideal para dar continuidade ao trabalho desenvolvido por tia Margareth. Sempre foram muito parecidas!

— Obrigada — retribuiu Katherine com um abraço afetuoso.

Quando os presentes se dispersaram, Katherine foi procurar sir Richard Button para lhe agradecer a incondicional ajuda. Como aconselhado por sua tia no leito de morte, fixaria residência em Fairmont, distanciando-se de Londres por um tempo. A quietude e o sossego da vida no campo seriam muito bem-vindos. Precisava de paz e tranquilidade na sua gravidez e Londres seria o último lugar na face da Terra onde conseguiria isso!

Antes de se encaminhar para a saída do escritório, aproximou-se de Cristine que conversava com Melissa. Sem perceber a presença de Katherine, Melissa prosseguiu com suas maliciosas insinuações:

— Agora entendo a razão de tanta dedicação... Aquela preocupação exacerbada... Também pudera, uma recompensa dessa ordem! Não é todo dia que se herda um título de duquesa!

Notando a fisionomia consternada de Katherine, Cristine tentou desviar o foco da conversa.

— Melissa, vamos embora... Depois conversaremos com calma...

Sem querer interromper o assunto, continuou Melissa mordaz, transpirando de inveja:

— Se eu soubesse que o prêmio era esse, por certo não teria medido esforços em cuidar de tia Margareth.

— Não diga uma bobagem dessas! — contrapôs-se Cristine, branca como uma vela, ao ver a raiva toldando as feições de Katherine.

— Não se preocupe, Cristine — falou Katherine às costas de Melissa, pegando-a de surpresa.

Recompondo-se rapidamente do susto, Melissa tentou remediar a situação, com o seu admirável instinto de sobrevivência social. De fato, poucos conseguiriam ser tão dissimulados.

— Ohh! Não a vi se aproximar... Eu estava comentado com Cristine que seus esforços foram devidamente retribuídos... — externou com candura e cortesia incomuns.

Controlando o ímpeto de esbofetear Melissa, Katherine respondeu com glacial educação e desprezo evidente em sua voz:

— Não julgue as pessoas por você. Pelo menos respeite a memória de tia Margareth — sem mais palavras afastou-se, deixando Melissa chocada com a sua resposta.

Previamente informada do aglomerado de jornalistas na porta do escritório, Katherine saiu do prédio cercada por uma pequena multidão. A nova duquesa de Melbourne convertera-se no assunto do ano para a sensacionalista imprensa britânica. Evitando declarações oficiais, Katherine dirigiu-se em passo acelerado para a carruagem, com o brasão do ducado, que esperava estacionada defronte. Não queria acalentar comentários indesejados. Quanto menos falasse, melhor! Não adiantava explicar o inexplicável, ponderou com sabedoria.

Apesar dos esforços, no dia seguinte todos os jornais da Inglaterra publicaram a novidade, estampando a estonteante imagem de corpo inteiro da sétima duquesa de Melbourne, trajada como convinha a uma ilustre integrante das mais antigas e distintas dinastias da nobreza inglesa, seguida da descrição meticulosa de seu vestido e de sua sucinta biografia, despertando no íntimo dos que a ignoraram acintosamente desde o seu emblemático regresso o irreparável equívoco de seus precipitados e arrogantes julgamentos.

CAPÍTULO 18

Chovia torrencialmente ao longo da estrada para Fairmont. Gotas pesadas de água embaçavam as envidraçadas janelas do coche, simbolizando as incontáveis lágrimas de pesar, dolorosamente derramadas pelos que viviam sob a proteção do ducado de Melbourne. A morte de lady Melbourne repercutia por todos os lados. Nas portas das casas, fitas negras foram penduradas e era usual ver várias famílias vestidas de preto, numa autêntica manifestação de luto. Um sentimento genuíno de perda fez eclodir diversas homenagens em memória da falecida duquesa, não apenas nas redondezas do condado de Derbyshire, como também em Londres, compreendendo desde a aposição de um busto de bronze na praça em frente a sua residência à celebração de missas diárias na Abadia de Westminster.

A carruagem reluzente e negra, com a nobre insígnia dourada dos Kensington e seus oito corcéis negros, avançava com velocidade, despertando a atenção dos que se aventuraram a enfrentar aquela tarde chuvosa e plúmbea. A presença da nova duquesa era ansiosamente aguardada em Fairmont. Todos queriam congratulá-la. Superado o impacto inicial com a notícia da nomeação de sua sobrinha, um sincero alívio recaiu sobre seus habitantes. Agora sabiam que o legado de lady Melbourne fora adequadamente transferido e perpetuar-se-ia nas gerações vindouras. Recostada no banco de couro, Katherine sentia-se envolvida numa neblina opaca e densa. Em silêncio, contemplava fixamente o desmanchar dos céus, banhando a terra inerte como se quisesse diluí-la naquela aquosidade sem fim, numa eloquente evidência do quanto a natureza podia ser implacável. Quem sabe, pensou Katherine esperançosa, aquele dilúvio não era o prenúncio de um lindo renascer! Um literal divisor de águas entre o passado e o futuro. O ininterrupto badalar dos sinos da igrejinha do povoado e da capela de Fairmont anunciaram a sua esperada presença.

Após a tradicional inspeção oficial à criadagem, seu primeiro ato protocolar na condição de duquesa, o qual cumpriu com a máxima diligência, Katherine se permitiu andar aleatoriamente pelos cômodos de Fairmont. Sem esboçar pressa, seguiu vagarosamente por seus salões escuros e desertos... Num solitário reencontro de emoções passadas, no entanto, contraditoriamente reais. A cada reentrância, uma recordação. Imagens vívidas de saudosos momentos. De um tempo confortavelmente feliz que se desejava intocado e eterno, embora atualmente apenas sobrevivesse nas suas nostálgicas lembranças. Personagens e sentimentos esvaecidos pelo vento... Levados pela fluidez invencível dos anos, dissipando-se no vazio indiferente da fria realidade. Uma sala, depois a outra... Numa espécie de procissão silenciosa de dor, Katherine prosseguia resignada em sua pausada cadência... Um passo, a seguir o outro...

Livre dos olhares estranhos, Katherine entregou-se a sua interior despedida. Ela tinha plena consciência do quanto precisava daquele instante. Só e unicamente seu. Sem a interferência de outras vozes, ainda que fossem vozes queridas. Não havia premeditado nada. Todavia, a oportunidade materializara-se diante de si, permitindo-lhe extravasar os sentimentos sem anteparos sociais. Havia

naquilo tudo uma profunda reverência e gratidão infinitas... Devia a sua tia a vivência do amor proteção, aconchego de todas as horas, e a sabedoria de apreciar os singelos instantes da efêmera existência.

De repente, Katherine avistou na sala de visitas o quadro pintado por monsieur Bousquet. Era o retrato de uma jovem autoconfiante, aristocrática e bela. Nos expressivos olhos azul-esverdeados entrevia-se uma chispante faísca de desafio, denotando a força de seu caráter. No entanto, Katherine não mais se reconhecia naquela imagem... Quantas certezas haviam desaparecido... Quantas coisas que julgava até então impossíveis se concretizaram... Sob certa medida, sentia como se aquilo tudo pertencesse a outra vida. O que não deixava de ser verdade! Era tudo tão radicalmente diferente quando estava com Fahid...

Atravessara mares, percorrera montanhas, desafiara os limites da razão ao se deixar levar pelo deslumbramento da paixão. Descobrira o amor nas condições menos prováveis. E mesmo separados fisicamente, Katherine sentia-se emocionalmente ligada a Fahid. Por mais disparatado e ilógico que pudesse parecer, Katherine intuía que o elo entre eles permanecia intocado. Duradouro e inexplicavelmente eterno. Suas almas falavam-se sem palavras, na compreensão silenciosa dos corações fragmentados pela ventania da ausência. Bastava fechar os olhos para senti-lo ao seu lado.

Um leve pigarrear às suas costas interrompeu seus pensamentos. Virando-se assustada, Katherine deparou-se com o sisudo Howes. A seriedade permanentemente fincada em sua expressão estava mais pronunciada. Nunca o vira tão compenetrado. Seu sofrimento pelo falecimento de lady Melbourne não só estava externado na braçadeira preta, como no rosto abatido.

— Milady... desculpe a intromissão, mas precisava muito lhe falar.

— Ohh... Não se preocupe. Somente estava distraída e não o escutei entrar — justificou-se, tentando ocultar seu embaraço por ter sido apanhada em reflexões românticas. — Em que posso lhe ser útil? — questionou, restabelecendo o equilíbrio interior.

E prosseguiu:

— Ainda não tinha tido a chance de conversarmos, mas quero que saiba do meu contentamento com as justas deliberações testamentárias de lady Melbourne a seu respeito. Já decidiu onde pretende fixar residência?

— A propósito, o motivo da conversa é justamente esse... — começou Howes vacilante, enfatizando com o olhar a gravidade das suas palavras.

— Pois estou inteiramente à sua disposição. Caso se faça necessário, posso solicitar a sir Richard Button uma visita a Fairmont para auxiliá-lo, como também aos demais, na elucidação de eventuais dúvidas e trâmites burocráticos para a liberação das respectivas herdades — adiantou-se Katherine solícita, sem alcançar as verdadeiras intenções de Howes.

Temendo parecer ingrato, Howes contorcia com discrição as mãos, evidenciando naquela atitude seu nervosismo. Reunindo toda a coragem de que dispunha, achou por bem encarar a questão, sem rodeios ou floreios.

— Primeiro, gostaria de enfatizar a minha gratidão pela deferência de lady Melbourne de amparar não só a mim, como a todos os que a serviram em vida. Sem se falar na gentileza de milady em pretender nos ajudar nessa nova fase.

E respirando fundo, continuou contrito e solene:

— Por outro lado, milady também é testemunha das décadas que vivi abrigado na solidez dessas paredes centenárias. Com o perdão do exagero, sinto-me parte indissociável de Fairmont... De tudo o

que representa... É como se as raízes da minha existência tivessem sido fincadas nesta vastidão verdejante e ondulada. Não consigo me imaginar vivendo longe... Por isso, vim oferecer meus serviços e minha irrestrita lealdade a milady.

— Desculpa... Entretanto, penso que entendi alguma coisa errada... Poderia repetir o que acabou de dizer? — indagou Katherine incrédula.

— Embora possa soar estranho, não desejo partir. Para ser honesto, provavelmente não me adaptaria em outro lugar — disse Howes constrangido. — Sempre morei em Fairmont e, caso milady consinta, gostaria de passar o resto de meus dias aqui.

Abismada com a sua eloquência, Katherine disse com delicadeza, na tentativa de lhe mostrar outros enfoques da questão:

— Eu sei que as mudanças nem sempre são fáceis... mas você agora detém recursos financeiros suficientes para viver confortavelmente. Não precisa mais trabalhar! Sei o quanto gosta daqui, nós também apreciamos imensamente sua presença, mas brevemente se adaptará em outro local. Fará novos amigos e recordar-se-á de Fairmont como um tempo igualmente feliz da sua vida.

— Lamento desapontá-la... — asseverou Howes desolado, contendo-se graças à rígida disciplina adquirida em anos de treinamento —, porém a minha vida perderia o sentido... Nunca me perdoaria se a abandonasse à própria sorte em Fairmont. Se outra pessoa tivesse herdado o título, confesso que eu avaliaria com outros olhos as determinações de lady Melbourne.

— Santo Deus! — murmurou Katherine estarrecida com o absurdo da situação. Tantos dariam a vida por aquela oportunidade.

Depois de uma pausa, continuou:

— Se essa é a sua vontade, não me oporei. Não vou forçá-lo a nada. Isso está fora de cogitação. Somente reitero que você é um homem inteiramente livre para partir quando desejar. Não pretendo ser um entrave aos seus projetos pessoais.

— Não sei como lhe agradecer — respondeu Howes imediatamente radiante.

E emendou com um sorriso de um canto a outro dos lábios:

— Tem mais uma coisa...

— Sim... estou a ouvi-lo! — disse Katherine, crente de que nada mais a surpreenderia naquele dia.

— A Sra. Moore e a Sra. Shaw compartilham semelhantes angústias e pediram para eu interceder a favor delas.

— Virgem Santa, vocês perderam o discernimento...

Ciente da inutilidade de contra-argumentar, Katherine concordou com um balançar de cabeça, mas impôs uma condição:

— Fiquem o quanto julgarem ser conveniente. Em compensação, pretendo que treinem outros criados do castelo para no futuro desempenharem as respectivas funções. Assim, caso decidam se afastar estará tudo devidamente repassado. Acredito que, dessa forma, conciliamos todos os interesses. Quanto à Srta. Cecilla Mendoza, a partir desta data ela será a minha camareira. Ressalto que eu continuarei a chamá-la pelo primeiro nome. Não me habituaria a tratá-la formalmente pelo sobrenome, como seria tradicionalmente exigido em razão da sua nova posição, na hierarquia de Fairmont. Alguma objeção a esses termos?

— Não, milady! Isso é realmente tudo o que sempre sonhamos para nossas vidas.

O colorido vibrante dos tons primaveris embelezavam os campos de Fairmont. Finalmente, o frio inclemente foi cedendo espaço e sendo pouco a pouco substituído por um calor aprazível. Impossibilitada de cavalgar há vários meses, Katherine não resistiu à tentação de andar pelos arredores. Necessitava sentir com urgência o contato revigorante da natureza. Tomando a trilha lateral do jardim, seguiu em direção à fonte, com seus belos espelhos d'água, e depois percorreu com disposição o caminho que levava até a floresta, raramente usado pela criadagem e pelos aldeões. Há muito tempo que não passeava por aqueles lados. Andando distraída, Katherine apreciava maravilhada o suave contato do frescor úmido do bosque em suas faces. De repente, impressionou-se ao avistar um casebre um pouco além dos limites da propriedade.

Mesmo distante, era possível notar a fumaça que se desprendia da rústica chaminé. Uma incompreensível curiosidade tomou conta de Katherine. Quem vivia naquele lugar? Por mais que forçasse a mente, não se recordava de ninguém que morasse por aquelas paragens... Pelo aspecto, era uma construção bastante antiga, como se podia deduzir do limo incrustado nas reentrâncias das pedras gastas e da madeira corroída. Não se recordava de tê-la visto antes, nem quando desbravava com suas brincadeiras infantis cada buraco e amontoado de terra das redondezas. Aquele enigma deixou Katherine mais intrigada.

Ao invés de voltar, como seria prudente, Katherine avançou até o local onde se situava a choupana. Suas pernas, por algum motivo inexplicável, pareciam ter vontade própria. De perto, verificou que, embora pobre, era muito bem cuidada. O pequeno jardim era um primor e o chão tinha indícios de ter sido arado recentemente. Embora tivesse certeza de que alguém morava por ali, nenhum som confirmava essa sua impressão. Somente o tremular das folhas nas copas das árvores sobrelevava-se na quietude da paisagem. A luminosidade prismática e difusa que se infiltrava pelas frestas da encorpada vegetação criava uma atmosfera sobrenatural, instigando-a a prosseguir adiante, na fronteira da inconsciência, num misto de medo e inquieta determinação.

Sem se dar por satisfeita, Katherine rodeou a modesta construção e continuou andando, margeando o quintal. Ao alargar o campo visual para um canto encoberto pelas escuras sombras da mata, localizou uma velha senhora de cabelos grisalhos e bastante encurvada pelo peso de seus muitos anos, entretida na ancestral arte de cultivar plantas medicinais. Ajustando os olhos à claridade, Katherine observou que aquela silhueta carcomida pelo tempo lhe era de algum modo familiar, embora um raio de luz ofuscasse a sua figura, impedindo-a de discernir seus traços. Vasculhando a memória no intuito de encontrar algo que pudesse revelar sua identidade, Katherine contemplou-a parada.

De súbito, o reconhecimento cintilou no seu semblante. O espanto fez Katherine descuidar dos procedimentos básicos para locomoção segura em terrenos acidentados. Por um triz, não torceu o tornozelo, ao afundar o pé numa imperceptível depressão, camuflada por gravetos secos. Um grito involuntário escapou da sua garganta, chamando a atenção da anciã.

Denunciada a sua presença, Katherine encurtou a distância que as separava, com relativa agilidade, e a cumprimentou em tom de grata surpresa:

— Bom dia, Trinity! Perdão pela minha inesperada aparição. Não é do meu feitio vir sem avisar... A última coisa que desejo é atrapalhá-la nos seus afazeres.

A velha senhora abriu um caloroso sorriso ao identificar quem se aproximava.

— Hoje é um dia especial... — disse com sua voz pacífica, enquanto limpava as mãos sujas de terra na saia desgastada pelo uso. — Que bons ventos trazem milady?! Posso ajudá-la em alguma coisa? — indagou solícita, revelando em suas faces enrugadas a alegria do reencontro.

— Eu apenas estava passeando e avistei esta construção — explicou Katherine apontando para o casebre. — Não me recordava de a senhora morar nos limites de Fairmont. É uma grande satisfação revê-la depois de tantos anos!

— Quando se é criança o tamanho e a distância das coisas parecem muito maiores do que efetivamente são... Posso lhe oferecer uma xícara de chá? — perguntou com humildade, ante a simplicidade da sua residência. Não queria constranger a atual duquesa com aquele convite.

— Eu adoraria saborear um de seus chás — garantiu Katherine com sinceridade. — Principalmente depois desta caminhada. Uma pausa será muito bem-vinda!

E continuou com jovialidade:

— Fico satisfeita com sua plena recuperação da pneumonia. Fiquei muito apreensiva no período em que esteve internada.

— Sem milady, eu não estaria hoje aqui.

— Não diga isso... Dr. White foi decisivo no seu restabelecimento. Sua gratidão deve ser devotada inteiramente a ele!

Ao penetrar na agradável casa, a admiração de Katherine ganhou novos contornos. O zelo exterior reproduzia-se de forma ainda mais efetiva nos cômodos internos. Cortinas, mantas e toalha de mesa delicadamente bordadas enfeitavam o ambiente. A cozinha era arejada e limpa, com as panelas de ferro organizadamente dispostas sobre prateleiras próximas ao fogão. Sentando-se ao redor da mesa de refeições, Katherine acompanhava com o olhar hipnotizado o preparo da bebida fumegante. Uma fatia de bolo também lhe foi servida. Uma calma harmoniosa envolveu-a, aplacando a tristeza daqueles meses de sofridas perdas e infindável solidão. A paz reinante daquele mágico lugar alcançou seu espírito, fazendo-a relaxar, pondo de lado as atuais cautelas, cuidadosamente edificadas desde que voltara para a Inglaterra.

Enquanto se compraziam com o adocicado e leve sabor do chá de jasmim, a Velha Trinity indagou com casualidade:

— Como vai o bebê? Pelo que posso perceber deve estar com quase cinco meses...

Ainda que momentaneamente chocada com a pergunta, Katherine concluiu ser apropriado responder com naturalidade. De nada adiantaria fugir do assunto, tampouco fingir que havia algum equívoco. Seria uma arrematada tolice tentar enganá-la.

— Está crescendo às mil maravilhas — disse tocando com carinho a barriga, diligentemente ocultada pela saia rodada. — Há duas semanas senti seu primeiro movimento — confidenciou feliz. Excetuando Cecilla, Katherine não conversava sobre sua gravidez com ninguém. Por isso, sentiu-se agradecida por falar abertamente sobre o assunto com outra pessoa. Ela pressentia que a idosa mulher compreendia suas emoções.

E prosseguiu, mirando-a nos olhos:

— Não vejo a hora de ter meu bebê nos braços, a despeito de estar tensa com a hora do parto.

— A natureza é sábia... Tudo transcorrerá sem incidentes — garantiu a anciã com segurança. — Apenas fique atenta aos sinais do seu corpo. Quando o momento chegar, Dr. White certamente a assistirá adequadamente.

Antevendo a chance de esclarecer as estranhas e antigas predições da Velha Trinity sobre o seu

nebuloso futuro, Katherine externou:

— Não raras vezes rememoro as palavras que pronunciou antes de deixar o ambulatório...

E continuou com voz de alguém momentaneamente transportada ao passado:

— Em que pese o meu ceticismo com essas questões, de uns tempos para cá a sua profecia começou a fazer algum sentido para mim... *"Duas vidas numa única vida"*. Seja como for, de uma coisa eu estou convicta: a minha vida na Inglaterra sobrepujou a minha outra vida — disse Katherine, sem disfarçar a melancolia que queria devorá-la.

— Posso olhar novamente suas mãos?

Sem pestanejar, Katherine atendeu-lhe o pedido. Num monótono gesticular, a anciã percorria com o dedo indicador as intricadas linhas das suas mãos. Uma mistura de perplexidade e dúvida sobressaía do rosto concentrado. Sem querer atrapalhar, Katherine manteve-se pacientemente calada.

— Perdoe-me novamente a falta de clareza, mas tudo permanece indefinido... — começou a discorrer a idosa senhora com expressão encafifada. — As duas linhas continuam paralelas. Na verdade, esse ponto da sua vida não foi ultrapassado! Ainda há muita coisa a ser vivida... A intersecção está longe de se concretizar.

— Talvez eu continue sem entender o alcance de suas palavras... — concedeu Katherine confusa. A única certeza era que sua vida ao lado de Fahid tinha chegado irremediavelmente ao fim. Vivia agora na Inglaterra e pronto! Ele estava casado com Amira e ela tentava viver sua vida da melhor forma possível. Desejando desviar o foco da conversa para assuntos mais aprazíveis, Katherine indagou:

— A senhora sempre morou no condado de Derbyshire?

— Não... Eu nasci na Escócia e vivi a maior parte da minha vida nos arredores de Inverness. Infelizmente, minha família foi obrigada a deixar minha terra natal, por conta das perseguições católicas às sacerdotisas druidas. Minha avó era muito conhecida, de modo que fomos forçados a fugir diversas vezes.

— Agora compreendo a sua opção pelo isolamento. Como também a sua habilidade com ervas e plantas...

— Apenas decidi ficar longe de quem me deseja longe — explicou a Velha Trinity com sabedoria, ao recolher os pratos vazios da mesa.

Sensibilizada por sua solitária trajetória, Katherine comprometeu-se em atenuar tamanha injustiça. Sabia, por experiência própria, como era cruel ser estigmatizada. Desde então, uma cesta com mantimentos era regulamente entregue na humilde casa e inúmeras encomendas de emplastros medicinais e chás terapêuticos para as dependências de Fairmont passaram a ser feitas à idosa senhora.

Lady Northwick demorou semanas para assimilar a nomeação de Katherine como a sétima duquesa de Melbourne. Nesse intervalo, permaneceu em Londres para se inteirar da receptividade, nos círculos em que transitava, do testamento de sua irmã. E, para seu deleite, o status atualmente ocupado por Katherine fez dissipar a hostilidade instaurada em razão da sua misteriosa volta à Inglaterra. Isso a tranquilizou sobremaneira, permitindo avaliar seus efeitos sob outros ângulos. Ao

menos, não haveria mais necessidade de encontrar um marido para Katherine! Após a herança, isso perdeu a relevância. O que tornava tudo bem mais simples.

Em seu íntimo, a condessa de Northwick pressentia ter chegado a hora da adiada conversa com sua filha. Não podia mais protelar, fazer de conta que nada acontecera. Precisava estabelecer uma trégua, apaziguando os ânimos. Afinal, aquela animosidade não era benéfica para ninguém. Somente contribuía para alimentar comentários maledicentes e a última coisa que queria era piorar a chamuscada reputação de Katherine. Por isso, a primeira providência ao pisar no condado de Derbyshire foi seguir para Fairmont.

Enquanto aguardava na sala de visitas, lady Northwick foi atraída pelo quadro pintado por monsieur Bousquet. A data assinalada na pintura era a prova definitiva do elaborado e antigo plano de sua irmã Margareth de nomear Katherine sua herdeira universal. Aquilo a aborrecia terrivelmente. Respirando fundo, para restabelecer o equilíbrio interior, a condessa finalmente se acalmou, apesar da confirmação de suas suposições.

Disposta a perdoar a falta de confiança de sua irmã e a conivência inconteste de sua filha, lady Northwick estampou um sorriso ao saudá-la:

— Boa tarde, Katherine! Desculpe interrompê-la nos seus afazeres, mas acho que ainda temos alguns pontos relevantes pendentes...

Aproximando-se com passos mais ágeis do que o usual, Katherine retribuiu com idêntica receptividade ao dizer:

— Eu não sabia que havia chegado de Londres. Senão eu mesma a teria visitado em Greenfield House — mal acabara de pronunciar tais palavras e uma tontura debilitante invadiu o corpo de Katherine, deixando-a literalmente sem forças. Nunca sentira nada semelhante antes. O mundo gradativamente se desfazia em variados tons de cinza, preenchendo de negro tudo ao redor.

— Você está se sentindo bem? Que palidez é essa? — indagou lady Northwick, alarmada com a aparência descorada do rosto de sua filha.

— Preciso me sentar... Tudo está desaparecendo... — externou num murmúrio rouco. Por sorte, alcançou o assento da poltrona mais próxima, antes de a escuridão toldar-lhe os sentidos.

Intuindo o iminente desmaio de Katherine, lady Northwick gritou por socorro. Num estalar de dedos, Howes materializou-se e logo compreendeu a gravidade da situação. Com o auxílio de um lacaio, carregaram Katherine até seu quarto. Aperreada, a condessa mandou chamar imediatamente o Dr. White. Katherine sempre desfrutara de uma saúde de ferro. Nunca foi dada a doenças ou achaques. O que tornava aquela reação ainda mais inusitada; completamente fora da normalidade.

Após ser gentilmente depositada na cama, Katherine foi pouco a pouco recuperando a consciência. Demorou alguns segundos para entender o que lhe sucedera. Os olhos assustados de sua mãe confirmavam a sequência dos fatos que lhe vinham à mente.

— Graças a Deus, você despertou! — exclamou a condessa com tom preocupado. — Dr. White não tardará em examiná-la.

— Não será necessário. Pode ficar tranquila, porque agora estou me sentindo bem melhor... — afirmou Katherine com excessiva segurança para uma pessoa que acabara de acordar de um desfalecimento.

Ao tentar se erguer da cama, sua mãe rapidamente objetou:

— Nem se atreva a levantar! Você não abandonará esta cama até o Dr. White descobrir a causa deste inexplicável mal-estar. Isso não é normal. Não podemos disfarçar e fazer que nada aconteceu.

Antes de poder contra-argumentar, Howes anunciou a presença de Dr. White. Sem titubear, lady Northwick relatou detalhadamente o contexto e deixou o quarto para que sua filha pudesse ser adequadamente examinada.

Na antessala, os ponteiros do relógio se arrastavam. Pelos cálculos de lady Northwick, a consulta com o Dr. White se estendia por quase uma hora. Uma forte pressão nas têmporas deixava-a inquieta, anunciando adversidades. Quando o médico saiu do quarto, a condessa o interpelou sem cerimônia, com o coração aos saltos:

— Por favor, não me esconda nada. Estou tão angustiada... É muito sério o estado de saúde de Katherine? Nunca a vi desmaiar antes... Sempre fora forte e saudável — disparou sua mãe, sem conter o nervosismo.

— Não fique aflita. Está tudo bem com lady Melbourne e o bebê. Foi apenas uma vertigem sem maiores consequências. Possivelmente, causada pelo excesso de trabalho. Já determinei repouso pelos próximos três dias. E se tudo transcorrer como previsto poderá retornar às suas atividades diárias, desde que seja num ritmo moderado. De qualquer forma, ministrei um calmante para que pudesse relaxar. Provavelmente, dormirá pelas próximas horas. Não há nada de errado com a saúde de sua filha, isso eu posso lhe garantir! Tudo indica que a gestação se dará sem incidentes.

A essa altura da explicação, a condessa não ouvia mais nada.

Somente o seu cultivado traquejo social permitiu que continuasse fitando educadamente a fisionomia de Dr. White, conferindo a falsa impressão de que o escutava com atenção, e transparecendo alívio diante de seus didáticos esclarecimentos. Mas, em seu íntimo, apenas reverberavam as palavras "bebê" e "gestação". Milhares de perguntas surgiam atropelando umas às outras. Como aquilo seria possível? Desde o seu regresso, tinha absoluta convicção de que sua filha não se encontrara furtivamente com ninguém que pudesse ser considerado o pai daquela criança. Praticamente, ficara reclusa em casa e não fora vista com nenhum homem em atitude comprometedora. A única justificativa plausível é que aportara grávida na Inglaterra! Premissa que arruinava tudo. Um filho, sem pai. Isso era impensável até mesmo para uma duquesa!

Arrasada com o repentino desencadear dos fatos, lady Northwick vagueou pensativa, envolta em inconformada perplexidade. O sono plácido de sua filha contrastava com o tumulto interior vivido por sua mãe. Se ao menos Margareth estivesse viva... Sem dúvida, ela poderia desvendar esse mistério, até porque fora a responsável por descobrir o paradeiro de Katherine! E uma coisa estava intrinsecamente ligada à outra. Quanto a este ponto, estava convencida. E justamente agora, quando tudo tinha se resolvido satisfatoriamente, um novo escândalo envolvendo Katherine estava prestes a eclodir, queixava-se sua mãe, abatida com aquela total falta de sorte.

Esgotada de andar a esmo pelos corredores, a condessa sentou-se defronte à penteadeira do quarto. De imediato, seu olhar foi magnetizado pelo inigualável bracelete de diamantes rosa. Não se lembrava de ter visto sua irmã com nada igual. Como era belo! Sem resistir à tentação de tocá-lo, ela segurou a vistosa peça entre as mãos. De repente, entreviu em seu interior uma inscrição e ficou boquiaberta com o seu conteúdo, bem como por estar gravado em inglês e num alfabeto de origem desconhecida. Era uma verdadeira declaração de amor!

Somente um homem profundamente apaixonado e extremamente rico, daria uma preciosidade daquela... — pensou lady Northwick, intrigada com o nebuloso passado de Katherine. Quanto mais ele emergia, menos compreensível se apresentava.

Impulsionada pelo enigma que a atormentava, levantou a tampa da caixa de prata a sua frente. Em

seu interior havia uma verdadeira fortuna em colares, anéis, brincos e pulseiras; algumas peças tinham um desenho inusual. E nada daquilo pertencera a sua irmã Margareth! Vira suas joias incontáveis vezes e nenhuma delas fazia parte do seu acervo.

Quem dera aquele tesouro para Katherine? Por que sua filha não se casara com esse homem? Certamente, esse só poderia ser o pai de seu filho. Que outros segredos existiriam? Isso ao menos explicava a razão de ter ficado tanto tempo longe da Inglaterra! Só não compreendia o motivo de não ter entrado em contato com sua família.

Sem pressentir a aproximação, Cecilla concretizou-se ao seu lado. Ao encará-la, lady Northwick teve a confirmação de que precisava.

— Você o conhece, não é? — indagou, mais pela necessidade de falar alguma coisa do que pelo teor da resposta. Era estranho... Porém, em situações como aquela, as palavras não passavam de meras formalidades.

— Sim — anuiu Cecilla, assentindo com a cabeça.

— Como também jamais me revelará a sua identidade — asseverou a condessa sem qualquer esperança em sentido contrário.

— Perdão, milady... Contudo, não posso dizer nada... — justificou-se Cecilla, constrangida diante da dor que presenciava. Nunca julgara ser capaz de sentir pena da condessa de Northwick.

— Compreendo... — verbalizou num sussurro derrotado.

E prosseguiu num doloroso lamentar, com os olhos brilhantes das lágrimas represadas:

— Eu percebi que algo estava fora do lugar desde o instante em que a reencontrei em Londres. Não era mais a mesma pessoa... Havia uma espécie de força inquebrantável antes inexistente, comum em sobreviventes de trágicas rupturas emocionais. Só que eu atribuí essa minha impressão ao naufrágio... — disse enquanto enxugava com movimentos bruscos uma lágrima indefesa. — Em que pesem as nossas dificuldades de convivência, a minha preocupação sempre foi garantir o seu futuro, protegendo-a de um destino atroz. A sociedade não é complacente com as mulheres... Não nos é dado o direito de escolher livremente o nosso caminho. Mas Katherine sempre reagiu ferozmente a essa realidade.

Tentando amenizar aquela tristeza, Cecilla disse penalizada:

— Se isso puder servir de consolo, esta gravidez foi profundamente acalentada por sua filha. Pode ter certeza de que milady nunca teria partido se não fosse compelida pelas circunstâncias. O mesmo posso assegurar sobre o pai desta criança. Indiscutivelmente, amavam-se com devotada paixão. E apesar de ser dispensável qualquer prova, ao colocar os pés na Inglaterra, testemunhei o quanto milady estava disposta a abrir mão para poder viver esse amor.

— Entretanto, parece que esse infinito amor está prestes a destruí-la...

E caminhando em direção à porta, Cecilla respondeu com candura e gentileza:

— E quantos não são os que passam a vida inteira sem ter a remota noção do que isso realmente significa e não dariam em troca a própria vida para experimentar, ao menos uma vez, essa emoção?

Lady Northwick intuía que tudo nesta vida tinha a sua hora e seu lugar. Agir no auge das emoções era algo que aprendeu a evitar. Nunca levava a bons termos. Invariavelmente, agravava o contexto,

transformando o ruim em irreversível desastre. Por isso, protelara o quanto pôde aquela penosa conversa com seu marido. Enfim, na véspera, recebera a carta com as notícias de Londres que reiteravam o acerto da sua atual linha de atuação. E ao que tudo indicava, Deus atendera suas incontáveis e desesperadas preces. Isso lhe dava ânimo para afrontar o acesso de fúria a sua frente, sem se intimidar com aquele descontrole tão tipicamente masculino, próprios de tais situações.

— Você acabou de me dizer com essa inexplicável naturalidade que Katherine está grávida?! — descompensou-se o conde aos gritos, bradando com os braços para o alto. — Como isso pôde ter ocorrido?! Katherine não está saindo com ninguém desde que retornou à Inglaterra. Não foi a recepções, concertos, nada que permitisse encontros furtivos — ponderou na vã tentativa de driblar a realidade. — Eu vou matar esse miserável se ele não se casar com minha filha! — prometeu colérico, socando brutalmente o tampo de madeira do escritório, num baque ensurdecedor.

— Katherine regressou grávida à Inglaterra — revelou a condessa de Northwick sem se alterar.

— C-o-m-o?! — questionou o conde, atônito.

— Isso mesmo que você escutou.

Após uma pausa, lady Northwick deu vazão aos acontecimentos:

— Katherine está com a gestação bastante adiantada. Ela escondeu seu estado físico todo esse tempo de nós. E até onde eu consegui aferir, nada a demoverá da ideia de preservar o nome do pai da criança.

— Mas isso é um completo absurdo! Nunca ouvi tamanha sandice — desesperou-se o conde. — Katherine não tem o direito de omitir uma informação dessa gravidade da sua família, sobretudo quando isso repercutirá sobre todos nós!

— Conhecendo Katherine como eu a conheço, esse comportamento não me surpreenderia. Inclusive, penso ser a decisão mais sensata no caso.

— Você perdeu o juízo?! — esbravejou irado lorde Northwick.

— Muito pelo contrário. Quanto mais medito sobre o assunto mais percebo ser a melhor atitude a adotar. Por certo, trará o menor estrago possível à honra de Katherine.

— Francamente, vocês mulheres têm um raciocínio assaz peculiar! — falou o conde de Northwick entre os dentes.

— Permita-me explicar... — disse lady Northwick condescendente.

— Então sugiro começar logo, porque eu não estou compreendendo onde você pretende chegar.

— Antes de qualquer coisa, é importante ter em mente que somente Margareth e a Srta. Cecilla Mendoza sabem da real história. Como uma morreu e a outra age com irrestrita fidelidade a Katherine, tenho plena confiança de que nada será revelado a ninguém, nem mesmo para nós que fazemos parte da sua família.

— Até aí não vejo nada de substancial... Tente ser mais persuasiva... — interrompeu lorde Northwick em tom de provocação.

— Sucede que, sem qualquer justificativa plausível, está circulando em Londres a conversa de que Katherine se casou e ficou viúva enquanto esteve desaparecida, além de ter ficado um lapso temporal significativo sem memória. Isso está explicando a falta de contato com seus familiares e seu súbito retorno à Inglaterra, após a morte do marido.

E continuou a condessa com admirável astúcia:

— Se é verdade ou não, essa desculpa igualmente permite encaixar o fato de Katherine estar esperando um bebê. Se ela era casada, e após a morte do marido regressou grávida, logo, o seu filho

só pode ser de seu falecido esposo!

— Como você ficou sabendo dessas informações? — arguiu o conde com cautela, enquanto se sentava em sua poltrona, ligeiramente mais calmo.

— Pedi para Melissa averiguar os rumores que estão rondando em Londres.

— E tinha que ser justo Melissa! Você lhe contou alguma coisa? — irritou-se lorde Northwick.

— Obviamente, não especifiquei nada! Somente disse que gostaria de me atualizar sobre os recentes desdobramentos e comentários concernentes a Katherine nos salões londrinos.

— Ainda bem... — afirmou apaziguando momentaneamente seu espírito. — Alguma indicação da nacionalidade do pai da criança?

— Quanto a isso, nenhuma novidade. Todavia, ao descobrir a verdade, deparei-me com um bracelete magnífico, que certamente foi presente dele. E a inscrição em seu interior também foi gravada num alfabeto desconhecido para mim. A questão é que quanto mais eu tento compreender os fatos, mais obscuros eles se apresentam.

Desta vez, a condessa ergueu-se da cadeira para extravasar suas impressões com maior liberdade.

— Segundo a Srta. Cecilla Mendoza, a separação não foi voluntária. Sem explicar as razões, ela garantiu que Katherine estava disposta a esquecer de tudo, inclusive da sua vida na Inglaterra, para ficarem juntos...

— E você deu crédito a essa história? — indagou o conde com incredulidade. Aquilo não se ajustava à personalidade da sua Katherine.

— Embora seja improvável em se tratando de Katherine, ao menos se levarmos em consideração o seu temperamento anterior ao desaparecimento, isso joga luzes sobre a sua recusa ao marquês de Huntley, mesmo tendo ciência de estar carregando um filho de um homem que não poderia assumi-lo.

— Em resumo, o que propõe como solução é não fazermos nada?! — inquiriu contrariado.

— Exatamente isso!

Aproximando-se do marido, lady Northwick pegou-lhe as mãos e o encarou nos olhos, com expressão suplicante.

— Se agirmos com revolta ou indignação, estaremos semeando em terreno fértil para surgirem novos falatórios, agravando a precária situação de nossa filha. Se, ao contrário, aceitarmos a gravidez como um desenrolar natural, sem nenhum estardalhaço, vai se consolidar a versão social circulante que nos é amplamente favorável.

E arrematou sem piedade:

— Quantas vezes você já observou Katherine com o olhar perdido, aparentemente imerso em lembranças? Presa num mundo de sombras e vultos que somente ela pode entrever em suas íntimas recordações. Se ela conheceu o amor e lamentavelmente o perdeu, ao menos vamos respeitar a sua decisão sem lhe causar mais sofrimento. Temos essa possibilidade em nossas mãos, e acho que não podemos desperdiçá-la a pretexto de orgulho ferido.

— Bem... Nesse caso, parece que só nos resta nos conformarmos... — concluiu o conde de Northwick a contragosto, sem ocultar a canseira diante da série de infortúnios que solapavam continuamente suas vidas.

Um mar revolto e turbulento tragava impiedosamente Katherine. Suas águas profundas a impediam de alcançar a superfície segura. Esforçando-se com sofreguidão, Katherine lutava para respirar. No entanto, a cada tentativa de aspirar o ar, menor era sua força para manter a cabeça acima da superfície. A luta para continuar viva esgotava suas energias, fazendo-a sair da inconsciência do sono. Paulatinamente, a percepção do despertar a fez entender estar deitada em sua cama completamente molhada. Um líquido morno ensopava suas vestes. O susto de entender que entrara em trabalho de parto deixou-a imóvel por alguns segundos.

Saindo do torpor, Katherine tocou a campainha situada próxima à cama. Precisava avisar ao Dr. White. Rapidamente, Cecilla veio ao seu quarto e, ao olhar para o semblante carregado de expectativa de Katherine, percebeu sem necessidade de explicação que finalmente chegara a aguardada hora.

— *Allahu Akbar*! — exclamou Cecilla exultante, sem notar que falara em árabe. — Dentro de instantes estaremos com seu amado bebê nos braços!

— Entretanto, antes é fundamental localizar o Dr. White e trazê-lo até Fairmont. Por favor, peça para Howes enviar um mensageiro com urgência. Também acho prudente enviar um coche, para lhe facilitar a locomoção.

E emendou com indisfarçável ansiedade:

— Não se esqueça de comunicar a meus pais.

No intervalo em que esperavam o médico, Cecilla preparou Katherine. Com gestos calmos e lentos, providenciou um relaxante e aromático banho. Aquilo ajudaria a colocar seu espírito na mesma sincronia do seu corpo. Os espaços entre as contrações ainda se mantinham consideráveis quando lady Northwick entrou afogueada no quarto. Katherine, mesmo distante da porta, observou-lhe a fisionomia anuviada. Embora não alcançasse os motivos daquele comportamento, ela achou por bem ficar alerta.

Dirigindo-se a Cecilla, lady Northwick relatou aflita e com o cenho franzido o que ouvira de Howes:

— Não sou portadora de boas notícias... — externou sem meandros. — Dr. White está em Londres e o outro médico do ambulatório está há dois dias com uma febre muito forte. Realmente, eu não contava com esse imprevisto. Tampouco daria para chamar Dr. White às pressas... Isso seria absolutamente inviável. Por certo, ele não chegaria a tempo de acompanhar o parto — concluiu lady Northwick, ao calcular mentalmente o longo trajeto de Londres até Fairmont. — Você tem alguma experiência no assunto?

— Infelizmente, não — respondeu Cecilla, atenta para não revelar detalhes do seu passado.

— Talvez, a Sra. Moore conheça alguém das redondezas que possa amparar Katherine nesta hora. Não é crível supor que não exista ninguém capaz de lidar com esse fato no povoado. Afinal, crianças nascem desde os primórdios da humanidade!

— Eu sei quem pode cuidar do meu parto — interveio Katherine.

— Quem?! — questionaram Cecilla e lady Northwick em uníssono, virando para olhá-la com incredulidade.

— Chamem a Velha Trinity — disse Katherine com tranquilidade. — Ela saberá como proceder.

— Você deve estar delirando ou perdeu o discernimento das coisas! — retrucou lady Northwick de imediato. — Não está vendo que essa senhora não é indicada para a função. Sem se falar nas

histórias sobre feitiços e bruxarias!

— Isso tudo não passa de crendices... — começou dizendo. Contudo, uma contração mais intensa do que todas as anteriores secou-lhe as palavras na garganta, impedindo-a de prosseguir.

Entreolhando-se, Cecilla viu que não podia ficar inerte, assistindo a situação se deteriorar. Por isso, argumentou incisiva:

— Temos alguma alternativa? Pelas minhas contas, há quatro horas que a bolsa de milady estourou... E perdemos um tempo valioso esperando Dr. White.

— Neste momento não me ocorre nenhum nome... — concedeu lady Northwick relutante. — Achar alguém com a aptidão necessária demandaria esforços além do que podemos nos dar ao luxo.

— Sendo assim, é recomendável acatarmos o pedido da sua filha — aconselhou Cecilla com racionalidade.

Um silêncio permeado de dúvida espraiou-se no recinto. Deveria permitir que o filho de Katherine nascesse através das mãos de uma pessoa tida como amaldiçoada no vilarejo? Não bastassem as repercussões da bombástica notícia da gravidez, agora teriam que lidar com mais esse tipo de contratempo? — indagava-se lady Northwick, torturada com as implicações daquela decisão, com o olhar vagando desorientado através das vidraças da janela.

Sentindo que alguém precisava tomar o problema para si e que a condessa não faria confusão nem criaria obstáculos infundados, Cecilla voltou-se para Katherine:

— Onde poderemos encontrá-la?

— Diga para a Sra. Moore ir até o perímetro norte de Fairmont. No meio da mata, no mesmo local onde a cada semana... o jardineiro-chefe entrega uma cesta de mantimentos que ela apronta... — explicou Katherine, esboçando dificuldade no final, porque uma nova contração estava iniciando.

— Acompanhe a Sra. Moore — pediu lady Northwick temerosa de que a superstição pudesse comprometer a missão. — Eu organizarei as coisas por aqui... — garantiu fitando o rosto de Katherine. — E, pelo amor de Deus, apresse-se! Pela minha experiência, essa criança não tardará muito a vir ao mundo.

Porém, a resistência da Sra. Moore foi sensivelmente maior do que a inicialmente vislumbrada pela condessa. Por mais que Cecilla argumentasse, nada parecia demovê-la da firme disposição de evitar a Velha Trinity. Premida pelas circunstâncias, Cecilla resolveu apelar para as ameaças. Não podia ficar o dia todo ali, bajulando a Sra. Moore.

— Então... se milady morrer no parto, a culpa será exclusivamente sua! Porque até mesmo a condessa de Northwick já concordou. E digo mais: eu ainda vou narrar à milady, quando ela estiver recuperada, que a senhora ousou descumprir suas ordens.

— Eu sabia que a senhorita não era confiável... Aparece do nada e se acha com o direito de mandar em tudo... — resmungou a Sra. Moore.

— E aí? Vai ou não vai? — confrontou Cecilla com destemor.

Pegando as luvas e o chapéu com gestos aborrecidos, a Sra. Moore saiu, sem se dignar a olhar para trás, da sua confortável sala de estar, belamente decorada com sofá de brocado creme e poltrona de seda azul esmaecida, tapete oriental e escrivaninha de carvalho.

Ela que me acompanhasse! — raciocinou com o deliberado propósito de chatear, sem se preocupar se estava ou não sendo seguida por Cecilla.

Entretanto, vozes acaloradas vindas da porta do pátio dos fundos refrearam sua irritadiça marcha. Com olhos esbugalhados pela coincidência, a Sra. Moore apontou para Cecilla, num fio de voz:

— Não iremos mais a parte alguma. Aqui está quem a senhorita tanto procurava!

Mesmo com as janelas completamente escancaradas, as vaporosas cortinas mantinham-se em paciente imobilidade. Nenhuma brisa arejava o calor sufocante de agosto, para aplacar as altas temperaturas daquele período. O suor impregnava o corpo esgotado de Katherine. Conquanto tentasse se conter, seus gritos dilacerados de dor ecoavam suspensos pelo quarto da suntuosa mansão. Depois de tomar uma infusão de ervas preparada pela Velha Trinity, Katherine sentiu que as contrações se acentuaram vertiginosamente. Sabia que um parto era invariavelmente doloroso, mas a realidade estava superando em muito suas desalentadas expectativas. Katherine apenas queria que tudo terminasse bem e o mais rápido possível. O esforço para ocultar o medo foi inteiramente em vão, porque seus olhos refletiam o seu pavor. O tempo curiosamente se esquecera do seu transcorrer breve e insensível, perpetuando a não mais poder aquela agonia, reverberando no vazio das horas a impiedosa sensação que lhe fustigava a alma.

Cecilla, sempre diligente e solícita, pôs-se em frenética atividade, cumprindo com redobrada atenção todas as ordens da curandeira. Ao seu lado, instigava Katherine a prosseguir em sua exaustiva batalha, naquele misterioso duelar com os desconhecidos limites físicos do próprio corpo. Na sua avaliação, tudo evoluía dentro do previsto. Mas, apenas quando findasse o parto, poderia respirar sossegada. Essas coisas eram invariavelmente imprevisíveis.

— Milady, falta tão pouco... A sua dilatação está perfeita... — disse a Velha Trinity em reforço aos incentivos de Cecilla. — Respire e coloque todas as suas forças...

O cheiro doce de água fervida, toalhas limpas, unguentos caseiros e sangue flutuava no ar, despertando os sentidos de Katherine. Aquele ser que comprimia suas entranhas, elastecendo-as ao máximo, era o filho do homem da sua vida, que transformara irremediavelmente o seu destino. Quando Katherine achou que não mais suportaria aquilo, ouviu um choro e com ele o alívio do seu sofrimento. Sorrisos e lágrimas mesclavam-se por aquele milagre da natureza. O ressurgir da vida. Um novo começar.

— É um menino! — anunciara lady Northwick, sem disfarçar o seu orgulho.

Segurando nos braços o bebê, a Velha Trinity ficou em meditativo silêncio, admirando quase que hipnotizada o rostinho daquela pequena criatura enrolada no fino tecido de algodão. Erguendo-o para o alto, profetizou com voz permeada de solenidade:

— Hoje, acabou de nascer um príncipe que ultrapassará a barreira do impossível.

Katherine encarou Cecilla atônita. Com a violência da correnteza de rios caudalosos, a menção a "príncipe" fez ressurgir a imagem de Fahid. A primeira vez que o vira no acampamento de Tânger. O sentimento de que nada mais seria igual a partir daquele improvável encontro. A conturbada travessia até as majestosas montanhas do Marrocos e a primeira noite de amor... E o fim repentino do romance que se desejou eterno!

Ao aconchegá-lo no colo, Katherine era a tradução de uma mulher em harmonia com suas escolhas. O seu filho era uma parte de Fahid apenas sua. Ninguém, nem mesmo o temido e todo poderoso príncipe Taufik, poderia tirá-lo dela. Seu filho estaria em segurança na Inglaterra, protegido da influência da família paterna. O instinto maternal aflorou avassaladoramente em

Katherine, consolando a sua alma despedaçada.

— Qual nome você pretende colocar na criança? — especulou lady Northwick, interrompendo os pensamentos de Katherine.

— Eu escolhi Andrew Louis. Gosto da sua sonoridade.

Conforme a tradição, o herdeiro do ducado de Melbourne recebia ao nascer o título de cortesia de lorde Grasmere, carinhosamente apelidado pela família de "Grasmy". Assim, caberia ao recém-nascido Andrew Louis Mayfield Hartington Kensington continuar a dinastia Melbourne e transmitir o grandioso legado às gerações vindouras. Malgrado as implicações sucessórias daquele dia, lady Northwick, que tudo presenciava e registrava, não parava de rememorar o significativo olhar trocado entre sua filha e Cecilla após as enigmáticas palavras da Velha Trinity. Acostumada a todo aquele impenetrável mistério, pôs de lado suas interrogações e ficou mirando embevecida o seu mais novo e querido neto.

Quebrando o costumeiro tratamento dispensado às crianças ricas, que ficavam exclusivamente sob os cuidados das babás, Katherine acompanhou ativamente o dia a dia do seu filho. A maternidade tornou-a uma mãe dedicada e atenciosa. Passava tardes inteiras com seu bebê, ninando-o e zelando pelo seu bem-estar. Havia combinado com sir Richard Button para que ele administrasse seus negócios nos primeiros seis meses. Somente se sobreviessem problemas urgentes ele viria até Fairmont para solucionarem juntos o ponto controvertido. Andrew crescia forte e saudável. Era a alegria da família, em especial de lady Northwick, que externava uma afeição inesperada. Um dia sim, outro também, vinha visitá-los. Katherine começou a suspeitar que sua mãe estava totalmente fascinada por Andrew. Até a colocá-lo para arrotar ela assistira! Corroborando que as coisas do coração brotavam da imprevisibilidade desprendida do amor.

Certa dia, enquanto bebericavam relaxadamente o chá da tarde na sala envidraçada, em razão das baixas temperaturas do inverno, com Andrew em seu inocente sono de criança, Katherine escutou o que entrevira em seu íntimo, desde a primeira vez em que contemplara aquele rostinho amado:

— Meu neto é lindo! Só não consigo reconhecer nenhum traço seu nele... — estranhava lady Northwick debruçada sobre o bercinho, sem atinar à implícita sugestão contida nas suas impensadas palavras.

Somente quando se virou para Katherine e viu a tristeza que tanto se esforçava em dissimular estampada em seu rosto, foi que caiu em si.

— Perdão, Katherine — falou visivelmente melindrada, sentando-se à mesa. — Eu não tinha a menor intenção de aborrecê-la com essa conversa sem sentido... Vamos mudar de assunto... — propôs imediatamente sua mãe, em tom conciliador, despejando o líquido fervente do bule de prata nas ervas aromáticas.

— Não se incomode por isso — disse Katherine com a finalidade de acalmá-la.

Em seguida, desconversou com incrível habilidade, cortando uma fatia da torta de limão que estava num prato de cristal:

— Meredith virá passar as festas natalinas em Fairmont. Não será maravilhoso?

— Sem dúvida, será uma excelente oportunidade para reunirmos a família. Esse encontro também

será importante para reaproximar seu pai...

— E como ele anda? — perguntou Katherine com preocupação. Esta indiferença lhe causava grande infelicidade. Porém, apenas o tempo seria capaz de aparar as arestas, retomando a confiança e naturalidade do relacionamento de outrora.

— Aparentemente, conformado com o seu silêncio — revelou lady Northwick ao posicionar a delicada xícara de porcelana floral no pires. — Como em Londres se consolidou a versão do seu casamento no período em que esteve ausente da Inglaterra, o nascimento de Andrew foi recebido sem alardes. Sem nenhum escândalo eclodindo, seu pai foi obrigado a se manter quieto e calado, mesmo detestando o contexto, porque ignorar a identidade do pai de Andrew o aborrece sobremaneira.

Katherine acompanhava seu raciocínio com olhar compenetrado, entretendo-se com os bolinhos de queijo num recipiente de prata.

— Independentemente da real sequência dos fatos, o importante é que tudo se organizou da melhor forma possível. Às vezes, ser pragmática tem lá sua utilidade! — disse a condessa com a manifesta intenção de não pressionar Katherine sobre o passado. Definitivamente, deixar as coisas como estavam era a saída mais inteligente, pensou ao mordiscar uma crocante broa de aveia.

— Quanto a isso, tenho que concordar.

— E por falar sobre novidades londrinas, soube que lorde Huntley e a Srta. Lauren Windermere contraíram matrimônio semana passada. Como isso não a afeta, estou repassando a informação.

— A senhora não pode imaginar o quanto essa notícia me conforta... — verbalizou Katherine, expondo nas entrelinhas o seu incômodo por não ter se mantido fiel a Etham.

Katherine sorveu um significativo gole de água da taça de cristal, como se com isso pudesse engolir sua deslealdade.

— Não se cobre em demasia, Katherine. Há fatos que estão além do nosso controle. E os dilemas do coração não são guiados pela lógica. O mundo seria infinitamente mais fácil de lidar se fosse assim. Mas, não é! — filosofou lady Northwick, ao admirar seu neto despertando manhosamente no berço. Pondo o guardanapo rendado na superfície da mesa, foi segurá-lo no colo.

Naquela noite, o comentário irrefletido de sua mãe retornou com insistência à mente. Andrew estava com quatro meses e prometia ser uma cópia fidedigna do pai. Diversas vezes, Katherine se pegara devaneando que Fahid em criança seria exatamente aquilo... A ironia do destino era que daquela forma ela sempre teria a figura física de Fahid presente e viva em sua memória, ainda que geograficamente se mantivessem dolorosamente separados.

Um dilúvio desabava há quase dois dias sobre a cabeceira do rio que desaguava em Fairmont. Desde que soubera da notícia, um pressentimento desagradável comprimia o peito de Katherine a cada vez que se aproximava da janela e constatava, através das vidraças transparentes, o ininterrupto e ruidoso fluir das chuvas. Era um aguaceiro completamente fora dos padrões habituais. Sempre morara naquela região e não se recordava de ter presenciado nada igual àquela tempestade. Somente se escutava o choque surdo das águas castigando o solo indolente. Uma cerração espessa escondia as fronteiras do horizonte. Pelas projeções de Katherine, havia aproximadamente trinta casas passíveis de sofrer alagamento.

Temendo o pior, Katherine mandou fiscalizar o volume das águas que serpenteavam o limite sul da propriedade. E pela expressão do encarregado de executar o trabalho, que a aguardava no escritório juntamente com Howes, as informações não pareciam nada alvissareiras. Ansiosa por um relato preciso da situação, Katherine apontou a cadeira à frente do seu birô.

Sentando-se com relutância, o homem passara a narrar o ocorrido, com nervosismo, descontando sua angústia no chapéu de tecido amarrotado e contorcido entre as mãos irrequietas. Seus trejeitos afobados tiveram o poder de enfatizar o negativo teor das suas palavras.

— Como milady determinou, monitorei nesta manhã a elevação do rio e, no estreito espaço de três horas, verifiquei que as águas tinham avançado até ultrapassar as margens. Antes de vir para cá, tomei o cuidado de transmitir aos moradores ribeirinhos a premente necessidade de se retirarem do local, mas não senti receptividade. Argumentaram que a chuva seria passageira e que não atingiria suas residências. Mesmo insistindo em minha advertência, percebi que estavam decididos a permanecer em suas moradias, independente dos riscos envolvidos.

— Santo Deus! Isso pode ganhar proporções calamitosas! — disse Katherine numa espiral de pensamentos e resoluções. — Quanto tempo você levou para chegar aqui?

— Gastei quase cinquenta minutos — respondeu o homem confuso, sem compreender a razão daquela pergunta.

— Então, temos um atraso de uma hora nas informações — concluiu Katherine erguendo-se da cadeira com determinação.

Virando-se para Howes, ordenou por cima dos ombros, enquanto abria a porta do escritório apressada.

— Mande selar Raio Dourado imediatamente. Vou pegar uma capa e daqui a cinco minutos estarei de saída para resolver pessoalmente a questão. Peça ao chefe dos cavalariços, ao chefe dos cocheiros, ao chefe dos guarda-caças e ao chefe da segurança para convocarem todos os homens disponíveis para me auxiliarem nesta empreitada. Por favor, também transmita a Sra. Moore minhas orientações para liberar a ala oeste de Fairmont, porque teremos uma multidão para abrigar pelos próximos dias.

Estarrecido, Howes retrucou:

— Milady não pode sair com este temporal! É perigoso...

Todavia, ela sequer ouvira suas objeções. Galgando os degraus de dois em dois, agilmente alcançou o patamar do primeiro andar, desaparecendo do seu campo de visão. Demorou o mínimo possível. Somente o suficiente para espalhar ordens aos quatro cantos e montar em Raio Dourado. Um ajuntamento de dezoito homens a acompanhava. As estradas lamacentas e lisas constituíam, por si só, um complicador à parte, exigindo vigilante atenção do grupo.

Ao alcançarem o terreno ameaçado pela enchente, avistou que as águas estavam beirando a entrada das construções. Incitando o flanco de Raio Dourado, desceu a colina onde se encontrava e avançou célere. Sem cerimônias ou cortesias supérfluas para a ocasião, falou, enérgica, para todos abandonarem a zona de perigo, porque o rio em breve arrastaria tudo pela frente. Dividiu o grupo em três para divulgar com maior eficácia como deveriam proceder.

Não demorou muito para um morador revoltado opor resistência. Vendo o tumulto que se formava ao redor, Katherine foi até lá para realinhar as coisas. Perder o controle da situação poderia resultar numa indizível tragédia, comprometendo várias vidas. Saber intervir com firmeza fazia toda a diferença em emergências, evitando-se a instauração do caos.

— O que está acontecendo aqui? — perguntou Katherine impaciente.

A essa altura dos acontecimentos qualquer pessoa com o mínimo de inteligência atestaria, com os próprios olhos, que as águas tinham alcançado o alpendre das residências, tornando a desocupação imperiosa.

— Este aldeão se nega a sair da sua casa. Que nada nem ninguém o farão arredar o pé — explicou um de seus homens.

Enfurecida por aquela postura ingênua e tola, Katherine encarou o aldeão e interrogou cortante:

— Não vê que daqui a pouco tudo estará submerso? As águas estão literalmente na sua porta! O que ganhará morrendo afogado?! E sua família como sobreviverá sem você?

E olhando para os seus homens, vociferou indignada:

— Ou ele vai por bem ou por mal! Entenderam?! Não fica ninguém aqui. E essa determinação serve para todos! — reiterou ampliando o olhar para a atenta plateia que se avolumava no entorno. E finalizou: — Vamos, não há mais um segundo a perder!

Foi fechar a boca para um relâmpago rasgar os céus, fazendo Raio Dourado empinar assustado. Graças a sua destreza como amazona, controlou a montaria e disparou destemida para inspecionar os trabalhos, como se estivesse sendo perseguida por uma horda de vândalos.

— Sigam para Fairmont. Lá encontrarão refúgio e comida — brandiu Katherine com autoridade para outro grupo de moradores, encaminhando-se para outra direção, onde sua atenção se fazia necessária.

Após se certificar de que todos os aldeões tinham evacuado a área, Katherine deixou o local. A água já estava nas patas de Raio Dourado, tornando a sua permanência a cada minuto mais arriscada. Dirigindo-se para a parte mais alta do terreno, Katherine deteve seu cavalo a poucos passos da ribanceira. Dali pôde testemunhar consternada o avanço voraz do rio, consumindo cada pedaço descoberto de terra. Paralisada pelo terrível espetáculo da natureza, Katherine acompanhou árvores e edificações serem arrancadas e levadas pela correnteza com chocante facilidade. As águas encrespadas retumbavam, fazendo coro com os raios e trovões que cortavam os céus. As nuvens acinzentadas prenunciavam dias de incessantes chuvas. Nada indicava o fim próximo daquela fúria celeste. Anos de intenso trabalho aniquilados em questão de horas. Ao menos, as vidas haviam sido preservadas.

Quando finalmente voltou encharcada para Fairmont, Katherine sentia o frio enregelar sua alma. Suas energias pareciam ter sido sugadas num redemoinho. Definitivamente, uma coisa era ouvir relatos de catástrofes, outra coisa era vivenciá-las, concretizar na própria pele a insignificância da condição humana. Absolutamente nada podia ser feito para deter a poderosa enxurrada. A única alternativa era fugir e aguardar o lento restaurar do equilíbrio natural, inesperadamente rompido.

Precisando detalhar como seria a estada dos aldeões em Fairmont, Katherine abandonou suas reflexões, concentrando sua atenção em assuntos de ordem prática. Agora tinha dezenas de pessoas para acomodar e alimentar. E Cecilla seria peça primordial para o êxito dessa missão, pensou Katherine ao atravessar o umbral da porta principal. Distraída com suas roupas ensopadas, Katherine não observou a fisionomia aflita da Sra. Moore ao solicitar a presença de Cecilla em seu quarto.

— Perdão, milady... Mas a Srta. Mendoza não foi vista em Fairmont desde o início desta manhã.

— Como assim? Ninguém a viu?

— Estamos todos apreensivos com o seu desaparecimento. Uma equipe de buscas já foi enviada com a intenção de localizá-la — informou a Sra. Moore prestativa. — Pelo que averiguamos, ela

pegou uma condução e pretendia ir até a aldeia.

— O que Cecilla foi fazer no povoado no meio desta tormenta?! Era só o que me faltava... — queixou-se Katherine num sussurro fatigado, com uma ruga de preocupação surgindo imperceptivelmente no meio da sua testa alva.

Praguejando contra o infindável desabar dos céus, Cecilla avaliava com crescente tensão se seria possível atravessar a ponte de acesso ao vilarejo. Uma lâmina d'água encobria a superfície pedregosa enquanto a elevação súbita do nível do rio fazia suas águas colidirem de encontro à precária passagem com insuspeita violência, respingando o líquido barrento, num estrondo selvagem e aterrorizante.

Momentaneamente imobilizada pelo pânico, Cecilla segurava com firmeza as rédeas da charrete, mantendo-a parada por alguns instantes. O medo de prosseguir e ser devorada pela corrente a obstava de continuar. Porém, ficar imóvel como uma rocha tampouco seria alternativa válida, pois o lugar alagaria se o rio transbordasse. Premida pelas circunstâncias, Cecilla instigou o animal a marchar. O trecho inicial foi percorrido com relativa tranquilidade. Contudo, ao chegar ao meio da ponte, o cavalo assustou-se com o aguaceiro provocado pelo ricochetear de uma onda, empacando com obstinada teimosia. Empapada até o último fio de cabelo e visivelmente arrependida de ter saído num dia impróprio como aquele, Cecilla retirou sua anágua e, agarrando-se aos arreios, achegou-se devagarzinho ao pescoço do cavalo, com o intento de lhe tapar a visão. Pesadas gotas de chuva machucavam sua pele sensível durante o caminho.

Findada a hercúlea tarefa, puxou a cabeça do animal na esperança de rapidamente alcançar a outra margem. Todavia, outra onda abateu-se sobre eles, detendo as passadas do espantado cavalo. Indecisa se deveria abandoná-lo à própria sorte ou se deveria seguir, divisou um homem gesticulando sem parar em sua direção. O som de sua voz foi abafado pela turbulência feroz das águas, impedindo-lhe a compreensão. Focando o olhar no estranho, Cecilla viu quando ele prendeu uma resistente corda numa árvore robusta e a outra ponta amarrou com três nós ao redor da cintura. Movendo-se com cuidado, cruzou a extensão que os separava.

— Venha! A senhorita precisa sair daqui imediatamente.

— Não sei se vou conseguir... — confidenciou Cecilla amedrontada, afastando uma mecha de cabelo que lhe cobria a face.

— Se a senhorita se agarrar a mim e olhar para frente será bem mais simples — garantiu o homem desconhecido, à medida que libertava o cavalo do peso da charrete. — Agora, vamos! — ordenou confiante, inibindo no nascedouro qualquer iniciativa de protesto ou resistência de Cecilla.

Mesmo desconfortável com a excessiva intimidade, Cecilla anuiu porque era o único jeito de se salvar. Envolvendo os braços no torso do homem desconhecido, permitiu-se guiar pelas águas que já estavam na metade de suas pernas, dificultando a cada segundo sua mobilidade. Colocando toda a força de que dispunha, terminou a travessia da ponte e andaram até a parte mais alta do terreno, onde ficariam em relativa segurança. Exaurida física e emocionalmente, Cecilla arriou sobre suas pernas bambas quando percebeu que o perigo acabara. Sentando-se ao seu lado, o estranho manteve-se em paciente silêncio, esperando Cecilla se recuperar do susto. Depois de alguns minutos pontuou:

— Escapamos por um triz... Hoje, decididamente, não é um bom dia para passear... — declarou num gracejo.

Sentindo-se repreendida com o comentário, Cecilla retrucou:

— Eu não estava passeando, mas a trabalho! Embora não lhe deva explicações, apenas em deferência a sua nobre atitude de alguns minutos atrás, estou lhe esclarecendo a situação.

— Desculpe, não queria ofendê-la — replicou em tom conciliador, alçando os braços para o alto em sinal de rendição. — Deixe-me fazer as devidas apresentações. Eu me chamo Jake Scott e sou arrendatário de uma fazenda nas redondezas. Gostaria de tê-la conhecido em outro ambiente, mas o destino é um senhor cheio de artifícios — disse ao se erguer do solo gramado para esfregar o corpo enrijecido pela friagem.

Notando o despropósito da sua automática e deseducada resposta, Cecilla retrocedeu envergonhada:

— Perdão pela minha ingratidão... Meu nome é Cecilla Mendoza e serei eternamente grata por ter salvo a minha vida — agradeceu tiritando de frio. Um chuvisco insistente contribuía para acentuar aquela sensação térmica.

— É melhor se movimentar para se aquecer... — sugeriu Jake Scott. — As suas extremidades devem estar anestesiadas e isso tende a se agravar se ficar inerte. Temos que nos abrigar; estamos congelando neste descampado!

Aceitando a mão de Jake Scott gentilmente estendida, numa tácita reconciliação pelo contratempo de minutos atrás, Cecilla levantou-se com toda a dignidade de que ainda dispunha. Detendo-se nos olhos de Jake Scott, alarmou-se com o translúcido verde de suas íris. Suas feições angulares, estatura elevada e cabelos ruivo-acobreados, faziam uma combinação singular. Repentinamente intimidada, ela achou prudente não prolongar a conversa. O seu instinto dizia para ficar longe de homens daquele tipo.

Perscrutando os arredores com ansiedade não localizou viv'alma. Em compensação, clarões abruptos e trovoadas explodiam aos borbotões, como se deuses vingativos travassem uma luta titânica, manipulando perversamente os elementos naturais a seu bel-prazer.

— Não quero continuar tomando seu tempo — adiantou-se Cecilla cautelosa. — Obrigada por tudo! Mas já devem estar preocupados comigo.

— Onde você mora? — atalhou Jack Scott à despedida iniciada por Cecilla sem aparentar pressa. — Não posso abandoná-la no meio desse temporal! — justificou-se pela pergunta indiscreta.

— Em Fairmont.

— Como você pode constatar com seus próprios olhos, o percurso está intransitável. — Visando conferir ênfase as suas palavras, apontou para o declive do rio, onde sequer se avistavam resquícios da ponte.

E prosseguiu com objetividade:

— Proponho esperarmos a chuva cessar na minha propriedade, que fica próxima daqui. Em vinte minutos de caminhada, estaremos lá. Minha irmã a acolherá com hospitalidade. Inclusive, vocês têm um biotipo parecido — argumentou examinando sem constrangimento a silhueta esguia e proporcional de Cecilla. — Depois, prometo levá-la em segurança para Fairmont. Há uma rota antiga, atualmente em desuso, que permitirá alcançá-la, independentemente da altura do rio.

— Pelo visto, você resolveu tudo, deixando-me sem qualquer opção razoável, senão segui-lo... — capitulou Cecilla conformada, perfeitamente ciente dos riscos que corria com toda aquela

proximidade.

A firme e intrépida atuação na desocupação das áreas atingidas pela enchente, o amparo material aos desabrigados e o incansável trabalho de reconstrução das moradias arrastadas pelo rio consolidaram definitivamente a legitimidade de Katherine como detentora do ducado de Melbourne. Aldeões e arrendatários esqueceram por completo a desconfiança que nutriam quanto ao nebuloso passado da duquesa, substituindo tal sentimento por uma autêntica admiração e sincero orgulho do seu heroico desempenho.

Por onde andava, Katherine sentia a sutil diferença no modo como as pessoas se dirigiam a ela. Havia uma deferência e respeito antes inexistentes. Era como se, a partir daquele fatídico dia, tivesse sido milagrosamente investida na qualidade de duquesa. O formalismo do título nobiliárquico cedeu espaço a sua materialidade. Katherine captava a emoção de verdadeiramente representá-los, tal como fora um dia com a sua adorada tia Margareth.

E o evento daquele dia era prova inconteste dessa nova arrumação política e social. Como era tradição nessas ocasiões, o landau aberto da duquesa de Melbourne deveria estacionar no início da praça principal onde se davam as festividades. O amplo trajeto até o palanque garantia aos presentes a chance de trocarem algumas palavras; tocar nas mãos de Katherine; sentir-se próximo da nobreza. Cumprindo rigorosamente o protocolo, a nova duquesa de Melbourne afagou a cabeça de diversas crianças e sorriu cordialmente para todos os que se voltavam à sua pessoa, sendo acolhida com alegria e carinho.

Após os discursos das autoridades, Katherine foi apresentada ao atraente banqueiro germânico Karl Friesenberg. Sua portentosa estatura, físico atlético, cabelos loiros e olhos azuis faziam desse homem um clássico exemplar da beleza teutônica.

— É uma honra conhecê-la. Poucos são os nobres que têm o carisma e a popularidade que milady usufrui — congratulou com seu sotaque germânico, pegando a mão estendida de Katherine e beijando-a num galanteio. — Parabéns por esta rara proeza.

— Eu nada fiz ou faço senão cumprir o meu compromisso para com essa gente. Essas demonstrações de afeto somente denotam a alma gentil desse povo trabalhador que somente deseja viver sem sobressaltos e em paz com suas famílias.

— Milady fala com a verve de um político experiente... Pena não ser possível a nomeação de mulheres para a Câmara dos Lordes — comentou Karl Friesenberg, sem esconder o forte impacto que a presença de Katherine lhe despertava.

O vestido de seda, na cor de lavanda, os cabelos pretos presos e entrançados, além do conjunto de colar, brincos e anel de pérolas conferiam um resultado sofisticado e sensual, sobressaindo o tom azulado dos seus olhos. Era impossível aos espectadores deixar de contemplar aquela figura bela, tentadora e aristocrática.

Visivelmente magnetizado por esse efeito, Karl Friesenberg não desgrudou de Katherine. A conversa discorria de forma agradável, entretendo-a e fazendo Katherine se sentir descontraída, viva e feliz.

Divertindo-se com a encantadora companhia, Katherine aceitou o convite de Karl Friesenberg

para dançar. A essa altura dos acontecimentos já se tratavam com naturalidade pelos nomes próprios, abandonando os regramentos cerimoniais da etiqueta.

— Você vem à Inglaterra com frequência? — questionou Katherine com curiosidade.

— No mínimo duas vezes ao ano vou a Londres a negócios. Como administro um banco, sou obrigado a viajar constantemente para poder avaliar a viabilidade econômica de empréstimos e demais projetos. Acaba que sou um soldado itinerante das hostes financeiras. Um posto avançado de observação!

Katherine esboçou um sorriso com aquela comparação atípica.

— Suponho que conheça a Europa na palma da mão...

— Não só o continente europeu como diversos países do norte da África, em especial o Egito e o Marrocos.

Ao escutar a parte final, um tremor involuntário atingiu a coluna de Katherine. Ouvir a palavra "Marrocos", em alto e bom som, quase a fez errar o compasso da música. Desde que voltara, evitava pronunciar esse nome, como se com isso pudesse apagar o seu significado em sua vida. Um tênue incômodo por estar nos braços de outro homem eclipsou momentaneamente o seu prazer da dança, sentimento que foi racionalmente sublimado. Fahid estava casado e não havia mais nenhum compromisso entre eles. Assim era a vida... e ponto! A muito custo conseguiu manter o rosto impassível.

E continuou Karl Friesenberg com jovialidade contagiante:

— A minha mais nova expedição será às Índias. Pretendo conhecer essa parte do mundo. Estou entusiasmado com as descrições dos que regressam dessa pitoresca região.

Aquela mudança temática fez Katherine reconquistar o ânimo da conversa.

— Minha irmã, lady Meredith Leatham, foi há alguns anos para lá e ficou bastante impressionada com o lugar. A diversidade de costumes, segundo seus empolgados relatos, era um dos seus diferenciais mais apaixonantes. Parece não existir meio termo. Ou se amam ou se odeiam suas idiossincrasias.

— Não gostaria de me acompanhar nesse passeio?

E emendou, com o desiderato de amainar sua ousadia:

— Pelo que pude averiguar por hoje, sinto que seria uma excelente companheira de viagem... — justificou-se Karl Friesenberg com charme.

— Confesso que a sua proposta me deixa lisonjeada, mas não tenho como aceitá-la. É absolutamente inviável sair da Inglaterra na atual conjuntura, por tanto tempo. As responsabilidades do ducado de Melbourne exigem minha presença constante. Não posso simplesmente abandonar tudo de uma hora para a outra para viver essa aventura. Quem sabe, num outro contexto, isso não seria possível? — explicou Katherine educadamente, inteiramente ciente da proposta subjacente. Sem puritanismos ridículos, Katherine experimentou um fremido de exultação. Afinal, qual era a mulher, em sã consciência, que não se envaideceria por fisgar as atenções de um homem como aquele?! Talvez o exílio autoimposto desde o seu regresso à Inglaterra explicasse essa reação.

— Compreendo... — disse Karl Friesenberg com calma, sem externar qualquer mudança ou descontentamento em sua voz. — Advirto apenas que não desistirei facilmente... — reiterou com olhar penetrante.

— Pode ter certeza de que aguardarei ansiosamente a narrativa da sua viagem às Índias — respondeu Katherine dubiamente, sem se comprometer com nada específico.

Após se retirarem da pista de dança para interagir com os outros grupos, Katherine divisou Cecilla acompanhada do mesmo homem que a vinha visitando, com relativa frequência, em Fairmont. Intuindo um clima romântico, Katherine suspirou satisfeita ao sentir Cecilla trilhando gradualmente a própria felicidade. Vê-la adaptada à Inglaterra era uma de suas maiores preocupações. Aquilo serenava seu espírito culpado por trazê-la do estrangeiro. E nessa toada, a suave primavera, que desabrochava na delicadeza perfumada e multicolorida das flores, trazia indizíveis promessas, perspectivas renovadas e a esperança de dias repletos de luminosa harmonia.

A Exposição Universal de Londres foi o acontecimento cultural mais aguardado do ano de 1851. O inovador Crystal Palace, montado no centro do Hyde Park, tornou-se quase que imediatamente um marco arquitetônico do mundo moderno. Construído em ferro e vidro, o grandioso pavilhão, projetado e executado por Joseph Paxton, exaltava as maravilhas da revolução industrial e suas soluções engenhosas. Em pouco mais de seis meses um edifício majestoso, com três patamares, formas leves e transparentes, soerguera-se do nada. Todos queriam conferir aquele milagre do progresso e da inteligência humana. Não é por outro motivo que os convites para a inauguração foram disputadíssimos, já que ninguém queria perder essa oportunidade.

Como antecipara Katherine, a sua primeira aparição pública num evento em Londres, no status de duquesa de Melbourne, não passaria incólume. Depois de meses reclusa em Fairmont, finalmente decidira retornar ao epicentro dos fatos, em grande estilo. Para isso, encomendou um luxuoso vestido de seda carmesim, com mangas curtas e decote de ombros nus, para realçar suas joias incrustadas com surpreendentes pedras de rubi. Prendeu os cabelos em tranças, entremeando-as com presilhas brilhantes no formato de estrelas, além de luvas e uma discreta bolsa. Queria estar à altura daquele extraordinário feito artístico.

Mas o impacto de estar acompanhada por Karl Friesenberg não foi devidamente aquilatado. Se ser cortejada por um cavalheiro seguramente traria os holofotes habituais da sociedade londrina sobre sua pessoa, a companhia do arquimilionário banqueiro ao seu lado elevou os termômetros da inveja a níveis inconfessáveis. Por onde passavam sempre se via o mesmo comportamento mal disfarçado e especulativo. Como ninguém sabia de nada, o frenesi dos curiosos somente fazia aumentar.

— Apostaria que, inadvertidamente, nos convertemos em peças da exposição! — ironizou Katherine ao ver as pessoas pararem para observar o que faziam.

— A sua beleza, minha querida Katherine, está ofuscando todo este esplendor... — gracejou Karl Friesenberg, apontando displicente para as laterais, cheias de fantásticas obras de arte.

— Esse aspecto de Londres sempre me causa imenso desconforto — revelou Katherine chateada.

Buscando desvanecer as negras sombras dos furtivos olhares, Karl Friesenberg abstraiu os demais convidados e circulou com Katherine através do gigantesco prédio, como se estivessem sozinhos. Num acordo tácito, Katherine pressentiu suas intenções e pôs-se a apreciar o passeio com o mesmo espírito de absoluta indiferença e desafio.

Foi gratificante para Katherine comprovar que a magnificência da fachada do Crystal Palace reproduzia-se em igualdade de condições nas obras expostas. Ela não se cansava de contemplar

esculturas gregas, estátuas egípcias, inclusive duas réplicas do faraó Ramsés II do templo de Abu Simbel, artefatos desenterrados da trágica cidade de Pompeia, ruínas romanas, numa sucessão de preciosidades arqueológicas de tirar o fôlego. Karl Friesenberg mostrou ser um apaixonado pela antiguidade clássica, com conhecimento dos desdobramentos históricos da época de ouro, sendo a sua companhia um deleite para a natureza irrequieta e questionadora de Katherine.

O pé-direito altíssimo daquela incrível estrutura metálica abrigava até mesmo árvores de porte superior, com verdadeiros jardins internos e fontes. Andar pelos seus salões dava a sensação de estar numa dimensão paralela, com o renascer de uma civilização perdida, onde o luxo e o conceito estético do belo tinham proporções cotidianas. A luz infiltrava-se nas vidraças despertando esse mundo adormecido pelo transcorrer dos séculos.

Katherine levitava em maravilhada contemplação. Foi o educado e inesperado aparte de sir William Harmond que a resgatou do enlevo, forçando-a a pisar na realidade.

— Alegro-me em reencontrá-la e constatar que não nos abandonou por completo — cumprimentou com uma mesura.

— Essa realmente jamais foi a minha pretensão — sorriu Katherine com simpatia. — Por favor, quero que conheça o Sr. Karl Friesenberg.

Após as formalidades de praxe, sir William prosseguiu voltando-se para Katherine:

— O que está achando de tudo isso? — indagou abarcando o ar com as mãos.

— Indiscutivelmente, a concepção dessa exposição será um marco para os eventos artísticos vindouros — sentenciou Katherine contente. — Estou exultante por poder ver essas preciosidades.

Entretanto, antes que sir William pudesse sequenciar o diálogo, Katherine identificou um homem alto, de pele morena, olhos castanhos, cabelos pretos, trajado de forma extremamente elegante, aproximar-se efusivamente de Karl Friesenberg. O seu coração fraquejou ante aquela imagem excessivamente familiar. Nenhuma explicação se fazia necessária. Katherine sabia perfeitamente bem quem era o homem desconhecido. Foi impraticável para Katherine desviar sua atenção daquele semblante desconcertantemente querido. O desenrolar dos fatos apenas reiteraram o que o seu sexto sentido prenunciara.

Fazendo as introduções cabíveis, Karl Friesenberg discorreu:

— Este é o príncipe marroquino Fayard el-Mansour Saadi, amigo desde priscas eras!

E continuou, dirigindo-se ao irmão de Fahid:

— Gostaria de lhe apresentar a duquesa de Melbourne, Katherine Kensington.

— Absolutamente extasiado com milady... — pronunciou beijando-lhe a mão com aqueles olhos intensos, diferentes dos de Fahid apenas pela cor. — Lamento não nos termos cruzado anteriormente...

— Obrigada por sua cortesia, mas acredito que nessa vida tudo tem a hora e o tempo certo de acontecer — respondeu Katherine com voz plácida, em que pese o seu rebuliço emocional. Somente o seu senso de responsabilidade e a exata noção de atualmente ocupar uma posição proeminente impediu-a de fugir dali o quanto antes. Era exasperante dialogar com um homem tão parecido com Fahid e ao mesmo tempo não ser ele!

Adiantando-se a Karl Friesenberg, sir William Harmond também saudou amistosamente Fayard.

— Pensei que estivesse em Roma nesse período do ano. É sempre bom tê-lo conosco!

— Nunca perderia a mais comentada exposição de toda a Europa!

Inserindo Katherine na roda, sir William asseverou:

— Se a memória não estiver falhando, uma vez prometi apresentar milady a um príncipe marroquino... Embora estivesse me referindo ao príncipe Fahid Ahmed el-Mansour Saadi, suponho que o seu irmão possa quitar a minha dívida e transmitir informações da sua peculiar cultura.

— Será um prazer escutá-lo — assegurou Katherine ligeiramente restabelecida do susto.

A semelhança entre Fahid e Fayard era perturbadora. Excetuando a descontração charmosa de Fayard, que poderia ser confundida com certa dose de irresponsabilidade, os cabelos cortados de acordo com os padrões ocidentais e os olhos castanhos, as demais características eram assustadoramente iguais. A narrativa vibrante do Marrocos desenvolvida por Fayard devolveu as cores, os sabores e os aromas daquele país exótico e misterioso. Seus mosaicos, a música contagiante, os rendilhados de estuque, a borbulhante vitalidade das medinas, suas paisagens desérticas e montanhosas, e as recordações do inesquecível amor que antes Katherine julgara impossível existir. Katherine fez uma observação ou outra, deixando Fayard conduzir o ritmo da conversa. Os insondáveis desígnios do destino, com seus incansáveis caprichos e artimanhas, quiseram colocar Karl Friesenberg frente ao espectro de Fahid. E outra vez, as vívidas reminiscências do passado sobrepujaram impiedosamente as imprecisas e disformes emoções do presente.

CAPÍTULO 19

Acostumado à quietude restauradora da cordilheira do Alto Atlas, a opção de Fahid de iniciar sua vida com Amira em Fez teve o calculado intento de proporcionar uma melhor adaptação do casal. Como Amira sempre morou na cidade imperial, nada mais lógico do que mantê-la em sua terra natal. Isso, em princípio, evitaria conflitos inúteis. Conquanto Fahid não apreciasse a corte marroquina, também não desejava dificultar a relação com sua esposa. Quanto menores fossem as mudanças, maior a probabilidade de coabitarem sossegados. Se o casamento foi inevitável, ao menos deveria tentar viver em paz. E, com isso em mente, Fahid vinha usando toda sua paciência e boa vontade para contornar seus voluntarismos e apaziguar os ânimos. O seu sentimento de culpa servia de forte aliado nessa inglória tarefa.

Apesar dos seus esforços, as feições amuadas de Amira na refeição da manhã transpareciam nitidamente a sua insatisfação. Emoção que parecia estar permanentemente esculpida em seu rosto desde que soubera da aquisição do palacete ondem residiam.

Querendo alcançar as sutilezas que elucidariam as razões daquele insensato e inexplicável comportamento, Fahid encostou-se ao divã oriental de brocado marfim e encarou Amira em busca de tais respostas.

— Algo a está incomodando nos últimos dias?

— Eu não imaginava que moraríamos aqui... — exteriorizou Amira com amargura, disfarçando precariamente o que lhe consumia a alma. A notícia de que fixariam residência em Fez tirou-a do prumo, transtornando-a. Ela sabia que Fahid morara na casbá com a outra mulher. Pretendia conhecer esse lugar e apagar paulatinamente as lembranças que povoavam a mente do seu marido. O ciúme fez Amira perder totalmente o controle, atirando diversos objetos de seu quarto violentamente no chão, num acesso de destempero e loucura.

Respirando profundamente, Fahid continuou:

— Se não lhe agrada ficar próxima a sua família, acho que necessito compreender o que tanto a aborrece com esse fato.

— Não consigo entender por que não vivemos na casbá — revelou a competitiva Amira sem meandros. — Nada nesta cidade o empolga... Então, por que essa inusitada decisão de residirmos aqui?! — questionou com inteligência, ainda que a sua intenção de morar nas montanhas tivesse origem e justificativas bem diversas.

Em que pese a observação de Amira a seu respeito não deixar de ser verdadeira, reconheceu Fahid a contragosto, ele igualmente entrevia que as pretensões de Amira pautavam-se em motivos menos nobres. Evitando cair no ardiloso estratagema, Fahid rebateu:

— Embora você saiba a resposta, a minha decisão de residir em Fez é porque aqui foi construída toda sua vida. Sem dúvida, será infinitamente mais simples vivermos num ambiente que lhe seja familiar.

E para findar a questão sem delongas, Fahid acrescentou com voz que não admitia contestação:

— Outro fato relevante é que tenho negócios urgentes a tratar junto ao governo. Morar na casbá me forçaria a praticamente abandoná-la por meses nos confins do Marrocos. Obviamente, isso não a faria feliz. Sem a contagiante movimentação da medina, suas lojas e atividades sociais, eu desconfio de que você definharia de tédio e desgosto. Sem se falar na impropriedade de recém-casados passarem longos períodos separados. A casbá somente lhe ofereceria isolamento e uma infinidade de livros para ler enquanto me esperava retornar.

Temporariamente vencida, Amira aquiesceu mordendo os cantos da boca, dardejando no negrume glacial de seus olhos escuros o ódio represado em seu íntimo. Sem ter mais o que argumentar, levantou-se das almofadas mal-humorada e foi se refugiar em seu quarto.

Do *moucharabieh*, Amira acompanhou Fahid montar em seu cavalo e partir a galope em direção a medina de Fez el-Bali. Remoendo as palavras do marido, concluiu que a situação era decididamente alarmante. No entanto, a resistência de Fahid em levá-la para a casbá, ao invés de enfraquecer seu intuito de destruir os vestígios da mulher estrangeira, existentes em cada uma daquelas malditas paredes, somente potencializou a sua férrea determinação de seguir com seus planos adiante. Odiava aquela casbá e tudo o que representava para seu marido. Faria questão de modificar e redecorar cada cômodo daquela detestável fortaleza. Trocaria objetos e móveis. Não deixaria pedra sobre pedra. O sacrifício de passar algum tempo isolada da civilização, literalmente no meio do nada, seria compensado no final. Ensimesmada em ilusões delirantes, Amira prometeu não dar trégua em sua batalha para conquistar Fahid, nem que para isso fosse novamente compelida a recorrer à providencial intercessão dos *djinns*.

Como costumeiramente fazia, Fahid pegou os jornais estrangeiros que eram regulamente enviados por seus correspondentes da Inglaterra, França e Espanha e começou a olhar as manchetes, antes de iniciar o expediente no seu escritório. Era uma eficiente forma de se manter atualizado com o que acontecia na Europa, providência ainda mais imperiosa ante a reunião agendada naquela manhã com o duque de Wessex. Ao contrário de outros dias, a primeira página do periódico inglês deixou-o momentaneamente petrificado. Verificando a data de sua circulação, atestou ser de três semanas atrás. Seguido de letras garrafais estava publicado um retrato de Katherine, noticiando sua condição de herdeira do título de duquesa de Melbourne e o acréscimo do sobrenome Kensington.

É evidente que sempre vislumbrara nas descrições de Katherine a profunda ligação sentimental existente com sua tia. Também não era novidade a sua educação incomum. Talhada para agir e raciocinar como um homem, fato sobejamente certificado em diversas oportunidades. Seguramente, a duquesa de Melbourne transmitiu deliberadamente os conhecimentos indispensáveis para sua sobrinha assumir uma posição de liderança no âmbito negocial. Podia jurar que o testamento fora redigido muitos anos antes, circunstância que justificava a sua intransigente resistência em aceitar a *morte* da sobrinha.

Um feito admirável! — reconheceu Fahid estupefato.

O anúncio do fenecimento da antiga duquesa não só o entristecia por não mais poder conhecê-la pessoalmente, bem como pela percepção de que Katherine estava cada vez mais inacessível. A

imprevisibilidade egoísta dos deuses guiava-os para responsabilidades e escolhas que apenas aprofundavam o abismo entre eles. Mesmo naquelas condições improváveis, o amor sobrevivia intocável. Contrariando toda e qualquer lógica, desnorteando-o. Nada explicava aquela intangível união. Vidas e sentimentos entrelaçados. Corações separados por mares e cidades, mas onde o amor se perpetua no silêncio das palavras não ditas pela ventania da vida; na canção da alma, conservando eterna a longínqua emoção do adeus.

Contemplando a imagem em detida reflexão, Fahid descortinou o cintilar aguerrido e o destemor com que enfrentaria as adversidades. Katherine não era mulher de se intimidar com dificuldades. Partia para a luta. Reunia suas forças e seguia sempre em frente. Em certa medida, aquela informação serenou a pontiaguda dor da incerteza de ter tomado ou não a atitude acertada. O lugar de Katherine era como a formosa sétima duquesa de Melbourne. Não podia ser egoísta a ponto de condená-la a uma existência indigna, incompatível com tudo que ela materializava em sua vida e em seu meio social.

Leves estocadas na madeira da porta indicou a chegada do duque de Wessex. Pousando estrategicamente o jornal sobre o tampo, Fahid recebeu o nobre inglês efusivamente.

— Que bons ventos o trazem a Fez?

— Vim resolver negócios pendentes e visitar os amigos tratantes! — explicou lorde Wessex com espirituosidade, enquanto se abraçavam.

— Por favor, acomode-se — disse Fahid apontando para a poltrona defronte ao birô, com um largo sorriso. — Deseja um chá de menta?

— Obrigado! Todas as vezes que venho ao Marrocos me delicio com essa bebida aromática — aceitou o duque, balançando a cabeça. Estendendo o olhar para o periódico sobre a mesa, comentou: — Vejo que está a par das recentes novidades da Inglaterra...

— Estava lendo sobre a nova duquesa de Melbourne... — falou com a premeditada intenção de provocar o desdobramento do assunto.

— Efetivamente, a finada sexta duquesa sempre foi moderna e nada afeita às convenções sociais. No entanto, eu confesso que me surpreendi com a ousadia de Margareth... Nunca pensei que fosse capaz de tanto!

Pelo visto, aquilo era um traço de personalidade familiar — ponderou Fahid interiormente divertido.

E continuou lorde Wessex:

— Toda Londres ficou chocada com a revelação do testamento. Não se falava em outra coisa nos dias que precederam a minha viagem. Em especial, os que hostilizaram acintosamente a nova duquesa, após o seu súbito regresso à Inglaterra.

— Como assim?! — incentivou-o Fahid a desenvolver o tema.

— Como lady Katherine passou quase dois anos desaparecida... Na verdade, para muitos, considerada morta, o retorno sem qualquer justificativa não foi bem aceito. Entretanto, aquilo não parecia afetá-la. Deixou de frequentar festejos e comemorações com impávida tranquilidade, mantendo-se sempre às voltas com o bem-estar de sua falecida tia. Até mesmo nas cerimônias fúnebres, preferiu a absoluta discrição. Em outras palavras, ignorou-os tal como faziam com ela!

— Pelo que narrou, o título unicamente proclamou o que a atual lady Melbourne sempre foi... Uma autêntica integrante da nobreza! — declarou Fahid, incapaz de esconder o orgulho pela conduta irretocável de Katherine.

E emendou Fahid:

— E ninguém desconfiou desse testamento? Conseguiram guardar segredo por tanto tempo?

— De acordo com os rumores, apenas lady Katherine Hartington e seu pai, George Hartington, conde de Northwick, conheciam o seu conteúdo. O constrangimento entre os parentes que assistiam à sua leitura foi indisfarçável e geral. Graças à providencial intervenção de Northwick, conseguiu-se contornar o susto inicial e restabelecer a normalidade. Pelo que eu soube, após divulgada a herança, lady Katherine, atual lady Melbourne, saiu de Londres e viajou para Fairmont.

— Fairmont? — indagou Fahid, mesmo sabendo da resposta.

— Um palacete fantástico de que agora é proprietária no condado de Derbyshire.

— E você, meu amigo, nunca suspeitou de nada?

— A predileção por lady Katherine era notória. Isso eu observei em diversas circunstâncias. Na época do desaparecimento, por exemplo, foi a única pessoa que não acreditou na versão oficial, empreendendo esforços expressivos para descobrir o seu paradeiro. Atendendo seus apelos, recorri às autoridades marroquinas. Segundo dizia lady Melbourne, sua sobrinha estaria nesta região. O que me fez pedir ao seu pai especial intervenção na questão. Mas, daí deduzir que o resultado da sucessão seria esse vai uma significativa diferença.

E arrematou com expressão errante, denunciando na sua voz mais do que seria conveniente expor:

— Provavelmente, se eu tivesse sopesado com vagar a reiterada, e porque não dizer, natural tendência da falecida lady Melbourne de se contrapor aos ditames pré-estabelecidos, houvesse desvendado seus objetivos. Ela andava na vanguarda dos acontecimentos... Era admirável...

— Induvidosamente, era uma mulher formidável — afirmou Fahid, convicto de que as mulheres daquela família exerciam um fascínio peculiar nos homens.

— Nem me fale! Se David Kensington não tivesse surgido, eu a teria desposado sem hesitar... Por pouco, não ficamos noivos! — confidenciou o duque de Wessex, com um suspiro conformado.

— A vida e seus desfechos inexplicáveis... — murmurou Fahid com a solidariedade dos que experimentaram idêntico infortúnio.

Voltando-se para o real motivo da reunião, lorde Wessex e Fahid patrocinaram calorosos e cordiais debates sobre os termos do tratado que estava em estudo pelo governo britânico no campo da navegação mercante. Quando se despediram, Fahid imediatamente pegou papel e tinta e sentou-se para escrever uma missiva, curta e nada amistosa, para seu pai. Diante dos relatos do duque de Wessex, chegara o momento de o príncipe Taufik pagar a parte que lhe cabia da fatura daquele desventurado contrato de casamento.

O príncipe Taufik avaliava cautelosamente a mensagem enviada por seu filho mais velho, meditando se a abordagem sugerida seria realmente a mais apropriada. Não podia se expor a contradições prontamente identificáveis. Afinal, o duque de Wessex era um homem sagaz e acostumado a farejar intrigas políticas e artifícios a milhas de distância. Carecia de um pretexto que induzisse um desenrolar plausível do assunto. Desagradavam-no as entrelinhas e a escrita impositiva da carta. Não prometera a Fahid proteger a honra de lady Katherine Hartington. Isso sequer fazia parte da sua lista de preocupações e prioridades. Porém, reconhecia que a exigência de Fahid era

uma forma eficiente de ocultar qualquer rastro dessa mulher no Marrocos. E esse enfoque do pedido era digno de consideração.

Após analisar e reanalisar por dias a proposta, concluiu que seria conveniente aos seus propósitos e quitaria definitivamente a sua dívida com Fahid, pondo um fim nos transtornos advindos da controvertida aliança firmada com a família de Kamal ben Allah. Associado a esse fato, a confirmação da presença do duque de Wessex no almoço oferecido, naquele dia, em sua residência, seria uma ocasião propícia para colocar as engrenagens para girar.

Quando a bebida circulava em abundância pelos salões coalhados de convidados e a sonoridade contagiante da música se difundia no insinuante requebrar das dançarinas, o príncipe Taufik achegou-se ao descontraído grupo onde se entretinha o duque de Wessex. Com notável desenvoltura, conversaram sobre os mais variados tópicos. Uma vez sozinhos, o príncipe Taufik aproveitou para entrar no ponto do seu interesse, dizendo com estudada casualidade.

— Coincidentemente, há alguns dias, enquanto aguardava para ser recebido pelo vizir Hassan Khalife, presenciei o assombro de dois comerciantes espanhóis comentando incrédulos o teor da reportagem sobre a sétima duquesa de Melbourne. Segundo disseram, estavam convictos que era a mesma mulher encontrada desmemoriada, após um trágico acidente nas imediações de Cadiz, e que depois casara com um próspero aristocrata da região, tragicamente morto de um fulminante ataque cardíaco.

E continuou:

— Como você me procurou tempos atrás em busca de informações sobre o paradeiro da sobrinha da duquesa de Melbourne, o diálogo acabou me chamando atenção quando mencionaram o título. E antes de sair, ao conferir o retrato estampado no jornal, fiquei pasmo. Era exatamente igual à reprodução que me foi entregue... Então, a sobrinha desaparecida reapareceu e agora é a nova duquesa, é isso?!

— Para você ver como é a vida... Não só voltou para a Inglaterra sem qualquer explicação sobre o seu misterioso desaparecimento, como foi nomeada a herdeira universal da falecida duquesa, tornando-se do dia para a noite a toda poderosa sétima duquesa de Melbourne! — relatou o duque com irrefreável tom sensacionalista.

— Pelo menos, a minha memória ainda é confiável! — dramatizou o príncipe Taufik. — Seja como for, a sobrinha retornou para os braços da família e está bem, encerrando a angústia e a dor da incerteza de seus parentes.

— Neste aspecto você tem toda razão, mas a sociedade londrina não aprovou a postura adotada pelos Hartington. As reputações só se mantêm intactas se houver transparência. E o silêncio da família somente contribui para propagar especulações e boatos maledicentes.

— Vai ver que a sua família achou temerário alardear a temporária perda de memória de lady Katherine e o seu breve e desafortunado casamento — conjecturou Taufik, insinuando a versão do seu interesse. — Se fosse minha filha, possivelmente adotaria idêntica atitude. Para que trazer à tona um tema sofrido como esse?!

— Sob esse prisma, sou compelido a concordar. O importante é que lady Katherine regressou sã e salva — asseverou o duque de Wessex. — Por outro lado, o título de nobreza ajudará a apagar qualquer vestígio ou mancha sobre o seu incógnito passado. Disso nós sabemos!

E prosseguiu no seu raciocínio com cinismo:

— Após herdar as propriedades e o título do ducado de Melbourne, rapidamente tudo será

docemente esquecido pelas pessoas que a criticaram tão severamente. Conhecemos os bastidores do meio em que vivemos... O dinheiro sempre fala mais alto e pode comprar todo tipo de lealdade — enfatizou o duque mordaz. — E convenhamos, a morte da tia após tamanha confusão acabou sendo um tremendo golpe da sorte!

— Meu amigo... Você está coberto de razão! É muita sorte... Muita sorte mesmo! — aderiu o príncipe Taufik, explodindo numa sonora gargalhada, diante das reviravoltas do destino, especialmente depois da série de aborrecimentos e contratempos ocasionados na sua vida por aquela maldita inglesa que, por um triz, quase implodiu a sua aliança diligentemente costurada por décadas com a família de Kamal ben Allah.

Embalado pelos imprevisíveis desfechos desta vida, o príncipe Taufik fez um brinde solene, erguendo a taça de champanhe, numa homenagem permeada de frases não ditas:

— À venturosa duquesa de Melbourne, Katherine Kensington, para que a estrela da fortuna nunca a desampare!

— Que assim seja! — saudou lorde Wessex divertido.

Como um castelo de areia devorado pela arrebentação das ondas, as aspirações de Amira de conquistar Fahid foram paulatinamente destruídas, uma a uma. De várias formas tentou derrubar o muro invisível que os separava. No início, atribuiu à falta de convívio. Praticamente, eram dois estranhos no dia do casamento. Não era de se espantar certa cerimônia. Mas isso seria superado com o tempo, calculava Amira presunçosa. Tinha confiança de que sepultaria o fantasma da mulher estrangeira. Seus encantos eram elogiados por todos. Não seria diferente com seu marido. Conseguiria seduzi-lo e obter tudo que queria, tal como fora a sua vida inteira, até antes do casamento.

Entretanto, por mais que se esforçasse, as gentilezas e atenções de Fahid eram permanentemente envoltas numa reserva desesperadora. A falta de espontaneidade era asfixiante. Amira tinha pleno conhecimento de o marido ter sido perdidamente apaixonado por outra mulher. Por isso, tivera o tirocínio de inserir a cláusula que vedaria a poligamia em seu contrato pré-nupcial. E isso apenas contribuía para acentuar a sua raiva, que se transformava, com o tempo, no mais puro e genuíno ódio.

O medo de ser abandonada pelo marido convertera-se em pavor, fazendo Amira ter pesadelos terríveis. Acordava no meio da madrugada com os lençóis molhados de suor, chorando de soluçar. Imaginava-se infértil. Uma vida seca e vazia de filhos. Se não engravidasse rápido, seu marido poderia repudiá-la, desfazendo seu casamento e viabilizando novas uniões! Uma vergonha sem precedentes para qualquer mulher de origem mulçumana. A cada mês, quando vinham suas regras, a prostração apoderava-se do seu espírito, afogando-o num oceano de inseguranças e desvarios. Há oito meses tentava ficar grávida. Amira enxergava nos filhos uma maneira de poder assegurar a sobrevivência do seu casamento, principalmente diante de circunstâncias tão precárias.

Num infeliz e irrefletido rompante de insanidade, Amira decidiu recorrer a métodos extremos. Não podia ficar parada, presenciando seu mundo desabar. Tomando uma súbita decisão, pegou o *haik* e enveredou sozinha pelas labirínticas ruelas e becos da medina de Fez el-Bali. Atravessando o tumultuado Souk el-Attarine, com suas especiarias e bazares de seda, apinhado de pessoas e cheiros

de ervas e raízes exóticas, Amira dobrou à direita e quase foi atropelada por um congestionamento de burros e mulas, numa zurraria ensurdecedora. O grito estridente de um mercador, perto do seu ouvido, assustou-a. Num transe alucinado, os pés de Amira pareciam ter adquirido vida própria, transpondo as pedras rugosas do caminho com a ânsia febril dos perseguidos, sem se ater às pessoas ao seu redor.

Guiada unicamente pela sua memória, Amira finalmente achou a estreita entrada. A nuvem acinzentada de fumaça continuava igual. Entrou com o mesmo terror que sentira na primeira vez em que pusera os pés naquele lugar horroroso. A decoração assustadora mantinha-se inalterada, com uma profusão de frascos e potes, com ervas e extratos medicinais, dentes e pedaços de animais selvagens e asquerosos, amontoados em prateleiras prestes a tombar a qualquer instante. Precipitando-se para o centro do recinto, Amira viu o *Shouaf* com sua manta de pele de zebra e turbante negro.

— Outra vez aqui?! — admirou-se o herborista com olhos vidrados. — Em que posso lhe ser útil? — inquiriu com entonação contrafeita, à medida que expelia do cachimbo lentas baforadas circulares de um fumo adocicado.

— Quero ficar grávida — informou Amira sucintamente. Não desejava se alongar em conversas desnecessárias. Quanto antes saísse dali melhor. Pressa que não era compartilhada pelo homem a sua frente.

— Pedido bem mais simples do que o da última vez... — comentou o feiticeiro com sarcasmo.

Ultrajada com a observação, Amira rebateu com arrogância:

— Feitiço que não foi corretamente executado, porque a mulher não morreu... Paguei caríssimo e você não cumpriu o que me prometeu!

— E qual é o motivo de você estar aqui se não confia no que faço?! — indagou com nítido desprezo, fitando-a com deboche.

— Seja como for, estou casada com o homem que amo e a mulher estrangeira, culpada por todos os males, desapareceu sem deixar rastro. Sumiu do mapa! Por isso, retornei... — justificou-se impaciente, diante da fisionomia de desdém do herborista.

A antipatia entre eles era palpável.

Após infindáveis segundos de indecisão, o *Shouaf* aceitou atender à solicitação daquela mulher de alma invejosa e mesquinha. Normalmente, não se abespinhava com o caráter das pessoas que o procuravam; somente almejava receber o pagamento contratado pelo seu serviço. Não estava neste mundo para julgar ninguém. Todavia, aquela jovem individualista e sem limites aborrecia-o sobremaneira.

— Aguarde um momento.

Em seguida, retirou-se, encurvado e carcomido pela artrose, para detrás de um biombo de tecido. O barulho de tampas sendo abertas e fechadas e líquidos despejados eram os únicos sinais de que havia mais alguém naquele lugar, além da própria Amira. Quando retornou, estendeu um pequeno frasco com um xarope viscoso e amarelado, orientando-a a tomar uma colher de chá pela manhã, pelos próximos quinze dias, a contar do início da próxima regra.

Sem agradecer, Amira depositou uma moeda de ouro nas mãos do herborista e saiu em disparada. Menos de dois meses depois, Amira exultava de felicidade com a confirmação da sua gravidez. Um júbilo somente equiparável à emoção do seu casamento. Agora, era só aguardar o nascimento do bebê e tudo se resolveria, pensou Amira esperançosa. Porém, as risadas macabras e sorrisos

traiçoeiros dos *djinns* ecoavam soturnos nos subterrâneos ocultos do universo, pressagiando desfechos distintos e imprevisíveis...

Sensibilizado com a alegria de Amira, Fahid acabou concordando com a sugestão de oferecerem um almoço para as respectivas famílias. Segundo sua esposa, seria um modo eficaz de estreitar os laços, providência salutar agora que teriam um filho juntos. A perspectiva da festa até animou Fahid. Seria uma ótima oportunidade para conhecer mais profundamente os sogros. Podia contar nos dedos as ocasiões em que se encontraram. Por isso, não quis fazer qualquer objeção ou exigência, deixando Amira cuidar de tudo com autonomia.

Visivelmente satisfeito com o evento, Fahid recebeu os convidados que se acomodavam pelo jardim da formosa residência. A arquitetura do lugar o deslumbrava. Se tinha que morar em Fez, aquele era o local perfeito. O *zouac* das portas e janelas de cedro era uma riqueza. Somente artesãos extremamente competentes seriam capazes de criar semelhante preciosidade. Os mosaicos das paredes também foram executados com a mesma precisão. Desenhos abstratos em cerâmicas coloridas, preponderantemente verde, azul e terracota, forravam as paredes. Do teto desprendiam-se filigranas de estuque, como uma espécie de renda delicada. Suntuosas luminárias de cobre, espraiando fragmentos difusos de luz, e esplêndidas tapeçarias com minúsculos pontos decoravam o ambiente.

O clima mais fresco do outono favorecia atividades ao ar livre. Por isso, armaram-se tendas, espalharam-se almofadas e estenderam-se tapetes para receber os convidados. Os serviçais circulavam com as bebidas e comidas com destreza. Um conjunto musical executava canções populares e festivas. Tudo fluía às mil maravilhas. Mas, o inesperado aparecimento de Nabih evaporou, num passe de mágica, o seu contentamento. Foi necessário todo o seu autocontrole para não o escorraçar a pontapés. Só não fez isso porque não podia destratá-lo diante da família de Kamal ben Allah, sem incorrer no risco de desencadear inoportunas especulações sobre as causas de tal reação.

Com a cara fechada, Fahid aproximou-se de Nabih:

— *Salamaleicom* — cumprimentou Nabih com sorriso fingindo, como se fossem ainda amigos.

Sem se dignar a retribuir a saudação, Fahid indagou cortante:

— O que você faz aqui?!

— Vim celebrar a felicidade do casal... recebi o convite da festa! — mentiu Nabih, sem se intimidar com a gélida recepção de Fahid. Com expressão estudadamente confusa, argumentou dissimulado: — Supus que desejasse reatar nossa amizade...

Querendo evitar polêmicas inúteis, Fahid arrematou sem cortesia:

— Aproveite o quanto quiser. Sinta-se à vontade.

Virando-lhe as costas, Fahid se afastou. Não carecia averiguar com Amira a lista de convidados, nem ventilaria acidental erro na distribuição dos convites. É claro que sua esposa não cometeria um equívoco elementar como esse. Se Nabih viera deliberadamente a sua casa sem ser convidado, era porque tinha um propósito específico para aquela atitude inconveniente. Não estava ali por acaso. E isso deixava Fahid em estado de alerta.

Disposto a descobrir o porquê daquela encenação, Fahid passou a monitorar, discretamente, cada gesto e movimento de seu primo. Perto do final da tarde, quando Fahid já elucubrava a hipótese de Nabih ter desistido de seus planos, viu-o esgueirar-se sorrateiro para o interior da residência. Seguindo-o com cuidado, Fahid testemunhou o exato instante em que ele entrou no salão lateral, contíguo ao seu escritório. Desconfiado, Fahid decidiu investigar o que acontecia. Sem revelar a sua presença, aproximou-se da fresta existente na porta de ligação entre os dois cômodos.

Ao ouvir a voz de Amira, Fahid apurou ainda mais seus ouvidos.

— Que maldição o traz aqui?! — praguejou Amira indignada.

— Ora, ora, ora... mas como você é ingrata... — repreendeu Nabih com escárnio, comprimindo os lábios em sinal de reprovação. — Oferece um banquete para todos os membros da família a pretexto de comemorar o sucesso de seu casamento e se esquece de convidar justamente quem foi fundamental para a sua concretização...

— Você é louco. Eu não lhe devo nada! Saia imediatamente daqui! — falou Amira contundente, extravasando na sua ênfase o seu nervosismo.

— Então, vamos recapitular com calma os fatos — contrapôs Nabih com frieza, como se dispusesse de todo o tempo do mundo. — Quem foi que lhe alertou da paixão desmesurada do seu noivo por outra mulher? Ou quem foi a pessoa responsável por informar o príncipe Taufik, o principal interessado na realização desse casamento, sobre a existência da mulher estrangeira? Vamos lá, Amira... reconheça que alguma deferência me é devida!

— Você só pode estar fora de si... — disse Amira cada vez mais aflita com aquela conversa sem sentido. — Como eu poderia convidá-lo, sabendo das desavenças existentes entre você e Fahid?! Não acha que está pedindo demais?!

— Não me venha com desculpas esfarrapadas. De santa você não tem nada! Com o mínimo de boa vontade, facilmente encontraria uma forma de solucionar o imbróglio, ultrapassando as barreiras de Fahid. Ainda mais sendo experiente como é em engendrar intrigas e criar ardis... Não seria difícil, posso lhe garantir!

— O que me pede não tem o menor cabimento! Sobretudo quando eu fiz tudo sozinha. Coube a mim pressionar meu pai e fazer um estardalhaço na minha família para forçá-lo a reiterar o compromisso de noivado, o qual ele nem estava muito inclinado a honrar. Sem se falar na cláusula que obstaculizou a poligamia de Fahid com a estrangeira.

E continuou Amira petulante:

— Não se vanglorie pelo que não fez!

— Só eu sei o quanto eu me arrependo por tê-la ajudado... — revelou Nabih destilando ódio. — No final, você ficou com Fahid e a mulher estrangeira simplesmente dissipou-se no ar... Não ganhei nada com essa história.

— O problema é exclusivamente seu! Eu não pedi para me ajudar e não me venha agora cobrar o que não lhe foi pedido! — rebateu Amira atrevida, com a empáfia dos que se sentem com direito a tudo. — Vá embora daqui, antes que eu comece a gritar e coloque todos contra você — ameaçou maldosamente. — Asseguro que não seria nada complicado fazer isso...

Ao ampliar seu campo visual além da figura de Amira, Nabih não conteve um sorriso maquiavélico.

A sua missão fora concluída com absoluto êxito! Tudo transcorrera como planejado — jactou-se Nabih em pensamento.

Sem entender aquela reação, Amira voltou-se para o ponto da sala que despertou aquele brilho acintoso no olhar de Nabih. Estatelada pelo pânico, Amira sentiu o mundo ruir estrondosamente sobre a sua cabeça. Prontamente, compreendeu a cilada arquitetada por Nabih. Aquele miserável pagaria muito caro, prometeu vingativa. Daria o troco quando ele menos esperasse!

Parado na entrada de ligação do escritório, Fahid transmitia em sua imobilidade todo o desprezo e repulsa que lhe consumiam a alma. Fitava Amira com nojo, como se nunca a tivesse visto antes. O silêncio eloquente de Fahid foi pior do que o estatelar seco de uma bofetada no rosto. Assustada, Amira achou prudente não correr atrás dele quando o viu sair do recinto. Lágrimas e pedidos de desculpas não surtiriam qualquer efeito naquelas circunstâncias. Esgotada, jogou-se sobre a poltrona, incapaz de acreditar na sua estupidez. Como aceitara conversar com Nabih dentro da sua casa e com Fahid por perto?! Insultado pela descortesia de não ter sido convidado, acrescido do ressentimento de não saber o fim que levou a mulher estrangeira, Nabih resolveu despejar toda a sua raiva nela. Sentindo-se revoltada com a injustiça da situação, Amira indagava para si mesma, sem cessar, como um dia que prometia ser tão glorioso poderia ter um desfecho, paradoxalmente, tão desastroso?!

Foi somente o último convidado se despedir dos anfitriões, para a atmosfera festiva ser substituída por pesadas e invisíveis sombras negras. Fahid aguentou aquela provação com persistente paciência, encobrindo a muito custo a fúria prestes a explodir, mantendo as aparências até o final da festa. Revoltado com a pérfida atitude de sua esposa, Fahid sentia o sangue borbulhar nas veias. Ele não era homem de perdoar insídia e deslealdades. Isso era intolerável!

Sem se dignar a olhar para Amira, subiu os degraus da escada e ao entrar no quarto, começou a arrumar suas bagagens. Precisava refletir sozinho... Como ajustaria as coisas dali para frente? Qual a melhor forma de proceder? E isso não seria possível decidir com Amira ao seu lado, infernizando a sua vida. Não suportava nem mesmo vê-la. O que dirá conviver sob o mesmo teto! Seus homens já deviam estar a sua espera. Convocara-os fazia mais de duas horas; assim que saíra do salão. Pretendia passar uma temporada fora. Talvez a casbá fosse uma boa alternativa, pensou apreciando enormemente a ideia. Lá poderia usufruir da tranquilidade e do isolamento de que tanto necessitava.

Quando estava finalizando os preparativos, ouviu a voz lacrimosa de Amira atrás das suas costas.

— Para onde você vai? — perguntou abatida, com olhos vermelhos e inchados de choramingar.

— Ainda não decidi... No entanto, seja para onde for, você não irá comigo — declarou Fahid peremptório.

— Por favor, permita-me explicar... — pediu Amira, nervosa com a iminente partida de Fahid. — Não é nada disso que você está imaginando...

E continuou consciente de que era a hora do tudo ou nada:

— O que Nabih disse é mentira! Eu não tive nenhuma participação nos estratagemas orquestrados por ele. Apenas depois do noivado oficializado é que soube da existência da mulher estrangeira... — distorceu vergonhosamente os fatos, tal o seu desespero.

— Cale-se! — esbravejou Fahid indignado. — Não queira manipular o sentido das palavras que eu escutei perfeitamente bem! Chega de falsidade. Para ser honesto, tudo isso aqui é uma deplorável mentira. A nossa vida é uma farsa. Uma lamentável e execrável encenação! — sentenciou aborrecido,

estendendo os braços ao redor, com incontrolável aversão.

— Foi essa maldita mulher que o enfeitiçou! Se não fosse ela, nada disso estaria acontecendo. Ela é uma serpente que só quer semear a desunião — disparou Amira venenosa, retirando a máscara, e exteriorizando pela primeira vez sua real personalidade.

— Não culpe outras pessoas, que nem estão aqui para se defender, pelos seus atos, Amira! Pelo menos, tenha dignidade e senso crítico suficientes para assumir suas falhas e arcar com as respectivas consequências — redarguiu Fahid, cada vez mais enfurecido.

— Pare de querer defendê-la.

E prosseguiu descontrolada, despejando em palavras sua ira:

— Eu odeio com todas as minhas forças essa desgraçada! Para mim, deveria estar morta, enterrada e de preferência no inferno! Ela é a única culpada por todos os problemas do nosso casamento. Afinal, que mulher virtuosa é essa que rouba o noivo de outra?! Não queira justificar tamanha falta de decência!

— Tomar o noivo... Não seja lunática! Ela nunca poderia ter tomado algo que jamais lhe pertenceu. Você sabe que este casamento não passou de um mero acordo político. Nem mais, nem menos! Nunca houve amor. Unicamente, o manifesto desejo de nossas famílias de consolidar poder e riqueza — asseverou Fahid com frieza desumana. — E alerto-a: não admitirei que toque nesse assunto outra vez. Isso não lhe diz respeito!

Vendo que somente estava agravando as coisas, Amira retrocedeu. Decidiu apelar para a chantagem emocional.

— Eu o amo... Suplico para você não ir embora. Eu estou esperando um filho seu! Não posso ser deixada nesse estado, sem qualquer consideração... — implorou à beira do descontrole.

— Você não sabe o que é o amor. E pelo visto, jamais será capaz de compreendê-lo. No seu egocentrismo, só existe você e sua vaidade desmedida. Nunca conseguirá dimensionar sua grandeza ou viver essa emoção.

— Até parece que você é um expert no assunto! — alfinetou Amira enraivecida pelo que escutara, externando-se novamente sem anteparos.

Soltando uma gargalhada cruel, Fahid arrematou:

— Eu não só sei o que é o amor, como vivo esse sentimento em sua plenitude todos os dias. A despeito de estar casado com você, o que sinto não foi objeto de transação. Cumpri fielmente a minha parte do malfadado contrato e não me vejo devedor de nada! Não negociei nem negocio a minha alma! Isso sempre esteve fora de cogitação.

Sem mais perda de tempo, Fahid bateu a porta num estampido seco e partiu.

Amira tremia num pranto convulsivo. Sentia-se sem chão. O vazio do quarto era um eco da sua existência. O anúncio de um casamento fracassado. Provavelmente, sem quaisquer meios de reparação. A revelação do conluio com Nabih sepultou seu sonho de ter Fahid só para si. Inconformada, Amira vagava como um fantasma. Sem rumo e direção.

Extenuada, Amira arriou pesadamente na cadeira da penteadeira. Mirando o seu reflexo desgrenhado, tentou rememorar a infeliz sequência das últimas horas. A conclusão alvissareira é que Fahid não a repudiou, separando-se dela! Aquilo acalentou seu espírito, dando alguma esperança de futuramente contornar as dificuldades enfrentadas no seu casamento. Por hora, teria que se recolher. Baixar as armas e engolir o orgulho ferido. Não adiantava atiçar ainda mais a cólera do seu marido. Não seria inteligente obrigá-lo a nada. Ficar quieta seria a estratégia adequada. De mais a mais, um

dia, Fahid retornaria para conhecer o próprio filho... Um dia, ele voltaria...

A poeira e o esfalfamento de dias na estrada foram imediatamente esquecidos por Fahid quando avistou o maciço rochoso onde reinava soberba a Djebel Toubkal. Nas proximidades, sobressaía a casbá. A fortificação que tanto amava... Sempre devotara um sentimento especial àquele lugar, emoção que foi potencializada inúmeras vezes depois de partilhar com Katherine os melhores e mais sublimes instantes da sua vida. Nenhum outro canto da Terra lhe era mais querido e repleto de saudosas recordações. Um tesouro inesgotável de imagens, sorrisos e paixão. Um bálsamo para seu espírito alquebrado. A verdadeira razão para nunca permitir a presença de Amira no seu santuário particular.

— Seja bem-vindo, Alteza! — saudou Hani, atual responsável pela administração do castelo, após a partida de Cecilla. — Espero que tudo esteja de acordo com suas orientações. Se necessitar de alguma coisa, é só tocar a sineta — informou solícita, retirando-se discretamente.

— Obrigado — respondeu Fahid, satisfeito por finalmente se encontrar sozinho.

O abatimento de Fahid era evidente. Sua alma desgastada ansiava respirar cada som do passado. Perder-se no prazer sonhador dos vultos risonhos e esvoaçantes das lembranças. Caminhar nos cenários de cumplicidade e arrebatamento; sentir essas emoções tocarem novamente seu corpo, gravadas que estavam como brasa na sua pele ardente. Precisava das cores dispersas pela ventania implacável do tempo entranhadas em cada uma daquelas paredes. A certeza de ter sido amado e de amar. O calor pujante dos amantes que enternece o coração.

Ao transpor a porta da área íntima da fortaleza, Fahid sentiu a sua pulsação se acelerar. Podia jurar que Katherine surgiria na sua frente, com seu rosto iluminado de felicidade a qualquer minuto. Tudo continuava exatamente igual. Cuidadosamente preservado, tal como foi deixado antes de partirem para Essaouira. O livro entreaberto esquecido displicentemente no assento do sofá parecia anunciar o breve retorno de quem o lia. A escova largada sobre o tampo do baú trouxe lágrimas aos olhos de Fahid, ao relembrar quantas vezes adorara sentir a massa negra e abundante de seus cabelos em suas mãos. O penoso foi contemplar os vestidos de Katherine. Não resistiu à tentação de acariciá-los, tal como o faria se ela estivesse vestida neles.

Katherine era a presença ausente. Na comunicação transcendental do amor, Fahid pressentia a sua contínua proximidade. O abrigo compreensivo de todas as horas. Fisicamente inacessível e espiritualmente tangível. A ligação de energias que se entendem na misteriosa linguagem do universo. Desprovida de materialidade; transmitida na intensidade vibrante dos pensamentos. Capaz de descortinar a plêiade de sentimentos escondidos nos insondáveis recônditos do ser humano. E nem mesmo na inconsciência pacífica do sono deixou de habitar seus sonhos e encantar seus sentidos.

Enredado em nostálgicas memórias, Fahid foi para o terraço. Ficou contemplando o infinito mar de montanhas com seus cumes esbranquiçados. O inverno já era uma realidade na região. Diminutos flocos de neve desprendiam-se romanticamente do céu, alastrando uma tênue camada branca na paisagem. Indiferente ao frio, Fahid sentiu-se em paz. Desde a partida de Katherine, não sabia mais o significado dessa extraordinária sensação.

Como era bom estar em harmonia... — suspirou Fahid profundamente, usufruindo o penetrar

enregelado do ar em seus pulmões. Passaria os próximos meses na casbá, decidiu determinado. Longe das exigências sociais e familiares. Queria um momento exclusivamente seu, onde pudesse meditar e realinhar as ideias.

Na maior parte do tempo dedicou-se à leitura, mas a sua atividade favorita era abandonar-se sonhadoramente nas reminiscências da sua vida com Katherine. Negava-se com firmeza a racionalizar a realidade. Naquele período permeado de nevascas e escuridão, contrariando sua natureza pragmática, Fahid afundou em melancólica prostração, sem se importar com nada nem ninguém. Só quando o gelo começou a derreter nas encostas montanhosas, Fahid encerrou o seu retiro. Sentindo-se fortalecido e revigorado, retornou à civilização disposto a colocar cada coisa no seu devido lugar. Custasse o que custasse!

O reencontro com Amira foi cerimonioso. No extremo limite da educação. Fahid optou pelo silêncio; não se justificou nem deu explicação sobre o tempo em que esteve ausente, por achar que assim agindo evitaria discussões infrutíferas. Retroceder àquele fatídico dia não modificaria em nada os motivos do seu afastamento. Tratou Amira com cortesia, porém evitou deliberadamente qualquer aproximação. Não via sentido em agravar o que já era intrinsecamente difícil. Sua barriga proeminente correspondia aos seis meses de gestação e sua saúde parecia estar em perfeito estado. Sempre se mostrava disposta e satisfeita com o seu retorno, e igualmente receosa de enveredar por assuntos espinhosos. Em certa medida, uma trégua foi implicitamente firmada.

Fahid sabia que teria de esperar o término da gravidez para tomar as medidas que seu coração exigia. E Amira intuía que teria esse exíguo período para tentar reverter a implosão patrocinada por Nabih no seu casamento.

Contudo, no oitavo mês de gestação Fahid ficou ligeiramente preocupado com Amira. O ganho de peso indicava estar acima da média. Suas extremidades, em particular as mãos, estavam inchadas. Conquanto seja usual a mulher engordar no final da gravidez, Amira também se queixava de dores de cabeça, falta de ar e náuseas, acompanhadas de vômito. Precavido, Fahid chamou um médico para examiná-la. Melhor pecar pelo excesso do que pela omissão.

O médico atendia pelo nome de Adib. Era um indivíduo de meia-idade, com vasta cabeleira grisalha, olhar bondoso e excelentes referências. Seu linguajar calmo e rosto tranquilo não permitiam a ninguém concluir de antemão o diagnóstico. Aquele suspense apenas piorava a apreensão de Fahid. Inclusive, naquela manhã, Amira estava reclamando de dores abdominais.

— Está tudo bem com minha esposa e o bebê? — inquiriu assim que deixaram o quarto de Amira.

— Honestamente, o seu estado de saúde demanda sérios cuidados. Por isso, não poderá sair da cama, devendo repousar preferencialmente do lado esquerdo do corpo e sua alimentação terá de ser leve e sem comidas salgadas. Está terminantemente proibida qualquer extravagância.

E após uma pausa, continuou contrito:

— Talvez seja necessário antecipar o parto...

— Mas isso seria extremamente perigoso — assustou-se Fahid com essa possibilidade drástica e nada promissora. Retirar a criança antes da hora só se fazia em casos excepcionais, quando envolvia risco de vida.

— Independente da futura decisão, primeiramente julgo adequado analisar a urina do intervalo de vinte e quatro horas, pelos próximos cinco dias. O material deverá ser enviado ao meu consultório.

E concluiu com segurança:

— Por enquanto, aconselho mantê-la em observação e acompanhar a evolução do seu quadro clínico atentamente. Mas vamos manter a serenidade e a fé... Se precisar de mim, é só me contactar.

A família de Amira teria de ser urgentemente comunicada, pensou Fahid ao acompanhar o médico até a porta. Um incômodo persistente oprimia o peito de Fahid.

Entretanto, o médico de nome Odetano, designado por Kamal ben Allah, desdisse o médico Abid em tudo. Parecia falar de outra paciente! Alegou que provavelmente fora uma indisposição sem maior importância e que Amira poderia retomar seus afazeres diários. Explicou com latente aborrecimento que o aumento de peso é absolutamente normal no fim de qualquer gravidez. E que os enjoos, seguidos de vômito, falta de ar e dores no abdômen seriam resultado natural da gravidez. Nessa fase, como o bebê fica sem espaço para se acomodar dentro da barriga, ele acaba pressionando o diafragma e os pulmões. Quanto às dores de cabeça, atribuiu esse sintoma à alimentação. Especificamente: falta de comida!

E assim... Amira passou a ser monitorada e tratada pelo médico de sua família, inobstante a veemente oposição de Fahid. Bastava um simples olhar para sua esposa para notar a gravidade da situação. No entanto, a insistência de Kamal ben Allah fez Fahid recuar. Não seria sensato afrontar seu sogro. Se essa era a vontade dos pais de Amira, respeitaria a decisão deles. A responsabilidade não poderia ser assumida exclusivamente por Fahid, principalmente se levasse em consideração as desavenças e contratempos vividos com Amira.

Pelo menos nas três semanas seguintes Amira ficou estável. Não houve piora, nem qualquer melhora. Tersa, mãe de Amira, vinha visitá-la todos os dias. Pressentindo a anormalidade daquela gestação, achou melhor contratar os serviços de uma conhecida parteira. Na verdade, o médico Odetano indicado por seu marido era excessivamente vaidoso e isso a desagradava sobremaneira. Embora concordasse com seu genro, não quis desafiar o marido, esforçando-se para acreditar na versão mais otimista. Escolha que fazia Tersa se consumir em culpas e arrependimentos. Ficara calada e agora reconhecia que Fahid estivera correto ao alertar da seriedade do caso.

As primeiras contrações do parto prenunciaram que nada naquele dia seria fácil e rápido. As dores se prolongavam por horas. Diferentemente de outros nascimentos, não havia festejos nem alegria. O medo se esgueirava como sombras escuras e tenebrosas em cada reentrância e brecha da casa, predizendo desfechos agourentos. Gritos incessantes reverberavam pelas paredes. Apenas a família próxima se fazia presente. Amira arfava pesadamente e parecia confusa em alguns esporádicos instantes. A tensão crescia substancialmente a cada girar dos ponteiros do relógio sobre o aparador da sala. Ninguém pregou os olhos à noite. Fahid e Kamal não trocavam qualquer palavra. As horas se arrastavam indefinidamente. Quando o médico apareceu, ambos se levantaram.

— Alguma previsão? — questionou o pai aflito.

— Não se preocupem... Está tudo dentro dos conformes — garantiu o médico Odetano, contrariando todas as evidências. Pedindo licença, retirou-se apressadamente.

Entreolhando-se, Fahid divisou que Kamal ben Allah também não se convencera do que ouvira. O pai de Amira andava agoniado de um lado para o outro no recinto.

A morte insinuava-se no ar.

Dentro do quarto, o clima carregado se deteriorava rapidamente. Depois de trinta horas de

trabalho de parto, Tersa decidiu assumir o controle da situação. Mandou a parteira e suas ajudantes fazerem o possível e o impossível para salvar Amira e o bebê, e expulsou o médico aos gritos.

— Afaste-se da minha filha! Seu incompetente... Não enxerga que é fundamental apressar o nascimento do bebê... Amira não resistirá muito tempo nessa toada.

— Não se aflija, há partos mais demorados que outros — insistiu o médico.

— Saia daqui antes que eu o mate com as minhas próprias mãos! — ameaçou Tersa fora de si, apontando-lhe uma adaga afiada.

Sem mais delongas, o médico fugiu assustado.

Com o consentimento de Tersa, a parteira amassou várias ervas e preparou um chá para intensificar as contrações. Fez Amira beber cada gole da poção. Com uma lâmina esterilizada alargou a passagem de Amira. Em menos de duas horas, o bebê foi expelido do corpo da mãe. A exaustão impediu Amira de segurar o bebê nos braços. Era uma menina! Dividida entre a mãe e o bebê, a parteira sossegou ao verificar que a criança respirava normalmente, apesar do sofrimento para vir ao mundo. Passou para suas ajudantes a incumbência com o bem-estar da criança e se concentrou na mãe, costurando as suas carnes com paciência.

— Que *Alá* proteja a princesa Amira... — rogou a parteira ao findar os pontos. Encarando a mãe, revelou com olhos sinceros: — Na minha vida, tive de enfrentar dois casos semelhantes... Sua filha enfrentará uma grande batalha. A sua saúde está muito debilitada...

Com lágrimas represadas, Tersa fez a pergunta mais difícil da sua vida.

— Essas duas mulheres sobreviveram?

Um silêncio denso, seguido de uma discreta negativa de cabeça foi a mais dolorosa das respostas.

— Compreendo... — sussurrou Tersa com a voz embargada. — Acho que será apropriado arranjar uma ama de leite... — conjecturou alto, mais para si mesma do que para alguém que pudesse escutá-la.

— É aconselhável eu permanecer aqui — ponderou com prudência a parteira. — Vamos rezar para a princesa Amira não ter qualquer complicação adicional.

Passadas as primeiras seis horas de vigília, Tersa ficou levemente confiante. De repente, o mundo transformou-se numa imagem do caos. De uma hora para outra, Amira convulsionava incontrolavelmente.

Tentando impedir que Amira sufocasse, a parteira segurava a sua língua, lutando para conter seus descoordenados movimentos.

Fahid e Kamal foram despertados do sono em que se encontravam na sala ao lado e, ao entrarem no quarto, acompanharam chocados aquela cena horrenda. Saindo do torpor, Fahid tentou auxiliar a parteira na sua luta inglória.

— O que eu posso fazer? — indagou recobrando a força de espírito.

— Segure o tronco do corpo, para eu poder segurar a cabeça!

— Tem algum remédio ou tratamento para conter essa tragédia?

E o meneio silencioso foi outra vez a sofrida resposta.

Da mesma maneira como começara, o corpo de Amira parou de se debater abruptamente. Sua pressão despencou para zero e uma parada cardíaca ceifou-lhe impiedosamente a vida. O desespero mudo de Tersa ao constatar a morte de Amira comoveu Fahid. Ela afagava os cabelos de Amira espalhados sobre os lençóis como se desejasse apagar o sofrimento vivido nas últimas horas por sua filha. Consolá-la daquela desventura e agonia. Garantir-lhe alguma paz na sua passagem espiritual

para a eternidade. Suas faces banhadas de lágrimas estavam desfiguradas pela consternação. Ninguém merecia o castigo de perder um filho. Quebrar o círculo natural de passagem da vida era desumano. Kamal intercedeu suavemente para Tersa repousar. No entanto, a contundente recusa o fez retroceder e aceitar a decisão de sua esposa de preparar o corpo da própria filha.

— Nunca mais verei minha filha... Depois terei bastante tempo para descansar... — reagiu ferozmente, numa revolta duramente contida, pronunciando cada palavra entre os dentes. — Eu mesma vou prepará-la para o funeral.

Perdida na bruma espessa da desolação, Tersa lavou e preparou o corpo de Amira com água perfumada e o mais infinito dos amores, registrando em suas mãos trêmulas cada traço e contorno daquele corpo querido. Carne da sua própria carne. Sangue do seu sangue. Numa espécie de rito sagrado, Tersa vestiu Amira com o mais encantador dos vestidos, penteou-lhe delicadamente os cabelos e prendeu o camafeu de ouro com o seu retrato e de Kamal, junto ao coração inerte. Antes de se despedir, Tersa parou ao lado da cama e contemplou o corpo estendido, imersa nas reminiscências infantis... A primeira queda... Sua personalidade forte... A alegria ao descobrir-se grávida...

E sem saber se teria forças suficientes para tanto, Tersa se arrastou penosamente até a pesada porta. Com sua alma destruída pela mais excruciante das dores, virou-se e entreviu pela derradeira vez sua amada filha, entregando-a, com um pranto inconsolável, nos braços insensíveis da triunfante morte.

Fahid se consumia num nefasto complexo de culpa há mais de um mês. A trágica e imprevisível morte de Amira era motivo de pesar e alívio. Essa dualidade de conflitantes emoções agravava sobremaneira a sua capacidade de reagir e retomar as rédeas da sua vida, protelando importantes decisões. Sentia-se condenado e miserável por nutrir sentimentos que classificava de indignos e egoístas. Jamais pretendeu fazer mal a Amira. Por isso, combateu tenazmente a amaldiçoada ideia de casamento. Como poderiam ser felizes se ele amava outra mulher?! Não haveria final feliz naquela lamentável história, mesmo se Amira estivesse viva, concluiu Fahid objetivamente, após travar incessantes batalhas internas para dissipar os fantasmas que teimavam em se apoderar de seus dias.

Como determinava a tradição mulçumana, sua filha Yasmin seria criada pela família paterna. Dali a quatro meses, sua mãe a levaria para residir em Marrakech, quando estaria suficientemente crescida para realizar a viagem. Em contrapartida, os pais de Amira agiam com gélido distanciamento, como se culpassem Yasmin pela perda da própria filha. Tersa nunca veio visitar sua neta e Kamal ben Allah limitou-se a se eximir de responsabilidade sobre o futuro da menina! Quem sabe, romper a ligação fosse a forma menos traumática de seguir adiante... Em todo caso, isso garantia a Fahid irrestrita liberdade. Se rejeitaram abertamente sua filha, então não havia por que se sentir obrigado a mais nada! O vínculo entre eles fora definitivamente sepultado e enterrado juntamente com Amira. Possivelmente, mais duas semanas seriam suficientes para findar aquele deplorável capítulo da sua vida. A residência foi posta à venda vinte dias atrás, os pertences de Amira encaixotados e remetidos para sua família há dez dias, os serviçais contratados seriam liberados com a partida de Yasmin e seus negócios foram redirecionados para o escritório de Essaouira na semana anterior. Se *Alá* consentisse, não pisaria outra vez em Fez! Quando finalizasse

os ajustes necessários, prosseguiria sua vida sem amarras sociais e escusos compromissos familiares. E nesse recomeço, Katherine obviamente estaria incluída.

O inesperado aparecimento de Fayard em sua casa deixou Fahid sinceramente contente. Dar uma pausa naqueles tresloucados dias seria salutar. Isso ajudaria a clarear seus descoordenados pensamentos. Cumprimentaram-se fraternalmente. Há anos não se encontravam. Atualizando os assuntos, os dois irmãos ficaram sentados no pergolado, degustando com deleite um esplêndido vinho italiano presenteado por Fayard.

— Que milagre você no Marrocos! — exclamou Fahid, entre um gole e outro da relaxante bebida.

— Vim conferir com meus próprios olhos como anda meu irmão... — falou com sinceridade. — Fiquei preocupado quando soube da morte de Amira. Essas situações não são nada fáceis de serem administradas.

— Pelo menos, o pior já passou... — confidenciou com serenidade. — Eu temia complicações no parto, mas nunca imaginei um desfecho desses.

Mudando de assunto, Fahid perguntou:

— E sua vida? Adaptou-se bem a Roma?

— Posso lhe assegurar que viver distante da influência do poderoso e onipresente príncipe Taufik é uma bênção — declarou num gracejo divertido. — Tal como antes, continuo um amante da vida. Meu espírito vagueia livre, leve e tremendamente feliz!

— Sempre o mesmo Fayard... — comentou Fahid complacente.

— Você que é excessivamente sério. Deveria levar a vida com mais descontração. Se fizesse isso, não estaria com essa cara de infelicidade.

— Talvez eu acabe concordando com você.

Em seguida, externou Fahid:

— E Roma... muito calor? Segundo me disseram, é igual ao Saara nesta época do ano: uma fornalha!

— Justamente por isso não fiquei por lá... Estava em Londres. Fui à inauguração da Exposição Universal e depois de saber do ocorrido com Amira, vim diretamente para o Marrocos.

— Do que vislumbrei pelos jornais, a arquitetura do Crystal Palace é incrível; um contundente manifesto em prol das extraordinárias conquistas e proezas da Revolução Industrial. Sem dúvidas, um atestado concreto do desbravador espírito humano. Gostaria muito de vê-lo pessoalmente.

— Ainda dá tempo. De acordo com os anúncios, a previsão é ficar aberta ao público até outubro. E as obras expostas são maravilhosas. Por sinal, encontrei Karl Friesenberg... — comentou casualmente Fayard.

— Karl Friesenberg?! — admirou-se Fahid com essa informação. — O que ele andava fazendo tão longe da Prússia?

— Cortejando a estonteante duquesa de Melbourne... E eu, no lugar dele, estaria fazendo o mesmo!

Fahid perdeu momentaneamente a capacidade de falar. Seu semblante ficou completamente desfigurado. Um ciúme insidioso e indomável imiscuiu-se sorrateiramente no seu íntimo, tirando-o do prumo. Seu rosto ficou rígido como pedra. Necessitou de alguns segundos para engolir em seco a notícia.

— Algum problema? Está se sentindo mal? — indagou Fayard sem entender aquela inesperada mudança no comportamento do irmão. — Por favor, diga alguma coisa! — interpelou angustiado.

— Desculpe... Não foi nada — tentou tergiversar Fahid, sem revelar a causa do desconforto que impregnava seus sentidos.

— Como não foi nada?! — insistiu seu irmão sem se dar por vencido. — Eu estava falando de Karl Friesenberg e da duquesa de Melbourne e você fica, de repente, pálido e visivelmente abalado. Parece que viu uma assombração! O pior é que tive idêntica sensação quando lady Melbourne me viu na exposição...

Querendo falar de temas menos espinhosos, Fahid enveredou por assuntos amenos.

— Já foi visitar mamãe em Marrakech? Ela sempre reclama das suas ausências...

— Não fuja da nossa conversa — repreendeu determinado. — O que lady Melbourne significa para estremecê-lo dessa forma? Como também quero saber por que eu tive a nítida impressão de ela me conhecer?

— Vai ver vocês já tenham sido apresentados em alguma festa ou cruzado eventualmente pelas inúmeras ruas de Londres.

— Fahid, você acha mesmo que a duquesa de Melbourne é mulher que pode ser esquecida?! Tenho certeza de que foi a primeira vez que a vi. Só não posso afirmar a mesma coisa dela... — disse, ficando subitamente ausente, como se descortinasse a cena novamente na sua frente. — Quando falei do Marrocos, tive a mesma percepção de antes... Seu olhar era de pura nostalgia e tristeza.

Voltando ao presente, Fayard repentinamente caiu em si:

— Ahh... Não... Não acredito! Você não pode ser tão sortudo assim! — indignou-se com a sua própria cegueira. — Como não percebi isso antes?! A mulher estrangeira pela qual você se apaixonou e causou tantos transtornos familiares é a magnífica duquesa de Melbourne, Katherine Kensington?! E nesse período em que esteve misteriosamente desaparecida, ela estava no Marrocos. Mais precisamente com você... na sua fortaleza!

Fahid meneou a cabeça em sinal de concordância. Não serviria de nada mentir para Fayard naquela altura dos acontecimentos. Seu irmão sempre teve uma propensão excepcional para descobrir segredos. E daquela vez, não foi diferente.

— Nunca supus ser possível sentir tamanha inveja! Você é mesmo um filho da mãe desgraçado! — blasfemou às gargalhadas, diante de semelhante coincidência. — Pobre de você... Agora, eu compreendo suas agruras e percalços — disse solidário. — Até eu viveria alegremente recluso nas montanhas com uma mulher daquelas ao meu lado.

— Não a ter por perto tem se convertido num verdadeiro tormento — confidenciou Fahid com sinceridade.

— Por que não vai logo atrás dela?! Acho melhor você se apressar... — falou Fayard, externando o que pensava da situação. — Qual é a dificuldade de procurá-la imediatamente e resolver essa questão de uma vez por todas? Para todos os efeitos, no mundo ocidental, você está igualmente livre. Não tem outra esposa. Portanto, não há qualquer empecilho para reatarem o romance.

— Não sei se as coisas são exatamente como as descreve... — alegou Fahid com cautela. — Quando nos encontramos no Marrocos, Katherine não era duquesa. Não possuía a quantidade de responsabilidades atuais. Em síntese: os problemas eram menores no passado e, mesmo assim, não foi possível ficarmos juntos.

— Discordo totalmente de você — contra-argumentou impaciente. — Como duquesa, lady Melbourne pode fazer o que bem entender, independente de seus familiares. Quanto a você, já deu a sua contribuição pessoal às ambições desenfreadas do nosso pai. Ficou tudo muitíssimo mais

simples.

— Você está igual a uma velha alcoviteira! — zombou Fahid.

Fayard também não resistiu à comparação e sorriu para valer.

No fundo, as palavras de Fayard atiçaram, como uma retumbante ventania, o abrasador e insistente fogo de rever Katherine.

— Seja como for, os rumores que rondam em Londres a respeito de lady Melbourne invariavelmente aludiam a um enigmático marido estrangeiro, atualmente morto, que a salvara do naufrágio. Segundo afirmam, a duquesa de Melbourne, depois de regressar para Londres, não se envolveu com ninguém, continuando inteiramente fiel à memória do falecido esposo... Acho que isso é um bom presságio — conjecturou Fayard animado.

— Não acalente tantas esperanças — ponderou Fahid com cuidado para não alimentar ilusões. — Nem sempre as coisas acabam como sonhamos... — verbalizou o seu mais recôndito temor. Inconscientemente, isso vinha adiando o ansiado reencontro.

— Se está sendo vencido pelo medo, antes de tentar, tudo bem! Não vou insistir.

E finalizou o assunto com premeditada crueldade:

— Independente de qualquer boato, os meus olhos testemunharam o quanto a bela duquesa de Melbourne, Katherine Kensington, ainda o ama. Se quiser passar o resto da vida sofrendo, problema seu! Só não demore demais, pois você poderá se arrepender amargamente... Aposto que não tardará para ela encontrar um marido muito mais inteligente e merecedor do seu amor do que você!

E após uma pausa, alfinetou, chorando de tanto rir:

— Eu mesmo seria um pretendente perfeito... Afora o meu charme arrebatador, ficou provado que lhe supero, com facilidade, quando se trata de desvendar o que se passa nos corações apaixonados e os meandros da alma feminina.

CAPÍTULO 20

A incalculável herança recebida de sua tia assegurou a Katherine a compra da respeitabilidade perdida e a irrestrita aceitação social entre as mais proeminentes e bem-relacionadas famílias aristocráticas da próspera Inglaterra vitoriana. Os convites não cessavam. A maratona de recepções, saraus e festas não findava. Praticamente, fazia vinte dias que Katherine comparecia a todos os eventos e atividades recreativas a que fora convidada. Não podia se dar ao luxo de recusá-los, sem correr o risco de comprometer a sua recente reabilitação nas prestigiadas esferas da sociedade inglesa. Dadas as circunstâncias pretéritas, consolidar o seu trânsito nesse meio era imperioso para o futuro de Andrew. Seu filho precisaria dessa anuência para poder circular de cabeça erguida entre seus pares, sem carregar as marcas sombrias da sua nebulosa origem.

Sentada defronte à penteadeira, Katherine meditava se iria ou não ao baile patrocinado pelo duque de Stourhead, Dylan Somerleyton. A fadiga da sequência infindável de festividades estava cobrando o seu preço.

— Se não fosse pela simpatia contagiante de lady Stourhead, como eu pude aferir em várias e recentes oportunidades, eu não faria o menor esforço para participar do baile de hoje — confidenciou Katherine.

— No entanto, milady sabe o quanto é importante a sua presença e como a duquesa ficará radiante em recebê-la em sua residência. Pelo que soube, ela também enfrentou grandes dificuldades para se firmar na sociedade — falou Cecilla, enquanto escovava os sedosos cabelos de Katherine.

— É verdade... — concedeu Katherine conformada. — Mesmo depois de ser reconhecida como filha pelo milionário Alfred Thornbury, o fato de seus pais não serem casados foi um entrave considerável. — E prosseguiu: — Somente com o casamento com lorde Stourhead, a obscura Natalie Thornbury conseguiu apagar as máculas do seu passado, tornando-se a incensada lady Stourhead. Na época, foi um verdadeiro escândalo... Você pode imaginar como foi complicado para as *nobres* e *indefectíveis* matriarcas da elite engolirem sua altivez arrogante, diante da meteórica ascensão social da anônima Srta. Natalie Thornbury! — disse Katherine com indisfarçável ironia, ante a hipocrisia que pautava a conduta dos integrantes das abastadas famílias inglesas.

— Então, mais uma razão para milady estar presente!

— Não vejo a hora de retornar para Fairmont. Estou com saudades de Andrew... Mas, pelo visto, terei que permanecer em Londres até o final desta temporada.

— Milady sabe que terá que fazer esse esforço.

Sobrepujada em suas pretensões de se esquivar daquela avalanche de compromissos, Katherine aguardou Cecilla finalizar o penteado. Mirando-se no espelho, ficou envaidecida com o resultado. A soberba tiara de brilhantes da duquesa de Melbourne era invejável; uma preciosidade equiparável à riqueza e opulência das joias reais. Para a ocasião, Cecilla escolhera um vestido de tafetá róseo, com detalhes prateados e vaporosas rendas, decotado nas imediações dos ombros e mangas curtas

bufantes. Ele combinava à perfeição com os brincos e o colar do acervo que herdara, fazendo um belo par com o conjunto de diamantes rosa e aliança presenteados por Fahid.

Quantas recordações eles despertavam... — pensou Katherine detendo-se em contemplativo alheamento no seu reflexo, acariciando sonhadoramente o bracelete e os anéis.

Armando-se de coragem, Katherine inspirou profundamente. Não adiantava buscar desculpas para fugir. Tinha que comparecer. Pegando o lindo leque que ganhara de sua mãe no Natal de anos atrás, desceu gloriosamente as escadarias de sua bela residência em Londres, sem desconfiar da surpreendente guinada que o destino lhe reservara para aquela noite.

A conversa com Fayard acendeu uma urgência desesperadora em Fahid. Uma insistente insônia assombrou-lhe a noite. Determinado a enfrentar a realidade, Fahid levantou-se decidido a procurar Katherine. Não podiam mais viver separados! Chegou a hora de pôr as coisas em seus devidos lugares. Fahid foi tomado pela premente necessidade de revê-la. Como desejava estreitá-la em seus braços e perder-se nos seus encantos... Impelido pela paixão irracional que o assolava, no diminuto espaço de cinco dias Fahid alcançou a cidade litorânea de Rabat, embarcando incontinente num de seus navios rumo à Inglaterra.

Com a ajuda dos ventos e das marés, Fahid aportou em Londres antes do previsto. Uma carruagem o esperava no tumultuado cais. Depois de se instalar no Brown's Hotel, aprontou-se conforme os rígidos padrões da etiqueta inglesa. Invariavelmente, os membros da aristocracia envergavam suas roupas de gala na hora do jantar. Trajado impecavelmente, Fahid seguiu para a mansão da duquesa de Melbourne. Se Katherine estivesse em Londres, por certo estaria por lá.

A ansiosa expectativa do reencontro alterou a percepção de tempo de Fahid. O tamborilar das rodas da condução sobre as ruas pedregosas parecia não acabar nunca. Um percurso de alguns minutos dava a errônea sensação de levar horas. Aquela espera enervava Fahid, dilacerando seus nervos sem dó nem piedade.

Quando pisou na entrada da portentosa residência e um mordomo de aparência austera veio atendê-lo, Fahid sentia-se no limiar da impaciência.

— Em que posso ajudá-lo? — indagou o mordomo educadamente.

— Procuro lady Melbourne... Anuncie que o príncipe Fahid Ahmed el-Mansour Saadi gostaria de vê-la.

— Perdão... infelizmente, a duquesa não se encontra em casa.

— E onde posso encontrá-la? — inquiriu Fahid resoluto.

Conquanto não fosse do feitio de Howes transmitir a estranhos o itinerário da duquesa, a postura segura e fidalga do homem a sua frente instigou-o a revelar a programação.

— No momento, creio que lady Melbourne esteja no baile oferecido na mansão do duque de Stourhead.

Agradecendo as informações, Fahid retirou-se com elegância. Sua mente trabalhava em frenética atividade. Como faria para entrar no baile? Não podia simplesmente enveredar na festa sem ser convidado! Seria uma grosseria inominável. Por mais que quisesse encontrar Katherine, alguns ditames sociais tinham que ser preservados. Principalmente, ante o rigor protocolar que guiava a

nobreza britânica. Um passo em falso podia ter consequências vergonhosas. O mundo estratificado dos ingleses sempre requeria total atenção, principalmente dos estrangeiros, que usualmente não estavam familiarizados com suas regras. E como Fahid conhecia suas peculiaridades, não cairia nessa esparrela.

Quando o coche já estava nas adjacências do hotel, o semblante de Fahid iluminou-se. Tinha um jeito de ir à festa! Os deuses estavam a seu favor, concluiu Fahid exultante. Por sorte, lady Stourhead era filha do magnata Alfred Thornbury, um dos clientes da sua empresa Mediterranée. Quando o duque de Wessex o apresentou em Tânger, Fahid recordava-se de ele ter citado a união com os Somerleyton. Desde aquela época, uma profícua amizade florescera. Se ele estivesse entre os convidados, conseguiria participar do evento.

Dando três estocadas vigorosas no vidro da carruagem, o cocheiro parou a marcha e escutou as novas ordens:

— Mudança de planos. Siga para a mansão do duque de Stourhead imediatamente.

A atmosfera festiva pairava sutilmente no ar como um agradável perfume de rosas. Em todos os recantos do salão, risadas e conversas animadas flutuavam em sua dispersa sonoridade. Uma profusão multicolorida de ricas sedas e acetinados brocados rodopiava alegremente na pista de dança, no ritmo contagiante da orquestra. O fulgor bruxuleante dos fantásticos lustres de cristal espraiava a sua claridade dourada. Glamour e requinte transpareciam em cada reentrância do ambiente. O clima leve e descontraído rapidamente se assomou de Katherine, que acabou se convencendo do acerto de ter comparecido ao baile oferecido pela duquesa de Stourhead.

— Está tudo lindíssimo — garantiu Katherine à anfitriã. — Será uma noite memorável! — profetizou sem dimensionar o quanto estava correta.

— Entretanto, estou preocupada... Papai não é de se atrasar... e até agora não chegou nem enviou qualquer mensagem justificando sua ausência — explicou Natalie com uma ruga fincada em sua testa.

— Não demorará muito e o Sr. Thornbury estará entre nós — disse Katherine com o intuito de tranquilizar sua mais nova amiga.

Inesperadamente, a voz cordial e inconfundível de lorde Huntley reverberou diante de Katherine interrompendo o diálogo, permitindo a Natalie afastar-se por alguns instantes para averiguar o andamento da festa.

— Que satisfação revê-la em Londres — saudou com uma mesura o charmoso marquês.

— Etham... quanto tempo! — exclamou Katherine verdadeiramente contente. Não se viam desde o triste dia do velório de sua tia. — Como vai Lauren? Há meses que não escrevo nem mando notícias... Lamentavelmente, as questões do ducado acabaram consumindo minhas energias de maneira indesculpável — justificou-se Katherine embaraçada com sua negligência.

— Ali vem ela... — indicou lorde Huntley com um menear de cabeça e um sorriso apaixonado insinuando-se em seus lábios.

Em segundos, a atual marquesa de Huntley acercou-se radiante de Katherine. Após os cumprimentos habituais, interveio o marquês:

— Por favor, deem-me licença. Preciso falar com Stamford — desculpou-se com a intenção de

deixá-las à vontade.

E externou Lauren:

— Como é bom reencontrá-la. Você está ainda mais maravilhosa do que antes! O título de duquesa realmente lhe caiu muito bem — elogiou com sinceridade.

— Não diga bobagens... — contrapôs-se Katherine com suavidade. E retribuiu num gracejo: — Se é por isso, o mesmo posso dizer do seu título de marquesa!

Ambas riram com cumplicidade. Em seguida, indagou Katherine:

— Para quando é o bebê?

— Provavelmente para o começo de novembro — revelou Lauren, enquanto tocava com indizível carinho sua proeminente barriga. — Confesso que estou bastante apreensiva...

— Eu tenho confiança de que tudo transcorrerá sem sobressaltos — falou Katherine com simpatia. — Você ficará por aqui até quando? Poderíamos tomar um chá como nos velhos tempos... Assim, colocaríamos os assuntos em dia — sugeriu Katherine comprazendo-se com aquela perspectiva.

— Infelizmente, partiremos amanhã. Etham agendou negócios em May River — detalhou Lauren pesarosa diante daquele desencontro. — Avisarei quando retornar a Londres.

— Ótimo! — anuiu Katherine. — Contudo, não pretendo monopolizá-la. Etham certamente deve estar aguardando-a.

Avistando sua mãe do outro lado do espaçoso recinto, Katherine despediu-se e seguiu em sua direção, driblando com calma e simpatia os outros convidados. Antes que pudesse alcançá-la foi interceptada por Natalie.

— Katherine, querida... Você tinha toda razão! Não havia qualquer motivo para nervosismo. Não aconteceu nada com papai... inclusive...

E antes que a duquesa de Stourhead pudesse completar sua frase, Katherine viu o chão fugir sob seus pés. Tudo repentinamente parou. Os sons ao seu redor subitamente sumiram. Nem sequer conseguira ouvir as educadas e entusiásticas palavras do Sr. Thornbury apresentando o convidado de honra da noite. Katherine esforçou-se heroicamente em manter a compostura e afastar a vertigem que sorrateiramente se apoderava dela. No seu turbilhão emocional somente registrava a imagem do homem a sua frente.

Ele está aqui! — processou finalmente a sua mente conturbada.

Desvencilhando-se dos demais com a cortês desculpa de convidá-la para dançar, Fahid conduziu Katherine entre os convidados até alcançarem um local reservado e sossegado, onde poderiam conversar discretamente, sem a interferência de terceiros. Paulatinamente, Katherine foi recuperando o controle de suas descompensadas emoções. O susto de minutos atrás foi cedendo lugar à mais genuína expressão de felicidade.

Encarando ansiosamente o rosto descorado de Katherine, na busca atormentada da resposta que procurava desesperadamente, Fahid identificou, ao beijar-lhe apaixonadamente as mãos, o bracelete e os anéis que presenteara. Sinais inconfundíveis do desmedido sentimento que partilhavam. Quebrando a angustiante imobilidade da dúvida, Fahid repetiu em árabe a declaração escrita no bracelete:

— Minha princesa, AMOR além da vida.

— Para sempre meu eterno AMOR! — respondeu Katherine num fio de voz, igualmente em árabe.

Estreitando-a em seus fortes braços e mirando fixamente o intenso caleidoscópio azul-esverdeado

de seus olhos, Fahid verbalmente traduziu o que Katherine por anos desejara ouvir:

— Nunca mais a deixarei partir... Nada nos separará outra vez!

— Mas... — começou Katherine, antes de ser silenciada com um beijo repleto de promessas há muito acalentadas.

Permaneceram um tempo abraçados, ouvindo o cadente pulsar de seus corações, como se o curso de suas vidas dependesse disso. Sentindo a viva e mágica presença um do outro.

Acariciando o voluntarioso queixo de Katherine, Fahid asseverou:

— Depois explicarei tudo... Por hora, é aconselhável voltarmos para o salão e dançarmos um pouco. Precisamos manter as aparências. Não podemos abandonar o baile de repente. Isso poderia despertar comentários inadequados e impróprios.

E continuou em tom divertido e autoconfiante:

— Pela segunda vez, você testemunhará como sou um excelente dançarino.

— O mesmo convencido de sempre! — alfinetou Katherine aos risos, já inteiramente refeita da surpresa.

— E milady... a mesma malcriada adorável de sempre! — retrucou Fahid com um amplo sorriso.

Fahid estava esplêndido trajando roupas ocidentais. Seus cabelos negros na altura dos ombros estavam firmemente presos numa fita de couro. A imponente figura de Fahid destacava-se entre os distintos e nobres convidados. Enquanto dançavam, Katherine sentia-se perdida no âmbar de seus penetrantes olhos. Fahid tinha o dom de devassar sua alma, envolvendo-a numa bruma de encantamento que fazia desaparecer tudo e todos. Apenas a sua magnética presença era captada. A festa inesperadamente resumiu-se a Fahid. As emoções de Katherine faziam-na levitar numa dimensão temporal que beirava a irrealidade atordoante e prazerosa dos sonhos.

Estranhando a excessiva demora de sua filha em retornar para o local onde estavam, lady Northwick passou a esquadrinhar o salão com o olhar. E o que divisara deixou-a momentaneamente tonta. Sentada no sofá, a condessa piscou reiteradas vezes com o propósito de se certificar de que não estava sendo acometida de nenhuma alucinação ou delírio febril. A semelhança física entre o cavalheiro que segurava Katherine em seus braços, valsando elegantemente na pista de dança, com seu neto Andrew era assustadora. Era inequívoco que sua filha já o conhecia... — concluiu lady Northwick com inteligência, sem desviar a vista daquele magnífico casal que transparecia uma sintonia incomum.

Abordando lady Northwick, a duquesa de Wessex externou o que para muitos era absolutamente evidente:

— Katherine parece ter tirado a sorte grande...

Saindo do torpor em que se encontrava, lady Northwick indagou confusa:

— Perdão... Rebecca! Não escutei o que disse — falou ligeiramente constrangida por ter sido pega distraída.

— Sua filha conquistou as atenções do príncipe marroquino Fahid Ahmed el-Mansour Saadi... Um dos homens mais notáveis e fascinantes que eu tive a chance de conhecer — revelou lady Wessex, secretamente ambicionando ser trinta anos mais jovem.

Chocada com essa informação, a condessa de Northwick foi obrigada a reconhecer que Katherine suplantou suas expectativas mais otimistas. Sempre aspirou para sua filha um casamento promissor com algum membro da nobreza. Um título de barão já estaria a contento... Somente em seus maiores devaneios se permitia pensar num conde ou marquês. Duque nem passava pela sua cabeça... O que

dirá um príncipe! Porém, um príncipe foi seguramente uma escolha infinitamente mais sábia do que as originalmente idealizadas!

A plenitude de estar novamente com Fahid não era passível de exprimir em palavras. Depois de liberar seu cocheiro sob o pretexto de que voltaria com seus pais, Katherine esperou que ele saísse primeiro da festa. Meia hora mais tarde, Katherine estava na entrada da mansão. Uma bela carruagem parou defronte e um condutor de libré preta e dourada abriu a porta para que ela entrasse. Após subir na luxuosa condução, Katherine acomodou-se no banco em frente a Fahid que, sem dizer nada, estendeu-lhe a mão e a fez sentar-se em seu colo.

Tocando as faces de Katherine com indisfarçável adoração, Fahid apossou-se dos seus lábios com beijos repletos de volúpia e urgência. A paixão reprimida extravasou numa sequência incontrolável. Katherine desejava Fahid com todas as suas forças. A saudade era tanta que as convenções sociais foram acintosamente desprezadas. No cipoal irrefreável dos sentimentos arduamente contidos em seu sofrido coração, Katherine conscientemente ignorou os rígidos ditames que se impôs desde o seu retorno à Inglaterra.

Quando a carruagem estacionou em sua residência, relutaram em se afastar. Mesmo que fosse por alguns exíguos segundos. Em ocasiões festivas como aquelas, Cecilla usualmente a aguardava para auxiliar na toalete. Ao abrir a porta, o seu espanto só não foi maior do que o de Katherine. Uma petrificada Cecilla encarava Fahid com os olhos escuros praticamente saltando das órbitas, sem acreditar no que as suas retinas discerniam.

— Boa noite, Cecilla! É uma alegria revê-la adaptada à Inglaterra!

Surpreendida com aquela impensável aparição do príncipe Fahid, o máximo que externou foi um débil sorriso. Sua garganta estava inteiramente travada, incapaz de emitir decentemente qualquer ruído.

— Hoje, não precisa se preocupar comigo... — adiantou-se Katherine em dispensá-la de suas funções de camareira.

Enquanto galgava o primeiro lance de escada com Fahid a circundá-la, Katherine virou-se e transmitiu o seguinte recado:

— Quase ia me esquecendo... Amanhã, os criados terão folga. Não quero ninguém zanzando inadvertidamente pelos corredores da casa. Somente você ficará para atender as nossas necessidades...

— Sim, milady — balbuciou Cecilla boquiaberta, com a mão ainda grudada na maçaneta.

Ao fechar a porta do quarto, Katherine foi arremessada no misterioso mundo dos corpos ardentes. Toda a interação de outrora ressurgiu naturalmente. Katherine conhecia e reconhecia cada extensão de pele de Fahid. Seu cheiro másculo inebriava seus sentidos. Tudo era deliciosamente familiar e íntimo. Cada toque remetia a sensações perdidas nas indeléveis voltas do tempo. Fahid representava seu passado, presente e futuro. A indissociável e eterna união dos amantes apaixonados.

Momentaneamente aplacado o ardor da paixão, Fahid aconchegou Katherine junto ao seu peito desnudo. Contou sobre a morte de Amira no parto e o nascimento de sua filha Yasmin, atualmente com dois meses. Da rejeição da família materna à criança e do estratagema engendrado por Amira e

Nabih para separá-los. Narrou a decisiva visita de seu irmão Fayard e a sua antiga amizade com Alfred Thornbury.

E virando-se para fitar Katherine, Fahid prosseguiu:

— Mas o mais importante ainda não falei... Eu compreendi nesse período em que ficamos forçadamente afastados que não poderei ser feliz ao lado de outra mulher que não seja você. Ninguém poderá me completar nesta vida tão perfeita e harmoniosamente... — sussurrou acariciando o rosto amado.

— Ohh... Fahid... — murmurou Katherine com os olhos marejados de lágrimas.

— Por isso, eu gostaria de saber se aceita ser minha legítima e única esposa?

— Certamente que sim! Isso é tudo o que eu mais quero nesta vida — disse Katherine emocionada, abraçando impetuosamente Fahid e enveredando, uma vez mais, no aprazível arrebatamento sexual que os envolvia.

O mau humor de lorde Northwick alastrava-se pesadamente como chumbo, comprimindo as paredes da residência dos Hartington em Grosvernor Square. A mensagem de Katherine solicitando um encontro para apresentar o príncipe Fahid Ahmed el-Mansour Saadi tirou-o da sua habitual serenidade. Na verdade, a ausência de uma explicação de Katherine sobre a identidade do pai de Andrew mostrou-se, desde os primórdios, conflituosa. Entrevendo naquele rompante resquícios desse espinhoso tema, lady Northwick resolveu interceder a favor de sua filha.

— George... Não podemos nos opor ao pedido de Katherine. Afinal, como avaliaremos o caráter do príncipe Fahid se nos negarmos a conhecê-lo?!

— Para mim, um homem que abandona uma mulher grávida não é digno do meu respeito e consideração! — vociferou o conde indignado.

— No entanto, Katherine jamais externou qualquer sentimento que desse sustentação a essa sua linha de raciocínio. Muito pelo contrário. Sempre preservou o pai de Andrew, pondo-o a salvo de críticas. A realidade é que não sabemos o que aconteceu entre eles. Nem mesmo é possível afirmar que ele tenha ciência da existência do filho... Se Katherine nos omitiu a gravidez, é admissível supor que ele também não saiba! Lembre-se de que quando nossa filha voltou à Inglaterra não aparentava seu estado.

— Humm... esse ponto tem lá seu mérito...

E continuou lady Northwick determinada a apaziguar os ânimos do marido:

— E para ser sincera, a atitude de Katherine no baile da duquesa de Stourhead não era de uma dama afrontada ou injuriada. Posso dizer, sem medo de errar, que nunca presenciei Katherine tão resplandecente de felicidade. E se o príncipe Fahid reapareceu, possivelmente esteja tentando reparar a situação.

— Se insiste tanto, eu irei recebê-lo — concedeu lorde Northwick a contragosto. — Só não pense que pretendo facilitar as coisas!

— Ainda bem — respirou a condessa aliviada, recostando no sofá da sala de visitas —, porque eles já devem estar chegando.

O tilintar da campainha anunciou a presença do casal.

A nobre e desenvolta figura de Fahid causou sensível impacto em lorde Northwick. Ante a sua implicância, ele não esperava defrontar-se com um homem cosmopolita e moderno. Imaginava alguém arraigado a seus costumes, sem noção do estilo de vida ocidental. A forma respeitosa e seu inglês fluente ao cumprimentá-los reforçaram a favorável impressão inicial. Feitas as apresentações de praxe, Fahid solicitou uma conversa privada com o sogro. Sabia que tinha muito a esclarecer. Iniciativa que foi acolhida com agrado por lorde Northwick, conferindo a Fahid o benefício da dúvida.

O escritório de lorde Northwick retratava bem a personalidade do seu proprietário: elegante, mas sem ostentação. Um lugar onde podia se dedicar aos negócios com conforto, sem abrir mão de certa funcionalidade. Fahid sentiu a reserva do homem a sua frente, do mesmo modo que não podia deixar de lhe dar razão pelo seu comportamento reticente e distante. E nesse contexto, optou pela sinceridade. Não adiantariam subterfúgios.

— Gostaria de uma bebida? Um uísque? — ofereceu educadamente lorde Northwick, ao caminhar para se servir no aparador, pois tinha consciência de que os instantes seguintes não seriam palatáveis.

— Não, obrigado — respondeu Fahid, acomodando-se na poltrona perto da lareira.

— Acho que aqui poderemos ter tranquilidade... — asseverou lorde Northwick, devidamente reclinado na outra poltrona, à espera de explicações.

Pressentindo a tensão circundante, Fahid começou a falar com seu jeito franco e direto:

— Primeiramente, reconheço que os nossos caminhos se cruzaram em circunstâncias trágicas e lamentáveis; muito embora não tivesse sido a primeira vez que eu tivesse visto sua filha...

— Por favor, prossiga — incentivou o conde levemente curioso.

— De fato, foi num baile na mansão do duque de Wessex, há vários anos, que me deparei com Katherine pela primeira vez. Na oportunidade, fiquei encantado por sua beleza, mas achei prudente não me aproximar. Julguei ser um eventual relacionamento fadado ao fracasso, já que eu morava no Marrocos. Seria inconsequente começar o que não teria condições de levar adiante.

— Nesse mesmo período, ainda a encontrei no Hyde Park. E igualmente me mantive afastado. Porém, o destino nos colocou frente a frente outra vez!

Após uma pausa, continuou Fahid, sopesando o que diria a seguir, com o intuito de não ferir as susceptibilidades de lorde Northwick:

— E a conjuntura que desencadeou esse impensável reencontro foi indiscutivelmente inusitada... Por conta das incontáveis artimanhas do meu primo Nabih, que sempre tenta tirar vantagem em tudo, eu decidi dar-lhe uma lição. Ele precisava de um favor. Eu tinha como concedê-lo, embora tivesse que usar a influência de um grande amigo. Algo que me aborrece. Não satisfeito com a minha intransigente recusa, Nabih quis comprar minha simpatia e patrocinou um episódio dantesco no porto de Tânger, ao coagir friamente um homem claramente inocente. Então, decidi pedir algo dispendioso em retribuição ao favor que me pedia. A intenção era fazê-lo sentir no bolso. Essa é uma linguagem que Nabih compreende muito bem!

— Casualmente, eu estava em Tânger e no porto circulava que uma mulher europeia de beleza estonteante estava numa casa de escravos... No princípio, Nabih chegou a oferecê-la em recompensa e depois mudou de ideia. Deduzi que ele a desejava para si. Vi que esse seria o pagamento perfeito. Atingiria Nabih no bolso e na luxúria! No dia da compra, não deixei Nabih vê-la, nem eu mesmo a tinha visto... O objetivo era deixar que ele perecesse na sua frustração. Sequer havia pensado no que

faria em seguida. O importante era penalizá-lo.

— Entretanto, o que eu não contava era rever a jovem dama do baile do duque de Wessex naquele lugar odioso...

— Santo Deus... Margareth estava correta! — disse lorde Northwick estupefato, dando um longo gole no seu copo de uísque.

— Induvidosamente, a finada lady Melbourne esteve o tempo todo certa.

E prosseguiu Fahid com um suspiro, denunciando naquele gesto o peso daquelas recordações:

— No início, eu fiquei transtornado. No entanto, interpretei que era um desígnio divino... Como a versão oficial não apontava sobreviventes, divisei uma chance de nos conhecermos. Com o passar do tempo, o meu sentimento foi inteiramente retribuído por Katherine. Vivíamos felizes e em absoluta harmonia nas montanhas. Contudo, Nabih não se conformava... Um dia, apareceu sem ser convidado. Foi um desastre. Não só desrespeitou Katherine, como sua atitude ofensiva resultou na sua expulsão da fortaleza. Todo o seu ódio e ressentimento voltaram-se definitivamente contra nós.

— Em conluio com Amira e a providencial colaboração de meu pai, o príncipe Taufik el-Mansour Saadi, Nabih ressuscitou um acordo de casamento pactuado quando eu ainda era criança. Aliança política extremamente vantajosa à compulsão de poder de meu pai. Um homem notoriamente conhecido por sua natureza implacável e vingativa. Sem que eu soubesse, reiterou o compromisso e ameaçou jogar a reputação de Katherine na lama. Paralelamente, o duque de Wessex, a pedido da falecida lady Melbourne, vinha contactando no Marrocos as autoridades locais e pediu sua intermediação. Eram amigos de longas datas! Astuto e inteligente, ele prontamente montou as peças que faltavam do quebra-cabeça.

— E assim: ou eu me casava com Amira e viabilizaria o regresso de Katherine à Inglaterra, onde estaria em segurança com sua família; ou casaria com Katherine e suportaríamos a ira de meu pai e todo seu poder de destruição, que mancharia irreversivelmente o nome da família Hartington, caso a história de ter sido vendida como escrava no Marrocos viesse a público. A despeito dos protestos de Katherine, eu sabia que não poderia protegê-la da avalanche que se seguiria. Era preferível perdê-la, a ver sua honra pisoteada. Meu pai não é homem de falsas promessas!

— Todavia, o destino resolveu mais uma vez embaralhar as peças do tabuleiro... Embora tenha cumprido o contrato de casamento com Amira, ela morreu recentemente ao dar à luz à minha filha primogênita, Yasmin. Por isso, estou aqui para começar uma nova vida com Katherine, distante dos fantasmas do passado.

Significa dizer que Katherine efetivamente não revelou a existência de Andrew — pensou lorde Northwick interiormente convencido de Fahid ser um homem valoroso e de princípios.

— Decididamente, é um relato impressionante... Ao menos, elucida o porquê do obstinado silêncio de Katherine após seu reaparecimento.

— Sei que não é simples, mas peço que me perdoe pela deliberada omissão sobre o paradeiro de sua filha. Em regra, a paixão não é uma boa conselheira e nos faz cometer desatinos — desculpou-se Fahid contrito, penitenciando-se pela sua fraqueza.

— Seja como for, o que passou deverá permanecer e morrer no passado. Não vou julgá-lo. Quem é que já não cometeu loucuras em nome do amor?! Se Katherine o aceitou de volta, nada tenho a opor. A decisão será exclusivamente de vocês.

Tomando o último gole de uísque, lorde Northwick externou:

— Mas de tudo o que narrou, apenas me preocupa a reação do príncipe Taufik... Ele aceitará este

casamento? Se foi anteriormente contra esta união, o que afiançará a sua atual anuência?

— O importante é que seu poder de pressão evaporou-se. Inclusive, ele foi o responsável pela versão do casamento de Katherine com um espanhol e sua suposta perda de memória, após o naufrágio. Não poderá mais se desdizer. Estamos quites! Depois do casamento, iremos a Marrakech para ultimar as pendências.

— É reconfortante ouvir essas palavras. Contudo, ainda persiste a questão de onde vocês pretendem morar...

— Já avaliamos o tema e decidimos residir tanto na Inglaterra quanto no Marrocos. Pretendemos passar temporadas em cada um desses lugares. Isso permitirá a Katherine cumprir normalmente suas funções e responsabilidades à frente do ducado de Melbourne, com a providencial colaboração de sir Richard Button; ao passo que também viabilizará a expansão dos meus negócios entre esses dois países.

— Excelente ajuste! Acho que isso contempla todos os pontos — comemorou lorde Northwick.

Levantando-se da poltrona sem os anteparos formais de antes, um concreto indício de que os obstáculos foram pacificamente superados, lord Northwick propôs a Fahid sorridente:

— Que tal voltarmos à sala de visitas para participar a boa notícia à Lydia?! Acredite que o casamento de Katherine será um dos dias mais felizes da sua vida... Há anos sua sogra acalenta pretensões casamenteiras, as quais foram veementemente rechaçadas por nossa filha mais nova! Você nem pode imaginar os contratempos e percalços que vivi por causa desse fogo-cruzado... — confidenciou às gargalhadas, abdicando contente da sua costumeira discrição.

Como nem tudo são flores num casamento, os preparativos para a cerimônia geraram uma série de divergências entre Katherine e sua mãe. Como era previsível, lady Northwick almejava que fosse um acontecimento grandioso, com toda a pompa e requinte que as núpcias entre uma duquesa e um príncipe deveriam ter. Em contrapartida, Katherine idealizava uma celebração simples, restrita às pessoas mais próximas e queridas, que estivessem torcendo pela sua verdadeira felicidade. Não queria que se transformasse num concorrido evento social, com suas vaidades e fúteis comparações. Pelo seu real desejo, só estariam os noivos, os padrinhos e sua família. Ninguém mais. O importante era garantir a aura de intimidade no momento de pronunciar os votos matrimoniais. Apesar da pressão exercida por lady Northwick, Katherine manteve-se irredutível.

Nas semanas que antecederam o casamento, a vigilância cerrada e o premeditado convite de lorde Northwick para Fahid se hospedar em sua residência de Grosvernor Square, com o claro propósito de impedir encontros furtivos, inaugurou uma nova fase na relação dos noivos. Arranjo que terminou sendo interessante e até divertido... Era como se o relacionamento deles tivesse começado invertido: de trás para frente!

Nesse panorama, Fahid e Katherine tiveram bastante tempo para longas cavalgadas pelo Hyde Park, passeios culturais a vários museus, noitadas instigantes em concertos e óperas, inclusive visitaram a Exposição Universal no Crystal Palace. Sem falar nos jantares com seus pais, que permitiram conhecer e estreitar os laços com Fahid. Naquela altura, lady Northwick estava convicta de que não poderia ter um genro mais fascinante do que Fahid!

No início, a presença constante de Katherine e Fahid nos eventos londrinos foi causa de grande alvoroço e especulações, chamando a atenção dos integrantes das altas rodas aristocráticas. Porém, todos já estavam relativamente acostumados com o imprevisível e voluntarioso comportamento da duquesa de Melbourne, que invariavelmente esmerava-se em contrariar os padrões sociais vigentes. Modo de agir que coincidentemente estava tradicionalmente ligado às duas últimas detentoras do título! Tanto que não estranharam o exíguo prazo de quatro semanas para as bodas, nem o fato de ser uma cerimônia reservada à família.

Na gloriosa e ensolarada manhã de verão do dia do casamento, o céu azul e sem nuvens prenunciava uma vida alvissareira e iluminada. Pássaros gorjeavam alegremente nos arredores. Uma agradável brisa permeava o cenário campestre, onde despontava a bucólica e diminuta igreja anglicana de pedras, situada nos arrabaldes de Londres. Katherine parecia uma deusa druida em seu vaporoso e romântico vestido branco de seda e renda, discretamente decotado nos ombros, enfeitado com artísticos apliques de minúsculos cristais e pérolas. Uma graciosa tiara de flores entremeava seus sedosos e longos cabelos negros, cuidadosamente penteados num coque elaborado. Ofuscantes brincos e colar de diamantes realçavam a beleza do traje escolhido. Um singelo buquê arrematava a toalete. Uma imagem que Fahid jamais esqueceria.

Um coral com vozes celestiais acompanhou a emocionante entrada da noiva. Fahid estava soberbo aguardando Katherine junto ao altar. O olhar de adoração que ela entreviu reiterou o que seu coração soubera desde o princípio. Nenhuma outra pessoa a completaria como Fahid. Havia uma sintonia em suas almas que ultrapassava as fronteiras desta efêmera existência. E com esses belos pensamentos, Katherine tornou-se a legítima e única esposa de Fahid, cercada de pessoas amadas, e tendo como merecidos padrinhos o príncipe Fayard e sua amiga Cecilla.

Um toldo foi armado entre as frondosas árvores e os aparados canteiros do jardim lateral da igreja, para que os noivos pudessem recepcionar os convidados. Um fausto almoço, acompanhado de uma orquestra, entreteve o seleto grupo. O clima leve e íntimo ditou o compasso da festa que teve, ainda, a tradicional valsa dos noivos, com uma efusiva salva de palmas.

Quando o vinho e o champanhe já corriam soltos, Fayard, com sua característica descontração, comentou:

— Acho que tomá-la como esposa foi uma atitude verdadeiramente sábia de meu irmão. Possivelmente, eu o teria internado num hospício se não tivesse vindo atrás de milady.

— Não exagere! — disse Katherine sorrindo. — Sei que você tem uma tendência especial pelo superlativo...

— Por sinal, você tem alguma prima com metade da sua beleza e inteligência? Está difícil encontrar uma dama que reúna as qualidades mínimas indispensáveis para uma esposa!

Aproximando-se, Fahid interveio na conversa em tom jovial.

— Posso saber o que meu irmão tanto fala?!

— Da sua incrível sorte de ter se casado comigo...

— Hoje é realmente um momento histórico, porque é uma das raras vezes que estou inteiramente de acordo com Fayard! — asseverou Fahid risonho, estreitando Katherine afetuosamente em seus braços.

A paisagem interiorana e verdejante, com suas centenárias árvores e profusão de flores silvestres, ladeava a estrada em direção a Fairmont. O sol, com sua claridade vibrante, cintilava no firmamento, avivando os contrastantes tons do caminho. Através dos vidros das janelas do coche avistavam-se longínquas colinas onduladas e vastos bosques. Uma imensidão de tranquilidade e paz. O sombreado proporcionado pelas copas da vegetação ao longo do percurso de terra e cascalho transmitia um agradável frescor, atenuando o calor sufocante, característico daquela época do ano. Pouco a pouco, os contornos majestosos da imponente construção foram ganhando espaço, sobressaindo-se no cenário fértil do imenso vale, cortado por diversos canais procedentes do rio Nave. À medida que a carruagem avançava, maior era o impacto visual proporcionado por suas marcantes linhas arquitetônicas, subjugando com sua magnificência tudo ao seu redor.

A sincopada marcha da esfuziante carruagem circundou o pátio interno e estacionou na entrada principal de Fairmont. Como era de costume, a criadagem estava indefectivelmente posicionada à espera de seus senhores. Um lacaio, consciencioso de suas atribuições, diligentemente se adiantou para abrir a porta, dando passagem ao príncipe Fahid e à duquesa de Melbourne.

— Sejam bem-vindos! — saudou Howes empertigado. E dirigindo-se diretamente para Fahid, declarou o mordomo sem esconder seu orgulho com o profícuo casamento da duquesa, que enobrecia a digníssima família para a qual servia: — É uma honra receber Vossa Alteza em Fairmont. Se necessitar de algo é só solicitar, estamos todos a postos para bem servi-los.

O esplendor exterior reproduzia-se em seu interior. Um primor de arte e sofisticação cobria as paredes e salões do luxuoso palácio. Preciosidades que não passaram desapercebidas ao apurado senso estético de Fahid. Tesouros preservados e passados de geração em geração, como testemunhos silenciosos do poder e prestígio angariados através dos séculos pela família Kensington.

Rodeando Katherine pela cintura, Fahid revelou curioso:

— Não vejo a hora de descobrir a surpresa que você preparou para mim... Não consigo imaginar nada mais surpreendente do que este lugar...

— Venha comigo — afirmou Katherine enigmática.

Guiando Fahid entre os corredores e escadarias, Katherine entrou num quarto com decoração indiscutivelmente infantil. A reação inicial de Fahid foi de estranhamento. Por que Katherine o levou para aquele cômodo?! Focando a atenção, Fahid notou que o ambiente estava sendo regularmente usado. Havia brinquedos de criança espalhados por todos os lados.

A aparição repentina da babá Wesley carregando Andrew no colo deixou Fahid estarrecido. Ao encarar o rostinho risonho e ingênuo, Fahid ficou momentaneamente paralisado, assimilando as impensáveis implicações daquele sublime encontro. Suas emoções estavam em polvorosa. O que viu dispensava explicações.

Dominada pela saudade, Katherine pegou Andrew imediatamente nos braços, depositando carinhosos beijos e afagos na cabecinha perfumada. Há quase dois meses não se viam... Em seguida, dispensou a ajuda da babá Wesley. Não queria olhos alheios presenciando aquele íntimo instante. Quando estavam a sós, virou-se para Fahid.

— Por que não me contou antes? — indagou Fahid com a voz rouca, recuperando paulatinamente o controle da situação.

— Não queria forçá-lo a assumir nenhum compromisso contra a sua vontade... E um filho poderia ser interpretado dessa forma — confessou Katherine com sinceridade.

— Eu nunca pensaria isso de você.

— Em todo caso, essa dúvida poderia pairar nas nossas vidas como um espectro traiçoeiro... Por isso, conscientemente escolhi viver com a certeza de que estamos juntos graças ao nosso amor.

— E como você conseguiu organizar a situação?! Quero dizer: como sua família encarou o seu regresso à Inglaterra grávida? Uma criança bastarda é um estigma incontornável... — questionou Fahid sem esconder sua perturbação. Ele se sentia culpado por ter causado tantos problemas. Não era de se admirar a postura reticente de seu sogro ao conhecê-lo em Londres!

— O título de duquesa de Melbourne e a versão que se difundiu na Inglaterra de que eu havia me casado com um espanhol e enviuvado antes de retornar foram decisivos para driblar as dificuldades.

— Eu só devia estar sob a influência da protetora luz divina, quando forcei meu pai a dar essa desculpa ao duque de Wessex... — agradeceu Fahid secretamente aos céus, por ter retirado esse peso da sua consciência.

— Virgem Santa! O impossível aconteceu... Agora estou em dívida com o príncipe Taufik! — disse Katherine espirituosa, transbordando de alegria por estarem definitivamente juntos.

E colocando seu filho nos braços, Fahid vislumbrou maravilhado o renovar da vida. A sequência misteriosa que perpetua os homens neste mundo incompreensível. O infinito e belo amor entre pai e filho que espontaneamente ecoa nos meandros insondáveis da alma e do coração.

Irrequieta com a recepção que Fahid receberia do príncipe Taufik, Katherine mirava-se fixamente no espelho da penteadeira, com a mente perdida em milhares de conjecturas. O seu nervosismo turvava os encantos da pitoresca Marrakech; a efervescência da sua medina e seu extraordinário comércio. Nem usufruir da arquitetura mourisca da residência dos pais de Fahid, onde estavam hospedados, Katherine conseguia... Seus desalinhados pensamentos confluíam para a iminente reunião familiar cujo desfecho era totalmente imprevisível. Um imperceptível tremor nas suas extremidades revelava o quanto aquela tensão e incerteza desestabilizavam seu equilíbrio interior.

Katherine estava tão absorta que não percebeu Fahid parado atrás de si, observando-a com expressão apaixonada. Fazia tanto tempo que não a via vestida com as tradicionais roupas marroquinas, que foi complicado desgrudar os olhos da sua dileta esposa. A exuberância das vestimentas, com seus matizes intensos, realçava a perfeição da pele alva e acetinada. E a cor turquesa fazia um contraponto deslumbrante, o qual era intensificado pelo reluzente cintilar dos adereços dourados e joias de ouro.

— Minha mãe está aguardando-a no jardim para tomarem um chá de menta... — comunicou Fahid, tocando suas mãos suavemente, com a intenção de confortá-la e transmitir confiança.

— Será que seu pai vai realmente aceitar nosso casamento? Ou irá patrocinar uma guerra contra nós? — externou Katherine seus terríveis receios.

— É claro que tudo terminará bem... Meu pai não pode negar o fato incontornável de estarmos casados. Não remanesce qualquer compromisso que possa ser oposto à nossa felicidade. Os obstáculos do passado desapareceram.

— Como eu gostaria de ter essa sua inabalável firmeza e otimismo — sussurrou Katherine baixinho, ao se recordar do único e fatídico encontro que tivera com seu detestável sogro, quando

ainda vivia na casbá, anos antes.

— As coisas agora são completamente diferentes — garantiu Fahid seguro de si e do seu irrestrito amor por Katherine.

Disposto a lutar com todas as armas a seu dispor, Fahid entrou no escritório sem se intimidar com as feições taciturnas do seu pai. Mal deu tempo de Fahid se sentar. Uma enxurrada de imprecações seguiu-se incontinente.

— Impressiona-me a sua contumaz tendência de me afrontar! Não dá trégua nunca! — sibilou o príncipe Taufik entre os dentes, contendo a muito custo seu forte temperamento. — Sempre inventa algo para me contrariar.

— Já que as boas maneiras foram acintosamente olvidadas... — disse Fahid com sarcasmo —, cumpre frisar que honrei o maldito compromisso com a família de Kamal ben Allah, mesmo contra a minha vontade. Portanto, não lhe devo mais nada! Sua interferência na minha vida esgotou-se terminantemente. O seu agourento acordo político foi solenemente cumprido e extinguiu-se com a morte de Amira.

— Faça-me o favor, Fahid... Sua dedicação para esse casamento dar certo foi lastimável. Sequer um período razoável de luto você guardou, antes de ir atrás dessa amaldiçoada inglesa! No final, sua atitude indiferente contribuiu sobremaneira para distanciar ainda mais o relacionamento da nossa família com Kamal ben Allah.

— Não vou ser culpado pelo seu estremecimento com Kamal ben Allah. Ademais, exijo que se refira a minha atual esposa com o devido respeito! — indignou-se Fahid, dardejando sua raiva no olhar.

— Esposa?! — tripudiou Taufik mordaz. — Que *Alá* tenha piedade da sua alma por cometer semelhante heresia. Aceitar um casamento cristão é uma inaceitável afronta à religião mulçumana. Nunca farei isso! Essa união não vale absolutamente nada para mim! — desdenhou impiedosamente.

— Esquece-se que o nosso Deus é o mesmo e Abraão é a base das duas religiões? — argumentou Fahid, controlando a muito custo sua cólera.

— Chega de sandices! — descompensou-se Taufik, andando até a janela de seu escritório, com a intenção de amainar os ânimos. Aquela conversa estava indo de mal a pior... Ao estender seu olhar para o jardim, vislumbrou a sua amada esposa Sahar, lady Melbourne e uma criança pequena.

Intrigado com aquela visão inesperada, perguntou:

— Quem é aquele menino ao lado de sua mãe?

— Meu filho — informou Fahid sem titubear.

— Não seja idiota! — esbravejou o príncipe Taufik. — Filho?! Isso não tem cabimento diante da idade daquela criança.

— Katherine retornou grávida para a Inglaterra — contrapôs Fahid friamente.

Após uma demorada pausa, Taufik ordenou:

— Traga-o aqui. Quero vê-lo de perto.

Respirando profundamente, Fahid saiu para atender ao pedido de seu pai. Ao ingressar outra vez no escritório, sentiu uma sutil mudança de ares. Como não poderia deixar de ser, ao analisar clinicamente as feições de Andrew, o príncipe Taufik concluiu ser mesmo seu neto. A assustadora semelhança física não admitia contestação. Era como se tivesse se deparado com a figura de Fahid na infância, numa transposição mágica de suas lembranças para o presente.

Com Andrew em seus braços, Taufik ficou em meditativo silêncio, andando vagarosamente com

seu neto no colo. De quando em quando, parava e ficava olhando detidamente para seu rostinho. Afagava seus cabelos, tocava sua pele morena. Sentou-se no tapete do chão com Andrew e ficou brincando como se fosse criança. Esqueceu completamente a presença de Fahid.

Fahid assistia pasmo o desenrolar daquela cena. Com habilidade e paciência cultivadas por anos, aguardou seu pai se manifestar.

Vendo-se sem alternativa, disse o príncipe Taufik:

— Se *Alá* os abençoou com um filho, quem sou eu para contradizê-lo... — capitulou seu pai contrafeito. — Entretanto, será necessário que proclamem os votos dentro dos preceitos islâmicos e respeitem os nossos costumes quando estiverem no Marrocos. Não tolerarei hábitos ocidentais por aqui. Se for dessa forma, eu me curvarei a essa indesejada união.

— Se é assim, assim será! — assentiu Fahid pragmático, ansioso para pôr um ponto final naquela infrutífera discussão. Afinal, uma cerimônia a mais ou a menos não alteraria em nada o fato de estarem legitimamente casados aos olhos de Deus e dos homens.

O casamento marroquino de Katherine foi uma experiência única e o extremo oposto do seu casamento na Inglaterra. Diferentemente da cultura cristã, a celebração de um casamento com fundamento na religião islâmica tem uma sucessão de etapas e ritos sagrados que dão a impressão de nunca findar. Usualmente, eram sete dias de preparativos e animadas festas até a sua concreta consumação. Uma miscelânea de rituais e tradições ancestrais árabes e berberes que começava, invariavelmente, após o pagamento do dote pelo noivo à família da noiva. Ocasião que era comumente comemorado com um divino almoço nas duas casas.

Pelas peculiaridades de Katherine e Fahid, que já eram casados, a fase do noivado foi ignorada e as tratativas do contrato pré-nupcial não foram estabelecidas entre as famílias dos cônjuges. Katherine e Fahid encarregaram-se pessoalmente das cláusulas que regeriam suas relações matrimoniais. Uma que agradou particularmente a Katherine consiste na abertura que os mulçumanos conferem às mulheres de poderem manter seu nome de solteira. Direito que era extremamente importante em virtude do seu título de duquesa de Melbourne. Outra adaptação necessária foi a participação do príncipe Fayard na função de representante legal de Katherine na solenidade de juramento. Normalmente, é o pai da noiva quem ocupa essa condição. Mas como lorde Northwick não estaria presente, alguém teria que desempenhar esse papel, já que os noivos proferem seus votos em ambientes distintos! Separação que se repete em sucessivos momentos do desenlace.

O primeiro dia foi marcado pelo recebimento de joias, vestidos e perfumes do seu atual marido. Katherine abriu seus lindos presentes, enquanto a família se ocupava dos últimos detalhes para os festejos. No segundo dia, teve a depilação e um glamouroso banho de leite com pétalas de rosas que simboliza a purificação da noiva. Cecilla estava em Marrakech e coordenou as atividades.

— Eu adoro o apreço que vocês têm às relaxantes abluções... — disse Katherine recostada na suntuosa banheira, enquanto seus cabelos eram lavados com jasmim e delicadamente enxaguados.

— Gostaria de um chá de menta? — ofereceu Cecilla solícita.

— Sim — respondeu com deleite. — Eu não sei por que as europeias não adotam esses métodos de beleza. São tão gratificantes para a alma...

— Como tudo na vida, há sempre dois lados — ponderou Cecilla. — O estilo de vida é muito distinto... Nem tudo se adapta.

— Não quero abusar da sorte, mas minha ideia é escolher o melhor desses dois modos de viver — declarou Katherine sonhadora.

Ultrapassada a limpeza, sua pele foi suavemente friccionada com massagens de extratos perfumados e óleos hidratantes. Um grupo de mulheres da família também acompanhava o demorado e íntimo ritual, entoando canções e batendo palmas, numa atmosfera prazerosa e leve. Nesse dia, seus pés e mãos foram temporariamente tatuados com henna e servidas deliciosas comidas.

Como de costume, o terceiro dia foi dedicado a conversas entre as mulheres que repassavam preciosas informações de como manter o interesse do marido desperto através dos anos e como uma boa esposa deveria se comportar no dia a dia e educar seus filhos. Nessa reunião feminina, havia uma adorável sensação de intimidade e confidencialidade, acompanhada de quitutes e doces maravilhosos. Tal como acontecia com Katherine, em outro recinto os homens da família também confraternizavam entre si, dando conselhos a Fahid de como construir um casamento harmonioso e feliz.

Assim, apenas no quarto dia é que a parte formal do casamento se concretizou, com a bênção do *sheik* no lugar onde estavam os noivos. Katherine foi primorosamente arrumada e enfeitada. Seu esplendoroso vestido branco era adornado com uma profusão de pérolas, bordados e fios de ouro. Seus cabelos foram escovados e entrelaçados e uma magnífica tiara com brilhantes e pérolas arrematava o esmerado penteado. Brincos e colares dignos de uma princesa lhe realçavam a beleza. Katherine ficou sentada com outras mulheres esperando o transcorrer do juramento, num clima descontraído, repleto de música, palmas e expectativas. Românticas poesias foram recitadas sobre a cabeça da noiva para lhe dar sorte no amor e um torrão de açúcar lhe foi oferecido para que sua vida matrimonial fosse doce e auspiciosa.

Em seguida, duas testemunhas masculinas entraram no local onde Katherine se encontrava e se reportaram à noiva:

— Você aceita casar com o príncipe Fahid Ahmed el-Mansour Saadi de acordo com os preceitos de *Alá* e seu mensageiro?

— Sim, eu aceito — confirmou Katherine com absoluta convicção.

Gritos de exultação reverberaram no recinto.

Simultaneamente, Fahid estava reunido com o *sheik* e os homens da sua família em outra sala, além de Fayard na condição de representante legal da noiva. Os três ficaram sentados no mesmo sofá. Após um inspirado sermão sobre o amor e o anúncio das disposições do contrato pré-nupcial, Fayard e Fahid ficaram de mãos dadas sob um tecido branco empunhado pelo *sheik*.

Ato contínuo, Fahid proclamou as fórmulas cerimoniais dirigindo-se a Fayard:

— Você aceita meu casamento com sua representada, a duquesa de Melbourne, Katherine Alexandra Mayfield Hartington Kensington, de acordo com os preceitos de *Alá* e seu mensageiro e as condições aqui estabelecidas?

— Aceito — reiterou Fayard solene.

Pronunciado o juramento, a assembleia masculina rezou para que as graças de *Alá* recaíssem sobre o casal. A partir daquele instante, Katherine e Fahid estavam oficialmente casados sob as leis do Islã!

Se a família de Katherine residisse no Marrocos, o quinto e o sexto dia seriam de comemorações

separadas. Entretanto, como não era o que ocorria, essas festividades foram suprimidas, indo para a apresentação de Katherine aos amigos e família de Fahid que, num cronograma convencional, corresponderia ao sétimo dia.

Como manda a tradição, Katherine chegou montada num camelo aos jardins do palácio do príncipe Taufik, onde foi armada uma luxuosa tenda para a festa. Em seguida, ela foi carregada numa liteira, onde desfilou entre os presentes, sendo aplaudida e admirada, ao som ritmado das músicas berberes. Suas vestes verdes rebuscadas espelhavam uma indumentária característica da região, com uma espécie de coroa dourada.

Decididamente, casar no Marrocos exigia disposição e bom preparo físico — elucubrou Katherine diante da infindável sequência de protocolos que tinham que ser cumpridos pelos noivos.

A decoração do salão era composta de arranjos florais, lanternas, tecidos presos no teto, que transmitiam uma acolhedora sensação de conforto, e velas em estupendos e chispantes candelabros de bronze. Diversas mesas baixas cercadas de almofadas multicoloridas, pufes, sofás e sofisticados tapetes foram estrategicamente dispostos para acomodar os convidados. Conjuntos folclóricos de dança do ventre extasiavam homens e mulheres com seu requebrar sinuoso e ondulante. Várias fogueiras flamejavam afastando as sombras noturnas que se esgueiravam no entardecer matizado de laranja, decaindo misteriosamente nos tons azulados, até esmorecer a luminosidade solar e descortinar as cintilantes estrelas no firmamento. Tambores, flautas e pandeiros não paravam de tocar as sensuais composições tribais.

Após Katherine trocar de roupa, os noivos percorreram o enorme salão, numa espécie de procissão. Os convidados entusiasmados batiam palmas e cantavam. No decorrer da noite, os noivos ficaram sentados em tronos sobre um tablado, apreciando as atrações. Um lauto banquete com apetitosas iguarias foi servido à moda marroquina, de modo que os pratos centrais eram colocados em cada mesa e degustados pelos comensais com os dedos da mão direita. Não se usavam talheres. Bebidas não alcoólicas circulavam em abundância. Para evitar constrangimentos inúteis com algum devoto fervoroso, o príncipe Taufik achou preferível seguir o Alcorão, que proíbe o consumo de bebidas alcoólicas, em que pese normalmente consumi-las na privacidade da sua residência.

Quando finalmente pusera seu último traje cerimonial, desta vez tradicionalmente branco, Katherine olhou para Fahid com ar apaixonado.

— Eu relutei teimosamente em me casar, mas por ironia do destino acabei casando duas vezes com o mesmo homem, porque, nos dois mundos dos quais faço parte, eu somente sou feliz vivendo ao seu lado — segredou Katherine com o coração leve e inteiramente libertado pelo amor.

EPÍLOGO

Casbá, nas montanhas do Marrocos, dez anos depois.

O sol de verão resplandecia no maciço rochoso da Djebel Toubkal. Suas neves milenares refletiam os brilhantes raios na paisagem, intensificando o verde do bosque de nogueiras que se entranhava nas reentrâncias montanhosas. Uma brisa suave balançava os longos cabelos de Katherine. A prazerosa carícia do vento a fez pensar na sutileza e transitoriedade da vida. Como ela passa sem alardes... Apenas passava em sua silenciosa cadência, levando consigo histórias, amores e tudo que nos é mais querido... Como a sua inesquecível tia Margareth! Quantas não foram as vezes em que Katherine ouviu a sua voz em seu coração! Os conselhos sempre oportunos e que guiaram suas decisões à frente do ducado de Melbourne. Como sua tia sabiamente repetia, elas nada mais eram do que meras guardiãs de um legado que deveria ser transmitido às gerações futuras, tal como fora feito pelos seus antepassados. Esse era o real motivo para jamais fraquejarem, pois a tocha chispante de Fairmont tinha de ser passada adiante. E Katherine sabia que Andrew representava o sopro de renovação... Caberia a seu filho mais velho dar sequência à linhagem dos Kensington.

A entrada de Fahid na varanda, depois de vários dias em Marrakech, trouxe Katherine ao presente.

— Que bom que voltou! Estava com saudades... — confessou Katherine com olhar apaixonado, ao rever seu marido.

— Também não via a hora de voltar — disse Fahid abraçando sua esposa na altura dos ombros.

E prosseguiu ao sentar-se ao seu lado:

— Acabei de receber uma mensagem noticiando a prisão de Nabih — informou Fahid sem disfarçar a sua surpresa com a sentença. — Pegou seis anos de prisão, entretanto, somente precisará cumprir trinta por cento da pena. Pelo que Hassan Khalife narrou, o prestígio e influência da família paterna de Nabih teve um peso significativo nessa redução.

— Antes isso do que nada! Todos sabiam das ilegais atividades de contrabando do seu primo. Mais cedo ou mais tarde isso um dia aconteceria — externou Katherine sem compaixão. — Vamos ver se ele aprende a lição!

— Não seja impiedosa — retrucou Fahid em tom de provocação. — Apesar de tudo, foi Nabih quem me deu o presente mais valioso da minha vida. Não posso deixar de reconhecer isso!

— Continue defendendo aquele infeliz e você verá que presente de grego o seu amado primo lhe deu! — ameaçou Katherine risonha.

Mudando radicalmente de assunto, Katherine indagou:

— E seu pai como anda?

— Na mesma... — comentou Fahid pesaroso. — Embora tenha mais de sete anos da morte de mamãe, parece que o seu enterro foi ontem. Permanece mergulhado numa dor infinita... Literalmente, um fantasma entre os vivos.

— Quem conheceu o altivo e todo-poderoso príncipe Taufik custa acreditar em semelhante fim.

— Isso é verdade. Eu sempre soube que ele idolatrava mamãe, mas jamais alcancei a dimensão dessa emoção. A ironia é que ele nunca se importou com os sentimentos de ninguém.

— Eu que o diga — anuiu Katherine sem esboçar qualquer sinal de ressentimento. — E indagou com entonação admirada: — É verdade que Fayard rompeu o noivado? Jurava que desta vez ele subiria no altar... Achei Giovanna uma pessoa extremamente agradável. Pelo visto, Fayard tornou-se um solteiro convicto.

— Pelo menos, foi o que contou a minha irmã Latiffa — confirmou Fahid.

— Antes que eu me esqueça, Cecilla virá com Jack Scott para passar uma temporada conosco. Quer que seus quatro filhos conheçam as montanhas. Você não imagina o quanto o venturoso casamento de Cecilla serenou a minha angústia por tê-la afastado daqui... — E continuou Katherine: — E por falar em casamento, a esposa de Philip também mandou notícias. Como já virou rotina, mamãe não para de infernizar a vida de Chelsea! Parece que nunca aceitará ter uma nora de origem americana. A pobre coitada pagará pelo resto da vida por isso...

— Felizmente, eu caí nas boas graças da minha sogra.

— A sua falta de piedade é tocante — ralhou Katherine aos risos. — Se você soubesse o que é ser alvo de mamãe, não estaria com este ar divertido no rosto — declarou em solidariedade à sua cunhada, que sempre recorria a sua providencial ajuda para lidar com as reiteradas provocações de lady Northwick.

Uma aperreada vozinha infantil interrompeu a conversa. Virando-se para saber qual a razão daquela comoção, Katherine viu Yasmin correndo em sua direção, à beira das lágrimas. Seu belo rosto transparecia sua aflição.

— Mamãe... Mamãe... — chamava Yasmin insistentemente.

— Estou aqui, meu amor! — falou Katherine estendendo os braços para acolher afetuosamente a sua filha do coração. — Por que você está assim? — questionou Katherine colocando Yasmin carinhosamente no colo. — O que a deixou tão agoniada?

— Foram Andrew e Said... — começou Yasmin choramingando.

— O que seus irmãos fizeram desta vez? — questionou Katherine curiosa para saber o que teria causado tamanho rebuliço.

— Disseram que eu não poderia ir para a universidade quando eu crescesse, porque somente meninos poderiam ir...

Tentando apaziguar as ansiedades de Yasmin, Katherine explicou com candura:

— Não se preocupe, meu amor, você sabe que mamãe fará de tudo para você ter os melhores professores, mesmo que não seja numa universidade. Infelizmente, essa barreira ainda é uma realidade... Contudo, nós sabemos que isso um dia acabará, porque as mulheres são tão inteligentes quanto os homens. Em todo caso, mamãe promete que moverá céus e terra para lhe ensinar tudo o que você desejar aprender.

Grata pelo incondicional apoio, Yasmin abraçou Katherine e deu um beijo estalado na sua bochecha.

— Você é a melhor mãe do mundo! — asseverou Yasmin radiante.

— E você é a filha amada da mamãe. Deixe seus irmãos pensarem o que quiser... Por que não vai ver os potros de Fehran? — sugeriu Katherine com o intuito de encerrar a desavença.

Sem perda de tempo, Yasmin saiu em disparada para cercar de mimos os novos cavalinhos.

Reconhecendo em Yasmin a mesma impetuosidade de Katherine, que perseguia seus objetivos até

o fim, Fahid comentou às gargalhadas:

— Vejo que as adoráveis mulheres da minha família compõem uma escamoteada célula de insurreição feminina. Indiscutivelmente, Yasmin aliara-se ao movimento!

Pressentindo que o momento chegara, Katherine passou a mão na barriga e comunicou a Fahid com um sorriso devastador:

— Se o meu sexto sentido não estiver enganado, o grupo insurgente ganhará em breve mais uma aliada!

Exultante com aquela revelação, Fahid levantou-se e estreitou sua adorada esposa nos braços, rodopiando e beijando apaixonadamente a mulher da sua vida. A brisa agitou a folhagem que displicentemente repousava no chão da varanda, criando um fugidio espiral na sua irrefreável e aleatória dança, dispersando-as na suavidade fortuita dos ventos, permitindo-as alcançar alturas inacessíveis na cordilheira montanhosa do Alto Atlas. E assim é a vida que segue... um contínuo flutuar nos desconhecidos e íngremes vales escarpados do destino, repletos de beleza, encanto e desafios, unicamente acessíveis aos que têm desapego e coragem de voar.

AGRADECIMENTOS

Segundo a sabedoria popular, a gratidão é a memória do coração. E por concordar com esse delicado pensamento, dedico algumas singelas palavras a todos aqueles que, de uma forma ou de outra, tiveram participação decisiva na concretização deste projeto, cada qual me apoiando e incentivando num aspecto essencial para a finalização do meu primeiro livro.

De forma especial, o meu mais profundo agradecimento a minha irmã querida, Teresa Cristina, por vislumbrar, antes mesmo de mim, na história despretensiosamente narrada o potencial de um livro, compartilhando ao longo dos anos, com confiança inabalável, cada etapa do inspirador e transformador processo criativo da escrita.

À minha mãe, Ana Maria, pelo seu apoio e criteriosa contribuição para o enriquecimento da narrativa deste livro, e por ter sempre propiciado no nosso ambiente familiar uma educação diferenciada, voltada para as artes e para a literatura, despertando e cultivando a sensibilidade dos que estão ao seu redor para que possam apreciar os detalhes que tornam esta vida tão fascinante e bela.

Aos amados Eduardo e Luís Eduardo, pai e filho, por terem cedido, com irrestrito amor no coração, tantas horas do nosso convívio para a realização deste acalentado sonho; bem como a minha adorada tia, Isa Bérard, por ter me ensinado, com muito carinho, sobre a força e o significado dos laços de amor.

Igualmente não poderia deixar de mencionar os amigos queridos e leais, Ana Catarina de Lucena e Eduardo Maciel, pelo incentivo e disposição de ouvir, ler e corrigir versões inacabadas da obra, contribuindo decisivamente para o seu aperfeiçoamento. À Cibele Teixeira pela sua incansável iniciativa de ajudar no processo de publicação e divulgação do livro. E a Rodrigo Novis por partilhar comigo o empolgante desbravar do mundo literário.

Por último e não menos importante, agradeço a Fernanda Vilela o tempo que me foi concedido para concluir e revisar este livro, mesmo quando a minha presença se apresentava necessária; afetuoso reconhecimento que também se estende a todos os membros do escritório de advocacia do qual faço parte.

SOBRE A AUTORA

©Aline Macedo

LUISA BÉRARD nasceu em 1975 na cidade de Maceió e cresceu em um rico ambiente cultural, com formação sólida em literatura e artes adquirida em família. Leitora voraz, conhece a fundo o gênero literário que escolheu para conduzir sua vocação com segurança e plenitude. Seu romance de estreia, *Nas montanhas do Marrocos*, revela um talento nato da autora na construção de personagens e tramas marcantes. Graduada em Direito pela Universidade Federal de Alagoas, atualmente trabalha como advogada e reside em Recife, no estado brasileiro de Pernambuco.

www.luisaberard.com.br